



RICK RIORDAN

PERCY JACKSON
E OS
HERÓIS
GREGOS

ILUSTRADO POR
JOHN ROCCO

SINOPSE

QUEM CORTOU A CABEÇA DA Medusa? Quem foi criado por uma urso? Quem domou Pégaso? É preciso um semideus para saber, e Percy Jackson pode te informar sobre todos os atos corajosos de Perseu, Atalanta, Belerofonte e os outros dos principais heróis gregos. Contada no estilo engraçado e desrespeitoso que os leitores esperam de Percy.

(Eu tive algumas experiências ruins no meu tempo, mas os heróis que vou falar para você foram os casos originais da má sorte de antigamente. Eles corajosamente fizeram besteira onde ninguém tinha feito besteira antes...) reforçado com arte vibrante pelo premiado John Rocco, esta coleção de histórias vai se tornar o novo clássico para a legião de fãs dedicados de Rick Riordan, e para qualquer um que precisa de um herói.

Então pegue sua lança flamejante. Coloque sua capa de pele de leão. Limpe seu escudo e tenha certeza que colocou flechas na sua aljava. Estamos voltando cerca de quatro mil anos para decapitar monstros, salvar alguns reinos, atirar na bunda de alguns deuses, invadir o Mundo Inferior e roubar pessoas malvadas.

Então, para a sobremesa, vamos morrer de forma dolorosa e trágica.

Pronto? Legal. Vamos nessa.

Para entrar em contato envie um email para:
bibliotecadededalo@gmail.com

Em caso de erros envie: livro, capítulo e erro.

Para melhor visualização de imagens, usar o modo
claro do leitor.





Copyright do texto © 2015 Rick Riordan
Copyright das ilustrações © 2015 John Rocco
Edição em português feita por Biblioteca de Dédalo

TÍTULO ORIGINAL
Percy Jackson's Greek Heroes

ILUSTRAÇÕES DE CAPA
© 2015 John Rocco

ARTE DE CAPA
Joan Hill

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Biblioteca de Dédalo

1. Mitologia grega - Literatura infanto-juvenil. 2. Literatura infanto-juvenil americana.

[2020]
BIBLIOTECA DE DÉDALO
www.bibliotecadedalo.weebly.com

Para Becky, que sempre foi minha heroína.

— R.R

Para meu professor e amigo, Sal Catalano.

— J.R



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PERSEU QUER UM ABRAÇO

PSIQUÊ ROUBA UMA CAIXA DE CREME DE BELEZA

FAETONTE É REPROVADO NA AUTOESCOLA

OTRERA CRIA AS AMAZONAS

DÉDALO INVENTA PRATICAMENTE TUDO

TESEU MATA O PODEROSO... AH, OLHE! UM
COELHINHO

ATALANTA CONTRA TRÊS FRUTAS: O COMBATE FINAL

SEJA LÁ O QUE FOR, BELEROFONTE NÃO FEZ

CIRENE SOCA UM LEÃO*

ORFEU TOCA UM SOLO

HÉRCULES FAZ DOZE COISAS ESTUPIDAS

JASÃO ENCONTRA UM TAPETE QUE REALMENTE UNE
O REINO

POSFÁCIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

SUGESTÕES DE OUTRAS LEITURAS

INTRODUÇÃO

Olha, eu só estou nessa pela pizza.

O editor estava tipo: *Ah, você fez um ótimo trabalho escrevendo sobre os deuses gregos ano passado! Nós queremos que você escreva outro livro, dessa vez sobre os antigos heróis gregos! Vão ser tão legal!*

E eu estava tipo: *Pessoal, eu tenho dislexia. Já é difícil para eu ler livros.*

Então eles me prometeram um ano de pizza de pepperoni de graça e o máximo de jujubas azuis que eu pudesse comer.

Eu fui comprado.

Eu acho que é legal. Se você está querendo lutar contra monstros, essas histórias podem ajudar você a evitar erros comuns, como olhar para a cara de Medusa, ou comprar colchões usados de um cara chamado Crosta.

Mas a melhor razão para ler sobre os antigos heróis gregos é fazer você se sentir melhor. Não importa o quanto você acha que sua vida é horrível, a desses caras e moças foi pior. Eles com certeza ganharam na loteria da má sorte.

A propósito, se você não me conhece, meu nome é Percy Jackson. Eu sou um semideus moderno, filho de Poseidon. Eu tive algumas experiências ruins no meu tempo, mas os heróis que vou falar para você foram os casos originais da má sorte de antigamente. Eles corajosamente fizeram besteira onde ninguém tinha feito besteira antes.

Vamos selecionar doze deles. Isso deve ser suficiente. Quando você terminar de ler sobre como a vida deles era miserável; com os envenenamentos, as traições, as mutilações, os assassinatos, os familiares psicopatas e os animais carnívoros; você deve se sentir melhor sobre sua

própria existência. Se isso não funcionar, então eu não sei o que vai.

Então pegue sua lança flamejante. Coloque sua capa de pele de leão. Limpe seu escudo e tenha certeza que colocou flechas na sua aljava. Estamos voltando cerca de quatro mil anos para decapitar monstros, salvar alguns reinos, atirar na bunda de alguns deuses, invadir o Mundo Inferior e roubar pessoas malvadas.

Então, para a sobremesa, vamos morrer de forma dolorosa e trágica.

Pronto? Legal. Vamos nessa.

PERSEU QUER UM ABRAÇO



EU TENHO QUE COMEÇAR COM ESSE CARA.

Afinal, ele é meu xará. Nós temos pais divinos diferentes, mas minha mãe gostou da história de Perseu por um motivo: ele *vive*. Perseu não foi cortado em pedaços. Ele não foi condenado à eterna punição. No que diz respeito aos heróis, esse cara teve um final feliz.

O que não quer dizer que sua vida não foi horrível. E ele *matou* muitas pessoas, mas o que você vai fazer?

A má sorte de Perseu começou antes mesmo de ter nascido.

Primeiro você tem que entender, antigamente, a Grécia não era um país. Ela era dividida em zilhões de pequenos reinos. Ninguém saía por aí dizendo “Oi, eu sou grego!” As pessoas perguntariam de qual cidade-estado você é: Atenas, Tebas, Esparta, Zeuslândia ou qualquer outra. O território grego era uma enorme propriedade imobiliária. Cada cidade tinha seu próprio rei. Espalhadas pelo Mar

Mediterrâneo havia centenas de ilhas, e cada uma delas era um reino separado também.

Imagine se a vida fosse assim hoje. Talvez você more em Manhattan. Seu rei teria seu próprio exército, seus próprios impostos, suas próprias leis. Se você infligisse a lei em Manhattan, você poderia fugir para Hackensack, em Nova Jersey. O rei de Hackensack poderia lhe oferecer refúgio, e o de Manhattan não poderia fazer nada sobre isso (a menos, é claro, se os dois reis se tornassem aliados, nesse caso você estaria ferrado).

Cidades estariam se atacando o tempo todo. O rei do Brooklyn poderia decidir ir à guerra contra Staten Island. Ou o Bronx e Greenwich, Connecticut, poderiam formar uma aliança militar e invadir o Harlem. Você pode ver como isso tornaria a vida interessante.

Enfim, uma cidade no território grego se chamava Argos. Não era a maior ou a mais poderosa cidade, mas tinha um tamanho respeitável. Pessoas que viviam lá chamavam a si mesmas de argivos, provavelmente porque argosites soaria como algum tipo de doença. O nome do rei era Acrísio. Ele era um sujeito desagradável. Se ele fosse seu rei, você com certeza iria querer fugir para Hackensack.

Acrísio tinha uma linda filha chamada Dânae, mas isso não era bom o suficiente para ele. Naquela época, era tudo sobre filhos. Você tinha que ter um menino para carregar o nome da família, herdar o reino quando você morresse blá, blá, blá. Por que uma garota não pôde dominar o reino? Não sei. É estúpido, mas era assim.

Acrísio continuava gritando com sua esposa, “Tenha filhos! Eu quero filhos!” mas isso não ajudava. Quando sua esposa morreu (provavelmente por estresse), o rei começou a ficar realmente nervoso. Se ele morresse sem ter filhos homens, seu irmão mais novo Proteu, assumiria o reino, e os dois se odiavam.

Desesperado, Acrísio viajou até o Oráculo de Delfos para ter seu destino lido.

Agora, visitar Oráculo é geralmente o que chamamos de *má ideia*. Você teve que fazer uma longa viagem até a cidade de Delfos e visitar esta caverna escura nos limites da cidade, onde uma mulher coberta por um véu ficava sentada em um banquinho de três pernas, inalando vapor vulcânico o dia todo e tendo visões. Você deixaria uma oferenda generosa com os sacerdotes na porta. Então você poderia fazer uma pergunta ao Oráculo. O mais provável é que ela te responderia com algum enigma confuso. Então você sairia confuso, aterrorizado e mais pobre.

Mas, como eu disse, Acrísio estava desesperado. Ele perguntou:

— Ó Oráculo, qual é o problema de eu não ter filhos? Quem deve assumir o trono e manter o nome da família?

Dessa vez, o Oráculo não respondeu em enigmas.

— Essa é fácil — disse ela com uma voz rouca. — Você nunca terá filhos. Um dia sua filha Dânae *terá* um filho. Esse garoto irá lhe matar e se tornar o próximo rei de Argos. Obrigado pela oferenda. Tenha um bom dia!

Surpreso e raivoso Acrísio retornou para casa.

Quando chegou ao palácio, sua filha veio vê-lo:

— Pai, o que está errado? O que o Oráculo lhe disse?

Ele encarou Dânae; sua linda filha com cabelos longos e escuros e adoráveis olhos castanhos. Muitos homens a pediram em casamento. Agora tudo em que Acrísio conseguia pensar era na profecia. Ele nunca poderia permitir que Dânae se cassasse. Ela nunca poderia ter um filho. Ela não era mais sua filha. Ela era sua sentença de morte.

— O Oráculo disse que *você* é o problema — gritou ele. — Você irá me trair! Você me verá morto!

— *O que?* — Dânae recuou em choque. — Nunca, pai!

— Guardas! — gritou Acrísio. — Leve essa criatura desprezível embora!

Dânae não conseguia entender o que tinha feito. Ela sempre tentou ser gentil e atenciosa. Ela amava seu pai, mesmo que ele fosse assustador e raivoso e que gostava de

caçar plebeus nas florestas com uma lança e uma matilha de cães raivosos.

Dânae sempre fez os sacrifícios apropriados aos deuses. Ela fazia suas orações, comia seus vegetais e fazia todo seu trabalho de casa. Por que seu pai de repente se convenceu de que era uma traidora?

Ela não tinha respostas. Os guardas a levaram embora e a trancaram na cela subterrânea de segurança máxima do rei; um espaço do tamanho de um armário de vassouras com um vaso sanitário, uma placa de pedra como cama e paredes de bronze com trinta centímetros de espessura. Um duto de ventilação pesado e gradeado no teto permitia que Dânae respirasse e conseguisse um pouco de luz, mas nos dias quentes a cela de bronze esquentava como uma chaleira fervendo. A porta trancada por três fechaduras não tinha janelas, apenas uma pequena abertura na parte de baixo para passar uma bandeja de comida. O rei Acrísio mantinha a única chave, porque não confiava nos guardas. Todo dia Dânae recebia dois biscoitos secos e um copo de água. Sem banhos de sol. Sem visitantes. Sem internet. Nada.

Talvez você esteja se perguntando: “Se Acrísio estava tão preocupado com ela ter filhos, porque ele apenas não matou ela?”

Bem, meu amigo com pensamentos maldosos, os deuses levam o assassinato de familiares muito a sério (o que é estranho, já que os deuses praticamente *inventaram* os assassinatos de familiares). Se você mata seu próprio filho, Hades irá garantir que você tenha uma punição especial no Mundo Inferior. As Fúrias irão vir atrás de você. As Parcas irão cortar sua linha de vida. Alguma enorme má sorte estragaria seu dia. No entanto, se seu filho “acidentalmente” morreu em uma cela subterrânea... isso não é exatamente *assassinato*. Era mais como *Oops, como isso aconteceu?*

Por meses, Dânae apodreceu em sua cela subterrânea. Não tinha muito o que fazer além de fazer pequenas

bonecas de massa de biscoito e água, ou falar com o Senhor Vaso Sanitário, então ela passava quase todo seu tempo rezando aos deuses pedindo ajuda.

Talvez ela tenha chamado a atenção deles por ser tão boa, ou talvez por que ela sempre fez oferendas em seus tempos. Ou talvez só porque Dânae era bonita pra caramba.

Um dia, Zeus, o Senhor do Céu, ouviu Dânae chamá-lo. (Deuses são assim. Quando vocês dizem o nome deles, eles se animam. Eu aposto que eles passam muito deles se pesquisando na internet.

Zeus olhou para baixo do céu com sua visão de raio X super aguçada. Ele viu a linda princesa presa em sua cela de bronze, lamentando de seu cruel destino.

— Cara, isso é *errado* — disse Zeus para si mesmo. — Que tipo de pai aprisiona sua própria filha para que ela não possa se apaixonar e ter filhos?

(Na verdade, esse é exatamente o tipo de coisa que Zeus faria, mas tanto faz.)

— Ela é meio gata também — Zeus murmurou. — Eu acho eu vou fazer uma visitinha a essa moça.

Zeus está sempre fazendo coisas desse tipo. Ele se apaixona de primeira vista por alguma garota mortal, cai na vida dela como uma bomba de hidrogênio do amor, bagunça toda a existência dela e então volta para o Monte Olimpo, deixando sua namorada criar uma criança por conta própria. Mas sério... Eu tenho certeza que as intenções deles eram nobres. (*Cough*. É, com certeza. *Cough*.)

O único desafio de Zeus com Dânae, era descobrir como entrar em uma cela de bronze de segurança máxima.

Ele era um deus, é claro. Ele tinha habilidades. Ele poderia simplesmente abrir as portas explodindo-as, mas ele poderia assustar a pobre garota. Além disso, ele teria que matar muitos guardas, e isso poderia ser uma bagunça. Causar explosões e deixar uma trilha de corpos mutilados não parecia o primeiro encontro ideal.

Ele decidiu que seria mais fácil ele se transformar em algo pequeno e se esgueirar pelo duto de ar. Isso lhe daria muita

privacidade com a garota de seus sonhos.

Mas em que ele deveria se transformar? Em uma formiga funcionaria. Zeus já tinha feito isso antes com uma garota diferente. Mas ele queria causar uma boa primeira impressão, e formigas não são algo *Uau*.

Ele decidiu se transformar em algo totalmente diferente, uma chuva de ouro! Ele se dissolveu em uma nuvem brilhante de vinte e quatro quilates e desceu do Monte Olimpo. Ele se derramou através do duto de ar, enchendo a cela de Dânae com uma luz quente e deslumbrante que a deixou sem fôlego.

NÃO TEMA, disse uma voz da luz. *EU SOU ZEUS, SENHOR DO CÉU. GAROTA, VOCÊ PARECE LEGAL. VOCÊ QUER SAIR COMIGO?*

Dânae nunca teve um namorado. Especialmente um deus que poderia se transformar em luz. Muito rápido, algo entre cinco ou seis minutos, ela estava loucamente apaixonada.

Semanas se passaram. Dânae ficou tão quieta em sua cela que os guardas do lado de fora ficaram incrivelmente entediados. Então um dia, cerca de nove meses depois do incidente da luz, um guarda estava empurrando uma bandeja de comida através da abertura da, como sempre fazia, quando ouviu um som estranho: o som de um bebê chorando dentro da cela.

Ele correu até o rei Acrísio, porque isso era o tipo de coisa que o chefe iria querer saber. Quando o rei chegou, ele destrancou a porta, invadiu a cela e viu Dânae balançando um bebê recém-nascido em um cobertor.

— O que... — Acrísio examinou a cela. Não havia mais ninguém lá. Ninguém poderia ter entrado, porque Acrísio era o único que tinha a chave, E Ninguém poderia ter entrado pelo Senhor Vaso Sanitário.

— Como... Quem...

— Meu senhor — disse Dânae com um brilho ressentido em seus olhos — eu fui visitado pelo deus Zeus. Este é o nosso filho. Eu o nomeei de Perseu.

Acrísio tentou não engasgar com sua própria língua. A palavra *Perseu* significa *vingador* ou *destruidor*, dependendo de como você interpreta. O rei *não* queria que o garoto crescesse e saísse com o Homem de Ferro ou com o Hulk, da forma como Dânae estava olhando para ele, o rei tinha certeza que ela o queria destruído.

O maior medo do rei era a profecia se tornar verdade; o que era meio idiota, porque se ele não estivesse sido tão idiota e trancado a filha, isso nunca aconteceria. Mas esse é o jeito que profecias funcionam. Você tenta evitar a armadilha, e ao tentar, acaba construindo a armadilha e entrando nela.

Acrísio queria matar Dânae e o garotinho. Essa era a aposta mais segura. Mas havia todo esse tabu de matar sua família. Detalhe irritante. Também se Dânae estava falando a verdade e Perseu era filho de Zeus... bem, enfurecer o senhor do universo não iria aumentar a expectativa de vida de Acrísio.

Acrísio decidiu tentar outra coisa. Ele ordenou aos guardas para acharem uma grande caixa de madeira com dobradiça. Ele fez alguns furos no topo, apenas para mostrar como ele era um cara legal, então colocou Dânae e filho recém-nascido dela dentro, pregou a caixa e a mandou jogá-la no mar.

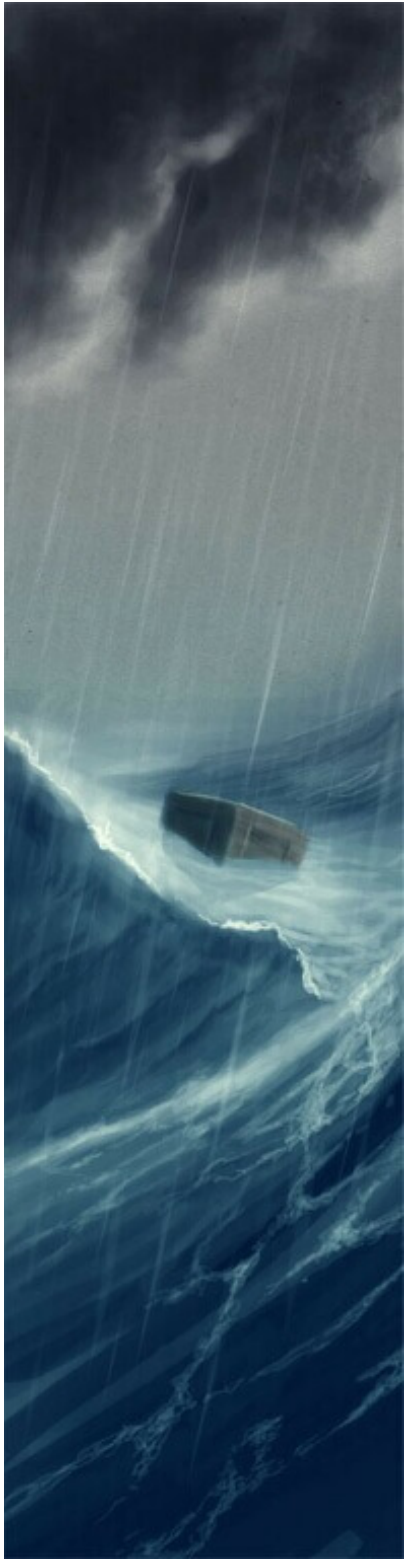
Ele pensou que não estaria diretamente os matando. Talvez eles morressem de sede e fome. Talvez uma boa tempestade iria esmagá-los em pedaços e afoga-los. O que acontecesse, não seria culpa dele!

O rei voltou para o palácio e dormiu bem pela primeira vez em anos. Nada como condenar sua filha e seu neto a uma morte lenta e horrível para realmente aliviar sua consciência. Se você é um cabeça de vento como o Acrísio, é claro.

Enquanto isso, dentro da caixa de madeira, Dânae rezava para Zeus.

— Oi, hã, sou eu, Dânae. Eu não quero incomodar você, mas meu pai me expulso de casa. Eu estou em uma caixa, no meio do oceano. E Perseu está comigo. Então... é. Se você poder me ligar ou me mandar mensagens ou qualquer outra coisa, isso seria incrível.

Zeus fez melhor que isso. Ele enviou uma chuva suave que gotejou através dos furos da caixa e forneceu água fresca para Dânae e o bebê beberem. Ele convenceu o irmão, o deus dos mares Poseidon, à acalmar as ondas e mudar as correntezas para que a caixa tivesse uma viagem tranquila. Poseidon até mesmo fez com que pequenas sardinhas pulassem na caixa e se esgueirassem pelos furos para que Dânae pudesse desfrutar de sushi fresco. (Meu pai, Poseidon, é incrível assim.)



Então, ao invés de se afogar ou morrer de sede, Dânae e Perseu sobreviveram muito bem. Depois de alguns dias, o *S.S. Caixa de Madeira* se aproximou da costa de uma ilha chamada Sérifos, cerca de cento e sessenta quilômetros de Argos.

Dânae e o bebê ainda poderiam ter morrido, porque a tampa da caixa estava bem pregada. Felizmente, um pescador chamado Díctis estava sentado na praia, remendando suas redes depois de um dia duro de pescaria.

Díctis viu a enorme caixa de madeira boiando no mar e pensou: *Uau, isso é estranho.*

Ele entrou na água com suas redes e anzóis, e arrastou a caixa para a praia.

— O que será que tem dentro? — disse ele para si mesmo.
— Poderia ser vinho, ou azeitonas... ou ouro!

— Socorro! — disse uma voz feminina de dentro da caixa.

— Waaaaah — gritou uma vozinha de dentro da caixa.

— Ou pessoas — disse Díctis. — Poderia está cheia de pessoas!

Ele pegou sua faca de pesca e cuidadosamente tirou o topo da caixa. No interior estava Dânae e o bebê Perseu; ambos sujos, cansados e com cheiro de sushi velho, mas bem vivos.

Díctis ajudou a tirá-los da caixa e lhes deu pão e água. (*Ah cara, pensou Dânae, mais pão e água!*) O pescador perguntou para Dânae o que tinha acontecido com ela.

Ela decidiu não dar muitos detalhes. Afinal, ela não sabia onde estava, ou se o rei local era amiga de seu pai. Até onde ela sabia ela desembarcou em Hackensack. Ela apenas disse para Díctis que o pai dela a expulsou de casa porque havia se apaixonado e tido uma criança sem sua permissão.

— Quem é o pai da criança? — perguntou Díctis.

— Ah... hã, Zeus.

Os olhos do pescador se arregalaram. Ele acreditou nela imediatamente. Apesar da aparência suja de Dana, ele sabia que ela era bonita o suficiente para atrair um deus. E, pelo jeito que ela falava e sua postura, ele supunha que ela

era uma princesa. Díctis queria ajudar ela e o bebezinho, mas ele tinha muitas emoções conflitantes.

— Eu poderia leva-la para meu irmão — disse ele relutantemente. — O nome dele é Polidecto. Ele é o rei desta ilha.

— Ele nos receberia? — perguntou Dânae. — Ele nos ajudaria?

— Eu tenho certeza de que ele iria — Díctis tentou não soar nervoso, mas seu irmão era um mulherengo famoso. Ele provavelmente receberia Dânae bem até *demais*.

Dânae franziu a testa.

— Se seu irmão é o rei, porque você é apenas um pescador? Quer dizer, sem ofender. Pescadores são legais.

— Eu prefiro não gastar muito tempo no palácio — disse Díctis. — Problemas familiares.

Dânae sabia tudo sobre Problemas familiares. Ela sentia-se desconfortável em pedir ajuda ao rei Polidecto, mas não viu outra opção, a menos que quisesse ficar na praia e fazer uma cabana de sua caixa.

— Eu deveria me limpar primeiro? — perguntou ela para Díctis.

— Não — disse o pescador. — Com meu irmão, você deve parecer o menos atraente possível. Na verdade, talvez esfregar um pouco de areia no rosto. Por algumas algas marinhas no cabelo.

Díctis levou Dânae e o bebê para o centro da cidade de Sérifos. Acima de todos os outros prédios estava o palácio do rei, um conjunto de colunas de mármore branco e paredes de arenito, com estandartes nas torres e um bando de guardas de aparência agressiva no portão. Dânae começou a se perguntar se viver em uma caixa na praia não era uma ideia tão ruim, mas ela seguiu seu amigo pescador para a sala do trono.

O rei Polidecto estava sentado um trono de bronze que devia oferecer pouco apoio as costas. Atrás dele, as paredes estavam enfeitadas com troféus de guerra: armas, escudos, estandartes e algumas cabeças empaladas de inimigos.

Você sabe como é, a decoração de costume para iluminar uma câmara de audiência.

— Ora, ora! — disse Polidecto. — O que o traz até mim, irmão? Parece que você finalmente pegou algo de valor em suas redes de pesca!

— Hã... — Díctis tentou pensar em um jeito de falar: *Por favor, seja gentil com ela e não me mate.*

— Você está dispensado — disse o rei.

Os guardas empurraram o pobre pescador embora.

Polidecto inclinou-se para Dânae. Seu sorriso não o fez parecer amigável, já que ele tinha alguns dentes tortos nojentos.

Ele não foi enganado pelas roupas de Dânae, ou a areia em sua cara, nem pelas algas marinhas e as sardinhas em seus cabelos ou pelo monte de trapos que ela estava segurando. (Porque ela *estava* segurando aquele monte de trapos? Era sua bagagem de mão?) Polidecto podia ver quão bonita aquela garota era. Aqueles olhos eram lindos. Aquele rosto perfeito! Dê-lhe um banho e algumas roupas decentes, e ela poderia passar por uma princesa.

— Não tema, minha querida. — disse ele. — Como eu posso ajudá-la?

Dânae decidiu bancar a vítima, pensando que o rei cairia nessa. Ela se ajoelhou e chorou.

— Meu senhor, sou Dânae, princesa de Argos. Meu pai, o rei Acrísio, me expulsou. Eu imploro por proteção!

O coração de Polidecto não exatamente se moveu. Mas as engrenagens de seu cérebro definitivamente começaram a se movimentar. Argos, cidade legal. Ele ouviu sobre Acrísio, o velho rei sem filhos. Ah, isso era bom demais! Se Polidecto cassasse com Dânae, ele se tornaria o comandante das *duas* cidades. Ele finalmente teria do duas salas do trono com espaço suficiente na parede para exibir todas aquelas cabeças empaladas que ele guarda no depósito.

— Princesa Dânae, é claro que lhe garantirei refúgio! — disse ele, alto suficiente para todos seus criados o ouvirem. — Eu juro pelos deuses, você estará segura comigo!

Ele se levantou do trono e desceu os degraus de seu trono. Ele queria pegar Dânae em seus braços para mostrar que tipo de cara carinhosa ele era. Assim que ele chegou a um metro e meio dela, o monte de trapos da princesa começou a gritar.

— Que tipo de magia é essa? — perguntou Polidecto. — Você tem um monte de trapos gritantes?

— É um bebê, meu senhor. — Dânae tentou não sorrir com a expressão horrorizada do rei. — Esse é meu filho, Perseu, cujo pai é Zeus. Eu espero que sua promessa de proteção inclua essa pobre e pequena criança também.

O olho direito de Polidecto começou a tremer. Ele odiava bebês, eram criaturas rechonchudas que choravam e faziam cocô. Ele sentia muito por não ter notado o garoto mais cedo, mas ele tinha se distraído com a beleza de Dânae.

Ele não poderia retirar a sua promessa agora. Todos os seus criados ouviram o que ele disse. Além disso, se o bebê fosse um filho de Zeus, isso complicaria as coisas. Você não pode jogar bebês semideuses no lixo sem irritar os deuses, pelo menos na maioria das vezes.

— É claro — conseguiu dizer o rei. — Mas que... coisinha fofa. Ele terá a minha proteção também. Eu irei lhe dizer algo...

O rei se aproximou, mas Perseu começou a gritar novamente. O garoto tinha um radar para reis malvados.

— Ha-ha — disse Polidecto fracamente. — O garoto tem pulmões fortes. Ele pode ser criado no Templo de Atena, no outro extremo da cidade; quero dizer, convenientemente localizado na *melhor parte* da cidade. Os sacerdotes irão cuidar muito bem dele. Enquanto isso, você e eu, querida princesa, podemos nos conhecer melhor.

Polidecto estava acostumado a conseguir dessa forma. Ele imaginou que levaria quinze, talvez dezesseis minutos no máximo para que Dânae se casasse com ele.

Ao invés disso, os próximos dezessete anos foram os mais frustrantes da vida de Polidecto. Por mais que tentasse conhecer melhor Dânae, a princesa e seu filho frustraram a

Polidecto em todas as vezes. O rei deu a Dânae seu próprio conjunto de quartos no palácio. Ele a deu roupas elegantes, joias bonitas, empregadas domésticas e o livro de cupons Tudo que você pode comer em um bufe real. Mas Dânae não foi enganada. Ela sabia que era tão prisioneira quanto foi naquela cela de bronze. Ela não tinha permissão para sair do palácio. Além de seus criados, os únicos visitantes que ela tinha eram seu filho e suas babás do Templo de Atena.

Dânae amava as visitas de Perseu. Enquanto ele era um bebê, ele gritava todas as vezes que o rei se aproximava de Dânae. Já que o rei não aguentava o barulho, ele saía rapidamente e tomava um remédio para dor de cabeça. Quando Perseu não estava por perto, Dânae arranjava outras formas de rejeitar os flertes do rei. Sempre que ele ia até a porta dela, ela fazia barulhos de vômito e pedia desculpas por estar doente. Ela se escondia na lavanderia do palácio. Ela chorava incontrolavelmente enquanto suas criadas olhavam até o rei se sentisse envergonhado e fugisse.

Por anos o rei tentou ganhar o carinho dela. Por anos ela resistiu.

Na verdade, a teimosia de ambos era meio que impressionante.

Conforme Perseu ficava mais velho, as coisas facilitavam para Dânae e dificultavam para Polidecto.

Afinal, Perseu era um semideus. O cara tinha talento. Quando ele tinha sete anos, ele podia derrubar homens grandes no chão. Quando tinha dez anos, ele podia atirar uma flecha através de qualquer lugar da ilha e empunhar uma espada melhor do que qualquer soldado do exército do rei. Crescendo no Templo de Atena, ele aprendeu sobre guerra e sabedoria, como escolher suas lutas, como honrar os deuses; todas as boas coisas que você precisa saber para sobreviver à puberdade.

Ele era um bom filho, o que quer dizer que ele continuava visitando sua mãe sempre que possível. Ele não gritava mais quando Polidecto estava por perto, mas se o rei

tentasse flertar com Dânae, Perseu ficaria por perto, encarando, com os braços cruzados e várias armas mortais penduradas no cinto, até que o rei recuasse.

Você deve achar que Polidecto teria desistido, certo? Havia muitas outras mulheres para ele incomodar. Mas você sabe como é. Quando lhe dizem que você não pode ter algo, você vai querer isso ainda mais. No momento em que Perseu completou dezessete anos, Polidecto estava fora de si de irritação. Ele queria se casar com Dânae antes que ela estivesse velha demais para ter mais filhos! Ele queria ver seus próprios filhos se tornarem os reis de Argos e Sérifos. O que se resumia a uma coisa: Perseu tinha que ir.

Mas como se livrar de um semideus sem diretamente matá-lo?

Especialmente porque Perseu, aos dezessete anos, era o melhor e mais forte lutador da ilha.

O que Polidecto precisava era de uma boa armadilha... uma forma de fazer andar direto para sua própria destruição sem que nenhuma culpa fosse jogada em cima de Polidecto.

Durante os anos, o rei viu muitos heróis vagueando por aí: matando monstros, salvando vilarejos e filhotes fofinhos, ganhando o coração de príncipes e princesas recebendo grandes contratos publicitários. Polidecto não tinha uso para essas besteiras, mas ele percebeu que a maioria dos heróis tinha um defeito mortal; alguma fraqueza que (com alguma sorte) os mataria.

Qual era o defeito mortal de Perseu?

O garoto era príncipe de Argos, filho de Zeus, no entanto, ele cresceu como um náufrago em um reino estrangeiro, sem dinheiro e apenas sua mãe como família. Isso o deixou um pouco sensível à sua reputação. Ele estava ansioso para provar a si mesmo. Ele aceitaria qualquer desafio. Se Polidecto pudesse usar isso contra ele...

O rei começou a sorrir, Ah, sim. Ele tinha o desafio certo em mente.

Mais tarde naquela semana, Polidecto anunciou que estaria coletando presentes de casamento para uma princesa de uma próxima. O nome dela era Hipodâmia. O pai dela, o rei Enomau, era um velho amigo de Polidecto, mas nada disso era realmente importante.

Era apenas uma desculpa para coletar presentes.

Polidecto reuniu todos os ricos e famosos de Sérifos para uma festa no palácio para ver que tipo de presentes eles iam mandar. Todos queriam impressionar o rei, então eles competiram uns contra os outros para quem daria o melhor presente.

Uma família contribuiu com um vaso de prata cravejado de rubis. Outro presente era uma quadriga de ouro e um conjunto de cavalos puros brancos. Outro ofereceu um vale presente de mil dracmas no iTunes. Nada além do melhor para a seja lá qual for o nome dela que estava se casando com quem quer que fosse!

À medida que os presentes se acumulavam, o Polidecto cumprimentava a todos e fazia com que todas as pessoas ricas e famosas se sentissem especiais (como se já não o fossem). Finalmente, ele viu Perseu na mesa de aperitivos, saindo com sua mãe e tentando passar despercebido.

Perseu não queria estar naquela festa idiota. Assistir um monte de nobres arrogantes bajular o rei não era sua ideia de diversão. Mas ele tinha o dever de cuidar de sua mãe para o caso de Polidecto tentar flertar com ela, então lá estava ele, bebendo ponche morno e comendo minis salsichas em palitos de dente.

— Ora, Perseu! — chamou o rei do outro lado do cômodo. — O que você trouxe de presente para o casamento da filha do meu aliado? Você é o guerreiro mais poderoso em Sérifos, Sem dúvidas você trouxe o presente mais impressionante.

Isso foi golpe baixo. Todos sabiam que Perseu era pobre. Os outros convidados riram levantaram os narizes, felizes de ver o jovem oportunista ser colocado no lugar que merece. Eles não gostavam quando semideuses

estrangeiros bonitos, fortes e talentosos superavam eles em tudo.

O rosto de Perseu ficou vermelho brilhante.

Próximo a ele, Dânae sussurrou:

— Não diga nada, meu filho. Ele está apenas tentando lhe deixar com raiva. Algum tipo de armadilha.

Perseu não quis ouvir. Ele odiava ser ridicularizado. Ele era o filho de Zeus, mas o rei e seus nobres o tratavam como um mendigo inútil. Ele estava cansado de Polidecto e a forma como ele mantinha Dânae prisioneira no palácio.

Perseu andou até o meio da sala. Os nobres se separaram em torno dele. Ele chamou ao rei:

— Eu posso não ser o mais rico dali, mas eu mantenho minhas promessas. O que você gostaria, Polidecto? Diga o que você quer para a seja lá qual for o nome dela. Diga, e eu trarei.

A multidão riu nervosamente. Polidecto apenas sorriu. Ele estava esperando por isso.

— Uma bela promessa — disse o rei. — Mas fazer promessas é fáceis. Você juraria pelo... digamos, pelo Rio Estige?

(A propósito, não jure pelo Rio Estige. É a mais séria promessa que você pode fazer. Se você não mandar sua palavra, você está basicamente convidar Hades, suas Fúrias e todos os daímones do Mundo Inferior lhe puxarem para a eterna punição sem chance de condicional.

Perseu olhou para sua mãe. Dânae balançou a cabeça. Perseu sabia que fazer uma promessa para um malvado como Polidecto não era sábio. Os sacerdotes que o criaram no Templo de Atena *não* aprovariam. Então Perseu olhou ao redor para a multidão zombando e sorrindo para ele.

— Eu juro pelo Rio Estige — gritou ele. — O que você quer, Polidecto?

O rei reclinou-se em seu desconfortável trono de bronze. Ele olhou para as cabeças empaladas decorando suas paredes.

— Traga-me...

Deixa para música dramática de órgão.

— a cabeça de Medusa.

Deixa para multidão ofegando.

Até mesmo *dizer* o nome *Medusa* era considerado má sorte. Caçar ela e cortar a cabeça dela? Isso é algo que você não desejaria para o seu pior inimigo.

Medusa era o monstro mais estranho conhecido pelos gregos. Uma vez ela tinha sido uma mulher bonita, mas depois que ela teve um encontro romântico com Poseidon no templo de Atena (possivelmente o mesmo templo onde Perseu foi criado), Atena transformou a pobre garota em uma criatura medonha.

Você acha que seu rosto ao acordar é feio? Medusa era tão feia que um olhar para ela te transformaria em pedra. Ninguém jamais a tinha visto e saído vivo, mas de acordo com rumores ela tinha asas de morcego douradas, garras de bronze no lugar dos dedos e cabelos feitos de cobras venenosas vivas.

Ela morava em algum lugar distante, a leste, com suas duas irmãs, que também haviam sido transformadas em monstros com asas de morcego, talvez porque se atrevessem a ficar com a irmã. Juntos, as três eram conhecidas como Górgonas, o que soa como um nome incrível para uma banda. *Agora ao vivo: Johnny Grego e as Górgonas!* Ok, talvez não.

Muitos heróis se aventuraram para encontrar Medusa e matá-la, porque... bem, eu não sei por que, na verdade. Ela não estava incomodando ninguém, até onde eu saiba. Talvez só porque era uma missão difícil. Ou talvez houvesse um prêmio por matar o monstro mais feio. Seja qual for o caso, nenhum herói que foi atrás dela jamais havia retornado.

Por um momento, a sala do trono estava absolutamente quieta. A multidão parecia horrorizada. Dânae ficou horrorizada. Perseu estava tão horrorizado que não conseguia sentir os próprios dedos dos pés.

Polidecto sorriu como se o Natal tivesse vindo mais cedo.

— Você disse “Diga o que você quer e eu trarei”, não foi? Ora — o rei abriu os braços — traga-me isso.

A tensão quebrou. A multidão uivou de tanto rir. Olhando para Perseu, um zé-ninguém de dezessete anos, e imaginando-o cortando a cabeça de Medusa; era simplesmente ridículo demais.

Alguém gritou:

— Traga-me uma camiseta da Górgona enquanto estiver lá!

— Traga-me uma casquinha de sorvete! — Gritou outra pessoa.

Perseu fugiu de vergonha. Sua mãe chamou por ele, mas ele continuou correndo.

No trono, Polidecto se animou com os aplausos. Ele pediu música de festa e uma rodada de ponche morno para todos. Ele estava com vontade de comemorar.

No pior das hipóteses, se Perseu se acovardasse, ficaria com vergonha de voltar. Talvez os deuses o matassem por quebrar sua promessa. E se o garoto fosse estúpido o suficiente para encontrar a Medusa... bem, Perseu terminaria como um enorme peso de papel de semideus.

Os problemas do rei acabaram!

Depois de fugir do palácio, Perseu correu para os penhascos com vista para o mar. Ele ficou na beira e tentou não chorar. O céu noturno estava coberto de nuvens, como se até mesmo Zeus tivesse vergonha de olhar para ele.

— Pai — disse Perseu — eu nunca pedi nada a você. Eu nunca reclamei. Eu sempre fiz os sacrifícios da maneira certa e tentei ser um bom filho para minha mãe. Agora eu errei. Eu abri minha boca grande e fiz uma promessa impossível de cumprir. Eu não estou pedindo para você resolver meu problema para mim, mas, por favor, eu realmente apreciaria alguns conselhos. Como posso sair dessa?

Acima de seu ombro uma voz disse:

— Que bela oração.

Perseu pulou, evitando por pouco de cair do penhasco.

Ao lado dele estava um cara de aparência de vinte anos com um sorriso travesso, cabelo castanho encaracolado e um boné estranho com uma aba só na frente. As roupas do homem também eram estranhas; leggings marrons, uma camisa marrom justa e sapatos pretos que pareciam uma combinação de botas e sandálias. No lado esquerdo de sua camisa foi costurado um bolso, e inteligentemente costurado acima, havia letras que não pareciam gregas: CARTEIRO.

Perseu imaginou que o cara devia ser um deus, porque nenhum mortal se vestiria de forma tão idiota.

— Você é... meu pai, Zeus?

O recém-chegado riu.

— Amigão, eu não tenho idade para ser seu pai. Sério, eu tenho cara de ter mais de mil? Eu sou Hermes, o deus dos mensageiros e viajantes! Zeus me enviou para ajudá-lo.

— Essa foi rápida.

— Eu me orgulho do serviço rápido.

— O que são esses símbolos na sua camiseta?

— Ah — Hermes olhou para baixo. — Em que século estamos? Me desculpe, eu me confundo as vezes.

Ele estalou os dedos. Suas roupas mudaram para algo mais normal; chapéu de abas largas como os viajantes usam para evitar o sol, uma túnica branca apertada na cintura e um manto de lã nos ombros.

— Agora, onde eu estava? Certo! Zeus ouviu sua oração e me enviou com alguns itens mágicos para ajudá-lo em sua missão!

Hermes estalou os dedos novamente. Ele orgulhosamente levantou uma bolsa de couro do tamanho de uma mochila.

— Isso é um saco — notou Perseu.

— Eu sei! Depois de você cortar a cabeça de Medusa, você pode colocá-la aqui!

— Uau. Obrigado!

— Além disso... — Hermes enfiou a mão no saco e tirou um simples capacete de bronze: um capacete como os soldados de infantaria do rei usavam. — Esse bebê vai te deixar invisível.

— Sério? — Perseu pegou o capacete e olhou dentro dele. — Porque está escrito *Feito em Bangladesh*?

— Ah, não se incomode com isso — disse Hermes — é uma cópia não autorizada do Elmo da Escuridão de Hades. Mas funciona bem. Eu juro.

Perseu colocou seu capacete barato de Bangladesh. De repente ele não podia ver seu próprio corpo.

— Isso é legal.

— Não é? Ok, tire o capacete porque tenho outra coisa para você. Eu fiz essas especialmente para você.

De sua bolsa de couro de fabulosos prêmios, Hermes puxou um par de sandálias. Pequenas asas de pomba saíram dos calcanhares. Quando o deus amarrou os cadarços dos sapatos, eles se agitaram, lutando por liberdade, como pássaros em coleiras.

— Eu mesmo uso um par desses — disse Hermes. — Coloque eles e você poderá voar! Muito mais rápido do que caminhar ou nadar até a Medusa e, como você ficará invisível, não precisará registrar um plano de voo ou algo do tipo!

O coração de Perseu bateu tão rápido quanto as asas de pomba. Desde que ele era pequeno, ele queria voar. Ele experimentou as sandálias e instantaneamente se jogou no céu.

— SIM! — gritou ele alegremente. — ISSO É INCRÍVEL!

— Ok, garoto! — Hermes gritou com o pequeno ponto entrando e saindo das nuvens. — Você pode descer agora!

Perseu desceu, e Hermes explicou o que ele teria que fazer em seguinte.

— Primeiro você terá que encontrar essas três velhas, chamadas de Irmãs Cinzentas.

— Por que elas são chamadas assim?

— Porque elas são cinza. Além disso, elas são feias e imortais. E se eles tiverem a chance, elas vão te cortar e te transformar em churrasco.

— Então, por que eu quero encontrá-las?

— Elas sabem a localização do covil secreto de Medusa. Mesmo eu não tenho essa informação. Além disso, elas têm alguns itens extras que ajudarão você com sua missão.

— Que itens?

Hermes franziu a testa. Do bolso, ele puxou um pedaço de papel e leu:

— Não sei. Eles não estão na lista. Mas eu peguei essa informação com Atena, e ela geralmente sabe do que está falando. Apenas comece a voar para o leste. Depois de dois dias, você verá a ilha das Irmãs Cinzentas. Não tem como errar. É... hã, cinza.

— Obrigado, Hermes!

Perseu ficou tão grato que tentou dar um abraço em Hermes.

O deus se afastou.

— Ok, garoto, não vamos ficar animados. Boa sorte, e tente não correr em nenhuma montanha, ok?

Hermes desapareceu em uma nuvem de fumaça. Perseu jogou-se no ar, voando para o leste tão rápido quanto suas asas de pomba montadas no tornozelo podiam.

A ilha das Irmãs Cinzentas era definitivamente cinza.

Uma grande montanha cinzenta erguia-se de uma floresta cinzenta coberta por um nevoeiro cinzento. Penhascos de xisto caíam em um mar agitado cinzento.

Este deve ser o lugar, pensou Perseu, porque ele era esperto assim.

Ele colocou seu capacete de invisibilidade e desceu em direção a uma linha de fumaça saindo das árvores, como se alguém tivesse uma fogueira acesa.

Em uma clareira sombria ao lado de um lago verde-sujo, três velhas sentavam-se ao redor do fogo. Eles estavam

vestidos em trapos cinzentos. Seus cabelos pareciam palha suja. Em um espeto sobre o fogo havia um grande pedaço de carne crepitante, e Perseu realmente não queria saber de onde vinha aquela carne.

Ao se aproximar, ouviu as mulheres discutindo.

— Dê-me o olho! — gritou uma.

— Dê-me o dente e eu vou pensar nisso! — disse a segunda.

— É a minha vez! — lamentou a terceira. — Você pegou o olho eu estava no meio da última temporada de *The Walking Dead*. Você não pode fazer isso!

Perseu aproximou-se. Os rostos das velhas estavam murchados e afundados como máscaras derretidas. As órbitas oculares estavam vazias; exceto pela irmã do meio, a Feia Número Dois, que tinha um olho verde.



A irmã à direita, a Feia Número Um, estava desfrutando de um pedaço de carne misteriosa, arrancando pedaços com seu único incisivo musgoso. As outras duas irmãs pareciam não ter dentes. Eles comiam infelizes copos de iogurte grego sem gordura.

A Feia Número Um colocou outro pedaço de carne na boca e mastigou com prazer.

— Tudo bem — disse ela. — Eu já terminei de comer mesmo. Eu troco pelo olho.

— Isso não é justo! — disse a Feia Número Três. — É a minha vez! Eu não tenho nada!

— Cale a boca e coma o seu iogurte — disse a Feia Número Um.

Ela arrancou o dente da boca.

A Feia Número Dois colocou a mão sobre o olho e forçou um espirro. O olho pulou na palma da mão dela, e Perseu tentou não vomitar.

— Pronto? — Perguntou a Feia Número Um. — Vamos jogá-los no três, e nada de trapacear!

Perseu percebeu que esta era a sua chance de fazer algo sorrateiro e muito nojento. Ele se aproximou.

— Um... — disse a Feia Número Um. — Dois...

A velhas cinzenta gritou:

— Três!

Perseu se aproximou. Todo o seu treinamento no Templo de Atena e suas horas jogando *Call of Duty* devem ter realmente melhorado sua coordenação mão-olho, porque ele arrancou o olho e o dente do ar.

As velhas cinzentas mantiveram as mãos para fora, prontas para pegar suas melhorias corporais trocadas.

— O que aconteceu? — perguntou a Feia Número Um. — Você não jogou.

— Eu joguei o olho — disse a Feia Número Dois. — Você não jogou o dente!

— Eu joguei — gritou a Feia Número Um. — Outra pessoa deve ter pegue.

— Não olhem para mim! — disse a Feia Número Três.

— Eu não posso! — gritou a Feia Número Três. — Eu não tenho o olho!

— Eu tenho — interveio Perseu.

As Irmãs Cinzentas ficaram em silêncio.

— E seu dente — acrescentou Perseu.

Todas as três velhas arrancaram facas de debaixo de seus trapos e se lançaram em direção ao som de sua voz. Perseu tropeçou para trás, por pouco evitando de virar carne misteriosa no espeto.

Nota mental: Invisibilidade não funciona em pessoas cegas.

As Feias Número Um e Dois bateram as cabeças, caíram e começaram a lutar. A Feia Número Três tropeçou na fogueira e rolou gritando, tentando apagar o fogo de suas roupas.

Perseu circulou em torno do acampamento.

— Se vocês querem seu olho e dente de volta, é melhor você se comportarem.

— Eles são nossos! — gritou a Feia Número Um.

— Eles são nossos preciosos! — gritou a Feia Número Três.

— História errada, sua idiota! — disse a Feia Número Dois.

As três irmãs ficaram de pé. Eles pareciam assustadores à luz do fogo; sombras dançando em suas órbitas vazias, facas brilhando em vermelho.

Perseu pisou em um galho. As irmãs se viraram para ele, chiou como gatos.

Perseu tentou acalmar seus nervos.

— Ataque-me novamente — ele avisou — e eu vou esmagar seu olho agora mesmo.

Ele deu pressão levemente o orbe viscoso. As Irmãs Cinzentas gritaram, arranhando as órbitas vazias.

— Tudo bem! — gritou a Feia Número Um. — O que você quer?

— Primeiro, direções para o covil de Medusa.

A Feia Número Três fez um som que pareceu um rato sendo pisado.

— Não podemos te dizer isso! Nós prometemos proteger o segredo das Górgonas!

— E guardar as armas da profecia! — Acrescentou a Feia Número Dois.

— Certo — disse Perseu. — Eu também precisarei dessas armas da profecia.

As irmãs lamentaram mais e bateram na parte de trás da cabeça umas das outras.

— Não podemos te dar as armas! — disse a Feia Número Três. — As Górgonas estão contando conosco! Eles vão nos caçar e nos matar!

— Eu pensei que vocês fossem imortais — disse Perseu.

— Bem... é verdade — admitiu a Feia Número Um. — Mas você não conhece as Górgonas! Eles vão nos torturar e nos xingar e...

— Se você não me ajudar — disse Perseu — nada de dente ou olho, nunca mais.

Ele apertou o olho um pouco mais forte.

— Tudo bem! — cedeu a Feia Número Um. — Dê-nos o dente e o olho, e nós vamos ajudá-lo.

— Ajude-me primeiro — disse Perseu — e prometo que vou soltar o olho e o dente imediatamente.

(O que foi uma promessa fácil de fazer, porque essas coisas eram nojentas).

— A caverna das Górgonas fica a leste — disse a Feia Número Dois. — Mais três dias em linha reta. Quando você chegar ao continente, você verá um alto penhasco subindo do mar. A caverna está bem no meio, a cento e cinquenta metros de altura. Uma pequena abertura é a única entrada. Você saberá qual é o lugar. Basta procurar as estátuas.

— As estátuas — repetiu Perseu.

— Sim! — disse a Feia Número Três. — Agora, nos dê o que é nosso!

— Não tão rápido — disse Perseu. — E aquelas armas que você mencionou?

A Feia Número Três rosnou de frustração. Ela atacou Perseu. Ele se esquivou facilmente e ela correu de cara em uma árvore.

— Aiii!

— As armas? — perguntou Perseu novamente, apertando mais forte o olho coletivo.

— Tudo bem! — exclamou a Feia Número Um. — A dois quilômetros ao sul daqui há um imenso carvalho morto. As armas estão enterradas entre as duas maiores raízes. Mas não diga à Medusa que nós demos para você!

— Eu não vou — prometeu Perseu. — Estarei muito ocupado matando-a.

— O olho! — disse a Feia Número Dois. — O dente!

— Claro. — Perseu jogou os dois no lago verde-escumalha. — Eu prometi que os libertaria imediatamente, mas não posso ter você me seguindo por vingança. É melhor você começar a mergulhar antes que alguns peixes decidam que o olho parece saboroso.

As Irmãs Cinzentas gritaram e mancaram cegamente em direção à água. Eles mergulharam como um bando de morsas velhas.

Perseu limpou as mãos na camisa. Gosma de olho. Nojento. Ele levantou as sandálias e voou para o sul pela floresta.

Ele encontrou o carvalho morto sem nenhum problema. Perseu cavou entre as duas maiores raízes e desenterrou algo que parecia uma tampa de bueiro embrulhada em um cobertor de couro. Ele desembalhou o couro e ficou imediatamente cego pelo brilho de um escudo redondo de bronze. Sua superfície era polida como um espelho. Mesmo na floresta sombria, refletia luz suficiente para causar um acidente de trânsito.

Perseu olhou para o buraco que ele cavou. Havia algo mais lá embaixo; algo longo e estreito, também envolto em couro. Ele puxou para fora e desembalhou uma espada de aparência irada: bainha de couro preto, punho de bronze e couro. Ele desembainhou e sorriu. A lâmina estava perfeitamente balanceada. A lâmina parecia afiada.

Ele atacou em um galho do carvalho, só para ter certeza. A lâmina atravessou o galho, depois atravessou o tronco, cortando a árvore inteira ao meio como se fosse feita de massinha de modelar. Se você tivesse visto uma demonstração como essa no Shopping Semideus, você com certeza teria encomendado a espada por 20 dólares mais frete.

— Ah, sim — disse Perseu. — Isso vai funcionar.

— Tenha cuidado com isso — disse a voz de uma mulher.

Perseu girou e quase decapitou a deusa Atena.

Ele a reconheceu imediatamente. Ele cresceu em seu templo, com suas muitas estátuas de Atena, faixas, xicaras de café e porta-copos. Ela usava um longo vestido branco sem mangas. Um capacete de guerra alto coroaava seus longos cabelos escuros. Em suas mãos ela segurava uma lança e um escudo retangular, ambos brilhando com magia, e seu rosto era lindo, mas um pouco assustador, do jeito que uma deusa guerreira *deveria* olhar. Seus olhos cinza-tempestuosos, ao contrário de todas as outras coisas cinzentas desta ilha, eram brilhantes e cheios de energia ameaçadora.

— Atena! — Perseu se ajoelhou e abaixou a cabeça. — Desculpe por quase cortar sua cabeça!

— Sem problema — disse a deusa. — Levante-se, meu herói.

Perseu se levantou. As pequenas asas de pomba de suas sandálias tremulavam nervosamente em torno de seus tornozelos.

— Estas... estas armas são para mim?

— Espero que sim. — disse Atena. — Eu coloquei a espada e escudo aqui, sabendo que algum dia um grande herói apareceria, alguém digno de acabar com a maldição de Medusa. Eu espero que você seja esse herói. Eu acho que Medusa sofreu o suficiente, você não acha?

— Então, você quer dizer... Espere, estou confuso. Você vai transformá-la de volta em humana?

— Não. Eu vou deixar você cortar a cabeça dela.

— Ah. Isso é justo.

Sim, foi o que achei. Você fará o seguinte: vai esgueirar-se pela caverna das Górgonas durante o dia, enquanto eles estiverem dormindo. Essa espada é afiada o suficiente para cortar o pescoço de Medusa, que é tão grosso quanto o couro de elefante.

— E o escudo? — Os olhos de Perseu se iluminaram. — Ah! Entendi! Eu uso como um espelho! Eu olho para o reflexo de Medusa ao invés de olhar diretamente para ela, então ela não pode me transformar em pedra.

Athena sorriu.

— Muito bom. Você ganhou alguma sabedoria em meu templo.

— E também de jogar *God of War* — disse Perseu. — Tem uma fase...

— Não importa — disse a deusa. — Tome cuidado, Perseu! Mesmo depois da morte de Medusa, seu rosto ainda terá o poder de petrificar os mortais. Mantenha-o em segurança no saco de couro e não mostre para ninguém, a menos que você queira transformá-lo em mármore sólido.

Perseu assentiu, mentalmente guardando aquela dica de segurança.

— E as irmãs de Medusa, as outras duas Górgonas?

— Eu não me preocuparia muito com elas. Elas têm o sono pesado. Se você tiver sorte, sairá de lá antes que elas acordem. Além disso, você não poderia matá-los, mesmo se você tentasse. Ao contrário de Medusa, as outras duas Górgonas são imortais.

— Por que?

— Caramba, eu não sei. Apenas lide com isso. O ponto é, se eles acordarem, saia de lá. Rápido.

Perseu deve ter parecido bastante aterrorizado.

Athena levantou os braços em bênção.

— Você pode fazer isso, Perseu. Traga honra para mim, para Hermes e para nosso pai, Zeus. Seu nome vai viver para sempre! Só não estrague tudo.

— Obrigado, ó grande deusa!

Perseu ficou tão impressionado que tentou dar um abraço em Atena, mas ela recuou.

— Opa, lá, garotão. Não toque a deusa.

— Desculpe... eu só...

— De nada. Agora vá! Boa sorte em sua missão, Perseu!

A deusa desapareceu em um raio de luz.

Ao longe, Perseu ouviu as Irmãs Cinzentas gritando algo sobre assassinato, e ele decidiu que era hora de partir.

O covil de Medusa estava tendo uma liquidação de estátuas de jardim.

Assim como as Irmãs Cinzentas haviam descrito, a caverna ficava no meio de um penhasco íngreme com vista para o mar. A boca da caverna e a trilha estreita que levava a ela estavam decoradas com guerreiros de mármore em tamanho real. Alguns tinham espadas levantadas. Outros se agacharam atrás de seus escudos. Um cara estava agachado com a calça ao redor dos tornozelos, o que era realmente um jeito ruim de ficar congelado pela eternidade. Todos os supostos heróis tinham uma coisa em comum: uma expressão de horror absoluto.

Enquanto o sol se erguia sobre os penhascos, sombras se moviam através das estátuas, fazendo-as parecerem vivas. Isso não ajudou o nervosismo de Perseu.

Como ele estava voando, ele não precisava se preocupar com o caminho traiçoeiro. Como ele era invisível, ele não precisava se preocupar em ser visto.

Ainda assim... ele estava super nervoso. Ele olhou para as dezenas de mortais que tentaram fazer o que ele estava prestes a fazer. Cada um deles foi corajoso o suficiente para vir aqui. Cada um deles estava determinado a matar Medusa.

Agora todos eles estavam mortos. Será que *estavam* mortos? Talvez eles ficassem conscientes depois de serem transformados em pedra, o que seria ainda pior. Perseu imaginou ficar congelado para sempre, não importava o

quanto seu nariz coçasse, esperando até você quebrar e desmoronar em pedaços.

Desta vez será diferente, disse Perseu a si mesmo. *Esses caras não tinham dois deuses ajudando-os.*

Mas ele também não tinha certeza disso. E se ele fosse apenas o mais recente em uma longa lista de experimentos divinos? Talvez Hermes e Atena estivessem sentados no Monte Olimpo, observando seu progresso, e se ele falhasse, seria algo como, *Bem, isso não funcionou. Mande o próximo cara.*

Ele pousou na entrada da caverna. Ele rastejou para dentro, seu escudo erguido, sua espada desembainhada.

O interior estava escuro e cheio com ainda mais heróis de mármore. Perseu andou em torno de um cara empunhando uma lança com armadura, um arqueiro com um arco de pedra rachado e um cara peludo e barrigudo vestindo apenas uma tanga que estava completamente desarmada. Aparentemente, o plano do cara era surpreender a Medusa correndo, gritando, agitando os braços e sendo ainda mais feio do que as Górgonas. Não funcionou.

Quanto mais Perseu entrava na caverna, mais escuro ficava. Heróis congelados olhavam para ele de rostos contorcidos. Lâminas de pedra o cutucavam em lugares desconfortáveis.

Por fim, ouviu um conjunto de sibilos vindos do fundo da sala... o som de centenas de minúsculas cobras.

Sua boca tinha gosto de ácido de bateria. Ele levantou a superfície polida de seu escudo e viu o reflexo de uma mulher dormindo em uma cama a cerca de quinze metros de distância. Enquanto ela estava deitada de costas com os braços cruzados sobre o rosto, ela parecia quase humana. Ela usava uma simples quítion branca e sua barriga parecia inchada de maneira incomum.

Pera aí...

Medusa estava *grávida*?

De repente, Perseu lembrou como a Medusa havia sido amaldiçoada em primeiro lugar. Ela estava brincando de

rala e rola com Poseidon no templo de Atena. Isso significa... ah, deuses. Desde que Medusa se transformou em um monstro, ela estava grávida de um filho de Poseidon, incapaz de dar à luz porquê... bem, quem saberia o por quê? Talvez isso fosse parte da maldição.

A coragem de Perseu vacilou. Matar um monstro era uma coisa. Matar uma mãe grávida? Isso foi completamente diferente.

Medusa se virou em seu sono e o encarou. Atrás dela, uma de suas asas douradas desdobrou-se contra a parede da caverna. Seus braços caíram, revelando garras de metal afiadas no lugar de seus dedos. Seu cabelo se contorcia, um ninho de víboras verdes escorregadias. Como alguém poderia dormir com todas aquelas pequenas línguas passando pelo seu couro cabeludo?

E o rosto dela...

Perseu quase olhou para ver se estava vendo corretamente no reflexo. Presas como as de um javali selvagem se projetavam de sua boca. Seus lábios se curvaram em uma expressão de desprezo permanente. Seus olhos eram inchados, fazendo-a parecer vagamente anfíbia. Mas o que realmente a tornava feia era como seus traços eram tão defeituosos e desproporcionais. O nariz, os olhos, o queixo, a sobrancelha; juntando todos, o rosto estava tão *errado* que não fazia sentido.

Você sabe aquelas fotos de ilusão de ótica que deixam você tonto e enjoado se você as encarar por muito tempo? O rosto de Medusa era assim, só que mil vezes pior.

Perseu manteve os olhos no reflexo do escudo. Sua mão estava tão suada que ele mal conseguia segurar a espada. O cheiro reptiliano do cabelo de Medusa encheu suas narinas e o fez querer vomitar. Apesar do fato de que ele estava invisível, as víboras devem ter percebido que algo estava errado. Quando ele chegou mais perto, eles sibilaram e mostraram suas pequenas presas.

Perseu não podia ver as outras duas Górgonas. Talvez elas estivessem dormindo em outra parte da caverna. Talvez elas

estivessem comprando produtos para cabelos cobrosos.

Ele chegou mais perto até que ele estava de pé sobre Medusa, mas ele não tinha certeza se poderia matá-la.

Ela ainda era uma grávida seja lá o que ela fosse. Sua feiura só o fez sentir pena... não raiva. Ao invés disso ele deveria estar cortando a cabeça do rei Polidecto. Mas Perseu fez um juramento. Se ele perdesse a coragem e recuasse agora, ele duvidava que ele teria uma segunda chance.

Então Medusa se decidiu por ele.

Ela deve ter percebido a presença dele. Talvez o penteado de cobra dela tenha a avisado. Talvez ela sentisse o cheiro de semideus. (Me disseram que para monstros temos cheiro de torradas com manteiga, mas eu não posso garantir isso).

Seus olhos esbugalhados se abriram. Suas garras se curvaram. Ela gritou como um chacal eletrocutado e se lançou, pronta para cortar Perseu em pedaços.

Cegamente, Perseu balançou sua espada.

Ka-flump.

Medusa caiu para trás, desabando sobre sua cama.

Bump, Bump, Bump. Algo quente e úmido rolou até parar perto do pé de Perseu.

Eca...

Levou toda a sua coragem para não olhar, para não gritar como uma garotinha e fugir. Pequenas cabeças de víbora puxaram os cadarços de suas sandálias.

Com muito cuidado, ele embainhou sua espada. Ele pendurou o escudo no ombro e abriu o saco de couro. Ele se ajoelhou, mantendo os olhos fixos no teto da caverna, e agarrou a cabeça de Medusa pelo cabelo morto e cheio de cobras. Ele enfiou a cabeça no saco e certificou-se de que o cordão estava bem amarrado.

Pela primeira vez em vários minutos, Perseu expirou.

Ele conseguiu. Ele olhou para o corpo sem cabeça da Medusa esparramado na cama. No chão, sangue escuro se acumulou, girando e fazendo estranhos padrões. Sangue deveria fazer isso?

Duas formas começaram a crescer a partir da poça, crescendo e subindo enquanto o corpo de Medusa secava virando nada.

Perseu observou, hipnotizado, quando um garanhão em tamanho real explodiu do líquido como se estivesse passando por uma porta. O cavalo recuou e relinchou, abrindo asas que pareciam asas de águia ainda manchadas de sangue.

Perseu não percebeu, mas ele apenas testemunhou o nascimento de Pégaso, o primeiro cavalo alado.

Então a segunda forma surgiu do sangue: um homem de armadura dourada com uma espada de ouro na mão. Mais tarde, ele seria nomeado Crisaor, o guerreiro de ouro, e ele deve ter herdado um pouco da aparência de sua mãe, porque Perseu se afastou dele muito rápido.

Você provavelmente está se perguntando: por que as crianças de Medusa eram um guerreiro de ouro e um cavalo alado? E como eles estavam presos no corpo de Medusa todos esses anos?

Caramba, eu não sei. Eu estou apenas dizendo a você como foi. Se você quer que as coisas façam sentido, você está no universo errado.

Não sei se Crisaor teria lutado com Perseu ou agradecido ou o quê, mas antes que eles pudessem trocar números de telefone, Perseu recuou para uma das estátuas de mármore. Ele caiu em outra estátua, que caiu em outro estilo dominó e... bem, você entendeu. A caverna encheu com o som de heróis de pedra quebrando.

— Oops — disse Perseu.

Do lado esquerdo da caverna, uma voz feminina sibilou:

— Medusa! Qual o problema?

Da direita, a terceira Górgona sibilou:

— Intruso! Assassino!

Perseu ainda usava seu chapéu de invisibilidade, mas ele não confiaria nisso para protegê-lo. Ele deu o pontapé inicial em suas sandálias aladas e saiu correndo para fora da caverna a toda velocidade.

As duas Górgonas gritaram e se lançaram atrás dele. Suas asas douradas batiam no ar como pratos estridentes. O som ficou mais alto, mas Perseu não se atreveu a olhar para trás. Ele desejou que suas sandálias lhe dessem mais velocidade. As pequenas asas de pomba começaram a queimar-se nos tornozelos. Algo arranhou a sola do sapato dele, e ele teve um mau pressentimento de que era uma garra de Górgona.

Em um movimento desesperado, ele se curvou de modo que a luz do sol brilhasse no escudo em suas costas. As Górgonas gritaram, momentaneamente cegas, e Perseu acelerou para as nuvens.

Algumas horas depois, ele tinha certeza de que havia despistado as Górgonas, mas não parou até que suas sandálias começaram a fumer. Nesse ponto, os regulamentos da Administração Federal de Aviação dizem que você realmente tem que pousar e fazer uma verificação de segurança.

Perseu veio a descansar em uma rocha no meio do mar. Em todas as direções, ele viu apenas a água, mas conseguiu distinguir o último brilho do pôr do sol no horizonte.

— Bem — disse para si mesmo — pelo menos eu sei que a direção é para o oeste. Se eu voar desse jeito, eu eventualmente chegaria em casa.

Errado. O cara não devia estar prestando atenção enquanto tentava se afastar das Górgonas. Ou isso ou ele estava usando o Apple Maps, porque ele estava *totalmente* fora do curso.

A próxima vez que ele avistou terra, não era a ilha de Sérifos. Era uma grande faixa de terra firme: colinas vermelhas queimadas e desertos arenosos que se estendia até onde ele podia ver ao luar.

Perseu havia estudado um pouco de geografia no templo de Atena. Ele só conseguia pensar em um lugar que parecia assim.

— África? É sério que isso é a África?

Sim. Era a costa da África, o que significava que Perseu havia voado *muito* para o sul.

Naquele momento ele estava tão cansado, com fome e com sede que não se importava. Ele imaginou que ele iria encontrar uma cidade, obter direções e descansar por um tempo. Ele voou ao longo da costa até o nascer do sol, quando avistou as torres de uma cidade à distância.

— Viva! — disse para si mesmo. — Cidades significam pessoas! Eu gosto de pessoas!

Quando ele chegou mais perto, viu que algo estranho estava acontecendo. Várias milhares de pessoas se reuniram ao longo das docas do porto. Eles estavam olhando para a água como se estivessem esperando por algo. Na parte de trás da multidão, uma barraca de seda foi colocada, onde parecia que o rei e a rainha da cidade estavam observando o que estava acontecendo.

Na entrada do porto, uma única espiral irregular se projetava do mar. Em uma pequena saliência a cerca de doze metros acima das ondas, acorrentada à rocha, havia uma adolescente.

Isso não é um comportamento normal, pensou Perseu. Ele tirou o capacete de invisibilidade para não assustar a garota (como um cara com sapatos alados voando para você do nada não fosse assustador) e voou para vê-la.

A garota estava estranhamente calma. Ela olhou para ele com belos olhos escuros. Seu cabelo era preto como ébano, sua pele parecia cobre polido. Ela usava apenas um vestido verde claro que mostrava seus adoráveis braços e pescoço.

Perseu pairou ao lado dela no ar.

— Hã. Hã...

Ele tentou lembrar como formar uma frase completa. Ele tinha certeza de que ele tinha sido capaz de fazer isso alguns momentos antes.

— Você não deveria estar aqui — disse a garota para ele.
— O monstro marinho estará aqui a qualquer segundo para me matar.

— Monstro marinho? — Perseu saiu do seu torpor. — O que está acontecendo? Por que você está acorrentado a essa rocha?

— Porque meus pais são *superchatos*.

— Ok... detalhes?

— Meu nome é Andrômeda. Eu sou a princesa daquele reino ali, Etiópia.

— Você quer dizer que seus pais são o rei e a rainha? — perguntou Perseu. — E eles *deixaram* que você seja acorrentado aqui?

Andrômeda revirou os lindos olhos.

— Foi ideia deles! Longa história. Minha mãe, a rainha Cassiopeia, ela é totalmente vaidosa. Cerca de um ano atrás ela começou a se gabar de que ela era ainda mais bonita que as nereidas de Poseidon.

— Ah. — Perseu nunca conheceu uma nereida, mas ele ouviu falar sobre eles. Eles eram o grupo de deusas do mar subaquáticas de Poseidon, e eles eram supostamente impressionantes. Ele também sabia que os deuses odiavam quando os humanos se comparavam aos imortais.

— É — concordou Andrômeda. — Então Poseidon ficou com raiva e mandou esse estúpido monstro marinho para aterrorizar nossa cidade. Está afundando navios, destruindo o porto, mastigando os pescadores e tornando impossível pegar um bronzeado na praia. Então esse sacerdote local idiota ou o que quer que seja, ele disse ao meu pai, o rei Cefeu, que a única maneira de fazer Poseidon feliz era me acorrentar a esta rocha como um sacrifício humano.

— Isso está errado — disse Perseu. — Não foi sua culpa.

— Eu tentei explicar isso para as pessoas da cidade. Não correu muito bem.

— Você não parece muito assustada.

Andrômeda deu de ombros o melhor que pôde com os braços acorrentados.

— Não há muito que eu possa fazer sobre isso. Além disso, ser morto por um monstro marinho não parece tão ruim quanto viver com meus pais idiotas. Se eles acham

que eu vou gritar e implorar pela minha vida, eu não estou dando a eles a satisfação. Quando esse monstro aparecer, eu planejo xingar tanto ele que suas pequenas orelhas aquáticas vão sangrar. Eu tenho praticado.

Perseu pensou por um momento.

— Tenho certeza de que seus palavrões são formidáveis. Mas e se houver outro jeito? E se eu te libertar e te salvar?

— Isso seria legal — disse Andrômeda. — Mas isso não resolve o problema do monstro marinho. Quero dizer, as pessoas da cidade eram muito horríveis para mim, mas eu não quero que o monstro marinho as mate. Além disso, o monstro provavelmente me seguiria onde quer que eu morasse.

— Não — disse Perseu. — Porque eu vou matá-lo.

Andrômeda olhou para ele.

— Sem ofensa. Você é fofo. E tenho certeza que você é corajoso. Mas o monstro marinho é como... Bem, na verdade, lá está ele agora.

Ao lado da espiral de rocha, a água ferveu. O monstro marinho ergueu a cabeça do tamanho de um caminhão de lixo. Seu rosto estava coberto de escamas azul-esverdeadas. Dentes afiados como agulha cobriam sua boca. Seu pescoço curvou-se para fora da água até que seus olhos reptilianos amarelos estavam parados na altura do pedestal de Andrômeda. Abaixo do nível do mar, a sombra do corpo enorme da coisa parecia o Monstro do Lago Ness com esteroides.

O monstro sibilou, cuspiendo baba e chamas. Ele aparentemente estava comendo baleias como aperitivo, porque sua respiração era ultraelevada.

Na praia, as pessoas da cidade gritavam. Perseu não sabia dizer se eles estavam aterrorizados ou apenas animadas.

Depois de lutar contra a Medusa, Perseu não ficou muito impressionado com esse monstro marinho.

— Andrômeda — disse ele — feche os olhos.

— Ok.

— Ei, amigão — perguntou Perseu ao monstro — você quer ver o que eu tenho na bolsa?

O monstro do mar inclinou sua enorme cabeça. Ele não estava acostumado com mortais falando com ele tão calmamente. Além disso, ele amava surpresas.

Perseu fechou os olhos e puxou a cabeça da Medusa.



Um som crepitante percorreu o corpo do monstro, como um lago congelando rapidamente.

Perseu contou até três. Ele enfiou a cabeça de Medusa de volta na bolsa e abriu os olhos.

O monstro se transformou na maior escultura de areia do mundo. Enquanto Perseu assistia, ele desmoronou de volta no oceano.

— Hã — disse Andrômeda — posso olhar agora?

— Sim.

— É nojento?

— Não, na verdade não.

Andromeda olhou para o enorme pedaço de poeira monstro nas ondas.

— Uau. Como você fez isso?

Perseu explicou sobre a cabeça da Medusa. Andromeda olhou para a bolsa pendurada no cinto.

— Legal. Então, sobre essas correntes...

Perseu a libertou.

— Você quer se casar ou algo assim?

— Parece incrível — disse Andrômeda.

— Pode me dar um abraço?

— Você pode absolutamente ter um abraço.

É quando Perseu sabia que era amor verdadeiro. Eles se abraçaram e beijaram. Então ele a agarrou pela cintura e eles voaram para a cidade.

Eles pousaram na barraca do rei e da rainha. Como você pode imaginar, um guerreiro grego voando do céu depois de transformar um monstro em pó recebe um monte de *oohs* e *aahs*. Andrômeda explicou o que havia acontecido e anunciou que decidira se casar com esse belo príncipe grego.

— A menos que haja objeções — acrescentou Perseu.

O rei Cefeu olhou para o filho de Zeus com seus músculos e seus sapatos alados, sua armadura manchada de sangue e sua espada extremamente afiada.

— Nenhuma objeção! — anunciou o rei.

A rainha engoliu em seco como se estivesse tentando engolir um bolinho velho.

— Ótimo! — disse Perseu. — Eu quero que vocês deem graças aos deuses pela minha vitória, ok? E se desculparem por serem idiotas. Na espiral de rocha onde você acorrentou sua filha, eu quero que você construa três santuários. O da esquerda deve ser para Hermes. O da direita será para Atena. E o do meio será para Zeus. Se Poseidon ficar bravo com seu monstro marinho sendo morto, bem... esses santuários devem convencê-lo de que esta cidade está sob a proteção dos outros três deuses. A menos que ele queira uma guerra com eles, ele vai recuar. E enquanto você está nisso, sacrifique algumas vacas para os deuses.

— Vacas — disse o rei.

— Sim. Três devem bastar. Agora vamos fazer uma festa de casamento!

A multidão, que estava torcendo pela morte de Andrômeda há pouco, agora torcia por seu casamento. O rei e a rainha organizaram apressadamente uma festa no palácio com muitos banquetes e danças, inclusive a dança quadrada ou sei lá mais o que aqueles etíopes malucos faziam quando se soltaram. A rainha Cassiopeia passou a maior parte do tempo admirando seu reflexo no escudo de Perseu. (Porque algumas pessoas nunca aprendem.)

Infelizmente, nem todo mundo ficou feliz com o casamento. Este cara rico local, chamado Fineu, recebera a mão de Andrômeda em casamento, antes de todo o problema do monstro marinho. Agora que o perigo havia passado, Fineu ficou zangado porque sua futura noiva havia sido dada a algum grego com uma espada brilhante e uma cabeça em um saco.

Durante a festa, Fineu reuniu cinquenta dos seus amigos mais durões. Eles beberam muito vinho, falaram algumas besteiras e decidiram que poderiam com certeza derrubar o recém-chegado Perseu.

Eles invadiram o salão de refeições, agitando armas e fazendo barulho.

— Dê-me de volta minha esposa, seu verme!

Fineu atirou uma lança em Perseu, mas desde que Fineu estava bebendo, a lança passou por cima da cabeça de Perseu.

(Que seja uma lição para você, crianças. Não beba e lance lanças.)

Perseu levantou-se da mesa.

— Quem é esse palhaço?

— Esse é Fineu — resmungou Andrômeda.

— Que tipo de nome é Fineu? Parece nome de personagem de desenho animado.

— Ele é um idiota rico local — disse Andrômeda. — Ele acha que é meu dono.

— Estaria tudo bem para você se ele, tipo, morresse de forma repentina e violenta?

— Eu poderia viver com a minha dor — disse a princesa.

— Você a ouviu, Fineu — advertiu Perseu. — Você e seus amigos saiam enquanto ainda podem.

— Verme grego! — gritou Fineu. — Vamos pega-lo!

Outro conselho: *Vamos pega-lo!* é uma coisa terrível para ser esculpida em sua lápide como suas últimas palavras.

Cinquenta guerreiros etíopes atacaram e Perseu agiu.

Eu mencionei que ele era o melhor guerreiro em Sérifos? Bem, descobriu-se que ele era o melhor guerreiro em praticamente qualquer lugar. Ele cortou a cabeça de um cara. Ele esfaqueou outro cara no peito. Ele cortou os braços e pernas de vários outros e basicamente transformou a festa em um banho de sangue.

Fineu bravamente ficou na parte de trás da multidão, atirando lanças e desaparecendo. Finalmente Perseu ficou irritado com isso. Ele pegou uma das lanças e jogou de volta. Teria empalado Fineu, mas no último segundo, Fineu se abaixou atrás de uma estátua de Atena. A lança bateu no escudo de pedra da deusa.

— Ah, isso é golpe baixo! — gritou Perseu. — Escondido atrás da minha deusa favorita!

Ele ficou ainda mais irritado. Ele matou mais caras.

Por fim, Perseu encurralou Fineu e seus amigos restantes em um canto.

— Desista — disse ele. — Estou ficando cansada disso e você manchou de sangue todo o meu traje de casamento.

— Nós nunca nos renderemos! — gritou Fineu.

Seus amigos brandiam suas espadas, embora eles não parecessem tão certos disso.

— Ok, tanto faz — disse Perseu. — Eu te avisei.

Ele gritou para que todos na sala pudessem ouvir:

— Qualquer um que seja amigo meu, cubra os olhos! Estou mostrando a cabeça da Medusa!

As pessoas inteligentes cobriram os olhos.

— Ah, fala sério! — disse Fineu. — Ele está apenas tentando nos enganar com suas mentiras. Aquele monstro marinho provavelmente era apenas uma ilusão engenhosa que ele inventou para parecer durão. Ele *não* tem a cabeça da Medusa na sua...

Perseu mostrou a cabeça da Medusa. Fineu e todos os seus amigos se transformaram em pedra.

Perseu colocou a cabeça de volta no saco e limpou a espada ensanguentada na cortina mais próxima. Ele olhou para seus novos sogros, o rei e a rainha.

— Desculpe pela bagunça — disse ele.

— Sem problemas — gritou o rei.

A rainha não respondeu. Ela estava ocupada demais verificando seu reflexo em sua taça.

— Andrômeda — disse Perseu — você está pronta para sair daqui?

— Com certeza — a princesa deu a seus pais um último olhar de desprezo. — Este reino é um saco.

Juntos, eles voaram para o pôr do sol, indo para Sérifos depois de verificar cuidadosamente a melhor rota no Apple Maps.

Neste ponto, os escritores gregos e romanos da antiguidade adicionaram um monte de aventuras secundárias para

Perseu. Eles alegaram que ele visitou a Itália e uma dúzia de ilhas diferentes, mas acho que eles só queriam alavancar o turismo usando Perseu. Como: *Perseu dormiu aqui! E: Tire sua foto no local onde Perseu matou o temível Javali de Malta!* Eu não acredite em tudo isso.

Uma história até contou como Perseu voou para a borda ocidental da África, viu o titã Atlas, que segurava o céu, e transformou Atlas em pedra com a cabeça de Medusa. Eles afirmam que é de onde vieram as Cordilheira do Atlas no norte da África.

Eu também não acredito, porque 1) a cabeça de Medusa não podia transformar imortais em pedra, 2) Atlas aparece em um monte de outras histórias mais tarde, muito vivo, e 3) eu conheci Atlas pessoalmente, e ele definitivamente *não* era uma estátua. Cabeça dura, sim, mas não uma estátua.

Eventualmente, Perseu e Andrômeda encontraram o caminho de volta para a ilha de Sérifos. Quando eles chegaram, tiveram uma surpresa ainda pior do que um grupo de Górgonas.

A cidade inteira estava enfeitada com cartazes e flores. Parecia que alguém importante estava se casando, e Perseu teve um pressentimento de que não era o velho amigo do rei, seja lá qual é o nome dela.

Ele e Andrômeda voaram sobre as muralhas do castelo. Eles voaram através de uma janela diretamente para a sala do trono, onde uma multidão foi reunida para a cerimônia de casamento.

O rei Polidecto estava em seu trono, vestido de branco e dourado, com um grande sorriso no rosto enquanto dois fortes guardas levavam a mãe de Perseu, Dânae, para o trono. Ela lutou e gritou, mas ninguém tentou ajudá-la, exceto o irmão do rei, o pescador Díctis, que havia resgatado Dânae e Perseu do mar muitos anos antes. Enquanto Perseu observava, o pescador tentou retirar um dos guardas, mas o guarda deu um tapinha no rosto do velho e o derrubou no chão.

— PARE! — rugiu Perseu.

Ele e Andrômeda aterrissaram no meio da sala. A multidão engasgou e caiu de volta.

O rei Polidecto empalideceu. Ele não podia acreditar que Perseu estava de volta, vivo agora. O garoto não podia esperar mais *cinco minutos*? Além disso, o rei não gostou da aparência da nova espada de Perseu ou do saco de couro ensanguentado amarrado ao cinto. Mas, desde que eles tinham uma audiência, o rei colocou seu rosto corajoso.

— Bem, olhe quem é — zombou Polidecto. — O ingrato que faz grandes promessas! Por que você voltou garoto? Para dar desculpas para o seu fracasso?

— Ah, eu encontrei Medusa. — Perseu manteve sua voz calma. Ele levantou a bolsa de couro. — Aqui está a cabeça dela, assim como prometi. Agora, o que exatamente está acontecendo?

— É simples! — disse o rei. — Sua mãe finalmente concordou em casar comigo!

— Não, eu não concordei! — gritou Dânae.

Um dos guardas cobriu a boca dela. Alguns da multidão, os mesmos que haviam ridicularizado Perseu quando ele partiu em sua busca, riram nervosamente.

Andrômeda enfiou a mão na de Perseu.

— Hora de cobrir meus olhos, querido? Porque esse rei ali precisa morrer.

— Concordo — disse Perseu. — Polidecto, você nunca vai se casar com minha mãe. Você não é digno dela ou de ser rei. Desista da sua coroa e eu vou deixar você se exilar. Do contrário...

— Ridículo! — gritou o rei. — Guardas, matem ele!

Uma dúzia de soldados levantaram suas lanças e formaram um círculo em torno de Perseu e Andrômeda.

— Não façam isso — avisou Perseu. — Eu vou transformar vocês em pedra.

— Sim, certo! — gritou o rei. — Pode vir!

Que, mais uma vez, é uma última declaração terrível a ser esculpida em sua lápide.

— Qualquer um que esteja do meu lado — gritou Perseu — feche os olhos agora!

Andrômeda, Dânae e Díctis fecharam os olhos quando Perseu mostrou a cabeça decepada da Górgona.

Um som crepitante espalhou-se pela sala. Então houve silêncio absoluto.

Perseu afastou a cabeça da Medusa. Ele abriu os olhos. Toda a multidão (com exceção de seus amigos) havia sido transformada em pedra, o que significava que o preço das estátuas de mármore em Sérifos ia despencar.

Polidecto sentou-se em seu trono, congelado no meio do grito. Os guardas pareciam grandes peças de xadrez. Os nobres arrogantes que riram de Perseu nunca mais ririam de alguém.

— Bem, isso foi incrível — Andromeda beijou seu marido. — Bom trabalho.

Perseu se certificou de que sua mãe estivesse bem. Ela deu-lhe um grande abraço. Então ele puxou o velho pescador Díctis para sua frente.

— Obrigado, meu amigo — disse Perseu. — Você sempre foi gentil conosco. Você é um bom homem. Agora que seu irmão está morto, quero que você seja o rei de Sérifos. — chamou ele da sala do trono. — Alguma objeção?

Nenhum dos nobres congelados disse nada.

— Eu... — O pescador parecia confuso. — Quero dizer, obrigado, eu acho. Mas e você, Perseu? Você não deveria tomar o trono?

Perseu sorriu.

— Sérifos nunca foi minha casa. Argos é onde eu nasci. É onde que eu vou me tornar rei.

Ele deixou sua mãe em Sérifos, porque ela não tinha vontade de voltar para sua casa de infância. (Você pode culpá-la?) Ele prometeu enviar mensagens de texto e ligar para ela no Skype o máximo possível, porque ele era um bom filho. Então ele e Andrômeda voaram para o território grego.

No fim das contas, o avô de Perseu — lembra do velho Acrísio com a cela de bronze e os gritos? — recebeu um aviso prévio dos planos do seu neto. Eu não sei como. Talvez ele tivesse uma profecia ou um pesadelo. No momento em que Perseu chegou lá, Acrísio havia fugido da cidade.

Ninguém se opôs quando Perseu e Andrômeda se tornaram o rei e a rainha de Argos. Eles tiveram um casamento maravilhoso e muitas e muitas de crianças. Perseu devolveu seus itens mágicos a Hermes (porque você não pode ser ganancioso com coisas assim) e presenteou a cabeça de Medusa para a deusa Atena, que gostou tanto dela, que ela tinha um a colocou no centro de seu escudo, o Égide, para aterrorizar seus inimigos quando ela atacava em batalhas.

Neste ponto, talvez você esteja se perguntando sobre a profecia que começou toda a história. Perseu não deveria matar seu avô?

Ele matou, mais tarde. E foi um total acidente.

Vários anos depois que Perseu se tornou rei, ele estava participando desses jogos de atletismo em um reino vizinho. Um grupo de nobres estava competindo para mostrar como eles eram legais e ganhar prêmios legais. Perseu se inscreveu para o lançamento do disco.

O velho rei Acrísio estava lá. Ele estava se escondendo no reino por um tempo, disfarçado de mendigo, mas ele foi até a frente da multidão para assistir aos jogos, porque eles o lembravam dos bons e velhos tempos em que ele era rei, não vivendo em constante medo por sua vida.

Perseu se preparou para a sua vez. Se você nunca viu um disco, é basicamente um frisbee de metal de três quilos. A ideia é jogar o mais longe possível para provar quão forte você é...

Acrísio não viu seu neto desde que Perseu era um bebê. Ele não sabia quem era o atleta até o locutor dizer:

— Aplausos para Perseu de Argos!

Os olhos do velho se arregalaram. Ele murmurou:

— Ah, porcaria.

Ou talvez algo mais forte.

Antes que Acrísio pudesse escapar, Perseu jogou o disco. Uma rajada de vento arrepiante pegou e atirou diretamente em Acrísio, matando-o instantaneamente.

— AIII! — gritou a multidão.

Perseu se sentiu péssimo, tendo matado um velho assim. Mas quando o CSI Grécia identificou o corpo como Acrísio e a morte foi considerada um acidente, Perseu decidiu que era a vontade dos deuses. Ele voltou para casa em Argos e teve mais filhos com Andrômeda.

Eles tinham uma família tão grande que metade da Grécia alegou ser descendente de Perseu. Um de seus filhos, Perses, supostamente iniciou a linhagem dos reis persas. Uma de suas filhas se chamava Gorgófona. Tipo, sério, *porque? Isso não significa que ela falaria como uma Górgona?* Ela foi nomeada em homenagem a sua linha de emergência? *Rápido, rei Perseu, você recebeu uma ligação no Gorgófone!*

Seu descendente mais famoso foi um cara chamado Hércules.

Nós vamos chegar nele mais tarde.

Neste momento, vamos deixar Perseu aproveitar seu final feliz com muitos abraços de Andrômeda e muitos bebês semideuses.

Porque eu quero provar que a mãe de Andromeda, Cassiopeia, *não* era a pior sogra da história; essa honra pertence à deusa do amor, Afrodite. Ela tornou a vida tão difícil para uma garota chamada Psiquê... bem, se você tem estômago para lutar contra dragões, suportar tortura, fazer uma viagem para o Mundo Inferior e enfrentar um rebanho de ovelhas assassinas, continue lendo.

Não é bonito.

PSIQUÊ ROUBA UMA CAIXA DE CREME DE BELEZA



DEVE SER HORRÍVEL NASCER SUPER LINDO.

Não, é sério. Pense nisso.

Psiquê deveria ter tido uma infância feliz. Seus pais eram o rei e a rainha de uma cidade grega. Ela tinha duas irmãs mais velhas, então a pressão não estava sobre o quão bem ela ia na escola e com quem ela teria que se casar. Ela deveria ter sido capaz de desconstrair, gostar de ser a princesa e viver a vida do jeito que ela quisesse.

Infelizmente ela era linda.

Eu não estou falando de beleza normal em nível humano. Suas irmãs eram lindas e normais. Se Psiquê tivesse sido tão atraente quanto elas, ou mesmo um pouco mais atraente, tudo estaria bem.

Mas, assim que Psiquê se tornou uma adolescente, ela deixou de ser “Aquela criança é tão adorável!” para “Pelos deuses. Ah, UAU Ela é super gata!”

Ela não conseguia abrir a janela do seu quarto sem que uma centena de caras se reunissem na rua abaixo, clamando, aplaudindo e atirando flores (o que realmente doía se elas batessem em sua cara). Sempre que ela andava pela cidade, ela tinha que levar quatro guardacostas com ela para manter os admiradores afastados.

Ela não estava preocupada com isso. Ela não se sentia melhor que qualquer outra pessoa. Ela não queria a atenção. Na verdade, ela desejava ser uma garota normal com aparência normal, mas não podia reclamar com ninguém sobre seus problemas.

— Ah, coitadinha! — diziam seus amigos, com o rosto verde de inveja. — Você é linda demais! Isso deve ser um fardo terrível.

Quanto mais velha ela ficava, mais difícil era para ela manter os amigos. Todos na escola começaram a tratá-la cruelmente. Eles a excluíram e espalharam rumores sobre ela, porque é isso que as pessoas fazem quando se sentem ameaçadas. Mas eu acho que se você já esteve em alguma escola em qualquer lugar, você já sabe disso.

As duas irmãs de Psiquê eram as piores. Elas fingiam ser legais, mas nas suas costas elas diziam as coisas mais cruéis e encorajavam todos os outros a serem maus também.

Ah, bem, você deve estar pensando, pelo menos sendo super linda, ela poderia ter qualquer cara que ela quisesse, certo?

Errado.

Psiquê era tão bonita, tão intimidante incrível, que nenhum cara ousou convidá-la para sair. Eles a admiravam. Eles jogaram flores. Eles suspiraram e olharam para o rosto dela e tiraram fotos dela na sala de estudos, mas eles a amavam do jeito que você amaria sua música favorita ou um filme fantástico ou as melhores fotos na Internet. Ela estava acima da realidade, perfeita porque era inatingível, inatingível porque era perfeita.

Os pais de Psiquê esperavam que as ofertas de casamento fossem apresentadas. Ninguém fez. Suas irmãs, que eram apenas lindas mortais normais, se casaram com maridos ricos que eram reis de outras cidades, mas Psiquê permaneceu no palácio de seus pais, sozinha, sem amigos, nem namorado, nem nada.

Isso fez Psiquê miserável, mas não parou a adoração das multidões.

Quando ela tinha dezessete anos, os habitantes da cidade haviam construído uma estátua de mármore em tamanho natural na praça pública. Lendas começaram a se espalhar dizendo que ela não era nem humana. Ela era uma deusa descendo do Monte Olimpo, uma segunda Afrodite, uma Afrodite ainda melhor. As pessoas dos reinos vizinhos começaram a visitá-lo, esperando vê-lo de relance. Sua cidade natal enriqueceu com o turismo centrado em Psiquê. Eles fizeram camisetas. Eles ofereceram visitas guiadas. Eles venderam uma linha completa de produtos cosméticos garantidos para fazer você parecer Psiquê!

Psiquê tentou desencorajar isso. Ela era religiosa e esperta (qualidades que ninguém parecia notar desde que ela também era bonita). Ela sempre fazia suas orações e deixava oferendas nos templos, porque não queria irritar os deuses.

— Eu não sou uma deusa! — dizia ela às pessoas. — Parem de dizer isso!

— Aham — murmuravam eles assim que ela saía. — Ela é uma deusa, sem dúvidas.

Psiquê se tornou famosa. Logo, multidões de pessoas de todo o Mediterrâneo estavam fazendo peregrinações para vê-la, em vez de irem aos templos de Afrodite.

Você provavelmente pode imaginar como isso deixou Afrodite.

Um dia, a deusa olhou para baixo de seu spa de beleza pessoal no Monte Olimpo, esperando ver hordas de fãs adorando em seu templo principal em sua ilha sagrada de Citera. Em vez disso, o templo estava deserto. O chão

estava coberto de poeira. O altar estava vazio. Até os sacerdotes se foram. Uma placa na porta dizia: FOMOS ADORAR PSIQUE. VOLTAMOS DEPOIS.

— O que está acontecendo? — Afrodite se levantou, quase estragando a manicure. — Onde está todo mundo? Por que ninguém está me adorando? Quem é Psiquê?

Seus servos não queriam contar a ela porque eles viram a deusa ficar com raiva antes, mas não demorou muito para ela descobrir. Alguns minutos assistindo ao mundo mortal, algumas de buscas na internet, e ela sabia tudo sobre a novata Psiquê.

— Ah, Hades, não — rosnou Afrodite. — Eu sou a deusa mais importante e bonita do universo, e estou sendo superada por uma garota mortal? Eros, venha aqui!

Segundo algumas lendas, Eros era ainda mais velho que Afrodite. De acordo com outras lendas, ele era filho de Afrodite. Eu não sei o que é verdade, mas nessa história Afrodite definitivamente o trata como seu filho. Talvez ele fosse, ou talvez Afrodite apenas *pensasse* que ele fosse, e Eros estava com muito medo de corrigi-la. De qualquer forma, o cara era o deus do amor romântico, meio que o equivalente masculino de Afrodite. Ele é mais conhecido por seu nome romano, Cupido.

Isso significa que ele era um bebê gordinho com asas pequeninas, um pequeno arco e flechas bonitinhas? Não muito.

Eros era diabolicamente bonito. Todas as mulheres queriam a foto dele como tela inicial. Você quer detalhes? Desculpe, não tenho nenhum. Como Afrodite, ele parece como você queria que ele pareça. Então, mulheres, imaginem seu cara perfeito... e é assim que Eros parecia.

Ele passeou pela câmara de audiências de sua mãe, balançando seus jeans apertados e sua camiseta elegantemente rasgada, seu cabelo despenteado perfeitamente e seus olhos brilhando malvadamente, sua música-tema, “I'm Too Sexy”, tocando ao fundo. (Eu estou inventando isso. Eu não estava realmente lá.)

— O que está rolando? — perguntou ele.

— *O que está rolando?* — gritou Afrodite. — Você já ouviu falar dessa garota Psiquê? Você está sequer prestando atenção ao que está acontecendo no mundo mortal?

— Hã... — Eros esfregou seu queixo bonito. — Psiquê? Não. Não me lembra nada.

Afrodite explicou como Psiquê estava roubando todos os seus seguidores e suas oferendas, bem como as manchetes nas revistas de fofocas.

Eros se mexeu nervosamente. Ele não gostava quando Afrodite ficava chateada. Ela tendia a destruir coisas com explosões rosas bonitas.

— Então o que você quer que eu faça sobre isso?

Afrodite olhou para ele.

— O que eu quero que você faça? Seu emprego! Suas flechas fazem com que os mortais se apaixonem, não é? Encontre esta garota e ensine-lhe uma lição. Faça-a apaixonar-se pelo homem mais repugnante e horrível do mundo. Talvez um velho mendigo fedorento. Ou um assassino violento, não me importo com os detalhes. Surpreenda-me! Seja um bom filho! Faça-a se arrepender de sua beleza!

Claro, Psiquê já se arrependia de sua beleza, mas Afrodite não sabia disso. A ideia não teria computado em seu cérebro imortal.

Eros bateu as asas brancas emplumadas. (Ah, sim. Ele tinha asas enormes. Eu mencionei isso?)

— Deixa comigo... hã, mamãe. Não se preocupe.

Eros voou para fora do Spa de Afrodite. Ele desceu em espiral em direção ao mundo mortal, ansioso para completar sua missão. Ele estava curioso para encontrar essa garota e ver o que estava acontecendo. Ele adorava fazer as pessoas se apaixonarem por parceiros improváveis. Talvez ele a fizesse se apaixonar por um vendedor de carros usados, ou algum velhote com uma doença de pele infecciosa. Isso seria hilário.

— Ah, sim — riu Eros para si mesmo. — Psiquê vai desejar nunca ter me visto!

Acontece que ele estava certo, mas não da maneira que ele imaginava...

Enquanto isso, no palácio, Psiquê odiava sua vida.

Suas irmãs se casaram e foram embora. Ela não tinha amigos. Ela estava sozinha com apenas seus pais e um monte de guarda-costas. Ela passava a maior parte do tempo na cama com as cortinas fechadas e as cobertas acima da cabeça, chorando e com o coração partido.

Naturalmente, seus pais estavam preocupados. Além disso, eles esperavam fazer um bom casamento para ela, porque isso trazia muitas vantagens, como alianças militares e agitação positiva na mídia. Eles não entendiam como uma filha tão linda e famosa, a próxima Afrodite, poderia ser tão infeliz.

O rei veio visitá-la.

— Querida, o que há de errado? O que eu posso fazer?

Psiquê fungou.

— Apenas me deixe morrer.

— Eu estava pensando mais em algo como uma xícara de chocolate quente. Ou um novo ursinho de pelúcia?

— Papai, eu tenho dezessete anos!

— Eu vou te dizer uma coisa. Que tal ir à Delfos e consultar o Oráculo? O deus Apolo deve ser capaz de nos aconselhar!

Eu mencionei que ir para Delfos geralmente é uma má ideia?

O rei foi assim mesmo. Ele perguntou ao Oráculo como conseguir um bom marido para sua filha.

O Oráculo inalou um pouco de vapor vulcânico e falou com uma voz masculina profunda, a voz de Apolo.

— Desespero, rei! — berrou ela, que nunca é a linha inicial que você quer ouvir. — Sua filha não se casará com nenhum mortal. Ela está destinada a se casar com um monstro, uma

besta feroz e bárbara que até os deuses temem! Vesti-a para seu casamento como você iria vesti-a para seu funeral. Leve-a para a mais alta espiral de rocha do seu reino. Lá ela encontrará seu destino!

DESTINO! DESTINO! DESTINO! ecoou pela caverna.

A voz do Oráculo voltou ao normal.

— Obrigado pela sua oferenda. Tenha um bom dia.

Quando o rei voltou para casa, ele foi ver sua filha.

— Querida... tenho boas e más notícias. A boa notícia é que você vai conseguir um marido.

Quando Psiquê ouviu a profecia, ficou imóvel e quieta, o que era mais assustador para os pais do que o choro. Ela aceitou seu destino. Ela pediu para morrer, não foi? Aparentemente, os deuses haviam concedido seu desejo. Ela ia se casar com um monstro, e ela assumiu que casar era um eufemismo para *ser despedaçada e devorada como parte do café da manhã do monstro*.

Seus pais choraram, mas Psiquê pegou suas mãos.

— Não chore por mim. Isto é o que acontece quando os mortais desafiam os deuses. Eu deveria ter acabado com a besteira do “Nova Afrodite” mais cedo. Eu *sabia* que isso ia causar problemas. Eu não sou deusa. Eu sou apenas uma garota! Se a minha morte corrigir as coisas e poupar a cidade da ira dos deuses, então estou bem com isso. Será a primeira coisa boa que já fiz da minha vida.

Seus pais se sentiram horríveis. Mas eles receberam ordens diretas do deus Apolo, e você não pode ignorar Apolo a não ser que queira ser vaporizado por uma chuva de flechas de fogo.

Quando as notícias vazaram, toda a cidade entrou em estado de luto. Sua princesa divinamente bela, a reencarnação da deusa do amor, seria sacrificada a um monstro na mais alta espiral rochosa do reino. Isso não seria bom para a indústria local de Cosméticos Psiquê.

Os pais de Psiquê a vestiram com um vestido de funeral de seda preta. Eles cobriram o rosto com um véu de noiva preto e colocaram um buquê de flores negras em suas

mãos. Eles a escoltaram até a extremidade do reino, onde uma espiral de rocha de quarenta e seis metros se projetava para o céu. Séculos atrás, havia degraus estreitos em volta para que pudessem ser usados como uma torre de vigia. Psiquê subiu esses degraus sozinha até chegar ao topo.

É agora ou nunca, pensou ela, olhando para o chão rochoso lá embaixo. Espero renascer com aparência mediana. Ou feia. Eu adoraria ser feia, para ser uma mudança.

Ela não sentiu medo, o que a surpreendeu. Na verdade, pela primeira vez em anos, ela se sentiu em paz. Ela esperou por um momento para ver se algum monstro apareceria do nada e a morderia. Quando isso não aconteceu, ela decidiu resolver o problema com suas próprias mãos.

Ela pulou.

Até onde seus pais sabiam da posição estratégica deles atrás da espiral, Psiquê despencara para a morte dela. Eles nunca encontraram o corpo dela, mas isso não significou nada. Era um dia de ventos fortes, e eles estavam muito chateados para iniciar uma busca em grande escala. Além disso, se Psiquê *não tivesse* morrido, isso significava que o monstro da profecia a levara, o que era ainda pior. O rei e a rainha voltaram para casa, com o coração partido, convencidos de que nunca mais veriam sua amada filha e seu ímã turístico favorito.

Fim.

Só que não.

Ao longo prazo, Psiquê teria sofrido menos se ela tivesse morrido, mas ela não morreu. Quando ela caiu da rocha, os ventos a rodearam. A doze metros do fundo do vale, eles desaceleraram sua queda e a levantaram.

— Oi — disse uma voz sem corpo. — Eu sou Zéfiro, deus do vento oeste. Como você está hoje?

— Hã... aterrorizada? — perguntou Psiquê.

— Ótimo — disse Zéfiro. — Então temos um voo curto esta manhã, indo para o palácio do meu mestre. O tempo parece bom. Talvez um pouco de turbulência em nossa subida inicial.

— O palácio do seu mestre?

— Lembre-se de manter o cinto de segurança apertado e não desative os detectores de fumaça do banheiro.

— Que língua você está falando? — perguntou Psiquê. — Do que você está falando... AHHH!

O vento oeste a arrastou a 1600 km/h, deixando para trás o estômago de Psiquê e um rastro de pétalas de flores negras.

Eles pousaram em um vale coberto de flores silvestres. Borboletas voavam pela luz do sol. Subindo à distância estava o mais belo palácio que Psiquê já vira.

— Obrigado por voar conosco hoje — disse Zéfiro. — Sabemos que você tem muitas opções ao escolher um vento direcional e agradecemos a sua escolha. Agora é melhor você ir. Ele estará esperando.

— Quem...?

Mas o ar ficou parado. Psiquê sentiu que o deus do vento tinha ido embora.

Nervosa, ela se aproximou da enorme mansão branca. Jardins e pomares cercavam a propriedade. Um riacho claro passava pelos canteiros de flores. Galerias arborizadas sombrias estavam cheios de madressilvas.

Psiquê passava pelas portas principais para uma sala de estar com um teto com painéis de cedro e marfim, paredes gravadas em padrões geométricos prateados e um piso de mosaico feito de joias preciosas. Sofás brancos e confortáveis estavam de frente para uma mesa baixa cheia de tigelas com frutas saborosas, pão fresco e jarros de limonada gelada.

E esse era apenas o primeiro cômodo.

Espantada, Psiquê percorreu o palácio. Ela encontrou pátios com jardins de rosas e fontes reluzentes, quartos com os melhores lençóis e travesseiros macios de plumas,

bibliotecas cheias de pergaminhos, uma piscina interna com toboágua, uma cozinha gourmet, uma pista de boliche e uma sala de cinema com assentos reclináveis estofados e uma máquina de pipoca; este lugar tinha *tudo*. Isso fez com que o palácio real de sua família em casa parecesse um daqueles desagradáveis prédios de escola pública velha.

Ela abriu um armário aleatório. Pilhas de barras de ouro brilhavam dentro. Ela abriu outro armário. Caixas nitidamente rotuladas com DIAMANTES, ESMERALDAS, RUBIS, GRAVATAS BORBOLETAS, CHAPÉUS e SAFIRAS. Tantas riquezas, o conteúdo de qualquer armário de vassouras no palácio seria suficiente para comprar uma ilha privada e seu próprio exército para defendê-la.

— Quem mora aqui? — perguntou-se Psiquê em voz alta.
— Quem é o dono de tudo isso?

Bem ao lado dela, a voz de uma mulher dizia:

— É você, minha senhora.

Psiquê saltou, derrubando um grande vaso que se espatifou e derramou diamantes por todo o chão.

— Quem está aí?

— Sinto muito por assusta-la, minha senhora — disse a mulher invisível. — Eu sou uma de seus servos. Eu só falei porque você fez uma pergunta. Este é o seu palácio. Tudo aqui pertence a você.

— Mas... Mas eu...

— Não se preocupe com a bagunça, minha senhora — disse a criada.

Uma rajada de vento varreu os diamantes e os cacos de vaso quebrado e levou-os embora.

— Tudo o que você precisar, nós forneceremos — disse a criada. — Eu preparei um bom banho quente para você. Depois disso, se você estiver com fome, seu bufê particular estará aberto o dia todo. Se você precisar de música, basta pedir. Os músicos invisíveis conhecem todas as suas músicas favoritas. Depois de escurecer, vou lhe mostrar seu quarto e seu marido chegará.

A garganta de Psiquê se contorceu.

— Meu marido?

— Sim, minha senhora.

— Quem é meu marido?

— O senhor desta casa.

— Mas quem é o senhor desta casa?

— Seu marido, é claro.

Psiquê respirou com dificuldade.

— Nós poderíamos andar em círculos assim para sempre, não poderíamos?

— Se você quiser, minha senhora. Eu estou aqui para servir.

Psiquê decidiu que um banho quente seria bom, porque precisava se acalmar.

Depois de mergulhar na banheira (com uma dúzia de opções de óleos de banho perfumados, acompanhados de velas flutuantes, banheira de hidromassagem com mil jatos d'água e música suave), servos invisíveis trouxeram as roupas mais bonitas e confortáveis que ela já havia usado.

Ela comeu o melhor jantar de sua vida enquanto músicos invisíveis tocavam suas dez músicas favoritas e o sol se punha sobre as macieiras florescendo no pomar.

O nó no estômago dela só ficou mais apertado.

Seu marido chegaria depois do anoitecer.

O Oráculo havia alertado seus pais: ela estava condenada a se casar com um monstro, um animal bárbaro temido pelos próprios deuses. Mas como poderia um monstro viver em um lugar como este? Se ele a queria morta, por que ela já não estava morta?

(Aliás, se tudo isso está começando a soar como *A Bela e a Fera*, com o misterioso monstro que vive em um palácio legal com servos mágicos, isso não é por acaso. *A Bela e a Fera* foi totalmente baseado na história de Psiquê. não espere nenhum bule cantando, porque isso não vai acontecer.)

Finalmente o anoitecer veio. Psiquê poderia ter se recusado a ir para a cama. Ela poderia ter tentado fugir, mas ela decidiu que só iria adiar seu destino. Depois de

horas de pensamentos e preocupação, foi quase um *alívio* quando escureceu. Além disso, ela tinha que admitir que estava um pouco curiosa. Ela nunca teve um namorado, muito menos um marido. E se... e se ele não fosse tão ruim?

Os servos invisíveis levaram Psiquê para o seu quarto e deram-lhe um belo e macio conjunto de pijama My Little Pégaso, do tipo com pezinhos. Ela subiu em sua enorme cama, que era tão macia que era como flutuar no ar. (Ela sabia disso graças a sua viagem com Zéfiro.)

Uma brisa percorreu a sala, apagando as velas e lâmpadas. Na escuridão total, Psiquê ouviu a porta se abrir. Pés descalços passavam pelo mármore. Algo pesado afundou na beira do colchão.

— Olá — disse a voz de um homem.

Ele não parecia monstruoso. Ele parecia um locutor de rádio. Seu tom era suave e tingido de humor, como se entendesse o quão ridículo era esse primeiro encontro.

— Sinto muito pelo drama — disse ele. — Foi a única maneira que eu pude marcar com você sem... certas pessoas perceberem.

Psiquê achava difícil falar, porque o coração dela estava alojado em sua traqueia.

— Quem... quem é você?



O homem riu.

— Eu não posso te dizer meu nome. Eu não deveria estar aqui. Eu definitivamente não deveria casar com você. Então, se você pudesse me chamar de “Marido”, isso seria ótimo... assumindo que está tudo bem com você em se casar comigo.

— Eu tenho escolha?

— Olha... eu estou apaixonado por você. Eu sei que isso é loucura, já que acabamos de nos conhecer, mas eu tenho observado você por um longo tempo. Não de um modo estranho. — Ele suspirou. — Desculpa. Estou realmente bagunçando isso.

Os sentimentos de Psiquê estavam desesperadamente confusos. Ela estava acostumada a pessoas que a observavam. Ela suportou isso toda a sua vida.

— Você acha que está apaixonado por mim porque sou bonita?

— Não — disse o homem. — Bem, sim. Claro que você é linda. Mas eu te amo por causa de como você lidou com isso. Você nunca deixa isso ir à sua cabeça. Você tentou dizer ao povo *não*. Você manteve sua fé nos deuses. Eu admiro a maneira como você suportou sua tristeza e solidão.

Ela não queria chorar, mas seus olhos ardiam. Ninguém nunca havia dito nada tão legal para ela antes. Ela estava aliviada por estar na escuridão total, onde as aparências não importavam.

O homem tocou seus dedos. Psiquê ficou surpresa ao descobrir que sua mão era quente e forte e muito humana.

— Eu não posso nem te mostrar como pareço. — Ele parecia triste. — Se você soubesse minha identidade, nosso casamento desmoronaria. Você sofreria terrivelmente. Isso arruinaria tudo.

— Por quê?

— Eu... Eu sinto muito. Você só precisa confiar em mim, se puder. Eu prometo-lhe isto: vou ser um bom marido. O que você precisar, é só pedir. Mas as regras básicas não são

negociáveis: só podemos nos encontrar aqui, à noite, em total escuridão. Todas as manhãs, vou embora antes do amanhecer. Você nunca pode saber meu nome real. Você nunca pode me olhar. Nem tente isso.

Psiquê podia sentir seu próprio pulso acelerado enquanto segurava a mão dele.

— E se eu te ver acidentalmente? E se houver lua cheia ou algo assim...

— Não se preocupe com isso — disse ele. — A escuridão é uma precaução extra, mas também sou invisível. A única vez que você pode me ver é quando estou dormindo. Enquanto estou dormindo, não posso ficar invisível. Mas desde que você não faça algo bobo como se levantar no meio da noite, acender uma vela e olhar intencionalmente para mim, ficaremos bem. Psiquê, estou falando sério. Você não quer olhar para mim. Isso nos destruiria.

Nos. Ele disse a palavra como se fosse uma coisa real. Como se eles já fossem um casal.

— Eu não quero te apressar — disse ele. — Nós podemos apenas conversar. Eu sei que isso é estranho.

— Beije-me — disse ela, com o coração palpitando.

Ele hesitou.

— Você tem certeza?

— Você tem lábios, não é? Você não é como um monstro de pássaro ou um zumbi ou algo assim?

Ele riu baixinho.

— Não. Eu tenho lábios.

Ele a beijou, e as entranhas de Psiquê se fundiram em seus pezinhos My Little Pégaso.

Quando ele finalmente se afastou, ela teve que lembrar de como falar.

— Isso foi... uau. Isso... uau.

— Sim — concordou ele. — Então...

— Beije-me novamente, Marido.

Ela quase podia senti-lo sorrindo.

— Você é quem manda — disse ele.

As próximas semanas foram ótimas. Todos os dias, Psiquê relaxava no palácio, apreciando seus jardins, sua piscina coberta e sua pista de boliche. Todas as noites, ela não podia esperar que o marido chegasse em casa. Ele era o cara mais gentil, mais engraçado e mais incrível que ela já tinha visto.

De jeito nenhum ele era um monstro. Ela tocou seu rosto. Parecia um rosto humano perfeitamente normal, bonito, na verdade. *Muito* bonito. Seus braços eram lisos e musculosos. Sua... Bem, você sabe o que? Eu acho que já está bom o suficiente. Eu estou fazendo o meu melhor aqui, mas eu não estou acostumada a descrever um cara do ponto de vista de uma mulher. Desculpa.

Psiquê estava feliz com seu casamento.

O único problema: ela sentia falta da família.

Por quê? Boa pergunta. Suas irmãs sempre foram más para ela, ou, na melhor das hipóteses, falsas. Sua mãe e seu pai sempre foram sem noção. Eles a vestiram em um vestido de funeral / casamento e a deixaram pular de uma pedra. Mas os laços familiares são estranhos. Mesmo que seus parentes não sejam particularmente bons para você, eles ainda são seu sangue. Você não pode perder esse laço completamente. (E, acredite em mim, eu tenho alguns parentes do lado do meu pai que eu *adoraria* perder.)

Às vezes, quando Psiquê estava sentada em silêncio em seu jardim, ela achava que ouvira sua família chamando seu nome de longe, muito longe. Uma vez ela ouviu a voz do pai. Então a mãe dela. A maioria das vezes ela ouviu suas irmãs, e elas pareciam angustiadas, o que não era normal.

Isso tornava difícil para Psiquê aproveitar a piscina, o bufê ou as invisíveis massagens nos ombros dadas pelos seus servos invisíveis.

Certa noite, Psiquê perguntou ao marido sobre as vozes, porque estava com medo de enlouquecer.

Na escuridão, ele entrelaçou os dedos nos dela.

— Você não está ficando louco, meu amor. Seu pai e sua mãe não estão bem desde que você desapareceu. Eles

estão doentes de tristeza. Desde que seu corpo nunca foi encontrado, eles fizeram suas irmãs prometerem procurar por você. Todos os dias, suas irmãs viajam para aquela espiral de rocha onde você pulou no vento. Eles estão chamando seu nome.

O coração de Psiquê se transformou em um pedaço de granito. Ela estava tão concentrada em si mesma que não considerou como sua família deveria estar se sentindo.

— Eu tenho que ir para casa — disse ela. — Eu tenho que ver meus pais.

— Você não pode — disse o marido. — Se você deixar este vale, você nunca poderá voltar.

— Por quê? Zéfiro não pode...

— Não é assim tão simples. — A voz de seu marido estava cheia de dor, talvez até um pouco de medo. — Psiquê, estou tentando proteger você. Você está sob uma sentença de morte pelos deuses. Bem, uma deusa em particular...

Psiquê quase esquecera seus problemas de ser super linda.

— Você quer dizer Afro...

— Não diga o nome dela — advertiu seu marido. — É muito fácil atrair a atenção dela. Se você se mostrar no mundo mortal, toda a adoração vai começar de novo. O povo vai proclamar você uma deusa. Nós dois estaremos em sérios apuros. Tudo o que temos aqui... nosso mundo particular será comprometido. Por favor, apenas deixe sua família acreditar que você está morta.

Psiquê nunca tinha se sentido tão dividida. Ela estava feliz pela primeira vez em sua vida. Apesar das estranhas restrições ao seu relacionamento, ela rapidamente aprendeu a amar seu marido. Ela não queria estragar isso. Além disso, o bufê era muito bom.

Por outro lado, seus pais estavam doentes de luto. Suas irmãs estavam procurando por ela diariamente, gritando seu nome. Psiquê não era uma pessoa egoísta. Ela não gostava de virar as costas para as pessoas. Ela não podia

desfrutar de sua felicidade sabendo que os outros estavam miseráveis.

— E que tal um acordo? — perguntou ela. — Não vou embora. Mas deixe minhas irmãs virem aqui.

— Psiquê...

— Vou fazê-las prometer guardar segredo! Eles só vão ficar o tempo suficiente para ver que eu estou viva e bem. Elas só vão dizer aos meus pais, para que eles possam parar de se preocupar. É só isso!

— Esta é uma péssima ideia — disse o marido. — Suas irmãs sempre tiveram ciúmes de você. Se você trazê-las em nossa casa, eles vão envenenar os seus pensamentos. Se me ama, por favor, me escute. Isso vai arruinar tudo.

Ela beijou a mão dele.

— Você sabe que eu te amo. Prometo que terei cuidado. Mas você disse que eu deveria pedir o que eu precisasse. Eu preciso disso.

Com relutância, o marido concordou.

Na manhã seguinte, Psiquê caminhou para o campo de flores silvestres onde ela pousou pela primeira vez. Ao longe, ela ouviu suas irmãs chamando seu nome.

— Zéfiro — disse ela — traga-as aqui, por favor.

Imediatamente suas irmãs vieram despencando do céu, gritando e batendo os braços. Eles pousaram com o rosto nas flores silvestres. Eu acho que Zéfiro não gostou muito delas, ou talvez elas estavam voando na classe econômica.

— Irmãs! — disse Psiquê. — Estou tão feliz em vê-las! Deixe-me ajudá-las!

Nunca tive um desses impulsos para fazer algo como, *Ah, meus deuses, esta é a melhor ideia de todas*, e assim que você fizer isso você fica tipo, *O que eu estava pensando?*

Psiquê sentiu assim quando viu suas irmãs. De repente, lembrou-se de como poderia ser. Ela começou a lamentar sua escolha de trazê-las para lá. Mas já era tarde demais, então ela tentou fazer o melhor.

Psiquê deu-lhes uma excursão pelo palácio. Ela explicou como o vento a carregara para lá para conhecer seu novo

marido. Ela se desculpou por não ligar ou escrever, mas havia toda essa coisa de sentença de morte pelos deuses, e era de vital importância que o mundo mortal acreditasse que ela estava morta.

No início, as irmãs estavam muito atordoadas para dizer muito. Ao longo das próximas horas, elas foram de confusas a ligeiramente aliviadas sobre a sua irmã estar viva para secretamente indignadas com o quão legal sua nova casa era. Psiquê mostrou-lhes a pista de boliche, a piscina, o bufê, os intermináveis quartos e os jardins e as salas de estar, e uma sala de cinema em casa com uma máquina de pipoca.

— O que tem aqui? — A irmã mais velha puxou abrir uma porta do armário e foi quase esmagada por uma avalanche de barras de ouro, diamantes, rubis e gravatas borboleta.

— Ah, isso é apenas a despensa — disse Psiquê timidamente.

A irmã do meio olhou para o tesouro, que valia mais do que o reino inteiro de seu marido.

— Você tem muitas despensas como esta?

— Hã... Eu não contei. Algumas dúzias? Mas isso não é importante!

Ela ofereceu a cada irmã uma suíte privada para se refrescar antes do almoço. Os servos invisíveis prepararam para elas banhos quentes e massagens, cortes de cabelo e pedicures. Elas ganharam novas roupas que eram cinquenta vezes mais elegantes do que as suas antigas e joias que valiam mais do que o tesouro de seu pai inteiro.

Então eles tinham sanduiches de manteiga de amendoim e geleia na varanda, porque Psiquê era doida por sanduiche de manteiga de amendoim e geleia.

— Quem é seu marido? — perguntou sua irmã mais velha.

— Como ele pode pagar tudo isso?

— Ah, hã... Ele é um comerciante.

Psiquê sentiu-se mal por mentir, mas ela prometeu ao seu marido que não daria muitos detalhes, especialmente não sobre o fato de que ele era invisível e só a visitava durante

a escuridão total. Ele estava com medo que poderia assustar suas irmãs, mas eu não consigo imaginar o porquê.

— Um comerciante — repetiu a irmã do meio. — Um comerciante que controla o vento e tem servos invisíveis.

— Bem, ele é muito bem-sucedido — murmurou Psiquê.

— Podemos conhecê-lo? — perguntou a irmã mais velha.

— Ele está fora... em negócios. — disse Psiquê rapidamente. — Bem, está sendo maravilhoso ver vocês! Eu realmente tenho que voltar para... coisas!

Ela encheu suas irmãs com presentes caros e escoltou-as de volta para o limite do vale.

— Mas, Psiquê — disse a irmã do meio — pelo menos, deixe-nos visitá-la novamente. Vamos trazer notícias de casa. E... nós sentimos sua falta Não é, irmã?

A irmã mais velha assentiu, tentando não cavar suas unhas em suas palmas.

— Ah, muito! Por favor, deixe-nos visita-la novamente!

— Não tenho certeza... — disse Psiquê. — Eu prometi ao meu marido...

— Ele não proibiria uma visita de sua querida família! — A irmã do meio riu. — Ele não é um monstro, é?

— Hã... Bem, não...

— Bom! — disse a irmã mais velha. — Então vamos vê-la na mesma hora na próxima semana!

Zéfiro levou as irmãs embora, mas Psiquê sentiu que *ela* era a que estava presa em um tornado.

Naquela noite, ela contou ao marido sobre a visita. Quando soube que as irmãs quiseram visitar outra vez, ele não gritou oba ou dançou em torno da sala.

— Eu avisei que eles iriam brincar com suas emoções — disse ele. — Elas não irão voltar. Não as deixe destruir a nossa felicidade. Além disso... — ele colocou a mão suavemente em sua barriga — ... você tem o que pensar no bebê.

O coração de Psiquê fez um mortal duplo.

— Eu... Eu vou...

— Sim.

— Tem certeza?

— Sim.

— Como?

— Eu só sei. Por favor, chega de visitas familiares. Esqueça suas irmãs.

Psiquê desejava que ela pudesse, mas se ela estava tendo um bebê, ela deve pelo menos dizer a sua família... Ela não deveria? Além disso, a pergunta de sua irmã continuou se repetindo em sua cabeça: *Ele não é um monstro, é?*

— Eu... Eu estou comprometida agora — disse Psiquê. — Prometo que não deixarei minhas irmãs arruinarem nossa felicidade. Basta deixá-las visitar mais uma vez.

O marido tirou-lhe a mão da barriga.

— Eu não vou impedi-la.

Sua voz parecia pesada de arrependimento.

Depois, pela primeira vez, Psiquê teve dificuldade em adormecer em sua confortável cama nova.

Naquela mesma noite, assim que o vento oeste retornou as irmãs de Psiquê para a espiral de pedra, eles começaram a reclamar uma para a outra.

— Ah, meus deuses! — gritou a irmã do meio. — Você viu aquela mansão?

— Você viu os jardins? — perguntou a irmã mais velha. — A pista de boliche? Os guarda-roupas? O que Hades? Eu tive que casar com um velho rei sem cabelo e mau hálito, e sua casa não nem *metade* legal do que aquela é.

— Pare de reclamar — disse a irmã do meio. — Meu marido tem problemas de coluna e uma higiene pessoal terrível. Ele é repulsivo! Ele certamente não me fornece joias e servos invisíveis. E aquela máquina de pipoca...

— Ah, deuses, a máquina de pipoca!

Ambas as irmãs suspiraram. Você quase pode ver as auras verdes de inveja brilhando em torno de suas cabeças.

— Nós não podemos deixar a nossa irmã naquele lugar — disse a mais velha. — É obviamente algum tipo de truque

ou feitiço. Seu marido provavelmente é um monstro.

— Sem dúvidas — disse a irmã do meio. — Temos que descobrir a verdade, para o seu próprio bem.

— Para o seu próprio bem — concordou a irmã mais velha. — Deuses, eu a odeio tanto agora.

— Eu sei, né?

Eles voltaram para o palácio dos pais. Porque as irmãs estavam com vontade de serem malvadas, em vez de dizer a sua mãe e pai a verdade, elas falaram que Psiquê estava morta.

— Vimos o corpo — disse a irmã do meio. — Não sobrou muito, mas era definitivamente ela. Foi nojento.

— Nojento — ecoou a irmã mais velha. — Nós a enterramos. Realmente nojento.

Esta notícia quebrou os corações dos pais. Em três noites, o rei e a rainha morreram.

As irmãs choraram, mas não muito. Agora eles iriam dividir o Reino entre as duas. Além disso, eles tiveram o que mereceram por deixar sua irmãzinha, Psiquê, obter toda a atenção e o melhor casamento.

Sim... Essas irmãs. Eram pra manter.

No final da semana, eles mais uma vez viajaram para a espiral de rocha. O vento oeste as pegou e as carregou até o palácio secreto de pipoca e diamantes de Psiquê. Ele não as jogou de cara na grama desta vez, porque Psiquê tinha feito ele prometer que não iria, mas ele teve sua vingança passiva-agressiva por não lhes dar instruções de segurança adequada.

Enfim, quando eles se sentaram para almoçar com Psiquê, as irmãs estavam preparadas.

— Então — disse a mais velha — como é o seu ótimo marido?

— Ah, ele é... ótimo. — disse Psiquê.

A irmã do meio sorriu Encorajadoramente.

— O que você disse que ele faz para viver?

Deu um branco em Psiquê. Ela nunca foi uma boa mentirosa, e agora ela não conseguia lembrar o que ela

tinha dito a suas irmãs.

— Bem, ele é um pastor...

— Um pastor.

— Sim — disse Psiquê gentilmente. — Um pastor rico.

Sua irmã mais velha inclinou-se para a frente e pegou suas mãos. Ela colocou sua melhor cara de eu me importo muito com você, mesmo que ela queria estrangular a garota sortuda, não merecedora, e irritantemente bonita.

— Psiquê, o que você não está nos contando? Semana passada você disse que seu marido era um comerciante. Agora ele é um pastor. Somos suas irmãs. Deixe-nos ajudá-lo!

— Mas... Tudo está bem.

As duas irmãs trocaram olhares.

— Isso é o que as pessoas costumam dizer quando tudo *não* está bem — disse a irmã do meio. — Psiquê, achamos que está em perigo. Você não se esqueceu da profecia do Oráculo de Delfos, esqueceu? Você estava condenado a se casar com um monstro, uma besta que aterroriza até mesmo os deuses. As profecias *sempre* se tornam realidade. O pai estava sempre preocupado com isso. Ele falou sobre isso sem parar até que ele morreu.

Psiquê engasgou com a limonada.

— Espera. O pai está morto?

— Sim. Ele morreu de tristeza, porque você não viria visitá-lo. Mas isso não é importante neste momento. Você tem que nos dizer: quem é o seu marido, de verdade?

Psiquê sentiu como se alguém estivesse enterrando-a até o pescoço na areia. O pai dela estava morto. Suas irmãs estavam tentando ajudá-la. Profecias nunca estavam erradas. Mas a voz gentil de seu marido, sua gentileza...

— Eu não sei quem ele é — admitiu Psiquê. — Eu não estou autorizado a olhar para ele.

— *O quê?* — disse a irmã do meio. — Opa, opa, opa. Volte e conte-nos tudo.

Psiquê não deveria, mas ela confessou sobre a invisibilidade do marido, suas visitas noturnas, sua recusa

em dizer seu nome. Ela contou-lhes sobre a sua criança ainda não nascida, seu pijama do My Little Pégaso com pezinhos; tudo.

— É pior do que eu pensava — disse a irmã mais velha. — Você vê o que está acontecendo, não é?

— Não — disse Psiquê.

— Seu marido é um dragão — disse a irmã mais velha. — Dragões podem tomar forma humana. Eles podem se tornar invisíveis e fazer todo tipo de feitiçaria. Aposto que ele só te manteve vivo para te engordar. Quando sua barriga estiver agradável e grande...

— Irmã! — protestou Psiquê. — Isso é impossível! E também doentio!

— Mas ela está certa — disse a irmã do meio. — Isso acontece o tempo todo com dragões.

— Acon... Acontece? — disse Psiquê.

A irmã mais velha assentiu gravemente.

— Você tem que se salvar! Hoje à noite, quando seu marido estiver dormindo, acenda uma lâmpada ou algo assim. Confira sua verdadeira forma. Espero estar enganado. Espero mesmo! Mas não estou. Certifique-se de manter algum tipo de faca ou lâmina à mão. Quando você ver seu horrível rosto monstruoso, você terá que ser rápida. Corta a cabeça dele! Então nos chame de volta para o vale, e nós vamos ajudá-lo a sair daqui.

— Vamos dividir todo esse tesouro adorável — disse a irmã do meio.

— Apesar de que isso não seja importante — disse a irmã mais velha.

— Nenhum pouco importante — concordou a irmã do meio. — Nós apenas nos preocupamos com a sua segurança e felicidade, Psiquê. Nós vamos levá-lo de volta para casa e encontrar-lhe um marido *mortal* adequado, como os nossos.

— Isso — a irmã mais velha concordou, pensando, *um marido muito mais velho e fedorento*.

— Eu... eu não sei — disse Psiquê. — Eu não posso...

— Apenas considere o que dissemos — pediu a irmã mais velha. — E pelos deuses, tenha cuidado!

Tendo assim aconselhado Psiquê para destruir sua vida com muito cuidado, as irmãs voltaram para o mundo mortal através da Linhas Aéreas Zéfiro.

Naquela noite, Psiquê se preparava para fazer a coisa mais estúpida de toda a história. Em um dos armários do banheiro, ela encontrou uma navalha reta, uma daquelas antigas como de um barbeiro que fariam uma grande arma se você fosse, digamos, atacado por um porco gigante feroz (não que eu saiba algo sobre isso). Ela escondeu a navalha em sua gaveta de cabeceira, juntamente com a lâmpada a base azeite de oliva e uma caixa de fósforos, ou seja lá o que eles usavam para acender coisas naquela época. Caramba, eu não sei.

Como de costume, o marido chegou depois do anoitecer. Todas as luzes se apagaram e ele sentou-se na cama e eles conversaram por um tempo. *Como foi o seu dia? /Ah, tudo bem. Minhas irmãs não disseram nada que me fizesse cometer homicídio paranoico. /bom, bom. Te amo. Boa noite.* Ou algo parecido.

Por volta das três da manhã, quando ela podia dizer a partir respiração profunda do marido que ele estava dormindo, Psiquê deslizou para fora do seu lado da cama. Ela recuperou a pegou e a lâmpada de sua gaveta de cabeceira. Ela acendeu o pavio e então um brilho vermelho ofuscante se espalhou através dos lençóis.

Seu marido estava do seu lado, virado com o rosto para longe dela. Os lençóis de penas foram empilhados acima em suas costas.

Espera... aquilo não eram lençóis de penas. Psiquê olhou com espanto para as asas brancas gigantes dobradas ao longo dos ombros de seu marido.

Como era possível? Ela nunca *sentiu* asas nas suas costas antes.

Também... Se ela tivesse conseguido não notar suas asas, o que *mais* ela poderia não ter percebido? E se seu rosto não era tão bonito, ou humano, como sentiu com as pontas dos dedos no escuro?

Seu marido é um dragão, sussurrou a voz de sua irmã em sua cabeça. *Uma besta que aterroriza até mesmo os deuses.*

O coração de Psiquê martelou contra seu peito. Lentamente, ela se moveu ao redor da cama até que ela estava diretamente sobre seu marido. As sombras em seu rosto adormecido.

Psiquê sufocou um engasgo.

O marido dela era... inacreditavelmente bonito.

(Mais uma vez, pessoal, vou deixar os detalhes para a sua imaginação.)

Ele era incrível! Tão incrível, que os braços de Psiquê ficaram fracos. A lâmpada tremia na mão dela. A navalha de repente ficou pesada.

Psiquê não entendia por que seu marido estava preocupado em ser visto. O que ele tinha a esconder?

Então ela notou algo mais, um arco e uma aljava de flechas penduradas em um gancho sobre sua mesa de cabeceira.

Suas asas... Sua arma... Seu rosto, muito lindo para qualquer mortal. Psiquê de repente entendeu.

— Eros — sussurrou ela para si mesma. — Meu marido é Eros.

Um conselho: dizer o nome de um deus não é uma boa ideia se você não quer chamar a sua atenção. Dizendo o nome de um deus enquanto você está de pé sobre ele com uma navalha e uma lâmpada? Definitivamente um não.

Eros deve ter percebido sua aproximação. Ele murmurou e virou-se em seu sono, assustando Psiquê. Uma única gota de óleo quente caiu de sua lâmpada e queimou o ombro descoberto do deus.

— Ai! — Eros se levantou, e seus olhos abriram.

Marido e mulher olharam um para o outro, momentaneamente congelado na luz vermelha da lâmpada. Em um microssegundo, a expressão de Eros mudou de choque para arrependimento e para rancor. Ele pegou o seu arco e aljava, abriu suas asas e empurrou Psiquê.

— Não! — Psiquê deixou cair a navalha e a lâmpada. Ela se jogou, apenas conseguindo agarrar o tornozelo esquerdo do deus antes de ele decolar. — Por favor! Eu sinto muito!

Eros voou direto para fora da janela, arrastando Psiquê com ele. Quando passaram pelo jardim, ela perdeu o controle e caiu. Eros hesitou. Ele desceu no topo de uma árvore de cipreste e olhou para baixo para se certificar que Psiquê estava bem. Não que tenha importância agora. A relação deles acabou.

Ela estava jogada no chão, chorando e chamando seu nome, mas seu coração tinha endurecido. A única gota de óleo tinha queimado tanto o ombro que mal conseguia pensar por conta da dor.

— Psiquê tola — disse ele do topo da árvore. — Eu avisei. Pelos deuses, eu avisei!

— Eros! Por favor, eu não sabia. Eu sinto muito!

— *Sente muito?* — gritou ele. — Eu desobedeci a minha mãe por você! Eu arrisquei *tudo*! Afrodite ordenou que eu fizesse você se apaixonar pelo ser humano mais desprezível que pudesse encontrar. Em vez disso, *eu* me apaixonei por você. Eu criei todo este vale; o palácio, os servos, *tudo*; para que eu pudesse escondê-la de minha mãe. Podíamos ter vivido aqui em paz. Mas assim que você me viu, assim que você disse meu nome mágica foi quebrada. Olhe!

Atrás deles, o Palácio desmoronou em o pó. Os jardins murcharam. O vale inteiro transformou-se uma planície seca, desolada e cinzenta no luar.

— Você escutou suas irmãs — disse Eros. — Elas *queriam* isso. Eles queriam que você fosse infeliz. Eu te avisei, mas escolheu acreditar nelas ao em vez de mim. Agora minha mãe vai achar você. É só uma questão de tempo. Ela verá a verdade. Nenhum de nós escapará da sua ira. Corra

enquanto pode, Psiquê. Ela nunca vai parar até que ela te achar. Você a desonrou. Agora você me desonrou.

— Eu te amo! — gritou Psiquê. — Por favor, podemos fazer nosso casamento funcionar. Nós podemos...

Eros abriu suas asas e voou para a noite, deixando Psiquê de coração partido e grávida e sozinha.

História animadora, certo? Você não se sente incrível agora?

Mas espere, fica pior.

Depois que Eros voou para longe, Psiquê vagou desorientada. Nos limites do vale, ela chegou às margens de um rio e decidiu se jogar e se afogar.

Agora, crianças, pular em um rio para se afogar *nunca* é a resposta. Especialmente se o rio tem, tipo, meio metro de profundidade, o que tinha. Psiquê apenas uma tropeçou e sentou-se lá chorar e parecendo uma tola.

Aconteceu que Pã, o deus sátiro das florestas, estava cochilando nas proximidades depois de uma festa de três dias. Todos os respingos de água e os choros acordaram-no. Ele cambaleou para o rio, viu uma menina linda se tentando se afogar e se perguntou se ele estava alucinando.

— Olá, linda. *Hic!* — Pã inclinou-se contra uma árvore para que ele não caísse. — Você parece... *HIC!*... triste. Deixe-me adivinhar. Não me diga. Problemas amorosos, certo?

Psiquê estava tão perturbada que ela nem se importava que um homem bode bêbado estava falando com ela. Ela assentiu miseravelmente.

— Bem, não se afogue! — disse o deus. — Isso não é solução. Sabe o que deveria fazer? Reze para Eros, o deus do amor! Ele é o único que pode ajudá-lo!

Psiquê começou a chorar seus olhos para fora.

Pan tropeçou para trás.

— Bem... fico feliz por termos tido esta pequena conversa. Eu só... vou bem ali. — Ele rapidamente se retirou.

Ele já tinha muita dor de cabeça sem os gritos e o drama.

O amanhecer surgiu, e Psiquê começou a se acalmar. Sua miséria não diminuiu, mas tornou-se intenso e frio, lentamente se transformando em determinação.

— Talvez aquele homem-bode esteja certo — disse ela. — Eros é o único que pode me ajudar. Preciso encontrá-lo e *fazê-lo* me perdoar. Não vou aceitar não como resposta. Mas primeiro...

Seus olhos brilharam como aço. Provavelmente uma coisa boa que ninguém mais estava por perto, porque eles teriam chamado para corrido de medo.

— Primeiro tenho de agradecer às minhas irmãs pela *ajuda*.

Acontece que Psiquê teve um lado cruel. Demorou muito para deixá-la zangada, mas a destruição do seu casamento? Isso definitivamente acionou sua raiva.

Ela vagou por todo o território por dias até que ela encontrou a cidade-estado o marido da irmã mais velha era rei. No início, os guardas queriam expulsar Psiquê afastado, porque ela parecia uma mulher sem-teto, mas finalmente eles perceberam quem ela era (eles a reconheceram do recente artigo *Cinco novas deusas gatas para adorar*). Trouxeram-na para dentro para ver a irmã.

— Ah, querida, olhe para você! — disse a irmã mais velha, secretamente satisfeita. — Minha pobre Psiquê, o que aconteceu?

— É uma longa história — disse Psiquê, limpando uma lágrima. — Segui o seu conselho, mas não correu como eu esperava.

— Seu marido? Ele... Ele é um monstro? Ele está morto?

— Nenhum — suspirou Psiquê. — Eu vi a sua verdadeira forma. Você não vai acreditar nisso, mas ele é o deus Eros.

Ela descreveu como incrível ele era, cada detalhe. Ela não tinha que fingir seu sofrimento. Ela disse a sua irmã a verdade sobre o que tinha acontecido... até o fim.

— Antes de ele ir embora voando — disse Psiquê. — Eros me disse que ele estava me dando um pé na bunda. Ele disse que se casaria com minha irmã. Ele falou seu nome.

Os olhos da irmã mais velha se tornaram do tamanho de dracmas. Se ela tivesse dúvidas sobre a história de Psiquê, ela agora acreditava em cada palavra. Fez total sentido! Quem além do deus do amor teria uma super mansão como aquela com servos invisíveis e salas de cinema e um toboágua? E Eros disse seu nome! Ele obviamente tinha bom gosto. Ele tinha cansado da beleza da tola Psiquê. A irmã mais velha finalmente teria tudo o que merecia.

— Ah, Psiquê — disse ela. — Eu sinto muito. Você me dá licença um momento?

A irmã mais velha fugiu da sala. Ela parou na câmara de audiência do marido tempo suficiente para gritar com ele:

— Eu quero o divórcio!

Então ela pegou o cavalo mais rápido dos estábulos e saiu do reino.

Ela não parou até que ela chegou à espiral de rocha, onde ela foi arrastada pela primeira vez por Zéfiro. Ela subiu até o topo e gritou:

— Eu estou aqui, Eros! Leve-me, meu amado!

Ela pulou e despencou até a morte.

Cara, Zéfiro conseguiu ir muito disso. Você nunca deve tentar embarcar em um voo até que seu número seja chamado. Todo mundo sabe disso.

Enquanto isso, Psiquê continuou suas viagens. Ela encontrou o reino onde a irmã do meio vivia e contou-lhe a mesma história.

— Sabe o que é mais estranho? — concluiu Psiquê. — Eros disse que ia casar com a minha irmã. Ele mencionou seu nome.

Inflamado com desejo, a irmã do meio correu para fora do palácio, pegou um cavalo, e correu para a espira de pedra, e com esperança em seu coração, lançou-se para sua morte.

Frieza por parte de Psiquê? Eu suponho. Mas se alguém merecia cair de cabeça de uma pedra de cento e cinquenta metros de altura, eram aquelas duas.

Depois de destruir as irmãs, Psiquê vagou pela Grécia, indo de cidade em cidade, determinado a encontrar Eros. Ela checou seus templos. Ela verificou os santuários da estrada. Ela verificou academias, boates e grupos de estudo da Bíblia para solteiras, procurando onde um deus amor poderia estar. Ela não teve sorte.

Isso é porque Eros estava tendo seus próprios problemas.

Quando ele deixou Psiquê, seu único plano era fugir de seu casamento despedaçado, talvez encontrar uma caverna para se esconder nos próximos séculos até que a ira de Afrodite passasse. Mas a dor em seu ombro rapidamente se tornou insuportável.

Uma única gota de óleo quente não deveria ter machucado tanto. Queimou seu sistema nervoso central, corroendo sua essência divina. A dor foi pior do que qualquer coisa que ele já experimentou... Exceto talvez a dor em seu coração quando ele viu Psiquê pela primeira vez.

É como se as duas coisas estivessem relacionadas, pensou Eros. *É como uma metáfora* ou algo assim!

(Eu coloquei isso aqui para que os professores de inglês terem algo para fazer você escrever um trabalho. Desculpa. Eu mencionei que eu comprado por pizza e jujubas, não mencionei?)

De qualquer forma, Eros era estava fraco que não podia ir muito longe. Ele voou para a casa de férias mais próxima de Afrodite, uma vila na costa do Mar Adriático e caiu em seu quarto, ficando inconsciente assim que ele bateu os lençóis.

Você deve estar pensando, *ele estava tentando evitar sua mãe, então ele vai para a casa da mãe? Isso é esperto.*

Mas acho que ele estava voando no piloto automático. Ou ele queria sua própria cama, como você faz quando está doente. Ou ele pensou que poderia muito bem confrontar sua mãe e acabar com isso.

Seja qual for o caso, fofocas rapidamente se espalharam sobre Eros tendo seu coração quebrado por uma garota mortal. Provavelmente os espíritos do vento de Zéfiro não

podiam manter a boca fechada, porque eram um bando de cabeças de vento.

Afrodite estava de férias em sua ilha sagrada de Citera quando ela ouviu que seu filho tinha se tornado a piada do cosmos. Ela saiu correndo para encontrá-lo, em parte porque ela estava preocupada com ele, mas principalmente porque isso manchava sua imagem.

Ela chegou ao seu palácio no Mar Adriático e abriu com força as portas do quarto de Eros.

— Quem é ela?

— Mãe — resmungou ele debaixo das cobertas — você nunca bate na porta?

— Quem é o desgraçada que quebrou o seu coração? — perguntou ela. — Eu nunca fui tão humilhada por uma mortal desde aquela menina Psiquê há alguns meses atrás!

— Bem, sobre isso...

Eros contou a verdade.

Afrodite bateu no telhado. Literalmente. Ela explodiu o teto transformando em escombros com uma explosão rosa, dando a Eros o novo teto solar que ele sempre quis.

— Seu menino ingrato! — gritou ela. — Você sempre foi um problema! Você *nunca* me escuta. Você mexe com os sentimentos de todos, até os meus! Eu deveria deserdar você. Eu deveria tirar sua imortalidade, seu arco e flechas, e dar eles para um dos meus servos. Qualquer escravo mortal poderia fazer o seu trabalho. Não é tão difícil Você nunca se esforça. Você nunca segue instruções. Você... blá, blá, blá.

E foi mais ou menos assim por cerca de seis horas.

Finalmente ela percebeu que o rosto de Eros estava suado e pálido, o que você não vê normalmente em um imortal. Ele estava tremendo sob os cobertores. Seu olhar estava fora de foco.

— O que há de errado com você? — Afrodite se moveu para o lado de sua cama, puxou as cobertas e viu a ferida fumegante em seu ombro. — Ah não! Meu bebezinho!

Engraçado como o humor de uma mãe pode mudar assim. Ela quer te estrangular, então **BOOM!**, um pequeno

ferimento mortal e ela está chorando pelo seu bebezinho.

Ela trouxe-lhe uma toalha fria, um pouco de álcool, um curativo e um pouco de ambrosia com sabor de sopa de galinha. Ela convocou Apolo, o deus da medicina, que ficou espantado com a ferida.

— Normalmente você não vê isso com uma gota de óleo quente. — disse ele.

— Obrigado, Doutor Óbvio — resmungou Afrodite.

— Sem problema! — disse Apolo. — Agora, eu tenho que voltar para minhas fãs... quero dizer para meu show no Monte Olimpo.

Nada parecia ajudar a ferida de Eros, nem mesmo o creme de beleza mágico de Afrodite, que geralmente limpava manchas imediatamente.

Afrodite deixou Eros tão confortável quanto ela podia. Então ela virou atenção a uma mancha que ela *poderia* eliminar, aquela bruxa mortal Psiquê, que causou todo esse problema.

Ela estava prestes a sair quando a campainha da porta da frente tocou. As deusas Deméter e Hera chegaram com flores e balões e cartões de condolências.

— Ah, Afrodite! — disse Hera. — Ouvimos tudo sobre Eros.

— Sim, tenho certeza que sim. — murmurou Afrodite.

Ela imaginou todas as outras deusas ficaram contentes ao saber de seu novo escândalo familiar.

— Nós sentimos muito — disse Deméter. — Existe alguma coisa que podemos fazer?

Algumas sugestões desagradáveis apareceram na mente de Afrodite, mas ela as guardou para si mesma.

— Não, obrigada — ela conseguiu dizer. — Eu vou encontrar essa garota mortal Psiquê e destruí-la.

— Você está com raiva — disse Hera, porque ela era perceptiva assim. — Mas lhe ocorreu que a garota pode ser *boa* para Eros?

Afrodite ficou muito quieta.

— O que você disse?

— Bem, Eros é um homem crescido — continuou Hera. — A mulher certa pode ajudá-lo a se acalmar.

Deméter assentiu.

— Sua felicidade pode até curar aquela ferida em seu ombro. Apolo nos disse que a queimadura não estava respondendo à medicina divina.

Os olhos de Afrodite brilharam de raiva.

As outras deusas sabiam que estavam se arriscando, então por que arriscaram entrar na lista negra de Afrodite? Simples. Elas tinham mais medo de Eros. Elas viram isso como uma chance de ficar do lado bom dele.

Eros era aleatório. Ele era perigoso. Ele poderia atirar em você com uma de suas flechas e atrapalhar sua vida inteira fazendo você se apaixonar por um mortal feio ou uma calça jeans ou *qualquer coisa*. Essa profecia sobre Psiquê casar com um monstro? Aplicou-se a Eros muito bem. Todo mundo tinha medo dele, até mesmo os deuses.

Afrodite olhou para Deméter e Hera.

— Eu vou destruir Psiquê. Ninguém vai entrar no meu caminho. *Ninguém*. Entenderam?

Ela saiu do palácio e começou sua busca.

Felizmente para Psiquê, Afrodite realmente horrível em procurar.

Se ela estivesse procurando sua escova de cabelo ou seu par favorito de bombas, isso teria sido fácil. Mas procurar por uma garota mortal em um mundo cheio de mortais? Isso foi *difícil*. E *chato*.

Ela vasculhou todas as cidades da Grécia, voando em sua carruagem de ouro puxada por pombas gigantes. (O que eu acho meio assustador. Isso parece romântico para você? Ser puxado por grandes pássaros brancos do tamanho de caminhonetes? E o cocô que essas coisas devem derrubar... Ok, eu vou parar.)

Afrodite ficava distraída com as promoções no shopping, ou caras bonitinhos, ou joias brilhantes e vestidos que

meninas mortais usavam nesta temporada.

Enquanto isso, Psiquê continuou caminhando, procurando por seu marido em todos os santuários mais remotos, templos e academias.

A essa altura, a barriga de grávida começava a aparecer. Suas roupas estavam rasgadas e enlameadas. Seus sapatos estavam se despedaçando. Ela estava constantemente com fome e com sede, mas ela não desistiria.

Um dia ela estava vagando pelas montanhas do norte da Grécia, quando avistou as ruínas de um antigo templo. *Ei*, pensou ela, *talvez este seja um templo de Eros!*

Ela se esforçou para subir os íngremes penhascos até chegar ao prédio abandonado. Infelizmente, não era um templo de Eros. A julgar pelas espigas de trigo esculpidos no altar e a quantidade de terra no chão, era um templo de Deméter que não tinha sido usado em décadas.

O que um templo para a deusa dos grãos estava fazendo em uma montanha estéril no meio do nada? Eu não tenho certeza, mas Psiquê olhou para o altar empoeirado, as estátuas quebradas caídas no chão, as pichações nas paredes, e ela pensou, eu não posso deixar o lugar assim. Não está certo.

Apesar de todos os problemas, Psiquê ainda respeitava os deuses. Ela encontrou alguns suprimentos no armário do zelador e passou uma semana limpando o antigo templo. Ela limpou a pichação, poliu o altar e consertou as estátuas com uma fita adesiva estrategicamente colocada.

Assim que terminou, uma voz falou atrás dela.

— Bom trabalho.

Psiquê se virou. Em pé no altar estava a deusa Deméter. Ela usava vestes verdes e marrons, e tinha uma coroa de trigo na cabeça e uma foice dourada na mão. Psiquê se ajoelhou em reverência, o que é uma boa ideia quando você está de frente a uma deusa com uma foice.

— Ó grande Deméter! — exclamou ela. — Talvez você possa me ajudar. Preciso encontrar meu marido, Eros!

Deméter estremeceu.

— É... sobre isso. Afrodite está louca pelo seu sangue, garota. Ela não vai descansar até que você seja destruída, e eu não posso passar por cima dela. Honestamente, eu adoraria te ajudar. Se eu tiver alguma vez a chance de fazer algo, tipo por baixo dos panos, eu irei. Mas você terá que encontrar o Eros por conta própria.

Algumas pessoas podem ter enlouquecido. Psiquê apenas abaixou a cabeça.

— Compreendo. Eu continuarei procurando.

No fundo, ela sabia que teria que resolver seu próprio problema. Ela estragou tudo, e nenhuma deusa poderia consertar isso por ela. Psiquê não esperava uma recompensa por ter limpado o templo de Deméter. Ela fez isso porque era a coisa certa a fazer.

Eu sei. Princípio estranho, certo? Mas a garota era meio heroica assim.

A deusa desapareceu e Psiquê continuou viajando. Alguns dias depois, ela caminhava por uma floresta quando encontrou um santuário abandonado em uma clareira. Das inscrições desbotadas e das estátuas cobertas de trepadeiras, Psiquê supôs que já tinha sido um santuário para Hera.

Eu não posso deixar assim, pensou Psiquê. (Eu teria desenhado óculos e bigodes em todas as estátuas e fugido. Mas Hera e eu temos uma história.)

Psiquê limpou o altar, tirou as trepadeiras das estátuas e fez o possível para tornar o santuário agradável novamente.

Quando ela terminou, Hera apareceu diante dela em um vestido branco brilhante, um manto de penas de pavão sobre os ombros. Na mão dela havia um cajado coberto com uma flor de lótus.

— Muito bem, Psiquê. Você até limpou os cantos. Ninguém faz mais isso.

Psiquê se ajoelhou.

— Rainha Hera! Não espero nenhuma recompensa, mas estou sozinha e grávida e sendo caçada por Afrodite. Você

poderia me proteger, só por um tempo, até que meu filho nasça? Eu sei que você é a deusa de todas as mães.

Hera fez uma careta.

— Não posso fazer, minha criança. Afrodite está absolutamente *louca* para matar você. Se ela parar de se distrair com as promoções, ela vai te despedaçar. Talvez um dia eu tenha a chance de ajudá-lo de maneira sutil e secreta, mas não posso protegê-lo agora. Há apenas uma solução para o seu problema. Eu acho que você sabe o que é.

Psiquê levantou-se. Ela estava tão cansada que mal conseguia pensar direito, mas entendeu o que Hera estava dizendo.

— Eu tenho que confrontar Afrodite — disse Psiquê. — De mulher para mulher.

— Certo. Boa sorte com isso — disse Hera, e corajosamente desapareceu.

Psiquê continuou sua jornada, mas agora ela tinha um foco diferente. Ela foi procurar o palácio de Afrodite.

Eventualmente, Psiquê encontrou o lugar certo: a grande vila branca na costa do Mar Adriático, com excelentes vistas e belos jardins ao redor. O lugar lembrou Psiquê, dolorosamente, do palácio que ela dividia com o marido.

Ela bateu nas grandes portas de bronze polido.

Quando um servo respondeu e viu quem era, seu queixo caiu.

— Você veio aqui de *propósito*? — perguntou ele. — Ok. Eu vou levá-la para minha senhora. Apenas deixe-me colocar meu capacete de futebol primeiro, caso ela comece a jogar coisas; como mobília, ou eu ou você.

Ele trouxe Psiquê para a sala do trono de Afrodite, onde a deusa estava descansando depois de outra busca chata por Psiquê. Quando Afrodite viu a garota que ela estava procurando, foi a coisa mais irritante de todas, como quando você passa a manhã toda procurando seus óculos e os encontra na cabeça. (Eu não uso óculos, mas meu amigo Jason usa. É muito engraçado quando ele os perde assim.)

— VOCÊ! — Afrodite atacou Psiquê.

Ela começou a chutar a pobre garota, puxar o cabelo dela, arranhá-la com as unhas. A deusa provavelmente a teria matado, mas quando viu que Psiquê estava grávida, ela não conseguiu fazer isso.

Psiquê não reagiu. Ela se enrolou como um tatu-bola e esperou que a raiva de Afrodite diminuísse.

A deusa parou para verificar as unhas dela, porque rasgar um mortal em pedaços pode arruinar totalmente sua manicure, e Psiquê falou.

— Sogra — disse ela — vim enfrentar meu castigo por desconfiar de meu marido, o que você achar apropriado. Eu farei qualquer coisa para provar que o amo e ganhar seu perdão.

— *Perdão?* — gritou a deusa. — Eu não reconheço seu casamento. Eu certamente não a reconheço como minha nora! Mas punição eu certamente posso arranjar. Guardas! Leve essa garota mortal para o meu calabouço! Eu tenho uma masmorra, não tenho? Chicoteie-a, torture-a e traga-a de volta para mim. Então vamos ver como me sinto sobre *perdão*.

Os guardas fizeram o que lhes disseram. Foi desagradável. Eles não mataram Psiquê, mas quando eles a trouxeram de volta ela tinha sido espancada que foi difícil de reconhecê-la. Afrodite era uma anfitriã maravilhosa assim.

— E então, garota? — perguntou a deusa. — Você ainda deseja se provar?

Surpreendentemente, Psiquê lutou para ficar de pé.

— Sim, sogra. Qualquer coisa.

Afrodite não pôde deixar de ficar um pouco impressionada. Ela decidiu dar a Psiquê uma série de desafios, impossíveis, então ela ainda iria falhar e morrer, mas pelo menos ninguém poderia dizer mais tarde que Afrodite não deu a ela uma chance.

(Exceto eu, estou dizendo agora: Afrodite não deu a ela uma chance.)

— Vou testá-la — anunciou a deusa — para ver se você é digna do meu perdão e do amor do meu filho. Você é tão *feia*, que a única maneira de fazer uma boa esposa é ser uma boa dona de casa. Vamos ver o quão bem você pode organizar uma despensa.

Desafio totalmente sexista? Sim. Totalmente Afrodite? Bastante.

Ela arrastou Psiquê para a cozinha divina e ordenou que os criados jogassem no chão todos os sacos de cereais no depósito; cevada, trigo, aveia, arroz, quinoa orgânica, o que fosse. Logo a cozinha estava enterrada em uma montanha de fibras.

— Organize esses grãos — ordenou Afrodite. — Coloque todos de volta nos sacos apropriados antes do jantar. Se você falhar, eu mato você. Ou você pode simplesmente admitir a derrota agora e eu vou pegar leve com você. Eu vou te exilar. Você NUNCA verá meu filho novamente, mas pelo menos você ainda terá sua vida miserável.

— Eu aceito o desafio — disse Psiquê, apesar de olhar para a montanha de grãos, ela não viu como ela poderia ter sucesso.

Afrodite saiu irritada para fazer as unhas.

Psiquê começou a classificar. Ela só esteve nisso por alguns minutos; quinoa, cevada, coelhinho de poeira, aveia; quando uma formiga deslizou para ela do outro lado do balcão da cozinha.

— E aí? — disse a formiga.

Psiquê olhou para a formiga.

— Você pode falar?

— Sim. Deméter me enviou. Você precisa de ajuda aqui?

Psiquê não tinha certeza de como uma única formiga poderia ajudar, mas ela disse:

— Hã, claro. Obrigada.

— Ok. Mas se alguém perguntar, nós nunca estivemos aqui.

— *Nós?*

A formiga soltou um assobio de táxi.

— Tudo bem, pessoal, temos pouco tempo!

Milhões de formigas saíram dos cantos das paredes e começaram a trabalhar, separando os grãos em vários sacos. Em cerca de uma hora, toda a cozinha estava limpa e arrumada e o armário estava de volta em ordem. As formigas tinham até mesmo preenchido um novo saco e o rotularam de POEIRA E OUTROS OBJETOS ENCONTRADOS.



- Muito obrigado — disse Psiquê.
- Shhh — disse a formiga. — Você nunca nos viu.
- Nunca vi quem?
- Boa garota — disse a formiga.

A colônia inteira voltou para os cantos das paredes e desapareceram.

Quando Afrodite retornou, ela ficou atordoada. Então ela ficou brava.

— Eu não sou uma tola, garota. Obviamente, você não fez isso sozinho. Alguma deusa ajudou você? Alguém quer me ver envergonhada! Quem foi?

— Hã...

— Não importa! — gritou Afrodite. — Você trapaceou, então isso não foi um teste justo. Você ganhou uma noite de descanso no chão da cozinha e uma fatia de pão para o jantar. De manhã, vamos encontrar um desafio mais difícil para você!

Psiquê passou a noite no chão. Mal sabia ela que na mesma mansão, apenas alguns quartos de distância, Eros estava se contorcendo em agonia por causa de seu ombro ferido e (ALERTA DE METÁFORA!!!!) de seu coração ferido. Afrodite não tinha contado a ele sobre a visita de Psiquê, mas Eros poderia sentir sua presença, e isso fez sua dor ainda pior.

De manhã, depois de outra massa nutritiva de pão para o café da manhã, Psiquê obteve sua segunda missão.

— Eu preciso de lã. — anunciou Afrodite. — Qualquer mulher deve ser capaz de costurar e consertar roupas, e isso requer bom material. No limite ocidental deste vale, próximo ao rio, você encontrará uma manada de ovelhas. Traga-me um pouco de lã. Retorne antes do anoitecer ou eu vou matá-lo! A menos que você queira desistir agora, nesse caso...

— Eu já conheço o procedimento. — Os ossos de Psiquê doíam e seus olhos estavam fracos da fome, mas ela curvou-se para a deusa. — Vou pegar sua lã.

Afrodite esqueceu de mencionar alguns detalhes sobre as ovelhas. (Provavelmente apenas deslizou de sua mente.) Por exemplo, sua lã era ouro puro. Além disso, as ovelhas tinham chifres afiados, dentes pontiagudos, picadas venenosas e cascos de aço tão mortais quanto aríetes.

Psiquê ficou por um tempo no sol da manhã, observando a distância como as ovelhas destruíam e devoravam qualquer animal que chegou perto; ouriços, coelhos, cervos, pequenos elefantes. O pasto era agradavelmente decorado com ossos e crânios humanos. Psiquê percebeu que seria impossível para ela até chegar perto do rebanho.

— Bem... — Ela olhou para o rio. — Eu me pergunto se essa água é profunda o suficiente para se afogar.

— Ah, não faça isso. — disse uma voz.

Parecia vir de trás de um aglomerado de plantas de junco à beira do rio.

— Quem é você? — perguntou Psiquê. — Saia de trás desses juncos!

— Eu não posso — disse os juncos. — Eu *sou* o junco.

— Ah — disse Psiquê. — Você vai me dar sermão sobre me afogar?

— Afogamento nunca é a resposta — disse os juncos. — Mas eu vou lhe dar dicas sobre a coleta de lã, porque Hera me pediu para ajudá-lo.

Psiquê relaxou. Conversando com uma planta de junco sobre a coleta de lã foi a coisa menos incomum que tinha acontecido com ela recentemente.

— Obrigado, obrigada. Vá em frente.

— Como você pode imaginar, se você ir perto daquelas ovelhas agora, eles vão despedaçar você. Mas no final da tarde, quando é agradável e quente, elas vão ficar sonolentas e lentas. Eles se reunirão a sombra daquelas grandes árvores à esquerda. Consegue vê-las?

— Aquelas árvores que se parecem com aviões?

— Essas mesmo. Quando isso acontecer, você terá que se esgueirar para os arbustos com espinho do outro lado do pasto. Consegue vê-los?

— Aqueles que eu não posso ver os espinhos porque eles estão muito longe?

— Você aprende rápido. Agite os arbustos espinho, e seus problemas são resolvidos.

— Sem querer desrespeitar, O Sábio Junco, mas como vai agitar arbustos com espinhos irá resolver meus problemas?

Os juncos não disseram nada. Eles tinham voltado a ser plantas normais que não dão conselhos.

Psiquê pensou que ela deveria tentar o plano. Se a Hera estava a tentar ajudá-la, seria desrespeitoso não fazer. Ela esperou até a tarde. Com certeza, as ovelhas douradas assassinas se reuniram para uma soneca na sombra das árvores.

Psiquê rastejou para o outro lado do pasto. Ela sacudiu o arbusto espinho mais próximo e pequenos tufo de lã de ouro caíram dos galhos. Os carneiros devem ter usado os arbustos do espinho como um coça-costas. Psiquê foi juntando o mais silenciosamente possível, sacudindo a lã dourada dos arbustos, até que ela tinha tanto quanto ela poderia carregar. Então ela correu de volta para o palácio de Afrodite.

Quando Psiquê chegou, a deusa do amor estava comendo seu jantar habitual: três pedaços de aipo e uma vitamina com sabor de cappuccino (o que pode explicar por que ela estava sempre de mal humor). Ela olhou para a lã dourada e não tinha certeza se ela se sentia indignado ou surpresa. Ela resolveu agir fria e indiferente, que era sua configuração padrão quando se tratava de outras mulheres.

— Isso não é muita lã — disse a deusa. — Além disso, eu não posso imaginar que você foi esperto o suficiente para descobrir como coletá-lo sem algum deus ajudá-la. Quem foi desta vez?

— Bem, havia esses de juncos...

— Não importa! — gritou Afrodite. — Você é uma criatura nojenta. Só de conversar com você me faz querer tomar um banho.

Ela pegou um jarro de água e despejou o conteúdo.

— Uma boa esposa deve ser capaz de fornecer água fresca para os banhos da sua casa. Sua terceira missão: um quilometro e meio ao norte daqui é uma montanha alta com uma cachoeira caindo de alguns penhascos. Na parte superior é uma nascente sagrada, uma das nascentes para o Rio Estige, que eventualmente flui para o Mundo Inferior. Encha este jarro com água do topo. Não do leito das cachoeiras! Eu vou saber se você trapacear. Traga de volta a água enquanto estiver gelada. Caso contrário...

— Você vai me matar — disse Psiquê, cansada. — E, não, não vou desistir. Ainda amo seu filho. Farei qualquer coisa para ganhar o seu perdão. Eu já volto com sua água do Estige.

Nem a mulher sabia, que Eros estava escutando. De seu quarto no corredor, ele ouvia vozes na sala de jantar. De alguma forma ele sabia que um deles pertencia a Psiquê. Apesar da dor excruciante em seu ombro, ele se arrastou para fora da cama e mancou para o corredor, em seguida, espreitou para fora de trás da porta para ver o que estava acontecendo. A visão de Psiquê imediatamente levantou seus espíritos. A ferida do ombro sentiu-se um pouco melhor. Isso irritou Eros, mas ele não podia fazer nada. Ele ainda a amava.

Quando ele ouviu sua mãe dando Psiquê a missão da cachoeira, ele se sentiu horrível. A missão da cachoeira era impossível! Afrodite poderia ser tão... Bem, um monte de coisas que um filho não deveria chamar de sua própria mãe.

Eros também ficou impressionado com a determinação de Psiquê para reconquistar seu amor.

Ele queria marchar para a sala de jantar e exigir que sua mãe pare com as estúpidas missões, mas ele não poderia porque 1) ele ainda estava tão fraco que ele iria cair de cara no chão e desmaiar, e 2) ele parecia horrível e não queria Psiquê o visse assim.

(Psiquê parecia muito ruim, mas Eros não acho isso. Engraçado como o amor faz isso. Uma vez eu vi *minha*

namorada com o mais bonito caso de ninho de rato no cabelo e... Desculpa. Eu me distraí.)

Eros voltou para seu quarto tropeçando. Ele foi até a janela e falou para os céus:

— Lorde Zeus, ouça! Eu te fiz alguns favores ao longo dos anos. Agora eu preciso de um favor de você!

Enquanto isso, Psiquê encontrou seu caminho para o pé da montanha. Ela olhou para os penhascos verticais lisos e percebeu que sua amorosa sogra tinha mais uma vez deu-lhe uma missão que nenhum mortal poderia fazer. Viva!

Do topo das cachoeiras, quase um quilometro acima, quedas de água caíram, rugindo em uma voz que soou quase humano: *DÊ A VOLTA! NÃO PENSE NISSO! ESTA ÁGUA É TÃO FRIA QUE VOCÊ NEM MESMO VAI QUERER SABER!*

Afrodite não mentiu; Este lugar era uma das nascentes terrestre do Rio Estige, e isso era fatal para qualquer mortal. Apenas estar perto das cachoeiras encheu Psiquê com desespero. Talvez ela pudesse ter se forçado a encher o jarro do leito da cachoeira... Mas enche-lo do topo? Sem chance.

Afrodite pediu especificamente água do topo da cachoeira, e Psiquê não estava tentada a trapacear. Não porque ela podia ser pego, mas porque não era da sua natureza. (De novo, eu sei princípio estranho. Mas isso é um herói para você. Esses heróis são um monte de loucos.)

Enquanto ela olhava para as cachoeiras, um enorme pássaro saiu das nuvens. Psiquê percebeu que era uma águia dourada, o animal sagrado de Zeus.



A águia pousou em uma rocha próxima.

— E aí? — disse a águia.

— Hã, oi — disse Psiquê. — Você é de Zeus? Tenho certeza de que não consertei nenhum de seus santuários ultimamente.

— Relaxe — disse a águia. — Você tem um amigo poderoso que atraiu um favor do grandalhão. Eu admiro seu espírito, mas a menos que você tenha asas, você nunca conseguirá essa água sozinha. Me dê seu jarro.

A águia pegou o jarro e subiu até o topo da cachoeira. Ele encheu o jarro com água sobrenaturalmente gelada do Estige, direto da fonte e voou de volta para Psiquê.

— Prontinho — disse a águia. — Eu te daria uma carona de volta para o palácio, mas é melhor se Afrodite não me ver. Fique em paz.

A águia voou para longe.

Quando Psiquê retornou para a mesa de jantar de Afrodite com um jarro de água refrescante da morte, a deusa ficou chocada.

— Sem chance — disse Afrodite.

Ela lavou as mãos com a água, que é algo que só os deuses podem fazer sem muita dor. (Confie em mim.) Afrodite tentou encontrar algo errado com a água, mas ela não conseguiu. Ela sentiu que havia vindo do topo das cachoeiras, exatamente como havia pedido.

— O que é essa feitiçaria? — A deusa estreitou os olhos. — Como você passou em todos os meus testes, Psiquê?

— Ah... você sabe. Persistência. Vivendo honestamente. Posso ter meu marido de volta agora?

Psiquê imaginou que três testes eram suficientes. Quer dizer, esse é o acordo de costume, certo? *Faça estas três coisas. Responda estas três perguntas. Derrote essas três Górgonas. Coma estes três porquinhos.* Coisas importantes vêm em três.

Mas Afrodite não sabia disso. Ou talvez ela só quisesse tornar essa história mais difícil para os semideuses que poderiam estar tentando contar no futuro. (Obrigado.)

— Quarta missão! — gritou ela.
— O quê? — perguntou Psiquê. — Qual é!
— Faça isso por mim — disse a deusa — e você será uma esposa digna para meu filho. Ou, se você quiser desistir...
— Você é tão irritante — murmurou Psiquê.
— O que você disse?
— Eu disse que seria melhor ir — disse Psiquê. — Qual é a missão?

— Obviamente, a qualidade *mais* importante para uma esposa é a beleza — disse Afrodite, em sua maneira obviamente estúpida. — Eu tenho estado tão ocupado cuidando do meu filho ferido...

— Eros? — interrompeu Psiquê, porque ela não tinha ideia de que ele estava no palácio. — Ele está ferido? Ele está com problemas?

A deusa levantou uma sobrancelha.

— Graças a você. Aquela gota de óleo que você derramou no ombro dele está queimando sua essência, assim como sua traição! É quase como uma limerique.

Psiquê piscou.

— Eu acho que você quer dizer uma metáfora.

— Tanto faz.

— Eu preciso vê-lo! — insistiu Psiquê. — Eu devo ajudá-lo!

— Ah, *agora* você quer ajudá-lo. Eu sou a mãe dele e tenho isso sob controle, muito obrigada. Como eu estava dizendo, a qualidade mais importante para uma mulher é a beleza. Eu tenho estado tão ocupado cuidando do meu filho que acabei meu famoso creme de beleza mágico. Eu usei todo e preciso de um pouco mais.

— Espere... você tentou curar Eros com creme de beleza?

— Dã! — Afrodite revirou os olhos. — De qualquer forma, eu preciso de mais, mas está fora de estoque em *todas* as lojas, então eu preciso de um substituto adequado. A única deusa que tem cosméticos que eu posso usar sem que meu rosto se quebre é Perséfone.

— A rainha do Mundo Inferior? — Os joelhos de Psiquê tremeram. — Você... você quer que eu...

— Sim. — Afrodite saboreava o medo nos olhos de Psiquê.
— Vá até o Mundo Inferior e pergunte a Perséfone se eu posso pegar emprestado um pouco do seu creme de beleza. Você pode colocá-lo aqui.

A deusa estalou os dedos. Uma caixa de madeira rosa decorada com fios de ouro apareceu nas mãos de Psiquê.

— Última chance de desistir e ir para o exílio.

Psiquê fez o melhor que pôde para esconder sua miséria.

— Não. Eu prefiro morrer tentando reconquistar o amor de Eros do que desistir. Eu vou te dar seu creme de beleza.

— Certifique-se de que é o tipo sem cheiro — disse Afrodite. — Hipoalérgico. E depressa. Há uma nova peça no Monte Olimpo hoje à noite. Eu preciso me preparar.

Psiquê saiu do palácio em sua última missão.

Enquanto isso, Eros estava ouvindo atrás da porta novamente. Ele ainda estava fraco demais para fazer algo, mas não conseguia acreditar no quanto sua mãe estava sendo horrível. Ele *tinha* que ajudar Psiquê. Depois de tudo que ela passou tentando se desculpar com ele, tentando reconquistá-lo... Ele tinha sido um tolo. Ele deveria ter confrontado sua mãe em primeiro lugar e exigido o direito de se casar com a princesa mortal. Ele não podia deixar Psiquê enfrentar o último desafio sozinha.

Como ele não tinha força física, ele enviou seu espírito para o mundo, esperando encontrar pelo menos uma maneira de se comunicar com sua amada.

Psiquê vagou sem nenhum destino real em mente. Não é como se a entrada para o Mundo Inferior aparecesse no GPS. Finalmente, na beira de uma planície escura, ela se deparou com uma velha torre de vigia em ruínas e decidiu escalá-la. Talvez ela pudesse ver algo do topo.

De pé na beira do parapeito, ela se lembrou da espiral de rocha da qual Zéfiro a levou embora. Isso parecia que tinha sido há muito tempo atrás. (A menina também tem razão. Isso foi há algumas dezenas de páginas atrás ou algo assim.)

Psiquê pensou em como seria fácil cair para o nada e acabar com o seu sofrimento. Esse seria um caminho para o Mundo Inferior, provavelmente a única maneira que ela poderia conseguir. Mas ela teve seu bebê ainda não nascido para pensar. E ela não tinha chegado tão longe apenas para desistir. Além disso, sua última meia dúzia de tentativas de suicídio não funcionou tão bem.

— Não faça isso — disse uma voz, ecoando das pedras a seus pés. — Saltar de grandes alturas nunca é a resposta.

Psiquê recuou da borda.

— Olá? É... É a torre falando?

— Sim — disse a torre, ressoando como um gigantesco garfo de pedra. — Eu sou a torre.

Algo sobre a voz parecia familiar, mas...

O coração de Psiquê pulou de alegria.

— Eros? É você?

Um momento de silêncio.

— Não — disse a voz, agora em falsete. — Eu não conheço nenhum Eros. Apenas ouça... — A torre limpou a garganta (ou o que quer que as torres tenham em vez de gargantas. Escadas?).

Em um tom mais profundo, continuou:

— Vá em direção à cidade de Esparta e encontre o Monte Taenarus. Na base da montanha, você verá uma fissura vulcânica, é um respiradouro para o Mundo Inferior. Não será fácil, mas você pode descer até os domínios de Hades.

— Ah... tudo bem.

— Antes de descer, certifique-se de pegar dois bolos de arroz com sabor de mel e dois dracmas. Você pode pegar os bolos de arroz em Esparta, ou eu acho que há uma loja de conveniência perto da saída da Rodovia Quarenta e três.

— Hã, tudo bem. O que eu faço com essas coisas?

— Você saberá quando chegar a hora. Mas ouça, não deixe que nada o impeça até chegar a Perséfone. Minha mãe vai colocar todo tipo de obstáculos.

— Sua mãe?

Outra hesitação. A voz voltou ao falsete.

— Obviamente, as torres não têm mães. Eu quis dizer sua sogra, Afrodite.

Psiquê tinha certeza agora de que seu marido estava tentando ajudá-la. Ela o amava por isso. Até mesmo sua voz de falsete era meio fofa. Mas ela decidiu entrar no jogo.

— Eu estou escutando, ó Grande Torre, que de forma alguma se parece com meu maravilhoso marido.

— Ok, então — disse a voz. — Como eu estava dizendo, Afrodite criará obstáculos para testar sua determinação. Ela sabe que você é gentil e prestativa. Ela tentará usar isso contra você. Não importa quem lhe peça ajuda na sua jornada, não os ouça! Não pare!

— Obrigado, Torre. Se você fosse meu marido, Eros, o que é claro que você não é, eu diria que te amo profundamente e sinto muito. Além disso, como está o ombro?

— Dói muito — disse a torre. — Eu acho... — Em falsete: — Torres não têm ombros, tolinha.

A torre ficou em silêncio. Psiquê beijou o parapeito. Então ela começou sua jornada superdivertida para o Monte Taenarus e para o Mundo Inferior.

Podemos falar sobre isso por um segundo?

Muitos heróis viajaram para o Mundo Inferior. Eu vou falar sobre alguns deles mais tarde. A maioria eram caras com espadas e grandes egos. Caramba, *eu* viajei para o Mundo Inferior com uma espada e um grande ego.

Mas Psiquê fez a viagem com nada além de dois bolos de arroz e alguns de dracmas. E ela fez isso enquanto estava grávida de sete meses.

Eu a respeito.

Quando ela estava descendo as estreitas saliências dentro da fissura vulcânica, aconteceu de passar um condutor manco de burro.

(Não me olhe engraçado. É exatamente isso que as velhas histórias o chamavam: um condutor manco de burro. O cara

era manco, tipo aleijado. Ele estava andando de burro. O que você *acha* que eu quis dizer?)

De qualquer forma, Psiquê achou estranho ver um cara aleijado em um respiradouro vulcânico, apenas dando uma volta com o burro dele.

O cara a chamou:

— Olá, garota! Você parece amável e útil. Meu burro deixou cair um pouco de lenha. Você poderia me ajudar a reunir gravetos e colocá-los de volta no meu burro?

Mas Psiquê não respondeu ao cara. Ela lembrou-se do aviso de Eros e continuou subindo.

O condutor do burro desapareceu como uma miragem, o que foi um alívio para Psiquê.

Continuando...

Psiquê chegou no fundo do abismo e marchou através das escuras terras desoladas do Mundo Inferior até que ela chegou às margens do Rio Estige, um imenso rio preto sombrio envolto em névoa.

Na margem, o barqueiro Caronte estava carregando as almas dos mortos em sua balsa. Ele olhou para Psiquê.

— Viva, não é? Desculpa, querida. Muita burocracia necessária para você atravessar.

— Tenho uma moeda.

Psiquê tirou um de seus dracmas.

— Hmm.

Caronte amava dinheiro brilhante. Os mortos geralmente lhe davam moedas, elas eram enterradas em suas línguas. Quando Caronte as recolheu, as moedas estavamnojentas e enferrujadas e tinham cuspe de pessoa morta em cima delas.

— Certo, então. Vamos apenas manter esta viagem entre nós, ok?

Quando a balsa estava no meio do rio, Psiquê cometeu o erro de olhar para o lado. Das profundezas da água, um homem velho surgiu, batendo os braços.

— Ajude-me! — gritou ele. — Eu não sei nadar!

O coração gentil de Psiquê fez com que ela quisesse puxá-lo, mas ela achou que isso era outro teste.

Olhos no prêmio, disse ela a si mesma. *Eros precisa de mim.*

O velho fez alguns barulhos de gorgolejar e desapareceu na superfície, o que lhe serviu direito. Todo mundo deve saber que não se deve nadar no Rio Estige sem braçadeiras infláveis.

Do outro lado do rio, as paredes pretas de Érebo levantaram-se na tristeza. Psiquê desembarcou da balsa e imediatamente notou uma mulher idosa na praia, tecendo uma tapeçaria em um tear.

Isso é muito aleatório, pensou Psiquê. *Este deve ser outro teste.*

— Ah, por favor, querida — disse a mulher — me ajude a tecer apenas por um tempo. Meus dedos estão doloridos. Meus olhos estão cansados. Certamente você pode gastar um pouco de tempo com uma velha, não é?

Isso magoou Psiquê, porque a voz da mulher a lembrou de sua própria mãe, mas ela continuou andando.

— Bem, tudo bem! — gritou a velha. — Seja assim!

Ela desapareceu em um sopro de fumaça.

Finalmente, Psiquê atingiu as portas de ferro do Mundo Inferior, onde as almas dos mortos transmitido atravessavam como carros como em uma Autoestrada muito movimentada. Sentado no meio da porta de entrada estava o animal de estimação de Hades, o monstro de três cabeças Rottweiler chamado Cérbero.

Cérbero rosnou e partiu para atacar Psiquê, sabendo que ela era humana e faria uma refeição saborosa.

Uma refeição saborosa, pensou Psiquê. Quando ela era uma garotinha, no palácio, ela sempre esgueirava restos de comida da mesa para os cães. Eles a amavam por isso.

— Ei, garoto — disse ela, tentando esconder seu medo. — Quer um lanche?

As três cabeças de Cérbero se inclinaram para o lado. Ele gostava de lanches.

Psiquê jogou um de seus bolos de arroz de mel. Enquanto as três cabeças estavam lutando por ela, ela escorregou para dentro dos portões.

Andar através dos Campos de Asfódelos levou-lhe um tempo, com os fantasmas dos mortos, as Fúrias e a patrulha de fronteira zumbi, mas, finalmente, Psiquê chegou ao Palácio de Hades. Ela encontrou a deusa Perséfone em seu jardim, tomando chá em um gazebo em um bosque de árvores esqueléticas prateadas.

A deusa da primavera estava no “modo de inverno”. Seu vestido era cinza pálido e verde, a cor do gelo na grama. Seus olhos eram de ouro liquido como o sol de dezembro. Não pareceu surpreendida ver uma mortal grávida de sete meses andando em seu jardim.

— Por favor, sente-se — disse Perséfone. — Pegue um pouco de chá e bolinhos.

Chá e bolinhos soaram ótimo para Psiquê desde que ela tinha vivido de comer massa de pão velho, mas ela tinha ouvido muitas histórias sobre a comida do Mundo Inferior.

— Obrigado, mas não — disse ela. — Minha senhora Perséfone, eu tenho um pedido incomum. Espero que possa me ajudar. Afrodite pergunta se ela pode emprestado um pouco de seu creme de beleza.

Atrás de Perséfone, uma trilha de flores roxas murchou.

— O que você disse? — disse a deusa.

Psiquê explicou seu problema com Eros. Ela fez o seu melhor para não chorar, mas ela não conseguia disfarçar a dor em sua voz.

Perséfone avaliou essa mortal. A rainha ficou fascinada. Perséfone tinha tido seus próprios problemas no casamento. Ela tinha alguns problemas com Afrodite, também. Ela supôs que a deusa do amor tinha enviado Psiquê aqui, esperando Perséfone ficaria brava o suficiente para matá-la.

Bem... Perséfone não ia fazer o trabalho sujo de Afrodite para ela. Se a deusa do amor quisesse pegar emprestado alguma magia, Perséfone tinha a coisa certa.

— Abra a caixa — disse Perséfone.

A deusa soprou em sua própria mão. Luz se reuniu na palma da mão como mercúrio. Perséfone derramou a luz na caixa de madeira rosa e fechou a tampa.

— Prontinho — disse Perséfone. — Mas isso é importante, criança: *não* abra a caixa. O que está dentro é só para Afrodite. Você entendeu?

— Eu entendi — disse Psiquê. — Obrigado, minha senhora.

Psiquê sentiu-se muito feliz. Finalmente! Ela refez seus passos através do Mundo Inferior, usando seu segundo bolo de arroz para distrair Cérbero e seu segundo dracma para pagar Caronte para atravessá-la para o outro lado do rio. Ela subiu de volta para o mundo mortal e começou a longa jornada para o palácio de Afrodite.

Quando ela estava no meio do caminho, ela foi atingida por um pensamento súbito.

— O que estou fazendo? — disse Psiquê para si mesma. — Se isso funcionar, eu recuperar Eros, mas ele vai me *querer*? Eu pareço *horrível*. Estou exausto, tenho vivido de migalhas de pão, minhas roupas estão em trapos e eu não tomei banho há, tipo, sete meses. Eu tenho uma caixa cheia de beleza divina, e eu estou prestes a dar tudo a Afrodite, que nem sequer precisa dela. Eu deveria pegar um pouco para mim.

Tola? Talvez. Mas lhe dê uma folga. Psiquê estava em missões sem parar por meses. Ela era sem dormir e sem comer e provavelmente não estava pensando direito. Além disso, quanto mais perto você chegar ao fim de algo, mais você tende a ficar imprudente e cometer erros, porque você quer acabar com eles. (Ooops. Eu quero dizer *isso*.)

Também, e eu me arriscando aqui, eu acho que a defeito mortal de Psiquê era insegurança. Ela tinha muita coragem e muitas outras grandes qualidades, mas ela não confiava em si mesma. Ela não acreditava que alguém como Eros poderia amá-la por quem ela era. Foi assim que as irmãs conseguiram manipulá-la. É por isso que ela abriu a caixa de beleza.

Infelizmente, Perséfone não tinha colocado nenhuma mágica de beleza na caixa. Ela encheu-o com puro sono estígio, a essência do Mundo Inferior. Perséfone tinha feito isso para Afrodite como um pequeno agradecimento por envolver Perséfone em seus problemas.

Eu não tenho certeza do que o material teria feito a uma deusa como Afrodite; talvez a colocado em coma, ou deixado seu rosto dormente para que ela falasse engraçado por algumas semanas. Mas quando Psiquê abriu a caixa o sono estígio encheu seus pulmões e a fez desmaiar instantaneamente.

Sua essência de vida começou a diminuir.

Voltando ao palácio de Afrodite, o ombro de Eros começou a pulsar como se alguém estivesse enfiando nele uma faca quente. Ele sabia que algo estava errado com sua esposa. Apesar da dor, ele levantou-se de sua cama e descobriu que algumas de suas antigas forças haviam voltado. Sua alma tinha começado a curar depois que ele tinha falado com Psiquê na torre. Ele abriu suas asas, jogou-se da janela e voou para o lado de Psiquê.

Ele embalou sua forma inconsciente em seus braços.

— Não, não, não, não. Ah, minha amada, o que você fez?

Ele a pegou e voou direto para o Monte Olimpo. Ele entrou na sala do trono de Zeus, onde todos os deuses estavam se reunindo para ver a nova peça que Apolo havia escrito intitulado *Vinte coisas incríveis sobre mim*. (Não a procure na Broadway. Foi cancelada após a noite de abertura.)

— Senhor Zeus! — gritou Eros. — Eu exijo justiça!

A maioria dos deuses sabia que não deviam invadir e exigir coisas de Zeus. Especialmente justiça. Não que fosse algo que acontecesse muito.

No entanto, mesmo o rei do Olimpo estava um pouco assustado com Eros, então Zeus fez sinal para Eros ir a frente.

— Por que você trouxe esta mortal para nosso meio? — perguntou Zeus. — Ela é meio gata, eu te garanto, mas ela

também está muito grávida e parece que ela está morrendo.

Naquele momento, Afrodite chegou para a peça. Ela se teletransporte na sala do trono esperando que todos a elogiem em seu novo vestido, apenas para encontrar todos os deuses focados em Eros e Psiquê.

Ah, meus deuses, pensou Afrodite. Não acredito nisto. Mesmo fedorenta e inconsciente, essa menina ainda recebe toda a atenção!

— O que está acontecendo? — perguntou a deusa. — Aquela garota é *minha* para torturar.

— Relaxe, Afrodite. — Zeus assentiu para Eros. — Fala, deus do amor. Qual é a problema?

Eros contou aos deuses toda a história. Até os olímpianos estavam comovidos pela bravura de Psiquê. Sim, ela cometeu alguns erros. Ela olhou para a verdadeira forma de Eros. Ela abriu uma caixa destinada a Afrodite. Mas ela também demonstrou fidelidade e determinação. O mais importante, ela mostrou respeito adequado pelos deuses.

— Ridículo! — gritou Afrodite. — Ela nem sequer completar sua última missão! Essa caixa não estava cheia de creme de beleza hipoalergênico!

Eros fez uma careta.

— Ela é minha esposa. Você precisa aceitar isso, mãe. Eu amo e não permitirei que ela morra.

Zeus coçou a barba.

— Quero ajudar, Eros. Mas ela está muito afetada pelo sono estígio. Eu não tenho certeza se eu posso trazê-la de volta para o seu velho eu.

Hera deu um passo à frente.

— Então faça dela uma deusa. Psiquê ganhou isso. Se ela vai ser a esposa de Eros, é mais adequado.

— Sim — concordou Deméter. — Faça dela uma deusa. E eu não espero nenhum favor de Eros, mesmo que tenha sido totalmente minha ideia.

— E minha ideia — acrescentou Hera.

Afrodite protestou, mas ela poderia dizer que o Conselho Olímpico estava contra ela. Ela relutantemente deu sua autorização. A decisão foi unânime.

Quando Psiquê abriu os olhos, poder recém-descoberto percorreu pelo seu corpo. Icor divino percorreu através de suas veias. Ela se viu vestida com vestes cintilantes de teias de aranha, e ela tinha asas como uma borboleta (que era um pouco estranho, mas tanto faz). Ela abraçou seu marido, Eros, que estava agora totalmente curado e mais feliz do que ele jamais esteve.

— Meu amor — disse ele. — Minha esposa para a eternidade!

— Eu ainda sou a que manda? — perguntou ela.

Eros riu.

— Você é definitivamente quem manda.

Eles beijaram-se e fizeram as pazes, e Psiquê tornou-se a deusa da alma humana, aquela que cuida de nós quando precisamos de um pouco de força e entendimento, porque ela entende o sofrimento humano melhor do que qualquer outro deus.

Ela deu à luz a sua filha, Hedonê, que se tornou a deusa do prazer. Você tem que admitir, depois de toda Psiquê passou, ela merecia um pouco de prazer.

Pronto. Fim.

Uau... eu havia prometido a vocês toda essa coisa de morte e sofrimento, e eu dei dois finais felizes seguidos. O que está acontecendo?

Que tal nos mudarmos para um acidente de carro de um semideus: um garoto que caiu e queimou e destruiu metade do mundo. Vamos visitar Faetonte. Ele vai restaurar a sua falta de fé!

FAETONTE É REPROVADO NA AUTOESCOLA



ESSE CARA FOI AMALDIÇOADO ASSIM QUE SEUS PAIS O NOMEARAM.

Quero dizer, *Faetonte*? No grego antigo, isso significa *O Iluminado*. Seu pai era o deus do sol, então eu acho que faz sentido. Ainda assim, qualquer criança com o nome de um filme antigo com Jack Nicholson como um psicopata assassino que usa um machado, o garoto não vai ter uma vida feliz.

Sua mãe, Clímene, era uma ninfa de água que vivia entre os humanos. Ela tinha uma casa nas margens do Rio Nilo, perto do Egito. Ela deve ter sido super bonita, porque Hélios, o titã do sol, se apaixonou por ela, e ele praticamente tinha como escolher suas mulheres.

Hélios passou todos os dias cruzando o céu em sua carruagem de sol com imã de gatas, olhando para todas as *chiquitas* bonitas. Depois do pôr do sol, ele pôs a roupa de

discoteca e arrasava nas discotecas. As garotas não resistiram à sua boa aparência de titã, ao seu poder, à sua fama.

— Você parece tão familiar — diziam as mulheres. — Você está na TV?

— Eu dirijo o sol — dizia Hélios. — A grande bola de fogo no céu?

— Ah, meus deuses! É onde eu vi você!

Quando ele conheceu Clímene, Hélios se acalmou e se tornou um homem de uma ninfa. (Pelo menos por um tempo. Os deuses não fazem o tipo Até que a morte nos separe. Eles tiveram sete filhas juntas, e eu não sei se eram todas gêmeas ou de idades diferentes ou sei lá o que, mas *caramba*, isso é um monte de filhas. Ninguém conseguia lembrar seus nomes, então eles eram apenas chamados de *Helíades*, ou seja, as *filhas de Hélios*. Eles tinham jaquetas de lantejoulas combinando, como uma equipe de ginástica, e tal.

Finalmente, Hélios e Clímene tiveram um filho, Faetonte. Nenhuma surpresa: porque ele era um bebê e o único garoto, ele tinha toda a atenção.

Quando Faetonte tinha idade suficiente para lembrar de algo, Hélios estava fora de cena. Algo do tipo: *bem, Clímene, foi bom ter oito filhos com você. Divirta-se com eles! Vou voltar a dirigir meu imã de gatas.*

Isso resume um deus, caso você não saiba.

Ainda assim, Faetonte adorava ouvir as histórias de sua mãe sobre Hélios. Clímene sempre disse a Faetonte que ele era mais especial do que qualquer outro garoto, porque seu pai era um imortal.

— Olha, Faetonte! — disse uma manhã, quando ele tinha cerca de três anos. — Ali está o seu pai, o deus do sol!

— Deus do anzol?

— Deus do *sol*, querido. Ele está dirigindo sua carruagem cruzando o céu! Não, não olhe diretamente para ele. Você vai queimar suas retinas.

Suas irmãs podiam ter ciúmes de seu irmãozinho, mas não podiam deixar de gostar dele. Ele era muito fofo, a maneira que ele pulava pela casa gritando: “Sou o deus do anzol! Sou o deus do anzol!” Ele adorava fazer coisas perigosas, como correr com facas, grudar moedas em tomadas elétricas e dirigir seu triciclo acima do limite de velocidade.

As sete Helíades rapidamente aprenderam a cuidar dele. Na verdade, as pessoas da cidade começaram a chamar as sete de Hélicópteros, porque eles estavam sempre pairando em torno de Faetonte. O garoto cresceu com oito mulheres o amando até demais, isso pode tornar um cara arrogante.

Ao crescer, Faetonte ficou obcecado com corridas de carruagem. Porque? O pai dele tinha a melhor carruagem que existia, dã. Infelizmente, a mãe dele não permitiria que ele corresse. Ela era completamente louca sobre os perigos do esporte. Sempre que ele ia apenas *assistir* a uma corrida de carruagem, ela o fazia usar um capacete de segurança, porque você nunca soube quando um desses condutores pode perder o controle e bater na multidão.

Quando ele tinha dezesseis anos, Faetonte estava *realmente* frustrado com sua mãe superprotetora e suas sete irmãs helicóptero. Ele estava determinado conseguir sua própria carruagem.

Um dia depois da escola, ele foi até a pista. Um príncipe local, esse cara chamado Épafo, estava mostrando seu novo transporte, um Zephyr Quinta Geração com rodas de bronze, suspensão hidráulica e luzes sequenciadoras sobre os dos cavalos, o pacote completo. Uma multidão havia se reunido ao redor torno dele. Todos os caras estavam tipo: *Uau!* e todas as garotas estavam tipo: *Você é tão incrível!*

— Não é grande coisa — disse Épafo a seus admiradores.
— Sua Majestade, que seria o meu *pai*, ele praticamente me dá o que eu quiser.

Talvez você conheça alguns príncipes, ou caras que *pensam* que são príncipes. Eles normalmente são idiotas.

Por dentro, Faetonte fervia de ciúmes e raiva, porque ele sabia que a carruagem de Épafo custou mais do que a maioria das pessoas faria em uma vida. E em poucas semanas o príncipe se entediaria de seu novo brinquedo, e acabaria reunindo poeira na garagem real.

Épafo deixou suas fâs se revezarem segurando as rédeas, dando cenouras para seus cavalos, ou acionando as lâminas retráteis sobre as rodas.

— É a melhor carruagem do mundo — disse ele indiferentemente. — Ninguém tem uma melhor. Mas tanto faz.

Faetonte não aguentava mais. Ele gritou sobre a multidão:
— É lixo!

A multidão ficou em silêncio.

— Quem disse isso? — perguntou o príncipe.

Todo mundo virou e apontou para Faetonte, como se dissessem: *Foi bom conhecê-lo, cara.*

Faetonte deu um passo à frente. Ele manteve sua cabeça levantada, apesar do fato de que ele estava vestindo um capacete de segurança com adesivos que refletiam.

— Você chama isso de melhor carruagem do mundo? É um pedaço de lixo comparado com a carruagem do meu pai.

Épafo levantou uma sobrancelha.

— Você é *Faetonte*, não é? Aquele com as sete babás bonitas... Quero dizer, irmãs. Você vive naquela, hã, simples casa no rio.

Os espectadores riram. Faetonte era bonito e razoavelmente esperto, mas não era popular. Ele tinha a reputação de ser arrogante. Além disso, ele não fez muitos amigos na escola, porque sua mãe não o deixava participar de esportes; pelo menos não sem um capacete, equipamento de proteção, um colete salva-vidas, um kit de primeiros socorros e uma garrafa de água.

Faetonte manteve os olhos no príncipe.

— Épafo, seu pai pode ser o rei, mas meu pai é Hélios, o deus do sol. Sua carruagem iria transformar a sua em uma

pilha de cinzas.

Ele falou com tanta confiança de que a multidão recuou. O Faetonte *parecia* um semideus. Ele era alto e musculoso, com a postura de um condutor. Sua pele de bronze, cabelo escuro encaracolado e rosto majestoso o faziam parecer possível que ele estava dizendo a verdade... Sua raiva até mesmo fazia seus olhos brilhar com fogo interno, ou era um truque de luz?

Épafo apenas riu.

— Você... um filho de Hélios. Diga-me, onde está o seu pai?

Faetonte apontou para o céu.

— Lá em cima, é claro. Dirigindo sua carruagem.

— E ele volta para casa para a sua cabana no rio todas as noites?

— Bem, não...

— Quantas vezes você o viu?

— Eu nunca realmente o vi, mas...

— Então, como você sabe que ele é seu pai?

— Minha mãe me disse!

A multidão começou a rir novamente.

— Ah, meus deuses — disse uma das meninas.

— *Tão patético* — disse outro.

Épafo passou as mãos ao longo do bronze detalhado em sua carruagem.

— Sua mãe... a mesma mulher que faz você usar esse capacete estúpido em todos os lugares?

O rosto de Faetonte ficou vermelho.

— Concussões são coisas sérias — murmurou ele, embora sua confiança estivesse vacilante.

— Já lhe ocorreu — disse o Príncipe — que sua mãe está mentindo? Ela está tentando fazer você se sentir melhor, porque você é um ninguém e inútil.

— Isso não é verdade!

— Se seu pai é Hélios, prove. Peça-o para vir aqui.

Faetonte olhou para o sol (que você nunca deve fazer sem proteção ocular adequada, como a mãe de Faetonte lhe

tinha dito um milhão de vezes). Silenciosamente, ele orou a seu pai por um sinal.

— Vamos lá — encorajou-o Épafo. — Faça o sol ziguezaguear para nós. Faça o dar mortais! Minha carruagem pode fazer manobras a 100 km/h, e a buzina toca “La Cucaracha”. Certamente o sol pode fazer melhor do que isso!

A multidão gritou de animação.

Por favor, pai, implorou Faetonte, *me ajude aqui.*

Por um segundo, ele pensou que o sol poderia estar ficando um pouco mais brilhante... Mas não. Nada.

Faetonte fugiu envergonhado.

— Isso mesmo, menino iluminado! — gritou o príncipe. — Corra para casa para sua mãezinha e suas irmãs. Eles provavelmente estão com seu babador e papinha pronta!

Quando Faetonte chegou em casa, ele bateu a porta do seu quarto. Ele ligou a música muito alto e jogou seus livros escolares contra a parede um por um. (Ok, eu estou tentando adivinhar o que ele fez, mas quando *eu* estou de mau humor, nada me faz sentir tão bem quanto transformar o *Divertimento com equações algébricas* em um frisbee.)

As sete irmãs de Faetonte se reuniram fora de sua porta, perguntando-lhe o que tinha acontecido. Quando ele não respondeu, eles correram para chamar sua mãe.

Finalmente, Clímene fez Faetonte sair. Ele contou o que tinha acontecido com o príncipe Épafo.

— Ah, querido — disse Clímene — eu gostaria que você usasse protetor solar quando vai para a pista de corrida.

— Mãe, você não está entendendo!

— Desculpe, querido. Gostaria de um sanduíche de queijo grelhado? Isso sempre faz você se sentir melhor.

— Não quero um sanduíche de queijo grelhado! Eu quero alguma prova de que meu pai é Hélios!

Clímene segurou suas mãos. Ela sempre suspeitava que este dia viria. Ela tinha feito o seu melhor para manter seu

filho seguro, mas avisos e equipamentos de proteção não ajudariam tanto. Mais cedo ou mais tarde, problemas sempre encontra um semideus. (Confie em mim.)

Ela decidiu tentar uma última coisa para o acalmar.

— Venha comigo. — disse ela.

Ela levou Faetonte lá fora. No meio da rua, Clímene levantou os braços para o sol da tarde afundando-se atrás das palmeiras.

— Ouça-me, ó deuses! — gritou ela. — Meu filho Faetonte é o filho de Hélios, Senhor do Sol!

— Mãe — murmurou Faetonte — você está me envergonhando.

— Se o que eu digo é uma mentira — continuou gritando Clímene. — Deixe Hélios me incinere com um raio de fogo!

Não aconteceu nada. Teria sido um pouco legal se Hélios reagisse de uma forma ou de outra, mas os deuses não gostam de ser dito o que fazer, mesmo que seja algo divertido como incinerar pessoas com raios de fogo.

Clímene sorriu.

— Está vendo, meu filho? Eu ainda estou viva.

— Isso não é uma grande prova — murmurou Faetonte. — Quero *conhecer* meu pai. Eu quero ouvir a verdade dele!

O coração de Clímene sentiu-se perto de quebrar. Ela percebeu que era hora de deixar seu filho escolher seu próprio caminho, mas ela não queria. Ela queria embrulhá-lo em cobertores e guardá-lo em segurança para sempre em uma caixa de isopor.

— Ah, Faetonte... Por favor, não faça isso. É uma viagem perigosa para o Palácio de Hélios.

— Então você sabe o caminho! Diga-me!

Clímene suspirou.

— Se você deve ir, caminhe para o leste para o horizonte. No final da terceira noite, você chegará ao palácio do sol. Só viaje à noite, não durante o dia.

— Porque durante o dia meu pai está dirigindo sua carruagem pelo o céu. Ele só está em casa à noite.

— Isso — disse Clímene. — Além disso, é muito quente durante o dia. Você ficará desidratado.

— Mãe!

— Só tenha cuidado, querido. Não faça nada precipitado!

Faetonte tinha ouvido avisos como este um milhão de vezes, então apenas tirou seu capacete de segurança.

— Obrigado, mãe! — Ele deu um beijo de despedida.

Então ele abraçou cada uma de suas sete irmãs, que choraram ao vê-lo sair sozinho sem suas vacinas, purificadores de água ou mesmo rodinhas de apoio.

Assim que ele estava fora de vista, Faetonte jogou fora seu capacete de segurança. Então ele se aventurou a encontrar o palácio do sol, onde ele tinha certeza de que iria ganhar fama e glória.

Fama, sim Glória? Não muito.

Por três noites ele caminhou para o leste do Rio Nilo. Agora, se a maioria das pessoas fizesse isso, eles correram para o Mar Vermelho e para um monte de parques aquáticos chiques. Faetonte, sendo o filho de Hélios, conseguiu encontrar o palácio mágico de seu pai na beira do horizonte, onde todos os dias Hélios iniciava seu cruzeiro para gatas, quero dizer, sua gloriosa ascensão ao céu.

Faetonte chegou às três da manhã. Mesmo na escuridão antes do amanhecer, ele teve que colocar seus óculos de sol para lidar com a luz brilhante do palácio. Os parapeitos brilhavam como ouro derretido. Chamas rodeavam as colunas de bronze celestial que cobriam a fachada. Gravados nos portões de prata, criado pelo próprio Hefesto, havia cenas da vida mortal que se moviam como imagens de vídeo.

Quando Faetonte se aproximou, as portas se abriram. Dentro havia uma sala de audiências do tamanho de uma arena esportiva. Vários deuses menores, os assistentes da corte de Hélios, misturavam-se enquanto esperavam para começar suas tarefas diárias. As três Horas, as deusas das

estações, tomavam café e comiam tacos no café da manhã. Uma mulher de vestes azuis e douradas cintilantes, Hemera, a deusa do dia, conversava com uma linda garota alada em um vestido rosa. Faetonte imaginou que ela deveria ser Éos, a deusa da aurora de dedos rosados, porque ela tinha as mãos mais vermelhas que ele já tinha visto. Ou isso, ou ela estava pintando com sangue, e nesse caso Faetonte não queria saber.

Em outro canto, havia uma multidão de caras de macacão azul combinando com diferentes horários pintados nas costas; 12:00, 01:00, 16:00; e as palavras LIMPADOR DE HIDROMASSAGENS. Faetonte imaginou que eles eram os deuses das horas.

Sim, cada hora do dia tinha um deus menor. Você pode imaginar ser o deus das duas da tarde? Todos os alunos te odiariam. Eles ficariam tipo: *Por favor, pode ser três e meia? Eu quero ir para casa!*

No centro da sala, o titã Hélio estava sentado em um trono construído inteiramente de esmeraldas. (Não, ele não era muito chamativo. O cara provavelmente tinha um banheiro feito de diamantes também. Você ficaria cego toda vez que você o lavasse.)

Suas vestes roxas mostravam seu bronzeado. Uma coroa de louros dourados em seu cabelo escuro. Ele sorriu calorosamente (bem, ele era o sol; ele fazia tudo calorosamente), o que ajudou a compensar a bizarrice que eram seus olhos. Suas pupilas brilhavam como luzes de fornos industriais.

— Faetonte! — chamou ele. — Bem-vindo, meu filho!

Meu filho. Essas duas palavras fizeram a vida inteira de Faetonte. O orgulho o enchia de calor, ou talvez ele estivesse apenas com febre por conta da sala do trono, onde o termostato estava ajustado para, digamos, cinquenta graus Celsius.

— Então é verdade? — perguntou ele em voz baixa. — Eu sou seu filho?

— Claro que você é! — disse Hélios. — Venha aqui. Deixe-me olhar para você!

Faetonte se aproximou do trono. Os outros deuses se reuniram, sussurrando comentários como: *Ele tem o nariz do pai. Boa postura. Jovem bonito. Que pena que ele não tem olhos flamejantes.*

Faetonte sentiu-se tonto. Ele se perguntou se ir lá era uma boa ideia. Então ele se lembrou de Épafo zombando dele, duvidando de sua paternidade. *Príncipe estúpido com sua carruagem idiota.*

A ira de Faetonte lhe deu coragem renovada. Ele era um semideus. Ele tinha todo o direito de estar aqui. Ele se endireitou e olhou direto para os olhos ardentes do pai.

Hélios olhou para seu filho.

— Você se tornou um bom rapaz. Você merece o nome *O Iluminado*. E com isso quero dizer que você é jovem, forte e bonito, não que você esteja associado de alguma forma com aquele filme do psicopata assassino.

— Hã, obrigada...

— Então, meu filho — disse o deus — por que você veio me ver?

Uma gota de suor escorreu pela bochecha de Faetonte. Ele ficou tentado a responder, *Porque você nunca vem me ver, seu idiota*, mas ele pensou que não iria muito bem.

— Pai, tenho orgulho de ser seu filho — disse Faetonte. — Mas em meu lar ninguém acredita em mim. Eles riem de mim. Eles alegam que estou mentindo.

Hélios fez uma careta.

— Por que eles não acreditam em você? Eles não perceberam que eu não incinerei sua mãe quando ela fez aquele juramento?

— Eu não acho que isso convenceu ninguém.

— Eles não sabem que seu nome significa *O Iluminado*?

— Eles não se importam.

— Mortais! Não há como agradá-los.

Hélios começou a pensar. Ele odiava a ideia de seu filho ser provocado na pista de corridas. Ele queria ajudar Faetonte,

mas ele não sabia como. Ele deveria ter escolhido algo fácil, como um autografo ou uma foto de pai e filho no Instagram. Talvez ele pudesse colocar uma faixa atrás da carruagem do sol: FAETONTE É MEU FILHO. LIDE COM ISSO.

Em vez disso, Hélios fez algo precipitado.

— Para provar que sou seu pai — disse o deus — peça-me um favor, qualquer coisa, e eu o concederei.

Os olhos de Faetonte se iluminaram (não literalmente, como o de seu pai, mas quase tão brilhante).

— Mesmo? Você realmente quer dizer isso?

Hélios riu. *Essas crianças de hoje...* Ele imaginou que Faetonte iria pedir a ele uma espada mágica ou ingressos para uma corrida de carros ou algo assim.

— Eu juro pelo Rio Estige.

Lá está outra vez, aquela promessa que você nunca deveria fazer, e quais deuses e heróis sempre pareciam deixar escapar no pior momento possível.

Mas eu entendo porque Hélios fez isso. Como muitos pais divinos (e pais mortais também), ele se sentia culpado por não passar tempo suficiente com seus filhos. Ele tentou compensar com um presente caro, neste caso, uma promessa estúpida.

Faetonte não hesitou. Desde que ele era um garotinho, ele queria apenas uma coisa. Ele sonhou com isso toda a sua vida.

— Eu quero dirigir a carruagem do sol amanhã! — anunciou ele. — Por um dia, completamente sozinho!

Um ruído de arranhão encheu a sala do trono enquanto todos os deuses viravam no pescoço deles como se quisessem: *O que você disse?*

O queixo divino de Hélios caiu. Sua bunda divina se sentiu desconfortável em seu trono de esmeralda.

— Opa, opa, opa. — Ele tentou rir, mas parecia mais alguém sufocando até a morte. — Garoto, não vamos ficar malucos aqui. Escolha outra coisa. Sério, essa é a *única* coisa que eu não posso te dar.

— Você prometeu *qualquer coisa* — disse Faetonte. — Você não disse um limite.

— O limite estava implícito! Qual é, garoto. A carruagem do sol? É muito perigos! Que tal um belo conjunto de carruagens em miniatura?

— Pai, eu tenho dezesseis anos.

— Uma carruagem de *verdade*, então! Eu vou te dar um que é muito melhor do que todas as outras crianças. O Zephyr Quinta Geração tem rodas de bronze e...

— Pai! — disse Faetonte. — Você honrará sua promessa ou não?

Hélio sentiu-se preso, pior do que da vez que ele quebrou uma roda às quatro horas e ficou preso esperando na oficina no meio do céu da tarde.

— Faetonte, tudo bem, eu prometi. Não voltar atrás. Mas posso tentar convencê-lo. É uma péssima ideia. Se houvesse um deus de ideias ruins, ele pintaria “deixar um mortal dirigir a carruagem do sol” em seu escudo, porque é a pior ideia de todas.

A animação de Faetonte não vacilou. Por dezesseis anos, sua mãe e suas irmãs estavam dizendo a ele que tudo o que ele queria fazer era uma má ideia; que era muito perigoso, muito arriscado. Ele não ia ser convencido agora.

— Deixe-me dirigir a carruagem sol — disse ele. — É a única coisa que eu sempre quis. É o meu sonho!

— Mas, meu filho... — Hélio olhou para seus assistentes da corte em busca de ajuda, mas eles estavam todos de repente muito interessado em seus tacos de café da manhã. — *Ninguém* pode lidar com o calor da carruagem, exceto eu. Mesmo Zeus não consegue, e ele é o mais poderoso de todos os deuses. Meus quatro cavalos são quase impossíveis de controlar. Então há o caminho. No começo você sobe direto, como a montanha-russa mais louca de todas. No topo, você está tão alto, você está tocando os céus; e todos aqueles monstros estelares das constelações pode atacá-lo! Então há a descida, que é a mais

aterrorizante e super horrível onda de adrenalina... Eu não estou convencendo você, estou?

— Parece incrível! — disse Faetonte. — Quando posso começar?

— Deixe-me conduzi-lo em seu lugar. Você pode ir como carona e acenar e jogar doces.

— Não, pai.

— Deixe-me treiná-lo por alguns meses antes de tomar conduzir. Ou alguns séculos. Ir amanhã, isso é loucura.

— Não.

Hélio soltou um suspiro.

— Você está partindo meu coração, garoto. Tudo bem. Vamos lá.

A garagem do sol não era uma daquelas garagens cheias de caixas, mobília quebrada e decorações velhas de Natal. O piso de mármore era impecavelmente limpo. Os estábulos dos cavalos foram recentemente lavados. A equipe de mecânicos dos deuses da hora corria em seus uniformes de Limpadores de Hidromassagem, polindo a carruagem, aspirar o interior e colocando os cavalos flamejantes do tamanho de elefantes na carruagem.

As rodas da carruagem eram duas vezes maiores que Faetonte. O eixo e os aros eram de ouro maciço com detalhes prateados e freios Maserati. Os lados da carruagem eram embutidos com metais hefestianos, exibindo imagens fluidas do Monte Olimpo em vários tons de ouro, prata e bronze. O interior de couro escuro tinha um sistema de som totalmente personalizado, suportes para bebidas de vinte-quatro-quilates e um aromatizante em formato de pinheiro pendurado no espelho retrovisor.

Faetonte estava ansioso para subir a bordo, mas quando ele agarrou os trilhos o metal o queimou como um fogão.

— Pegue. — O pai dele tirou uma garrafa que parecia ser protetor solar. — Deixe-me colocar isso em você para que você não explodir em chamas.

Faetonte se contorcia impacientemente enquanto Hélio aplicou loção mágica em seu rosto e braços. Ele tinha que passar por isso quando era pequeno. Enquanto todas as outras crianças estavam brincando nas margens do Nilo, sua mãe o lambuzava e lhe dava palestras estúpidas sobre os perigos de insolação ou crocodilos ou algo assim. Tão irritante!

— Pronto — disse Hélio. — Isso deve impedir a morte instantânea. Quando as rodas começam girar, a temperatura da carruagem sobe para aproximadamente cento e cinquenta graus Celsius, e isso é dentro, com o ar condicionado no máximo.

— Não pode ser *tão* quente — disse Faetonte, embora suas palmas estivessem cobertas com bolhas.

— Ouça, garoto, não temos muito tempo antes do amanhecer. Vou tentar lhe dar algumas dicas para salvar sua vida.

— Uau! — Faetonte subiu na carruagem e correu para o painel. — Você tem Bluetooth embutido?

— Faetonte, por favor!

Hélio saltou ao lado dele, bem a tempo de impedi-lo de acionar os propulsores de foguetes.

— Não toque nos botões! E, o que quer que você faça, não chicoteie os cavalos para irem mais rápido.

— Há um chicote? Que legal!

Faetonte agarrou o chicote de seu coldre. Ele sacudiu o chicote de ouro e labaredas de fogo ondularam no ar.

— Não use! — implorou Hélio. — Os cavalos vão rápido o suficiente. A propósito, seus nomes são Fogueira, Aurora, Chama e Labareda. *Não* os chame de Trovão, Relâmpago, Cometa e Cupido. Eles odeiam isso.

— Por quê?

— Deixa pra lá. Se você tiver que atrasá-los, use as rédeas. Mantenha uma mão firme, ou eles saberão que você é inexperiente. Eles vão começar a se comportar mal.

— Ah, deixa disso — disse Faetonte. — Estes cavalos parecem adoráveis.

Os garanhões sacudiram suas crinas flamejantes. Eles exalaram nuvens de cinzas vulcânicas e bateram seus cascos, chamuscando o piso de mármore.

— Hã, claro — disse Hélios. — O mais importante, fique no *meio* do céu. Quando você estiver lá em cima, você vai ver os meus rastros, tipo de como rastros de nuvens de derrapagem. Siga-os. Os cavalos sabem o caminho. Não vá muito alto ou você vai incendiar os céus. Não vá muito baixo ou você vai destruir a terra.

— Entendi.

— Não vá muito para o norte ou para o sul. *No meio do céu*. Contanto que você faça isso, e não faça nada estúpido, há uma pequena chance de você sair vivo.

Para Faetonte, tudo isso foi o habitual blá, blá, blá. Sua mãe e suas irmãs o deram sermão desde o início dos tempos. Tudo o que ele conseguia pensar era naquele incrível chicote de fogo, naqueles fantásticos cavalos fumegantes e como épico ele pareceria dirigindo esta carruagem dourado no céu da manhã.

O toque do alarme foi desligado no smartphone de Hélios: “Here Comes the Sun”. Ele subiu na carruagem.

A deusa Aurora, Éos, correu para a garagem. Ela apertou um botão na parede e a porta da garagem abriu. Um holofote ligou, iluminando o céu da manhã. Éos colocou suas mãos cor de rosa sobre a luz e começou a fazer desenhos de sombra. Faetonte nunca tinha percebido que o nascer do sol era um show tão estranho.

— Última chance — implorou Hélios a seu filho. — Por favor, não faça isso.

— Vou ficar bem, pai! Caramba! Vou trazer sua carruagem de volta, sem um único arranhão.

— Sem música alta. E mantenha as mãos nas rédeas. E se você tem que estacionar...

— Até mais, pai! Obrigado! — Faetonte sacudiu as rédeas. — Vamos!

Os cavalos correram para a frente, puxando Faetonte e o carruagem para o céu como Hélios gritou depois dele.

— Os papéis do seguro estão no porta-luvas!

O passeio foi ainda mais impressionante do que Faetonte tinha imaginado.

Ele gritou e gritou e fez sua dança da felicidade quando a carruagem disparou para cima a um bilhão de quilômetros por hora.

— É ISSO AÍ! — gritou ele. — Quem é o sol? Eu sou o sol!

Os cavalos já estavam enlouquecendo. Fogueira, Aurora, Chama e Labareda não apreciaram o quão levemente Faetonte segurava suas rédeas. Eles também não eram grandes fãs de sua dança da felicidade. Eles correram duas vezes a sua velocidade normal, mas, já que eles estavam subindo em linha reta para cima e desde Faetonte nunca tinha conduzido a carruagem antes, ele não percebeu que algo estava errado.

Mas as pessoas na terra devem ter notado. Eles acordaram às seis da manhã, vinte minutos depois, era hora do almoço.

A carruagem estabilizou na parte superior do céu. A emoção de Faetonte também começou a estabilizar. Ele olhou para todos os botões do painel que ele não deveria apertar. Ele manteve uma mão nas rédeas e vasculhou os CDs de seu pai, procurando por alguma música que não fosse chata, mas a seleção era um caso perdido: “Good Day, Sunshine”, “Walking on Sunshine”, “You Are the Sunshine of My Life” e outras milhares de músicas antigas relacionadas ao sol.

Faetonte tentou se concentrar no rastro fumacento das marcas de roda no céu, seguindo-os a maneira como seu pai tinha dito a ele; mas isso ficou entediante depois de, tipo, cinco minutos. Além disso, mesmo com o ar condicionado no máximo, mesmo com seu protetor solar mágico, a carruagem era *quente*. Logo Faetonte sentiu-se suado e irritado e inquieto.

— Estou entediado — disse Faetonte. — Isso é chato.

Isso pode soar inacreditável, mas eu posso entender. A maioria dos semideuses tem TDAH. Não importa o quão impressionante ou aterrorizante é uma experiência, depois de alguns minutos estamos prontos para fazer outra coisa. Mesmo assim... quando você está dirigindo uma carruagem flamejante mortal através da estratosfera, dizendo “Estou entediado” pode ser desafiar o destino apenas um pouquinho.

Faetonte olhou para a terra muito abaixo. A vista era assustadoramente incrível. Ele nunca tinha estado tão alto. Nenhum mortal tinha, já que isso era antes de aviões e etc. Ele tinha certeza que ele poderia fazer dividir o Rio Nilo. Sua cidade natal estaria no meio, bem ali.

— Ei, Épafo! — gritou ele. — Você gosta *desta* carruagem?

Mas é claro que Épafo não conseguia ouvi-lo. Ninguém em seu lar saberia que Faetonte estava dirigindo o sol. Em poucos dias, após a experiência mais emocionante em sua vida, Faetonte voltaria e se vangloriar sobre isso, e ninguém acreditaria nele. Ele estaria de volta onde ele começou; ridicularizado, desprezado, forçado a usar um capacete de segurança e um colete salva-vidas para o resto de sua vida segura e chato.

— A menos que... — Ele sorriu. — A menos que eu fizesse algo inusitado que provasse que era *eu* dirigindo a carruagem.

Os cavalos chegaram ao máximo de seu caminho. O céu acima era preto. O ar era fino, mas eu não acho que você pode culpar a falta de oxigênio para o que Faetonte fez a seguir.

Seu defeito mortal foi imprudência. Isso é bastante óbvio.

Claro, você pode acusar sua mãe e irmãs de serem superprotetoras. Talvez sua preocupação obsessiva tornou Faetonte imprudente. Ou talvez o entendessem bem o suficiente para saber o que aconteceria se elas parassem de tomar conta dele.

Seja como for, Faetonte decidiu que seria uma ótima ideia voar baixo o suficiente sobre sua cidade natal que ele

poderia gritar para as pessoas e deixar claro que ele estava no banco do motorista.

— Mergulhem! — disse ele aos cavalos.

Os cavalos já estavam correndo muito rápido. Eles estavam confusos e irritados que seu motorista não tinha sua mão firme de sempre nas rédeas. Mas eles sabiam o seu caminho habitual, e eles eram teimosamente presos a ele.

Faetonte agarrou o chicote. Ele o sacudiu, chicoteando labaredas de fogo nos traseiros dos cavalos.

— Mergulhem!

Os cavalos bufaram e relincharam, como se dissessem, *Você pediu por isso amigo.*

Eles mergulharam. Felizmente, a mão esquerda de Faetonte estava enrolada em torno das rédeas. Caso contrário, ele teria voado para fora da carruagem junto com o chicote, os tapetes e a coleção de CDs do seu pai.

Ele gritou como se tivesse sido primeiro ser humano a experimentar gravidade zero, mas parte dele ficou animado. Ele podia ver sua cidade claramente agora; as casas, o palácio e a pista de corrida todos entrando em foco conforme ele ia em direção à terra.

— Eles vão me notar! — gritou ele.

Eles notaram, tudo certo. Sua primeira pista foi quando as palmeiras explodiram em chamas. Em seguida, o Rio Nilo começou a ferver. Os telhados de palha das casas pegaram fogo. Faetonte assistiu em horror quando toda a parte nordeste da África, que sempre foi verde e exuberante, murchava e queimava, transformando-se em um vasto deserto.

— Não — murmurou ele. — Não, não, não! Subam! Subam, Cometa ou Relâmpago ou quaisquer que sejam seus nomes!

Os cavalos não gostam disso. Eles resistiram e viraram, sacudindo a carruagem de lado a lado, na esperança de derrubar seu motorista adolescente estúpido.

Mais por sorte do que por planejamento, eles se inclinaram para o norte. Eles subiram para o céu acima da Europa. Conforme eles subiam, a parte do nordeste do continente começou a congelar. Neve se reuniu no topo das montanhas. As geleiras se expandiram pela paisagem, engolindo cidades inteiras. A temperatura dentro da carruagem tornou-se desconfortavelmente fria, o que não era bom, Considerando que era para estar cento e cinquenta graus Celsius. Gelo formou-se nos cavalos. Sua respiração ardente virou vapor.



As estrelas apareceram no céu do meio-dia, constelações monstruosas nas formas de um touro furioso, uma serpente enrolada, um escorpião pronto para atacar.

Não sei o que Faetonte viu lá no espaço, mas o deixou louco de terror. Ele percebeu, tarde demais, que ele nunca deveria ter pedido para dirigir esta carruagem. Ele desejou nunca ter nascido.

Por favor, rezou ele, apenas deixe-me voltar para minha família. Nunca mais me comportarei mal.

Na terra, os mortais rezavam também. A manhã mais curta da história se transformou na mais longa e pior tarde de todas. As partes do sul da terra estavam chamuscadas e desertas. As partes do norte estavam congeladas e geladas. As pessoas estavam morrendo. As colheitas estavam queimando. Os planos de férias das pessoas foram arruinados. Meteorologistas estavam deitadas no chão em posição fetal do estúdio de TV, soluçando e chorando histericamente.

De acordo com algumas versões da história, a voltinha de Faetonte também queimou o povo da África para que sua pele se tornasse mais escura. Eu não sei sobre isso. Eu suponho que os gregos estavam tentando explicar porque os povos têm cores de pele diferentes, mas eu penso que é apenas provável que os seres humanos eram originalmente escuros e algum deus da lavanderia lavou os europeus com produtos de limpeza por acidente e todos foram branqueados.

De qualquer forma, Faetonte estava agora totalmente fora de controle. O sol fez mortais no do céu e ziguezagueou ao redor. Os mortais gritavam orações ao rei dos deuses:

— Ei, Zeus! Estamos morrendo aqui! Uma ajudinha?

Zeus estava sentado em sua sala do trono, concentrado na última edição da *DQ (Deus Quadrimestral)*, mas quando ele ouviu tantos humanos chamando seu nome ele olhou para fora da janela.

— Santo eu! — Ele viu as cidades queimando, pessoas morrendo, mares ferverem, seus templos desmoronando em

poeira. — Meus templos! Não! Quem está dirigindo o sol?

Ele usou sua supervisão divina para ampliar a carruagem. Ele rapidamente percebeu que o cara magrelo nas rédeas não era Hélios.

— Ah, eu odeio aprendizes de motorista. Ei, Ganimedes! Chega aqui!

O copeiro do rei mostrou a cabeça no canto da parede.

— Sim, chefe?

— Traga-me um dos meus relâmpagos. Eles estão perto da última mesa no corredor, ao lado de minhas chaves.

— Que tamanho relâmpago?

— Traga-me um número dez.

Os olhos de Ganimedes se arregalaram. Zeus quase nunca usava o número de dez. Eram para ocasiões especiais, como casamentos e apocalipses. Um minuto depois, Ganimedes voltou, carregando um cilindro de bronze celestial do tamanho de um foguete.

Zeus o peguei e mirou cuidadosamente. Ele precisaria acertar o motorista sem destruir a carruagem. Ele não tinha certeza do que aconteceria se ele explodisse o sol, mas ele duvidou que seria bom. Ainda assim... aquela carruagem estava fora de controle. Estava destruindo seus templos e algumas de suas estátuas favoritas de si mesmo. Medidas drásticas eram necessárias.

O último pensamento de Faetonte enquanto ele era explodido?

AHHHHHHHHHHH!

Embora talvez, apenas um pouco, ele também estava pensando: *Graça aos deuses.*

No final, ele sabia que sua voltinha tinha que parar. Ele estava pondo em perigo sua família e toda a raça humana. Ele estava cheio de medo. Nenhuma montanha-russa pode continuar para sempre, nem mesmo uma onda de adrenalina super aterrorizante de destruição ardente.

Em um instante tudo estava acabado para Faetonte. Zeus derrubou o garoto da carruagem. Seu corpo caiu na terra como um cometa ardente.

Sem seu motorista irritante, os cavalos arrastaram a carruagem do sol de volta para seus estábulos. Fogueira, Aurora, Chama e Labareda imaginaram que seriam recompensados por um bom dia de trabalho com cenouras flamejantes e aveia derretida.

Após o Dia do Sol Maluco, a vida nunca foi a mesma.

Os deuses realizaram um conselho de emergência para rever os regulamentos de segurança para os motoristas. Hélio lamentou por seu filho. O coração dele ficou amargo. Ao invés de culpar-se por deixar Faetonte dirigir, ele culpou Zeus por matar o menino. Engraçado como os deuses (e as pessoas) fazem isso às vezes.

— Eu nunca vou dirigir o sol de novo! — declarou Hélio. — Deixe outra pessoa assumir este trabalho estúpido!

Talvez isso foi quando as pessoas começaram a pensar em Apolo como o deus do sol, porque Hélio saiu sem seguro desemprego ou uma de indenização ou qualquer coisa. Ou talvez os deuses imploraram e ameaçaram Hélio a manter seu trabalho por um pouco mais de tempo. De qualquer forma, Hélio nunca mais deixou um de seus filhos pegar emprestado a carruagem ou mexer com sua coleção de CD.

Quanto ao corpo ardente de Faetonte, sua pobre mãe e suas sete irmãs assistiram a cair pelo horizonte norte.

Clímene sabia que seu filho estava morto. Ninguém sobrevive aos relâmpagos de Zeus. Mas as sete Helíades decidiram que não podiam descansar até acharem o corpo do irmão.

Durante meses eles viajaram até chegarem às florestas do norte da Itália. Lá, perto da área pantanosa do Rio Pó, eles encontraram o lugar de descanso final de seu irmão.

O relâmpago de Zeus, de alguma forma, transformou o semideus em uma fonte de combustível interminável. Seu corpo ardente e queimado, mas não desintegrado. Ele caiu em um pequeno lago e se alojou no fundo. Lá estava ele, fervendo eternamente, aquecendo o lago e gerando bolhas de gás nocivo que estalavam na superfície e transformou

toda a área em venenosa. Mesmo os pássaros que voaram sobre o lago caíram mortos.

As sete Helíades pararam na costa e choraram. Não havia como elas recuperassem o corpo de Faetonte, mas elas se recusaram a sair. Elas não comeram ou beberam. Finalmente Zeus teve pena delas. Mesmo que Faetonte tivesse sido meio tolo, o rei dos deuses apreciava a lealdade das irmãs a seu irmão.

— Vocês irão ficar com ele para sempre — decidiu Zeus.
— Vocês irão ficar como um lembrete do que aconteceu no Dia do Sol Maluco.

As irmãs mudaram de forma. Suas roupas endureceram em casca de árvore. Os dedos dos pés alongaram, transformando-se em raízes. Seus cabelos se estenderam, atingindo o céu e se tornando galhos e folhas. Suas lágrimas tornaram-se seiva dourada, que endureceu em âmbar.

É por isso que os gregos chamavam de âmbar “a pedra da luz”, porque foi formado a partir das lágrimas das filhas do sol.

Hoje, ninguém sabe exatamente onde está o lago. Talvez afundou no mar ou nos pântanos. Mas antigamente, talvez cem anos após o incidente do Sol Maluco, outro herói chamado Jasão navegou pelo Rio Pó em seu navio, o *Argo*. Durante a noite, ele ouviu as árvores chorando, um choro fantasmagórico que deixou sua tripulação insana com o medo. Os vapores do lago estavam tão venenosos como nunca. Uma luz dourada misteriosa brilhava na parte inferior do lago, onde o corpo de Faetonte ainda ardia. Mas falaremos mais sobre Jasão mais tarde.

Enfim, agora você sabe por que Faetonte nunca conseguiu sua carteira de motorista.

Moral da história? *Destruir a terra vai te mandar parar muito rápido.*

Ou talvez: *Não faça promessas estúpidas para o seu filho.*

Ou talvez: *Se sua mãe parece superprotetora, é possível que ela te conhece melhor do que você pensa.* (Eu tive que

colocar isso aí. Minha mãe está assentindo e murmurando: “Obrigado.”)

Então esse é Faetonte. Um belo final infeliz com muitas mortes.

Se sente melhor?

Bom.

Porque ainda não terminamos. Os heróis não tinham o monopólio da carnificina e da destruição. Vamos para o país da Amazônia e conhecer uma adorável assassina chamada Otrera.

OTRERA CRIA AS AMAZONAS

(COM ENTREGA EXPRESSA GRÁTIS)



NÓS NÃO SABEMOS MUITO SOBRE OTRERA das histórias antigas.

Aqueles caras gregos de antigamente não se importavam de onde Otrera veio ou o que a fez incrível.

Por que isso aconteceu?

- 1) Ela era uma mulher.
- 2) Ela era uma mulher assustadora.
- 3) Ela era uma mulher assustadora que matou caras gregos.

Originalmente, ela vivia nas terras do norte ao redor do Mar Negro, a mesma área que mais tarde produziria grandes humanitários como Átila, o Huno. Qual era o povo de Otrera? Nós não sabemos. Provavelmente porque ela matou todos. Nós apenas sabemos que em algum momento ela decidiu que sua vida como uma dona de casa da Idade do Bronze era horrível. Ela decidiu fazer algo a respeito.

Talvez você esteja se perguntando: o que faria uma mulher normal enlouquecer, matar todos os homens de sua tribo e encontrar uma nação de mulheres homicidas?

Eu mencionei que ser uma dona de casa da Idade do Bronze era horrível?

Se você fosse uma mulher naquela época, este era o seu melhor cenário: você poderia nascer em Esparta. A qualquer momento Esparta é o seu melhor cenário, você está realmente preso em cocô grego sem uma pá. Pelo menos em Esparta as mulheres podiam possuir propriedade. Elas eram respeitadas como mães de guerreiros. As jovens podiam servir como ajudantes no templo de Ártemis e, para agradar a deusa, ajudar a chicotear os sacrifícios masculinos para que seu sangue manchasse o altar. (Para mais detalhes, veja: *Espartanos: A história completa de suas bizarrices*.)

Se você nasceu mulher em Atenas, o berço da democracia, você era quase tão maltratada como um escravo (e sim, eles tinham escravos). Você não poderia possuir propriedade. Você não poderia votar na assembleia. Você não poderia dirigir ter negócio. Você nem deveria ir para a agora, o mercado comunitário e o centro comercial, embora um monte de mulheres fazia de qualquer maneira, porque o frango com limão na praça de alimentação era muito bom.

Basicamente, as mulheres não podiam fazer nada, exceto ficar em casa, cozinhar, limpar a casa e parecerem bonitas, de preferência tudo ao mesmo tempo. Agora, eu, sendo um incrível semideus moderno; eu posso fazer tudo isso facilmente. Mas nem todos conseguem.

(Minha namorada, Annabeth, está lendo isso por cima do meu ombro e rindo. *Por que você está rindo?*)

As mulheres atenienses nem podiam escolher com quem se casavam. Isso era verdade para a maioria das mulheres naquela época. Quando você era uma criança, seus pais eram seus responsáveis (Seu *pai* era seu responsável, porque sua mãe estava lá apenas para ensiná-la a limpar e

cozinhar e parecer bonita). Seu pai tomava todas as suas decisões por você.

Ah, você não gosta das decisões dele? Bem, suas opções eram ser espancadas, mortas ou vendidas como escravas. Leve seu tempo para escolher.

Quando você tinha idade suficiente para se casar, e por isso eu quero dizer como doze ou treze, seu pai escolheria seu marido para você. O sortudo podia ser mais velho. Ele podia ser feio. Ele podia ser gordo. Mas não se preocupe! Seu pai se certificaria de que seu marido tivesse a posição social adequada para refletir bem a reputação do seu pai. Seu pai pagaria ao seu marido um dote, um preço para levá-la. Em troca, seu marido seria aliado de seu pai em seus negócios políticos e comerciais. Então, enquanto você está sentada em casa, cozinhando e parecendo bonita para o seu marido velho, feio e gordo, você poderia ter conforto em saber que foi a melhor combinação para os interesses de seu pai.

Como uma mulher casada, seu marido se tornava seu responsável. Ele tomava todas as decisões por você, tal como o teu pai costumava fazer.

Ah, você não gosta das decisões dele? Veja suas opções de punição acima.

Começando a se sentir como uma mulher homicida?

Então talvez você possa entender o que motivou Otrera. Porque as coisas que acabei de descrever para Atenas e Esparta? Nas terras do norte, onde Otrera nasceu, a vida era mais dura e as condições para as mulheres eram dez vezes piores.

Quando Otrera perdeu a cabeça, ela *muito* a perdeu a cabeça.

Desde criança, os deuses preferidos de Otrera eram Ártemis e Ares. Ártemis era a protetora de jovens donzelas, então isso fazia sentido. Ártemis não precisava de nenhum homem fedorento para cuidar dela, que atraiu Otrera. Se

seu povo fosse algo parecido com os espartanos, eu aposto que quando Otrera era jovem, ela serviu como uma sacerdotisa júnior para Ártemis. Eu posso vê-la totalmente chicoteando sacrifícios masculinos até que sangrasse por todo o altar.

Ei, ela teria pensado, chicotear esses homens e fazê-los sangrar? Isto é divertido!

Otrera não queria se tornar uma seguidora de Ártemis em tempo integral, no entanto. Isso significaria xingar os homens para sempre. Ah não. Otrera *gostava* de caras, quando eles não estavam mandando nela. Mais tarde, ela teria muitos namorados. Ela até deu à luz algumas filhas. Falarei mais sobre isso depois...

Seu outro deus favorito era Ares, o cara da guerra. Um deus como Ares fazia sentido para Otrera. Ela vivia em um país cruel. A vida era brutal. Se você quer alguma coisa, mate por isso. Você fica com raiva, você soca alguém na cara. Simples. Direto. Sangrento. Divertido!

Como a maioria dos lugares naquela época, a cidade de Otrera era controlada por homens. As mulheres não tinham direitos. Eles definitivamente não eram autorizados a lutar, mas em algum momento Otrera ficou frustrado sendo a empregada, cozinheira e bonequinha de seu marido. Ela decidiu ensinar-se legítima defesa apenas no caso... Bem, apenas no caso de ela precisasse um dia.

À noite, ela esgueirava-se para a floresta com a espada e o arco do marido. Ela ensinou-se a lutar cortando árvores, imitando os movimentos que ela tinha visto os jovens soldados fazerem. Ela ensinou-se a disparar até que ela pudesse derrubar um animal selvagem no escuro a cento e oitenta metros. Quando Otrera sentiu confiante em suas habilidades, ela procurou outras mulheres que estavam tão frustradas quanto ela estava. Elas estavam cansadas de seus maridos velhos, fedorento e gordos dizendo-as o que fazer, batendo nelas ou as matando ou as vendendo como escravas, se elas reclamassem.

Otrera secretamente começou a ensinar suas amigas como lutar. Na floresta à noite, eles aprenderam as habilidades de caça de Ártemis, mas também rezavam para Ares pedindo força e coragem na batalha. Adorar ambos os deuses juntos foi uma mistura incomum, como se dissessem: *Ártemis nos diz que os homens são brutos estúpidos. Portanto, deixe-nos adorar Ares, o bruto mais estúpido de todos.* Mas a mistura foi eficaz. Otrera e suas seguidoras logo se tornaram violentas e corajosas.

Por um tempo, elas fingiram que tudo estava normal em casa. Então, um dia aconteceu algo que deixou Otrera furiosa. Eu não sei o quê. Talvez o marido a mandou pegar uma cerveja na geladeira muitas vezes. Talvez ele gritou com ela por não ser bonita o suficiente enquanto ela estava esfregando o chão.

Otrera pegou calmamente a espada do marido do armário. Ela escondeu a lâmina atrás de suas saias e caminhou até onde seu marido estava sentado.

— Eu quero o divórcio — disse ela.

O marido dela arrotou.

— Você não pode se divorciar. Eu faço todas as decisões por você. Você pertence a mim. Além disso, ninguém inventou o divórcio ainda!

— Eu acabei de inventar.

Otrera desembainhou a espada e cortou a cabeça do marido. Ele nunca lhe pediu outra cerveja, mas ele derramou sangue por todo o chão que Otrera tinha acabado de esfregar. Ela odiava quando isso acontecia.

Com sua espada na mão, Otrera saiu fora de sua cabana. Ela fez um som de grasnando como um corvo, o pássaro sagrado de Ares. Suas seguidoras ouviram o sinal. Elas pegaram suas espadas, punhais e cutelos de carne, e ser um homem de repente se tornou a ocupação mais perigosa da cidade.

A maioria dos homens foram mortos ou postos em correntes. Alguns sortudos escaparam. Eles correram para a cidade mais próxima e explicaram o que tinha acontecido.

Você pode imaginar como essa conversa foi:

— Minha esposa apontou uma espada para mim!

— E você *fugiu*?

— Ela estava louca! As mulheres mataram todos!

— Suas donas de casa mataram todos os seus melhores guerreiros? Que tipo de homens são vocês? Nós vamos ensiná-las uma lição!

Os caras da cidade vizinha marcharam para a aldeia de Otrera, mas não levaram a expedição muito a sério. Afinal, eles iam lutar contra as *mulheres*. Eles imaginaram que eles iriam entrar, dar algumas palmadas, tomar algumas cervejas, depois levar as mulheres mais bonitas como escravas e ir para casa.

Não foi assim que rolou. Otrera tinha armado armadilhas e ciladas ao longo da estrada. Ela construiu uma barricada nos portões, totalmente composta por suas melhores arqueiras e espadachins. Os caras apareceram. As seguidoras de Otrera os massacraram.

Otrera marchou para a cidade vizinha. Ela libertou as mulheres, recrutando aquelas que queriam se juntar a ela e deixou o resto ir livre. Os restantes homens ela matou ou escravizou. Alguns sobreviventes aterrorizados fugiram para aldeias próximas, espalhando sobre a mulher louca Otrera e seu bando de assassinas.

Os homens da próxima cidade tentaram impedi-la. Suas guerreiras os massacraram. E isso aconteceu de novo e de novo. Logo Otrera encontrou-se no controle de uma dúzia de cidades, com um exército de jovens mulheres violentas prontas para segui-la para a glória. Elas estavam muito motivadas para lutar, porque se elas perdessem nem que fosse uma única vez seus inimigos homens não teriam misericórdia. As mulheres não seriam tratadas como prisioneiras de guerra. Elas seriam espancadas, vendidas como escravas e *então* mortas. Todos os três!

Otrera ainda estava aprendendo a organizar suas tropas quando os homens das cidades vizinhas começaram a levá-la a sério. Os homens reuniram um exército de verdade,

milhares de veteranos durões com armas de verdade e sem desejos de espancar e beber cerveja.

As observadoras de Otrera a avisaram o que estava acontecendo.

— Precisamos de mais tempo — disse Otrera. — Nós não treinamos nossas mulheres corretamente. Além disso, este país é cruel e desértico e é realmente uma porcaria. Não vale a pena defendê-lo. Vamos migrar para uma terra mais rica e construir o nosso próprio rainhano!

Isso soou muito melhor para suas seguidoras do que uma guerra que não podiam vencer. Toda a tribo de mulheres guerreiras, juntamente com seus escravos e saques, seus filhos e seus animais de celeiro e suas bugigangas favoritas, migraram para o outro lado do Mar Negro, para a costa norte do que é agora a Turquia. Glória as aguardava! Além disso, um monte de sangue e alguns pássaros carnívoros...

Otrera fundou uma nova cidade capital chamada Sínope perto do Rio Termodonte. Ela treinou seus exércitos e reuniu recrutas, expandindo gradualmente seu território e descobrindo onde estavam todos os melhores restaurantes.

Ela estabeleceu seu reino em um bom lugar, nordeste dos gregos, noroeste dos persas, no que era um território desocupado. Sempre que ela conquistava uma nova cidade, ela tinha o cuidado de não deixar sobreviventes homens. Dessa forma, seria mais difícil que soubessem delas. Quando os vizinhos descobriram que ela era uma ameaça, era tarde demais. A nova nação estava firmemente enraizada. Elas levantaram sua temível bandeira, um cara de palito com um grande X através dele. Elas se tornaram conhecidas e temidas em todo o mundo como as Amazonas.

Por que elas foram chamadas de Amazonas? Ninguém tem certeza.

Não tem nada a ver com o Rio Amazonas no Brasil. (Cara, isso me confundiu por anos antes de Annabeth me pôr na linha. Eu tinha essa imagem de mulheres guerreiras

andando na floresta tropical com papagaios e macacos e piranhas.) As Amazonas antigas também não têm nada a ver com qualquer empresa moderna que possa ter o nome Amazon, nem essa empresa é uma fachada secreta para seus planos de dominação do mundo. (*Cough*. Sim, certo. *Cough*.)

Alguns gregos pensaram que o nome Amazonas veio da palavra *amazos*, o que significa *sem um seio*. Eles de alguma forma entenderam a ideia (ALERTA DE GRANDE NOJEIRA) que as Amazonas removiam seu próprio seio direito para que elas pudessem disparar um arco e jogar uma lança melhor.

Ok, em primeiro lugar, não. Nem pensar. Isso não é apenas nojento, é burro. Por que as Amazonas fariam isso? Quero dizer, sim, elas eram assassinas que levavam as batalhas a muito sério, mas você pode atirar um arco ou jogar uma lança muito bem sem... você sabe.

Além disso, se você olhar para qualquer estátua antiga ou imagem das Amazonas, não há nenhuma evidência de que as Amazonas eram, hã, desiguais.

Enfim, eu conheci Amazonas pessoalmente. Elas não estão se machucando desnecessariamente. Outras pessoas? Com certeza! Mas não a si mesmos.

Alguns escritores gregos perceberam que esta era uma teoria idiota. Um cara, Heródoto, chamou o povo de Otrera de *androktones* em vez disso, o que significa *matadoras de homens*. Homero as chamou de *antianeirai*, que significa, *aquelas que lutam como homens*. Ambos os termos são muito mais precisos do que *Aquelas que fizeram um grande dodói para que pudessem disparar um arco melhor*.

Pessoalmente, eu gosto da teoria de que a *Amazônia* vem do termo persa *ha-mazan*, o que significa *guerreiras*. Eu gosto dessa teoria porque Annabeth gosta dessa teoria, e se eu não gostar do que ela gosta, ela fica toda *ha-mazan* comigo.

Enfim, as Amazonas haviam chegado, altas e orgulhosas. Elas ficaram mais fortes e mais numerosas como quando

levantaram sua próxima geração de meninas que pensassem e agissem como guerreiras.

Você está querendo saber: espera, era uma nação só de mulheres. Como eles tiveram uma próxima geração? De onde vieram as adoráveis bebês Amazonas assassinas?

Bem, as Amazonas tinham escravos. Eu mencionei isso, certo? Alguns desses caras se tornaram os primeiros donos de casa, e eles tinham tantos direitos e privilégios como as mulheres tinham em outros países, ou seja, nenhum. Muito legal.

Além disso, as Amazonas tinham esse acordo estranho com uma tribo vizinha chamada Gargáreos. Os Gargáreos viviam no lado oposto de uma montanha enorme ao nordeste do país das Amazonas. Eles eram uma tribo masculina, o que eu não entendo. Sério, uma tribo feita inteiramente de caras? Você *sabe* que a lavanderia nunca vai ser feita, a sala de estar era uma zona de desastre e as sobras na geladeira cheiravam pior do que lago gasoso de Faetonte.

Você pensaria que uma tribo masculina seria a maior inimiga das Amazonas, mas aparentemente não. Já ouviu o velho ditado *boas cercas fazem bons vizinhos*? Eu também não. De acordo com Annabeth significa algo como *Não toque nas minhas coisas e vamos nos dar bem*. No caso dos Gargáreos e das Amazonas, uma grande montanha fez uma *excelente* vizinha. Os dois grupos nunca se incomodaram. Uma vez por ano, por um acordo mútuo, eles tinham um grande jantar comunitário e uma festa do pijama no topo da montanha. Amazonas ficavam íntimas com Gargáreos. E o que acontece depois? Cerca de nove meses depois, um monte de Amazonas tinha bebezinhos assassinos bonitinhos.

Eles mantinham as meninas e as criavam para ser a próxima geração de guerreiras. Os garotos... Bem, quem precisava dos garotos?

As Amazonas enviavam os mais fortes e os mais saudáveis aos Gargáreos para serem criados. Se Otrera

achava que o bebê era muito doente e fraco (ele é um bebê; como ele pode *não* ser fraco?), ela deixaria o garotinho em uma floresta, exposto em uma rocha e deixar a natureza tomar o seu curso. Dura e cruel? Sim. A vida era muito divertida naquela época.

Otrera liderou suas guerreiras em milhares de batalhas bem-sucedidas em toda a Ásia Menor e na Grécia. Elas fundaram duas cidades famosas na costa ocidental da Turquia, Esmirna e Éfeso. Por que escolheram esses nomes, não sei. Eu teria escolhido Chutenabundapólis ou Cidade da Briga, mas esse sou eu.

Eles lutaram contra os gregos tantas vezes que se você for para Atenas hoje você vai ver milhares de quadros das guerras grego-Amazonas. Os quadros sempre mostram os gregos ganhando, mas isso é apenas uma ilusão. A verdade era que os Amazonas assustaram os gregos até eles pedirem por suas mãezinhas. as guerreiras de Otrera escravizaram os homens. Elas lutaram como demônios. E eles definitivamente não fizeram o jantar deles ou esfregaram o seu chão.

Muito em breve as forças das Amazonas eram tão grandes que se dividiram em diferentes tribos. Cidades começaram a aparecer por todo o lugar como restaurantes de fast-food. Os escritores gregos antigos se confundiram quando tentaram descrever onde viviam as Amazonas:

— Elas estão ali. Não, elas estão ali. ELAS ESTÃO EM TODA PARTE!

Otrera ainda era Rainha da Coisa Toda (eu tenho quase certeza que era seu título oficial). Ela governava de sua capital na Sínope, e se ela chamava para uma guerra todas as facções amazônicas obedeciam. Você não iria querer que Otrera ficasse de mal com você. Infelizmente, ao lidar com homens, ela sempre ficava de mal.

Ok... eu retiro o que disse. Ela se apaixonou por um cara uma vez. Seu romance foi mais feio do que qualquer massacre de guerra.

Um dia, Otrera tinha acabado de terminar um árduo dia de trabalho matando os vizinhos. Ela e suas guerreiras estavam caminhando ao longo das margens do Mar Negro depois de batalhar, saquear cadáveres, escravizando sobreviventes; quando uma luz vermelha iluminou as nuvens.

Você faz um bom trabalho, ecoou uma voz profunda do céu. Encontre-me na ilha no horizonte. Nós temos coisas para discutir.

As Amazonas não eram fáceis de assustar, mas aquela voz assustou-as.

Um dos tenentes da rainha olhou para ela:

— Você não vai, não é?

Otrera olhou para a água. Com certeza, uma mancha escura de terra era pouco visível no horizonte.

— Sim — decidiu ela. — Uma luz vermelha e uma voz estranha sobre o campo de batalha... Ou estamos todos alucinando da caçarola de ontem à noite, ou que era o deus Ares falando. É melhor eu ir ver o que ele quer.

Otrera, sozinha, remou um barco para a ilha. Na costa estava o deus Ares, com sete metros de altura em uma armadura de combate de bronze completa, com uma lança flamejante em sua mão. Sua capa era da cor do sangue. Suas botas estavam manchadas com lama e sangue (porque ele adorava sapatear sobre os cadáveres de seus inimigos). Seu rosto era muito bonito, se você gosta que do tipo Neandertal assassino. Seus olhos brilhavam com pura carnificina ardente.

— Otrera, finalmente nos encontramos — disse ele. — Caramba, garota, você é bonita.

Os joelhos de Otrera tremiam. Não é todos os dias que você conhece um dos seus deuses preferidos. Mas ela não se curvou ou se ajoelhou. Ela estava cansada de se curvar para homens, mesmo que fosse Ares. Além disso, ela imaginou que o deus da guerra preferiria uma demonstração de força.

— Você não é tão ruim — disse ela. — Eu gostei dessas botas.

— Obrigado! — sorriu Ares. — Eu comprei na loja de artigos militares em Esparta. Eles tinham essa promoção... Mas isso não é importante. Quero que construa um templo meu aqui nesta ilha. Está vendo aquela grande rocha?

— Que rocha?

Ares levantou a sua lança. As nuvens se separaram. Um meteorito enorme veio arremessando para baixo do espaço e bateu no meio da ilha. Quando o vapor e a poeira baixaram, uma placa preta do tamanho de um ônibus escolar estava espetada para fora do chão.

— Ah — disse Otrera. — *Essa rocha.*

— É uma pedra sagrada.

— Está bem.

— Rezar para a rocha é basicamente uma linha direta para mim. Construa um templo de pedra em torno disso. Todos os anos, traga suas Amazonas e sacrifique alguns dos seus mais importantes animais.

— Que seriam os nossos cavalos — disse Otrera. — Nós os usamos em batalha. Eles nos dão uma grande vantagem.

— Cavalos então! — disse Ares. — Faça isso por mim, e eu vou continuar abençoando você em combate. Você vai continuar matando pessoas. Nós vamos nos dar bem. O que você diz?

— Lute comigo.

Ares olhou para ela com os seus olhos flamejantes.

— O quê?

— Nós dois respeitamos a força. Vamos selar o negócio com uma luta.

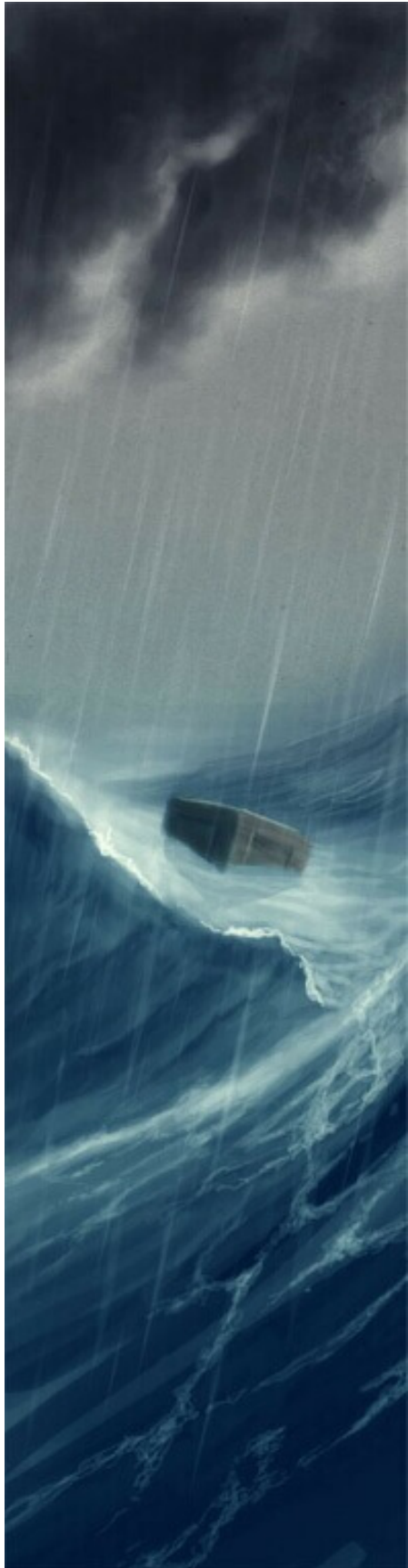
— Uau. Acho que estou me apaixonando por você.

Otrera lançou-se no deus. Ela o bateu na cara. Eles caíram no chão, chutando, acertando os olhos e fazendo o seu melhor para pulverizar um ao outro. Foi amor no primeiro soco.

Depois de terem lutado, decidiram se casar. A partir desse dia, Otrera era conhecida como a noiva de Ares. Ele fez

maravilhas para sua fama. Quando os exércitos inimigos a viam andando em direção a eles, eles molhavam suas calças de guerra de bronze.

Otrera construiu um templo na ilha, como Ares pediu. Para protegê-lo, Ares enviou um bando de pássaros assassinos que disparavam suas penas como flechas.



Todos os anos, Otrera realizava um grande festival na ilha, sacrificando cavalos e conversando com a grande rocha negra. Os pássaros assassinos não incomodavam as Amazonas, mas se outra pessoa tentasse se aproximar do templo os pássaros atiraram várias penas e os cortavam com seus bicos afiados. Em outras palavras o templo não recebia muitos forasteiros.

Ares e Otrera tiveram duas filhas: Hipólita e Pentésiléia. Ambos os nomes rapidamente dispararam para o topo da lista dos Vinte e cinco nomes mais populares para bebês de 1438 a.C. A partir de então, rainhas das Amazonas e até as Amazonas em geral eram conhecidas como as filhas de Ares. Algumas eram *literalmente* suas filhas. O resto fazia o seu melhor para agir como se fossem. *Ah, olha! Ela tem o sorriso do papai e sua raiva assassina. Que fofa!*

Ares estava feliz. As Amazonas estavam felizes. Mas uma pessoa importante tinha sido deixada de fora do Programa das Amazonas de Construção de Templos e Reconhecimento de Deidade: Ártemis, a outra olimpiana favorita de Otrera. Sendo uma líder inteligente Otrera pensou que seria melhor mostrar à deusa caçador alguma gratidão antes de começar a chover flechas de prata.

Otrera decidiu construir um templo para Ártemis, na cidade de Éfeso, na costa oeste da Turquia. Ela imaginou que iria torná-lo perto o suficiente para os gregos visitassem, já que suas ilhas estavam bem em frente ao Mar Egeu.

Ela não usou pássaros atiradores de flechas desta vez. Eles tendem a reduzir o número de turistas. Em vez disso, Otrera construiu o templo em uma colina alta para que pudesse ser visto por todos. Ela fez o mais bonito possível, com paredes de cedro aromático, pisos de mármore polido e tetos revestidos de ouro. No centro do santuário, uma estátua de Ártemis estava vestida com um vestido com detalhes cor de âmbar para que ela brilhava quando a luz transmitisse através das janelas.

Todos os anos, Otrera organizava um grande festival no templo. As Amazonas passavam o dia todo festejando, fazendo danças ferozes de guerra pelas ruas de Éfeso. Elas sacrificavam joias para Ártemis, pendurando-as sobre a estátua, então até ao final do festival Ártemis parecia um modelo de hip-hop que tinha ido às compras na Casa do Ouro do Rei Midas.

O templo foi um sucesso, o maior legado de Otrera. Ele durou mais do que ela. Durou mais do que os gregos antigos. caramba, quase durou mais do que o Império Romano. Foi destruído algumas vezes, mas os efésios sempre o reconstruíram. Ele ainda estava por aí nos tempos cristãos quando um cara chamado John foi lá para converter os moradores locais.

O lugar era tão famoso que entrou na lista das Sete Maravilhas do Mundo Antigo... junto com as pirâmides egípcias e, hã, aquelas outras. O primeiro McDonald's? Eu esqueci.

O templo pagou para Otrera em mais maneiras do que o dinheiro dos turistas. Uma vez, salvou-a e a todo o seu exército da morte por uvas.

Como aconteceu: este novo deus do vinho, Dioniso, estava caminhando pelo mundo mortal com seu bando de seguidores, ensinando a todos as maravilhas da festa, selvageria bêbada e um bom vinho com o jantar. Se seu reino recebesse Dioniso, ótimo! Se você tentasse combatê-lo, oops!

Ele estava a caminho de invadir a Índia, porque isso parecia ser uma boa ideia na época, quando aconteceu de ele passar pela terra das Amazonas.

Quando ele encontrou a primeira equipe de reconhecimento das Amazonas, ele ficou encantado.

— Ah, ei! — disse ele. — Uma nação de mulheres? Eu posso lidar com isso. Como as garotas se sentem de festejar conosco esta noite?

As observadoras das Amazonas disseram:

— Claro, por que não?

Elas decidiram que gostavam de vinho. Elas se juntaram ao grupo de super fãs de Dioniso conhecidas como as Mênades. Essas mulheres eram na maior parte ninfas que se transformaram em loucas assassinas festeiras que rasgam os inimigos do deus do vinho em pedaços com suas próprias mãos. Então imagine o que aconteceria se as Amazonas se tornassem Mênades. Sim, seria meio como *O Massacre da Serra Elétrica* sem as serras elétricas.

Mais tarde, outros grupos de Amazonas tentaram deter Dioniso. Elas não iriam seguir qualquer *homem*, especialmente desde que seu exército incluía um bando de sátiros e bêbados que cheiravam a vinho barato.

As Amazonas atacaram. Dioniso usou seus poderes divinos para deixá-las loucas e transformá-las em videiras, e depois pisou-as para fazer mais vinho.

Otrera ouviu falar sobre essas derrotas rápidas: um cara afirmando ser um deus, andando pelo seu reino e roubando suas seguidoras ou transformando-as em frutas. Ela decidiu resolver o problema em sua maneira diplomática habitual.

— Matem todos eles! — rugiu ela.

Ela convocou todo o seu exército, o que foi uma visão impressionante. Milhares de lanças e escudos brilhavam no sol. Fileiras de arqueiras montadas, a melhor cavalaria do mundo, prepararam suas flechas flamejantes.

As Amazonas poderiam destruir a maioria dos inimigos em questão de minutos. Sua reputação era tão aterrorizante que outros reinos as contratavam como mercenárias para lutar suas guerras. Normalmente, o outro lado desistia assim que viam as Amazonas chegando.

Ao longo dos anos, Otrera se tornou rica e poderosa e confiante. Ela pensou que podia acabar com uma multidão bêbada, sem problemas.

Seu defeito mortal? Eu acho que era orgulho.

Ela esqueceu o que aconteceu com os caras da vila que tentavam bater nela antigamente. *Nunca* subestime seu

inimigo.

Dioniso era um deus. Não importava o quão íntima Otrera era com Ares e Ártemis; eles não podiam ajudá-la contra outro olimpiano. As Amazonas marcharam para batalha e foram espancadas. As Mênades as rasgaram com as próprias mãos. Sátiros bateram nelas com tacos e as garrafas velhas de vinho. Toda vez que Dioniso estalava os dedos, outro batalhão de Amazonas enlouquecia, viravam vombates ou eram engasgadas até a morte por vinhas.

Otrera rapidamente percebeu que ela estava em desvantagem. Ela recuou suas forças pouco antes de serem todas destruídas. Então as Amazonas fugiram pelas suas vidas.

Dioniso e seu exército bêbado as perseguiram até a metade da costa da Turquia. Finalmente, Otrera chegou a Éfeso e correu para o templo de Ártemis. Ela se jogou na frente da estátua da deusa.

— Por favor, lady Ártemis! — implorou ela. — Salve meu povo! Não deixe que sejam destruídas por minha tolice!

Ártemis ouviu e interveio. Ou talvez Dioniso ficou entediado e decidiu ir matar outras pessoas. O exército de deus do vinho se afastou e marchou para a Índia, deixando Éfeso em paz. As Amazonas foram salvas. Eventualmente, elas reconstruíram seu exército e conseguiram pegar todas as uvas esmagadas de entre os dedos dos pés.

A partir de então, o templo de Ártemis ganhou a reputação de refúgio para as mulheres. Qualquer mulher que chegasse ao altar e implorasse por proteção seria protegida pelo poder de Ártemis. Ninguém poderia machucá-la. As sacerdotisas do templo e toda a cidade de Éfeso lutariam por ela se necessário.

Depois disso, as coisas se acalmaram para Otrera. Ela se afastou para sua capital em Sínope e governou mais ou menos em paz. Ela fez alianças com seus vizinhos e trouxe segurança para seu povo.

A única coisa de que ela não podia proteger as Amazonas? Outras Amazonas. Como o que aconteceu com

suas duas maravilhosas filhas sanguinárias...

Como eu disse anteriormente, a grande luta de casamento de Ares e Otrera levou ao nascimento de duas filhas. Por causa de seu parentesco, eram ambas meninas fofas e gentis que gostavam de glitter, pôneis e coisas rosas com babados.

Sim, nem tanto...

Ninguém sabe exatamente quando a rainha Otrera decidiu se aposentar, mas depois de um tempo todas as batalhas e escravizações e festas selvagens de dança ficaram cansativas. Ela entregou o controle das Amazonas para sua filha mais velha, Hipólita.

No início, Hipólita fez um bom trabalho. Seu pai, Ares, estava tão contente que lhe deu uma armadura mágica para usar em eventos especiais como bar mitzvahs e guerras de cerco. Ele também lhe deu um cinto mágico que deixava Hipólita superforte.

Infelizmente, Hipólita teve a má sorte de conhecer um cara chamado Hércules. Falo mais sobre isso depois. Por agora, digamos que houve uma grande briga e as Amazonas sofreram sua pior derrota desde a invasão do cara do vinho.

Na confusão da batalha, Hipólita foi acidentalmente morta por sua própria irmã, Penteseleia. O cinto das Amazonas foi perdido (pelo menos por um tempo). Os gregos fugiram. Penteseleia se tornou a rainha e, depois de lamentar a morte de sua irmã, ela reconstruiu o exército das Amazonas novamente.

Apesar de ter sido um acidente, Penteseleia nunca se perdoou pela morte de Hipólita. Ela também nunca perdoou os gregos. Muitos anos depois, quando a guerra de Tróia eclodiu, ela se voluntariou para ajudar Príamo, o rei de Tróia, para que ela pudesse rachar crânios gregos e vingar a morte de sua irmã.

Isso não funcionou tão bem. Penteseleia lutou bravamente e massacrrou um bando de grandes guerreiros, mas

eventualmente ela foi morta pelo mais famoso lutador grego de todos, Aquiles. Quando Aquiles recuperou seu corpo do campo de batalha, ele lavou suas feridas para que ela pudesse ter um funeral adequado. Ele tirou seu capacete de guerra, viu como bela a rainha Amazona era sentiu-se super deprimido. Parecia um desperdício que uma mulher tão corajosa e extremamente gata teve que morrer.

Aquiles esperou a próxima grande trégua, quando troianos e gregos se reuniram para trocar corpos para os enterros. Essas reuniões devem ter sido divertidas. *Eu troco seu George aqui pelo Johnny e Billy Joe. Ah, espera. Acho que esta perna pertence ao Billy Joe. Não tenho certeza.*

Aquiles apresentou o corpo de Penteseleia aos troianos. Ele elogiou sua bravura e beleza tanto que um de seus companheiros gregos, um cara chamado Tersites, ficou irritado.

Um bando de amigos de Tersites tinham sido mortos por Penteseleia. Ele se virou para Aquiles e disse:

— Cara, por que você está elogiando-a? Ela é uma inimiga e ela é uma *mulher*. Você está apaixonada por aquela garota morta? (Ele a chamou de algo pior do que *garota*.)

Aquiles suavemente abaixou Penteseleia. Ele virou-se para o seu camarada e deu um soco no queixo Tersites tão forte que todos os seus dentes voaram para fora como pequeno salmões brancos pulando de um córrego. Tersites caiu morto.

Aquiles encarou os troianos.

— Por favor, enterre a Penteseleia com honra.

Os troianos, que não desejavam serem mortos por uma lesão dentária, fizeram o que ele pediu.

Não sei se Otrera ainda estava viva quando suas filhas morreram. Para o seu bem, eu meio que espero que não. Mesmo para uma mulher durona e batalhadora como Otrera, teria sido difícil lidar com isso.

Otrera e suas filhas tornaram-se lendas, algumas das maiores mulheres guerreiras de todos os tempos.

Talvez você esteja se perguntando por que eu incluí Otrera neste livro, já que é sobre os heróis gregos e, tecnicamente, ela não era grega. Talvez você esteja se perguntando se ela era mesmo uma heroína.

Admito que ela tinha seus defeitos: os assassinatos ocasionais, um massacre aqui e ali. Ela também gostava de Ares, o que é simplesmente nojento.

Eu tenho que superar meu *próprio* preconceito, também. Eu tive um desentendimento com Otrera quando ela voltou dos mortos e tentou me matar. (Longo história. Não pergunte.)

Mas aqui está a coisa. Mulheres não têm um tratamento justo nas histórias antigas. Mesmo Otrera, a mulher mais famosa, bem-sucedida e poderosa do mundo antigo, dificilmente é mencionada.

Tenho que admirá-la. Ela passou de ser uma dona de casa oprimida da Idade do Bronze para a rainha de um império. As Amazonas tornaram-se tão famosas que nomeamos um rio no Brasil em homenagem a elas, junto com aquela empresa moderna que não tem absolutamente nenhuma conexão com a antiga nação das Amazonas. (*Cough*, aham.)

Para todas as mulheres que ela salvou e treinou para a batalha, Otrera foi definitivamente uma heroína. Ela deu-lhes esperança. Ela lhes deu controle sobre suas próprias vidas. Pessoalmente, eu teria levado mais leve toda a coisa de decapitação dos maridos e eu não teria deixado bebês na floresta para morrer, mas ela era uma mulher cruel vivendo em tempos difíceis.

Então, sim, acho que ela pertence a um livro de heróis gregos. Se ela te dá pesadelos, como ela fez aqueles antigos escritores gregos, bem... Lembre-se, as Amazonas não estão mais por perto. Eles desapareceram da história há milhares de anos. (Ou talvez não.) Mas não tem muita chance de elas virão atrás de você. Tipo, vinte por cento de chance na melhor das hipóteses. Talvez trinta por cento...

Enquanto estamos falando de pessoas mortas que eu encontrei, eu acho que é melhor abordar outro assunto

difícil.

Tenho que respirar fundo. Esse cara traz lembranças dolorosas.

Ok. Eu posso fazer isso. Vamos falar sobre Dédalo, o maior inventor de todos os tempos.

DÉDALO INVENTA
PRATICAMENTE TUDO



TENHO DIFICULDADE EM ESCREVER SOBRE ESSE CARA.

Em primeiro lugar, a minha própria experiência com ele não bate com as histórias antigas. Claro, eu não estava lá na Grécia antiga. Algumas das coisas que eu conheço pessoalmente vem de sonhos, que nem sempre são confiáveis. Eu vou fazer o meu melhor para lhe dizer como Dédalo era antigamente, mas se isso parece contradizer o que você leu em minhas aventuras é porque ele contradiz!

Em segundo lugar, eu tive muito trabalho para entrar na cabeça desse cara porque, e eu sei que isso será chocante para você, eu nunca fui um gênio.

O QUÊ?! Percy, pensamos que você tinha o QI de um bilhão!

Sim, desculpe te decepcionar. Entender um tipo super gênio como Dédalo não é fácil para mim. Tenho problemas suficientes para compreender a minha namorada, e ela não é uma desleixada no departamento dos gênios.

Finalmente, bem... A vida de Dédalo era *tão estranha*.

Acho que isso não é surpresa. O cara era descendente de um lenço.

Talvez devêssemos começar com isso. Veja, seu bisavô Erictônio nasceu magicamente de um pano que Atena usou para limpar o suor e o catarro divino de Hefesto de sua perna quando Hefesto tentou ficar muito amigável. (Para mais informações, veja: *Os olímpianos: histórias completamente nojentas*. Ou o livro *Deuses Gregos* que eu escrevi.)

Já que você não pode ter um melhor título real do que o Rei Lenço, Erictônio cresceu para ser o rei de Atenas. Seus descendentes eram semideuses descendentes de Atena e Hefesto, os dois olímpianos mais engenhosos.

O próprio Dédalo nunca esteve na linha de sucessão para ser rei, mas ele deixou suas tataravós olímpianas orgulhosos. Ele rapidamente criou uma reputação de ser capaz de construir ou reparar qualquer coisa.

Está tendo problemas com a suspensão de sua carruagem? Dédalo pode consertar isso.

Será que o seu disco rígido deu defeito? Ligue para 1-800-555-DÉDALO.

Você quer construir uma mansão com um telhado giratório, uma piscina infinita e um sistema de segurança de ponta com o óleo fervente e os arcos e flechas mecânicos? Molezinha para o Dédalão.

Logo Dédalo era o homem mais famoso de Atenas. Sua oficina tinha uma lista de espera de cinco anos para novos clientes. Ele projetou e construiu todas as melhores casas, templos e centros comerciais. Ele esculpido estátuas tão realistas que iriam sair de seus pedestais, misturar-se com os seres humanos e tornar-se membros produtivos da sociedade.

Dédalo inventou tantas novas tecnologias; cada outono a mídia enlouquecia quando ele apresentava sua última versão do Cinzel Dédalo, do Tablet de Cera Dédalo e, claro, a Lança Dédalo com tecnologia Ponta de Bronze (patente pendente).

O cara era um completo gênio. Mas ser um gênio é difícil.

— Eu sou simplesmente *muito* popular — disse Dédalo para si mesmo. — Estou tão ocupada consertando discos rígidos e inventando coisas espetaculares que não tenho tempo para *mim*. Eu deveria treinar um aprendiz para fazer alguns dos trabalhos pesado para mim!

Aconteceu que sua irmã tinha um filho chamado Perdiz. Com um nome desse, você sabe que ele deve ter sido muito provocado na escola, mas esse garoto era *inteligente*. Ele tinha inteligência de Atena e habilidade de fabricação de Hefesto. Ele era um verdadeiro pedaço do velho lenço.

De qualquer forma, Dédalo contratou seu sobrinho. No começo Dédalo ficou encantado. Perdiz podia cuidar com os reparos mais complicados. Ele podia olhar para uma planta uma vez e memorizá-la. Ele até pensou em algumas modificações para a Lança Dédalo 2.0, como o cabo antiderrapante e o ponta personalizável que vinha em

Afiada, Muito Afiada e Super Afiada. Ele ficou feliz em dar a Dédalo o crédito. Ainda assim, as pessoas começaram a sussurrar:

— Aquele garoto, Perdiz, ele é quase tão esperto quanto seu tio!

Alguns meses depois, Perdiz inventou uma engenhoca chamada roda de oleiro. Em vez de fazer seus vasos de cerâmica à mão, que levava uma eternidade e resultava em vasos irregulares idiotas, você poderia modelar a argila em uma superfície giratória e fazer tigelas bonitas em minutos.

As pessoas começaram a dizer:

— aquele garoto, Perdiz, ele é ainda mais esperto que Dédalo!

Os clientes começaram a pedir diretamente para Perdiz. Queriam que *e/e* projetasse a piscina infinita de sua mansão. Eles queriam que *e/e* recuperasse os dados de seus discos rígidos defeituosos. Glória e fama começaram a escapar de Dédalo.

Um dia, Dédalo estava no topo da Acrópole, a enorme fortaleza que fica no topo de uma colina no centro de Atenas, verificando o local de um novo templo que ele havia desenhado, quando Perdiz correu com uma bolsa de couro grande pendurada em seu ombro.

— Tio! — sorriu Perdiz. — Você tem que ver a minha nova invenção!

Dédalo apertava os punhos. Na conferência de imprensa da próxima semana, ele estava pronto para anunciar o Martelo Dédalo e revolucionar a martelada de pregos. Ele não precisava de seu sobrinho arrogante roubando os holofotes com alguma inovação irritantemente legal.

— O que é agora, Perdiz? — perguntou ele. — Por favor me diga que isso não é mais besteiras sobre telas maiores para meus tablets.

— Não, tio. Olhe! — de seu malote de couro Perdiz puxou a mandíbula de um animal pequeno, com uma fileira dos dentes afiados ainda intactos. — É de uma cobra!

Dédalo fez uma careta.

— Isso não é uma invenção.

— Não, tio! Eu estava brincando com ela, esfregando os dentes em um pedaço de madeira, e eu notei que eles cortaram a superfície. Então eu fiz isso!

Perdiz tirou uma lâmina de metal larga fixada a um punho de madeira. Um lado da lâmina foi serrilhado como uma fileira de dentes.

— Eu chamo de *Serra*!

Dédalo sentiu como se tivesse levado um soco entre os olhos com um Martelo Dédalo. Ele imediatamente percebeu o potencial da invenção de Perdiz. Tábuas de corte com uma serra em vez de um machado seria mais fácil, mais rápido e mais preciso. Mudaria a indústria madeireira para sempre! E, sério, quem *não* sonhou com fama e riquezas na indústria madeireira?

Se a serra já se tornou uma coisa, Perdiz se tornaria famoso. Dédalo seria esquecido. Dédalo não podia permitir que este jovem metido ofuscasse sua reputação.

— Nada mal. — Dédalo forçou um sorriso. — Vamos fazer alguns testes quando voltarmos à oficina. Primeiro, quero sua opinião sobre esta parte do penhasco. Receio que não seja suficientemente estável para sustentar o meu novo templo.

— Claro, tio! — Perdiz trotou para a borda dos parapeitos. — Onde?

— Um pouco para baixo. Basta inclinar-se um pouco e você vai vê-lo. Aqui, deixe-me segurar sua serra.

— Ok.

— Obrigado.

Perdiz inclinou-se.

— Eu não vejo.

Dédalo empurrou o garoto da Acrópole.

Os detalhes exatos de como aconteceu... bem, isso depende de qual história você acredita.

Alguns dizem que Perdiz não morreu de verdade. Quando o garoto caiu, Atena teve pena dele e o transformou em uma perdiz. Isso é por que razão *Perdiz* significa *perdiz* em

grego antigo. Definitivamente a deusa não apreciava Dédalo assassinar seu sobrinho só porque o menino tinha habilidades. Atena era tudo sobre cultivar novos talentos. E empurrar crianças inteligentes de penhascos baixaria as notas da cidade. Daí em diante, ela se certificou de que a vida de Dédalo fosse amaldiçoada. Sem mais grandes conferências de imprensa. Sem mais agitação da mídia.

Mas, se Atena *deu* a Perdiz uma vida nova como um pássaro, como você explica a grande bagunça onde o garoto atingiu o fundo da colina da Acrópole?

Dédalo viu isso acontecer. Ele deveria ter apenas ido embora e se fingir de burro. *O quê? Perdiz caiu? Você está brincando! Esse garoto sempre foi meio desajeitado.*

A culpa levou a melhor sobre ele.

Ele desceu o penhasco e chorou sobre o corpo de Perdiz. Ele envolveu os restos mortais em uma lona e arrastou seu pobre sobrinho para a beira da cidade. Ele tentou cavar um túmulo, mas o chão era muito rochoso. Acho que ele ainda não tinha inventado a Pá Dédalo.

Alguns moradores o viram. Antes que Dédalo pudesse fugir, uma multidão se reuniu.

— O que você está enterrando? — perguntou um cara.

Dédalo estava suando como um corredor de maratona.

— Ah, hã... é uma cobra.

O cara olhou para o grande embrulho. Ele o cutucou com o pé e a mão direita de Perdiz saiu para fora do embrulho.

— Tenho certeza que as cobras não têm mãos — disse o cara.

Dédalo partiu em lágrimas e confessou o que ele tinha feito.

A multidão quase o linchou bem ali. Vocês não podem culpá-los por estarem com raiva. Metade deles tinha compromissos com Perdiz para consertar suas carruagens na próxima semana.

A multidão se segurou. Eles o prenderam e o transportaram para os juízes da cidade.

Seu julgamento foi a principal história da Rede de Notícias Ateniense por semanas. Sua irmã, a mãe de Perdiz, defendeu a pena de morte. A coisa era, Dédalo tinha feito um monte de favores para os cidadãos ricos ao longo dos anos. Ele construiu prédios importantes e patenteou muitas invenções úteis. Os juízes mudaram sua sentença de morte para o exílio permanente.

Dédalo deixou Atenas para sempre. Todos imaginavam que ele iria morrer numa caverna.

Mas não. Pelo assassinato que ele cometeu, Atena fez com que Dédalo visse para ter uma vida longa e torturada. O castigo do inventor estava apenas começando.

Dédalo mudou-se para a ilha de Creta, que era o maior rival de Atenas na época. O rei Minos de Creta tinha a Marinha mais poderosa do Mediterrâneo. Ele sempre perseguia navios atenienses e atrapalhava seu comércio.

Você pode imaginar como os atenienses sentiram-se quando souberam que o seu melhor inventor e reparador de disco rígido estava agora a trabalhar para o rei Minos. Seria tipo como se todos os melhores produtos dos Estados Unidos fossem repentinamente feitos na China.

Ah, espere...

De qualquer forma, Dédalo chegou ao Palácio de Minos para sua entrevista de emprego, e Minos estava tipo:

— Por que você deixou a sua posição anterior?

— Fui condenado por homicídio — disse Dédalo. — Eu empurrei meu sobrinho da Acrópole.

Minos acariciou sua barba.

— Então... Não foi por conta da qualidade do seu trabalho?

— Não, sou tão inteligente e habilidoso como sempre. Eu só assassinei alguém.

— Ora, então, eu não vejo nenhum problema — disse Minos. — Você está contratado!

O Minos deu-lhe montes de dinheiro. Ele colocou Dédalo em uma oficina de ponta na capital de Cnossos. Logo a reputação de Dédalo estava de volta, maior e melhor do que nunca. Ele fez dezenas de novas invenções e construiu todos os melhores templos e mansões do reino.

Ele viveu feliz para sempre por cerca de seis minutos.

O problema era que o rei Minos tinha problemas paternos. Ele era o filho de Zeus, que soa como uma coisa boa, mas não o ajuda muito como o rei de Creta.

Resumindo: a relação entre a mãe de Zeus e Minos, Europa, tinha começado de uma forma estranha. Zeus transformou-se em um touro, persuadiu Europa pelas suas costas e nadou com ela, transportando-a através do mar para Creta. Zeus e Europa passaram tempo suficiente juntos para ter três filhos. Minos era o mais velho. Mas, eventualmente, Zeus se cansou de sua namorada mortal, como os deuses sempre fazem, e voltou para o Monte Olimpo.

Europa casou com o rei de Creta, um cara chamado Asterion. Isso funcionou bem por um tempo. Asterion realmente amava Europa. Eles nunca tiveram filhos, então o Rei adotou os três pequenos Zeus Juniors.

Quando Asterion morreu, Minos se tornou o rei. Um monte de moradores resmungou sobre isso. Minos foi adotado. Seu pai verdadeiro era supostamente Zeus, mas eles ouviram a mesma coisa de muitos outros antes. Toda vez que uma garota solteira na cidade engravidava, ela ficava tipo: “Ah, hã, sim. Foi Zeus, com certeza!” A mãe de Minos nem era de Creta. Ela tinha imigrado ilegalmente em um touro. Por que Minos deveria ser rei?

Minos levou isso pro pessoal. Ele publicou sua certidão de nascimento mostrando que ele tinha nascido em Creta e tudo, mas as pessoas não se importavam.

Casou-se com uma princesa local, Pasífae, que era a filha do deus do sol Hélios. Juntos, eles tiveram um monte de crianças, incluindo uma filha esperta e bonita chamada Ariadne. Você vai achar que ter um filho de Zeus como o

seu rei e uma filha de Hélios como sua rainha seria bom o suficiente, mas nãooooo. Não para os cretenses. Eles ainda estavam tipo: *Minos é um estrangeiro. O pai dele era um touro. Acho que Minos está trabalhando secretamente para os bois!*

Minos decidiu que ele precisava fazer um trabalho melhor de marketing de sua marca. As pessoas queriam falar sobre seu parentesco? Ok! Ele era o filho de Zeus e tinha orgulho disso! Minos adotou o touro como seu símbolo real. Ele tinha touros pintados em suas faixas. Ele tinha Dédalo projetando um mosaico gigante de touro para o chão da sala do trono e esculpindo cabeças de touro de ouro em braços de seu trono. Ele tinha talheres com estampa de touro, jardim em formato de touro, até mesmo cuecas com estampa de touro e pantufas em forma de caras de touro fofinhas. Todo mundo que vinha para o palácio às quartas-feiras ganha um boneco de touro como brinde.

De alguma forma, os chinelos e bonecos não convenceu seus súditos do direito divino de Minos de ser rei. Eles continuaram resmungando e não pagando seus impostos e etc.

Finalmente Minos decidiu que ele precisava de uma grande demonstração da sua reputação real, algo que iria impressionar os cretenses e resolver o assunto de uma vez por todas. Ele chamou Dédalo, já que o inventor era o cara mais esperto do reino.

— Eu recomendo efeitos especiais — disse Dédalo. — Fogos de artifício. Bombas de fumaça. Eu poderia construir um robô falante enorme para carregá-lo em torno da cidade e anunciar a todos quão incrível você é.

Minos franziu a testa.

— Preciso de um sinal dos deuses.

— Eu posso fingir isso! — disse Dédalo. — Nós usamos espelhos, talvez alguns caras voando por aí em fios invisíveis.

— Não! — gritou Minos. — Não deve ser fingido. Deve ser real.

Dédalo coçou a cabeça.

— Você quer dizer, como... rezar de verdade para os deuses, em público, e esperar que eles lhe enviem um sinal? Não sei, chefe. Parece arriscado.

O rei estava determinado. Ele tinha uma grande plataforma construída nas docas. Ele convocou toda a população da cidade, em seguida, levantou os braços para a multidão e gritou:

— alguns de vocês duvidam que eu sou rei por direito! Vou provar que os deuses me apoiam! Vou pedir-lhes para me dar um sinal!

Na plateia, alguém disse:

— Isso não é prova! Você só vai pedir um favor ao seu *pai*. Minos corou.

— Não!

Na verdade, ele estava planejando pedir a Zeus um raio, mas agora esse plano foi arruinado.

— Eu vou, hã, rezar para um deus totalmente diferente! — Ele olhou para o porto e teve uma ideia. — Creta tem a maior Marinha do mundo, certo? Vou pedir a Poseidon, senhor dos mares, para me conceder a sua bênção!

Por favor, Poseidon, Minos orou silenciosamente. Eu sei que nós não nos falamos muito, mas me ajudar aqui. Eu vou te retribuir. Talvez você poderia fazer um animal milagrosamente brotar de fora do mar. Prometo que, assim que este espetáculo acabar, qualquer animal que enviar, vou sacrificá-lo a ti.

No fundo do mar, Poseidon ouviu sua oração. Ele realmente não se importava com Minos de uma forma ou de outra, mas ele gostava de sacrifícios. Ele também gostava de pessoas rezando para ele, e ele nunca passou a oportunidade de parecer impressionante na frente de um grande poder naval.

— Hm — disse Poseidon para si mesmo. — Minos quer um animal. Ele gosta de touros. Eu gosto de touros sendo sacrificados para mim. Ei, já sei! Vou enviar-lhe um touro!

O porto se agitou com espumas. Barcos soltaram suas âncoras. Uma onda de doze metros subiu do nada, e montado na crista estava um enorme touro branco. Ele desembarcou nas docas, parecendo legal e majestoso, sua cabeça levantada, seus chifres brancos brilhando.



— Ooohh! Ahhhhhh! — disse a multidão, porque não era todos os dias que um touro chegava surfando até o porto.

Os cretenses voltaram-se para Minos e começaram a aplaudir. O rei inclinou-se e agradeceu-lhes e enviou todo mundo para casa com canecas de café comemorativas em forma de touro.

Os homens do rei colocaram uma corda em volta do pescoço do touro e levaram-no para o curral real. Mais tarde naquela noite, Minos e Dédalo foram inspecionar o animal, que era ainda mais magnífico de perto; pelo menos duas vezes maior e forte que qualquer outro touro no rebanho real.

— Uau — disse Minos. — Isso sim é um touro! Eu acho que vou mantê-lo para a reprodução.

Dédalo roeu seu polegar.

— Hã, tem certeza, Majestade? Se você prometeu sacrificar o touro para Poseidon... Bem, mantê-lo não seria a coisa certa a fazer, seria?

O rei bufou.

— Você empurrou seu próprio sobrinho da Acrópole. O que você sabe sobre o certo e o errado?

Dédalo estava com um pressentimento muito ruim. Efeitos especiais que ele podia controlar. Os olímpianos... bem, mesmo *ele* não tinha inventado uma boa máquina para prever como eles reagiriam. Ele tentou convencer o rei a sacrificar o touro branco, mas Minos não escutava.

— Você se preocupa muito — disse o rei. — Vou sacrificar um dos meus outros touros para Poseidon. Ele não vai se importar! Ele provavelmente nem vai notar a diferença!

Poseidon se importava. Ele notou a diferença.

Quando ele percebeu que Minos estava mantendo o belo touro branco em vez de sacrificar como ele havia prometido, Poseidon inflou como um baiacu.

— Cara! Fazer esse touro me levou tipo *cinco segundos* de trabalho duro! Ok, Minos. Você que é tão bom? Você gosta tanto assim de touros? Você vai arrependa-se. Eu vou ter

que garantir que você nunca vai querer ver outro touro em toda a sua vida!

Poseidon poderia ter punido Creta diretamente. Ele poderia ter destruído Cnossos com um terremoto ou aniquilado toda a frota de Creta com uma onda, mas isso só teria deixado as pessoas da ilha zangados com *ele*. Poseidon queria humilhar a família real e fazer todo mundo enojasse Minos e Pasífae, mas ele não queria qualquer vingança. Ele queria que o povo de Creta continuava orando e fazendo sacrifícios em seu templo.

— Eu preciso de uma maneira sorrateira para me vingar — decidiu Poseidon. — Vamos ver... que é especialista em ser sorrateiro e constranger os outros?

Poseidon foi ver a deusa do amor, Afrodite, que estava passando seu dia em seu spa no Monte Olimpo.

— Você não vai acreditar nisso — disse Poseidon a ela. — Você conhece o rei Minos de Creta?

— Mmm? — Afrodite continuou lendo sua revista de moda. — Acho que sim.

— Ele me desrespeitou! Ele prometeu sacrificar um touro, e ele não fez isso!

— Mm-Hmm? — Afrodite examinou os anúncios de bolsas de grife.

— E também — disse Poseidon — a sua rainha, Pasífae; você deveria ter ouvido o que ela disse sobre você.

Afrodite olhou para cima.

— O que você disse?

— Quero dizer claro que Pasífae é bonita — disse Poseidon. — Mas as pessoas estão sempre falando sobre o quão adorável ela é comparada a você. E a rainha nunca os desencoraja. Você pode acreditar nisso?

Afrodite fechou sua revista. Seus olhos brilhavam um tom perigoso de rosa.

— As pessoas estão comparando esta rainha mortal comigo? Ela *permite* isso?

— Sim! Quando foi a última vez que Pasífae fez um sacrifício em seu templo, ou chamou-lhe de a melhor

deusa?

Afrodite percorreu sua lista mental de sacrifícios e orações. Ela mantinha uma lista de que mortais lhe prestaram o respeito adequado. O nome de Pasífae não estava nem nos vinte primeiros.

— Essa bruxa ingrata — disse Afrodite.

Para ser justo, Pasífae realmente *era* uma bruxa. Ela adorava feitiçaria e poções. Ela era ainda mais segura e arrogante do que seu marido, basicamente não era uma pessoa agradável em tudo, mas culpá-la por não ser uma fã de Afrodite... Bem, seria o mesmo que me culpar por não ser um viajante muito de avião. Zeus e eu, nós tentávamos ficar fora do território um do outro.

Enfim, Poseidon viu uma oportunidade de vingança, e ele pegou. Não posso defender a escolha do meu pai. Mesmo os melhores deuses podem ser cruéis se você deixá-los com raiva.

— Você devia puni-la, com certeza — sugeriu Poseidon. — Faça a rainha e o rei alvo de risada por não me honrarem... quero dizer, por deixarem de honrar você.

— O que você tem em mente? — perguntou Afrodite.

Os olhos de Poseidon brilhavam mais brilhantes do que sua camisa havaiana.

— Talvez a rainha se apaixone. Ela deveria ter o caso de amor mais nojento e vergonhoso de todos os tempos.

— Com David Hasselhoff?

— Pior!

— Charlie Sheen?

— Pior! O símbolo de Minos é um touro, certo? Em seu curral, ele mantém um touro branco puro que ele ama mais do que qualquer coisa no mundo. E se a rainha também se apaixonasse por esse touro...?

Mesmo para Afrodite, a ideia demorou um momento para entrar.

— Ah, deuses... Ah, você não quer dizer... Ah, isso é *doentio!*

Poseidon sorriu.

— Você acha?

Afrodite estava convencida. Ela foi ao seu pequeno quarto, vomitou, consertou o rosto e voltou.

— Muito bem — decidiu ela. — Esta é uma punição apropriada para uma rainha que nunca me honrou.

— Ou a mim — disse Poseidon.

— Tanto faz — disse Afrodite.

A deusa foi trabalhar em sua magia do amor. No dia seguinte, em Creta, Pasífae estava andando pelo curral real o mais rapidamente possível para evitar o cheiro quando ela olhou para o touro branco do rei.

Ela parou.

Foi amor verdadeiro.

Certo, pessoal. Neste ponto, sintam-se livres para baixar o livro e correr em círculos gritando “EEEECCCAAA!” Isso foi basicamente o que eu fiz na primeira vez que ouvi essa história. Mitos gregos têm um monte de coisas nojentas neles, mas essa aqui está entre as finalistas do Festival da Nojeira.

A coisa é, Pasífae não tinha feito *nada* para merecê-lo. Claro, ela era uma pessoa terrível que se envolveu em feitiçaria obscura, mas todos nós temos nossos defeitos! Não foi *ela* que não conseguiu sacrificar o touro. *Ela* não tinha insultado Afrodite.

É como se as Parcas estivessem dizendo, *Ok, Minos, você fez algo ruim? Bem, veja se você gosta quando nós punirmos AQUELA PESSOA ALEATÓRIA ALI!*

Pasífae tentou se livrar de seus sentimentos. Ela sabia que eles eram errados e nojentos. Mas ela não podia. Ela voltou para seu quarto e sentou-se em sua cama o dia todo, lendo livros sobre touros, desenhando fotos do touro até que ela acabou com todos seus gizes de cera branco, escrevendo o nome do touro em todos os seus cadernos: TOURO.

Ela lutou por semanas, tentando convencer-se de que ela não estava realmente apaixonada por um belo espécime de

gado, mas ainda assim ela andava em um transe, cantarolando “Hooked on a Feeling” e “Milk Cow Blues”.

Ela tentou curar-se com feitiços e poções. Nada funcionou.

Então, em desespero, ela tentou feitiçaria para fazer o touro gostar dela. Ela encontrou desculpas para passar pelo curral em seu melhor vestido e com o cabelo feito perfeitamente. Ela murmurou encantamentos. Ela derramou poções de amor na comida do touro. Nada.

O touro não tinha absolutamente nenhum interesse. Para ele, Pasífae era apenas mais uma humana estúpida que não estava trazendo-lhe feno fresco ou acenando uma bandeira vermelha em seu rosto ou fazendo qualquer coisa interessante.

Finalmente, Pasífae procurou a ajuda da única pessoa que ela considerava ainda mais inteligente do que ela mesma, Dédalo.

O inventor estava em sua oficina, olhando para desenhos arquitetônicos para o Estádio Cnossos e o Centro de Convenções, quando a rainha entrou. Ela explicou seu problema e o que ela queria que ele fizesse.

Dédalo olhou em volta, querendo saber se ele estava sendo secretamente filmado para um reality show.

— Então... Espera. Você quer que eu faça *o que*?

Pasífae estremeceu. Explicar *uma* vez já tinha sido vergonhoso o suficiente.

— Eu preciso fazer o touro notar-me. Eu *sei* que ele vai me amar de volta se eu posso apenas puder convencê-lo...

— Ele é um touro.

— Sim! — gritou a rainha. — Então eu preciso que ele pense que eu sou uma vaca!

Dédalo tentou manter sua expressão neutra.

— Hã...

— Estou falando sério! Use seu super mega conhecimento mecânico para me fazer uma roupa de vaca. Eu vou entrar, me apresentar ao touro, flertar um pouco, perguntar-lhe de onde ele é, esse tipo de coisa. Tenho certeza que ele vai se apaixonar por mim!

— Hã...

— Tem que ser uma roupa de vaca *atraente*.

— Vossa Majestade, eu não acho que eu consigo...

— Claro que você pode! Você é um gênio! Para que estamos *pagando* você?

— Tenho certeza que seu marido não está me pagando para fazer isso.

Pasífae suspirou.

— Deixe-me resumir para você. Se você falar uma *palavra* disso para Minos, eu vou negar. Você vai ser executado por espalhar mentiras sobre a rainha. Se você se recusar a me ajudar, direi a Minos o que você me fez passar. Você será executado por isso. A única maneira de evitar ser executado é me *ajudar*.

Uma linha de suor escorria pelo pescoço de Dédalo.

— E-eu só estou dizendo... isso não é certo.

— Você empurrou seu sobrinho da Acrópole! O que você sabe sobre o certo e o errado?

Dédalo realmente desejou que as pessoas parassem de dizer isso. Um pequeno homicídio e *nunca* te deixam esquecê-lo.

Ele não queria ajudar a rainha. Uma roupa mecânica de vaca para que ela pudesse conversar com um touro? Até Dédalo tinha limites. Mas ele também tinha que pensar em sua carreira e sua família. Quando chegou em Creta, ele se casou. Ele agora tinha um garotinho chamado Ícaro. Ser executado tornaria difícil para a Dédalo assistir as peças do filho. O inventor decidiu que não tinha escolha. Ele começou a trabalhar na roupa de vaca mais atraente já construído pelo homem.

Assim que o disfarce mecânico foi feito, a rainha entrou. Dédalo subornou os guardas para que eles não notassem nada de estranho sobre o inventor empurrando uma vaca falsa de sua oficina para o curral real.

Naquela noite, o touro finalmente percebeu Pasífae. Este é um bom momento para todos nós abaixarmos o livro de

novo, correr em círculos gritando “Ecaaaa!” e lavar nossos olhos com colírio.

Como Afrodite e Poseidon se sentiram quando seu plano funcionou?

Espero que eles não estivessem sentados ao redor do Monte Olimpo, abraçando uns aos outros e dizendo: “Nós conseguimos!” Eu prefiro pensar que eles estavam encarando com horror a cena de Creta e dizendo: “Ah, deuses... o que fizemos?”

Nove meses depois, uma rainha muito grávida Pasífae estava prestes a dar à luz.

O rei Minos não podia esperar! Ele estava esperando por um filho. Ele até escolheu um nome: Asterion, em homenagem ao seu padraсто, o antigo rei. O povo de Creta adoraria isso!

Pequeno contratempo no plano: o menino nasceu um monstro.

Dos ombros para baixo, ele era humano. Dos ombros para cima, ele tinha pelo grosso, tendões do pescoço, que pareciam cabos de aço e a cabeça de um touro. Seus chifres começaram a crescer imediatamente, o que tornou impossível carregá-lo nos braços sem levar uma chifrada.

O rei não era tão brilhante como Dédalo, mas ele descobriu muito rapidamente que o garoto não poderia ser dele. O casal real brigou. Eles jogaram coisas. Eles gritaram e perseguiram os criados, todos os quais deviam estar bem tristes pelo pobre bebê.

Ninguém ficou mais horrorizado que Pasífae. A maldição do amor de Afrodite tinha quebrado assim que o bebê nasceu. A rainha estava enojada com ela mesma, os deuses e especialmente o bebê. Ela confessou o que tinha acontecido, mas ela não conseguia explicar suas ações. Como ela poderia? Enfim, o dano estava feito. Isso não era algo que o casal real poderia resolver com aconselhamento matrimonial.

Pasífae mudou-se para um apartamento separado no palácio. Ela viveu em prisão domiciliar pelo resto da vida.

Minos ficou tentado a atirar o bebê monstro no mar, mas algo o segurou, talvez o velho tabu contra matar sua família, ou talvez ele tinha um pressentimento de que a criança era um castigo para *e/e*: uma mensagem doentia e torcida de Poseidon. Então, matar o garoto só deixaria os deuses mais irritados.

Minos tentou silenciar os detalhes do parto, mas era tarde demais. Enfermeiras, parteiras e criados tinham visto o bebê. Nada viaja mais rápido do que más notícias, especialmente quando acontece a alguém que ninguém gosta.

O povo de Creta estava agora *certo* de que seu rei não estava apto a governar. A criança mutante era claramente uma maldição dos deuses. O nome do garoto, Asterion, foi um insulto à memória do velho rei, então as pessoas não o chamam assim. Todo mundo chamava o menino de *Minotauro*, o touro de Minos.

Minos ficou amargo. Ele culpou todos os outros; os deuses, sua esposa, o touro, o povo ingrato de Creta. Ele não podia castigar todos. Seus níveis de popularidade eram suficientemente baixos. Mas havia uma pessoa que ele *poderia* punir, alguém que tinha estava envolvido na conspiração e que fazia um saco de pancadas perfeito. Ele tinha Dédalo arrastado diante dele acorrentado.

— *Você* — rosnou o rei. — Eu te dei uma segunda chance. Eu te dei um emprego, uma oficina, fundos para Pesquisa e Desenvolvimento. E é *assim* que me retribui? Você destruiu a minha reputação, inventor! A menos que você possa inventar algo que conserte isso, eu vou matá-lo lentamente e dolorosamente! Então eu vou encontrar uma maneira de ressuscitar você e eu vou te matar de novo!

Dédalo estava acostumado a ter ideias brilhantes. Normalmente ele não tinha que ter enquanto ele estava acorrentado e cercado por guardas com espadas pontudas, mas ele estava muito motivado para pensar rápido.

— Vamos transformá-lo em um algo positivo! — gritou ele. O olhar de Minos estava frio como gelo seco.

— A minha mulher apaixonou-se por um touro. Ela deu à luz um monstro. Você quer transformar isso em um algo positivo?

— Sim! — disse Dédalo. — Nós vamos usar isso! Olha, seu povo nunca vai te amar. Isso é óbvio.

— Você não está melhorando.

— Mas podemos fazê-los *temer* você! Seus inimigos irão tremer quando ouvir o seu nome. Seus próprios súditos nunca ousarão cruzar seu caminho!

Os olhos do rei se estreitaram.

— Continue.

— Rumores sobre o Minotauro já começaram a se espalhar.

— O nome dele é Asterion.

— Não, senhor! Nós abraçaremos sua monstruosidade. Nós iremos chamá-lo de Minotauro. Nós *nunca* mostraremos ele para ninguém. Deixaremos suas imaginações correrem solta. Por pior que ele seja, encorajamos as pessoas a pensarem que ele é ainda pior. Enquanto ele cresce, vamos mantê-lo trancado nas masmorras e alimentá-lo com... Eu não sei, carne estragada e molho de Tabasco; algo para deixá-lo *realmente* irritado. Nós iremos jogar prisioneiros em sua cela de vez em quando e deixar que o Minotauro os mate.

— Uau — disse Minos. — E eu pensei que *eu* era cruel. Continue falando.

— Toda vez que o Minotauro matar um prisioneiro, vamos dar-lhe um pedaço de doce. Ele aprenderá a ser uma besta assassina e cruel! Quando ele estiver totalmente crescido...

Dédalo colocou uma luz em seus olhos para que até mesmo o rei ficasse nervoso.

— O quê? — perguntou Minos. — O que acontece quando ele estiver crescido?

— Até lá, eu irei ter construído a nova casa do Minotauro. Vai ser uma prisão como nenhuma outra, um enorme labirinto logo atrás do palácio. A parte superior estará aberta ao céu, mas as paredes serão altas e impossíveis de

escalar. Os corredores vão mudar e transformar. O lugar inteiro estará cheio de armadilhas. E no centro... é onde o Minotauro vai viver.

Minos teve um calafrio apenas imaginando.

— Então... Como vamos alimentá-lo?

Dédalo sorriu. Ele estava realmente entrando em toda a coisa gênio do mal agora.

— Sempre que você tiver alguém que você queira punir, você os joga no labirinto. Você promete que se eles conseguirem encontrar o seu caminho para fora, você vai deixá-los viver, mas eu farei com que ninguém *nunca* consiga encontrar uma saída. Eventualmente, eles vão se perder. Eles morrerão de sede ou fome... ou o Minotauro vai encontrá-los e comê-los. Seus gritos vão ecoar do labirinto para toda a cidade. O Minotauro se tornará o pior pesadelo de todos. Ninguém *nunca* vai zombar de você novamente.

Minos tocou o queixo.

— Gostei do seu plano. Construa este labirinto. Nós iremos chamá-lo de... a Casa da Diversão!

— Hã, eu estava pensando algo mais misterioso e aterrorizante — disse Dédalo. — Talvez o Labirinto?

— Tudo bem. Tanto faz. Agora comece a trabalhar antes que eu mude de ideia e o mate!

Dédalo gastou mais horas no labirinto do que ele tinha em qualquer outra invenção, mais do que no Cinzel Dédalo, no Tablet de Cera Dédalo, ou até mesmo no Processador de Alimentos Dédalo que faz montes e montes de batatas fritas. Ele trabalhou tanto que negligenciou sua família. A mulher dele o deixou. Seu filho Ícaro cresceu mal conhecendo seu pai.

Por quinze anos, Dédalo trabalhou, criando o que parecia ser um parquinho de guerras de trincheira no quintal do palácio. Felizmente, era um quintal *realmente* grande. Se você colocasse o maior shopping, o maior parque de diversões e vinte estádios de futebol juntos, todos eles teriam cabido dentro do labirinto e ainda sobraria espaço.

Nove metros de muros ziguezagueavam cruzavam toda a paisagem. Os corredores se estreitavam e se ampliavam, viravam, cruzavam e separavam. Possuía galerias submersas e túneis. Outros corredores fechados ou aberto que dava para jardins onde cada planta era venenosa. As paredes mudavam. Alçapões e poços no chão.

Se você fosse condenado ao labirinto, os guardas o empurrariam para dentro. A entrada desapareceria como se nunca tivesse estado lá. O labirinto era tão desorientador que assim que você dava três passos você estaria perdido. O fato de que você poderia ver o céu só fazia se sentir mais claustrofóbico. Era quase como o labirinto estivesse vivo, crescendo e mudando e tentando matá-lo.

Acredite em mim. Eu estive lá dentro. Não é um daqueles lugares onde você pensa, *quando eu crescer, eu levarei meus filhos aqui todos os verões, com certeza!*

Dédalo completou seu trabalho no momento certo. O Minotauro estava ficando tão forte que nenhuma cela na masmorra poderia segurá-lo. Ele tinha entrado em seus anos de adolescência e, como muitos de nós adolescentes (com exceção de mim, é claro), ele poderia ser mal-humorado, irritado e destrutivo. Ao contrário da maioria dos adolescentes, o Minotauro tinha chifres afiados, olhos vermelhos sangue e punhos do tamanho de aríetes. Desde criança, ele foi açoitado, espancado e treinado para matar. Por um pedaço de doce, ele alegremente rasgaria um ser humano com suas próprias mãos.

De alguma forma, Minos conseguiu convencer o Minotauro para ir para sua nova casa no centro do labirinto, talvez deixando um rastro de balas. Uma vez lá, o Minotauro estava pronto para desempenhar a sua parte como o monstro mais temido de todos. À noite, ele berrava para a lua, e o som ecoava pelas ruas de Cnossos.

Minos começou a jogar prisioneiros no labirinto. Com certeza, eles nunca saíram. Ou eles se perderam e morreram de sede (se eles tiveram sorte), ou eles encontraram o Minotauro, nesse caso seus gritos morrendo

forneceu uma trilha sonora adorável para a vida na cidade grande.

A taxa de criminalidade em Cnossos desceu noventa e sete por cento. Assim como a popularidade do rei Minos, mas todo mundo estava muito assustado com ele e seu filho monstruoso para dizer qualquer coisa. O plano de Dédalo tinha funcionado. Ele desenhou o labirinto mais complicado e perigoso da história humana. Ele transformou a desgraça de Minos em uma fonte de poder e medo.

Como recompensa, ele foi condenado a prisão. Obaa! Minos trancou Dédalo em seu próprio Labirinto, em um lindo conjunto de celas com uma oficina totalmente abastecida para que ele pudesse continuar fazendo coisas geniais para o rei. Os guardas o checavam diariamente, usando um fio mágico para encontrar o seu caminho dentro e fora do labirinto, e fez com que Dédalo não fizesse nada engraçado.

Para incentivar a cooperação do velho, Minos manteve Ícaro como prisioneiro no palácio. Ícaro só era autorizado a visitar seu pai duas vezes por mês, mas essas visitas eram o destaque da nova vida miserável de Dédalo.

Ele desejava que ele nunca tivesse ouvido falar em Creta, Minos ou Pasífae. Ele nunca quis ver outro touro enquanto vivesse. Toda noite ele tinha que ouvir o Minotauro mugindo e batendo ao lado da porta. As paredes do labirinto tremiam e gemiam conforme mudavam, tornando impossível para o velho para dormir.

Sendo um gênio inventor e tal, Dédalo passou a maior parte de seu tempo planejando planos de fuga. Atravessar o labirinto em si não era um problema. Dédalo poderia se orientar facilmente. Mas a saída estava trancada e fortemente vigiada. O exército de Minos patrulhavam o perímetro o tempo todo. Mesmo que Dédalo pudesse de alguma forma conseguir escapar sem ser notado, Minos controlava todos os navios do porto. Dédalo seria preso antes que ele pudesse embarcar em um.

Para piorar as coisas, seu filho era o prisioneiro do rei. Se Dédalo fugisse, Ícaro seria executado.

Dédalo precisava de uma maneira de sair da ilha com seu filho, de um jeito que não envolvesse terra ou mar. O inventor começou a trabalhar em sua maior pior ideia de todas.

O prazo de Dédalo foi diminuído quando o labirinto sofreu sua primeira fuga. Um cara chamado Teseu saiu com uma pequena ajuda interna, mas vamos chegar a essa parte daqui a pouco.

Por enquanto, vamos apenas dizer que deixaram Minos em um péssimo mal humor. E quando Minos ficava de mau humor, ele tendia a descontar em seu saco de pancadas favorito: Dédalo. O inventor achou que ele sobreviveria por conta de sua utilidade. Seus dias estavam contados. Ele acelerou o trabalho em sua incrível má ideia.

Ele não disse a ninguém sobre seus planos, exceto seu filho.

Ícaro tinha se tornado em um jovem gentil e bonito, mas ele não era um inventor. Ele não era Perdiz. Dédalo gostava desse jeito. Ícaro adorava seu pai e confiava nele completamente, então, quando Dédalo disse que eles estavam fugindo do Labirinto juntos, Ícaro fez sua dança da felicidade.

— Incrível! — disse Ícaro. — Você está cavando um buraco?

— O quê? — perguntou Dédalo. — Não, isso não funcionaria.

— Mas você disse “fugir”.

— Não por um buraco. Não há maneira de escapar por terra ou mar. Minos tem essas rotas protegidas. Mas há uma maneira que ele não pode proteger.

Dédalo apontou para o céu.

Ícaro assentiu.

— Molas em nossos sapatos. Nós vamos saltar para a liberdade!

— Não.

— Pombos treinados! Nós vamos amarrar dezenas deles em grandes cadeiras e...

— Não! Embora você esteja esquentando. Nós vamos voar para fora daqui com nossas próprias forças!

Dédalo contou-lhe o plano. Ele advertiu Ícaro para não falar sobre isso e estar pronto para sair quando ele visitasse o Labirinto novamente em duas semanas.

Depois que Ícaro partiu, Dédalo foi trabalhar. Sua forja brilhou dia e noite como ele respirasse bronze e comesse pedaços de sua nova engenhoca. A essa altura, ele estava ficando velho. A visão dele já não era tão boa como costumava ser. As mãos dele tremiam. Seu projeto exigia um trabalho complexo meticulosamente preciso. Depois de alguns dias ele estava desejando que ele tivesse ido com a ideia da cadeira movida a pombos.

Duas semanas se passaram.

Quando Ícaro voltou para visitá-lo, o menino ficou preocupado com o quão frágil o pai parecia.

— Pai, os guardas estavam agindo de forma engraçada — advertiu Ícaro. — Eles disseram algo sobre dizer-lhe adeus e esta sendo a nossa última visita.

— Eu *sabia* — murmurou Dédalo. — O rei está planejando me executar. Temos que nos apressar!

Dédalo abriu seu armário de suprimentos e tirou sua nova invenção; dois conjuntos de asas de bronze de tamanho humano, cada pena perfeitamente trabalhada, todas as juntas totalmente articuladas.

— Uau — disse Ícaro. — Brilhante.

— Você se lembra do nosso plano? — perguntou Dédalo.

— Sim. Aqui, pai, eu vou anexar suas asas.

O velhote queria discutir. Ele teria preferido que seu filho estivesse pronto para ir primeiro, mas ele estava exausto. Ele deixou Ícaro apertar as correias em seu cinto de couro, em seguida, usar cera quente para fundir as asas em suas costas e braços. Não era um projeto perfeito, mas era o melhor Dédalo poderia fazer em curto prazo com os suprimentos que ele tinha. Os guardas não estavam prestes

a deixá-lo ter um *bom* adesivo. Com supercola ou fita adesiva, Dédalo poderia ter conquistado o mundo.

— Rápido, filho — insistiu Dédalo. — Os guardas vão trazer o almoço em breve...

Ou, se Minos realmente *decidisse* matá-lo, eles poderiam trazer uma guilhotina em vez do sanduíche de queijo habitual.

Ícaro anexou a última assa ao pulso de seu pai.

— Pronto! Você está pronto para voar. Agora é a sua vez.

As mãos do velho tremeram. Várias vezes, ele derramou cera quente nos ombros de seu filho, mas Ícaro não reclamou.

Dédalo estava prestes a fazer uma verificação de segurança final quando as portas da oficina se abriram. O rei Minos se invadiu, protegido por guardas.

O rei olhou para Dédalo e Ícaro em suas novas asas de bronze.

— O que temos aqui? — disse Minos. — Galinhas gigantes de bronze? Talvez eu devesse fazer sopa de vocês!

Um dos guardas riu.

— Ha. Sopa.

— Ícaro, vá!

Dédalo chutou abrir o respiradouro do chão da forja. Uma explosão de ar quente de baixo levantou Ícaro para o céu.

— Detenha-os! — gritou Minos.

Dédalo abriu suas asas. O vento quente levou-o para o alto. Os guardas não tinham trazido arcos, então tudo o que podiam fazer era jogar suas espadas e capacetes enquanto o rei Minos gritava e sacudia os punhos. O inventor e seu filho foram embora.

No início, a viagem foi incrível... meio que como o começo da vultinha de Faetonte na carruagem do sol, só que sem as músicas relacionadas ao ou o Bluetooth. Ícaro gritou animado enquanto voavam para longe de Creta.

— Conseguimos, pai! Nós conseguimos!

— Filho, tenha cuidado! — gritou Dédalo, lutando para manter-se. — Lembre-se o que eu lhe disse!

— Eu sei! — Ícaro desceu ao lado dele. — Não muito baixo, ou a água do mar vai corroer as asas. Não muito alto, ou o sol vai derreter a cera.

— Isso! — disse Dédalo. — Fique no meio do céu!

Mais uma vez, isso pode soar familiar da aula de direção de Faetonte. Os gregos eram tudo sobre permanecer no meio, evitando extremos. Eles eram a nação em que nasceu a Cachinhos Dourados; nem muito quente, nem muito frio, apenas o ideal.

Claro que isso não significa que eles eram bons em *seguir* a regra.

— Eu vou ter cuidado, pai — prometeu Ícaro. — Mas primeiro veja isso! UUUUU!

Ele fez mortais e piruetas. Ele mergulhou, batendo nas ondas, em seguida, subiu e tentou tocar as nuvens. Dédalo gritou para ele parar, mas você nos conhece, crianças loucas. Nos dê asas e tudo o que iremos querer fazer é voar.

Ícaro continuou dizendo:

— Só mais uma vez! Essas asas são ótimas, pai!

Dédalo não podia fazer muito para detê-lo. O velho já estava tendo dificuldades apenas ficar no alto. Agora que eles estavam no meio do mar, ele não podia parar para descansar.

Eu me pergunto o quão alto eu posso ir, pensou Ícaro. As asas do pai vão aguentar. Papai é incrível! Ele é superesperto!

Ícaro se jogou nas nuvens. Em algum lugar abaixo, ele ouviu seu pai gritando, mas Ícaro estava muito ocupado apreciando a onda de adrenalina.

Eu posso tocar o sol! disse ele a si mesmo. *Eu com certeza posso tocar o sol!*

Ele não conseguia tocar o sol.

Os pontos de cera derreteram. As penas de bronze começaram a cair.

Com um *RRRIPP* metálico alto, como um saco de latas em um compactador de lixo, as penas das asas se soltaram. Ícaro caiu.

Dédalo gritou até sua garganta ficar dolorida, mas não havia nada que ele pudesse fazer. Seu filho despencou de noventa metros e bateu na água, que a partir dessa altura poderia muito bem ter sido asfalto.



Ícaro afundou nas ondas.

Em sua homenagem, esse trecho de água ainda é chamado de Mar Icário, mas por que você gostaria de ser lembrado pela coisa que te matou eu não tenho certeza. Se isso por acaso acontecer comigo, por favor, não deixe que eles nomeiem como Monumento Muro de Tijolos Percy Jackson, Lança Extremamente Afiada Percy Jackson ou Monumento Caminhão Indo a 160 km/h Percy Jackson. Não me sentiria honrado.

Com o coração partido, Dédalo ficou tentado a desistir. Ele poderia simplesmente cair no mar e morrer, juntando-se a seu filho no Mundo Inferior. Mas o instinto de sobrevivência dele era muito forte. Assim como seu instinto de vingança. Minos os tinha conduzido a este plano de fuga. Minos foi responsável pela morte de seu filho. O rei precisava pagar.

O inventor voou para pela noite. Ele tinha mais coisas para inventar, mais problemas para causar e pelo menos uma morte realmente satisfatória para providenciar.

Dédalo viajou para a ilha da Sicília, na ponta sudoeste da Itália. Isso é cerca de oitocentos quilômetros de Creta, o que é um longo caminho para um velho batendo asas de metal.

Quando ele pousou, ele foi a primeira pessoa a usar essa piada ruim: *Eu voei de Creta e, cara, estão meus braços cansados!*

Felizmente, os sicilianos não aplicavam a pena de morte por piadas de cafonas.

Levaram Dédalo para conhecer o rei local, um cara chamado Cócalo, e o rei não podia acreditar em sua sorte. Ninguém famoso já veio à Sicília!

— Ah, meus deuses! — O rei saltou do seu trono. — Dédalo? O Dédalo? — O rei Cócalo começou a ter um surto de fã ao redor da sala do trono. — Posso tirar uma foto com você? Você pode autografar minha coroa? Não acredito! O Dédalo, em *meu* reino. Tenho que contar a todos os reis vizinhos. Eles vão ficar com *tanto* ciúme.

— Hã, é, sobre isso...

Dédalo explicou que ele tinha acabado de escapar do rei Minos, que tinha a Marinha mais poderosa do Mediterrâneo e, sem dúvida, estaria procurando por ele.

— Talvez seja melhor manter minha presença em segredo. Os olhos de Cócalo se arregalaram.

— Ceeerto. Em segredo. Entendi! Se trabalhar para mim, pode ter o que quiser. Vamos manter a sua identidade em segredo. Nós vamos dar-lhe um codinome algo como... Não é Dédalo! Ninguém vai suspeitar de nada!

— Hã...

— Ou que tal Maédalo? Ou Jimmy?

Dédalo percebeu que tinha algum trabalho pela frente. Ele teria que certificar-se de que o cérebro real não fosse exagerar e ir ao limite de velocidade. Ainda assim, é melhor do estar no Labirinto.

Em breve, Dédalo era o conselheiro mais confiável do rei. Ele podia ler frases inteiras, soletrar palavras, até mesmo fazer cálculos. Um verdadeiro mago.

O rei Cócalo era tão bom quanto a sua palavra. (Contanto que você não pedir-lhe para *soletrar* a palavra.) Ele manteve o segredo de Dédalo. Ele deu ao velho inventor um conjunto de quartos no palácio, uma nova oficina, até mesmo um bom conjunto de ferramentas da loja mais famosa de Atenas, que *não* era fácil de importar.

Claro que a Sicília não era Creta. Cócalo não tinha tanto poder ou riqueza como Minos, então Dédalo não tinha tantos recursos para trabalhar. Mas ele *definitivamente* era reconhecido. Ele era a maior coisa que já tinha acontecido naquela parte do mundo. Ele meio que gostava da atenção.

Cócalo podia ser um pateta, mas as três filhas do rei todos eram espertas, com um lado cruel. Dédalo pensou que elas poderiam fazer boas governantes algum dia. Ele começou a orientá-las sobre o básico de ser um monarca; cálculos, leitura, escrita, guerra, tortura básica, cobrança de impostos, tortura avançada e cobrança de impostos com tortura avançada. As princesas aprendiam rápido.

Dédalo também fez muitas de coisas para os moradores. Ele construiu um sistema de água encanada. Ele construiu belos prédios. Ele ensinou as pessoas a dizer se suas roupas estavam de ao contrário. Foi uma grande época no reinado de Cócalo. Se você for para a Sicília hoje, você ainda pode ver algumas das coisas que Dédalo construiu: os banhos termais em Selinunte, um reservatório de água em Hybla, um aqueduto e algumas fortalezas em Camico, o templo de Apolo em Cumas e não esqueça gigantesca preguiça dançarina de bronze Palermo. (Ok, essa última não está mais lá, que é uma droga. Devia ser incrível.) Dédalo tornou-se tão popular que ele começou a acumular presentes do povo agradecido. Muitos sicilianos nomearam seus filhos de Jimmy ou Não é Dédalo em sua homenagem.

Dédalo imaginou que, mais cedo ou mais tarde, a Marinha de Creta viria atrás dele, então ele construiu para o rei Cócalo um novo castelo no alto de um penhasco. Seu portão de entrada única estava no topo de uma trilha íngreme, e quatro homens poderiam facilmente defendê-lo contra um exército inteiro. O ponto negativo, teria um grande engarrafamento no horário de pico.

Por um tempo, a vida estava boa. Algumas noites, Dédalo poderia até dormir sem ter pesadelos sobre a rainha Pasífae em sua roupa de vaca, ou Ícaro caindo no mar, ou seu sobrinho Perdiz caindo da Acrópole.

Mas o rei Minos não tinha esquecido o inventor. Ele reuniu sua frota e lentamente rumou em torno do Mediterrâneo, à procura de Dédalo em cada cidade. Minos foi esperto sobre isso. Em vez de bater nas portas e ameaçar as pessoas, ele armava uma isca que ele achava que Dédalo não resistiria.

Minos disse que ele estava realizando um concurso para encontrar a pessoa mais inteligente do mundo. Quem poderia enfiar um cordão através de uma concha sem quebrar a concha iria ganhar fama eterna e um burro de ouro. (Com isso quero dizer o tanto de ouro que poderia ser transportado por um burro forte. Nossa, pessoal. O que você acha que eu quis dizer?)

Por que Minos escolheu o desafio de concha? Talvez quisesse começar uma tendência nova com colares extremamente grandes de conchas. Se você já viu uma concha, sabe que elas são *muito* encaracoladas por dentro. Você pode colocar a sua mão parcialmente, mas é impossível colocar um fio todo o caminho através da espiral e até o topo, especialmente com a tecnologia que eles tinham na época.

As palavras certas para espalhar um concurso. Muitas pessoas queriam fama eterna. E um burro de ouro também não parecia tão ruim.

Quando Dédalo ouviu falar sobre o desafio, ele apenas sorriu. Ele previu que Minos tentaria algo assim mais cedo ou mais tarde.

Ele foi ver o rei Cócalo.

— Vossa Majestade, sobre este concurso concha... Eu pretendo entrar e ganhar.

O rei franziu a testa.

— Mas se você enviar a resposta vencedora, mesmo se você enviar com um nome falso, Minos não suspeitaria que veio de você?

— Sim.

— Mas... Então ele virá aqui. Ele vai exigir ver o vencedor e...

— Isso.

— Espera... Você *quer* que ele venha aqui?

Dédalo percebeu que ainda tinha algum trabalho a fazer sobre a capacidade de velocidade cerebral do rei.

— Sim, meu amigo. Não se preocupe. Eu tenho um plano.

Cócalo estava um pouco nervoso sobre confrontar o rei mais poderoso do Mediterrâneo, mas ele amava Dédalo. Ele não queria perder o seu melhor conselheiro. Ele concordou com o que o inventor disse.

Primeiro, Dédalo resolveu o enigma da concha. Foi fácil. Ele perfurou um pequeno buraco no topo, onde a concha chegou a um ponto. Ele pôs uma pequena gota de mel ao redor da borda do buraco. Em seguida, ele encontrou uma

formiga e cuidadosamente amarrou um fio de seda em torno do corpo do rapazinho. (Não tente isso em casa a menos que você tenha tempo de sobra, paciência infinita e uma lupa muito boa.)

Dédalo deu um empurrãozinho na formiga para dentro da concha. A formiga sentiu o cheiro do mel na parte superior e decolou através das espirais, arrastando o fio atrás dela. A formiga saiu do buraco e, ta-dã!, um cordão de concha.

Dédalo deu a concha ao rei Cócalo, que enviou a Minos, cuja a frota estava agora vagueando para a costa da Itália.

Algumas semanas depois, Minos recebeu a concha, juntamente com uma nota que leu:

*Resolvi o seu pequeno enigma. O que mais você tem?
Venha e me dê minha recompensa.
Estou no palácio de Cócalo, na Sicília.*

*bjs e abçs
Não é Dédalo*

Minos viu através deste pseudônimo inteligente.

— É Dédalo! — gritou ele. — Devemos rapidamente navegar para a Sicília!

Sua frota ancorou na costa sul da ilha. O lugar onde ele desembarcou foi imediatamente nomeado Minoa em homenagem à chegada do rei. Como eu disse, não acontecia muita coisa na Sicília naquela época. Ainda assim, você consegue imaginar cada lugar que você visitar ser nomeado em sua homenagem?

Seria meio chato.

Mãe: *Você foi para Nova Jersey ontem à noite?*

Eu: *Hã, não. Por que a pergunta?*

Mãe: *Porque há uma cidade lá que é chamada de Percynápolis agora!*

O rei Cócalo enviou mensageiros para cumprimentar Minos. Eles convidaram o rei para o palácio para conversarem.

Minos olhou para a fortaleza de no topo da colina com seu caminho estreito e seu portão facilmente defensável. Ele percebeu que seria impossível tomar pela força. Ele imaginou que Dédalo deve ter construído o lugar.

Minos cerrou seus dentes e decidiu colaborar. Acompanhado por uma dúzia de guardas e criados, ele seguiu os mensageiros para a câmara de audiência do rei Cócalo.

O rei sentou-se nervosamente em seu trono. Atrás dele estavam três jovens ruivas que Minos assumiu que fossem as filhas do rei.

— Meu amigo Minos! — disse Cócalo.

Minos franziu a testa. Ele nunca conheceu o Cócalo. Ele não queria ser seu amigo.

— Eu acredito que alguém de sua corte resolveu o meu enigma — disse ele.

— Ah, sim! — sorriu Cócalo. — Meu leal conselheiro, Não é Dédalo. Ele é incrível!

— Corta essa! — rosnou Minos. — Eu sei que você está abrigando o fugitivo Dédalo.

O sorriso de Cócalo desapareceu.

— Hã, bem...

— Como ele resolveu o problema da concha?

— Ele, hã... com uma formiga, se você conseguir acreditar. Ele amarrou um fio de seda em torno do rapazinho, em seguida, persuadindo-o através da casca, colocando uma gota de mel na outra extremidade.

— Engenhoso — disse Minos. — Entregue Dédalo para mim e não teremos nenhum problema. Não faça e você terá Creta como inimiga. Acredite em mim, você não quer isso.

Cócalo ficou pálido, o que agradou Minos. Ele estava *bem* distante da época em que dava os dias de dar bonecos de graça na esperança de que as pessoas gostariam dele. Agora ele era mais velho e mais sábio. Ele só queria aterrorizar e matar pessoas.

Uma das filhas do rei Cócalo andou até do pai. Ela sussurrou no seu ouvido.

— O que você está dizendo, menina? — perguntou Minos. A princesa encontrou seus olhos.

— Meu senhor, Dédalo é nosso professor e amigo. Entregá-lo para você seria traição.

Minos apertou a mandíbula. Esta menina defendendo o inventor lembrou-lhe de sua própria filha, Ariadne, e isso era um assunto doloroso, como você vai descobrir na próxima do capítulo.

— Princesa, sua lealdade está mal colocada — alertou Minos. — Dédalo também ensinou *minha* filha. Ele envenenou a mente dela e me traiu se aliando aos meus inimigos. Entregue-me Dédalo agora!

O rei Cócalo limpou a garganta.

— Claro, claro! Mas, hã, você mencionou uma recompensa para quem resolvesse o enigma...?

Minos entendeu a ganância.

Ele bateu palmas e seus criados trouxeram vários baús pesados, um burro de ouro, sem o burro.

— É seu — disse Minos. — Entregue-me Dédalo e eu vou sair em paz.

— Combinado! — Cócalo limpou a testa com alívio. — Guardas...

— Pai, espera. — A princesa mais velha colocou sua mão no braço do pai. — Sua palavra é lei. Obviamente, devemos fazer o que o rei Minos pede. Mas não deveríamos entreter nosso convidado corretamente primeiro? Ele viajou por muitos meses. Ele deve estar cansado. Hoje à noite, vamos dar a Minos um banho de luxo, roupas frescas e um banquete. Então, pela manhã, iremos deixá-lo seguir seu caminho com seu prisioneiro e muitos presentes. Ela ofereceu o rei Minos com um pequeno sorriso sedutor. — Minhas irmãs e eu seríamos honrados em cuidar de seu banho pessoalmente.

Caramba, pensou o rei Minos. *Isso pode ser bom.*

Ele achou que tinha ganhado. Ele podia ver a ganância e o medo nos olhos do rei Cócalo. A Sicília não ousaria arriscar uma guerra com Creta. *Tinha* sido uma longa e cansativa

viagem, e ele não estava ansioso para voltar em um navio e navegar para casa. Ter três belas princesas preparando seu banho e servi-lo um banquete não soava ruim.

— Eu aceito — disse Minos. — Mostre-me a hospitalidade de... Sicília.

As três princesas o escoltaram para um lindo conjunto de quartos. Elas elogiaram sua riqueza, poder e beleza. Eles o convenceram a deixar seus guardas para trás. Afinal, ele estava entre amigos! O que um grande e forte rei teria a temer de três garotas?

Eles levaram Minos para o banho, onde uma banheira o aguardava, cheia com caros sais de banho com aroma de rosa. Como o velho se aliviou, as princesas evitaram seus olhos para proteger sua modéstia (e também porque ele era velho, peludo e nojento e elas não queriam ver).

— Ahhhh — disse Minos. — Isso que é vida.

— Sim, meu senhor — disse a princesa mais velha. — É também a sua morte.

— O que?

Ela ligou uma torneira. Uma escotilha abriu no teto e cerca de quatro mil litros água fervente foram despejados em cima de Minos. Ele gritou e morreu em dor extrema.

Atrás do porta-toalhas, uma porta secreta se abriu. Dédalo surgiu.

— Muito bem, minhas princesas — disse o inventor. — Vocês sempre foram boas aprendizes.

As princesas o abraçaram.

— Nós não poderíamos deixar Minos prendê-lo! — disse a mais velha. — Você pode ficar conosco agora. Continue a nos ensinar!

— Infelizmente, minha querida, eu não posso — disse Dédalo. — A deusa Atena claramente não é terminou com minha maldição. Eu tenho que seguir em frente antes que eu traga mais tragédia para este reino. Mas não se preocupe. Vocês serão excelentes rainhas. E eu tenho outros planos...

O velho inventor abraçou as princesas leais e assassinas. Então ele desapareceu na passagem secreta e nunca mais foi visto na Sicília.

As princesas correram de volta para a sala do trono. Chorando e gritando, elas relataram que seu convidado de honra Minos acidentalmente escorregou e caiu na banheira fervente. O pobre homem morreu instantaneamente.

Os guardas cretenses suspeitaram. Quando viram o corpo do rei, parecia que tinha sido cozido numa panela de lagosta. Mas o que eles poderiam fazer? Eles estavam em desvantagem no palácio. A fortaleza estava muito bem protegida para um ataque. Para obter vingança adequada, eles teriam que declarar guerra, fazer um cerco na ilha e convocar mais tropas que estavam a mais de mil quilômetros de distância. Era muito trabalho para um rei que nunca gostaram. Eles decidiram aceitar a história das princesas de que a morte tinha sido um acidente.

Os cretenses partiram em paz. Cócalo manteve o burro de ouro. Suas três filhas assassinas viveram felizes para sempre e tornaram-se excelentes na tortura e na coleta de impostos.

E Dédalo?

Algumas histórias dizem que ele viveu seus últimos dias na ilha da Sardenha, mas ninguém está realmente sabe com certeza.

A menos que tenha lido algumas das minhas aventuras. Então você pode saber o que aconteceu com o velho. Mas, já que estamos seguindo os mitos originais e tal, teremos que ficar por aqui.

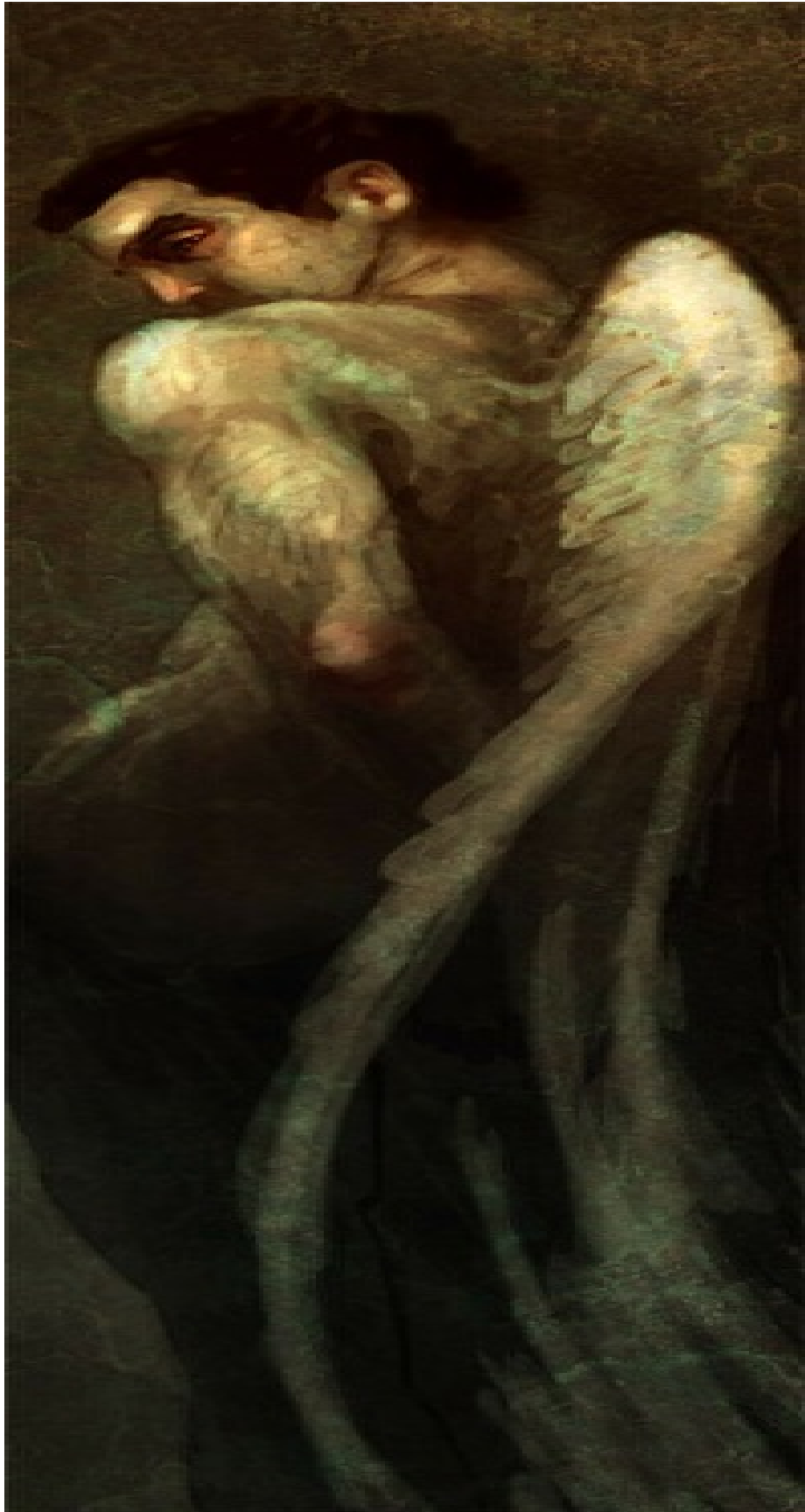
Além disso, meu cão infernal está ficando muito triste. Ela sabe que estou escrevendo sobre Dédalo, seu antigo dono. Toda vez que ela ouve seu nome, ela começa a chorar e comer minha armadura.

Então Dédalo era um herói? Me diga você. O cara era definitivamente esperto, mas sua ingenuidade o meteu em mais vezes em apuros do que as vezes que o salvou. Super-heróis de quadrinhos sempre recebem o mesmo conselho:

Use seus poderes apenas para o bem. É... Dédalo não fez isso. Ele usou seus poderes para ganância e dinheiro e salvar sua própria pele. Mas às vezes ele também tentou ajudar as pessoas.

Antes de você se decidir, você deve ouvir o outro lado da história: o que aconteceu no Labirinto quando um cara chamado Teseu veio para a cidade. Descobriu-se que Dédalo não era a única pessoa inteligente em Creta, e Minos não era o único assassino frio. Ariadne e Teseu... Eles fizeram uma boa equipe cortadora de gargantas.

TESEU MATA O PODEROSO...
AH, OLHE! UM COELHINHO



QUER DEIXAR TESEU FURIOSO?

Pergunte a ele: “Quem é o seu pai?”

Ele vai bater na sua cabeça *rapidinho*.

Ninguém sabe exatamente quem foi o pai do Teseu. Nem sequer sabem com certeza se ele tinha um pai ou dois. Os gregos antigos discutiram sobre isso por séculos. Eles escreveram trabalhos e histórias tentando descobrir até que seus cérebros explodiram.

Vou tentar não fazer seu cérebro explodir, mas é o seguinte:

O rei de Atenas era um cara chamado Egeu. Ele tinha muitos inimigos prontos para assumir o seu reino e nenhum filho para continuar o nome da família. Ele realmente queria um filho, e assim para obter conselhos que ele decidiu... você acertou... visitar o Oráculo de Delfos.

Você notou quantas dessas histórias têm reis que queriam filhos? Não sei o que se passa com isso. Você acha que nenhuma família real nunca teve meninos, como se a Grécia fosse repleta de reis em estradas segurando placas escritas com:

TRABALHO POR FILHOS.

POR FAVOR ME ENSINE A TER FILHOS HOMENS

QUE OS DEUSES TE ABENÇOEM

Eles deveriam ter feito um acordo com as Amazonas, já que essas mulheres estavam jogando bebês homens na reciclagem, mas; Ah, bem.

Egeu foi ao Oráculo e fez as oferendas habituais.

— Ó grande dizente do futuro e inalador de gás vulcânico!
— disse o rei. — Posso ter uma criança menino?

Em seu banquinho de três patas, a sacerdotisa estremeceu quando o espírito de Apolo a possuiu.

— Tenha paciência, ó rei! Evite mulheres até regressar a Atenas. Seu filho terá uma mãe nobre e do sangue dos deuses, mas ele deve chegar em seu próprio tempo!

— O que *isso* significa?

— Obrigado pela sua oferenda. Tenha um bom dia.

Essa resposta frustrou Egeu. Ele resmungou todo o caminho de volta para seu navio e preparou-se para sua longa viagem para casa.

Se você viajasse por terra, Delfos não estava tão longe de Atenas. Mas naquela época você *nunca* viajava por terra, a menos que estivesse louco ou desesperado. As estradas eram principalmente caminhos para vacas ou passagens montanhosas traiçoeiras. Os poucos trechos utilizáveis eram infestados com bandidos, monstros e lojas bregas. Por causa disso, os gregos sempre viajavam de barco, o que não era exatamente seguro, apenas mais seguro.

Para retornar a Atenas, Egeu teve que navegar todo o caminho em torno do Peloponeso, o grande pedaço de terra que compõe o sul do continente grego. A viagem foi um sofrimento, mas desde que Egeu queria chegar vivo em casa, ele não tinha muita escolha. Seus inimigos em casa *adorariam* pegá-lo na estrada, onde eles poderiam emboscá-lo, cortá-lo em pedaços minúsculos e deixá-lo parecido com o trabalho de monstros aleatórios ou ovelhas enfurecidas.

Então o rei Egeu navegou pelo Peloponeso. De vez em quando ele atracava em uma cidade e jantava com o rei local. Egeu compartilhava sua história triste e pedia conselhos para seu anfitrião sobre as palavras do Oráculo. O rei local sempre falava algo como: *Ah, você quer uma esposa? Posso te ajudar totalmente. Minha sobrinha está disponível!*

Todo mundo queria uma aliança de casamento com uma cidade poderosa como Atenas, mas Egeu lembrou o que o Oráculo tinha dito. Ele deveria evitar mulheres até chegar em casa. Ele continuou recusando ofertas para noivas bonitas, o que não o deixou menos mal-humorado.

Depois de semanas de viagem, ele chegou a uma pequena cidade chamada Trezena, cerca de sessenta quilômetros ao sul de Atenas. Tudo o que Egeu tinha que

fazer agora era atravessar o Golfo Sarônico e ele estaria em casa.

O rei de Trezena era um cara chamado Piteu. Porque sua cidade estava perto de Atenas, Piteu e Egeu se conheciam muito bem e saíam às vezes, embora tivessem deuses patronos rivais. Atenas era tudo sobre Atena. Deus patrono de Trezena era Poseidon. (Eles tinham bom gosto lá em Trezena.)

Enfim, os dois reis conversam sobre a profecia do Oráculo.

Piteu disse:

— Ah, caramba, você precisa de uma esposa? Eu tenho uma filha solteira; você se lembra Etra, a minha mais velha?

— Cara, eu aprecio isso — disse Egeu — mas eu tenho que evitar as mulheres até que eu chegar em casa, então...

— Etra! — chamou Piteu. — Você poderia vir aqui?

A princesa arrastou-se para a sala de jantar.

— Oi.

A mandíbula do Egeu bateu no prato. Etra tinha *todos os* tipos de beleza.

— Hã — disse Egeu. — Hã...

Piteu sorriu. Ele sabia que sua filha tinha esse efeito sobre os homens.

— Então, como eu estava dizendo, Etra é solteira e...

— M-mas a profecia — conseguiu dizer Egeu.

Piteu arranhou suas costeletas reais. O Oráculo não disse que não devia se *casar com* uma mulher, certo? Ela disse que você deveria *evitar* mulheres. Bem, você fez o seu melhor. Você tentou evitar mulheres por semanas. Que você não *pediu* para ver a minha filha. *Ela* encontrou você! Então eu acho que estamos bem.

Talvez Egeu devesse ter discutido com essa lógica, mas não discutiu.

Bem ali na sala de jantar, eles tinham um casamento rápido no estilo Vegas; sacerdotisa de Hera, as flores, os imitadores de Elvis, o pacote completo. Então Etra voltou para seu quarto para se trocar para algo mais confortável, enquanto Egeu correu para reaplicar seu desodorante,

escovar os dentes e aguardar sua adorável noiva na suíte de lua de mel.

Como Etra se sentiu sobre tudo isso?

Teve seu lado bom e ruim. Como eu disse antes, as mulheres naquela época não tinham muita escolha sobre com quem se casavam. Etra definitivamente poderia ter arrumado um pior. Egeu não era um cara feio. Ele e o pai eram amigos, o que significava que ele provavelmente a trataria bem. Atenas era uma cidade grande e poderosa, de modo que lhe daria grande fama com as outras rainhas gregas.

No lado negativo, Etra já tinha um namorado secreto, o deus Poseidon.

Como patrono de Trezena, Poseidon tinha notado pela primeira vez a princesa fazendo sacrifícios para ele na beira-mar. Ele decidiu cortejar ela, porque Etra era super linda. No mesmo ela momento se apaixonou por ele.

Agora que ela era casada com outro cara, Etra não sabia o que fazer.

Após a cerimônia, enquanto seu novo marido estava escovando os dentes, a princesa escapou do palácio. Ela correu para o litoral e foi para a ilha vizinha de Sphairia, onde ela e Poseidon geralmente se encontravam.

Poseidon estava esperando por ela em uma rede entre duas palmeiras. Ele estava balançando uma camisa havaiana e bermuda enquanto bebia uma bebida frutada em um de coco.

— Ei, querida — disse ele. — Quais as novidades?

— Bem... hã, eu me casei.

— O que você disse?

Etra disse-lhe o que tinha acontecido.

— Eu... eu suponho que eu poderia fugir com você — ofereceu ela esperançosamente.

Poseidon sorriu. Ele gostava de Etra, mas não *tanto* assim. Os deuses sempre seguem em frente, eventualmente. Isto pareceu como uma boa hora como qualquer outra.

— Não, não — disse ele. — Egeu é um cara legal, para um ateniense. Ele vai ser um bom marido. Isso terá que ser um adeus para nós, querida, mas tem sido ótimo. Honestamente!

Ele estalou os dedos. Uma bola de discoteca abaixou de uma das palmeiras. “Last Dance” começou a tocar no fundo, porque Poseidon era um grande fã de Donna Summer. Não me pergunte. É impossível ficar no palácio dele sem ele tocar aquelas músicas velha de discoteca.

Enfim, eles tiveram mais uma boa noite juntos. Então Etra correu para ver seu novo marido, que deve ter sido muito cuidadoso sobre escovar os dentes, porque ele não percebeu quanto tempo sua noiva tinha ido embora ou o fato de que ela cheirava a loção barbear Brisa do Mar.

Etra e Egeu passaram sua lua de mel em Trezena. Egeu não estava ansioso para chegar em casa, já que tudo o que ele tinha esperando por ele eram problemas e inimigos. Depois de algumas semanas, o rei começou a ter sonhos estranhos sobre sua nova esposa nadando através do Golfo Sarônico com um menino em seus braços.

Finalmente, ele perguntou Etra sobre isso.

Ela corou.

— Bem... Tenho quase a certeza que estou grávida.

— Isso é incrível! — disse Egeu.

Exceto... Eu não tenho certeza se você é o pai.

Ela contou ao marido sobre sua aventura com Poseidon.

Egeu levou a notícia melhor do que você poderia esperar. Os deuses estavam sempre se apaixonando por princesas mortais. Ele não podia culpar Etra por ser apaixonar por um imortal bonito com beleza sobrenatural e poderes ilimitados. E ele não podia amaldiçoar Poseidon sem ser atingido por um tsunami ou engolido por um terremoto.

— Ok, eu entendo — disse Egeu. — Mas se a criança for um menino eu vou reivindicá-lo como meu filho, tudo bem?

— E se for uma menina? — perguntou Etra.

Egeu suspirou.

— Vamos pensar positivo. Um menino seria incrível! Eu vou fazer alguns preparativos.

— Preparativos?

— Você vai ver.

No dia seguinte, Egeu levou Etra para uma colina fora da cidade. Na crista estava uma pedra do tamanho de uma garagem de dois carros. Uma dúzia de homens do rei tinha enrolado cordas em torno da pedra e foram amarrando-as em uma equipe de cavalos.

— Opa — disse Etra. — Você vai mover essa pedra?

— Sim, aqui está o acordo. — Egeu caminhou até um poço raso ao lado do rochedo. Ele desembainhou sua espada. — O punho desta espada tem o símbolo real de Atenas sobre ele, está vendo?

— A coruja e o ramo de Oliveira?

— Sim. E essas são as minhas iniciais no pomo. É uma excelente lâmina, bronze celestial e tudo mais. — Ele jogou a espada no poço. — Eu também estou enterrando estes.

De um de seus servos, ele pegou uma caixa de sapato de madeira polida. Ele abriu para Etra, e dentro estavam... Você acertou. Sapatos.

Etra assoou.

— Essas sandálias são legais.

— Ah, sim. Solas de couro. Tiras de boa qualidade. Calçam bem. Estas sandálias vão durar uma vida.

Egeu jogou a caixa de sapato no poço.

Agora você pode estar se perguntando: qual era a grande importância em um par de sapatos? Naquela época os bons pontapés eram *superdifíceis* de conseguir. Você não podia simplesmente passear em uma sapataria e comprar alguns Adidas. Se você quisesse ser um herói, fazendo o seu caminho através de covis de monstros, ninhos de cobras e campos de batalha, você não queria ir descalço. Você definitivamente não iria querer escorregar em sangue em um par de sandálias baratas. Bons sapatos podem mantê-lo vivo tão bem quanto uma boa espada.

Os homens de Egeu pegaram as cordas. As cordas foram puxadas. A equipe de cavalos puxou as cordas também. Muito lentamente, eles arrastaram a rocha gigante até que cobria o poço.

— Pronto — disse Egeu. — Se o nosso filho for um menino, Espere até que ele tenha a idade certa e, em seguida, o diga que eu deixei para ele alguns presentes nesta rocha. Se ele puder recuperá-los, ele é digno de ser meu filho. Ele deve então fazer o seu caminho para Atenas.

Etra franziu a testa.

— Você quer que *eu* para *lhe* diga isso? Onde você vai estar?

— Minha querida, você sabe aqueles sonhos estranhos que eu tenho tido? Eles estão piorando. Se você vier comigo para Atenas, tenho certeza que meus inimigos vão te matar. Eles nunca permitirão que você dê à luz ao meu herdeiro. Mesmo que a criança nascesse, ele nunca estaria seguro em Atenas. É melhor eu voltar para casa sozinha e manter nosso casamento em segredo. Assim meus inimigos pensarão que eu não tive um filho. Ficarão contentes de esperar que eu morra. Quando meu filho estiver velho o suficiente para se defender, ele poderá vir a Atenas e tomar o seu lugar legítimo como o príncipe herdeiro!

— Então você quer que eu fique aqui e crie o garoto sozinha por, tipo, dezesseis, dezessete anos.

— Isso seria ótimo. Obrigado — Egeu a beijou. — Bem, meu navio está esperando no porto. Te amo! Tenha uma boa gravidez!

Egeu navegou de volta para Atenas e deixou Etra em Trezena para esperar que seu filho nascesse.

Ela meio que esperava que ela tivesse uma menina, porque então ela poderia descansar. Nem Egeu nem Poseidon se importariam... sendo os caras feministas que eles eram. Etra poderia criar sua filha em paz e não ter que se preocupar com sapatos debaixo de pedregulhos.

Mas se a criança fosse um menino... Bem, Etra, pelo menos, esperava que ele crescesse para ser um herói.

Então ambos os pais ficariam orgulhosos de reivindicá-lo.

Como você provavelmente pode imaginar, ela teve um menino, e os contadores de histórias gregos passaram os próximos mil anos discutindo quem era seu pai. Alguns disseram Egeu. Alguns disseram Poseidon. Alguns disseram que ele tinha *dois* pais, o que eu tenho certeza que é medicamente impossível. Então, novamente estamos falando de deuses, então quem sabe?

Quanto a Etra, ela criou seu filho sozinha durante os primeiros dezessete anos, o que levou um tipo especial de heroísmo.

O filho de Etra era grande e saudável, o que você esperaria, já que ele tinha um ou dois pais poderosos. Nomeou-o *Teseu*, que significa *o reunidor*, talvez porque esperou que reuniria todo o povo da Grécia junto em uma família feliz grande. Ou talvez porque a criança tinha tanta energia que Etra e uma dúzia de babás tinham que se reunir para tentar pegá-lo.

A maioria dos semideuses que conheci tem transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. Te mantém vivo no campo de batalha, porque está tão alerta para *tudo*. Mas Teseu era a criança propaganda do TDAH. Ele era agitado em fraldas. Ele ficava saltando das colunas. Ele era o garoto super cafeinado, o semideus energizado, o... bem, você entendeu. O garoto era trabalhoso.

Conforme crescia, ele rapidamente saiu para fazer coisas e matar bandidos. Todos os monstros perto de Trezena? Torrados. Bandidos, assassinos, gênios do mal tentando assumir a Grécia antiga? Esqueça. Eles estavam mortos antes da hora da soneca de Teseu.

Quando ele tinha dezessete anos, Teseu era tão habilidoso em combate e estava tão incrivelmente entediado que sua mãe decidiu enviá-lo para a cidade de seu pai. Ela precisava de uma folga.

Ela o levou para a colina com a enorme pedra.

— Meu filho — disse ela — seu verdadeiro pai é Egeu, rei de Atenas. Ou ele pode ser Poseidon, deus do mar. Ou, possivelmente, ambos.

Ela tentou explicar os detalhes, mas Teseu perdeu o interesse.

— O que há com a rocha?

— Egeu disse que quando você tivesse idade suficiente, eu deveria trazê-lo aqui. Se você pode descobrir uma maneira de mover a pedra e recuperar os presentes abaixo, você deveria procurar o seu pai em Atenas.

— Presentes? Que legal!

Teseu caminhou uma vez ao redor da rocha, em seguida, pressionou as mãos contra a pedra.

— Cuidado para não ganhar uma hérnia — advertiu sua mãe. — O seu pai usou uma dúzia de homens e uma equipe de cavalos para...

Boom.

O pedregulho derrubou e rolou ladeira abaixo.

Teseu tinha a capacidade de atenção de um hamster, mas ele era um gênio em avaliar seus adversários, mesmo que o adversário fosse uma grande rocha. Ele tinha notado imediatamente que o pedregulho estava torto e desequilibrado para a esquerda. Ao longo dos últimos dezessete anos, o solo daquele lado tinha corroído. Tudo que Teseu tinha que fazer era dar um bom empurrão na direita da pedra pronto.

Claro, Teseu não era tão bom em prever consequências. A pedra caiu em uma aldeia vizinha, destruindo várias cabanas e assustando alguns porcos antes de parar.

— Desculpe! — gritou Teseu gritou para baixo.

Ele se ajoelhou no poço onde a pedra estava.

— Espada legal. E... AH! SAPATOS!

Teseu amarrou as sandálias. Ele deu algumas voltas ao redor do morro para alargá-las.

— Serviram muito bem!

— Sim — disse sua mãe. — Eles calçam bem. Mas, Teseu, sobre o seu destino...

— Certo! — Ele saltou por aí como um bailarino. — Como chego a Atenas?

— Há duas rotas — disse sua mãe. — Um é uma viagem fácil pelo mar, diretamente através do Golfo Sarônico.

— Chato! — Teseu desembainhou sua espada e continuou a correr em círculos, cortando inimigos imaginários, embora sua mãe lhe tinha dito mil vezes para não correr com lâminas.

— O outro caminho é por terra — disse Etra disse — que é extremamente perigoso e infestado de lojas bregas. A viagem vai demorar muitos dias e pode matá-lo.

— Incrível!

Etra sabia que ele diria isso. Ele estava sempre escolhendo o caminho mais perigoso, e ela pensou que seria melhor avisá-lo do que estava à frente.

— Eu sei de pelo menos *seis* inimigos mortais nesse caminho — disse ela. — Eu vou te falar sobre eles. Tente prestar atenção.

Teseu pulou, cortando o ar.

— Aham, eu estou ouvindo!

Etra disse-lhe tudo o que sabia. Foi difícil para ela se concentrar com Teseu fazendo sua rotina de Sandália-Fu. Ela duvidou que ele tivesse ouvido uma palavra do que ela disse.

— Por favor, filho — implorou ela — os seis vilões ao longo da estrada para Atenas são *muito* piores do que os bandidos locais que você está acostumado. Eles fizeram viagens terrestres entre Trezena e Atenas por décadas.

— Então eu vou matá-los e tornar a estrada segura! — Teseu beijou sua mãe e foi correndo pela colina, acenando com sua nova espada. — Tchau, mamãe! Obrigado por tudo!

Etra suspirou. Sem o Furacão Teseu soprando pelo palácio, ela poderia finalmente ter uma boa noite de sono. Ela não estava muito preocupada com o filho na estrada. Mas os bandidos e monstros? Eles não tinham ideia do que estava vindo em seu caminho.

Não demorou muito para Teseu encontrar seu primeiro inimigo, o que era bom, porque ele precisava gastar alguma energia.

Ele estava andando por um caminho enlameado, desfrutando da incrível paisagem de árvores mortas e aldeias queimadas, quando ele cruzou com um homem grande e feio em pé na estrada. Atrás de seu ombro estava um brilhante taco de bronze. Em torno de seus pés, o chão estava cheio de esferas peludas esmagadas, como melões mofados.

Como Teseu se aproximou, ele percebeu que os melões eram cabeças humanas; todas brotando da lama, ainda ligadas aos corpos que haviam sido enterrados na vertical. Aparentemente, os infelizes viajantes tinham sido usados para um jogo doentio de Esmague a Toupeira.

— Pare! — rugiu o cara com o taco, que era estúpido, já que Teseu já tinha parado para admirar as cabeças esmagadas. — Dê-me todos os seus pertences! E então eu vou te matar!

O bandido tinha cerca de dois metros de altura. Ele era um pouco menor do que um caminhão blindado, e seu rosto era tão feio e inchado que parecia que tinha lavado com formigas de fogo. Seus braços eram cheios de músculos, mas suas pernas estavam enrugadas e torcidas, da coxa até o tornozelo era envolto em braçadeiras de bronze.

— Eu ouvi falar de você! — disse Teseu. — Você é Perifetes!

Ele realmente *tinha* ouvido as histórias de sua mãe, o que prova que você nunca deve subestimar um herói de TDAH. Nós absorvemos mais informação do que você pôde nos dar o crédito. Correr ao redor enquanto balançando uma espada é apenas a nossa forma de nos concentrarmos.

Enfim, esse cara, o Perifetes era um semideus filho de Hefesto que herdou a força de seu pai e suas pernas deformadas. Ele piscava tanto que as pessoas às vezes pensavam que ele só tinha um olho e o confundiam com um ciclope (sem ofensa aos meus amigos e familiares ciclopes).

Perifetes inchou o seu enorme peito.

— Minha lenda me precede! Se você sabe quem eu sou, você sabe que é inútil resistir!

— E todas essas cabeças? — perguntou Teseu. — Você os enterra e depois mata, ou...

Perifetes riu.

— Eu os bato no chão com o meu taco! É isso que eu faço! Meu apelido é o Tacador!

— Ah. — Teseu coçou sua axila. — Eu pensei que eles chamavam você de Tacador porque você fazia tacos deliciosos.

— O que? Não! Eu sou violento e aterrorizante e eu esmago as pessoas na lama!

— Então... Não podemos cozinhar alguns tacos, fazer um restaurante e ganhar uma grana?

Perifetes fez uma careta. Ele não estava acostumado a chamarem-lhe para cozinhar.

— Eu vou roubá-lo e matá-lo, menino insignificante. São belos sapatos. Me dê!

Ele brandiu seu poderoso taco, mas Teseu não tremeu de medo do jeito que ele deveria.

— Esse é um *belo* taco — disse Teseu. — É madeira coberta com bronze?

O orgulho aqueceu o coração de Perifetes. Ele era um assassino cruel, mas ele também era um filho de Hefesto. Ele gostava quando as pessoas apreciavam seu trabalho.

— É sim! Base de carvalho sólido envolto em vinte folhas de bronze. Acho que me dá um balanço muito bom.

Teseu fez uma careta.

— Vinte folhas de bronze? Qual é, cara. Isso tornaria muito pesado para qualquer um carregar.

— Eu sou forte!

— Tem certeza que não é isopor enrolado em folhas de alumínio?

— Sim! Tenho certeza!

— Prove. Deixe-me verificá-lo.

Perifetes não conseguiu ver mal nisso. Ele pensou que este menino insignificante iria desmoronar com o peso do taco, o que daria boas risadas. Ele passou o taco para Teseu. Em vez de desmoronar, Teseu balançou-o e bateu na cabeça de Perifetes, matando-o instantaneamente.

— Sim! — disse Teseu. — Isso é bronze sobre madeira, tudo bem! Obrigado, cara. Eu acho que vou ficar com isso.

Perifetes não discutiu, já que ele estava morto. Teseu colocou sua nova arma favorita sobre o ombro e continuou a viajar, ocasionalmente correndo pela floresta para olhar para os esquilos, correndo à frente para conferir objetos brilhantes na estrada ou parando aleatoriamente para olhar para os insetos. É aí que vem o velho ditado: *caminhe sem rumo e carregue um grande bastão*.

Tenho quase a certeza que é assim.

Conforme Teseu se movia para o norte, os monstros e bandidos mais espertos saíram do seu caminho. Os mais estúpidos tinham as cabeças esmagadas.

Depois de alguns dias, Teseu chegou à estreita ponte terrestre que conectava o Peloponeso ao território norte chamado Ática. Desde que este era um ponto de estrangulamento natural, era também o território dos principais bandidos.

Teseu estava passeando por uma floresta de pinheiros altos quando viu um cara vestido como um lenhador; jeans, camisa xadrez, barba preta espessa e um boné sobre seu cabelo encaracolado. De alguma forma, o cara tinha dobrado um pinheiro de quinze metros estava fixando o seu topo no chão com as duas mãos. O homem sorriu quando viu Teseu.

— Olá, forasteiro! Meu nome é Sínis, e ali está minha filha, Perigune.

Uma mulher nova em um vestido xadrez espreitou de trás de uma árvore. Ela acenou nervosamente. Sua expressão dizia: *Fuja! Por favor!*

Teseu sorriu para o lenhador.

— Por que você está colocando um pinheiro no chão?

— Ah, é apenas um hobby meu — disse Sínis. — Eles me chamam de o Verga-Pinheiro!

— Apelido legal.

— Sim, gosto de desafiar as pessoas. Qualquer um que possa segurar um pinheiro como eu estou segurando pode casar com minha filha. Ninguém conseguir fazer. Você quer tentar?

Teseu aproximou-se. Ele podia ver os braços de Sínis tremendo. Segurando um pinheiro grande, mesmo para este cara com muitos músculos e muita experiência, não era fácil.

Felizmente, Etra tinha dito a Teseu sobre Sínis, então ele sabia o que esperar.

Sínis era um filho de Poseidon. Ele herdou a super força de seu pai e a capacidade de manter o seu equilíbrio em quase qualquer situação, eu acho que porque Poseidon era o Senhor dos Terremotos e poderia fazer até mesmo as raízes da terra tremer. (*Eu não herdei esses traços de Poseidon, mas eu vou tentar não ficar ressentido.*)

Quando Sínis era jovem, ele se divertia dobrando árvores altas e, em seguida, as soltava, catapultando melancias e fofos animais da floresta para a estratosfera. Ele era um cara legal. Então ele percebeu que poderia catapultar *humanos*. Tudo o que ele tinha que fazer era enganá-los ou forçá-los a segurar o topo da árvore quando estivesse no chão.

Ao longo dos anos, ele aperfeiçoou seu hobby. Às vezes ele amarrava as mãos de suas vítimas no topo da árvore para que eles não pudessem soltar. Às vezes ele dobrava duas árvores ao mesmo tempo. Então, já que suas mãos estariam ocupadas, ele comandaria Perigune para amarrar o braço esquerdo de sua vítima a uma árvore e seu braço direito em outra. Então Sínis deixaria ambas as árvores irem de uma vez. Rapaz, isso era superdivertido! Que você nunca saberia o quão longe a vítima iria voar em qualquer direção.

— Desafio interessante — disse Teseu. — Teoricamente falando, o que acontece se eu recusasse?

— Ah, bem, então, teoricamente falando, você estaria insultando a beleza da minha filha, então eu insistiria em um desafio ainda mais difícil. Eu o amarraria a *dois* pinheiros, um a cada pulso. Eu o *forçaria* a segurá-los o tempo que pudesse. E quando você finalmente se cansasse...

— Entendi — disse Teseu. — Então eu posso segurar um pinheiro por uma chance com a linda garota. Ou eu posso segurar dois pinheiros e ganhar a morte certa.

— Você aprende rápido!

— E se eu simplesmente fugisse?

Sínis riu.

— Boa sorte com isso. Ver todos os esqueletos espalhados entre os pinheiros?

— Eu estava pensando neles.

— Esses são os caras que recusaram meu desafio. Eu nunca perdi em combate corpo a corpo, então lutar comigo é inútil. E se você tentar correr... Bem, eu sou tenho uma mira mortalmente precisa de até cinco quilômetros com uma catapulta de pinheiro. Eu posso te acertar com um pedregulho voador ou com um alce.

— Eu não tenho nenhum desejo de ser atingido por um alce voador — disse Teseu. — Eu aceito o desafio de uma árvore!

— Excelente! Vamos lá!

Teseu colocou seu taco de lado. Ele se aproximou do Verga-Pinheiro e analisou a situação. Ele não era tão forte como Sínis. Ele não tinha a habilidade de se enraizar na terra. Ele nem tinha um plano. Mas ele olhou para a menina Perigune e seu cérebro distraído começou a correr. *Uma menina nas árvores. Uma garota. Uma árvore. Árvores tem espíritos. Estou com fome. Uau, Sínis cheira mal. Uma dríade. Aposto que as dríades nestas árvores estão realmente cansadas de serem dobrados. Ei, um esquilo.*

— A qualquer hora — murmurou Sínis, suor escorrendo pelo pescoço.

Teseu tocou os galhos do pinheiro com as pontas dos dedos. Ele pensou, *Olá, aí dentro. Quer se livrar desse cara Verga-Pinheiro? Ajude-me.*

Ele não tinha certeza se a dríade o ouviu, mas ele agarrou o topo da árvore.

— Pegou? — perguntou Sínis. — Eu quero ter certeza que você tem um aperto firme.

Ele era muito educado com as pessoas que ele estava prestes a assassinar.

— Sim — disse Teseu. — Eu peguei.

— Ok, mas só por segurança... — Sínis cuidadosamente tirou uma mão da árvore. De seu bolso traseiro ele puxou uma pulseira de couro. Ele amarrou o pulso esquerdo de Teseu à árvore, o que não é fácil de fazer com uma mão, mas Sínis tinha muita prática. — Pronto. Agora você está devidamente afivelado para a sua viagem. Até logo!

Sínis saltou para trás. Ele esperava que o pinheiro saltasse para o céu como de costume, lançando Teseu em órbita, provavelmente menos o seu braço esquerdo.

A árvore não se mexeu. Teseu segurou firmemente no chão.



Talvez o espírito da árvore o ajudou. Além disso, Teseu era forte e inteligente. Ele sabia como aplicar a menor quantidade de pressão para obter o máximo de resultados, como, por exemplo, para enviar uma pedra enorme rolando em uma aldeia.

Ele manteve os pés firmemente no chão. Seus braços nem estavam se esforçando.

— Então — disse ele disse — quanto tempo eu tenho que segurar isso antes de eu ganhar a sua filha?

Sínis superou seu choque.

— Estou impressionado que você ainda está segurando, homenzinho. Mas você é apenas humano. Eventualmente, você vai ficar sem força. Então você vai morrer.

— Ah, eu entendo — disse Teseu. — Nesse caso, é melhor ficar confortável. Esta pulseira de segurança realmente incomoda.

Ele tirou uma mão da árvore. A árvore ainda não foi a lugar nenhum. Ele desenhrou sua espada e começou a serrar a cinta de couro.

— O que você está fazendo? — gritou Sínis. — Se você acha que pode apenas afastar-se deste desafio...

— Não, não. Vou continuar segurando a árvore. — Teseu embainhou sua espada. Ele continuou a segurar o pinheiro com uma mão. — Posso fazer isso o dia todo. Quanto tempo você quer esperar?

Teseu estava apostando que Sínis, sendo um semideus, tinha tanto TDAH quanto ele tinha.

Com certeza ele tinha, em cerca de dez segundos, Sínis ficou impaciente.

— Isso é impossível! Qual é o seu segredo?

— É tudo sobre o aperto — disse Teseu. — Venha aqui, eu vou te mostrar.

Sínis avançou.

— Ok — disse Teseu. — Ver como a parte superior da minha mão está posicionada?

Sínis não conseguia ver através das folhas do pinheiro, a menos que ele se inclinasse e olhasse diretamente para

baixo. Quando fez isso, Teseu soltou a árvore. O pinheiro saltou para cima, batendo em Sínis na cara e batendo nele e o deixando inconsciente.

Horas mais tarde, o Verga-Pinheiro acordou de um sonho sobre um alce voador. Ele estava tonto. Sua boca tinha gosto de árvore de Natal. Ele percebeu que estava deitado amarrado no chão da floresta.

O rosto sorridente de Teseu pairava sobre ele.

— Bom, você está acordado!

— O-o quê...?

— Ouça, eu estava pensando sobre o desafio de duas árvores. Eu pensei que você poderia me mostrar como é feito.

Sínis lutou. Seus pulsos estavam firmemente presos.

— O que você fez?

— Bem, eu tenho dois pinheiros dobrados bem atrás de sua cabeça. Estou segurando os dois com o meu pé. Seus pulsos estão amarrados a eles, então, se eu fosse você, eu me levantaria e me prepararia.

Sínis gritou. Ele lutou para se levantar, o que não foi fácil com as mãos amarradas. Ele tinha que andar mais ou menos como um caranguejo para se segurar nas árvores.

— Você não pode fazer isso!

— Oops! — Teseu recuou, deixando Sínis se segurando nos pinheiros.

Sínis estava dobrando árvores a vida toda. Ele era superforte e poderia manter o equilíbrio em quase qualquer situação. Mas agora ele estava tonto e com dor. As duas árvores pareciam estar lutando contra ele, esforçando-se para ser libertarem. Os pinheiros pareciam... zangados.

— Como? — lamentou Sínis. — Como você poderia segurar as duas árvores e me amarrar?

— Eu tive ajuda.

A filha do bandido espiou por trás de uma árvore.

— Oi, pai.

— Perigune, não! Liberte-me!

— Desculpe, pai. Este homem bonito ganhou o seu desafio, então eu pertenço a ele agora. Adeus!

Teseu pegou seu taco. Ele e Perigune caminharam, de mãos dadas, enquanto Sínis gritou atrás deles.

— Tem certeza que está bem com isso, Perigune? — perguntou Teseu.

— Ugh, com certeza. Meu pai é horrível! Era apenas uma questão de tempo até que ele *me* atirasse para o céu.

— Eu me pergunto quanto tempo ele pode segurar as árvores.

Arás deles veio um grito abafado, seguido pelo *whoosh* de duas árvores estalando para cima e um som como um inseto de duzentos quilos batendo em um para-brisa.

— Não muito tempo — disse Perigune. — Quer ir jantar? Estou morrendo de fome.

Eles caminharam para a cidade mais próxima e passaram alguns dias agradáveis juntos. Algumas histórias dizem que Perigune até teve filhos com Teseu, mas eu não estava lá, então eu não vou fofocar. Depois de um tempo, Teseu explicou que ele tinha que continuar viajando. Ele tinha negócios em Atenas. Perigune tinha visto o suficiente da estrada e bandidos maus, então ela decidiu ficar e ter uma nova vida sozinha. Eles se separaram como melhores amigos.

Depois de outro dia adorável caminhando, Teseu chegou a uma aldeia chamada Crômion. Na praça da cidade, uma multidão de moradores estava lamentando e soluçando. Teseu questionou se eles estavam chateados porque eles tinham que viver em uma aldeia chamada Crômion. Então ele percebeu que eles estavam reunidos em torno do corpo mutilado de um velho.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Teseu.

Um menino olhou para cima com lágrimas nos olhos.

— É aquela velhinha e sua porca!

— O que você disse? — perguntou Teseu.

— Féia! — gritou o menino. — Ela vive na floresta com sua enorme porca comedora de gente.

— Ambos são monstros! — gritou uma mulher. — Essa porca destruiu todo o campo. Ela come nossas colheitas, mata nossos agricultores, derruba nossas casas. Então, essa velha Féia chega e saqueia nossos objetos de valor.

— Eu posso consertar isso — disse Teseu. — Deixe-me matar a velha e sua porca.

Isso pode não soar como a promessa mais heroica, mas os moradores suspiraram e se ajoelharam diante de Teseu como se ele tivesse caído do Monte Olimpo.

Ele meio parecia um deus. Ele tinha um enorme taco de bronze, uma espada cara e sapatos incrivelmente legais.

— Quem é você, ó estranho? — perguntou um cara.

— Eu sou Teseu! Filho de Egeu, rei de Atenas! Também filho de Poseidon, deus do mar! Também filho de Etra, princesa de Trezena.

Os aldeões ficaram em silêncio quando tentaram fazer as contas.

— Não importa! — disse Teseu. — Eu vou matar a bandida Féia e sua monstra de estimação, a Porca de Crômion!

— Ah, por favor, não a chame assim — disse um fazendeiro. — Nós não queremos que a nossa cidade seja imortalizada por causa de uma porca comedora de gente.

E assim a porca foi para sempre chamada de Porca de Crômion, e essa é a única coisa pelo qual vila é lembrada.

Teseu vagueou pelo interior, procurando a porca assassina. Ela não era difícil de encontrar. Teseu simplesmente seguiu o rastro de cadáveres, colheitas pisoteadas e fazendas queimadas. A porca era tão grande quanto um celeiro, que era uma comparação fácil desde que ela estava parada no chão de um, deitada em cima de fazendeiros mortos. Seu esconderijo estava coberto com as pelos do tamanho de espadas. Suas patas estavam encobertas com respingos de sangue. E o cheiro dela... uau. Mesmo do outro lado do campo, o fedor quase derrubou Teseu. Ele duvidou que ele poderia comer bacon de novo.

— Ei porquinha — gritou ele. — Saborosa e deliciosa!
Essas eram as palavras mágicas.

A porca virou, viu um pedaço suculento de herói e avançou.

Eu posso dizer-lhe da experiência pessoal, não há nada bonito ou engraçado sobre uma porca gigante de atacando. Quando você vê os olhos escuros e o focinho cheio de dentes vindo até você (Ah, sim, têm dentes), tudo que você quer fazer é correr gritando para ao mais próximo abrigo à prova de porcos.

Teseu se manteve parado. No último segundo ele se esquivou para a esquerda e enfiou a espada na porca. A porca gritou em fúria. Ela virou-se e avançou novamente. Desta vez Teseu esquivou-se para a direita.

Outra coisa sobre porcos gigantes: eles não são muito espertos e eles não conseguem virar facilmente. Nunca tente estacionar um. Não vai funcionar.

Teseu bancou o toureiro até que a porca estava exausta e sangrando de tantas feridas, ela apenas desmoronou no campo. Em seguida, Teseu caminhou até ela, pegou seu taco de bronze e disse boa noite para a Porca de Crômion.

Teseu estava limpando o sangue de porco do seu taco quando ouviu um grito.

Uma mulher gorda em um vestido do saco estava mancando até ele, um grande machado de batalha em suas mãos. Sua pele era cinza manchada. Seu cabelo preso em um emaranhado de pelos escuros.

— Você está relacionada com esta porca? — perguntou Teseu. — Porque você parece...

— Esse é o meu animal de estimação, seu burro! — gritou a mulher. — O que você fez?

— Você deve ser Féia.

— Sim! E essa porca me deu um bom dinheiro no negócio de bandidagem!

— Bem, senhora, eu vou ter que multar você por praticar pecuária dentro dos limites da aldeia Crômion. Também por matar, saquear e ser feia sem uma licença.

A mulher levantou o seu machado de batalha.

— Morra!

Conselho: se você se deparar com um herói bem armado que acaba de matar uma porca gigante, não é inteligente gritar “Morra!” e atacá-lo com um machado.

Logo, Féia estava deitada morta ao lado de sua porca. Teseu limpou sua espada em seu vestido de saco. Ele poderia ter voltado para Crômion e contado às pessoas o que tinha acontecido, mas ele pensou que eles descobririam em breve. Além disso, não havia muito o que fazer em Crômion já que você tinha matado o porco gigante, então Teseu pegou a estrada.

Nessa época, Teseu tinha desenvolvido uma filosofia pessoal sobre a matança de coisas. Ele só atacaria se fosse atacado primeiro. E, sempre que possível, ele derrotaria seus inimigos da mesma forma que tentaram derrotá-lo. Esmagar Teseu com um taco? Ele levaria o seu taco e o mataria com ele. Amarrar Teseu a um pinheiro? Ele te amarraria a *dois* pinheiros. Não só este sistema era justo; como era divertido. Ele só lamentou que ele não conseguiu matar Féia com sua própria porca gigante, mas a filosofia só vai até certo ponto.

Uma tarde Teseu estava passeando ao longo do topo de um penhasco de trinta metros (porque os heróis fazem esse tipo de coisa). O mar brilhava muito abaixo. O sol estava quente e agradável em seu rosto.

Estava tão calmo e relaxante que Teseu começou a sentir-se inquieto.

Felizmente, cerca de quinze metros na frente dele, um bandido saltou de trás de uma pedra e gritou:

Renda-se e entregue seus itens de valor!

O cara estava vestido com roupas pretas empoeiradas, sandálias de couro (não tão legais como as de Teseu) e um chapéu preto de abas largas. Um lenço cobriu a parte inferior de seu rosto. Ele apontou uma besta para Teseu.

Teseu sorriu.

— Cara, estou feliz em vê-lo.

O cara da besta se surpreendeu.

— Você está? — perguntou ele.

— Sim! Eu estava entediado.

O bandido piscou.

— Bem... Ok, então. Isto é um assalto! Dê-me todas as suas coisas de valor; essa espada, esse taco, e definitivamente esses sapatos. Esses são belos sapatos.

— Eu não suponho que há alguma maneira de evitar um confronto aqui? Porque eu estou tentando não matar pessoas a menos que eles me atacam.

O bandido riu.

— *Você me matar?* Essa foi boa! Vou te dizer uma coisa: Se lavar os meus pés como uma amostra de respeito, não te mato. Eu levo seus pertences, mas você manterá sua vida. Esse é o melhor negócio que você vai conseguir.

A menção da lavagem dos pés desencadeou a memória do Teseu.

— Ah, minha mãe me falou de você. Você deve ser Círon.

O bandido inchou o peito.

— Claro que sou! Eu sou famoso! Círon, filho de Poseidon! Número seis na lista dos bandidos mais ricos do mundo!

— Ei, eu também sou um filho de Poseidon — disse Teseu.

— Você não roubaria um irmão, não é?

— Parentes são minhas vítimas favoritas. Agora, lave meus pés! Bem aqui na beira deste penhasco está bom. Não se preocupe. Eu não vou chutar você.

Teseu olhou sobre a borda. Trinta metros abaixo, uma enorme forma redonda estava se movendo nas ondas.

— É uma tartaruga enorme lá embaixo?

— Sim. É o meu animal de estimação.

— Ele não come humanos, não é? Por exemplo, se você chutasse suas vítimas deste penhasco como você disse que não faria.

— Minha tartaruga é uma *ela*. O nome dela é Molly. E é claro que ela não come humanos. Que ideia boba!

Como se ter uma tartaruga gigante chamada Molly já não fosse boba.

Círon levantou sua besta.

— Agora, lave meus pés ou morra! Tem um balde e um pano atrás daquela pedra. E traga o spray desinfetante. Você com certeza vai precisar disso.

Teseu cuidadosamente baixou suas armas. Círon manteve sua besta mirrada para o peito de Teseu enquanto o herói pegava os suprimentos de lavagem de pés e ajoelhava na frente do bandido.

— Divirta-se. — Círon colocou seu pé esquerdo em uma rocha, posicionando-se de forma que Teseu teria suas contas para o mar. Um chute rápido e Círon seria capaz de jogá-lo sobre a borda.

Felizmente, Teseu estava esperando isso.

Ele assobiou quando tirou as correias da sandália de Círon. Os dedos dos pés do bandido eram peludos e cobertos com substâncias desconhecidas. Nas fendas de seu dedão, as algas verdes estavam perto de desenvolver uma sociedade agrícola.

A nojeira dos pés distraiu Teseu, mas como ele estava *sempre* distraído, não importava. Ele sentiu a perna do Círon se mover. Pouco antes do bandido chutar, Teseu caiu de lado. Círon tropeçou, perdendo o equilíbrio, e Teseu chutou-o na bunda, jogando o sobre a borda.

— WAHHHHHHH! — Círon agitou seus braços, mas, infelizmente, os semideuses filhos de Poseidon não têm o poder de voar. A cabeça da tartaruga gigante surgiu na superfície. Ela abriu a sua enorme boca.



— Não, Molly! — gritou Círon. — Sou eu!

GULP.

Molly aparentemente não se importava de morder a mão de quem a alimentava... ou engolir ele todo.

Teseu lavou suas próprias mãos com spray antibacteriano e continuou em seu caminho.

Finalmente, ele chegou ao fim da ponte de terra e cruzou para Ática. (Annabeth me disse que uma estreita faixa de terra conecta dois grandes pedaços de terra é chamado de *istmo*. Eu não consigo pronunciar isso, mas é isso, aberrações da Geografia.)

Teseu chegou à cidade de Elêusis, que era famosa por seu templo de Deméter, mas em vez de vender lixo turístico com o tema Deméter e oferecer excursões ao local, os moradores estavam gritando e correndo ao redor procurando lugares para se esconder.

— O que está acontecendo? — perguntou Teseu a um cara.

— O rei! Ele é louco! Ele quer lutar!

Teseu franziu a testa. Sua mãe o avisou sobre Cércion, o rei de Elêusis. Aparentemente, o cara era malvado e forte e gostava de matar viajantes. Mas ela não disse nada sobre lutar.

Teseu fez o seu caminho para a lareira cerimonial no meio da cidade. Geralmente esse era o lugar mais seguro em qualquer cidade grega. Viajantes e embaixadores iriam lá para prometer suas intenções pacíficas e aceitar a hospitalidade da cidade.

Agora a hospitalidade da cidade consistia em um homem enorme pisando em torno da lareira em uma capa de ouro brilhante, cueca de ouro e uma máscara com grandes buracos que parecia estranhamente como uma cueca.

— QUEM VAI LUTAR COMIGO? — rugiu o Homem Cueca. — EU SOU CÉRCION, O REI!

— Uau — disse Teseu. — Sua roupa é brilhante!

— RAGH! — Cércion ao acaso disparou por uma rua para o templo de Deméter, socou uma coluna de mármore e desmoronou toda a varanda da frente.

— Ei — disse Teseu — você não deve danificar templos. Além disso, isso não pode ser bom para o seu punho.

— Eu sou Cércion! — disse Cércion. — Derrote-me em uma luta e você pode ser o rei! Senão eu vou te matar!

O rei fez uma pausa como se tivesse esquecido o que estava fazendo. Provavelmente a tensão de colocar tantas palavras juntas tinha superaquecido seu cérebro.

Teseu considerou o que fazer. Obviamente, o rei Cércion tinha saído do fundo do poço. Talvez os deuses o tivessem amaldiçoado com insanidade por todos esses anos que ele estava matando viajantes e construindo sua má reputação. Teseu não queria matar uma pessoa insana, mas ele também não poderia ter Cércion aterrorizando os moradores, destruindo templos e enlouquecendo por aí em cuecas de ouro.

— Então, se eu vencê-lo em uma luta disse Teseu disse — eu posso ser rei?

— Sim!

— Eu tenho que usar cueca na minha cabeça?

— Sim!

Teseu abaixou sua espada e seu taco.

— Eu tenho que matá-lo, ou você vai aceitar a derrota se eu apenas te imobilizar?

— Isso nunca vai acontecer — disse Cércion — porque eu vou quebrar sua espinha!

Teseu estremeceu.

— Quem me dera que não tivesses dito isso. Veja, eu tenho essa filosofia...

— RAGGGGR! — Cércion avançou.

Teseu esquivou do primeiro ataque do rei. Cércion era grande e forte, mas ele era tão desajeitado quanto uma porca gigante. Teseu estava familiarizado com isso.

Cércion atacou novamente. Desta vez Teseu desviou. Ele chutou as cotas de Cércion, do jeito que ele tinha feito com

Círon. O lutador tropeçou na lareira e saiu gritando, sua capa brilhando em chamas.

— Morte! — gritou Cércion.

Teseu ficou de costas para o templo. Quando Cércion se jogou em direção a ele, Teseu mergulhou entre as pernas do grande homem, e o lutador, gentilmente bateu o rosto na parede de mármore.

A parede rachou. O rosto de Cércion também não parecia muito bem. Ele tropeçou e desabou. Invocando toda a sua força, Teseu pegou o rei tonto e levantou-o sobre a cabeça.

Os moradores aterrorizados saíram de seus esconderijos. Uma multidão se reuniu quando Teseu exibiu o lutador pela praça.

— Desista, Cércion — disse Teseu — e eu pouparei a sua vida.

— Nunca — murmurou o homem louco. — Quebrarei... sua espinha.

Teseu suspirou.

— Bem, gente, vocês ouviram.

Ele derrubou o rei sobre o joelho em um movimento igualzinho o que Bane fez no Batman. Cércion caiu no chão, morto.

Teseu arrancou a máscara do rei. Ele segurou-a para que as pessoas vejam.

— Pessoal! — gritou ele. — Vocês realmente não deviam seguir ordens de pessoas que usam cuecas em suas cabeças! Além disso, toda a coisa luta até a morte é estúpido.

— Salve, nosso novo rei! — gritou alguém.

— Ah, não — disse Teseu. — Tenho o meu próprio emprego. Quem é o cara mais esperto da cidade?

A multidão hesitantemente apontou para um velho com uma barba branca, talvez o filósofo local.

— Você é o rei agora — disse Teseu. — Faça um bom trabalho. Conserte o templo. Se livre do corpo deste lutador. E nunca usar uma máscara de cueca.

— Eu entendi, herói — disse o velho.

Então Teseu deixou a cidade de Elêusis em mãos muito melhores e com muito menos cuecas.

Teseu estava tão perto de Atenas que ele podia senti-la.

Quero dizer, literalmente. Naquela época, o saneamento não era muito bom. Uma cidade do tamanho de Atenas fedia tão ruim que você poderia senti-la a trinta quilômetros de distância.

Teseu estava cansado, no entanto. O sol estava caindo. Ele pensou que dormiria na estrada mais uma noite e caminharia para Atenas no dia seguinte.

Ele parou na pior e mais brega loja de toda a estrada. Fora da loja mais próxima, uma grande placa escrita: CAMAS LEVEMENTE USADAS DO CROSTA. PASSA A NOITE COM A GENTE!!

Teseu não poderia dizer se o lugar era um hotel ou uma loja de colchões ou sei lá o que, mas, com uma placa como essa, ele não podia resistir a checar. Além disso, havia um monte de burros amarrados no estacionamento, então ele imaginou que o lugar devia ser popular.

Coisa estranha: no interior, ele não encontrou clientes, apenas uma loja suja com um teto baixo, lâmpadas de óleo de oliva e duas camas velhas nojentas. Uma tinha cerca de três metros de comprimento. A outra tinha cerca de um metro de comprimento.

Isso deve ter realmente deixado os gregos antigos loucos. Como eu disse, eles eram um bando de Cachinhos Dourados. Eles sempre queriam a opção do meio que era a “ideal.” No Camas Levemente Usadas do Crosta, não havia uma ideal, apenas uma cama que era muito grande e uma cama que era muito pequena.

— Bem-vindo! — O proprietário surgiu por detrás de uma cortina na parte de trás da loja.

No início, Teseu achava que era a tartaruga de Círon, Molly. O cara tinha uma enorme cabeça de couro com absolutamente nenhum cabelo. Ele usava um avental de couro preto comprido, como de açougueiros, e conforme ele

caminhava ele limpava as mãos parecia que tinha acabado de limpar sangue.

Seu crachá estava escrito: OI! EU SOU CROSTA!

— Você é Crosta? — perguntou Teseu.

— Ora, sim, eu sou. Meu nome verdadeiro é Procusto.

— O que significa o *Esticador* — observou Teseu. — Ok. Já ouvi falar de você. Eu não reconheci o nome de apenas “Crosta”.

— Bem, *Crosta* é mais fácil para a maioria das pessoas se lembrar. Também parece melhor na placa. Enfim, bem-vindo à minha humilde loja de colchões e hotel! Você estaria interessado em uma cama d'água levemente usada?

— Cama d'água?

Crosta estalou os dedos.

— Desculpe. Esqueci que ainda não foram inventados. Mas eu tenho dois adoráveis modelos padrão. Estas são as nossas escolhas mais populares.

— Elas também são suas únicas escolhas — observou Teseu.

Crosta riu.

— Posso ver que você é um cliente esperto. Então, que modelo mais atrai você, o Crosta GG ou o Nano Crosta?

Teseu examinou a cama maior.

— Essa é a GG? É muito grande.

— Sim, mas não se preocupe! Está vendo aquelas tiras de couro na parte de cima e na de baixo? Se você não couber exatamente, eu vou esticá-lo até que você se encaixe.

— Então você vai me esticar até eu ter três metros de altura. E se eu não puder sobreviver a tanto alongamento?

— Bem, você vai morrer, obviamente. Essas manchas no colchão são de clientes anteriores que, hã, se separaram. Eu disse “levemente usadas”.

Teseu examinou a cama menor. O rodapé e a cabeceira estavam cobertos com uma gosma marrom seca.

— Sua Nano Crosta parece meio... crostosa.

— Se você não se encaixa no nano, eu apenas aparo um pouco das extremidades — Crosta tirou uma faca do bolso

do avental. — Então, como vai ser?

— Eu suponho que “apenas dando uma olhadinha” não é uma opção.

— Não!

— Como está a dureza no colchão nano? Eu não posso dormir se é muito mole.

— Ah, é excelente. Uma combinação de poliuretano e molas acolchoadas lhe dão o conforto perfeito para os poucos segundos que você estiver vivo.

— Mesmo para um cara grande e pesado como você?

— Absolutamente.

— Desculpe, mas tenho dificuldade em acreditar nisso. Eu fui enganado antes em lojas bregas.

Procusto fez uma careta. Ele odiava ter a mercadoria questionada.

— *Nunca* minto sobre meus produtos. Olhe!

Ele sentou-se na Nano Crosta. Ele saltou no colchão.

— Está vendo?

— Legal — Teseu balançou seu taco. Ele bateu em Procusto com tanta força que ele caiu de lado e bateu o crânio na cabeceira.

Quando o dono da loja acordou, ele estava firmemente amarrado a Nano Crosta. A cabeça dele ficou para fora a cabeceira. Seus pés pendurados na parte de baixo.

— Qual é o significado disso? Eu-eu não me encaixo!

— Eu posso consertar isso. Teseu desembainhou a espada e ajudou Procusto a caber perfeitamente em sua própria cama. É aí que temos outro velho ditado: *Você fez a sua cama, agora deite-se nela, e se você não caber, vamos cortar sua cabeça e pernas.*

Teseu passou a noite no Crosta GG, que era realmente muito confortável se você ignorasse as manchas. De manhã, ele saiu para Atenas, pronto para encontrar seu pai real (diferente de seu pai divino).

As coisas em Atenas não estavam às mil maravilhas.

Primeiro problema: o rei Egeu estava ficando velho e fraco. Sua influência estendeu cerca de meio metro para além do palácio. O resto da cidade era governada por gangues rivais, lideradas por muitos inimigos de Egeu.

Quem eram esses inimigos maravilhosos? Os parentes do rei, naturalmente!

Veja, Egeu tinha um irmão mais novo chamado Palas. (Não como Palas Atena, a deusa; e sim, eu sei que é confuso.) Egeu e Palas nunca se deram bem. Palas queria ser rei. Desde que ele era o irmão *mais novo*, ele ganhou nada.

Então Palas passou toda a sua vida reclamando e tendo filhos; *cinquenta* filhos, para ser exato. Como é que alguém *tem* cinquenta filhos? Palas deve ter tido uma dúzia de esposas ou uma máquina de clonagem muito avançada. As crianças eram uma espécie de vingança contra seu irmão, como *Ah, desculpe, Egeu. Não pode ter filhos? Eu tenho CINQUENTA. NA SUA CARA!*

Enfim, seus filhos eram conhecidos como os Palântidas, os filhos de Palas, algo do tipo Filhos da Anarquia, só que sem as motos. Todos crescidos para ser grandes babas, e todos queriam seu tio Egeu morto.

Eles se separaram em diferentes gangues e tomaram vários bairros. Eles tinham disputas territoriais constantemente. Todo mundo em Atenas era forçado a pagar por proteção para uma gangue ou outra. Se você se comprometesse com o grupo errado, você arriscava receber uma lança no peito de uma carruagem.

No momento em que Teseu chegou a Atenas, os cinquenta Palântidas haviam estabelecido suas gangues e estavam apenas esperando que Egeu morresse. Depois eles planejaram ter uma boa guerra civil à moda antiga e deixar o Palântida mais forte ser o vencedor. Por causa disso, a cidade era ainda mais perigosa do que a estrada. Se Teseu passeasse alegando ser um filho de Egeu, ele se tornaria um alvo para flechas antes de chegar ao palácio.

Segundo problema: o rei Egeu tinha encontrado uma nova esposa, uma feiticeira chamada Medeia. Falarei mais sobre ela em uma história posterior. Enfim, ela prometeu a Egeu que sua feitiçaria poderia conceder a ele um filho, e os cinquenta Palântidas não estavam entusiasmados com isso. Eles teriam invadido o palácio, só que as defesas eram boas, os guardas estavam bem armados e havia uma feiticeira assustadora lá dentro. Então, mesmo que Teseu entrasse no palácio, Medeia iria matá-lo por estragar seus planos.

Problema três: Atenas estava sendo intimidada por uma superpotência estrangeira chamada Creta. Teseu não sabia muito sobre Creta, apenas alguns rumores ridículos sobre um monstro meio-touro e meio-humano que vivia em um grande labirinto. Mas, de ouvir conversas na estrada, ele aprendeu que Atenas e Creta vinham se odiando outros desde antes de Teseu nascer.

A maneira como começou: um dos filhos do rei Minos, Androgeu, tinha chegado a Atenas há vinte anos para um concurso de esportes local, e ele foi morto por alguns dos Palântidas.

Enfurecido, Minos convocou sua Marinha e partiu para Atenas. Ele cercou a cidade. Ele queimou o porto. Ele pediu a seu pai Zeus que enviasse relâmpagos, pragas, gafanhotos e percevejos.

Finalmente Egeu foi forçado a se render. Minos prometeu acabar com a destruição, mas uma vez a cada sete anos, Atenas teria que enviar seus sete jovens mais corajoso e sete moças mais bonitas para Creta como tributos, onde seriam usadas como alimento para o Minotauro no Labirinto.

Se você está pensando que soa como *Jogos Vorazes*, isso é porque foi inspirado nessa história. E, não, o Labirinto não foi transmitido para a TV, mas só porque Dédalo não tinha inventado a TV ainda.

Enfim, o terceiro ciclo de sete anos estava chegando ao fim. Catorze tributos deviam ser escolhidos em poucos meses, e todo mundo estava enlouquecendo.

Soa como problemas suficientes para uma cidade?

Não. Eles tinham um outro problema!

Um enorme touro selvagem também estava furioso no interior perto de um subúrbio chamado Maratona. Ninguém tinha sido capaz de pará-lo. Os atenienses tinham certeza que o Touro de Maratona era um sinal dos deuses: *Vocês são péssimos.*

— Uau — disse Teseu para si mesmo. — Este lugar está seriamente bagunçado. Eu adorei! Muito a fazer!

Ele queria entrar no palácio e certificar-se de que o pai estava bem, mas isso era mais difícil do que parecia.

Os guardas suspeitavam de assassinos. Não deixaram ninguém entrar. E, claro, alegando ser o filho de Egeu, faria com que Teseu fosse morto de vinte maneiras diferentes antes de chegar à sala do trono.

O que eu preciso, pensou ele, é uma maneira de conseguir uma audiência com o rei sem revelar a minha verdadeira identidade.

Ele olhou para uma taverna nas proximidades, onde a parede exterior estava coberta com folhetos. Um deles leu:

OBTER UMA AUDIÊNCIA COM O REI! *

MATE O TOURO DE MARATONA! **

GANHE FAMA, RIQUEZAS E JANTAR

NO PALÁCIO! ***

* PALÂNTIDAS NÃO SÃO ELEGÍVEIS.

** EXIBIDA PROVA DO TOURO MORTO

*** A FAMA PODE VARIAR. RIQUEZAS SUJEITAS A IMPOSTOS.

AVISE NOSSOS CRIADOS SE VOCÊ TEM ALERGIAS ALIMENTARES.

É isso aí! pensou Teseu. Vou matar o Touro de Maratona e ganhar o jantar no palácio. Além disso, eu não tenho alergias alimentares!

Teseu partiu para encontrar o touro, mas assim que ele deixou a cidade uma enorme tempestade iniciou. As nuvens

pareciam tinta fervente. Relâmpagos rasgavam o céu. A chuva picada com tanto força que Teseu sentiu como se estivesse andando em uma tempestade de areia.

No lado da estrada, ele avistou uma pequena cabana e correu para dentro.

Uma velha sentava-se perto do fogo, mexendo uma panela de sopa. Ela não ficou surpresa por vê-lo.

— Bem-vindo, jovem — disse ela. — Grande tempestade, hein?

— Sim — Teseu abaixou seu taco. — Você importa-se se eu esperar aqui por um tempo?

— Nem um pouco. Indo matar o Touro de Maratona?

Teseu piscou.

— Como você sabia disso?

— Meu nome é Hécale. Eu costumava ser uma sacerdotisa de Zeus. Eu sei muitas coisas.

— Ah... — Teseu estava começando a pensar que ele deveria ter limpado os pés antes de correr para dentro. — Então... Você tem algum conselho para mim?

Hécale riu.

— Esse touro é sagrado para Minos, o filho de Zeus. É por isso que Zeus não deixa ninguém matá-lo. É também por isso que o deus enviou esta tempestade para impedi-lo. Se você prometer trazer o touro para mim depois de capturá-lo, vou sacrificar o animal para Zeus. Isso deve agradar o Senhor do Céu.

— Feito! — disse Teseu.

Imediatamente, a chuva diminuiu. Os trovões morreram. Teseu espiou para fora e viu céus azuis e ouviu passarinhos cantando nas árvores.

— Uau. Isso foi rápido.

— Zeus não brinca em serviço — disse Hécale. — Agora, lembre-se de sua promessa!

Quando Teseu chegou em Maratona, ele viu um touro branco atacando uma aldeia abandonada, derrubando casas e quebrando cercas.

Teseu provavelmente poderia ter matado o touro com seu taco, mas ele precisava trazê-lo vivo para a sacerdotisa sacrificar. Ele decidiu montar uma armadilha. Ele espiou um dos poucos celeiros remanescentes e preparou algumas armadilhas usando cordas e polias, e fardos de feno como contrapesos.

Ele abriu a porta do celeiro e esperou até que o touro estivesse próximo.

— UAU — gritou Teseu. — Tem umas VACAS BONITONAS neste celeiro!

O touro virou-se e bufou. Ele inclinou a cabeça, como Você disse *Vacas bonitonas*?

— Você não pode tê-las! — gritou Teseu. — São todas minhas! Acho que vou fazer hambúrgueres esta noite! HAHHAHA!

Ele correu para dentro do celeiro.

O touro avançou em Teseu, determinado a resgatar as belas vacas de seu atormentador humano. Os cascos do touro atingiram as armadilhas, que apertou em torno de suas pernas, virou-o de cabeça para baixo e puxou-o para o ar. Ele se debateu e se enfureceu em indignação, mas não conseguiu escapar.

Teseu certificou-se de que o touro estava firmemente amarrado. Em seguida, ele baixou o animal em uma carroça, encontrou um par de cavalos e levou a besta de volta para a cidade.

Ele parou na cabana do Hécale como prometeu, mas a velhinha faleceu durante a noite. Talvez fosse um caso de sopa ruim. Ou talvez ela tivesse vivido o tempo suficiente para fazer a sua última tarefa para o lorde Zeus.

— Obrigado, senhora — disse Teseu. — Não vou te esquecer. Vou levar o touro para Atenas e sacrificá-lo eu mesmo no templo de Zeus.

Antes de sair, Teseu enterrou Hécale. Em sua homenagem, ele construiu um monumento abobadado que ficou naquele lugar por séculos, no meio do nada, como um

lembrete de que bons conselhos podem vir de lugares estranhos.

Quando Teseu retornou a Atenas, ele fez uma bela entrada. O touro branco pesava cerca de duzentos quilos, mas Teseu atirou-o sobre os ombros e carregou-o pela cidade, atraindo uma multidão enquanto ele subia os degraus da Acrópole em direção ao templo de Zeus. Ele desembainhou sua espada e sacrificou o touro enquanto as pessoas aplaudiram e jogaram flores.

O sacerdote enviou uma carta ao palácio: um jovem estranho havia matado o Touro de Maratona. Uma hora depois, um mensageiro real trouxe para Teseu um convite para jantar.

Teseu estava empolgado! Finalmente, ele conheceria seu pai. Ele decidiu que esperaria até o meio do jantar e espalharia a novidade. *A propósito, sou seu filho!* Então, depois que ele matasse todos os inimigos de seu pai, talvez eles pudessem jogar futebol ou algo assim.

Um probleminha no plano: a feiticeira Medeia já tinha descoberto a identidade de Teseu. Ela tinha magia. Ela tinha espiões. Ela soube sobre os feitos de Teseu ao longo da estrada para Atenas, e ela sabia que ele era o filho de Egeu.

Ela não poderia permitir que Teseu atrapalhasse seu esquema. Ela queria um filho *dela* no trono de Atenas. Então, antes do jantar de felicitações, ela se aproximou do velho rei Egeu.

— Ah, Coelhinho? — (Seu apelido carinhoso para ele prova como ela era má.) — Estou preocupada com esse jovem herói que vem para o jantar. Eu acho que ele é um assassino dos Palântidas.

Egeu franziu a testa. Ele não era mais tão inteligente como costumava ser, mas ele odiava assassinos.

— Bem... o que você sugere?

— Veneno — disse Medeia. — Quando brindarmos o herói, daremos a ele uma xícara de vinho envenenado.

— Não parece muito hospitaleiro. Ele não é nosso convidado?

— Querido, você não quer ser morto antes de você e eu podemos ter um filho juntos, não é?

Egeu suspirou. Medeia prometeu-lhe um filho há anos. Nunca pareceu acontecer. Há muito tempo, o rei conheceu uma mulher verdadeiramente legal, Etra. Ele tinha certeza de que seu filho acabaria por aparecer de Trezena, mas, infelizmente, ele nunca tinha aparecido. Agora o rei estava preso com uma esposa feiticeira, um bando de inimigos esperando que ele morra e, aparentemente, um assassino que fingiu ser um herói.

— Muito bem — disse Egeu. — Prepare o veneno para o jantar.

Quando Teseu chegou, ele ficou chocado com quão velho e fraco seu pai parecia. Ele ficou menos surpreso com Medeia, que atirava adagas com os olhos nele enquanto comiam e conversavam sobre o tempo e as melhores maneiras de capturar touros gigantes.

O prato principal era carne assada, com um cálice grande de vinho para acompanhá-lo.

Teseu observou que a rainha ficou tensa quando o vinho foi colocado diante dele. Ele estava realmente com sede depois de tanta conversa fiada, mas ele decidiu aguardar para beber.

— Carne assada parece ótimo! — disse ele. — Mas eu provavelmente deveria cortá-la em pequenos pedaços. Eu vou usar a minha espada, se você não se importa...

Desembainhar uma espada no jantar é geralmente falta de educação, mas Teseu foi em frente e tirou a arma e a colocou sobre a mesa. Ele desembainhou a lâmina e cortou sua carne.

A mente do rei estava confusa, mas ele reconheceu seu próprio símbolo real e as iniciais no punho. Essa espada... era *a sua* espada. O que ele fez com ele? Ah, certo, ele colocou uma grande rocha fora de Trezena para o seu filho para recuperar.

Este jovem forte e bonito tinha a sua espada, o que significava...

Quando Teseu pegou seu cálice de vinho, o rei gritou e derrubou-o para fora de suas mãos. O veneno derramou, chiando e fumegante no chão de mármore.

— Meu filho! — gritou Egeu.

— Pai! — disse Teseu.

— Medeia! — rosnou o rei.

— Coelhinho? — Medeia saltou para fora de sua cadeira e recuou da mesa de jantar.

— Você *sabia* quem ele era — disse Egeu. — Você queria que eu envenenasse meu próprio filho. Sua malvada, doente e...

— Querido, vamos falar sobre isso.

— Guardas, prendam-na!

Medeia fugiu do quarto com uma dúzia de guardas atrás dela. De alguma forma, ela conseguiu escapar e fugir do reino. Medeia tinha tido muita prática em fugir de reinos. Mas pelo menos ela estava fora da vida de Egeu.

O rei chorando abraçou seu filho. Eles falaram durante toda a noite. Teseu ganhou o melhor quarto de hóspedes do palácio e dormiu em uma cama ainda mais confortável do que o Crosta GG. De manhã, o pai e o filho decidiram visitar os templos para agradecer à chegada do Teseu. Finalmente, o rei tinha um herdeiro!

As notícias rapidamente se espalharam. O rei estaria se aventurando fora do Palácio pela primeira vez em anos. Os cinquenta Palântidas perceberam que seria melhor agir enquanto eles tinham chance.

Eles juntaram todas as suas gangues e as dividiram em dois exércitos. Seu plano era esperar até que o rei e Teseu e seus guardas estivessem a meio caminho dos templos. Então os dois exércitos de Palântidas atacariam de cada lado, prendendo o rei em um movimento de pinça e destruiriam seu grupo inteiro.

Era um bom plano. Eu nem mesmo tenho certeza se Teseu poderia ter lidado com tantos inimigos de uma só vez.

Felizmente, os Palântidas tinham um servo, chamado Leos, que ainda era secretamente leal ao rei. Leos correu

para o palácio ao amanhecer e alertou Egeu e Teseu sobre o que estava rolando. O Leos explicou exatamente onde os exércitos estariam esperando por uma emboscada.

Teseu pegou uma armadura da sala de suprimentos real. Ele amarrou sua espada, pegou seu taco e saiu do palácio. Ele encontrou o primeiro exército de Palântidas sentados em um beco escuro comendo panquecas, esperando a procissão real passar.

— Oi! — disse Teseu alegremente. Então ele matou todos eles.

Ele não sentiu nenhum remorso. Planejavam matar toda a comitiva real, então Teseu achou que ganharam o que mereciam. Era uma filosofia simples.

Ele caminhou pela cidade, com seus sapatos adoráveis agora manchados de sangue e xarope, até que ele encontrou o segundo exército de Palântidas na fila do Starbucks, ficando realmente impaciente por seus lattes de abóbora.

— Oi!

Teseu deixou a fila muito mais curta matando todo o exército. Então ele pegou um cappuccino duplo com espuma extra e voltou para o palácio.

Depois disso, o rei não teve nenhum problema levando sua procissão para os templos.

Ele agradeceu aos deuses por seu novo e extremamente violento filho. Todo mundo em Atenas teve um dia muito bom, livre das gangues Palântidas pela primeira vez em décadas.

Nota divertida: aquele cara Leos que traiu os filhos de Palas? Supostamente as pessoas em sua cidade natal, Pelene, ainda não suportam ouvir a palavra *Leo*. Eles nunca nomearam seus filhos de algo parecido, e se você nascesse com signo do zodíaco leão era considerado azar. Tenho um amigo chamado Leo. Ele adoraria essa história. Ele provavelmente iria para Pelene e apresentar-se cinquenta vezes por dia só para ver como as pessoas reagiriam.

Enfim, Teseu tinha feito um bom progresso em sua lista de coisas a fazer. Ele matou o Touro de Maratona. Ele perseguiu a rainha feiticeira maligna. Ele tinha matado todos os inimigos de seu pai em uma única manhã.

Havia apenas uma pequena nuvem escura aparecendo no horizonte... e parecia-se muito com um Minotauro.

Um mês depois que Teseu se estabeleceu como príncipe de Atenas, a grande loteria de sete anos cretense rolou. Todo jovem homem e mulher foi obrigado a se inscrever para uma chance de ganhar uma viagem de graça para Cnossos, beber e comer na corte de Minos e, em seguida, ser jogado no Labirinto para uma sessão de fotos com o Minotauro, seguido de uma morte dolorosa.

As pessoas em Atenas protestaram nas ruas. Ei, não posso culpá-los. Seu rei estava celebrando a chegada de seu filho, e todo mundo estava sendo convidado a oferecer seus próprios filhos como tributos.

Teseu decidiu que não estava certo.

— Pai — disse ele. — Eu vou me voluntariar como um tributo.

— *O quê?* — Egeu tentou levantar-se de seu trono, mas suas pernas estavam muito fracas. — Filho, não! Acabei de te ter! Eu não quero perdê-lo!

— Não se preocupe! O acordo com Creta diz que o sistema de tributo para sempre assim que um de nós matar o Minotauro, certo?

— Sim, mas...

— Então eu vou matar o Minotauro. É fácil!

Egeu não tinha certeza de que seria tão fácil, mas Teseu estava determinado. Era a coisa certa a se fazer. Além disso, Teseu não tinha matado nenhum monstro ou destruído qualquer exército em semanas, e ele estava *super* entediado.

Quando as pessoas ouviram que o príncipe se voluntariou, eles ficaram impressionados. Eles estavam desconfiados

com os políticos e suas promessas vazias. Agora, este rapaz estava voluntariando-se, arriscando a sua vida junto com as pessoas comuns. Sua taxa de popularidade subiu tipo setenta e cinco por cento.

Quando os nomes dos outros tributos foram escolhidos na loteria, eles não reclamaram. Todos eles se reuniram atrás de Teseu, que prometeu levá-los a Creta e trazê-los em segurança para casa.

Na noite anterior da partida dos tributos, o rei Egeu teve um último jantar com seu filho.

— Por favor, Teseu — disse o velho rei — faça-me um favor: normalmente, quando o navio volta de Creta, tem velas pretas, porque todos os tributos morreram. Se você *conseguir* navegar para casa, peça ao capitão para usar uma vela de cor diferente. Assim que eu ver o navio no horizonte, saberei que está bem. Quando você desembarcar, podemos ter uma grande festa em sua honra.

Teseu abraçou seu pai.

— É claro. Que cor você quer?

— Fúcsia — sugeriu o rei. — Com acabamento turquesa.

— Hã, que tal velas brancas? — disse Teseu. — São mais fáceis.

O Rei concordou, embora branco parecia um pouco convencional.

Os catorze tributos atenienses se reuniram a bordo de seu navio e navegaram para Creta, enquanto seus pais ficaram para trás nas docas, acenando e tentando não chorar. Durante a viagem, Teseu tentou animar os tributos com bingo e shuffleboard, mas todos estavam nervosos. Eles sabiam que não seria permitido armas no Labirinto. Nunca ninguém sobreviveu à experiência. Isso tornou difícil desfrutar de a noite de jogos.

Depois de três dias no mar, eles atracaram em Cnossos. As torres douradas da capital, os templos de mármore, os jardins e os palácios fizeram com que Atenas parecesse uma lixeira.

Os tributos foram recebidos por multidões vaiando e acenando bandeiras de touro e grandes mãos de espuma com CRETA É A NUMERO UM! Escrito. Com exceção de Teseu, os catorze adolescentes nunca estiveram longe de casa antes. Eles se sentiram assustados e oprimidos, que era exatamente como Minos gostava.

O Dia do Labirinto era uma vitória enorme para a publicidade dele. Deu ao povo de Creta algo para comemorar. Eles viam os melhores e mais brilhantes jovens de Atenas tremendo de medo e totalmente humilhados antes que eles fossem jogados para a sua morte no labirinto do Minotauro.

Teseu arruinou o efeito. Ele sorriu, acenou e cumprimentou a multidão conforme os tributos caminharam para o palácio.

— Como você está? Eu sou Teseu. Ei, é ótimo estar aqui! Vou matar o seu Minotauro. Certo, me ligue, querida. Você está em boa forma!

Os atenienses foram levados ao palácio do rei Minos para o habitual jantar de boas-vindas e as festividades de vamos nos conhecer melhor antes de você morrer.

O rei Minos estava ansioso para a boa e velha humilhação de seus convidados. Ele adorava humilhação. Novamente Teseu tirou a diversão do jantar, ousando se divertir. Ele riu, contou piadas e entreteve a família real de Creta com histórias sobre suas façanhas na estrada de Trezena. A história sobre Molly, a tartaruga gigante, foi bastante apreciada. Teseu fez um pequeno boneco de Círon com pão e jogou-o na tigela de sopa do rei, gritando:

— NÃOOOOOO! MOLLY!

Os filhos de Minos riram. A princesa Ariadne estava sentada em frente a Teseu. Ela estava fascinada pelo bonito, engraçado, completamente corajoso príncipe ateniense. No final do jantar, ela estava perdidamente apaixonada por ele. Ela não suportava o pensamento de ele morrer no Labirinto. Seu pai era tão irritante, mutilando e torturando seus criados, jogando seu irmão mutante o Minotauro naquele

labirinto, sempre jogando caras bonitões para a morte antes de ela conhecê-los. Ugh!

O rei Minos, por outro lado, não se apaixonou instantaneamente por Teseu.

Ele decidiu que o jovem herói precisava morrer *antes* mesmo do desafio do Labirinto. Isso deixaria os outros tributos devidamente aterrorizados. Caso contrário, Minos não teria o efeito completo de seus gritos quando eles fossem jogados no Labirinto. Ele amava os gritos da juventude ateniense. Eles acalmavam seus nervos frágeis.

— Então, Teseu! — disse o rei do outro lado da mesa. — Eu ouvi que você é um filho de Poseidon, é verdade?

— Sim, meu senhor! — disse Teseu. — Eu sou abençoado com dois pais poderosos; um é o rei de Atenas, o outro é o deus do mar.

— Que emocionante — disse Minos. — O *segundo* rei mais poderoso da Grécia e o *segundo* deus mais poderoso. Como você sabe, eu sou o rei da nação *mais* poderosa, e meu pai é Zeus.

Minos era um idiota desse jeito.

O rei levantou-se. Ele tirou seu anel de formatura real, uma faixa de ouro com a cabeça de um touro esculpido em safira. — Vamos testar seu parentesco, Teseu?

Minos caminhou até a janela. A sala de jantar era no vigésimo andar da torre mais alta, com vista para as profundezas do mar.

— Que tal eu jogar esse anel no oceano e você mergulhar atrás dele? Então saberemos que você é o filho de Poseidon. Depois de todos os seus outros feitos, eu tenho certeza que isso não é um desafio para você.

O anel custava cerca de um milhão de dracmas, mas por que isso importaria para Minos? Ele tinha uma dúzia iguaizinhos na gaveta da cabeceira. Ele imaginou que o novato iria tremer de medo ou dar alguma desculpa esfarrapada pela qual ele não poderia saltar de uma janela à vinte andares. Mas se ele realmente *pulasse* isso seria engraçado.

Minos jogou o anel pela janela.

Como sempre, Teseu fez a coisa impulsiva. *Objeto brilhante movendo-se rapidamente? Vá atrás dele!*

Ele correu para a janela e jogou-se.

O rei Minos riu.

— Bem, lá se foi esse ateniense.

Teseu estava no meio do caminho quando ele se perguntou se ele deveria ter feito alguns preparativos... um paraquedas, ou talvez uma prancha de surfe. Ele resolveu fazer uma oração.

— Ei, Poseidon — disse ele. — Uma ajudinha?

Ele bateu na água. Isso deveria tê-lo matado instantaneamente, mas em vez disso, ele cortou facilmente nas profundezas. As correntes o levaram até o fundo do oceano. Ele viu um pequeno brilho dourado na areia e agarrou o anel de Minos.

Teseu chutou para subir e quebrou a superfície. Ele nem sequer se sentia sem fôlego.

— Obrigado, pai!

As ondas levaram Teseu com segurança para a costa. Alguns minutos depois, um dos garçons na sala de jantar real veio correndo até o rei.

— Hã, senhor, há um cara molhado na porta, ele diz que tem o seu anel.

Teseu entrou.

— Ta-dã! Meu senhor Minos, trago saudações do *segundo* deus mais poderoso, Poseidon. Ele disse: “O que mais você tem, perdedor?”

Teseu jogou o anel na tigela de sopa do rei.

Os atenienses riram. Até mesmo os Cretenses sorriram e riram.

O rei Minos tentou manter a calma, mas não foi fácil. As veias na testa pareciam como se estivessem prestes a explodir.

— O jantar acabou! — O rei levantou-se. — Durmam bem, tributos. Amanhã, vocês enfrentarão o Minotauro. E nosso amigo Teseu terá a honra de morrer, quero dizer, *ir* primeiro.

A princesa Ariadne não conseguia dormir naquela noite.

Seu pai era *tão* malvado, jogando o homem que ela amava para a morte. Ela decidiu que não aguentaria. Ela se envolveu em um manto encapuzado e saiu de seu quarto para visitar seu mentor, Dédalo, que vivia em uma oficina no Labirinto, preso lá por ordem do rei.

Ao longo dos anos, Ariadne tornou-se amiga do velho inventor. Ele a ensinou matemática e ciência. Ele escutou enquanto ela reclamou sobre seus pais (e você tem que admitir que seus pais eram *perturbados*). Dédalo tinha construído o Labirinto, então ele ensinou Ariadne a navegar com segurança, sempre ir para a frente e para a direita, e desalinhar uma bola de fio para que você possa encontrar o seu caminho de volta. Pelo menos uma vez por semana, ela esgueirava para o Labirinto para visitar o velho. Agora ela precisava de seu conselho para salvar seu novo namorado.

Ela chegou na oficina do inventor e explicou seu problema.

— Eu tenho que ajudar Teseu! Vou mostrar-lhe os seus truques de navegação para que ele possa atravessar o labirinto. Mas como ele pode derrotar o Minotauro?

Dédalo puxou nervosamente sua barba. Ele gostava de Ariadne. Ele queria ajudá-la, mas ele tinha a sensação de que isso não terminaria bem para qualquer um deles.

Ariadne mostrou para ele os grandes e tristes olhos de cachorrinho.

Dédalo suspirou.

— Tudo bem. Seu namorado não terá permissão para trazer armas para o labirinto, mas o Minotauro tem duas armas perfeitamente boas em sua cabeça. Diga a seu namorado para pegá-las emprestadas. Além disso, o nome real do Minotauro é Asterion.

— Uau — disse Ariadne. — Eu tinha esquecido isso.

— A maioria das pessoas esquece. O Minotauro provavelmente esqueceu. Mas Teseu pode ser capaz de usar esse nome para confundir o monstro. Pode fazê-lo ganhar alguns segundos.

Ariadne beijou o velho na testa.

— Você é o melhor, Dédalo!

Mais tarde naquela noite, Teseu ouviu uma batida em sua porta. Ele achou que os guardas estavam verificando se ele não tinha pulado pela janela de novo. Em vez disso, quando ele abriu a porta, ele encontrou a princesa Ariadne, seu rosto corado, um simples manto de viajante sobre seus vestidos reais.

— Eu posso ajudá-lo a entrar e sair do Labirinto — disse ela. — Vou te dizer como matar o Minotauro. Mas eu tenho uma condição: se você tiver sucesso, você terá que me levar com você quando você sair. Eu odeio Creta!

— Eu posso fazer isso — disse Teseu.

Ariadne explicou como navegar no labirinto. Ela deu-lhe uma bola de fio.

— Você vai encontrar o Minotauro no centro do labirinto. Se você chamá-lo pelo seu nome verdadeiro, Asterion, você pode confundi-lo por tempo suficiente para ganhar uma vantagem. Você não terá permissão para levar armas, mas Dédalo disse que você poderia usar os próprios chifres do monstro contra ele.

— Ok — disse Teseu. — Ou eu poderia apenas usar minhas mãos. Elas estão registradas como armas letais em vinte e sete países.

Os olhos da princesa se arregalaram.

— Sério?

— Não, estou brincando. Vou usar os chifres. Obrigado pela bola de fios.

Na manhã seguinte, guardas reuniram os catorze tributos atenienses para levá-los para o Labirinto. A multidão de espectadores era ainda maior do que o habitual. Todos queriam ver como Teseu, o príncipe de Atenas, lidaria com sua sentença de morte.

Teseu lidou como uma festa. Ele acenou e sorriu. Ele apertou as mãos dos cretenses, beijou bebês e parou para tirar fotos com seus admiradores.

Quando ele chegou à entrada do Labirinto, ele chamou seus companheiros tributos juntos para se juntarem.

— Eu vou entrar primeiro — disse ele para eles. — Eu vou chegar ao centro, desalinhar algumas cordas enquanto ando. Vocês vão devagar. Segurem a corda. Quando eu matar o Minotauro, eu vou recuar, buscar vocês, e vamos todos para casa vivos. Pronto? Vamos!

As portas de pedra gigantes do Labirinto se abriram. Os guardas revistaram os tributos atrás de armas, mas ninguém notou o fio de Teseu, que ele tinha enrolado na cintura como um cinto.

Teseu gritou:

— É isso aí, Labirinto! Uhuuu!

Ele correu para dentro. Os outros atenienses seguiram, não tão entusiasmados. Os portões se fecharam, e a multidão lá fora esperou os primeiros gritos perfurarem o ar.

Teseu desenrolou sua corda. Amarrou uma extremidade a um porta-tocha convenientemente localizado na saída. Ele lembrou os outros tributos para não se desviarem para muito longe.

— Apenas se socializem — disse para eles. — Falem sobre vocês. Eu estarei de volta em breve.

Ele dirigiu-se ao labirinto.

O lugar foi projetado para ser confuso. Depois de quatro ou cinco passos, Teseu teria se perdido completamente, se não fosse por seu confiável fio e as instruções de Ariadne: *quando em dúvida, sempre vá para a frente e para a direita.*

Ele caminhou passando por bestas ativadas por movimento, poços cheios de espinhos venenosos, corredores cheios de lâminas rotativas e corredores alinhados com espelhos que o fez parecer muito gordo ou muito magro. Finalmente, o labirinto abriu em uma arena circular como uma arena de rodeio.

O Minotauro estava esperando.

Graças à sua dieta de carne vermelha, esteroides, doces e molho de Tabasco, ele ficou com dois metros e meio de altura. Com seus altos ombros, pescoço e cabeça, e seus

olhos vermelhos sangue e chifres curvados reluzentes, ele fazia o Touro de Maratona parecer um bezerro recém-nascido. Ele também era muito assustador dos ombros para baixo. Seus braços e pernas eram inchados com os músculos. Ele usava apenas uma tanga. E o cara não tinha tomado um banho ou feito manicure em vinte anos.

O chão ao redor dele estava repleto de correntes quebradas e ossos de todos os prisioneiros que ele comeu ao longo dos anos. Tirando isso, a arena estava vazia, exceto por um pouco de feno para dormir, uma vasilha suja de água para beber, um buraco no chão como banheiro e algumas revistas velhas de geografia para material de leitura. Não admira que o Minotauro estivesse zangado.

Teseu aproximou-se do homem touro. Ele não tinha certeza se sentia aterrorizado, fascinado ou apenas pena pelo monstro.

— Cara, sua vida deve ser uma *droga*. Tem certeza que temos que lutar? Eu poderia tirá-lo daqui e...

ROOOOAR!

O Minotauro avançou. Ele tinha sido treinado desde o nascimento para matar e odiar. Ele foi torturado, insultado e rejeitado. Ele não estava prestes a confiar em um humano agora.

Teseu esquivou-se, mas o Minotauro foi rápido. Seu chifre esquerdo raspou o peito de Teseu e o cortou.

Teseu conhecia um monte de truques para combate desarmado, mas ele rapidamente percebeu que o Minotauro era mais forte e mais esperto do que qualquer adversário que ele já enfrentou. Ele cambaleou para trás quando o monstro virou e avançou novamente.

Teseu mergulhou para a esquerda. O monstro antecipou-o. O Minotauro bateu com a mão em Teseu e o mandou para o outro lado da arena.

Teseu gemeu e se agarrou ao feno. Desesperadamente, ele agarrou uma. Quando o Minotauro investiu nele, Teseu atacou com as correntes, envolvendo a ponta do chifre do monstro.



Instintivamente o Minotauro afastou-se. Teseu puxou de volta com toda a sua força, e o chifre foi arrancado da base.

ARRROOOOOO!

O Minotauro tropeçou, mas o chifre quebrado era mais surpreendente do que doloroso.

O monstro fixou seus pés. Ele olhou para seus punhos enormes e olhou para Teseu.

Pela primeira vez em sua vida, Teseu sentiu dúvida. Ele agarrou o chifre quebrado do monstro, mas ele não tinha certeza que ele teria tempo para usar a arma. O monstro era muito rápido e forte. Teseu nunca chegaria perto o suficiente sem ser rasgado em pedaços.

— Vamos conversar, cara. — Ele lentamente levantou-se.
— Não precisa ser assim. Você não é inteiramente um monstro. Você tem parte humana.

RAGGR!

O Minotauro não conseguia pensar em nada mais insultuoso do que ser chamado de humano. Ele correu até Teseu, determinado a atropelá-lo e transformá-lo purê de herói.

— Asterion! — gritou Teseu.

O Minotauro congelou como se tivesse sido socado no focinho. Esse nome... Ele conhecia esse nome. Suas primeiras memórias... vozes suaves. Uma mulher, talvez a mãe dele? Um berço confortável com comida de bebê de verdade, cobertores mornos, um fogo na lareira. O Minotauro lembrou-se de uma vida fora do labirinto. Ele teve uma breve e calorosa sensação de como era ser humano.

E, naquele momento, Teseu esfaqueou-o no intestino com seu próprio chifre quebrado.

O homem touro se debateu e gritou. Seus gritos ecoaram por todas as ruas de Cnossos. Ele tentou agarrar Teseu, mas o herói recuou.

O Minotauro perseguiu-o, mas suas pernas pareciam pesar como chumbo. A dor em seu intestino piorou. Sua visão escureceu. O monstro caiu de joelhos e desabou. A

última coisa que viu foi Teseu em pé sobre ele, a expressão triste do herói ao invés da triunfante.

— Descanse em paz, Asterion — disse Teseu. — Vá dormir.

O monstro fechou os olhos. Quando ele morreu, ele flutuou para um sonho de cobertores quentes e vozes gentis.

Teseu puxou o chifre quebrado do intestino do monstro. Suas roupas estavam encharcadas de sangue. Ele queria derrubar o Labirinto tijolo por tijolo. Ele queria esfaquear o rei Minos com o chifre de Asterion. Mas ele tinha que pensar em outros treze atenienses. Ele prometeu levá-los para casa.

Ele encontrou o fim de seu fio e seguiu-o de volta pelo caminho que veio. Ele buscou seus companheiros tributos até que todos os catorze estivessem na saída do labirinto.

Normalmente, isso não o faria bem. Os guardas não iam abrir as portas para ninguém. Mas a princesa Ariadne estava esperando do lado de fora dos portões. Ela ouviu Teseu chamando de dentro:

— Olaaaaaaaá? O Minotauro deu tchauzinho. Podemos sair agora?

— Abram os portões! — disse Ariadne aos guardas. — A sua princesa ordena!

Os guardas fizeram o que ela disse.

Teseu saiu, seguido pelos outros tributos. Ele levantou o chifre sangrento para que todos os espectadores pudessem ver.

— Sem mais Minotauro! Chega de tributos!

A multidão ficou em silêncio. Eles possivelmente se voltaram contra ele. As coisas podem ficar feias quando a equipe visitante vence. Mas a verdade era que os cretenses gostavam de heróis corajosos e Minotauros mortos muito mais do que gostavam do rei Minos.

A multidão explodiu com aplausos. Eles rasgaram suas bandeiras de touro. Eles gritaram *TEEE-SEEUUU!* sem parar enquanto levantavam o herói e a princesa Ariadne em seus ombros e os levaram para as docas, onde o navio ateniense

esperava. Os guardas da cidade juntaram-se na celebração. A irmã mais nova de Ariadne, Fedra, que estava na multidão, gritou para sua irmã:

— Espere, você está deixando Creta? LEVE-ME COM VOCÊ! Assim, ambas as princesas se juntariam aos atenienses.

Não havia absolutamente nada que Minos poderia fazer, exceto gritar e pisar em torno de seu palácio enquanto toda a população de Cnossos dava uma festa para Teseu, e em seguida, escoltava-o para o seu navio para a sua viagem de volta com milhares de presentes, princesa Ariadne e de bônus a princesa Fedra.

O barco partiu naquela noite. Sua viagem para casa foi uma grande festa de três dias. Desta vez todo mundo jogou Bingo. A noite de jogos foi uma loucura.

Se você quer um final feliz, este seria um bom lugar para parar de ler.

Porque, agora que ele estava no topo do mundo, Teseu não desperdiçou tempo se transformando em um babaca.

Durante a primeira noite no mar, os atenienses estavam tão ocupados festejando que seu navio encalhou na ilha de Naxos. Enquanto a tripulação estava fazendo reparos, Ariadne e Teseu tiveram algum tipo de briga. Eles estavam juntos há menos de vinte e quatro horas, mas Teseu decidiu que não ia funcionar. Talvez Ariadne estivesse mais séria sobre o relacionamento do que ele. Talvez ela tenha o drogado enquanto dormia.

Enfim, Teseu disse a Ariadne que ia deixá-la em Naxos e navegar para casa sem ela.

Frio, né?

Ainda pior, ele alegou que Atena em pessoa o tinha ordenado a fazer isso em um sonho. *Caramba, querida, desculpe, mas uma deusa me disse que eu tenho que terminar com você. Não é nem um pouco minha culpa.*

É. Com certeza, amigão.

O pior de tudo? Ele imediatamente começou a namorar a irmã mais nova de Ariadne, Fedra.

Ai.

O coração de Ariadne estava quebrado, mas as coisas deram certo para ela no final. Depois que Teseu partiu, o deus Dioniso se deparou com ela em Naxos. Ele se apaixonou por ela, casou-se com ela, e a fez imortal.

Ariadne não queria se casar com Teseu mesmo. Como você verá em um segundo, ele acabou fracassando em Introdução de Como ser um Bom Marido.

O navio dos atenienses navegou, mas Teseu, distraído com toda a festa, fez um erro típico de TDAH. Ele esqueceu completamente de mudar a cor das velas para alertar o pai que estava tudo bem.

O navio apareceu no porto com velas pretas.

O povo de Atenas lamentou e se entristeceu. Eles assumiram que seus tributos estavam mortos, como de costume. O velho rei Egeu estava assistindo da torre mais alta do castelo. Quando ele viu que as velas não eram fúcsia (ou branco, ou qualquer que fosse) ele estava tão desolado que ele se jogou no mar.

Ao contrário de Teseu, Egeu não sobreviveria a uma queda de vinte andares. Ele morreu, e essa parte do Mediterrâneo tornou-se conhecida como Mar Egeu em homenagem ao velho rei.

Teseu atracou em Atenas. Quando ele descobriu que seu pai estava morto, ele estava completamente chateado. Eles nem sequer jogaram futebol juntos.

No lado positivo, Teseu era agora rei de Atenas. Ele tinha destruído todos os inimigos de sua família, encontrou uma nova esposa, Fedra (que era muito mais gata do que sua outra nova esposa, Ariadne), e acabou com os tributos atenienses para Creta para sempre.

Por um tempo, o rei Teseu era super popular. O navio que ele navegou para casa foi transformado em um tributo flutuante para ele, com uma cafeteria legal e uma loja de presentes. O navio permaneceu no porto por séculos. Cada

vez que uma tábua apodrecia, os atenienses a substituíam, até que praticamente todas as partes do navio haviam sido trocadas várias vezes.

Os filósofos locais, que tinham muito tempo livre, começaram a debater o “problema do navio de Teseu”. Se você gradualmente substituir cada pedaço de um original com uma cópia exata, ainda é o mesmo objeto? Eu me perguntei sobre isso com celebridades que têm muita cirurgia plástica. Mas Annabeth me disse que estou mudando de assunto...

Teseu uniu Ática enquanto liderava Atenas. Ele teve filhos com Fedra, e por alguns anos eles estavam felizes. Mas você sabe como é quando você é inquieta e se entendia fácil, não pode deixar nada em paz.

Claro, nem tudo era culpa de Teseu.

Ele encontrou um amigo que era uma má influência, o tipo de delinquente impulsivo que sua mãe sempre avisa você. Normalmente, *eu* sou esse amigo. Para Teseu, era um cara chamado Pirítoo.

Pirítoo era o líder dos lápitais, uma tribo grega do norte tão selvagem que saiam com centauros. Acredite em mim, as festas dos centauros *não* são para os fracos de coração.

Pirítoo continuou ouvindo histórias sobre o forte e corajoso rei de Atenas ao sul. Por um tempo, você não poderia ver as notícias sem ver manchetes sobre *Teseu* *isso* e *Teseu aquilo*.

Pirítoo ficou irritado.

— Ele não pode ser *tão* importante. Vou até lá para chamar esse fedelho.

Ele selou seu cavalo e montou em direção à Maratona, onde Teseu havia capturado o touro branco há muito tempo. *Teseu acha que ele é legal por capturar um touro?* pensou Pirítoo. *Vou capturar todas as vacas da cidade.*

E ele capturou. Ele reuniu todo o gado de Maratona, porque os lápitais eram grandes ladrões de gado,

juntamente com todas as suas outras qualidades. Como Pirítoo era um cara muito assustador, nenhum dos moradores tentou detê-lo.

— Vocês querem suas vacas de volta? — disse Pirítoo. — Por que vocês não chamam seu rei para ajudar? Diga a Teseu que estarei esperando por ele.

Pirítoo levou o gado para o norte.

Notícias do incidente de roubo de gado chegaram a Teseu, e ele não podia deixar esse insulto passasse a impune. Ele andou para o norte sozinho. Pirítoo não foi difícil de encontrar, já que muitas vacas deixam para trás um monte de presentinhos.

Quando Teseu alcançou Pirítoo, eles se insultaram por cerca de uma hora até que eles acabaram com os xingamentos mãe. Então eles tiveram uma luta épica. Eles quebraram pedras sobre as cabeças um do outro. Eles jogaram uns aos outros de penhascos. Eles lutaram com espadas e jogaram granadas, mas eles simplesmente não conseguiam matar um ao outro. Eles eram igualmente fortes, rápidos e sortudos.

Finalmente, exaustos, sentaram-se juntos e compartilharam uma garrafa de vinho.

— Para o Mundo Inferior com isso — disse Teseu. — Se não conseguimos matar um ao outro, nós poderíamos muito bem ser amigos.

Essa é lógica semideusa para você.

Infelizmente, Pirítoo meteu Teseu em todos os tipos de problemas. Todos os fins de semana os dois iam festejar; brigavam, entravam em brigas de bar e destruíam nações inteiras. Teseu esqueceu sua velha filosofia sobre apenas atacar quando ele fosse atacado. Ele esqueceu de usar apenas a força que seus inimigos usavam contra ele. Ele simplesmente se descontraíu e matou tudo em seu caminho.

Teseu se arrastava para o palácio na noite de domingo, e rainha Fedra ficava tipo: *Onde você esteve?*

— Fora.

— Você estava destruindo nações inteiras com Pirítoo novamente?

— Deixe-me em paz, mulher! Eu só estava tentando relaxar. Pelos deuses!

Uma vez Teseu e Pirítoo decidiram fazer guerra contra as Amazonas, e Teseu acabou tendo um lance com Hipólita, a rainha Amazona. Como isso aconteceu, eu não tenho certeza, mas eles tiveram um filho juntos, Hipólito. Quando a notícia se espalhou, as coisas não acabaram com Fedra.

Ela decidiu levar as crianças e se mudar para um palácio diferente. Teseu ficou de mau humor por um tempo. Então ele fez o que ele costuma fazer para se animar: ele foi para sair com os lápitas.

Enquanto Teseu estava lá, Pirítoo decidiu se casar com uma garota local chamada Hipodâmia. Eu não sei por que você daria seu filho o nome de Hipo-alguma coisa, mas supostamente ela era bonita. Para o casamento, Pirítoo convidou todas as tribos vizinhas, incluindo os centauros. Infelizmente, os centauros embebedaram-se e tentaram raptar a noiva. Mesmo entre os lápitas, isso foi falta de educação. O casamento se transformou em uma guerra. Pirítoo e Teseu lideraram os lápitas contra os Pôneis de Festa e chutaram seus traseiros de cavalo.

Teseu considerou esta uma de suas maiores vitórias. Mas não fez muito para sua reputação em casa quando ele trouxe um exército de lápitas briguentos para Atenas e teve uma violenta e bêbada festa da vitória na Acrópole. O lugar ficou cheio de cabeças de centauro cortadas e decorações de festa por semanas.

Então Pirítoo teve uma *péssima* ideia. Ele decidiu que ele e Teseu deviam arrumar novas esposas.

— Nós somos os melhores guerreiros do mundo! — Pirítoo jogou seu braço em torno de seu amigo. — Devemos... *HIC!*... devemos *totalmente* nos casar com filhas de Zeus.

Como de costume, Teseu não se incomodava de pensar nisso. Era uma ideia brilhante, e ele aceitou rapidamente.

— Sim, com certeza. Mas quem e como?

— Qualquer uma, cara! Nós apenas sequestramos elas!

— Incrível.

— Vou ajudá-lo a roubar uma esposa. Então você me ajuda. Quem você quer?

Teseu escolheu a garota mais bonita que ele já viu, uma filha de Zeus chamado Helena. (Como em Helena de Tróia.) Ela ainda era muito jovem para se casar, mas Teseu pensou em sequestrá-la e esperar que ela ficasse mais velha. Nojento e errado? Pode postar. Eu mencionei que Pirítoos era uma má influência, certo?

Eles não tiveram problemas em sequestrar Helena. Teseu a trouxe para Trezena, onde sua mãe, Etra, era agora a rainha. Ele pediu-lhe para cuidar de Helena por alguns anos até que ela tivesse idade para casar.

Eu tenho uma sensação que Etra não gostou muito dessa ideia, porque mais tarde Helena fugiu de Trezena e acabou se casando com outra pessoa, mas isso é uma história totalmente diferente.

Então Pirítoos decidiu que era sua vez de escolher uma esposa.

— Eu conheço apenas a mulher certa! Perséfone!

Teseu fez uma careta.

— Você quer dizer, como... a rainha do Mundo Inferior?

— Sim! Vamos para o Mundo Inferior e raptá-la. Vai ser incrível!

Como era um imbecil, Teseu foi junto com ele. Eles encontraram uma entrada para o reino de Hades e lutaram seu caminho para o Mundo Inferior, matando monstros e assustando fantasmas. Eles intimidaram Caronte, o barqueiro, fazendo com que os levassem pelo Rio Estige.

Eles estavam quase no palácio de Hades quando eles se cansaram e decidiram sentar-se por alguns minutos em algumas rochas. Os olhos de Teseu ficaram pesados. Ele começou a cochilar. Então ele percebeu que tirar uma soneca no Mundo Inferior provavelmente não foi uma boa ideia. Ele tentou levantar-se, mas as pernas não se moviam. Os braços dele estavam congelados.

— Pirítoo! — gritou ele. — Socorro!

Ele olhou para cima. Seu amigo tinha se transformado inteiramente em pedra. Pairando sobre Pirítoo estavam três velhas feias com asas de morcego com chicotes flamejantes, as Fúrias em pessoa.

— É para aprenderem a não tentar sequestrar nossa rainha! — sibilou uma delas. — Turistas!

As Fúrias voaram para longe, deixando o Teseu congelado e indefeso. Ele ficou lá por meses, sem companhia, exceto pela de fantasmas, até que finalmente outro herói veio em uma missão diferente e o libertou.

O nome dele era Hércules. Nós vamos chegar a ele mais tarde, depois que eu tomar minhas vitaminas e encher meu tanque de pizza, porque esse cara fez, tipo, *tudo*.

Teseu finalmente chegou em Atenas, mas ele nunca foi o mesmo.

O povo de Atenas não o amava mais. Eles estavam cansados de sua farra e suas ações de idiota. Sua ex-esposa, Fedra, tinha se apaixonado pelo próprio filho de Teseu, Hipólito, que tinha crescido e se tornado rei, o que nos leva a escala *novela* na escala de esquisitice.

Quando Teseu descobriu, ele perdeu a calma. Ele matou seu próprio filho, que é um grande erro que seria castigado pelos deuses. Nesse ponto, ele pensou que seria melhor deixar Atenas permanentemente, antes que os moradores o linchassem.

Desprezado e odiado, ele viajou para a ilha vizinha de Esquiro, mas as pessoas de lá também não gostavam dele. O rei local, Licomedes, levou Teseu em custódia, e as pessoas da cidade literalmente o votaram pela sua expulsão da ilha. Arrastaram-no para o topo do penhasco e o jogaram. Desta vez, Poseidon não salvou Teseu quando ele bateu no fundo.

Depois que Teseu morreu, sua reputação sujou toda uma geração. Só mais tarde as pessoas esqueceriam as coisas ruins que ele tinha feito e começaram a se concentrar nos atos heroicos de sua juventude.

Pessoalmente, acho que Teseu ganhou o que merecia, da forma da sua própria filosofia. As coisas começaram a ir mal para ele quando ele perdeu o interesse em Ariadne e largou-a. Eventualmente Atenas perdeu o interesse nele e o largou. Você não mexe com o destino.

A história dele tem moral? Se o fizer, eu tenho uma sensação que se aplicaria a mim. Ser impulsivo e hiperativo pode ser realmente útil. TDAH pode mantê-lo vivo. Pode até fazer de você um herói.

Por outro lado, se você perder de vista as coisas importantes, se você ficar imprudente e estúpido e permitir-se a se distrair quando você está à beira de aprender uma lição importante...

AAH, UM ESQUILO!

ATALANTA CONTRA TRÊS FRUTAS: O COMBATE FINAL



POR ANOS EU PENSEI QUE ESTA MULHER ERA A capital da Geórgia.

Então eu descobri *Atalanta* e *Atlanta* eram duas palavras diferentes, e eu me perguntei se talvez Atalanta havia sido nomeada em homenagem a Atlanta, porque ela realmente gostava dos Braves de Atlanta ou de Coca-Cola.

Mas não.

Acontece que o nome Atalanta em grego antigo significa *igual em peso*.

Faz sentido. Atalanta era igual a qualquer herói. Na verdade, ela era mais forte e mais rápida do que a maioria deles, mas os homens gregos não teriam apelidado uma mulher de *Melhor do que nós*. Isso teria magoado o orgulho deles. O melhor elogio que eles estavam dispostos a fazer era *Tão bom quanto um cara*.

Os pais de Atalanta não lhe deram esse nome. Eles a odiaram desde o momento em que ela nasceu.

Seu pai, Íaso, era o rei de Arcádia. Como um monte de reis gregos, ele era obcecado por ter filhos para continuar o

nome da família. Talvez com um nome de rei íaso ele era sensível sobre não parecer homem o suficiente. Quando seu primeiro filho acabou nascendo uma menina, ele ficou tão bravo que deu uma de Amazona reversa. Ele levou o bebê recém-nascido para a floresta e deixou-a em uma rocha para morrer.

Naquele ano ele não ganhou o prêmio de Melhor Pai do Mundo.

O bebezinho chorou e gritou. Eu também choraria e gratia se meu pai me jogasse fora. Ela tinha um forte par de pulmões, por isso não demorou muito antes de uma enorme urso se arrastasse da floresta para ver o que era o barulho.

Isso poderia ter terminado mal para o bebê e deliciosamente bem para a urso.

Felizmente, esta urso era uma mãe em luto. Seus próprios filhotes tinham acabado de serem mortos por caçadores. Ela encontrou Atalanta chorando e se contorcendo na rocha, e a Mamãe Urso decidiu criar a bebê como se fosse sua. Ela cuidadosamente pegou Atalanta em sua boca enorme e voltou para sua caverna, onde ela amamentou a criança com delicioso leite de urso.

Em seus primeiros anos, Atalanta cresceu pensando que ela era um urso. Ela era saudável e forte. Ela aprendeu a não temer nada, exceto caçadores humanos. À noite, ela se aconchegava na pele grossa de sua mãe. Durante o dia, ela comia mel e vasculhava lixeiras, ou seja lá o que os ursos faziam na Grécia antiga.

A vida era ótima... até que os caçadores voltarem para a área. Uma tarde, enquanto a Mamãe Urso estava fora procurando comida, dois caras rastejaram para a caverna, na esperança de encontrar alguns filhotes de urso que pudessem matar por peles, ou talvez capturar e vender para um circo itinerante. Em vez disso, eles encontraram uma criança humana cochilando em uma cama de peles de animais.

— Cara, isso não é certo — disse o primeiro caçador.

— Nós deveríamos tirar essa criança daqui — disse o segundo caçador.

Suas vozes acordaram Atalanta. Ela rosnou e mostrou os dentes.

— Está tudo bem, menina — disse o primeiro caçador. — Nós vamos resgatá-lo.

Atalanta não queria ser resgatada. Ela arranhou os olhos dos caçadores e chutou-os na virilha, mas os homens eram maiores e mais fortes. Eles a sequestraram e a levaram para sua aldeia, o que deve ter quebrado o coração da Mamãe Ursa. Pela segunda vez, os humanos invadiram sua casa e levaram sua família. Ela realmente precisava de um sistema de segurança melhor.

Os aldeões fizeram o seu melhor para criar Atalanta como um ser humano. Eles ensinaram-lhe a falar, usar roupas e comer com um garfo. Eles desencorajaram-na de espancar pessoas e hibernar durante o inverno.

Atalanta se adaptou, mas ela nunca perdeu sua selvageria. Ela preferia usar peles de animais a vestidos. Seu olhar feroz podia fazer o guerreiro mais experiente recuar. Quando ela tinha catorze anos, ela podia atirar um arco e empunhar uma faca melhor do que qualquer um na aldeia. Ela podia correr mais do que qualquer cavalo.

Ela se tornou mais alto e mais forte do que qualquer mulher que os aldeões já haviam visto. Com sua pele de bronze e seu longo cabelo loiro (que era uma raridade na Grécia), ela era linda e aterrorizante. Os aldeões começaram a chamá-la de Atalanta, *igual em peso*, porque nenhum homem poderia dominá-la. Todos que tentaram acabaram mortos.

Provavelmente não vai surpreendê-lo que sua deusa favorita era Ártemis, a caçadora virgem. Atalanta nunca se tornou uma seguidora de Ártemis, mas ela admirava tudo sobre a deusa: sua autoconfiança, sua habilidade na caça, a maneira como ela matava qualquer homem que até mesmo a olhasse engraçada.

Quando ela tinha dezesseis anos, Atalanta cansou da hospitalidade dos aldeões. Eles começaram a falar sobre perspectivas de casamento para ela, e Atalanta pensou que seria melhor sair antes que ela machucasse alguém.

Ela se mudou de volta para a floresta, onde ela poderia viver como Ártemis, sem a companhia de homens irritantes. Atalanta nunca mais encontrou sua Mãe Ursa, mas ela encontrou uma caverna que a lembrou de casa. Estava a meio caminho de uma montanha, onde um riacho frio arrebatava as rochas e fornecia água corrente ilimitada. Cortinas da hera cobriam a entrada da caverna, dando-lhe a privacidade. A vista de sua varanda da frente era bastante espetacular: um vale cheio de flores silvestres, florestas de carvalhos e pinheiros e nenhum outro humano à vista.

Seus únicos vizinhos eram centauros, que sabiam que não deviam incomodá-la.

Bem... Na maioria do tempo. Uma vez, dois jovens garanhões chamados Reco e Hileu ficaram bêbado e decidiram que seria uma grande ideia capturar Atalanta e forçá-la a se casar com eles.

Dois centauros. Uma Atalanta. Qual deles se casaria com ela? Eles não planejaram isso muito bem. Eles estavam bêbados. Eram centauros. Não precisaram de um plano bem elaborado.

Eles pintaram seus rostos de vermelho, colocaram videiras em suas cabeças e vestiram suas camisas coloridas mais sujas dos Phish. Normalmente isso era o suficiente para assustar até os humanos mais durões. Naquela tarde, enquanto Atalanta estava caçando, os centauros se esconderam nas árvores perto de sua caverna, esperando para emboscá-la quando ela chegasse em casa.

Atalanta veio com seu arco e aljava, uma carcaça de veado pendurada sobre o ombro. Os dois centauros saíram correndo das árvores, gritando e acenando suas lanças.

— Case-se comigo ou morra! — gritou Reco.

Ele esperava que Atalanta desmoronasse em uma poça de lágrimas. Em vez disso, ela largou a carcaça de veado,

calmamente encaixou uma flecha no arco e atirou Reco no centro de sua testa. O centauro caiu morto.

Hileu rugiu em indignação.

— Como ousa matar meu amigo?

— Afaste-se — advertiu Atalanta — ou você é o próximo.

— Eu irei tê-la como minha esposa!

— É... isso não vai acontecer.

Hileu levantou sua lança e avançou. Atalanta atirou em seu coração.

Ela mergulhou uma flecha no sangue do centauro e escreveu nos seus corpos mortos: NÃO SIGNIFICA NÃO. Então ela os deixou para apodrecer.

Depois disso, os outros centauros deram-lhe muito espaço.

Atalanta teria ficado feliz em passar o resto de sua vida sozinha naquela floresta; comendo nozes e frutas, tecendo cestas e saindo com fofas criaturas da floresta, em seguida, rastreá-las e matá-las.

Infelizmente, sua reputação começou a se espalhar. Os centauros fofocaram. Assim como os aldeões e os ocasionais caçadores que acabavam entrando em seu território. Eles falaram de uma mulher loira selvagem que corria mais rápido do que o vento e disparava um arco com precisão mortal. Alguns se perguntaram se ela era Ártemis em forma humana.

Eventualmente, um cara procurou Atalanta; não para casar-se, mas para ajudá-lo com um feroz javali gigante.

Então, se você leu o outro livro que eu escrevi sobre os deuses gregos, você pode se lembrar de um monstro bonitinho chamado Javali de Calidão, também conhecido como o Porco da Morte. Ártemis soltou este tanque irritado de carne de cinquenta toneladas no Reino de Calidão porque o rei era um pateta e se esqueceu de fazer sacrifícios a ela.

Enfim, aqui está parte da história que eu não te contei.

O filho do rei, o príncipe Meléagro, era quem que organizava as defesas do reino. Ele decidiu sediar uma caçada de porcos com todos os melhores guerreiros da Grécia.

Meléagro era um cara interessante. Quando ele nasceu, as Parcas apareceram para sua mãe e profetizaram que ele iria viver apenas enquanto um pedaço de madeira em particular na lareira permanecesse não queimado. Se isso parece aleatório, é porque é. As Parcas devem ter um grande senso de humor. Elas adoram pregar peças em mortais, como *Ah, meus deuses! Vamos dizer para ela que a vida do seu filho depende de um pedaço de madeira. Isso vai ser hilariante!*

De qualquer forma, a mãe de Meléagro tirou a lenha da lareira e manteve-a segura numa caixa. Por causa disso, Meléagro cresceu acreditando que ele era basicamente invencível. Contanto que a lenha estivesse segura, ele estava seguro. Quando chegou a hora de caçar o javali Caledônio, Meléagro não teve medo. A única maneira que o javali poderia matá-lo era se ele atacasse palácio, encontrasse o quarto de sua mãe, arrombasse seu cofre, pegasse a lenha mágica e aprendesse a usar fósforos. Javalis selvagens não eram conhecidos por tal comportamento.

Mas Meléagro não conseguia matar o monstro sozinho. Nem ele confiava nas habilidades dos outros que haviam se juntado a sua famosa caça ao porco. É por isso que ele decidiu recrutar Atalanta.

Nessa época, sua lenda havia se espalhado por toda a Grécia. Meléagro estava morrendo de vontade de conhecê-la. Ele adorava caçar. Ele amava mulheres bonitas. Uma mulher bonita que era o melhor caçador do mundo? Isso era muito interessante para não dar uma olhada.

Durante semanas, ele procurou a floresta até que ele encontrou um centauro que lhe deu direções para a caverna de Atalanta.

— Só não diga a ela que eu mandei você — implorou o centauro. — Essa mulher é louca!

Meléagro aproximou-se da base das rochas. Ele abaixou suas armas, em seguida, olhou para as cortinas de hera cobrindo a entrada da caverna.

— Alô, Atalanta?

A hera fez um barulho. Uma voz disse:

— Não há ninguém aqui com esse nome.

— Olha, eu só quero conversar. Meu nome é Meléagro.

As cortinas de hera se abriram. Atalanta estava no parapeito, seu arco voltado para a cabeça de Meléagro. Com seu cabelo loiro fluindo, seus olhos ferozes, e seu vestido de peles de animais, ela era ainda mais bonita do que Meléagro tinha imaginado. Não muitas pessoas conseguem ter o olhar animal morto, mas Atalanta mandava bem nisso.

— Vá embora — avisou ela. — Senão vou atirar na sua cara. Estou cansado de homens vindo aqui pedindo para casar comigo.

— Eu não estou aqui para casar com você — disse Meléagro, embora seu coração estivesse batendo mais rápido. O cérebro dele gritava: *Case com ela! Case com ela!*

Ele explicou sobre o Javali de Calidão e sua festa de caça ao porco.

— Nós poderíamos realmente usar sua ajuda — disse ele.

— O caçador que derrubar o javali ganhará riquezas e fama.

— Eu não me importo com as riquezas — disse Atalanta.

— Não há nada para comprar aqui na floresta. Já tenho tudo o que preciso: abrigo, água limpa, comida, peles.

— E que tal a fama? — perguntou Meléagro. — Este javali é uma maldição de Ártemis. Só alguém que tem a bênção da deusa poderia matá-lo. Se você derrubar o monstro, você vai provar a si mesmo que é o maior caçador do mundo, favorecida por Ártemis. Seu nome vai viver para sempre. Você também vai fazer os caçadores homens parecerem tolos incompetentes.

Atalanta baixou seu arco. Ela não tinha uso para este príncipe, ou o seu dinheiro, ou suas promessas de fama. Mas fazer caçadores masculinos parecerem tolos... isso era tentador.

— Se eu me juntar a esta caçada — disse ela. — Eu não tolerarei nenhum flerte de você. Nenhuma tentativa de casar-se comigo. Se alguém mais em seu grupo der uma cantada, eu provavelmente vou matá-lo.

— Parece... justo — disse Meléagro — embora ele estava secretamente esperando que ela se interessasse nele. — Bem-vindo a bordo!

Ele levou Atalanta de volta ao seu reino, enviando mensageiros à sua frente com o aviso *Atalanta está chegando. NÃO FLERTEM COM ELA. ELA COLOCARÁ UMA FLECHA NA SUA CABEÇA.*

No momento em que chegaram ao palácio, dezenas de caçadores famosos haviam se reunido: Anceu, Mopso, Cefeu... todos os maiores, mais impronunciáveis nomes na caça!

Eles receberam o aviso sobre Atalanta, e eles não estavam exatamente entusiasmados em vê-la. Uma mulher bonita que não poderia possuir, que afirmou ser melhor do que eles eram em sua profissão escolhida? Nem pensar!

— Você espera que eu caçar com esta *mulher*? — disse Cefeu. — Estou ofendido! Eu não vou me rebaixar à tal concurso!

— Nem eu vou! — disse Mopso.

Atalanta rosnou.

— Então vão todos para casa. Pelo menos eu não terei que lidar com o seu fedor.

Os homens pegaram para suas facas.

— Pessoal! — implorou Meléagro. — Nós temos que trabalhar em equipe. Nós precisamos das habilidades de Atalanta.

— Ridículo — disse Anceu. — Não preciso da ajuda de nenhuma mulher. Eu vou sozinho matar o javali!

— Vamos fazer um acordo — disse Meléagro. — Nós caçar o javali juntos. Sem matar uns aos outros. Sem reclamar de como garotas tem pilho. Vocês vão compartilhar o dinheiro da recompensa e a glória. Quem tirar a primeira gota de sangue da besta receberá um prêmio especial. Ele, ou ela, poderá ficar com a pele do monstro. Isso decidirá quem é o melhor caçador.

Não sei por que alguém iria querer uma pele de javali gigante fedorento, mas os olhos dos caçadores iluminaram-se com animação. Todos concordaram com os termos de Meléagro.

No dia seguinte, eles partiram para encontrar o javali. Enquanto viajavam, os outros caçadores desprezaram Atalanta, então ela comeu a maior parte de suas refeições com o príncipe Meléagro. Ele tentou muito não flertar com ela. Ele perguntou sobre seus primeiros dias. Ele procurou seu conselho sobre as melhores maneiras de rastrear e interceptar. Sem querer, Atalanta começou a se interessar no homem. Ela nunca esteve perto de alguém que era quase... Bem, respeitoso.

Eles poderiam ter se tornado amigos, ou talvez mais. Mas, antes que isso acontecesse, Atalanta pegou o rastro do javali. Ela encontrou pegadas de porco do tamanho das tampas de lixeiras seguindo pelo um pântano. Foi a primeira pista dela.

Os caçadores se reuniram. Eles atravessaram pelo pântano, até as cinturas em água lamacenta, suas sandálias enfiadas na lama. Nuvens de mosquitos zumbiam em torno de seus rostos enquanto eles passavam pelas gramas do pântano, que eram mais altas que suas cabeças, tornando impossível ver.

Você pensaria que um javali gigante seria fácil de ouvir quando ele atacasse, mas o Porco da Morte não lhes deu nenhum aviso. Ele bateu nos juncos como tsunami de carne, atropelando Cefeu, empalando Anceu com suas presas, e jogando Mopso de lado depois de sua lança bater inofensivamente na pele do animal. O javali disparou

relâmpagos de sua boca, que é especialmente desagradável se você está lutando preso até a cintura em água de pântano. Logo vinte caçadores foram mortos, fritos, achatados ou esfolados. Um caçador, Peleu, conseguiu atirar sua lança, mas ele estava tão apavorado que seu tiro foi longe e ele acidentalmente matou seu amigo Euritião.

A única pessoa que a manteve a calma foi Atalanta. Enquanto a criatura atacava, ela fixou-se no chão, puxou seu arco e esperou a oportunidade para atirar. O javali virou-se para Meléagro, pronto para acertar o príncipe como um relâmpago. Atalanta disparou. Sua flecha atingiu as costas da criatura com tanta força que penetrou na espinha. As pernas traseiras do javali desmoronaram, ficando instantaneamente paralisadas.



O Porco da Morte berrou de dor, da forma que você faria se uma flecha atravessasse sua espinha. Arrastou-se através do pântano até que Meléagro se adiantou e mergulhou sua espada nas costelas do monstro, perfurando seu coração.

Os caçadores remanescentes se recuperaram lentamente de seu choque. Eles enterraram seus mortos. Eles enfaixaram suas feridas. Eles esfolaram o javali, o que deve ter levado uma eternidade. Quando eles terminaram, todo mundo estava com calor, cansado e mal-humorado.

— *Eu* deveria ganhar a pele do javali — disse Mopso que, milagrosamente, tinha sobrevivido. — Eu joguei a primeira lança.

— O que não fez nenhum dano — lembrou-lhe Atalanta.

— Todos nós deveríamos compartilhar a pele — gritou Peleu.

Atalanta riu.

— Você quer uma recompensa porque você acidentalmente matou seu amigo?

— Pessoal! — gritou Meléagro. — Atalanta derramou a primeira gota de sangue do javali. Sem ela, eu nunca teria matado o javali. A pele por direito pertence a ela.

Dois dos próprios parentes de Meléagro avançaram, seu irmão Toxeu e seu tio Pléxipo. (E podemos apenas ter um momento para admirar o quão ruim esses nomes são? Valeu.)

— Você vai se arrepender disso, irmão — advertiu Toxeu. — Não favoreça esta mulher selvagem ao invés de sua própria família.

— Eu nunca poderia me arrepender de ser justo — disse Meléagro.

Ele entregou a pele de javali para Atalanta, que deve ter pensado: *Caramba, obrigado. Eu sempre quis fazer meu próprio balão de ar quente de pele de porco.* Mas ela também estava meio que impressionada que Meléagro tivesse ficado do seu lado.

Os caçadores voltaram para o palácio para o que supostamente deveria ser um jantar comemorativo, mas os parentes de Meléagro não estavam dispostos a festejar. Quanto mais bebessem, mais irritados eles ficariam. *Atalanta estúpida. Meléagro estúpido, dando-lhe a pele do javali só porque tem um fraco por mulheres bonitas.*

Era verdade. Meléagro *queria* Atalanta como sua esposa, mas nunca saberemos se esse relacionamento teria funcionado.

No meio do jantar, Toxeu e Pléxipo derrubaram Atalanta de sua cadeira. Eles pegaram a pele de javali e se recusaram a devolver. Os outros caçadores riram e zombaram até que as coisas se transformaram em uma briga. Atalanta provavelmente teria matado todos eles, mas Meléagro agiu primeiro. Ele desembainhou sua espada e matou seu irmão e seu tio.

A mãe de Meléagro, a rainha Altéia, ficou horrorizada.

— Eu salvei você quando você era um bebê! — gritou ela.
— É assim que me retribui? Você mata seus próprios familiares pelo o amor de uma *mulher selvagem*?

— Mãe, espere...

Altéia saiu da sala de jantar. Ela correu para seu quarto, abriu seu cofre e jogou o pedaço de madeira mágica na lareira ardente.

A madeira desintegrou em cinzas. Na sala de jantar, Meléagro também.

Atalanta foi tomada com raiva e tristeza. Ela queria matar todos no palácio, mas ela estava em grande desvantagem. Ela sabia que ela seria executada se ela ficasse, então ela correu de volta para sua caverna, seus olhos se enchendo de lágrimas. Jurou nunca voltar ao mundo “civilizado”. Os humanos não eram nada além de problemas. Ursos, cervos e esquilos eram muito mais fáceis de entender.

Infelizmente, o mundo civilizado não tinha terminado com ela.

A caça ao Javali de Calidão a fez mais famosa do que nunca. Sua reputação se espalhou. Finalmente, seu pai, rei

Íaso de Arcádia, decidiu que era hora de trazer sua filha para casa.

Talvez você esteja se perguntando como Íaso percebeu que Atalanta era sua filha. Quero dizer, não havia testes de paternidade na época. Sem certidões de nascimento. Íaso não era o único cara na Grécia antiga que tinha jogado fora sua filha recém-nascida. Ela poderia ter sido filha de outra pessoa criada por animais selvagens. Acontece o tempo todo.

As histórias são um pouco confusas, mas aparentemente Atalanta e Íaso ambos visitaram o Oráculo quase ao mesmo tempo e descobriram a verdade.

Atalanta estava voltando para casa quando ela passou por uma profetisa local oferecendo o de sempre leituras de cartas de tarô, amuletos de amor pela metade do preço e sabedoria divina vinda dos deuses. Atalanta estava tão abalada pelo Massacre Familiar da Caçada ao Javali que ela decidiu que poderia usar um pouco de orientação.

— Ó Oráculo — disse ela — o que vai acontecer comigo? Posso viver na floresta sem ser incomodada de novo? Posso fugir para nunca me casar?

O Oráculo disse em uma voz rouca:

— Caçadora, você não precisa de um marido, e você seria mais feliz sem um, mas o casamento é um destino que você não pode evitar. Mesmo agora, seu pai Íaso procura por você. Ele não descansará até que você se casar com um homem adequado. O melhor que você pode fazer é enfrentar o desafio de frente e definir seus próprios termos de como você irá se casar.

— Isso me assegurará um casamento feliz?

— Ah, não. O casamento será a sua ruína. Você perderá sua identidade depois que se casar. Isso não pode ser evitado.

— Isso é uma porcaria — disse Atalanta. — Eu odeio profecias.

— Obrigado pela sua oferenda — disse o Oráculo. — Tenha um bom dia.

Enquanto isso, em Arcádia, o rei Íaso também estava consultando um oráculo, que confirmou suas suspeitas: a grande caçadora Atalanta era de fato sua filha há muito perdida, e ela logo viria para casa para se casar.

— Isso é incrível! — gritou o rei. — Eu amo profecias! Ela é tão famosa agora... Posso usá-la para fazer uma excelente aliança matrimonial. O que eu preciso fazer para recuperá-la?

— Basta esperar — disse o Oráculo. — Atalanta voltará por conta própria.

O rei voltou para o seu palácio. Poucos dias depois, ele não ficou surpreso quando Atalanta apareceu em seus portões. Os guardas escoltaram-na, e Íaso ficou impressionado com o que ele viu. Atalanta era lindo! Talvez um pouco grande e musculoso para uma princesa, mas seu cabelo dourado fluindo era uma vantagem. Ela parecia saudável e pronta para engravidar. Sim, ela era um bela espécime de mulher pronto para se casar.

— Minha filha amada! — disse ele.

Atalanta fez uma careta.

— A que você deixou na floresta para morrer.

— Bem, obviamente que foi um descuido. Mas por que viver no passado? Vamos falar sobre você casar!

Atalanta ficou tentada a colocar uma flecha na cabeça do rei. Que cretino!

Ainda assim... Ela reconheceu algo de si mesma em Íaso. Ele tinha o mesmo sorriso feroz, os mesmos olhos sem remorsos. Ele não se importava com sentimentalismo. Ele só estava interessado no que o ajudaria a sobreviver. Atalanta entendia isso, mesmo que machucasse. Ela começou a se perguntar se ela herdou a sua selvageria de Mamãe Ursa ou de seu pai real.

— Eu não quero me casar — disse ela. — Mas, já que o Oráculo me disse que eu não posso evitá-lo, eu vou definir meus próprios termos.

O rei franziu a testa.

— O pai da noiva sempre define os termos. *Eu* sei quais pretendentes podem trazer as alianças mais poderosas e rentáveis para o reino.

— Faremos do *meu* jeito — insistiu Atalanta.

— Ou?

— Ou arriscarei e desafiarei o oráculo. Eu matarei você e todos os seus guardas. Então eu voltarei para a floresta.

— Vamos fazer do seu jeito — decidiu o rei. — Como vamos fazer?

Atalanta sorriu.

— Você tem uma pista de corrida?

— É claro que tenho. Qualquer cidade grega que tenha *qualquer* valor tem pista de corrida.

— Encontre-me lá de manhã. Espalhe a palavra: qualquer um que quer ser meu pretendente deve aparecer vestindo seus melhores tênis de corrida.

Rei Íaso ficou tentado a fazer perguntas, mas ele decidiu que não devia. Atalanta estava segurando seu arco como se ela estivesse falando muito sério.

— Muito bem. Amanhã de manhã.

Os mensageiros do rei espalharam a notícia por toda Arcádia. A bela e aterrorizante princesa Atalanta retornou ao reino. Ela estava disputando na pista de corrida. Tragam os seus sapatos de corrida!

(Na verdade, a maioria dos gregos corria descalço na época. Eles também corriam nus. Mas, se você não se importa, eu vou imaginá-los vestindo roupas de treino, e tênis.)

Na manhã seguinte, uma multidão lotou a arena. Todo mundo estava curioso para ver a maneira estranha e fitness de Atalanta de escolher um marido. Cinquenta ou sessenta potenciais pretendentes reunidos na pista, todos jovens de boas famílias. Ei, quem não gostaria de casar com uma princesa? E se eles só tinham que ganhar uma corrida para ganhar a noiva, seria a coisa mais fácil do mundo!

Atalanta, rei Íaso e seus guardas marcharam para o campo. Atalanta usava um simples quíton branca apertada na cintura por um cinto de couro com duas adagas embainhadas. Uma única trança loira estava pendurada nas costas. Ela segurava uma vara longa que parecia um cabo de lança.

A multidão ficou calada.

— Povo de Arcádia! — a voz de Atalanta facilmente repercutiu por todo o estádio. — Aqui estão as minhas condições para me casar!

A multidão se agitou nervosamente. A princesa soou mais como se ela estivesse determinando termos para uma rendição militar. Ela caminhou para o meio da pista e enterrou o cabo da lança na vertical na superfície da argila.

— Este marcador de três côvados de comprimento será a linha de largada e a linha de chegada!

(Talvez você esteja se perguntando o que é um côvado, e por que você deveria se importar com isso. A medida de seu cotovelo até ponta de seu dedo do meio. Isso é um côvado de comprimento, mais ou menos. Por que você deveria se importar com isso? Isso eu não posso responder. Eu ainda estou tentando entender o sistema métrico.)

Os pretendentes em potencial murmuraram entre si.

— Quantas voltas temos que dar? — perguntou um.

Os olhos de Atalanta brilhavam.

— Só uma.

— Isso é fácil! — disse outro. — Então todos nós corremos de uma vez, e o vencedor se casa com você?

— Ah, não — disse Atalanta. — Receio que entenderam mal. Vocês não terão que correr um contra o outro. Qualquer homem que queira se casar comigo tem que correr *comigo* um contra um.

A multidão engasgou. As mandíbulas dos pretendentes caíram.

Todos começaram a sussurrar. *Corra contra uma garota? Ela está falando sério? Ela parece muito rápida...*

— Tem mais — disse a princesa. — Para facilitar para vocês, irei começar vinte passos atrás da linha de largada, de modo que cada pretendente terá uma vantagem.

— Absurdo! — gritou um pretendente. — Uma vantagem contra uma *garota*? Toda essa ideia é um insulto!

Ele saiu, junto com uma dúzia de outros pretendentes.

O resto permaneceu, ou porque eles eram mais mente aberta ou mais desesperados por uma esposa rica.

— Então, nós corremos contra você um de cada vez — arriscou outro pretendente — com uma vantagem de vinte passos. E o primeiro cara a ganhar se casa com você?

— Correto — disse Atalanta. — No entanto, há um último detalhe. — Ela desembainhou as adagas. — Se eu alcançar você antes de cruzar a linha de chegada... Eu vou te matar.

— Ooooooh... — murmurou a multidão.

Eles se levantaram para ver como os pretendentes reagiriam. A corrida matinal tinha acabado de ficar interessante.

O rei Íaso se mexeu com sua coroa. Ele não esperava uma luta mortal. Ele não teve tempo de organizar um bolão de apostas adequado.

Finalmente um dos pretendentes tirou seus sapatos de corrida e jogou-os fora.

— Isso é estúpido! Nenhuma mulher vale a morte!

Ele saiu, junto com a maioria dos outros.

Alguns pretendentes realmente estúpidos ou corajosos ficaram para trás.

— Eu estou dentro! — declarou um. — Uma corrida contra uma *mulher*? Isso é o desafio mais fácil de todos! Só não caia em suas próprias facas, querida. Eu não quero que minha futura noiva se mate.

— Qualquer futura noiva sua ficaria tentada — disse Atalanta. — Vamos ver quão rápido você é.

A multidão aplaudiu enquanto Atalanta e Idiota (Foi mal, o corajoso pretendente) foram para seus lugares. O rei concordou em servir como árbitro.

Íaso gritou:

— Em seus lugares... preparar... vai!

O pretendente correu em velocidade máxima. Ele correu três metros antes de Atalanta o alcançar. Suas lâminas de bronze brilharam. Idiota caiu morto a seus pés.

— Mais alguém? — perguntou Atalanta, sem nem mesmo ficar sem fôlego.

Você acha que os pretendentes restantes teriam saído da pista, certo? Quero dizer, eles tinham *visto* o quão rápido Atalanta poderia correr. Ela atacou aquele cara como uma leoa derrubando um veado. Em um piscar de olhos ele estava morto.

Mas outros três ousaram correr contra ela. Talvez eles pensaram que eram super-rápidos. Talvez gostavam mesmo de Atalanta. Talvez fossem idiotas. Em poucos minutos, mais três cadáveres decoraram a pista. O cara mais rápido correu quinze metros.

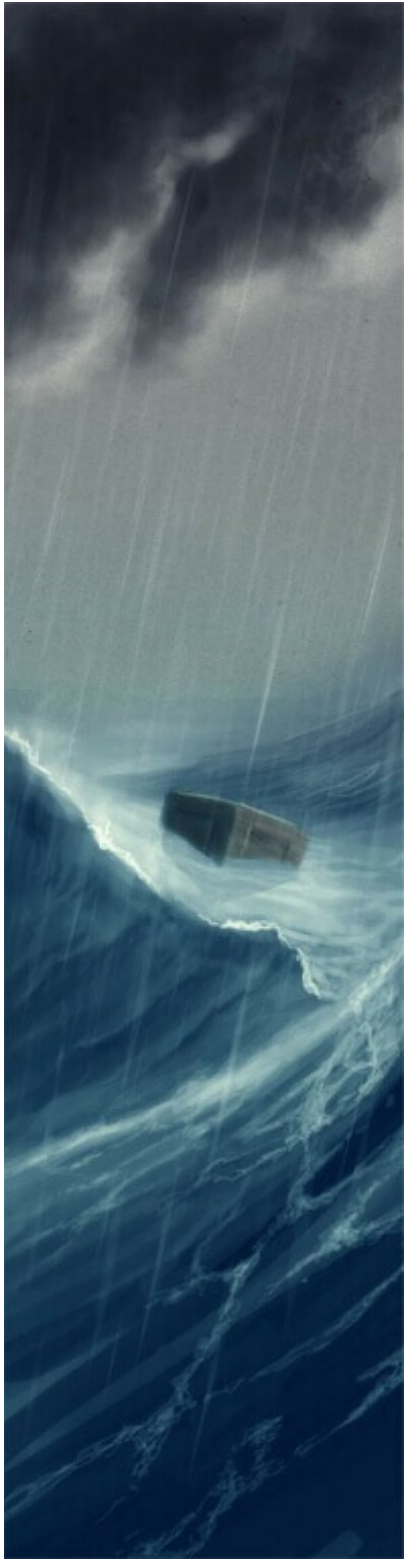
— Mais alguém? — disse Atalanta.

A arena ficou em silêncio.

— Ok, então — disse ela. — O desafio permanece em aberto até que alguém consiga ganhar. Eu estarei aqui na mesma hora na próxima semana, se alguém quiser tentar.

Ela limpou as lâminas de suas adagas na bacia de sua quítion, em seguida, caminhou para fora do estádio. O rei seguiu, aliviado que o show tinha acabado e ele teria tempo para organizar as apostas para a corrida da próxima semana.

Se Atalanta ainda não era muito famosa, sua reputação ganhou um *enorme* impulso após a corrida mortal. Os pretendentes vinham de toda a Grécia para tentar a sua sorte. Alguns se acovardavam quando viam Atalanta correr. Outros a desafiavam e morriam. Ninguém chegou à metade da pista antes de ser massacrado.



O rei Íaso estava irritado que sua filha não estava se casando. Mas no lado positivo as corridas eram ótimas para o turismo, e ele estava fazendo uma fortuna com as apostas.

Alguns meses depois, um cara chamado Hipomenes estava na cidade para negócios. Ele era de uma família rica de uma cidade costeira. Seu pai, Megareu, era um filho de Poseidon, então, obviamente, Hipomenes tinha excelente linhagem. Ele também tinha sido treinado no ramo de heróis pelo sábio centauro Quíron, que ensinava apenas os melhores. (Incluindo eu, não que eu esteja me gabando. Ok, talvez eu esteja me gabando.)

Uma manhã, Hipomenes estava vagando pela cidade quando percebeu que todos os moradores estavam fechando a loja e correndo para a pista de corrida.

— O que está acontecendo? — perguntou ele para um comerciante. — Parece um pouco cedo para soneca pós almoço.

O comerciante sorriu.

— Atalanta tem um novo lote de pretendentes para assassinar... Quero dizer, correr.

Ele explicou sobre o popular reality show local de Atalanta: *Encontre o Amor (Quem eu estou prestes a atropelar e eviscerar)*. Hipomenes não tinha certeza se ria ou vomitava.

— Isso é horrível! — disse ele. — Esses homens devem ser uns imbecis! Nenhuma mulher, não importa o quão maravilhosa, vale um risco desse.

— Eu acho que você nunca viu Atalanta — disse o comerciante.

Então ele correu.

Hipomenes foi tomado pela curiosidade. Ele seguiu a multidão para o estádio, onde meia dúzia de novos pretendentes se reuniam para tentar a sua sorte. Hipomenes não podia acreditar que tantos homens podiam ser tão estúpidos.

Então ele viu Atalanta. Ela estava fazendo alongamento. Em seu simples quítion branco, com sua trança dourada, ela era a mulher mais bonita que Hipomenes já tinha visto. Em transe, ele empurrou a multidão até que ele estava ao lado dos pretendentes.

— Eu tenho que pedir desculpas — disse-lhes. — Pensei que arriscar a vida por uma mulher era ridículo. Agora que eu a vi, eu entendo totalmente.

Um dos pretendentes franziu a testa.

— É isso é ótimo, amigão. Sai pra lá. Esta semana é a *nossa* vez.

Atalanta ouviu a troca. Ela fingiu não olhar, mas do canto de seu olho, ela avaliou Hipomenes: cabelo preto encaracolado, olhos verde-mar, membros fortes e graciosos. Sua voz foi o que realmente capturou sua atenção. Era bonita, agradável e melíflua (Essa é a minha palavra difícil da semana; Obrigado, aulas de preparação para o vestibular), como se a cachoeira do lado de fora da antiga caverna de Atalanta. Ela sentiu um calor desconhecido em seu peito, algo que ela não tinha experimentado desde Meléagro ficou do seu lado durante a Caça ao Javali de Calidão.

Ela tentou limpar sua mente. Ela teve uma corrida para ganhar e seis pretendentes para matar.

O rei Íaso chamou o primeiro corredor para seu lugar. Atalanta foi para sua posição inicial, vinte passos atrás.

Hipomenes assistiu, fascinado, enquanto Atalanta perseguia seus possíveis maridos um após o outro. Ela corria mais rapidamente do que uma flecha disparada de um arco Cita (tradução: rápido pra caramba). Ela se movia mais graciosamente do que um leopardo. E a forma como ela puxava as adagas e massacrava os pretendentes... Uau. Que mulher!

Se ele tivesse algum juízo, Hipomenes teria fugido aterrorizado. Em vez disso, ele se apaixonou completamente.

Após a última corrida, enquanto a multidão estava se dispersando, ele se aproximou da princesa vitoriosa, que estava limpando o sangue de suas adagas.

— Ó linda princesa! — disse Hipomenes. — Posso me atrever a falar com você?

Atalanta não tinha certeza se ele estava falando com ela. Ela estava suada de participar de seis corridas. Seu rosto estava manchado do esforço, e sua trança tinha se desfeito. Os pés dela estavam cobertos de argila. Sua quíton estava manchada com o sangue e lágrimas de seus adversários mortos.

E esse cara achava que ela era linda?

— Você pode se atrever a falar — disse ela.

— Aqueles pretendentes que você competiu contra — disse Hipomenes — eles não eram adversários dignos. Onde está a glória em derrotar tais homens? Corra contra mim. *Eu* entendo o seu valor.

— Ah, você entende?

Hipomenes curvou-se.

— Meu avô é Poseidon, senhor das ondas. Conheço uma força da natureza quando vejo uma. Os outros veem apenas a sua beleza ou a riqueza do seu pai. Olho para você e vejo os ventos de uma tempestade. Eu vejo a corrente rugindo de um grande rio. Vejo a mulher mais poderosa já criada pelos deuses. Você não precisa de um marido para tentar te comandar. Você precisa de um igual para compartilhar sua vida. Deixe-me provar que eu sou esse homem.

O coração de Atalanta tropeçou nas costelas. Ela nunca foi elogiada de uma forma que se sentiu tão genuína.

— Qual é o seu nome? — perguntou ela.

— Hipomenes.

— As pessoas te chamam de Hipo?

— Não.

— Isso é bom. Ouça, Hipomenes, eu aprecio o sentimento, mas eu não valho o risco. Tenho certeza que uma centena de garotas nesta cidade ficaria feliz em casar com você. Faça um favor a si mesmo. Escolha uma delas. Vire-se, saia

e esqueça que você me viu. Eu odiaria ter que matar o único homem educado da Grécia.

Hipomenes ajoelhou-se a seus pés.

— É tarde demais, princesa. Já te vi agora. Eu não posso esquecer-lá. — Ele pegou a mão dela. — Só posso rezar para que meu amor seja tão poderoso e incontrollável como você. Quando vamos correr?

Uma corrente elétrica correu pelo corpo de Atalanta. O que ela estava sentindo... Tristeza? Pena? Ela nunca tinha se apaixonado antes. Ela não sabia reconhecer a emoção.

Ela queria negar a corrida de Hipomenes, mas seu pai ficava perto, observando como um falcão. Sua expressão era clara: *Você determinou as regras. Agora você tem que segui-los.*

Atalanta suspirou.

— Pobre Hipomenes. Eu gostaria de poder poupar a sua vida, mas, se você está determinado a morrer, me encontre aqui na próxima semana, no mesmo dia e hora, e vamos ver quem é mais rápido.

Hipomenes beijou sua mão manchada de sangue.

— Até semana que vem, então.

Enquanto ele deixava o estádio, a multidão se separou em torno dele com admiração. Nenhum homem nunca tinha chegado tão perto de Atalanta e saído vivo. Certamente ninguém jamais se atreveu a beijar sua mão sem ter seu rosto removido cirurgicamente.

A mente de Hipomenes estava correndo. Ele sabia que não podia ganhar de Atalanta sem ajuda divina. Seu avô Poseidon era incrível em muitos aspectos, mas Hipomenes duvidou que ele poderia ajudá-lo a ganhar uma corrida ou o coração de uma mulher. Talvez Poseidon poderia atrapalhar a corrida, causando um terremoto ou um tsunami, mas isso mataria milhares de pessoas, o que não era o tipo de dano colateral que Hipomenes queria no dia do seu casamento.

Ele perguntou por aí até que ele tinha direções para o santuário mais próximo de Afrodite. O santuário ficava nos limites da cidade, não utilizado e negligenciado, eu suponho

que era porque os povos em Arcádia estavam mais interessados em apostar em combates mortais do que em romance.

Hipomenes arrumou o santuário. Ele limpou o altar, em seguida, orou para a deusa do amor.

— Ajude-me, Afrodite! — gritou ele. — O amor é a força mais forte do mundo. Deixe-me prová-lo! Tenho certeza que Atalanta me ama. Eu a amo, mas ela adora a deusa donzela, Ártemis. Mostre ao mundo que você é a deusa mais poderosa! Ajuda-me a ganhar o coração de Atalanta ao vencer esta corrida!

Uma brisa atravessou o santuário, enchendo o ar com o aroma de flores de maçã. Uma voz feminina sussurrou ao vento. *Hipomenes, meu caro rapaz...*

— Afrodite? — perguntou ele.

Não, é Ares, repreendeu a voz. É claro que é Afrodite. Você está rezando no meu santuário, não está?

— Certo, desculpe.

Eu vou ajudá-lo a ganhar o amor de Atalanta, mas não será fácil. Não posso aumentar sua velocidade de corrida. Não tenho controle sobre competições esportivos. Nice supervisiona esse tipo de coisa, e ela é tão chata.

— Eu sou um corredor rápido — prometeu Hipomenes. — Mas Atalanta é mais rápida. A menos que haja alguma maneira de atrasá-la...

Eu tenho apenas a coisa certa.

Três frutas douradas do tamanho de uma bola beisebol flutuaram até o santuário e caíram no altar.

— Maçãs? — perguntou Hipomenes.

Não quaisquer maçãs. Estes são da minha árvore sagrada em Chipre. Eu as mandei voando até aqui especialmente para você!

— Uau, obrigado.

A entrega é grátis em sua primeira compra.

— Então eu devo fazer Atalanta comer isso?

Não, não, não. Ela vai te dar uma vantagem na corrida, certo?

— Sim. Vinte passos.

Enquanto você corre, sempre que Atalanta chegar muito perto, solte uma dessas maçãs em seu caminho. Ela vai parar para pegá-la, o que vai te dar alguns segundos. Você terá três chances de atrasá-la. Se você coordenar bem, você poderá cruzar a linha de chegada antes que ela te mata.

Hipomenes olhou para as maçãs. Podiam ter sido de uma árvore sagrada, mas não pareciam mágicas. Elas pareciam maçãs normais, das que vendem em qualquer supermercado, mas pintadas de dourado.

— Por que Atalanta pararia para pegá-las? — perguntou ele. — Será que ela precisa de mais fibra em sua dieta?

As maçãs são impossíveis de resistir, disse a deusa. Assim como o amor. Assim como eu. Tenha fé, Hipomenes.

— Eu vou, deusa. Eu vou fazer exatamente como você diz.

Mais uma coisa: quando você ganhar o coração de Atalanta, volte aqui e faça um sacrifício adequado. Não esqueça de me dar o crédito.

— É claro! Obrigado!

Hipomenes apanhou as maçãs e correu para a cidade. Ele tinha muito treinamento para fazer antes da corrida.

Na semana seguinte, as multidões lotaram o estádio novamente. As apostas eram pesadas. O rei Íaso deu vinte por cento de chance que Hipomenes daria meia volta; 0.01% de chance que ele realmente ganharia a corrida. Os habitantes da cidade não podiam esperar para ver o quão longe este belo e corajoso jovem chegaria antes de ser massacrado.

Atalanta não dormiu bem a semana toda. Ela se mexia e se virava, pensando sobre a profecia do Oráculo, lembrando como Hipomenes tinha segurou a mão. Agora ela passeava nervosamente na pista. As adagas dela pareciam mais pesadas que o habitual.

Hipomenes, por outro lado, parecia alegre e confiante. Ele caminhou até Atalanta com um saco pendurado no cinto.

— Bom dia, minha princesa!

Atalanta franziu a testa.

— O que tem no saco?

— Apenas algumas frutas frescas, no caso de eu ficar com fome.

— Você não pode correr com isso.

— Você corre com facas. Por que não posso correr com meu almoço?

Atalanta suspeitava de um truque, mas ela nunca tinha determinado nenhuma regra sobre o que os pretendentes podiam ou não podiam carregar.

— Muito bem. Corra com o seu almoço. Você morrerá do mesmo jeito.

— Ah, não — prometeu Hipomenes. — Até o final do dia, você e eu estaremos casados. Eu mal posso esperar.

Atalanta grunhiu e se afastou. Ela estava com medo que ela estivesse corando. Ela caminhou até sua posição inicial, vinte passos atrás.

Rei Íaso levantou os braços. A multidão ficou calada.

— Em seus lugares... — gritou o rei. — Preparar... vai!

Hipomenes disparou da linha de partida. Ele sempre foi um corredor rápido. Agora a vida dele estava em jogo. Mais do que isso: seu verdadeiro amor precisava dele. Atalanta estava presa nesta corrida tanto quanto ele. Ele podia dizer que ela não queria matá-lo. Ele tinha que ganhar por ambos.

Ele estava em um quarto da volta, mais longe do que qualquer outro pretendente já tinha chegado, quando ele sentiu Atalanta atrás dele.

Ele ouviu o som de uma lâmina sendo desembainhada de uma bainha de couro.

Ele empurrou a mão em sua bolsa, agarrou a primeira maçã e jogou-a sobre o ombro.

Atalanta esquivou instintivamente. Do canto de seu olho, ela viu um flash de ouro como a maçã navegou passado.

O que Hades? pensou ela. Hipomenes jogou uma fruta em mim?

Ela ficou tão surpreso que ela olhou para trás. Com certeza, uma maçã dourada estava rolando pela pista. Ela

sabia que deveria continuar correndo, mas algo sobre aquela maçã deitada na poeira parecia inútil e triste. Enquanto a multidão rugiu em descrença, Atalanta virou-se e a pegou.

Hipomenes estava agora em um terço da volta.

Atalanta rosnou de frustração. Ela não entendia o que a tinha feito pegar a fruta, mas ela não estava prestes a perder a corrida por causa de um truque barato. Maçã em uma mão, adaga na outra, ela correu a toda velocidade, seus pés rasgando através da argila na velocidade de lâminas de helicóptero.

Hipomenes tinha acabado de dar meia volta. A multidão estava enlouquecendo. Ele não conseguia ouvir Atalanta, e ele não se atreveu a olhar para trás, mas a julgar pelos aplausos e os gritos de *MATA! MATA! MATA!* ele supôs que estava prestes a ser apunhalado pelas costas.

Ele jogou a segunda maçã sobre a cabeça.

Atalanta desviou para evitar a fruto. Mas o cheiro doce entrou em seu nariz, tirando-a do curso como ela tivesse sido fígada em uma linha de pesca. Ela agarrou a maçã antes de bater no chão, mas segurar duas maçãs e uma faca enquanto corria era fácil, mesmo para o melhor caçador do mundo. Ela perdeu tempo valioso.

Por que preciso dessas maçãs? questionou-se Atalanta enquanto ela corria atrás de Hipomenes. *Isto é estúpido. Eu deveria deixá-las cair!*

Mas ela não podia. O cheiro das maçãs e a calorosa cor dourada lembrou-lhe de seus dias mais felizes, comendo favos de mel com a Mamãe Ursa na floresta, observando narcisos florescem perto de sua caverna na cachoeira, perseguindo o Javali de Calidão com Meléagro ao seu lado. As maçãs também a deixaram triste por algo que ela nunca conheceu. Assistindo Hipomenes correr na frente dela, ela caiu em uma espécie de transe, admirando sua força e velocidade. Não seria tão ruim passar a vida com um homem assim.

Pare! ela se repreendeu. *Corra!*

Ela se cobrou como nunca antes. Seus pés mal tocavam o chão enquanto ela voou atrás Hipomenes. Agora ele estava a apenas quinze metros da linha de chegada, mas ela ainda poderia diminuir a distância.

Ela estava a uma curta distância quando Hipomenes jogou sua última maçã.

Atalanta tinha antecipado isso. Ela disse a si mesma para não se distrair.

Mas quando a fruta dourada passou por seu ouvido uma voz parecia sussurrar: *Última chance. Esta maçã é tudo que você está perdendo: companheirismo, alegria, amor verdadeiro. Como você pode simplesmente correr e deixá-la deitada na poeira?*

Atalanta avançou lateralmente. Ela agarrou a última maçã quando Hipomenes cruzou a linha de chegada.

Os espectadores levantaram, torcendo com alegria, especialmente aqueles que tinham apostado em Hipomenes com 0.01% chance. Atalanta cambaleou até ele com três maçãs e uma adaga limpa reunidas em sua roupa.

— Trapaça — resmungou ela. — Magia!

— Amor — corrigiu Hipomenes. — E prometo que meu amor é genuíno.

— Eu nem gosto de maçãs. — Atalanta jogou a fruta dourada no chão.

Ela jogou os braços em torno de Hipomenes. Seus beijos tinham gosto ainda melhor do que os favos de mel.

Naquela noite eles se casaram no palácio. O rei Íaso não estava de bom humor, já que as apostas do dia quase o haviam falido, mas Atalanta e Hipomenes estavam loucamente felizes.

Eles passaram um ano felizes juntos. Atalanta deu à luz um filho, Partenopeu, que mais tarde se tornou um grande guerreiro. (Algumas pessoas sussurravam que o pai do menino era na verdade Meléagro, ou talvez até mesmo o deus da guerra, Ares, mas eu não gosto de fofocas.)

Atalanta e Hipomenes mereciam viver felizes para sempre, não acha?

Eles não viveram.

Hipomenes foi tão completamente apaixonado por Atalanta que ele esqueceu um pequeno detalhe: fazer um sacrifício no santuário de Afrodite.

Claro, isso foi estúpido. Mas vamos lá! O cara estava apaixonado. Ele estava distraído. Você acharia que Afrodite de todas as pessoas entenderia.

Mas você não engana os deuses sem pagar um preço.

Uma tarde de primavera, Hipomenes e Atalanta estavam voltando para a cidade depois de um dia maravilhoso de caça. Eles acabaram parando em um pequeno santuário para Zeus e decidiram almoçar lá. Eles estavam quase terminando seus sanduíches quando seus olhos se encontraram. Eles foram subitamente sobrecarregados com o quanto eles amavam um ao outro. No Monte Olimpo, Afrodite estava trabalhando em sua magia, inflamando suas emoções e tirando seu senso comum.

— Beije-me, seu tolo! — gritou Atalanta.

— Mas este é um santuário para Zeus — protestou Hipomenes fracamente. — Talvez não devêssemos...

— Quem se importa!

Atalanta avançou em seu marido. Começaram a rolar e a se beijar bem na frente do altar.

Não foi uma boa ideia.

Zeus olhou para baixo do Monte Olimpo e viu dois mortais profanando seu santuário com sua exibição pública de afeto.

— NOJENTO! ELES NÃO PODEM FAZER ISSO NO MEU TEMPLO! SOMENTE *EU* POSSO FAZER ISSO NO MEU TEMPLO!

Ele estalou os dedos. Os dois amantes mudaram de forma instantânea. Pelo dourado cobriu seus corpos. Uma juba desgrenhada rodeou o pescoço de Hipomenes. Suas unhas se transformaram em garras. Seus dentes tornaram-se presas. Atalanta e Hipomenes esgueiraram-se para a floresta como um par de leões.

De acordo com algumas histórias, uma deusa chamada Cybele eventualmente aproveitou os leões para puxar sua

carruagem, mas na maioria das vezes Atalanta e Hipomenes rondavam a floresta, indomáveis e impossíveis de caçar, porque como antigos caçadores eles conheciam todos os truques.

Alguns de seus filhos ainda estão por aí: leões que podem ser mais espertos que os humanos... Mas eu não recomendaria caçá-los, a menos que você queira acabar como uma porção de bife a semideus.

E assim a profecia do Oráculo se tornou realidade: Atalanta perdeu sua identidade depois que ela se casou. Mas pelo menos ela voltou para o ar livre, e ela conseguiu ficar com o marido.

Poderia ter sido pior.

Ela poderia ter acabado como o herói Belerofonte.

Quando aquele cara caiu, ele caiu com *força*.

SEJA LÁ O QUE FOR,
BELEROFONTE NÃO FEZ



OS GREGOS ANTIGOS chamavam esse cara de Belerofonte, o Sem Culpa, que é engraçado, já que ele estava sempre em apuros.

Seu nome verdadeiro não era mesmo Belerofonte. Ele recebeu esse nome depois de seu primeiro assassinato... Mas talvez eu deva voltar um pouco.

Antigamente, cada cidade grega queria seu próprio herói. Atenas tinha Teseu. Argos tinha Perseu.

A cidade de Corinto não tinha nada. Seu nativo mais famoso era Sísifo, que uma vez amarrou a morte e se condenou à punição eterna. Isso não o fez um garoto propaganda muito bom para a cidade.

Depois que Sísifo foi arrastado para o Mundo Inferior, seu filho Glauco tornou-se o rei da cidade. Ele fez o seu melhor para melhorar a sua reputação. Ele construiu um novo palácio. Ele patrocinou uma equipe de futebol profissional. Ele pendurou faixas coloridas ao longo da rua principal escritas com: CORINTO: SUA ENTRADA PARA A DIVERSÃO!

Glauco também se casou com uma bela princesa chamada Eurínome. Ele esperava ter filhos nobres que um dia se tornaria grandes heróis e colocariam Corinto no mapa.

O único problema era: os deuses ainda estavam irritados com Sísifo. Zeus decretou que os filhos de Sísifo nunca teriam filhos homens para continuar o nome da família. Zeus não queria mais pequenos Sísifos (Sísifinhos?) correndo pela Grécia tentando enganar a morte.

Por causa disso, Glauco foi incapaz de ser pai de crianças homens. Eurínome e ele tentaram por anos, mas não tiveram sucesso. O rei sempre se preocupava com isso.

Uma noite, ele passeou pelo quarto real, esfregando as mãos.

— O que podemos fazer? — perguntou ele para sua esposa. — Como posso ter um herdeiro do trono?

— Bem, nós poderíamos ter uma *filha* — sugeriu sua esposa. — Deixe-a tornar-se rainha.

— Ah, até parece — disse Glauco. — Não estou com humor para piadas.

Eurínome rolou os olhos.

— Tudo bem, então. E se adotássemos um filho?

— O povo nunca aceitaria um rei adotado!

— Hmm. — ela olhou para fora da janela do quarto para o mar iluminado pela lua. — Nesse caso, talvez eu deva procurar ajuda divina.

— O que você quer dizer?

Eurínome sorriu.

— Deixe comigo, querido.

A rainha sempre foi fã do deus do mar, Poseidon. Claramente, ela tinha bom gosto. Na noite seguinte, ela foi até a praia e rezou.

— Ó grande Poseidon! Eu tenho um problema! Meu marido não pode ter filhos, mas ele quer muito um herdeiro. Eu poderia usar sua ajuda, se você entender o que estou dizendo...

Poseidon ouviu a bela rainha pedindo sua ajuda. Ele se levantou das ondas em toda a sua glória, vestindo apenas seus calções de banho.

— Saudações, Eurínome — disse o senhor dos mares. — Quer ter um filho? Certo. Eu posso ajudá-la.

Esse é o meu pai. Sempre pensando no bem maior.

Nove meses depois, Eurínome deu à luz um bebê menino saudável. Ela o nomeou Hipônoo, porque nós já não temos bastante pessoas chamadas Hipo neste livro.

O rei Glauco ficou encantado! Ele tinha certeza que o garoto era dele. A rainha rezava por um milagre. Os deuses a haviam respondido. Glauco não ia questionar sua boa sorte. O fato de que seu novo filho parecia exatamente como as pinturas de Poseidon no templo local era simplesmente uma coincidência.

Enquanto Hipônoo crescia, ele ganhou uma reputação de ser imprudente. Ele estava sempre no lugar errado na hora errada. Uma vez, ele e seus amigos estavam assando

marshmallows na lareira real quando ele derramou muito óleo no fogo e queimou a sala de jantar.

— Foi um acidente! — lamentou o príncipe.

Outra vez ele sem querer beliscou um touro sacrificial com seu punhal e causou um tumulto no templo.

— Não foi culpa minha! — gritou ele.

Algumas semanas depois, ele estava sentado nas docas reais, distraidamente serrando uma corda porque ele estava entediado, quando a corda soltou-se do melhor navio de seu pai e navegou para o mar sem tripulação.

— Não fui eu! — disse ele.

O descuido mais famoso do príncipe: um ano na festa de véspera de ano novo de seus pais ele e seus amigos estavam jogando punhais em um fardo de feno, tentando acertar um alvo, quando alguém gritou:

— Ei, Hipônoo!

O príncipe virou-se e jogou o punhal ao mesmo tempo, porque ele não era muito coordenado. Seu punhal atingiu um cara chamado Belero no peito, matando-o instantaneamente.

— Foi um acidente! — gritou Hipônoo.

Todos concordaram que a morte não foi intencional. Ninguém gostava muito de Belero de qualquer maneira, então Hipônoo não se meteu em problemas. Mas as pessoas começaram a chamar o príncipe de *Belerofonte*, o que significa *o assassino de Belero*. O apelido pegou.

Imagine viver assim. Você matou um cara chamado Joe. Para o resto de sua vida, você tem que ser chamado de "Eu matei Joe". Então você ganha um título como "o Sem Culpa", então seu nome é basicamente "Eu Matei Joe, Mas Não Foi Minha Culpa".

A última gota d'água veio quando Belerofonte era um adolescente. Naquela época, ele tinha um irmãozinho chamado Delíades. Como o casal real teve outro filho? Talvez Zeus decidiu retirar a maldição. Ou talvez Poseidon ainda estava visitando a rainha por um senso de dever cívico. Seja qual for o caso, em uma tarde Belerofonte

estava ensinando Delíades como lutar com uma espada. (Eu sei. Péssima ideia.)

No meio do combate, Belerofonte disse:

— Ok, Delíades, eu vou atacar à sua direita. Bloqueie o ataque!

Delíades bloqueou certo. Belerofonte por engano balançou para a esquerda, porque ele ainda não entendendo bem toda a coisa de esquerda e direita. Ele matou o irmão.

— Foi um acidente! — disse Belerofonte.

Nesse ponto, seus pais realizaram uma intervenção.

— Olha, filho — disse o rei Glauco — você não pode continuar a ter acidentes. Matando seu irmão... isso não foi legal.

— Mas, pai...

— Eu sei que você não quis fazer isso — disse a rainha Eurínome. — No entanto, minha querida, seu pai e eu decidimos mandá-lo embora por um tempo antes de você *acidentar* nós dois para uma morte prematura.

— Me mandar embora? Mas, mãe...

— Meu amigo Rei Preto concordou em acolhê-lo — disse o rei. — Você vai para Argos e completar os rituais de purificação para se redimir da morte do seu irmão.

— Rituais de purificação? — fungou Belerofonte. — Eles doem?

— Você vai passar alguns meses lamentando — seu pai disse — rezando para os deuses. Você vai ficar bem.

— Alguns meses? Então eu posso voltar para casa?

— Talvez. Veremos.

O lábio inferior de Belerofonte tremeu. Ele não queria chorar, mas sentia-se tão indesejado. Claro, ele queimava um edifício as vezes e matou o irmão outra, mas seus pais realmente tinham que mandá-lo embora?

No dia seguinte, ele deixou a cidade sozinho. Ele pegou a estrada, apesar de ser perigosa. Ele estava tão triste e andando tão lentamente ele só percorreu alguns

quilômetros antes do pôr do sol. Ele encontrou um santuário de Atena na estrada e decidiu passar a noite lá.

Antes de ir dormir, Belerofonte rezou para a deusa.

— Atena, eu poderia realmente usar um pouco da sua sabedoria. Meus pais acham que sou inútil. Eu destruo tudo o que toco. Devo simplesmente desistir, ou o quê?

Chorando, ele escalou o altar e foi dormir.

Normalmente, dormir em um altar de um deus não é uma boa ideia. É provável que você acorde como um furão ou como um vaso de planta.

Mas Atena se sentiu mal por Belerofonte. Apesar de ser um filho de Poseidon, que não era exatamente o melhor amigo de Atena, o jovem tinha potencial para ser mais do que um desastre ambulante.

Enquanto ele dormia, Atena apareceu em seu sonho. Névoa cinzenta ondulou em torno do altar. Um relâmpago brilhou.

— Belerofonte!

O Belerofonte do sonho caiu do altar, batendo na estátua, que se despedaçou no chão. Ele rapidamente se ajoelhou.

— Eu não fiz isso!

Atena suspirou.

— Tudo bem. Isto é apenas um sonho. Ouvi sua oração, Belerofonte. Você *não* é inútil. Seu verdadeiro pai é Poseidon, o deus dos mares.

Belerofonte engasgou.

— É por isso que eu pareço com aquelas pinturas?

— Sim.

— E por que minha mãe gosta tanto da praia?

— Sim. Então pare de sentir pena de si mesmo. Você pode ser um grande herói se você apenas encontrar a sua autoconfiança.

— Eu... eu vou tentar, Atena.

— Para começar, tenho um presente para você.

A deusa levantou uma engenhoca de tiras de ouro tecida.

— Isso é uma rede? — perguntou Belerofonte.

— Não.

— Um sutiã?

Atena fez uma careta.

— Pense nisso. Por que eu lhe daria um sutiã de ouro?

— Hã...

— É uma rédea! A coisa que você colocar na cabeça de um cavalo!

— Ah, certo.

Belerofonte nunca tinha prestado muita atenção as rédeas. Toda vez que ele tentava montar um cavalo, ele atropelava alguém ou conduzia o cavalo na sala de estar de alguém.

— Então... Eu deveria encontrar um cavalo para colocar isso?

Atena começou a se perguntar se aparecer no sonho deste jovem tinha sido uma boa ideia. Ele lembrou-lhe de Poseidon em seus dias mais tempestuosos: andando sem rumo, destruindo as coisas sem qualquer motivo aparente. Mas ela estava aqui agora. Ela tinha que tentar orientar o garoto em um curso melhor.

— Perto deste santuário — disse ela — em um lugar chamado Pirene, você vai encontrar uma fonte de água doce. Neste local, Pégaso muitas vezes vem para beber.

— Opa. O Pégaso?

Belerofonte tinha ouvido lendas sobre o cavalo alado. Supostamente ele tinha nascido do sangue da Medusa após Perseu cortar a cabeça. Muitos heróis tentaram capturar Pégaso. Nenhum tinha conseguido.

— Esse mesmo — disse Atena. — Você gostaria de montar um cavalo imortal alado?

Belerofonte esfregou o queixo.

— Pera... Se meu pai é Poseidon, e o pai de Pégaso é Poseidon, o cavalo não é meu irmão?

— Melhor não pensar nisso — aconselhou Atena. — Basta seguir as minhas instruções. Assim que acordar, faça um sacrifício adequado para mim e para o seu pai, Poseidon. Isso garantirá nossas bênçãos. Em seguida, encontrar a fonte de Pirene, e espere até Pégaso pousar. Quando ele

dobrar suas asas para beber, você vai ter que esgueirar-se por trás dele e colocar a rédea sobre sua cabeça.

— Hã, ser furtivo não é bem a minha praia.

— Faça o seu melhor. Tente não se matar. Se você tiver sucesso em colocar em uma pequena parte da boca de Pégaso, a magia da rédea irá acalmá-lo instantaneamente. Ele vai aceitar a sua amizade e levá-lo para onde quiser ir.

— Incrível!

— Só não abuse da sorte — avisou Atena. — Os heróis sempre abusam da sorte quando ganham presente legais como um cavalo voador. NÃO FAÇA ISSO.

— Claro que não. Obrigado, Atena!

A deusa desapareceu no nevoeiro. Belerofonte acordou de seu sonho, imediatamente caindo do altar, e derrubou uma estátua, que se despedaçou no chão.

Ele olhou para os céus.

— Desculpe. Isso foi um acidente.

O vento fez um som como um suspiro irritado.

Belerofonte caminhou até a fazenda mais próxima e gastou todo o seu dinheiro bezerro. Ele sacrificou o animal, metade para Atena, metade para Poseidon.

Então ele partiu para capturar Pégaso com seu sutiã mágico de ouro.

A fonte de Pirene jorrava de uma fenda calcária e derramava em uma piscina pontilhada com lótus e lírios de água.

Belerofonte agachou-se atrás de um arbusto próximo e esperou o que pareceu horas. Provavelmente porque *foram* horas. Ele aprendeu o que a maioria dos semideuses com TDAH sabem: podemos nos distrair facilmente, mas se estamos realmente interessados em algo que temos um foco de um raio de laser. Belerofonte estava realmente interessado em capturar Pégaso.

Finalmente uma forma escura desceu em espiral das nuvens. Belerofonte achava que era uma águia, porque

tinha a mesma plumagem dourada e castanha. Mas, enquanto ele descia, Belerofonte percebeu que a criatura era muito maior: um garanhão bronzeado com um focinho cor de ferrugem e uma envergadura de seis metros.

Belerofonte não se atreveu a respirar enquanto o cavalo pousava. Pégaso tocou a grama. Ele dobrou as asas, aproximou-se da fonte e abaixou a cabeça para beber.



Belerofonte rastejou para a frente com a rédea dourado. No meio do Prado, ele pisou em um galho.

Belerofonte congelou. Pégaso se virou para ele. O cavalo notou a rédea de ouro e, sendo um animal inteligente, sabia o que estava acontecendo.

Pégaso relinchou. Belerofonte poderia jurar que o cavalo estava dizendo: *Cara, você é um perdedor. Tudo bem. venha aqui.*

Belerofonte aproximou-se. Pégaso permitiu-lhe colocar a rédea de ouro em sua cabeça. Não sei por que Pégaso decidiu cooperar, mas foi uma coisa boa para Belerofonte. Ele nunca havia colocado uma rédea em um cavalo antes. Ele levou cerca de seis tentativas. No início, o pobre cavalo teve os olhos acertados pela rédea e a orelha esquerda picada, mas eventualmente Belerofonte acertou.

Pégaso estremeceu quando a rédea de ouro encheu-o com mágica calorosa, vibrante e magia. Ele relinchou suavemente: *Para onde estamos indo?*

— Para a cidade de Argos — Belerofonte acariciou o focinho do cavalo. — Ah, deuses, você é incrível! Você é o mais incrível... Ai!

Pégaso pisou no seu pé e disse: *Cale a boca e suba antes que eu mude de ideia.*

Belerofonte subiu nas costas do garanhão. Juntos eles voaram para o céu.

Eles fizeram uma grande entrada em Argos. Não era todos os dias que um coríntio entrava voando um cavalo pela janela da sala do trono. Felizmente, era uma grande janela. E ninguém tinha inventado painéis de vidro ainda. Caso contrário, poderia ter sido uma bagunça. Depois disso, o casco traseiro de Pégaso se enrolou em um fio da tapeçaria, a arrancou da parede, derrubou Belerofonte de frente ao trono real, em seguida, voou pela janela novamente, a tapeçaria arrastando atrás dele como uma faixa de publicidade.

O rei Preto acolheu Belerofonte como um convidado honrado. Qualquer um que pudesse domar Pégaso (mais ou

menos) era legal.

Sua esposa, Antheia, estava ainda mais feliz de ver o jovem e bonito herói.

A rainha estava solitária. Sua terra natal, Lícia, estava do outro lado do mar na costa do que hoje é a Turquia. Seu pai a forçou a se casar com Preto, que era muito mais velho, barrigudo e careca. Ela odiava Argos. Ela odiava ficar presa com um marido velho e nojento. Assim que ela viu Belerofonte, ela se apaixonou por ele.

Belerofonte passou vários meses no palácio. Todos os dias, ele iria aos templos para rezar, sacrificar e implorar pelo perdão dos deuses por matar seu irmão mais novo. (Ah, e também por matar aquele outro cara, Belero.)

Todas as noites, Belerofonte tentava evitar Antheia. A rainha flertava com ele constantemente e o encurralava sempre que ele estava sozinho, mas Belerofonte tinha certeza de ter um caso com a rainha não iria ajudá-lo a purificar sua alma.

Conforme as semanas passaram, Antheia ficou mais e mais frustrada. Finalmente, uma noite depois do jantar, ela entrou no quarto de Belerofonte.

— O que há de errado comigo? — perguntou ela. — Não sou bonita o suficiente?

— Hã... não. Quero dizer, sim. Eu quero dizer... Você é casada.

— *E daí?* Afrodite é casada. Nunca a impediu de aproveitar a vida!

— Eu não tenho certeza que é uma boa comparação.

— Você vai me beijar ou não?

— Eu... eu não posso. Não é certo.

— Argh!

Antheia saiu com raiva do quarto. Ela odiava homens certinhos, especialmente os bonitos que se recusaram a flertar com ela. Ela marchou para a câmara de audiência, onde seu marido gordo e velho estava cochilando em seu trono.

— Preto, acorde!

O rei hesitou.

— Eu estava apenas descansando meus olhos.

— Belerofonte me atacou!

Preto franziu a testa.

— Ele... Ele atacou? Mas ele é sempre tão educado. Tem certeza que não foi algum tipo de acidente? Ele tem um monte de acidentes.

— Ele me perseguiu em seu quarto e tentou agarrar-me!

— O que você estava fazendo no quarto dele?

— Esse não é o ponto! Ele tentou me beijar. Chamou-me de fofinha e todos os tipos de nomes obscenos horríveis.

Preto questionou se ele estava sonhando. A rainha não fazia muito sentido.

— O Belerofonte te atacou. Ele chamou você de fofinha.

— Sim! — Antheia apertava os punhos. — Exijo justiça. Se você me ama, prenda-o e o execute!

Preto coçou a barba.

— Olha, querida, atacar a rainha é um crime muito sério. Mas... Quero dizer, tem certeza? Belerofonte não me parece ser esse tipo de pessoa. Ele é o filho do meu velho amigo, o rei Glauco. Matá-lo provavelmente começaria uma guerra com Corinto. Além disso, Belerofonte é um convidado em minha casa. Os deuses desaprovam a morte de convidados.

Antheia rosnou.

— Você é tão inútil! Se não o matar, mande-o para o meu pai em Lícia. Meu pai com certeza irá matá-lo!

Preto não tinha vontade de matar Belerofonte, mas ele também não gostava da rainha gritando com ele. Ele tinha que viver com ela. Ela poderia ser muito desagradável quando ela não a conseguiu as coisas do seu jeito.

— Se eu o mandar para o seu pai para ser executado, como isso funcionaria exatamente?

Antheia tentou conter sua impaciência. Honestamente, ela tinha que explicar *tudo* ao seu marido estúpido.

— Você é o anfitrião do Belerofonte, não é? Você decide o que ele deve fazer em seus rituais de purificação e quando ele tiver terminado, certo?

— Bem, Sim. Na verdade, eu estava prestes a declarar sua purificação completa.

— Diga-lhe que ele tem mais uma coisa a fazer — disse Antheia. — Antes que ele possa ser purificado, ele deve viajar para Lícia e oferecer seus serviços ao meu pai, o rei Ióbates.

— Mas como isso fará com Belerofonte seja executado?

— Dê-lhe uma carta de apresentação selada para o meu pai. Belerofonte vai pensar que é só um monte de elogios sobre ele. Mas, na carta, você pede a Ióbates que o execute. Meu pai terá a carta. Ele matará Belerofonte. Problema resolvido.

Preto olhou para sua esposa. Ele nunca percebeu o quão sanguinária ela era. Ele teve um tempo difícil acreditando que alguém iria chamá-la de fofinha.

— Ok, eu acho que é um bom plano...

Na manhã seguinte, Preto convocou Belerofonte para a sala do trono.

— Meu amigo, parabéns por quase terminar com sua purificação! Você quase ganhou o título Belerofonte o Sem Culpa!

— Quase?

O rei explicou sobre a viagem a Lícia. Ele entregou a Belerofonte um envelope selado com cera.

— Quando chegar a Lícia, apresente isto ao rei Ióbates. Vai garantir que ele lhe dá a boa vinda.

Belerofonte não gostou do olhar frio nos olhos da rainha Antheia, ou a forma como a mão de Preto tremia quando ele lhe deu o envelope, ou a música de órgão assustador que estava tocando no fundo. Mas Preto era seu anfitrião. Belerofonte não podia questionar suas ordens sem parecer rude.

— Hã, ok. Obrigado por tudo.

Belerofonte assobiou para o seu cavalo.

Pégaso passou os últimos meses vagando livre nas nuvens, mas quando ele ouviu o chamado de Belerofonte, ele voava direto até a janela e pousava na sala do trono.

Belerofonte deu adeus aos seus anfitriões, depois voou para Lícia para entregar sua própria ordem de morte.

Normalmente teria levado semanas para viajar de Argos para Lícia. Pégaso fez a viagem em meia hora, nem mesmo tempo suficiente para poder beber em um voo. Enquanto deslizavam sobre o interior de Lícia, Belerofonte notou vários incêndios; vilas queimadas, campos carbonizados, faixas de florestas fumegantes. Ou Lícia tinha perdido uma guerra ou o Dia Nacional do Churrasco saiu do controle.

Quando Belerofonte chegou ao palácio, o rei Ióbates ficou bastante surpreso. Não era todos os dias que um coríntio entrava voando pela janela montado em um cavalo. O rei ficou ainda mais surpreso quando Belerofonte lhe entregou uma carta de apresentação de seu velho e gordo genro, o rei de Argos.

Ióbates abriu a carta. Estava escrita:

*Caro Ióbates,
Diante de você está Belerofonte o Sem Culpa. Ele ofendeu a minha esposa, a sua filha, ao chamá-la de fofinha e outros nomes obscenos. Por favor, mate-o imediatamente.
Muito obrigado*

*Atenciosamente
Preto*

Ióbates limpou sua garganta.

— Isto é... uma bela apresentação.

Belerofonte sorriu.

— Preto tem sido muito gentil comigo.

— Sim. Eu suponho que você não leu esta carta, certo?

— Não.

— Entendo...

A raiva formou um coágulo na garganta de Ióbates. Ele não estava zangado com Belerofonte. O rei conhecia sua filha Antheia muito bem. Ela tinha o hábito de flertar com

homens jovens, então pedia para que eles fossem executados se eles não devolvem seu afeto. Lóbates esperava que ela se acalmasse quando se casasse com Preto. Aparentemente, ela ainda estava com seus velhos truques. Agora ela queria que ele fizesse seu trabalho sujo a distância.

Ele avaliou Belerofonte. O jovem parecia simpático o suficiente. Ele se assemelhava as pinturas de Poseidon no templo local, e Lóbates imaginou que não era uma coincidência. Belerofonte também fez amizade com o cavalo imortal Pégaso, o que contava para alguma coisa.

Lóbates decidiu que ele não poderia simplesmente matar Belerofonte no local. Isso seria rude, confuso e, possivelmente, deixá-lo em apuros com Poseidon.

O rei teve outra ideia. Talvez ele pudesse resolver dois problemas ao mesmo tempo. Ele daria a Belerofonte uma missão impossível e deixaria as Parcas decidirem se ele deveria viver. Se Belerofonte falhasse, Antheia ficaria satisfeita com sua morte. Se ele tivesse sucesso, o reino de Lóbates se beneficiaria.

— Belerofonte o Sem Culpa — disse ele — você veio aqui para completar a sua purificação, não é? Tenho uma tarefa em mente para você. Não vou mentir: não vai ser fácil. Mas você é um jovem herói forte. Você tem um cavalo voador. Você talvez seja o homem certo para o trabalho.

Belerofonte levantou-se. Ele não estava acostumado a ser confiado com missões importantes.

— Ficarei feliz em ajudar, majestade. Não envolve nada frágil, não é? Minhas capacidades motoras não são as melhores.

— Não, nada frágil. Envolve um monstro chamado Quimera. Talvez você notou alguns incêndios enquanto voava para o meu reino.

— Eu vi. Então não é Dia Nacional de Churrasco?

— Não. uma horrível criatura sobrenatural tem destruído minhas aldeias, queimado minhas colheitas, aterrorizado meu povo. Ninguém foi capaz de chegar perto dela, muito

menos matá-la. De acordo com alguns sobreviventes, o monstro é parte leão, parte dragão, parte cabra.

— Parte *cabra*?

— Sim.

— O leão e o dragão, eu entendo. São aterrorizantes. Mas uma cabra?

— Não me pergunte. Os sacerdotes locais têm tentado identificar de onde o monstro veio. O máximo que descobriram é que a Quimera rastejou para fora do Tártaro. É provavelmente alguma cria de Equidna. Enfim, um rei vizinho, Amisodarus, teve a brilhante ideia de alimentar a Quimera e tentar aproveitá-la para guerra. Isso não deu muito certo. A Quimera destruiu o seu reino. Agora está destruindo o meu. Ele irradia medo, cospe veneno e sopra fogo quente o suficiente para derreter armaduras.

— Ah — disse Belerofonte.

— Então essa é a sua tarefa — disse lóbates. — Vá matá-lo. E obrigado!

Belerofonte nunca tinha recebido um trabalho tão importante antes. Toda a sua vida, as pessoas tinham dito a ele para não fazer as coisas: não jogue o punhal, não derrame esse frasco de óleo, não serre essa corda. Agora o rei lóbates, que mal o conhecia, estava confiando nele o destino de seu reino. Que cara legal!

Belerofonte estava determinado a não estragar as coisas.

Ele pulou nas costas de Pégaso e voou para fora da janela.

Eles acharam a Quimera incendiando uma aldeia cerca de trinta quilômetros ao sul da capital. Sobrevoando, Belerofonte poderia entender por que ninguém tinha sido capaz de dar uma boa descrição do monstro. Qualquer um que chegasse a trinta metros do monstro seria transformado em cinzas.

(Só para constar, conheci a Quimera. Na época, ela *não* parecia do jeito que Belerofonte viu. Monstros muitas vezes mudam de aparência, então isso não é uma surpresa. Também quando eu conheci o Quimera estava disfarçado

como um Chihuahua chamado Filhinho, que nos leva a um nível totalmente novo de aterrorizante. Mas continuando...)

Belerofonte viu uma criatura do tamanho de um mamute. Na frente, tinha a cabeça e as patas dianteiras de um leão. A metade traseira de seu corpo era escamosa e reptiliana, com pés do dragão e uma cauda de cobra que por algum motivo tinha a cabeça de um cascavel. A cabeça de cobra atacava para frente e para trás, mordendo com raiva no ar. Claro, se eu estivesse preso na bunda de um monstro, eu também estaria um pouco irritado.

A parte mais estranha do monstro era a cabeça de cabra que ficava na parte de cima de suas costas como um periscópio. Ele virou quase um círculo completo, cuspidando uma coluna de fogo de trinta metros de comprimento.

— Uau — murmurou Belerofonte. — O que você acha, Pégaso? Podemos explodir essa coisa?

Pégaso relinchou: *Sei não, garoto. Sou imortal, mas você? Nem tanto.*

Como qualquer bom herói, Belerofonte tinha trazido uma espada e uma lança. Ele ajustou a lança, já que era um pouquinho longa, e fez com que Pégaso mergulhasse. Eles chegaram a cerca de seis metros acima da Quimera antes que a cabeça de cabra visse e disparasse fogo.

Pégaso inclinou tanto que Belerofonte quase caiu. O calor das chamas queimou os pelos do seu braço. A cabeça de cobra cuspiu uma nuvem de veneno que deixou os pulmões de Belerofonte doendo. O rugido do leão era tão aterrorizante que ele quase desmaiou.

Só o seu corcel voador salvou-o. Pégaso voou para cima, para fora do perigo, deixando um rastro em espiral de penas queimadas.

Belerofonte tossiu o veneno e fumaça de seus pulmões.

— Essa foi por muito pouco.

Pégaso bufou: *Você acha?*

Enquanto eles circularam acima, a Quimera os assistia. A cabeça de cascavel sibilou na extremidade de sua cauda. O leão mostrou suas presas e rosnou. Mas a cabeça de cabra

foi o que mais assustou Belerofonte. Aquela coisa era um animal de celeiro de destruição em massa.

— Precisamos de uma maneira de acabar as chamas — disse Belerofonte. — Eu poderia jogar a minha lança na garganta dela, mas apenas seria derretida...

De repente, Belerofonte teve uma ideia. Lembrou-se de se meter em problemas quando garoto por queimar a sala de jantar. Antes de ele derramar o óleo, ele estava assando marshmallows, apreciando a maneira que eles douravam e derretiam no graveto, virando em uma gosma deliciosa.

Não engasgue com isso, dizia sua mãe sempre. Eles vão entupir sua garganta e matá-lo.

— Sim — disse Belerofonte para si mesmo. — Obrigado, mãe...

Ele escaneou as ruínas da aldeia. No final da rua principal, ele avistou uma oficina de ferreiro abandonada. Ele pediu a Pégaso para mergulhar novamente. Assim que pousaram na loja, Belerofonte saltou e começou a procurar nos escombros.

A Quimera os viu aterrissar. Ela rugiu e avançou para a rua principal tão rápido quanto suas pernas incompatíveis podiam.

— Vamos lá, vamos — murmurou Belerofonte. — Ele puxou uma madeira caída para longe da forja. — Ahá!

Ao lado do fole estava um pedaço de chumbo do tamanho de um travesseiro. Belerofonte mal conseguia pegá-lo, mas ele cambaleou para Pégaso e de alguma forma conseguiu subir. Eles lançaram no céu, assim que a Quimera pulverizou a loja com fogo.

Pégaso resmungou, esforçando-se para voar com o novo peso. *Qual é a do travesseiro de chumbo?*

— Você vai ver.

Belerofonte furou com sua lança o pedaço de metal. Felizmente, o chumbo é mole. Ele foi capaz de empalá-lo firmemente como um marshmallow pesado gigante em um graveto.

— Pégaso, me aproxime o suficiente para alimentar o bode.

Com prazer, relinchou Pégaso.

Ele mergulhou mais uma vez.

— Ei, Quimera! — gritou Belerofonte. — Você quer um marshmallow?

As três cabeças do monstro olharam para cima. A Quimera nunca tinha comido um marshmallow antes. Eram incrivelmente difíceis de entrar no Tártaro. Com certeza, o herói mortal parecia ter um marshmallow cinza gigante em um graveto.



Os três pequenos cérebros da Quimera tiveram uma breve discussão sobre os prós e contras de aceitar marshmallows de estranhos. Belerofonte estava a apenas três metros de distância quando a cabeça de cabra decidiu que isso era algum tipo de truque. Sua boca abriu para derreter o rosto de Belerofonte, mas o herói jogou seu chumbo no graveto direto na garganta ardente da cabra.

Pégaso desviou para um lado quando a cabeça de cabra engasgou, chumbo derretido encheu seus pulmões. A Quimera cambaleou. As cabeças de leão e cobra se contorceram de dor.

Belerofonte pulou das costas de Pégaso e desembainhou sua espada. Surpreendentemente, ele conseguiu fazer isso sem se esfaquear.

Pela primeira vez, Belerofonte sentiu-se como um verdadeiro herói com bons reflexos, coordenação motora e tudo mais. Quando a Quimera levantou em suas patas traseiras, pronta para atacar, Belerofonte investiu por baixo e enfiou sua espada na barriga do monstro. A Quimera desmoronou, sua cauda de cabeça de cascavel ainda batendo.

— É ISSO AÍ! — gritou Belerofonte.

Ele levantou a mão para um *high-five* com Pégaso. O cavalo olhou para ele e disse: *Sai dessa*.

Como lembrancinha, Belerofonte cortou a cabeça de cabra da Quimera com sua boca fumegante revestida a chumbo. Ele tirou um par de selfies com o cadáver do monstro. Então ele montou em Pégaso e voltou Lícia para dizer ao rei Lóbates a boa notícia.

O rei ficou satisfeito que a Quimera estava morta, mas ele ficou chocado que Belerofonte tinha voltado vivo.

— Agora o que eu devo fazer? — questionou-se Lóbates em voz alta.

Belerofonte franziu a testa.

— Como assim majestade?

— Quero dizer... Como posso agradecer-lhe o suficiente? Mandou bem!

Naquela noite, o rei deu uma grande festa em homenagem a Belerofonte. Eles tinham bolo, sorvete, palhaços e mágicos, embora o rei recusou os engolidores de fogo achando que seria uma piada de mau gosto após o incidente da Quimera.

Ióbates e Belerofonte conversaram durante a noite. O rei decidiu que ele realmente gostava deste jovem herói. Ióbates não queria vê-lo morrer, mas ele também não estava completamente pronto para ignorar a carta de sua filha Antheia pedindo a execução de Belerofonte.

Porque? Talvez Ióbates estava preocupado que Belerofonte poderia apresentar uma ameaça para o reino. Ou talvez Ióbates era apenas um pai que odiava dizer não para seus filhos, mesmo se seus filhos fossem sociopatas. Seja qual for o caso, o rei decidiu dar para Belerofonte outro desafio, apenas para se certificar de que as Parcas realmente queriam este herói vivo.

— Belerofonte — disse ele durante a sobremesa. — Eu não tenho o direito de pedir-lhe mais favores, mas...

— Qualquer coisa, meu senhor!

Belerofonte quis dizer isso. Ele nunca se sentiu como um herói antes, e ele gostou. O povo o amava. A filha mais nova do rei, Filonoé, estava flertando com ele descaradamente, e ele também gostava disso. Mais importante, Ióbates *acreditava* nele. O rei tinha dado a Belerofonte uma chance de se provar. Que cara legal!

— Se eu posso ajudá-lo de alguma forma — disse Belerofonte. — Eu vou ajudá-lo. Basta dizer o que fazer!

A multidão aplaudiu e levantou seus copos para Belerofonte.

Ióbates se sentiu como um verdadeiro cretino, mas ele forçou um sorriso.

— Bem, esta tribo vizinha, os sólimos, eles têm causado todos os tipos de problemas em nossa fronteira leste. A Quimera matou meus melhores homens; exceto você, é

claro; então eu não tenho um grande exército. Receio que os sólimos vai invadir todo o país se não forem parados.

— Não diga mais nada! — disse Belerofonte. — Eu vou voar até lá amanhã e resolver as coisas.

A multidão aplaudiu. Princesa Filonoé piscou seus cílios.

Ióbates cobriu o jovem herói com elogios, mas por dentro o rei se sentia mal.

Os sólimos nunca haviam sido vencidos. Eles foram abençoados pelo deus da guerra, Ares. Na batalha, eles eram absolutamente destemidos. Enviar um cara para lidar com eles... isso era suicídio.

No dia seguinte, Belerofonte subiu em Pégaso e voou para lutar contra os vizinhos. Talvez ele os surpreendesse pelo ar. Talvez ele tenha encontrado sua autoconfiança, como Atena o aconselhou. Ióbates acreditava nele, então ele acreditava em si mesmo. Enfim, Belerofonte pousou no meio do acampamento sólimos e os massacrou. Depois que Belerofonte matou cerca de metade da tribo e deixou o resto em pânico, o chefe implorou pela paz. Ele prometeu nunca mais atacar Lícia. Ele e Belerofonte assinaram um tratado de paz e tiraram alguns selfies juntos para a posteridade. Então Belerofonte voou de volta para o palácio.

Novamente, o rei Ióbates ficou espantado. O povo de Lícia enlouqueceu de alegria. Naquela noite, eles realizaram outra celebração da vitória. A princesa Filonoé flertou com o jovem coríntio e implorou a seu pai para organizar um casamento para eles.

Ióbates estava dividido. Belerofonte estava se tornando super útil. Ele era corajoso, forte e verdadeiramente inocente. Ele não teve um único acidente desde que chegou em Lícia; sem parentes mortos, sem salas de jantar queimadas, nem mesmo um navio vazio lançado.

Ainda assim... Antheia tinha pedido a morte do jovem, e Ióbates tinha dificuldades em negar qualquer coisa a sua filha mais velha homicida. Ele decidiu dar a Belerofonte um desafio mais perigoso apenas para ser absolutamente, cem

por cento de certeza que o herói tinha as Parcas do seu lado.

— Meu maravilhoso amigo Belerofonte — disse o rei. — Eu odeio pedir, mas há mais uma ameaça para este reino... Não, é muito perigoso, mesmo para um herói como você.

— Diga! — disse Belerofonte.

A multidão aplaudiu descontroladamente e bateu seus copos nas mesas.

— Bem — disse Ióbates — esta nação em particular está fazendo guerra em todas as cidades da Anatólia. Você já ouviu falar das Amazonas?

Os aplausos pararam. Belerofonte engoliu seco. Ele tinha ouvido lendas sobre as Amazonas, tudo bem. Só o nome já dava pesadelos nas crianças gregas.

— Você... Você quer que eu lute contra *elas*?

— Eu não confiaria esta missão a mais ninguém — disse Ióbates, o que era verdade. — Se você pudesse apenas fazê-las recuar, como você fez com o sólimos, isso que seria incrível.

No dia seguinte, Belerofonte voou para a batalha. Ele não podia acreditar que ele iria enfrentar as Amazonas, mas Ióbates acreditava nele, e Belerofonte não poderia decepcioná-lo.

Belerofonte voou direto para o acampamento das Amazonas. Ele destruiu seu exército. As Amazonas ficaram paralisadas em choque. Elas simplesmente não podiam acreditar que um *homem* estúpido poderia ser tão corajoso. No momento a rainha das Amazonas conseguiu restaurar a ordem, Belerofonte havia matado centenas de suas melhores guerreiras.

A rainha pediu uma trégua. Belerofonte concordou em deixar as Amazonas em paz se elas parassem de invadir Lícia. As Amazonas assinaram um tratado de paz, o que raramente faziam, mas elas respeitavam a bravura, e Belerofonte o Sem Culpa obviamente tinha. As Amazonas não iriam tirar fotos com ele, mas estava tudo bem. Belerofonte voou de volta para o palácio de bom humor.

Quando ele se ajoelhou diante do rei e anunciou sua vitória, Ióbates fez algo inesperado.

O velho começou a chorar. Ele escorregou de seu trono, agarrou os tornozelos de Belerofonte, e choramingou:

— Perdoe-me, meu jovem. Perdoe-me.

— Hã... claro — disse Belerofonte. — O que você fez?

Ióbates confessou tudo sobre a sentença de morte do Preto. Ele mostrou a carta a Belerofonte. Ele explicou que as missões tinham sido realmente tentativas de honrar os desejos de sua filha e fazer com que Belerofonte fosse morto.

O herói poderia ter se irritado. Em vez disso, ele puxou o rei a seus pés.

— Eu te perdoo — disse Belerofonte. — Ao invés de me matar de imediato, você me deu chances de me provar. Você fez de mim um verdadeiro herói. Como eu poderia estar bravo com isso?

— Meu bom rapaz!

Ióbates ficou tão grato que ele organizou para Belerofonte se casar com sua filha Filonoé. Belerofonte foi nomeado herdeiro do trono. Anos depois, quando Ióbates morreu, Belerofonte tornou-se o rei de Lícia.

Quanto a Antheia, ela nunca teve sua vingança. Quando ela ouviu que Belerofonte tinha casado com sua irmã mais nova e assumiu o reino de seu pai, ela ficou tão chateada que ela se suicidou.

E viveram felizes para sempre.

Hahaha. Não mesmo.

Até agora, você já ouviu o suficiente dessas histórias para saber melhor. Belerofonte tinha mais uma grande trapalhada para sair do seu sistema.

Depois de ter sido rei por muitos anos, Belerofonte começou sentir falta dos bons e velhos tempos. As multidões não aplaudiam ele como costumavam quando ele matou a Quimera. Ninguém se lembrava do jeito que ele

derrotou os sólimos e as Amazonas. Quando ele contava essas histórias nos banquetes reais, seus convidados seguravam seus bocejos. Mesmo sua esposa, Filonoé, rolava os olhos.

Engraçado como isso acontece. Novos heróis surgem. Os antigos são deixados de lado. Nós esquecemos as coisas ruins do passado. Nós ficamos nostálgicos pelos bons e velhos tempos; de queimar palácios, ser condenado à morte por rainhas loucas.

Belerofonte decidiu que precisava de mais uma aventura; uma missão de crise de meia-idade para fazer todo mundo amá-lo novamente e agitar sua vida.

Ele voaria mais alto do que qualquer herói já tinha voado. Ele visitaria os deuses no Monte Olimpo! Ele foi para a varanda mais alta do palácio e assobiou para Pégaso.

O cavalo alado respondeu ao seu chamado. Eles não se viam há anos. Pégaso não parecia diferente, sendo imortal, mas o cavalo estava meio chocado com o quanto Belerofonte tinha envelhecido.

Pégaso inclinou a cabeça. *O que é que se passa?*

— Ah, meu amigo! — disse Belerofonte. — Nós temos mais uma missão para completar!

Belerofonte subiu nas costas de Pégaso e pegou as rédeas douradas. Pégaso voou para o céu, pensando que eles estavam saindo para lutar contra Amazonas ou algo do tipo.

Belerofonte o levou na direção errada, oeste. Logo eles estavam correndo sobre o Mar Egeu, subindo nas nuvens.

Pégaso relinchou: *Hã, onde nós estamos indo?*

— Ao Monte Olimpo, meu amigo! — gritou Belerofonte com alegria. — Estamos indo ver os deuses!

Pégaso grunhiu e tentou virar. Ele voou até o Monte Olimpo antes e sabia que era espaço aéreo restrito. Os mortais definitivamente não tinham autorização.

Belerofonte segurou as rédeas firmes. Ele forçou Pégaso a voar mais alto e mais alto contra sua vontade. Eles sempre tiveram um relacionamento equilibrado, mas agora Belerofonte dando ordens.

Ele esqueceu o aviso de Atena de anos atrás: *Não abuse da sorte. NÃO FAÇA ISSO!*

Tudo em Belerofonte podia pensar era na glória que ele alcançaria quando voltasse para casa com histórias sobre os deuses, e talvez algumas lembrancinhas para as crianças.

Enquanto isso, no Monte Olimpo, Hermes estava de pé em uma das varandas, desfrutando de néctar com sabor de café, quando ele viu Belerofonte voando vindo da terra.

— Hã, Zeus? — chamou o deus mensageiro. — Você está esperando uma entrega?

Zeus se juntou a ele na varanda.

— Quem é esse? E por que ele está voando desse jeito com esse sorriso estúpido na cara? Ganimedes, traga-me um raio!

Hermes limpou a garganta.

— Ganimedes está no horário do almoço, lorde Zeus. Você quer que eu voe até lá e esmague o cara?

— Não — resmungou Zeus. — Tenho outra ideia.

Zeus puxou um pequeno tufo de vapor da nuvem mais próxima e formou um novo tipo de inseto, a mutuca. Se você nunca viu uma, você tem sorte. É basicamente a maior e mais feia mosca que você pode imaginar misturada com o mosquito mais desagradável e sanguinário. Tem mandíbulas afiadas projetadas para rasgar carne de cavalo, e é por isso que às vezes é chamado de mosca-de-cavalo.

Zeus enviou esta nova e pequena sugadora de sangue para a sua primeira refeição. A mutuca picou Pégaso direito entre os olhos.

Pégaso era imortal, mas ainda podia sentir dor. A mordida da mutuca era a pior coisa que ele tinha experimentado desde que tinha sido queimado com o hálito flamejante da super cabra.

O cavalo alado resistiu violentamente. Belerofonte perdeu as rédeas. Ele caiu e despencou vários milhares de metros até sua morte.

Pégaso se sentiu mal por isso. Mas, vamos lá. Belerofonte deveria saber que não se deve voar para o Monte Olimpo.

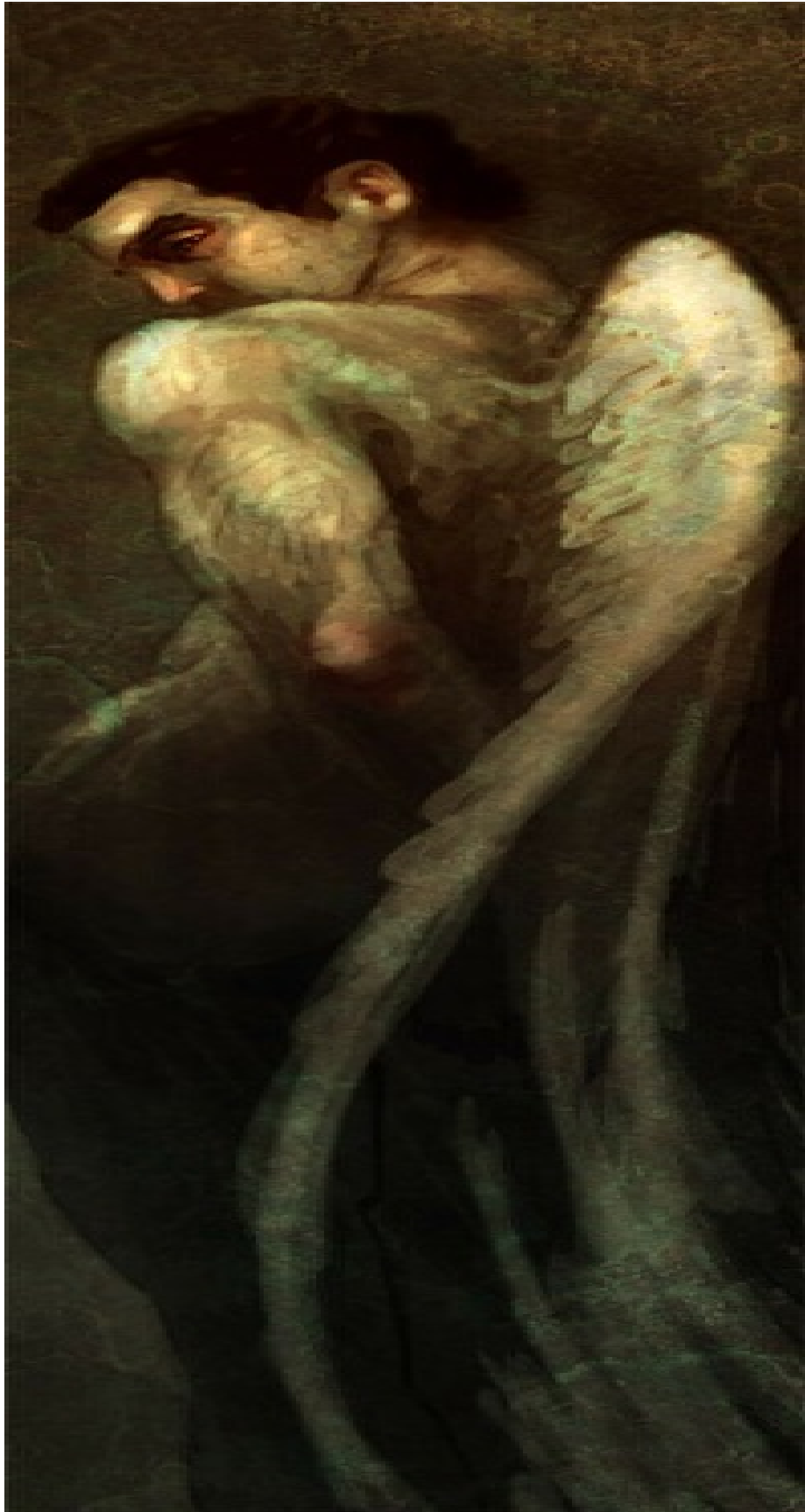
Tudo o que o ganhou foi uma morte vergonhosa, e agora o resto de nós tem que lidar com mutucas.

Pelo lado positivo, Belerofonte e Filonoé tiveram três filhos maravilhosos. É claro que seu filho mais velho, Isendro, foi mais tarde morto por Ares. Ah, e sua filha mais velha, Laodâmia, foi morta por Ártemis. Seu filho mais novo, Hipóloco, ele viveu! Mas, claro, seu filho Glauco (nomeado em homenagem ao velho rei de Corinto) foi espetada por Ajax na Guerra de Tróia. Então, sim... Basicamente Belerofonte e todo mundo relacionado a ele foi assassinado.

Fim.

E, se você não gosta, lembre-se que eu não fiz nada disso. Você pode me chamar de Percy, o Sem Culpa. Não foi nem um pouco minha culpa.

CIRENE SOCA UM LEÃO*
(*NENHUM LEÃO FOI FERIDO NAS
GRAVAÇÕES DESSE MITO)



COMO UM SEMIDEUS, EU RECEBO UM MONTE DE PERGUNTAS: titãs podem ter filhos semideuses? Um mortal já se apaixonou por dois deuses diferentes? Qual a maneira correta de matar um leão com as próprias mãos?

Cirene é ótima, porque sua história responde a tudo isso e muito mais!

Ela nasceu na Tessália, que fica na parte do norte da Grécia. Vocês talvez se lembrem de sua tribo, os lápitas, da história de Teseu. Eles gostavam de festejar, matar centauros, assistir ao futebol aos domingos e destruir nações inteiras. Os lápitas eram cruéis e mal-educados, então Cirene cresceu preferindo lanças ao invés de bonecas e espadas ao invés dos filmes da Disney. Seus amigos sabiam que não deviam cantar aquela música de *Frozen*, ou ela iria bater neles até deixá-los inconscientes.

Eu gosto de Cirene.

Quando ela era jovem, seu pai, Hipseu (possivelmente conhecido como o Hipster), tornou-se rei dos lápitas. Seu avô era Oceano, o titã dos mares, o que prova que titãs podem ter filhos semideuses. E o pai de Hipseu era um espírito do rio. Com a essas duas conexões divinas, não era de se admira que o corpo de Cirene fosse constituído por mais de sessenta por cento de água. É uma percentagem maior do que a média humana. Não que eu esteja julgando. Tenho muita água salgada no meu sistema.

(Annabeth disse que a maior parte da água salgada está na minha cabeça. Muito engraçado, Sabidinha.)

De qualquer forma, Cirene cresceu sonhando com a guerra e conquista.

Ela queria ser uma grande lutadora como o pai. Ela queria passar todos os sábados matando centauros e todos os domingos assistindo futebol com os caras! Infelizmente, as mulheres lápitas não podiam fazer nenhuma das coisas divertidas.

— Homens travam guerras — disse seu pai. — As mulheres ficam em casa. Apenas cuide das ovelhas

enquanto eu estiver fora.

— Eu não quero cuidar das ovelhas — resmungou Cirene.
— Ovelhas são chatas.

— Filha — disse ele disse — se ninguém está lá para tomar conta do rebanho, as ovelhas vão ser comidas por animais selvagens.

Cirene se animou.

— Animais selvagens?

— Sim. Ursos. Leões. Lobos. Ocasionalmente dragões. Todos os tipos de animais perigosos adorariam comer os nossos animais.

Cirene agarrou sua lança e sua espada.

— Eu acho que vou cuidar das ovelhas.

E assim, enquanto o rei Hipster estava travando guerras contra os vizinhos, Cirene ficava em casa e travava guerras contra animais selvagens.

Ela tinha muito para escolher. Naquela época, as colinas e florestas da Grécia estavam cheias de predadores cruéis. Pumas, ursos, texugos mutantes... etc. Cirene não esperava que os predadores atacassem suas ovelhas. Enquanto seu rebanho estava pastando ela patrulhava as colinas ao redor, buscando e destruindo qualquer ameaça potencial. Ela matou ursos que tinham três vezes o seu tamanho. Ela considerava um dia chato se ela não lutasse contra pelo menos um dragão antes da hora do almoço. Ela quase levou a população de texugo mutantes à extinção.

Cirene ficou viciado em perigo. Seus amigos a convidavam para festas e ela dizia:

— Não, eu acho que vou matar alguns pumas.

— Você fez isso *ontem* à noite! — reclamavam seus amigos.

Cirene não se importava. Ela mal dormia ou comia. Ela passava a maior parte de seu tempo na floresta com seus rebanhos, voltando para a aldeia só quando necessário.

Ela era tão boa em seu trabalho que os aldeões, eventualmente, a pediram para cuidar de suas vacas e de suas ovelhas. Cirene estava contente. Isso significava alvos

mais atraentes para os predadores. Ela conduziu seus rebanhos para lugares perigosos, na esperança de atrair monstros maiores e mais malvados para lutar. As ovelhas e as vacas nem estavam preocupadas com isso. Eles confiavam em Cirene completamente.

Uma vaca sentia cheiro de perigo e perguntaria a outra vaca:

— O que é isso?

— Ah — dizia a segunda vaca — é apenas uma alcateia de lobos.

— Eles não vão nos comer? Devemos entrar em pânico e correr?

— Não — disse a segunda vaca. — Olhe.

Cirene foi em direção para a escuridão, lamentando como um fantasma, e massacrou a alcateia inteira.

— Ah, legal — disse a primeira vaca.

— É, ela é incrível. Quer mais um pouco mais de pasto?

Cirene era uma caçadora tão boa que a própria Ártemis reparou. A deusa deu-lhe dois ótimos cães de caça como presentes. Ela tentou recrutar Cirene para se juntar a suas seguidoras, mas Cirene não era tinha intenção de ser uma donzela pelo resto da vida.

— Estou honrada e tudo — disse Cirene — mas eu gosto de caçar sozinha. Não sei como faria em um grupo grande. Também, hã, eu meio que gostaria de me casar um dia.

Ártemis enrugado o nariz em desgosto.

— Lamento ouvir isso. Você tem talento. Aqui, pegue um folheto, apenas no caso de você mudar de ideia.

Com seus dois novos cães de caça, Cirene tornou-se ainda mais mortal. Logo ela tinha aterrorizado tanto os predadores locais, que se uma de suas ovelhas se afastava, era provável que um par de ursos a levasse de volta para o rebanho só para que eles não se meterem em apuros.

Um dia no Monte Olimpo, Ártemis estava conversando com seu irmão Apolo sobre os melhores arqueiros mortais.

— Cirene está definitivamente nos cinco primeiros — disse Ártemis. — Ela prefere a lança e a espada, mas ela

também é *incrível* com o arco. Gostaria que ela se juntasse às minhas Caçadoras, mas ela disse que não está pronta para desistir dos homens.

Apolo levantou suas sobrancelhas divinas.

— Não me diga. Ela é gata?

— Irmão, nem pense nisso.

— Ah, eu estou pensando sobre isso — admitiu Apolo.

Na manhã seguinte, Cirene estava patrulhando nas colinas em torno de seu rebanho, como de costume, quando ela sentiu a necessidade de urinar. (Essa é outra pergunta que eu recebo perguntou muito: os semideuses nunca usam o banheiro? Primeiro: Sim. *Dã*. E segundo: por que você faria uma pergunta como essa?)

Os cães de Cirene estavam protegendo o outro lado da manada, então ela estava sozinha. Ela abaixou suas armas, já que os heróis inteligentes não vão ao banheiro com lâminas afiadas em suas mãos. Ela dirigiu-se para o grupo mais próximo de arbustos.

Infelizmente, um grande leão estava agachado naquele grupo de arbustos, seguindo o rebanho de Cirene.

Cirene avistou o predador e congelou. Ela e o enorme gato olharam para o outro com o incômodo mútuo; o leão porque ele queria comer ovelhas, Cirene porque ela precisava fazer xixi. Ela estava de mãos vazias e duvidou que o leão daria seu tempo para buscar sua lança e espada, mas ela não estava particularmente assustada.

O leão rosnou, como se dissesse: *Para trás, garota*.

— Eu acho que não — Cirene rachou os dedos. — Se você quiser essas ovelhas, você terá que passar por mim.

O que não é uma frase heroica que você ouve com muita frequência.

O leão saltou. Cirene avançou contra ele.

Crianças, não tentem isso em casa. Os leões têm garras afiadas e presas. Os humanos não. Cirene não se importava.

Ela socou o leão na cara, em seguida, abaixou-se quando ele a atacou.



No momento em que luta estava ficando séria, as nuvens abriram sobre uma colina próxima. Cirene não notou, mas uma carruagem dourada puxada por quatro cavalos brancos descia dos céus e pousava no pico.

O deus Apolo olhou para baixo para as duas figuras minúsculas que lutavam no vale. Com sua visão divina, ele podia ver Cirene muito bem. Seu longo cabelo escuro balançava quando ela se esquivava do leão. Seus membros graciosos eram da cor do bronze lustrado na luz solar. Mesmo no meio do combate, seu rosto era bonito e calmo. Ela lembrou Apolo de uma deusa da guerra, e ele deveria saber, ele estava relacionado a várias delas.

Ele assistiu quando Cirene usou um golpe de judô para virar o leão no chão.

— Uau... — murmurou ele para si mesmo. — Não há *nada* mais atraente do que uma garota lutando contra um leão.

Talvez tenha sido uma coisa desprezível de se dizer. Por outro lado, muitos deuses teriam tentado intervir na luta. Eles teriam ficado tipo: *Ei, mocinha, você precisa de alguma ajuda com esse leão grande e mal?* Apolo podia dizer que o Cirene não precisava de ajuda. Ele cresceu com sua irmã Ártemis, então ele já estava acostumado com mulheres autossuficientes. Ele estava feliz por ser um espectador.

Cara, eu só queria poder compartilhar isso com alguém, pensou o deus. *Ei, já sei!*

A colina em que Apolo estava era perto da caverna de Quíron, o sábio centauro, que treinou todos os melhores heróis.

— Quíron com certeza vai apreciar isso!

Apolo estalou os dedos, e o centauro se materializou ao seu lado, com uma tigela de sopa em suas mãos.

— Hã, Olá... — disse Quíron.

— Cara, desculpe interromper o seu almoço — disse Apolo — mas você tem que ver isso.

Quíron olhou para onde Apolo estava apontando.

O leão atacou Cirene, abrindo uma linha de cortes sangrentos ao longo de seu braço superior. Cirene rugiu

com raiva. Ela deu um chute giratório no focinho do leão, em seguida, correu para o lado de uma árvore, deu um mortal por cima das costas do leão e pousou atrás dele, acenando com a mão tipo: *Cai dentro*.

— Ah — disse Quíron. — Isso não é algo que você vê todo dia.

— Essa garota leva jeito, né? — disse Apolo.

— Sim, eu ouvi tudo sobre Cirene — disse Quíron. — Eu gostaria de poder treiná-la.

— Então, por que você não treina? — perguntou o deus.

Quíron balançou a cabeça tristemente.

— Seu pai, Hipseu, nunca permitiria. Ele tem ideias antiquadas sobre o papel das mulheres. Enquanto Cirene permanecer entre os lápitas, temo que ela nunca chegará a seu pleno potencial.

Abaixo no vale, Cirene pegou o leão pelas pernas de trás, girou-o e jogou-o em uma pedra.

— Então — disse Apolo — o que aconteceria se, digamos, um deus se apaixonasse pela menina e a levasse para outro lugar?

Quíron puxou pensativamente sua barba.

— Se Cirene fosse levada para uma nova terra, onde as regras de seu povo não a restringissem, ela poderia se tornar tudo o que ela quisesse; uma heroína, uma rainha, a fundadora de uma grande nação.

— A namorada de um deus? — perguntou Apolo.

— Muito possivelmente — concordou Quíron. — E a mãe de muitos heróis.

Apolo assistiu enquanto Cirene fazia um mata-leão no leão. Ela estrangulou a besta até a morte, em seguida, desfilou em cima de sua carcaça, seus punhos levantados para cima em vitória.

— Até mais — disse Apolo ao centauro. Tenho uma namorada para raptar.

Cirene tinha acabado de fazer xixi e enfaixar os cortes em seu braço, quando uma carruagem dourada apareceu ao lado dela em uma enorme bola de fogo. Suas ovelhas e vacas não recuaram. Elas pensaram que era apenas mais um predador que Cirene mataria.

Apolo saiu de sua carruagem. Ele estava vestido com suas melhores vestes roxas, uma coroa de louros em sua testa. Seus olhos brilhavam como ouro derretido. Seu sorriso era cegante. Uma aura de luz cor de mel cintilava ao redor dele.

Cirene franziu a testa.

— Eu suponho que você não é daqui.

— Eu sou Apolo. Tenho-te observado, Cirene. Você é visão encantadora, um modelo de força, uma verdadeiro heroína que merece mais do que proteger ovelhas!

— Proteger ovelhas não é tão ruim. Eu consigo matar animais selvagens.

— E você faz isso bem! — disse Apolo. — Mas e se eu te levasse para uma nova terra onde você poderia fundar um reino inteiro? Você poderia governar lá como a rainha, lutar contra hordas de inimigos e também namorar um deus!

Cirene pensou nisso. Apolo era meio bonitinho. Ele era mais enfeitado do que os homens lápitas. Ele falava bonito. E aquela carruagem dourada era um carrão.

— Eu estou disposto a ir em um primeiro encontro — decidiu ela. — Vamos ver como vai ser. Que lugar você tem em mente?

Apolo sorriu.

— Já ouviu falar de África?

— Hã. Eu estava pensando mais como aquele restaurante italiano na aldeia, mas suponho que a África funciona. Posso levar os meus cães de caça?

— É claro!

— E as minhas ovelhas e as minhas vacas?

— Não há lugar na carruagem. Me desculpe. Nós vamos comprar-lhe um novo rebanho quando chegamos lá.

Cirene deu de ombros, assobiou para os cães e subiu a bordo da carruagem de Apolo. Eles traçaram um arco de

fogo pelo céu enquanto se dirigiam para a África, deixando as pobres ovelhas e vacas cuidarem de se mesmas. Felizmente, Cirene tinha matado todos os predadores dentro de um raio de oitenta quilômetros, então elas provavelmente estavam bem.

Apolo levou sua nova namorada para a costa norte da África. Eles pousaram nas terras altas do que é agora a Líbia, onde colinas eram pontilhadas com cedros, árvores de murta e loendros vermelho-sangue. Fontes borbulhavam das rochas. Córregos cristalinos passavam pelos campos de flores silvestres. À distância, a costa era bordeada com praias de areia branca. O mar azul cintilante estendia-se ao horizonte.

— Isso é melhor do que lá em casa — admitiu Cirene.

— E é todo seu! — disse Apolo.

Cirene não resistiu a ser dado seu próprio país. Ela e Apolo iniciaram um relacionamento sério. Eles caçavam juntos nas colinas, corriam ao longo das praias ao luar, e ocasionalmente, apenas por diversão, atiravam flechas em Hermes quando ele passava para entregar mensagens para os deuses. Atirar na bunda de Hermes sempre era engraçado.

Na Grécia, os oráculos de Apolo espalharam a notícia: qualquer um que queria uma nova vida comandados por uma rainha fabulosa deveria viajar para a África e se juntar à festa.

Logo uma colônia inteira de gregos floresceu naquele vale. Eles construíram uma cidade chamada Cirene, com o nome de sua rainha, obviamente. Seu maior e mais importante templo foi dedicado a Apolo, também obviamente.

A cidade de Cirene tornou-se a primeira e mais importante colônia grega na África. Durou a maior parte do Império Romano. (Eu ouvi dizer que as ruínas ainda estão lá, mas eu não estive lá. Toda vez que eu viajo em algum lugar

como esse eu tenho que lutar contra monstros e quase morrer, então eu vou deixá-lo ir e me enviarem fotos.)

Apolo e a caçadora Cirene tiveram dois filhos juntos. O mais velho foi Aristeu, o que significa *mais útil*. O garoto fez jus ao seu nome. Quando era jovem, Apolo o levou para Grécia para treinar com Quíron, o centauro. Aristeu não era muito bom com uma lança ou espada, mas ele inventou todos os tipos de habilidades importantes, como as técnicas de fabricação de queijo e apicultura, o que fez dele um verdadeiro sucesso nos mercados locais dos agricultores. Os deuses ficaram tão impressionados que acabaram tornando Aristeu uma divindade menor. Da próxima vez que estiver jogando algum jogo de perguntas e você precisar saber qual deus é o deus dos apicultores e fabricantes de queijo, você já tem a resposta. De nada.

O filho mais novo de Cirene, Idmon, cresceu para ser um vidente, já que seu pai Apolo era o deus da profecia. Infelizmente, a primeira vez que Idmon viu o futuro, ele previu sua própria morte. Esse tipo de conhecimento pode realmente atrapalhar a maioria das pessoas, mas Idmon continuou calmo. Anos depois, quando o herói Jasão estava montando uma equipe dos sonhos de semideuses para sua missão para obter o Velocino de Ouro, Idmon juntou-se, mesmo sabendo que ele iria ser morto a bordo do *Argo*. Ele não queria perder a chance de morrer como um herói. Isso sim é dedicação.

Cirene estava feliz na África. Ela gostava de ser a rainha da sua própria cidade. Mas à medida que os anos passaram, ela começou a ficar solitária. Seus cães de caça faleceram. Os filhos dela cresceram. Apolo visitou menos e menos frequentemente.

Deuses são assim. Eles se cansam facilmente de seus amores mortais. Para eles, os seres humanos são como hamsters de sala de aula. A primeira noite que você leva uma casa, você está todo animado e quer cuidar bem dele. No final do ano letivo, depois que você levou o hamsters

para casa seis vezes você já está tipo: “É a minha vez de novo? Eu tenho mesmo?”

Cirene nunca pensou que ela iria ficar com saudades da Grécia, mas ela começou a sentir falta dos bons e velhos tempos; lutar com leões, cuidar de ovelhas, ser insultada por homens lápitas peludos. Cirene decidiu que voltaria para Tessália mais uma vez para ver seus amigos de infância e ver se seu pai ainda estava vivo.

Foi uma longa jornada. Quando ela finalmente chegou lá, ela soube que seu pai tinha falecido. O novo rei dos lápitas não queria nada com ela. A maioria de seus amigos tinham se casado e nem sequer a reconheceram, ou morreram, já que os lápitas viviam uma vida muito dura.

Cirene aventurou-se nas florestas por conta própria, vagando pelos velhos caminhos onde ela costumava pastorear ovelhas. Ela perdeu os cães de caça. Ela sentiu falta de ser mais jovem. Ela se sentiu vazia e irritada, embora ela não tinha certeza com o que ela estava com raiva, e ela empurrou a ponta de sua espada no chão duro.

— Isso vai cegar sua lâmina — disse uma voz por cima seu ombro.

Em pé bem ao lado dela estava um homem forte em uma armadura de combate. Ele segurava uma lança sangrenta, como se ele tivesse acabado de dar uma pausa em um massacre para tomar um café. Seu rosto era bonito como uma montanha; esculpido e implacável, majestoso e potencialmente letal. Pintado em seu peitoral estava um javali selvagem.

— Você é Ares — disse Cirene.

O deus da guerra sorriu. Os olhos dele queimavam como piras funerárias em miniatura.

— Você não está com medo? Posso ver por que Apolo gosta de você. Mas o que você está fazendo com um menino bonito como o Senhor Poesia? Você é uma guerreira. Você precisa de um homem de verdade.

— Ah, eu preciso?

Cirene arrancou sua espada do chão. Ela não estava assustada. Ela cresceu nessas terras duras, cercada por soldados. Ela conhecia Ares. Ele representava toda a sua infância, tudo o que ela tinha jogado para longe quando Apolo a levou. Ela não tinha certeza se odiava o deus da guerra ou o amava.

— Eu suponho que você vai me impressionar? — rosnou Cirene. — Você vai me levar para alguma terra estrangeira e fazer-me uma rainha?

Ares riu.

— Não. Mas se você está procurando se lembrar de onde você veio... Eu sou o seu cara. Você não pode escapar de suas raízes, Cirene. Você tem a matança em seu sangue.

Com um grito gutural, Cirene atacou o deus da guerra. Eles lutaram de um lado para o outro na montanha, tentando o seu melhor para cortar a cabeça um do outro fora. Cirene aguentou o combate. Ares riu e gritou encorajamento. Finalmente, exausta, Cirene jogou sua espada. Ela socou Ares no peito. Ele abraçou-a com delicadeza surpreendente. Em seguida, eles se beijaram ao invés de lutar.

Eu chamo isso de uma decisão errada. Na minha opinião, cortar a cabeça de Ares é sempre a melhor escolha. Mas Cirene estava vulnerável e solitária. Ela estava a fim de algo diferente, e Ares é tão diferente de Apolo quanto possível.

Cirene permaneceu com o deus da guerra por muitos meses. Juntos, eles tiveram um filho chamado Diomedes, que se tornou o rei da Trácia, um país ainda mais ao norte e duas vezes mais cruel que Tessália. Ares era o deus patrono dos trácios, por isso não é surpresa que eles tornaram Diomedes seu rei.

O cara era um verdadeiro amor. Quando ele não estava travando guerras ou torturando camponeses, ele criava cavalos que comiam carne humana. Toda vez que ele tinha prisioneiros ou convidados que ele não gostava, ele os jogava nos estábulos... até que um cara chamado Hércules

acabou com isso. Vamos chegar a ele em mais alguns capítulos.

Eventualmente Cirene se cansou do norte selvagem. Ela retornou à sua cidade na costa africana e encontrou Apolo esperando por ela na colina onde eles pousaram pela primeira vez em sua carruagem, muitos anos atrás.

O deus sorriu, mas seus olhos dourados estavam tristes e distantes.

— Teve um bom tempo na Trácia?

— Hã, escute, Apolo...

O deus levantou as palmas das mãos.

— Não me deve explicações. Eu não fui tão atencioso quanto deveria ter sido. A tirei de sua terra natal e depois te deixei. Não foi culpa sua. Mas temo que o nosso tempo juntos está acabando, Cirene.

— Eu sei.

Cirene sentiu-se aliviada. Ela tinha três filhos semideuses com dois deuses diferentes. Ela tinha feito mais em sua vida do que a maioria das pessoas jamais fizeram, certamente mais do que a maioria das mulheres de sua época. Ela estava pronta para um pouco de paz e sossego.

— Onde você quer viver? — perguntou Apolo. — Tessália ou aqui?

Cirene olhou para as encostas pontilhadas com murtas e loendros, os prados verdes, praias brancas e mar azul brilhante. Os colonos gregos estavam ocupados levantando novos templos para os deuses na cidade que levava o seu nome.

— Eu pertenço aqui — disse ela.

Apolo assentiu.

— Então eu tenho mais um presente para você. Ares estava errado; suas raízes estão onde quer que você decida que devem estar. Vou ligá-la a esta terra para sempre. Seu espírito permanecerá sempre.

Cirene não tinha certeza sobre essa coisa de "ligada para sempre", mas Apolo agitou sua mão e foi feito. Uma ondulação de calor passou pelo corpo de Cirene. Sua visão

esclareceu como se alguém tivesse finalmente dado a ela a receita certa para óculos. De repente, o mundo estava em maior definição. Ela podia ver espíritos do vento voando no céu, e dríades dançando entre as árvores, fazendo a floresta uma tapeçaria de luz verde e sombras. As flores silvestres tinham um cheiro mais doce. O chão parecia mais sólido sob os pés dela. O borbulhar dos córregos tornou-se um coro de vozes claras e bonitas.

— O que você fez? — perguntou Cirene, mais espantada do que assustada.

Apolo beijou a testa.

— Eu te tornei uma náíade. Seu bisavô era Oceano. Seu avô era um deus do rio. Você sempre foi parte espírito da água. Agora sua essência está ligada aos rios deste vale. Você vai viver muito mais do que qualquer mortal. Você vai desfrutar de paz e boa saúde. Enquanto este vale prosperar, você também irá. Adeus, Cirene. E obrigado pelas memórias.

Não sei o que Cirene pensou sobre isso. Eu nem sabia que era possível transformar um mortal em um espírito da natureza, mas os deuses são cheios de surpresas.

Como Apolo prometeu, Cirene viveu por muito tempo. Eventualmente, ela deixou sua colônia grega e viveu em tempo integral no rio com as outras náíades, embora ocasionalmente ela iria subir para oferecer conselhos para seus amigos e familiares. Uma vez, quando seu filho Aristeu perdeu todas as suas abelhas, ela o ajudou a encontrá-las novamente... Mas isso é uma história totalmente diferente. Talvez nós cobrimos isso em *Percy Jackson e os Deuses Realmente Menores*.

(Estou brincando, pessoal. Por favor, não dê mais ideias ao editor.)

Ninguém sabe se Cirene eventualmente desapareceu e morreu, ou se ela ainda está por aí em algum riacho perto das ruínas de sua velha cidade. Mas eu tenho que a admirar. Qualquer um que possa sobreviver a dois relacionamentos divinos e sair sã é mais forte que a maioria dos heróis.

Cirene foi capaz de se reinventar várias vezes. Ela abraçou seu novo país e sua nova vida, e depois daquela viagem para Trácia ela nunca mais olhou para trás.

É preciso coragem. Olhar para trás pode ser mortal.

Pergunte ao Orfeu.

Ah, espera. Você não pode. Ele foi decapitado.

Quer saber como? Claro que você quer. Deixe-me falar sobre o maior músico do mundo e como ele estragou tudo.

ORFEU TOCA UM SOLO



A BOA E VELHA TRÁCIA, meu deserto pós-apocalíptico favorito, onde a vida era cruel, os sacerdotes faziam sacrifícios de sangue para Ares, e reis que criavam cavalos que comiam carne humana! Soa como o tipo de lugar onde um jovem rapaz se tornaria um tocador de harpa, certo?

Foi onde Orfeu nasceu. Claro, os Beatles eram de Liverpool e Jay-Z era de uma comunidade no Brooklyn, então eu acho que a música pode vir de lugares imprevisíveis.

A forma como os pais de Orfeu se conheceram... isso foi algo ainda mais imprevisível.

O pai dele era um rei trácio chamado Éagro. Quando Éagro era jovem e solteiro, ele gostava de festejar e cantar tanto quanto gostava de lutar. Então, quando o deus do vinho Dioniso e seu exército bêbado passaram pela cidade em seu caminho para invadir a Índia, Éagro acolheu-os de braços abertos e um copo que precisava de reabastecimento.

— Você está invadindo um país estrangeiro sem nenhuma razão específica? — perguntou Éagro. — Eu estou totalmente dentro!

Éagro reuniu seus homens e se juntou à expedição do deus do vinho.

No início, tudo era arco-íris e vinho. Éagro se saiu muito bem com os seguidores do cara do vinho, especialmente as Mênades, ninfas enlouquecidas que gostavam de rasgar seus inimigos com suas próprias mãos. Um trácio poderia apreciar isso!

Todas as noites na fogueira, Éagro bebia com os Mênades e cantava músicas trácias. O cara tinha uma voz incrível. Quando ele cantava uma melodia triste, ele deixava seus ouvintes em lágrimas. Quando ele cantava uma música animada, todo mundo dançava. Na verdade, ele cantava tão bem que atraiu a atenção de uma musa.

(Meu irmão Tyson está aqui. Ele pensou achou eu tivesse dito *Medusa*. Não, Tyson, o cara na história não atraiu a atenção da Medusa. Tyson não está mais com medo.)

As nove Musas eram irmãs imortais que supervisionavam artes diferentes, como canto, teatro... hã. charadas, dubstep, sapateado e talvez outras coisas que eu esqueci. Calíope, a musa mais velha, era responsável pela poesia épica. Ela guiou escritores que estavam contando histórias

sobre heróis e batalhas e... quer saber de uma coisa? Eu acabei de perceber que eu deveria ter feito um sacrifício para ela antes de eu começar a escrever este livro. É totalmente o território dela.

Oops. Foi mal, pessoal. Este livro não é oficialmente apoiado pela musa certa. Se explodir em suas mãos, erro meu.

Enfim, como todas as musas, Calíope tinha um fraquinho por música. De seu apartamento no Monte Olimpo, ela ouviu Éagro cantando enquanto marchava para o leste com o exército do deus do vinho. Calíope ficou tão fascinada que ela voou para baixo invisível para verificar este guerreiro bêbado com a bela voz.

— Uau, que cantor! — suspirou Calíope.

Mesmo sem treinamento adequado, Éagro tinha um talento natural. Ele cantava com tanta emoção e confiança. Ele também não era feio. Enquanto o exército marchava, Calíope o seguia, circulando invisível por cima de suas cabeças como uma grande gaivota furtiva, só para que ela pudesse ouvir Éagro cantar todas as noites.

Finalmente Dioniso chegou na Índia. Se você leu meu outro livro, *Deuses Gregos*, você sabe que sua invasão não deu muito certo. Os gregos cruzaram o Rio Ganges e tiveram seus traseiros chutados por um bando de homens indianos cuspidores de fogo. No pânico da retirada, Éagro correu para o Ganges. Mas ele esqueceu um pequeno detalhe: ele não sabia nadar.

Hordas de guerreiros bêbados e Mênades pisotearam-no enquanto eles tentavam fugir. Éagro teria se afogado se Calíope não estivesse vendo. Assim que ele foi para baixo, ela mergulhou no rio. De alguma forma, ela o jogou sobre os ombros e levou-o para a margem oposta. Isso deve ter parecido muito estranho, uma mulher encantadora em vestes brancas surgindo do Ganges com um grande guerreiro trácio peludo em seus ombros.

O exército de Dioniso marchou de volta para a Grécia desanimados, mas Calíope e Éagro tiveram um tempo

maravilhoso. Durante a jornada, eles se apaixonaram. Quando os trácios chegaram em casa, Calíope tinha dado à luz um filho semideus chamado Orfeu.

O menino cresceu em Trácia, que não era um lugar fácil para um músico jovem sensível. Seu pai perdeu o interesse nele quando ele percebeu que Orfeu nunca seria um guerreiro. Se você dava um arco para o garoto, ele faria uma melodia na corda. Se você lhe desse uma espada, ele largava e gritava: “Eu odeio pontas afiadas!” As outras crianças brincavam, intimidavam e evitavam Orfeu... até que ele aprendeu a usar sua música como uma defesa. Ele gradualmente percebeu que seu canto poderia fazer o valentão mais violento chorar. Ele poderia escapar de uma surra tocando sua flauta de bambu. Seus atacantes ficariam lá, encantados, e deixariam Orfeu ir embora.

Todo fim de semana, sua mãe, Calíope, o levava para aulas de música com as outras musas. Orfeu vivia para essas visitas. Suas tias imortais lhe ensinaram tudo o que sabiam sobre a música, que era basicamente tudo.

Em pouco tempo, o garoto superou suas professoras. Orfeu tinha a delicadeza e a habilidade divina de sua mãe. Ele tinha o talento puro e o nervosismo mortal do pai. As musas nunca ouviram uma voz tão bonita.

Eles deram a Orfeu um monte de instrumentos diferentes para tentar: uma bateria completa, uma trompa francesa, uma guitarra. Orfeu se destacou em todos eles. Então um dia ele encontrou o instrumento que o tornaria famoso. O único problema: pertencia a um deus.

Um fim de semana, Apolo visitou as nove musas para obter a sua opinião em seu novo musical, *Vinte e cinco coisas impressionantes sobre mim (uma sequência de Vinte coisas impressionantes sobre mim)*.

Apolo tocou-lhes algumas canções em sua lira, enquanto Orfeu estava sentado no canto da sala, ouvindo em espanto. Ele nunca tinha ouvido uma lira antes. Nenhum

mortal tinha. Naquela época, Apolo tinha a única que existia. Hermes tinha inventado a partir de uma casca de tartaruga, dois gravetos e alguns tendões de ovelha, porque Hermes era um chefe. Ele deu a Apolo para evitar o tempo de prisão para o roubo de gado (longa história), e a lira tornou-se o bem mais valioso de Apolo.

Depois de algumas canções, Apolo abaixou seu instrumento e reuniu as nove musas ao redor de um piano no outro lado da sala. Enquanto eles estavam discutindo profundamente, tentando descobrir a harmonia de nove partes para o grande final, Orfeu caminhou até a lira.

Ele não conseguia se conter. Ele pegou o instrumento e tocou um acorde.

Apolo correu até ele. Seus olhos brilhavam de raiva. As nove musas mergulharam para se protegerem, porque *ninguém* pega os brinquedos de um deus sem permissão.

Apenas duas coisas impediram Apolo de transformar o garoto em cinzas. Primeiro, Orfeu estava segurando a lira. Apolo não queria danificá-la. Em segundo lugar, Orfeu tocou a canção mais incrível que Apolo já tinha ouvido.

O menino tocava lira como se fosse parte de seu próprio corpo. Seus dedos atravessavam as cordas, tocando melodias e contra melodias impossivelmente belas. As nove musas choraram de alegria. A raiva de Apolo evaporou.

A música de Orfeu estava cheia de dor mortal e tristeza. Nenhum deus poderia ter feito música tão pura. Apolo apreciou isso. Duas vezes, Zeus tinha punido Apolo, transformando-o temporariamente em humano. Apolo lembrou o quão difícil que tinha sido, o seu espírito divino preso em um corpo frágil de carne. A música de Orfeu capturou a sensação perfeitamente.

Orfeu terminou sua música. Ele olhou timidamente para Apolo.

— Sinto muito, meu senhor. Eu... eu não pude me conter. Você pode me matar agora. Eu toquei a lira. Minha vida está completa.

Ele se ajoelhou e ofereceu o instrumento ao deus.

Apolo balançou a cabeça.

— Não, meu rapaz. Fique com a lira. Eu vou fazer outra.

Os olhos de Orfeu se arregalaram.

— Sério?

— Você merece. Pegue a lira. Faça música cruzar toda a terra. Ensinar outros a tocar. Só me faça um favor. Não os ensine “Stairway to Heaven”, ok? Eu estou realmente cansado dessa música.

Orfeu curvou-se, ajoelhou-se e agradeceu ao deus. Ele fez exatamente o que a Apolo pediu. Ele viajou o mundo ensinando os outros a fazer liras e tocá-las lindamente. Ele colecionou canções de todas as terras. Ele até viajou para o Egito, onde acrescentou a música daquele antigo país ao seu repertório. Ele aperfeiçoou a sua própria habilidade de tocar e cantar. E sempre que ele encontrava alguém tentando aprender “Stairway to Heaven”, ele pegava o seu instrumento e esmagava-o contra uma parede.

Orfeu tornou-se tão talentoso que sua música poderia paralisar cidades inteiras. Ele andava por um mercado tocando sua lira, e todos congelariam. Os comerciantes parariam de vender. Ladrões parariam de roubar. As galinhas paravam de cacarejar, e os bebês paravam de chorar. Multidões de pessoas o seguiriam para fora da cidade só para ouvi-lo tocar. Eles andavam atrás dele por centenas de quilômetros até que finalmente eles olham ao redor em um transe e pensariam: *Eu moro no Egito. O que estou fazendo em Jerusalém?*

Orfeu só ficava melhor. Animais selvagens eram inúteis contra a sua música. Quando ele caminhava por uma floresta, os leões se reuniam ao redor e rolava para que ele acariciasse suas barrigas enquanto ele cantava. Lobos esfregavam em suas pernas e abanavam suas caudas quando ele tocava aquela música que eles gostavam, “Hungry Like the Wolf”. Aves reuniam-se silenciosamente nas árvores, ouvindo Orfeu tocando, esperando que eles pudessem pegar algumas dicas para melhorar o seu canto.

Finalmente, a música de Orfeu tornou-se tão poderosa que poderia até afetar o meio ambiente. Árvores se movimentavam-se pela terra, arrastando suas raízes como caranguejos, para que pudessem se aproximar da lira de Orfeu. Rochedos choravam quando ele cantava. Rolling Stones seguiu-o pela estrada. (Provavelmente os Rolling Stones, também, porque esses caras parecem velhos o suficiente para ter conhecido Orfeu.) Rios paravam seu curso para ouvi-lo. Nuvens ancoravam-se para que pudessem sangrar pelo nariz nasal em seus shows.

Nada no mundo inteiro resistia a Orfeu. Sua música era como a gravidade de um sol, tudo rodeando em torno dele.

Quando ele não estava ensinando música, ele fez um monte de coisas heroicas. Por exemplo, ele navegou a bordo do *Argo*, mas nós vamos chegar a isso no capítulo sobre Jasão. Fiquem sintonizados.

(Entenderam? *Música?* Fiquem *sintonizados?* Bem, Tyson achou engraçado.)

Orfeu tornou-se tão famoso que não podia ir a lugar nenhum sem atrair uma multidão de fãs. Ele cantava, e os corações derretiam. Ele ganhou prêmios. Ele recebeu propostas de casamento de todo lugar, e tantas visualizações em seu canal do YouTube que o site caiu. Ele era maior do que Elvis, maior do que Bieber, maior do que *Insira o nome de qualquer Boy Band popular desta semana*. (Desculpe, eu não acompanho.)

Só para escapar de sua própria fama, Orfeu voltou para casa para Trácia, porque as pessoas lá não se importavam com ele. Engraçado como isso funciona. Não importa o quanto importante você fique no mundo, as pessoas com quem você cresceu ainda estão meio que: *É, tanto faz*.

— Oi, pai — disse Orfeu. — Eu tive que voltar para casa para fugir de meus milhões de fãs.

— Fãs? — resmungou seu pai. — Por que você tem fãs?

— Bem, minha música pode parar rios e fazer as árvores se moverem, e uma vez uma cidade inteira cheia de

peessoas me seguiu por várias centenas de quilômetros para me ouvir tocar.

— Besteira — O pai dele fez uma careta. — Você ainda não pode segurar uma espada corretamente.

Enquanto na Trácia, Orfeu passou a maior parte de seu tempo com os seguidores de Dioniso, já que pelo menos eles apreciavam boa música. Orfeu ajudou a organizar os mistérios dionisiacos, que foi um grande festival espiritual com muito vinho, música e teatro em homenagem ao deus. Não que Dioniso precisasse de mais drama, mas acho que a música foi uma boa adição.

Mas, mesmo na Trácia, Orfeu tinha fãs enlouquecidos. Durante os festivais, as Mênades ficaram bêbadas e começaram a flertar com ele. Já que Orfeu só se importava com sua música, ele não responderia, e as Mênades ficariam zangadas. Algumas vezes eles chegaram perto despedaçá-lo.

Sua mãe, Calíope, decidiu que, para sua própria segurança, Orfeu deveria se casar. Talvez isso fizesse seus fãs se afastarem. Ela conversou com Apolo, que por acaso tinha uma filha semideusa jovem qualificada chamada Eurídice.

Calíope conseguiu um passe de bastidores para Eurídice no próximo concerto de Orfeu. Os dois se conheceram e foi amor à primeira vista... ou pelo menos no começo. Como filha de Apolo, Eurídice tinha música em seu sangue. Ela entendeu Orfeu imediatamente. Eles conversaram durante todo o intervalo no vestiário de Orfeu. Após sua última música, Orfeu levou Eurídice ao palco e anunciou que eles estavam se casando.

Seus fãs lamentaram e arrancaram os cabelos, mas Eurídice parecia tão bonita e Orfeu parecia tão feliz que a multidão graciosamente se segurou de correr para o palco. Por semanas, a mídia se animou sobre o quão bonito o casal bonito era, embora ninguém poderia decidir qual deveria ser o seu nome de casal. *Ordice? Eurífeu?*

Seu casamento foi frequentado por todas as pessoas e deuses bonitos. As nove Musas forneceram a música. Apolo oficializou. Dioniso era o garoto das flores. Ok. Eu posso estar inventando isso.)

Himeneu, o deus das cerimônias de casamento, apareceu pessoalmente para liderar a procissão, embora, estranhamente, ele chorou quando levou a noiva para o altar. Suas roupas eram pretas fúnebres. Sua tocha sagrada era suposta para queimar alegremente, mas só estalava e soltava fumaça. Os convidados perguntaram sobre isso. Era um mau sinal para o casamento vir, mas todo mundo estava com medo de perguntar a ele sobre isso.

Quanto a Orfeu e Eurídice, eles estavam muito apaixonados para notar. Na recepção, o noivo cantou tão suavemente para sua noiva que toda a plateia caiu em lágrimas.

Deviam ter tido a lua de mel mais romântica de todas. Infelizmente, um perseguidor arruinou tudo. Você provavelmente acha que quero dizer um perseguidor de Orfeu, mas não. Acontece que sua esposa tinha seu próprio fã enlouquecido.

Durante anos, um deus menor chamado Aristeu estava tentando ganhar a atenção de Eurídice. Talvez você se lembre de Aristeu do último capítulo, filho de Cirene? Se não, não se preocupe com isso. Ele era o deus da apicultura e dos fabricantes de queijo. Não é propriamente um jogador importante.

Enfim, ele tinha uma grande paixão por Eurídice, mas ela não sabia que ele existia. Aristeu enlouqueceu de desespero quando Eurídice se casou com Orfeu. Eurídice estava cometendo um erro terrível! Por que ela se casaria com o melhor músico do mundo quando poderia se casar com um deus do queijo? Aristeu tinha que fazê-la ver a razão.

Uma tarde durante a lua de mel, Eurídice e Orfeu estavam relaxando em uma bela campina na floresta. Orfeu decidiu

tocar sua lira por um tempo, porque até mesmo gênios musicais precisam praticar, então Eurídice foi passear sozinha.

Grande erro.

Aristeu a seguiu, escondendo-se nos arbustos. Ele esperou até Eurídice estar a oitocentos metros da campina. Então ele pulou na frente dela e gritou:

— Case comigo!

O que Aristeu estava pensando? Suponho que seu único modelo para as mulheres era sua mãe, Cirene, e ela não era exatamente o tipo romântico. Ela ganhou o carinho de seu primeiro marido matando um leão. Ela ganhou o segundo marido tentando cortar a cabeça dele. Talvez Aristeu tenha pensado que se ele agisse agressivo, Eurídice finalmente o notasse.

Ela notou ele, tudo bem. Ela gritou e fugiu.

Nove em cada dez vezes, se alguém pular em você e gritar “Case comigo!” é uma excelente ideia fugir e gritar por socorro. Neste caso, no entanto, Eurídice teria sido mais esperta se socasse Aristeu na cara. Afinal, ele era um deus do queijo. Ele provavelmente teria chorado e fugido.

Eurídice entrou em pânico. Ela não viu para onde ia. Ela tropeçou em uma grama alta caindo direto em um ninho de cobras venenosas. Uma víbora afundou suas presas em seu tornozelo, e a jovem noiva imediatamente caiu.

Quando Aristeu a pegou, ela estava ficando azul. Ele viu uma das víboras escorregando afastando, o tipo mais letal de cobra em toda a Grécia. Seu veneno já estava no coração de Eurídice.

— Ah, pelas bundas de abelhas — murmurou Aristeu.

Ele não era um deus muito poderoso. Talvez ele pudesse tê-la salvado, transformando-a numa abelha, rainha ou numa bela fatia de queijo, mas antes que ele pudesse agir, ele ouviu Orfeu chamando o nome dela. O músico deve ter ouvido seus gritos.

Aristeu não queria assumir a culpa pela morte de Eurídice. Ninguém jamais compraria seu mel ou queijo no mercado

dos agricultores novamente! Ele fez a coisa covarde e correu.

Orfeu tropeçou no corpo de sua amada. O coração dele quebrou. Ele a segurou e chorou. Ele tentou cantar para trazê-la volta à vida. Quando isso não funcionou, ele implorou para as víboras, que se reuniram ao som de sua voz, para mordê-lo para que ele pudesse seguir sua esposa para o Mundo Inferior. As cobras apenas olharam para ele: *Não, nós gostamos de você. Você canta bem.*

Em transe, Orfeu enterrou Eurídice na campina, onde eles compartilharam seus últimos momentos alegres. Então Orfeu pegou sua lira e vagou sem rumo, derramando sua tristeza em sua música.

Durante dias ele tocava canções de sofrimento insuportável. Pense no momento mais triste que já experimentou. Agora imagine que essa tristeza multiplicada por cem vezes. Isso é como a música de Orfeu o faria sentir quando você a ouvisse.

Cidades inteiras choraram. As árvores escorreram lágrimas de seiva. Nuvens soltaram enxurradas de chuva de água salgada. No Monte Olimpo, Ares chorou no ombro de Hefesto. Afrodite e Atena sentaram-se no sofá juntos, em seus pijamas, comendo sem parar sorvete de chocolate e chorando. Héstitia correu ao redor da sala do trono oferecendo lenços para todos.

Orfeu tocou mais longo e mais triste solo da história da música. Enquanto ele continuava, ninguém poderia fazer nada. O mundo inteiro lamentava, mas mesmo isso não era suficiente para o músico.

— A morte de Eurídice não foi *justa*. Eu vou para o Mundo Inferior — decidiu Orfeu.

Quando alguém que você ama morre, é uma coisa difícil de superar. Acredite em mim, eu perdi alguns bons amigos. Ainda assim... a maioria de nós aprende a continuar. A maioria de nós não tem escolha.

Orfeu não podia deixar Eurídice ir. Ele tinha que trazê-la de volta dos mortos. Ele não se importava com as

consequências.

Talvez você esteja pensando: *Má ideia. Isto não terminará bem.*

Você está certo.

Por outro lado, entendo como Orfeu se sentiu. Eu quase perdi a minha namorada mais vezes do que eu gostaria pensar. Se ela morresse, faria tudo para trazê-la de volta. Eu agarraria a minha espada, marcharia para o palácio de Hades e... E eu provavelmente iria agir tão imprudentemente quanto Orfeu agiu, só que eu não estaria cantando. Eu não canto.

O Mundo Inferior tem muitas entradas; fissuras na terra, rios que desaguam no subsolo, os banheiros na Estação Penn. Uma ninfa da floresta chorando orientou Orfeu a um grande grupo de pedregulhos que ocultava um túnel para o reino de Hades. Orfeu tocou sua lira e as rochas se dividiram, revelando um caminho íngreme para a terra.

Ele desceu para a escuridão, tocando tão suavemente que nenhum fantasma ou daímon se atreveu a detê-lo. Finalmente, ele chegou nas margens do Rio Estige, onde o barqueiro Caronte estava carregando os recém-mortos a bordo de sua balsa.

— Oi! — disse Caronte para ele. — Sai fora, mortal! Você não pode estar aqui!

Orfeu tocou uma versão de perfurar a alma de “Daydream Believer”.

Caronte caiu de joelhos.

— Isso... essa era *a nossa* canção! Eu era um daímon adolescente sonhador. Ela era uma garota zumbi legal. Nós, nós... — Ele caiu em lágrimas. — Tudo bem! — O barqueiro limpou os olhos. — Suba a bordo! Eu não posso resistir a sua música horivelmente triste.

Enquanto eles cruzavam o Rio Estige, Orfeu tocou músicas tão triste que algumas das almas mortas escolheram saltar no rio e se dissolverem. Talvez não gostavam de músicas antigas.



Nas portas de Érebo, Orfeu dedilhou um acorde e os portões de ferro se abriram, tremendo em suas dobradiças diante do poder de sua lira. O cão de guarda gigante de três cabeças, Cérbero, agachou e rosnou, pronto para rasgar o mortal intruso.

Orfeu cantou a canção tema de *O Meu Melhor Companheiro*. Cérbero uivou e rolou, choramingando. Orfeu passou pelos portões.

Ele viajou pelos Campos dos Asfódelos, acordando os espíritos com sua música. Normalmente eram sombras cinzas que não se lembravam de seus próprios nomes, mas as canções de Orfeu trouxeram lembranças do mundo mortal. Por alguns instantes, eles tomaram formas e cores humanas novamente. Eles choram lágrimas de alegria.

O som da lira alcançou os Campos de Punição. As três fúrias, as mais torturadoras mais cruéis de Hades, esqueceram-se dos seus deveres. Elas se sentaram em um círculo e choraram, em seguida, tiveram uma sessão de terapia em grupo onde elas compartilharam seus sentimentos e elogiaram os chicotes flamejantes e as asas de morcego umas das outras. Enquanto isso, as almas condenadas se aliviaram. Sísifo sentou-se em sua colina, esquecendo sua pedra. Tântalo poderia finalmente chegou na comida e bebida, mas ele estava muito ocupado ouvindo a música para notar. Os caras nos aparelhos de tortura estavam tipo:

— Com licença? Eu não deveria estar sendo esfolado vivo aqui? Olá, alguém?

Orfeu tocou até o Palácio de Hades. Os guardas zumbis fortemente armados não tentaram impedi-lo. Seguiram-no através dos corredores, grunhindo enquanto tentavam lembrar de como chorar.

Na sala do trono, o rei e a rainha dos mortos estavam almoçando. Hades usava um babador amarela por cima de suas vestes escuras. Pedacos de concha de crustáceos cobriam os degraus em torno de seu trono esquelético. Perséfone mordiscava uma salada subterrânea luminosa

feita do jardim do palácio. Seu vestido era amarelo e cinzento, como o sol por trás das nuvens de inverno. Seu trono era tecido dos ramos nus de uma árvore de romã.

Quando o intruso se aproximou do seu trono, Hades levantou-se.

— O que significa isso? Guardas, destruam este mortal!

Mas era difícil parecer ameaçador com manteiga pingando pelo queixo e uma lagosta de desenho animado em seu babador.

Orfeu tocou um número de Duke Ellington, “Stalking Monsters”.

A mandíbula de Hades caiu. Ele afundou de volta ao seu trono.

— Ah! — aplaudiu Perséfone. — Querido, é a nossa música!

Hades nunca tinha ouvido Duke Ellington ser tocado tão lindamente, tão puro, doloroso e verdadeiro, como se este músico mortal tivesse destilado a vida de Hades, com toda a sua tristeza e decepção, toda a sua escuridão e solidão, e transformou-a em música. O deus viu-se chorando. Ele não queria que a música parasse.

Eventualmente, a canção de Orfeu terminou. Os zumbis secaram os olhos. Os fantasmas suspiraram nas janelas da sala do trono.

O senhor do Mundo Inferior se acalmou.

— O que... o que você quer, mortal? — Sua voz estava frágil com emoção. — Por que você trouxe essa música dolorosa para os meus salões?

Orfeu curvou-se.

— Senhor Hades, eu sou Orfeu. Não estou aqui como turista. Eu não quero atrapalhar seu reino, mas minha esposa, Eurídice, morreu recentemente antes de seu tempo. Não posso continuar sem ela. Eu vim para implorar por sua vida.

Hades suspirou. Ele tirou o babador e colocou-o em seu prato.

— Uma música tão extraordinária, mas um pedido tão previsível. Jovem, se eu devolvi almas cada vez que alguém rezasse para que isso acontecesse, meus salões estariam vazios. Eu ficaria sem emprego. Todos os mortais morrem. Isso não é negociável.

— Eu entendo — disse Orfeu. — Você possuirá as nossas almas eventualmente. Estou bem com isso. Mas não tão cedo! Perdi minha alma gêmea depois de menos de um mês que estávamos juntos. Eu tentei suportar a dor, mas eu simplesmente não consigo. O amor é um poder ainda maior que a morte. *Devo* levar minha esposa de volta ao mundo mortal. Ou isso ou me mate, então minha alma poderá ficar aqui com ela.

Hades franziu a testa.

— Bem, matar você eu poderia providenciar...

— Marido — Perséfone bateu no braço de Hades. — Isso é tão fofo, tão romântico. Não se lembra de tudo que você passou para ganhar meu amor? Você também não exatamente é de obedecer às regras.

O rosto de Hades ficou vermelho. A mulher dele tinha razão. Hades sequestrou Perséfone e causou uma fome mundial em seu impasse com sua mãe, Deméter. Hades poderia ser muito gentil e romântico quando queria.

— Sim, minha querida — disse ele. — Mas...

— Por favor — disse Perséfone. — Pelo menos dê a Orfeu uma chance de provar seu amor.

Hades não conseguia resistir quando olhava para ele com aqueles grandes olhos lindos.

— Muito bem, minha romãzinha. — Ele olhou para Orfeu.

— Vou permitir que volte ao mundo mortal com a sua mulher.

Pela primeira vez em dias, Orfeu sentiu vontade de tocar uma melodia alegre.

— Obrigado, meu senhor!

— Mas há uma condição importante — disse Hades. — Você afirma que seu amor é mais poderoso do que a morte. Agora você deve prová-lo. Eu permitirei que o espírito da

sua esposa o siga do Mundo Inferior, mas você deve ter fé que ela está viajando em seus passos. A força do seu amor deve ser suficiente para guiá-la. Não vire para olhar para ela até que você tenha atingido a superfície. Se você pelo menos dê uma olhadinha para trás antes que ela estiver totalmente banhada pela luz do mundo mortal, você vai perdê-la novamente... e desta vez para sempre.

A garganta de Orfeu ficou seca. Ele escaneou a sala do trono, na esperança de ver algum sinal do espírito de sua esposa, mas ele viu apenas os rostos de guardas zumbis murchos.

— Eu... eu entendi — disse ele.

— Então vá — ordenou Hades. — E nenhuma música no caminho de volta, por favor. Você está nos impedindo de fazer o nosso trabalho aqui em baixo.

Orfeu saiu do palácio e refez seus passos pelos Campos dos Asfódelos. Sem sua música para se concentrar, ele percebeu o quão aterrorizante era o Mundo Inferior. Fantasmas sussurravam e conversavam ao redor dele. Eles escovavam suas mãos frias e espectrais em seus braços e rosto, implorando por um bis.

Seus dedos tremiam. As pernas dele estavam bambas.

Ele não conseguia dizer se Eurídice estava atrás dele. E se ela se tivesse perdido na multidão? E se Hades estivesse pregando algum tipo de piada cruel? Ao entrar no Mundo Inferior, Orfeu tinha sido consumido pela tristeza. Agora ele tinha esperança. Ele tinha algo a perder. Isso era muito mais assustador.

Nas portas do Mundo Inferior, Cérbero abanou a cauda e choramingou por outra versão de *O Meu Melhor Companheiro*. Orfeu continuou andando. Nas margens do Estige, ele pensou que tivesse ouvido passos suaves na areia preta atrás dele, mas ele não podia ter certeza.

O barqueiro Caronte esperava em seu barco.

— Eu não costumo levar os passageiros para o outro lado — disse ele, inclinando-se em seu remo. — Mas o patrão disse que está bem.

— Minha... minha esposa está atrás de mim? — perguntou Orfeu. — Ela está?

Caronte sorriu cuidadosamente.

— Dizer seria trapaça. Todos a bordo.

Orfeu ficou na proa. Tensão rastejou em suas costas como um exército de formigas, mas ele manteve os olhos fixos na água escura, enquanto Caronte remava, cantarolando “Daydream Believer” até que chegaram ao outro lado.

Orfeu subiu o túnel íngreme em direção ao mundo mortal. Seus passos ecoaram. Uma vez, ele ouviu um som como um pequeno suspiro atrás dele, mas poderia ter sido a sua imaginação. E esse cheiro de madressilva... era o perfume da Eurídice? Seu coração doía para ter certeza. Ela podia estar bem atrás dele, pedindo sua ajuda... o pensamento era tanto animador como agonizante. Foi preciso toda sua força de vontade para não olhar.

Finalmente viu o brilho morno da luz do dia na entrada do túnel acima.

Só mais alguns passos, disse ele a si mesmo. Continuem andando. Deixe-a se juntar a mim na luz do sol.

Mas sua força de vontade desmoronou. A voz de Hades ecoou em seus ouvidos. *Você deve ter fé. A força do seu amor deve ser suficiente.*

Orfeu parou. Ele nunca confiou em sua própria força. Ele cresceu com seu pai constantemente o criticando, chamando-o de fraco. Se não fosse por sua música, Orfeu teria sido *ninguém*. Eurídice não teria se apaixonado por ele. Hades não teria concordado em mandá-la de volta.

Como poderia Orfeu ter certeza de que seu amor era suficiente? Como ele poderia ter fé em qualquer coisa além de sua música?

Ele esperou, esperando ouvir outro suspiro atrás dele, na esperança de pegar outro cheiro de perfume de madressilva.

— Eurídice? — chamou ele.

Sem resposta.

Ele sentiu-se completamente sozinho.

Ele imaginou Hades e Perséfone rindo de sua tolice em cair na sua pegadinha.

— *Ah, deuses! Hades diria. Ele realmente caiu nessa? Que idiota! Pode me passar outra lagosta?*

E se o espírito de Eurídice nunca tivesse estado lá? Ou pior, e se ela estivesse atrás dele agora mesmo, implorando por sua ajuda? Ela podia precisar de sua orientação para voltar ao mundo. Ele podia entrar na luz do sol e olhar para trás, apenas para vê-la se afastar dele quando o túnel para o Mundo Inferior fechasse para sempre. Isso parecia ser o tipo de truque que Hades faria.

— Eurídice — chamou ele novamente. — Por favor, diga alguma coisa.

Ele ouviu apenas o eco distante de sua própria voz.

Se há uma coisa que um músico não pode tolerar, é o silêncio. O pânico tomou conta dele. Ele virou-se.

A poucos metros atrás dele, nas sombras do túnel, menos de uma pedra de distância da luz do sol, estava sua bela esposa com o vestido azul ao qual tinha sido enterrada. A cor rosada estava começando a voltar ao seu rosto.

Eles se olharam. Eles se alcançaram.

Orfeu pegou sua mão, e seus dedos viraram fumaça.

Quando ela desapareceu, sua expressão encheu-se de arrependimento... Mas nenhuma culpa. Orfeu tentou salvá-la. Ele falhou, mas ela o amava de qualquer maneira. Esse conhecimento quebrou o coração dele de novo.

— Adeus, meu amor — sussurrou ela.

Então ela desapareceu.

O grito de Orfeu foi o som mais não musical que ele já havia feito. A terra tremeu. O túnel desmoronou. Uma rajada de ar o expulsou para o mundo como um pedaço de doce atirado em uma traqueia. Ele gritou e bateu os punhos nas rochas. Ele tentou tocar sua lira, mas seus dedos

pareciam chumbo nas cordas. O caminho para o Mundo Inferior não abriria.

Orfeu não se mexe por sete dias. Ele não comeu, bebeu ou tomou banho. Ele esperava que sua sede ou seu próprio odor corporal pudessem matá-lo, mas não funcionou.

Ele implorou aos deuses do Mundo Inferior que levassem sua alma. Ele não recebeu respostas. Ele subiu o penhasco mais alto e se jogou, mas o vento apenas levou-o suavemente para o chão. Ele procurou leões famintos. Os animais se recusaram a matá-lo. Cobras se recusaram a picá-lo. Ele tentou bater a cabeça em uma pedra, mas a rocha virou pó. O cara literalmente não podia morrer. O mundo amava muito a sua música. Todos queriam que ele continuasse vivo e tocando.

Finalmente, vazio por conta do desespero, Orfeu vagou de volta para sua terra natal, Trácia.

Se a história dele terminasse aí, isso seria trágico o suficiente, certo?

Ah, não. Fica pior.

Orfeu nunca se recuperou da morte de Eurídice. Ele se recusou a namorar outras mulheres. Ele só tocava canções tristes. Ele ignorou os mistérios dionisiacos, aos quais ele havia ajudado a inventar. Ele arrastou-se pela Trácia e levou todos a tristeza.

Agora, quando você passa por uma grande tragédia como ver sua esposa morta virar fumaça, a maioria das pessoas vai te dar um pouco de paz. Eles vão simpatizar até um ponto. Mas depois de um tempo eles vão começar a ficar irritados, algo como: *Já chega, Orfeu. Junte-se à raça humana!*

Eu não estou dizendo que é a maneira mais sensível de agir, mas é assim que as pessoas são, especialmente se essas pessoas são Mênades.

Ao longo dos anos, Orfeu construiu uma ótima reputação com os seguidores de Dioniso. Ele organizava suas festas. O pai dele era um veterano da Guerra Indígena. Mas, eventualmente, as Mênades se irritaram que Orfeu não iria

se juntaria mais as suas festas. Ele era o solteirão mais cobiçado da Trácia, mas ele não flertava com elas. Ele não bebia com elas. Ele mal olhava para elas.

A mãe de Orfeu, Calíope, tentou avisá-lo de seu perigo, mas seu filho não quis escutar. Ele não deixaria a cidade. Ele simplesmente não se importava.

Finalmente a raiva das Mênades ferveu. Uma noite, quando elas estavam bebendo mais do que o habitual, elas ouviram Orfeu tocar sua lira na floresta, outra canção sobre a tragédia e tristeza do amor. Sua linda voz deixou as Mênades ainda mais raivosas do que eles já estavam.

— Eu odeio esse cara! — gritou uma. — Ele não vai mais sair conosco! Ele é um grande estraga prazeres!

— Vamos matá-lo! — gritou outra, que era a resposta das Mênades para a maioria dos problemas.

Elas se juntaram em direção ao som da lira de Orfeu.

Orfeu estava sentado nas margens de um rio, desejando que ele pudesse se afogar. Ele viu as Mênades chegando, mas ele continuou tocando. Ele não se importava em morrer. Ele não tinha certeza de que *poderia* morrer. No início, as Mênades jogaram pedras nele. As pedras caíram no chão. As Mênades jogaram lanças, mas o vento as desviou.

— Bem — disse um das Mênades. — Eu acho que nós vamos ter que fazer justiça com as próprias mãos. — Ela levantou suas unhas compridas e afiadas. — Senhoras, ataque!

Seus gritos selvagens abafaram a música de Orfeu. Elas o rodearam.

Orfeu não tentou fugir. Ele estava realmente grato que alguém estava disposto a matá-lo e deixá-lo ver Eurídice novamente.

As Mênades o rasgaram em pedaços.

Depois, o silêncio era sufocante. Até as Mênades ficaram horrorizadas com o que tinham feito. Elas correram, deixando partes do corpo de Orfeu espalhadas pela floresta.

Calíope e as outras musas eventualmente o encontraram. Elas coletaram o que podiam e enterraram os restos mortais na base do Monte Olimpo. No entanto, duas coisas importantes estavam faltando: a lira de Orfeu e sua cabeça. Essas flutuaram pelo Rio Evros e desaguaram no mar. Supostamente sua lira continuou tocando por conta própria e sua cabeça decapitada continuou cantando enquanto ele flutuava, como uma daquelas pelúcias que falam que simplesmente não calam a boca.

(Desculpe. Eu ainda tenho pesadelos com essas coisas...)

Finalmente, Apolo pegou a lira do mar. Ele jogou-a no céu, onde se transformou na constelação de Lira. A cabeça decapitada de Orfeu foi parar na ilha de Lesbos. Os moradores fizeram um santuário para ele. Apolo deu-lhe o poder da profecia, então, por um tempo, pessoas de todo o mundo vinham a Lesbos para consultar com a cabeça decepada de Orfeu. Finalmente Apolo decidiu que era um pouco assustador demais. Ele silenciou o Oráculo. O santuário foi abandonado, e a cabeça de Orfeu foi enterrada.

Quanto ao espírito de Orfeu, ouvi rumores de que ele se reuniu com Eurídice em Elísio. Agora ele pode olhar para sua esposa sempre que quiser sem temer que ela vá desaparecer. Mas onde quer que eles vão, só por segurança, Orfeu deixa Eurídice ir na frente.

Eu acho que isso significa que eles viveram felizes para sempre, exceto pelo fato de que ambos morreram.

Deve dar pra criar uma música sobre isso.

La, la, la, eu vou amá-la viva ou morta. La, la, la.

Não, esquece. Acho que vou continuar com a luta de espadas. A música é muito perigosa.

HÉRCULES FAZ DOZE COISAS ESTUPIDAS



POR ONDE EU COMEÇO COM ESSE CARA?

Até o nome dele é complicado. Eu vou chamá-lo pelo seu nome romano, Hércules, porque é assim que a maioria das pessoas o conhecem. Os gregos o chamavam de Héracles. Mesmo esse não era o seu nome verdadeiro. Ele nasceu como Alcides ou Alcaeus, depende de qual história você ler, mas “O Grande Herói Al” simplesmente não é algo muito atrativo para a publicidade.

Enfim, antes de Seja lá qual for o seu nome nascer, havia uma grande novela acontecendo no sul da Grécia. Se lembra de Perseu, o cara que cortou a cabeça da Medusa? Depois que ele se tornou o rei de Argos, ele juntou meia dúzia de cidades-estados; Tirinto, Pilos, Atenas, Chutenabundapólis, etc; em um poderoso reino chamado Micenas. Cada cidade tinha seu próprio rei, mas também havia um rei supremo que governava toda a nação. O rei supremo poderia ser de qualquer cidade, mas ele sempre era suposto ser o descendente mais velho de Perseu.

Ainda está confuso? Eu também.

No momento em que a terceira geração do Clã Perseu chegou, os principais concorrentes para o rei supremo eram dois primos da cidade de Tirinto. Um cara era Anfitrião. O outro era Estênelo. Com nomes como esses, você deve achar que eles estavam concedendo o título de rei aos homens com os nomes mais estranhos.

Anfitrião era mais velho por alguns dias, então todos assumiram que ele iria conseguir o emprego. Então ele estragou as coisas acidentalmente matando seu sogro.

Aconteceu assim: Anfitrião estava negociando com esse cara, Electrião, pela permissão para se casar com sua filha Alcmena. Assim que fizeram um acordo, Electrião ligou para Alcmena para lhe dar a boa notícia.

Electrião: Alcmena, apresento-te o teu novo marido, Anfitrião!

Alcmena: Hã, está bem. Um aviso teria sido legal.

Electrião: Não seja tão mal-humorada. Ele vai ser o rei em breve! Ele pagou um bom preço por você! Ele também te ama. Você a ama, certo?

Anfitrião: Aham.

Alcmena: Você acabou de me conhecer.

Anfitrião: Aham.

Alcmena: Pode dizer algo além de “Aham”?

Anfitrião: Aham.

Alcmena: Pai, esse cara é um idiota.

Anfitrião: Mas eu te amo! Eu te amo ESSE TANTO!
(Estende as mãos. Acidentalmente bate na cara de Electrião e o mata.)

Anfitrião: Oops.

Anfitrião: Você é um idiota.

Quando a notícia vazou, o outro candidato real, Estênelo, viu uma oportunidade de assumir o título de rei supremo. Ele acusou publicamente Anfitrião de assassinato. Ele fez uma grande campanha de difamação com cartazes e fofoqueiros e anúncios de TV: *ESTE IDIOTA ASSASSINOU SEU SOGRO. VOCÊ PODE CONFIAR NELE PARA COMANDAR O*

NOSSO PAÍS? Por fim a pressão ficou tão grande que Anfitrião teve que fugir de Micenas. Ele pegou sua nova esposa, Alcmena, que não estava muito feliz com isso.

Eles se estabeleceram em Tebas, uma cidade a noroeste de Atenas, fora da zona de poder de Micenas. Anfitrião tornou-se o general mais importante da cidade, mas isso não dizia muito, já que o exército tebano era tão poderoso quanto um esquadrão de seguranças de shopping.

Alcmena não gostava nem um pouco de seu marido. Tecnicamente, eles eram casados, mas o tolo tinha matado o pai dela e os fez os dois serem *eLivross*.

— Não tem chance de nós termos filhos — disse Alcmena a ele. — Derrubaria o QI de toda a civilização grega.

— Eu vou provar o meu valor para você! — prometeu Anfitrião. — O que devo fazer?

Alcmena pensou nisso.

— Conquiste um monte de cidades. Mostra-me que é um bom líder. Você pode começar destruindo a ilha de Tafos. Meus irmãos atacaram aquele lugar alguns anos atrás e foram massacrados. Vingue meus irmãos.

Anfitrião perdeu a noção do que ela estava dizendo depois das primeiras palavras.

— O quê?

Alcmena apontou.

— Tafos. Vá matá-los!

— Ok.

Anfitrião pegou seu exército e tiveram um monte de aventuras que eu não vou falar sobre isso. Havia uma raposa que não podia ser capturada. Havia um cara com longos cabelos louros que não podia ser morto. Havia sangue, mutilação e saques. Basicamente um fim de semana normal na Grécia antiga.

Anfitrião matou pessoas e destruiu coisas até que ele imaginou que ele tinha provado ser digno de Alcmena. Então ele virou seu exército e marchou para Tebas. Ele estava ansioso para chegar em casa e ter sua lua de mel.

Ele estava com sua esposa por mais de um ano agora, e eles ainda não tinham se beijado.

Pena para ele, outra pessoa *também* queria uma lua de mel com sua esposa. Nosso velho amigo Zeus, o deus dos céus e das *señoritas* bonitas, estava olhando para Alcmena. Ele gostou do que viu.

Zeus prometeu a Hera (pela trigésima vez) que ele pararia de brincar com as mulheres mortais. Claro, ele não tinha intenção de manter sua promessa, mas ainda assim ele pensou que seria melhor tentar ficar fora do radar quando visitasse Alcmena. Ele decidiu que a maneira mais simples seria aparecer parecendo seu marido. Zeus transformou-se em um clone de Anfítrão e voou para Tebas.

— Querida, eu estou em casa! — anunciou Zeus.

Alcmena entrou na sala de estar.

— O que está fazendo aqui? Os mensageiros disseram que você ainda estava com seu exército. Eu não estava esperando por você por mais três dias.

Três dias? pensou Zeus. *Excelente!*

— Voltei mais cedo! — anunciou ele. — Vamos comemorar!

Zeus pediu pizza. Ele abriu uma garrafa de champanhe e colocou um pouco de Justin Timberlake para tocar. No início, Alcmena estava desconfiada. Seu marido não parecia tão idiota como de costume. Mas ela tinha que admitir que preferia esta versão dele. Talvez ele *tivesse* aprendido algo de suas aventuras.

Eles tiveram uma noite romântica maravilhosa juntos. Na verdade, foi tão maravilhosa que em um ponto Zeus pediu licença, levou seu telefone para o banheiro e mandou uma mensagem para Hélios, o deus do sol: *Mano, tire alguns dias de folga. Eu preciso que esta noite dure!*

Hélios respondeu com uma mensagem: *Vc está c Alcmena?*

Zeus: *Com ctz.*

Hélios: *Caramba ela é gata.*

Zeus: *E eu não sei?*

Hélio deixou a carruagem do sol na garagem pelas próximas setenta e duas horas. Quando o amanhecer finalmente veio, Alcmena estava sofrendo de falta de sono e uma overdose de Justin Timberlake.

Zeus a deu um beijo de bom dia.

— Bem, isso foi ótimo, querida! Eu tenho que ir. Tenho que checar... coisas do exército.

Ele passeou pela porta da frente.

Dez minutos depois, o verdadeiro Anfitrião entrou.

— Querida, estou em casa!

Alcmena deu-lhe um olhar desfocado.

— Tão cedo? Você esqueceu alguma coisa?

Anfitrião esperava por uma recepção um pouco mais entusiasmada.

— Hã... Acabei de chegar em casa da guerra. Podemos... celebrar?

— Está brincando? Você chegou em casa ontem! Passamos a noite passada juntos!

Anfitrião não era o lápis mais afiado na caixa, mas ele percebeu que algo estava errado. Ele e Alcmena visitaram um sacerdote local que fez algumas adivinhações e determinou que o primeiro Anfitrião tinha sido realmente Zeus.

Os contadores de histórias romanos pensaram que esta situação de identidade equivocada era hilariante. Eles escreveram comédias inteiras sobre isso. Você pode imaginar como isso foi. Alcmena olhou para o público com a cara de: *AQUELE NÃO ERA MEU MARIDO? OOPS!* E um bando de caras em togas rolam no chão rindo.

Enfim, não havia muito que Anfitrião poderia fazer sobre isso. Ele e Alcmena tiveram sua própria celebração de lua de mel. No momento em que Alcmena estava no segundo trimestre de sua gravidez, ela sabia, da forma como as mães às vezes sabem, que ela estava carregando gêmeos. Ela tinha um pressentimento de que um bebê seria de Zeus e o outro seria de Anfitrião. E o bebê Zeus significaria grandes problemas para ela.

Enquanto isso, em Micenas, o primo Estênelo ainda estava tentando se tornar o rei supremo. Ele pensou que seria o favorito com Anfitrião no exílio, mas ninguém *gostava* de Estênelo. Ele era cruel e covarde. Além disso, seu nome era *superdifícil* de pronunciar. Os nobres se recusaram a aceitá-lo. O povo zombou dele. Estênelo tentou resolver o assunto com uma votação pública, mas ele veio em terceiro depois de dois candidatos: Mickey Mouse e Felpudo o gato da cidade.

A única boa notícia de Estênelo: sua esposa Nicipe estava prestes a dar à luz seu primeiro filho. Se o bebê fosse um menino, ele seria o filho mais velho do descendente mais velho de Perseu (sem contar Anfitrião, é claro), o que significava que o garoto tinha uma chance de se tornar rei supremo, mesmo se Estênelo não pudesse.

No Monte Olimpo, a rainha Hera estava pensando na mesma coisa. Ela descobriu sobre o caso de Zeus com Alcmena. Em vez de entrar em um péssimo mau humor sobre isso, ela decidiu fazer as coisas devagar e furtivas.

— Zeus provavelmente queria que o filho bastardo de Alcmena se torne rei supremo de Micenas. — resmungou para si mesma. — Bem, isso não vai acontecer.

Na noite seguinte, ela fez tudo o que podia para deixar Zeus de bom humor. Ela tocou seu álbum favorito do Timberlake. Ela cozinhou sua refeição favorita, crepes de ambrosia com molho de ambrosia e uma porção de ambrosia refogada. Ela massageou seus ombros e sussurrou em seu ouvido:

— Fofuxo?

— Hmm? — Os olhos de Zeus cruzaram-se em felicidade.

— Você poderia fazer uma pequena determinação divina para mim?

— Uma determinação divina... sobre o quê?

Ela colocou um morango coberto de ambrosia em sua boca.

— Ah, eu só pensei que o reino de Micenas devia ter alguma paz e prosperidade. Não seria bom?

— Mmph-hmm. — Zeus engoliu o morango.

— E se você determinasse que o próximo descendente de Perseu para nascer vai se tornar o rei supremo? Isso não deixaria as coisas mais simples?

Zeus suprimiu um sorriso. Ele sabia que os gêmeos de Alcmena eram previstos para qualquer minuto. O filho de Estênelo não iria nascer por pelo menos mais uma semana. Ele só não sabia que Hera sabia disso.

— Sim, claro, querida. sem problema!

Naquela mesma noite, oráculos divinos ao longo de Micenas anunciaram as últimas notícias de Zeus: o descendente de Perseu, o próximo homem, se tornaria o rei supremo! E, não, o público *não* seria autorizado a votar no gato Felpudo em vez disso.

Depois do jantar, Hera desceu até a terra, onde sua filha Ilítia, a deusa do parto, tinha acabado de chegar à casa de Alcmena.

— Pare! — gritou Hera. — Não deixe Alcmena dar à luz!

Ilítia recuou, segurando sua maleta médica.

— Mas ela já está em trabalho de parto. Você se lembra como isso é doloroso?

— Eu não me importo! — disse Hera. — Ela *não* pode dar à luz, pelo menos não até depois que o filho de Estênelo nasça.

— Mas eu não tenho isso na minha agenda até a próxima semana.

— Apenas venha comigo para Tirinto. AGORA!

Ilítia estava acostumada a lidar com o drama do parto. O drama de Hera? Nem tanto. Deixando Alcmena na cama, gemendo, suando e xingando, as duas deusas voaram para a cidade de Tirinto.

Quando chegaram lá, Ilítia jogou sua mágica de parto e a esposa de Estênelo, Nicipe, imediatamente entrou em trabalho de parto. *BOOM!* Cinco minutos depois, ela estava segurando um menino em seus braços. Entrega mais fácil na história.

Eles nomearam a criança de Euristeu, porque esse era o nome mais estranho que poderiam pensar em curto prazo. Ele era, de fato, descendente masculino mais novo de Perseu, então o carinha foi coroado rei supremo imediatamente, embora fosse difícil encontrar uma coroa pequena o suficiente para a cabeça sua recém-nascida.

Quanto a Alcmena, Hera teria deixado a sofrendo em trabalho de parto para sempre. É o tipo de pessoa amorosa que ela era. Mas Ilítia teve pena dela. Já que estava claro que Hera tinha conseguido o que queria em seu problema de rei supremo, Ilítia concedeu a Alcmena um parto seguro e fácil.

O primeiro gêmeo nascido foi Hércules (embora na época ele foi chamado de Al), seguido por seu irmãozinho, Íficles.

Orgulhoso papai Anfitrião olhou para os recém-nascidos. Ele imediatamente se sentiu ligado a ambos, embora Alcmena tinha avisado com antecedência que uma das crianças era provavelmente de Zeus.

Qual deles é meu e qual é o de Zeus? Ele se perguntou.

Íficles chorou. Al/Hercules flexionou seus músculos recém-nascidos e bateu na cara de seu irmão, tipo se falasse: *Calaaboca*.

— Eu estou supondo que o musculoso é de Zeus — disse Alcmena.

Anfitrião suspirou.

— Sim, você provavelmente está certo.

No dia seguinte, a palavra chegou de Tirinto: um novo rei supremo, Euristeu, tinha nascido apenas algumas horas antes de Hércules.

— Hera deve estar brincando comigo — supôs Alcmena.

— É por isso que o meu trabalho de parto durou tanto tempo.

Em seus braços, o bebê Hércules gritou:

— RARRR!

Logo depois cagou em sua fralda.

Alcmena vacilou com cheiro.

— Foi um comentário do editor? — perguntou ela ao bebê.
— Você não gosta de Hera?
— RARRR! — Mais cocô.

Essa Alcmena preocupada, e não só porque ela não tinha ideia do que seu filho tinha comido. Ela ouviu todas as histórias sobre Hera torturar as amantes mortais de Zeus. Seu trabalho difícil era a prova de que Hera estava atrás dela. Seu novo bebê Al/Hércules poderia matá-la.

Em seu momento de medo e fraqueza, Alcmena fez o que muitos pais faziam naquela época com crianças indesejadas. Ela saiu da casa, levou o bebê para a floresta convenientemente localizada e deixou-o exposto em uma rocha para morrer.

O bebê pequeno Hercules estava incrivelmente irritado. Ele se contorceu na rocha por horas, gritando, xingando na língua de bebês e socando qualquer animal selvagem que se atrevesse a chegar perto.

Felizmente, Zeus estava olhando para o garotinho. Zeus ficou sabendo do joguinho de Hera com os bebês de rei supremo. Ele murmurou para si mesmo:

— Ah, você quer uma briga? Ok, fofuxa, *estou* dentro.

Ele enviou Atena, deusa da sabedoria, até a terra para recuperar o bebê.

Hércules olhou para Atena e gritou, mas seu estômago estava roncando. Atena, não sendo alguém maternal, não sabia o que fazer com ele.

— Eu preciso de uma babá — murmurou ela. — Alguém que goste de bebês. Hmm...

Ela teve uma ideia muito doentia. Ela levou o garoto para Hera.

— Ah, minha rainha! — disse Atena. — Acabei de encontrar este pobre bebê aleatório abandonado na floresta. Não é terrível? Eu não sei como alimentá-lo, e ele está com tanta fome!

Hera não sabia quem era o bebê. Ela deu uma olhada no garotinho e seus instintos maternos entraram em ação.

— Ah, pobrezinho. Dê-lhe aqui. Vou amamentá-lo.

Naquela época eles não faziam mamadeiras e comidas para bebês. Quando um bebê ficava com fome, você o amamentava. Fim da história. Normalmente, a mãe fazia isso, mas se a mãe não estivesse perto de outra mulher podia fazer o trabalho.

Hera, sendo a deusa das mães, pensou que ela estava à altura da tarefa. Ela segurou Hércules em seu seio e deixá-lo tomar alguns goles do leite divino. O bebê estava gostando até que Atena disse:

— Obrigado, Hera!

Foi a primeira vez que ela disse o nome de Hera na presença do bebê. Hércules mordeu duramente a carne sensível de Hera, gritou e fez coco, tudo ao mesmo tempo, fazendo Hera gritar e arremessar o garoto.

Felizmente, Atena era uma boa apanhadora.

Algumas lendas dizem que o leite materno de Hera borrifou no céu e criou a Via Láctea. Eu não sei. Parecem ser muitos sistemas solares de apenas um esguicho. O que é certeza: aqueles poucos goles do material de primeira qualidade encheram Hércules com força e saúde divina, com os cumprimentos da deusa que mais o odiava.

Atena levou o bebê de volta para a casa de sua mãe. Ela o colocou na porta, tocou a campainha e voou. Alcmena abriu a porta. O Bebê Hercules sorriu para ela, seu rosto coberto de leite.

— Hã, ok...

Alcmena achou que isso era um sinal dos deuses. Ela levou o garoto para dentro e nunca tentou se livrar dele novamente.

Os próximos meses foram relativamente tranquilos. Hércules aprendeu a rastejar. Ele aprendeu a perfurar paredes de tijolos com socos. Ele abriu seu caminho com os dentes através de várias selas de cavalo, foi colocado de castigo por quebrar os braços de sua babá e até mesmo falou sua primeira palavra: *mutilar*.

Uma noite, quando ele e seu irmão, Íficles, estavam dormindo, Hera decidiu se livrar de sua criança menos favorita de uma vez por todas.

Se eu permitir que essa criança cresça, pensou ela, não haverá nada além de problemas. Zeus está cuidando dele, então não posso simplesmente transformar o garoto em cinzas. Hmm. Já sei! Vou providenciar um acidente convincente, algumas cobras venenosas no berçário. Tenho certeza que isso acontece o tempo todo!

Duas cobras malvadas deslizaram por uma rachadura na parede e foi direto para as camas das crianças.

Íficles acordou primeiro. Ele sentiu algo deslizando sobre seu cobertor, e ele gritou.

No corredor, Alcmena o ouviu. Ela correu da cama e sacudiu o marido acordado.

— Anfitrião, algo está errado no berçário!

Os pais correram, mas estavam muito atrasados.

Hércules tinha resolvido o assunto. Com seus reflexos de criança super-rápidos, ele agarrou as duas cobras por seus pescoços e as estrangulou.

Quando seus pais chegaram, Hércules estava de pé na cama, sorrindo e balançando as cobras mortas.

— Adeus!

Quanto a Íficles, ele estava encolhido no canto, embaixo de um cobertor, gritando e soluçando.

Anfitrião suspirou.

— Vamos, Íficles. Eu te peguei. Desculpe, carinha. Você está preso no meu DNA.

Depois daquela noite, nosso herói estrangulador de cobra ganhou um novo nome. Ele já não era Alcides, Alcaeus ou qualquer outro nome que comece com Al. Ele ficou conhecido como Héracles (Para os romanos: Hércules), que significa *Glória de Hera*. Graças a Hera, ele era famoso antes mesmo de se formar na pré-escola. Hera deve ter amado isso.

Enquanto ele cresceu, Hércules teve alguns professores muito bons. Seu pai, Anfitrião, ensinou-o a dirigir uma

carruagem. Os generais de Tebas ensinaram-lhe luta com espadas, tiro com arco e luta.

Seu único assunto fraco era na música. Seus pais contrataram o melhor tocador de lira na cidade, Linus, que era o meio-irmão de Orfeu, mas Hércules tinha zero habilidade musical. Seus dedos eram muito grandes e desajeitados para manipular as cordas. Eventualmente Linus perdeu a paciência e gritou:

— Não, não, não! Isso é um dó maior!

Linus arrancou a lira das mãos do rapaz. Ele bateu Hércules na cara com ele. (Só para deixar claro, ser atingido no rosto por uma lira dói.)

Hércules puxou a lira de volta de seu professor.

— VEJA ESSA ESCALA!

Ele bateu na cabeça de Linus repetidamente até que a lira estava em pedaços e o professor de música estava morto.

Hércules tinha doze anos. Foi julgado por homicídio. Se isso não é barra pesada, não sei o que é. Felizmente, Hércules era esperto. Ele alegou legítima defesa, já que Linus o bateu primeiro, e saiu fácil com seis anos de serviço comunitário em um rancho de gado fora da cidade.

O rancho não era tão ruim. Hércules gostava de trabalhar ao ar livre. Ele teria muito ar fresco e nunca teria que ter lições de música. Seus pais também apreciaram tê-lo em segurança escondido onde ele não poderia atrair cobras venenosas para a casa, cometer professorcídio ou acidentalmente destruir a cidade.

Hércules foi libertado do rancho aos dezoito anos. Até então, ele era o maior, mais alto, mais forte, mais malvado tebano na história de Tebas. Ele ficou longe por um longo tempo e não estava realmente sabendo o que estava acontecendo, então quando ele chegou em casa, ele ficou chocado ao ver os habitantes chorando na praça pública, reunindo todos os seus bovinos como se eles estivessem prestes a ter um leilão. Hércules reconheceu um monte de vacas que ele criou durante seus anos de serviço comunitário.

Hércules encontrou sua família na multidão.

— Pai! — chamou Anfitrião. — Qual é a das vacas?

Seu padraсто estremeceu.

— Filho, enquanto você estava fora, nós tivemos uma guerra com os mínios. Você conhece aquelas pessoas que vivem naquela cidade mais longe, o povo do rei Ergino?

— Conheço. E daí?

— Perdemos. Feio. Para impedir que os mínios destruíssem toda a nossa cidade, o Rei Creonte concordou em pagar-lhes um tributo anual de cem vacas.

— *O quê? Isso é loucura!* Eu criei aquelas vacas. Tem a Manchada, bem ali. E aquela é a Florzinha. Você não pode entregar a Florzinha!

Uma centena de vacas pode não soar como algo importante, mas naquela época que era como uma centena de casas ou uma centena de carros caros. As vacas valiam muito dinheiro. Elas eram alguns dos investimentos mais importantes que você poderia fazer. Além disso, Florzinha! Cara, você não pode entregar uma vaca que Hércules se deu o trabalho de nomear.

— Devemos lutar! — disse Hércules. — Desta vez, vamos vencer os malvados mínios!

Seu irmão doente, Íficles, disse:

— Mas levaram todas as nossas armas. Isso também era parte do tratado de paz.

— *Todas as nossas armas?* — Hércules virou-se para o rei Creonte, que estava perto com seus guardas. — Eu saio por alguns anos, e você entrega todas as nossas armas e nossas vacas? Majestade, qual é!

O velho rei corou e olhou para o chão.

— Temos que fazer alguma coisa — insistiu Hércules.

— É tarde demais — disse Íficles. — Aí vêm eles.

A multidão se separou quando uma dúzia de grandes mínios em armadura marcharam pela praça, chutando velhos para fora de seu caminho, empurrando velhinhas e roubando churros dos vendedores de rua.

O rei Creonte não fez nada para detê-los. Nem os guardas. Mesmo o pai de Hércules, o grande general Anfitrião, apenas ficou parado e assistiu enquanto os mínios intimidavam todos em seu caminho até as vacas.

Finalmente Hércules não aguentou mais.

— PARE COM ISSO!

Os mínios pararam. Eles assistiram em espanto quando Hércules arrastou-se, um adolescente grande e peludo vestido com uma simples túnica de couro e um manto de criador de gado.

— Você ousa falar com a gente? — disse o líder mínio. — Nós somos seus mestres, vaqueiro! Ajoelhe-se e beije meus pés.

— Não vai acontecer. — Hércules estalou os dedos. — Saia agora, e não teremos derramamento de sangue. Você não está mais levando nossas vacas.

Os mínios riram.

— Olha aqui, garoto — disse o líder. — Temos espadas. Você não tem. Estamos levando essas com vacas, assim como diz no tratado de paz. No próximo ano, estaremos de volta para mais cem. O que você vai fazer para nos deter?

Hércules socou o cara na cara, derrubando-o instantaneamente. Os outros mínios alcançaram suas espadas, mas Hércules era rápido. Antes de suas lâminas fossem desembainhadas, todos os doze mínios estavam deitados no chão com os narizes quebrados, olhos roxos e sem metade dos dentes. Hércules confiscou suas armas.

Então (ALERTA DE NOJEIRA), usando a própria espada do líder, ele cortou o nariz, as orelhas e as mãos de cada mínio. Ele amarrou as partes cortadas em colares nojentos e pendurou-os em seus pescoços. Surpreendentemente, isso não os matou. Quando eles estavam conscientes e fortes o suficiente para andar, Hércules os expulsou.

— Volte para o rei Ergino — ordenou ele. — Diga-lhe que os únicos tributos que ele vai ter de Tebas são os pedaços terríveis pendurados em seus pescoços!

Ele bateu na bunda do líder com a parte chata de sua espada e enviou os mínios mutilados embora.

A multidão de tebanos espantados acordou de seu choque. Os mais jovens aplaudiram e dançaram em torno das vacas recém-liberadas. Os cidadãos mais velhos, que haviam visto muitas guerras, ficaram menos entusiasmados.

— Meu filho — disse Anfitrião — o rei Ergino nunca perdoará isso. Ele estará de volta com todo o seu exército.

— Bom — rosnou Hércules. — Eu vou matar todos eles.

O Rei Creonte hesitou. O rosto dele estava verde.

— Garoto, o que você fez? Tirei a sua família do exílio. Eu te dei uma casa. E você... Você nos condenou!

— Senhor, não se preocupe com isso — disse Hércules. — Eu cuidarei dos mínios.

— Como? — perguntou o rei. — Você tem... o quê, doze espadas agora? Você não pode derrotar o exército mínio com apenas isso!

Hércules não se lembrava do rei Creonte ser tão covarde, mas ele decidiu não comentar.

— O templo de Atena disse Hércules. — Não tem um monte de armaduras e armas penduradas nas paredes?

Anfitrião olhou nervosamente para o céu, esperando por um golpe divino.

— Meu filho, essas armas são cerimoniais. Eles foram consagrados à deusa. Os mínios não as levaram porque você teria que ser tolo para usá-las. Você seria amaldiçoado por Atena!

— Besteira, Atena e eu nos conhecemos a muito tempo. Além disso, ela é a deusa da defesa da cidade, não é? Ela *gostaria* que nós protegêssemos a nossa cidade!

Hércules virou-se e dirigiu-se à multidão.

— Nós não temos que viver com medo dos mínios! Qualquer um que está comigo, venha ao templo de Atena e se equipe! Nós vamos pisotear nossos opressores!

Os tebanos mais jovens aplaudiram e se reuniram ao redor de Hércules. Mesmo s Íficles, que sempre foi fraco,

doente e assustado com a sua própria sombra, avançou para agarrar uma espada. Isso envergonhou e fez um monte de tebanos mais velhos se juntarem.

Anfitrião pôs a mão no ombro de Hércules.

— Meu filho, você está certo. Eu tinha esquecido minha coragem até agora. Vamos lutar pela nossa pátria!

Eles invadiram o templo de Atena atrás de armas e armaduras. A deusa não golpeou ninguém, então eles entenderam isso como um bom sinal. Hércules liderou seu grupo improvisado para fora da cidade até que encontraram um ponto de estrangulamento natural, onde a estrada se abria entre dois penhascos íngremes. Os tebanos construíram barricadas e buracos no caminho. Então Hércules colocou a maioria de seus homens ao longo dos penhascos de cada lado. Em uma passagem tão estreita, o maior exército mínio não faria muita coisa.

No dia seguinte, o rei Ergino liderou pessoalmente seu exército em direção a Tebas. Assim que eles chegaram na passagem, Hércules saltou de sua armadilha. A luta foi sangrenta. O padrasto de Hércules, Anfitrião, foi morto em ação. Assim como muitos outros tebanos, mas o exército mínio foi completamente destruído.

Hércules não parou aí. Ele marchou para a cidade dos mínios e a reduziu a cinzas.

Hércules voltou para casa em triunfo. O rei Creonte ficou tão grato que recompensou Hércules com sua filha mais velha, Mégara. Até os deuses ficaram impressionados. Eles desceram do Olimpo e deram tantas armas para Hércules, que ele ficou constrangido. Hermes lhe deu uma espada. Hefesto o fez uma armadura. Apolo o presenteou com um arco e aljava. Atena deu-lhe um manto real e generosamente concordou em não matar ninguém por profanarem seu templo. O que com um deus é algo muito difícil de se acontecer.

Hércules e Mégara casaram-se e tiveram dois filhos. Por um tempo, a vida era boa. Hércules pegou o antigo trabalho de seu pai como general e liderou o exército de Tebas em

muitas campanhas bem-sucedidas. Em uma dessas batalhas, seu irmão, Íficles, caiu, deixando para trás uma viúva e um filho recém-nascido chamado Iolau, mas ei, pelo menos Íficles tinha morrido bravamente. Hércules trouxe honra e glória à sua cidade natal. Todos imaginaram que, quando Creonte falecesse, Hércules seria o novo rei de Tebas.

Se a história tivesse terminado aí, Hércules teria entrado na história como um dos maiores heróis gregos. Mas nãaaaao, ele estava apenas começando.

Assim como Hera. No Monte Olimpo, a rainha dos deuses fervia de causa por causa dos sucessos de Hércules. Ela não poderia permitir que ele tivesse um final feliz. Ela decidiu tornar a sua vida tão terrível, trágica e complicada quanto possível, para que algum dia Percy Jackson tivesse *muita* dificuldade para escrever sobre isso.

Odeio Hera.

Enquanto Hércules estava crescendo como um vaqueiro em Tebas, seu primo Euristeu cresceu como o rei supremo de Micenas. Isso pode soar impressionante, as pessoas curvando-se a você e obedecendo a cada comando desde que você era um bebê, mas isso deu Euristeu um temperamento curto e arrogância.

Apesar disso, Hera achava que ele era a coisa mais legal desde azeite recém-preparado. Ela abençoou seu reino com paz e prosperidade. Ela lhe enviava vinte dracmas todos os anos no seu aniversário. Além disso, ela fez com que Euristeu ouvisse todas as notícias irritantes sobre as façanhas de Hércules, porque ela queria que o rei supremo fosse bom e ciumento.

Quando Euristeu fez dezoito anos, Hera sussurrou em seus sonhos, encorajando-o a humilhar seu primo famoso.

Chame Hércules para o seu palácio, disse a deusa. Exija que ele sirva-lhe, fazendo dez grandes tarefas! Caso contrário, ele nunca respeitará sua realeza.

Euristeu acordou.

— Eu tive uma grande ideia — disse para si mesmo. — Vou chamar Hércules para o meu palácio e exigir que ele me sirva, fazendo dez grandes tarefas! Caso contrário, ele nunca vai respeitar a minha realeza!

Euristeu enviou um mensageiro para Tebas, ordenando que Hércules viajasse para a capital de Tirinto e o servisse.

Hércules se segurou. Ele não cortou as orelhas, o nariz ou as mãos do mensageiro. Ele apenas enviou de volta uma mensagem: *AHAM, ATÉ PARECE.*

Euristeu não estava satisfeito. Infelizmente, Tebas estava fora de sua jurisdição. Ele não poderia fazer muito a menos que ele quisesse declarar guerra, e mesmo Euristeu não era estúpido o suficiente para ir para a guerra contra Hércules.

Naquela noite, Hera falou novamente nos sonhos do rei supremo: *Apenas espere. Hércules vai se curvar diante de você. Vou me certificar disso.*

Nas próximas semanas, cada vez que Hércules ia a um templo, os sacerdotes e as sacerdotisas deram-lhe avisos terríveis.

— Os deuses querem que sirva o seu primo Euristeu. Não, é sério. É melhor você ir para Tirinto ou coisas ruins vão acontecer.

É claro que Hera estava por trás disso. Ela era a rainha da irritação. Ela fez com que Hércules recebesse a mensagem dezenas de vezes por dia de dezenas de diferentes fontes.

No início, Hércules ignorou os avisos. Ele era muito importante e poderoso para servir um pequeno verme como Euristeu. Mas os avisos continuaram chegando. Caras aleatórios começaram a pará-lo na rua, falando em vozes roucas como se estivessem possuídos.

— Vá para Tirinto. Sirva o rei!

A esposa de Hércules ficou nervosa.

— Querido — disse Mégara — nunca é sábio para ignorar os deuses. Talvez você deva visitar o Oráculo de Delfos e obter uma segunda opinião.

Hércules não queria, mas, para fazer sua esposa feliz, ele foi para Delfos.

Era uma viagem miserável. As oferendas custavam uma fortuna. Delfos estava cheio de comerciantes vendendo souvenirs baratos. Finalmente Hércules chegou à frente da fila para ver o Oráculo, e ela disse a ele a mesma coisa que ele tinha ouvido por semanas.

— Vá para a cidade de Tirinto. Sirva o rei supremo Euristeu fazendo dez grandes tarefas de sua escolha. Obrigado e tenha um bom dia.

Hércules ficou tão irritado que ele roubou o banquinho de três pernas do Oráculo e a perseguiu pela sala com ele.

— Dê-me uma profecia melhor! — gritou ele. — Eu quero uma profecia melhor!

Apolo teve que intervir pessoalmente. Sua voz divina sacudiu a caverna:

— CARA, ISSO NÃO É LEGAL. DEVOLVA O BANQUINHO DO ORÁCULO!

Hércules respirou profundamente. Ele não sentiu vontade de ser morto por uma flecha dourada, então ele devolveu o banquinho e saiu.

Quando ele voltou para Tebas, seus nervos estavam desgastados. Sua paciência tinha desaparecido. Ele caminhou pelas ruas, e todo mundo perguntava para ele:

— É verdade? Dez tarefas para o rei supremo? Uau, isso é uma porcaria.

Em casa, Mégara perguntou:

— Como foi, querida? Você tem que ir para Tirinto?

Hércules surtou. Ele entrou em uma fúria assassina e matou todos na casa, começando com sua esposa.

Eu sei. Este livro está cheio de coisas loucas e horríveis, mas isso aí? Isso é *doentio*.

Algumas histórias dizem que Hera o infectou com loucura, então ele não sabia o que estava fazendo. Talvez, mas acho isso faz com que Hércules escape muito fácil. Nós já sabemos que ele tinha um problema de controle de raiva.

Ele matou seu professor de música com uma harpa. Ele cortou pedaços dos enviados de mínio.

Hera não *tinha* que o enlouquecer. Ela só tinha que empurrá-lo para mais perto da borda.

Seja qual for o caso, Hércules derrubou Mégara. Ele matou os servos que tentaram detê-lo. Seus dois filhos gritavam e corriam, mas Hércules pegou seu arco e atirou neles, convencido em sua mente torcida que eles eram algum tipo de inimigo.

O único que escapou foi seu sobrinho lolau, que vivia com Hércules desde que os Íficles morreu. lolau se escondeu atrás de um sofá. Quando Hércules o encontrou e colocou outra flecha em seu arco, o menino gritou:

— Tio, pare!

Hércules congelou. Talvez lolau o lembrou de seu irmão Íficles, da época em que eram crianças. Hércules sempre protegeu Íficles de valentões. Quando Íficles morreu, Hércules jurou proteger lolau como se fosse seu próprio filho.

Sua raiva evaporou. Ele olhou horrorizado para os corpos de seus filhos. Ele olhou para o arco em suas mãos, o arco Apolo lhe tinha dado, uma arma do deus das profecias. A mensagem não poderia ter sido mais clara: *Nós dissemos que algo ruim aconteceria se você não escutasse.*

Em desespero absoluto, Hércules fugiu da cidade de Tebas. Seu coração quebrou, ele retornou para Delfos e se jogou no chão em frente ao Oráculo.

— Por favor! — implorou ele, todo o seu corpo tremendo com soluços. — O que devo fazer para me redimir de meus pecados? Existe alguma maneira que eu possa ser perdoado?

O Oráculo disse:

— Vá para o rei supremo como lhe foi dito. Sirva-o bem, fazendo o que dez tarefas que ele ordenar. Euristeu sozinho pode decidir quando cada tarefa estiver feita. Quando todos os dez estiverem completos, *somente* então você será perdoado.

Hércules vestiu-se em trapos de mendigo. Ele cobriu-se com cinzas, em seguida, viajou para Tirinto e ajoelhou-se diante do trono do rei supremo.

— Senhor, eu pequei — disse Hércules. — Eu não ouvi você ou os deuses. Na minha fúria, matei minha própria esposa e filhos. Como punição, eu estou aqui para fazer quaisquer dez tarefas exigir, não importa o quão difícil ou perigoso ou estúpido essas tarefas sejam.

Euristeu sorriu friamente.

— Primo, isso é uma vergonha sobre sua família, mas eu estou contente que você finalmente tomou juízo. Dez tarefas estúpidas, você disse? Vamos começar!

Euristeu estava feliz. Ele poderia atribuir a Hércules qualquer tarefa, não importa o quão perigosa e, com sorte, Hércules teria uma morte dolorosa! Isso eliminaria a maior ameaça ao trono, já que Euristeu tinha certeza que seu primo famoso acabaria por tentar controlar Micenas.

Mesmo que Hércules não morresse, Euristeu poderia marcar alguns itens difíceis em sua lista de coisas a fazer. Era como se um gênio tivesse saído da lâmpada e lhe desse dez desejos... só que o gênio era um tebano com muitos músculos, uma barba e que não fazia magia.

— Primeira tarefa! — anunciou Euristeu. — Na região de Nemeia, ao norte daqui, um enorme leão tem provocado estragos. Eu quero que você o mate.

— Este leão tem um nome? — perguntou Hércules.

— Já que vive em Nemeia, vamos chamá-lo de Leão de Nemeia.

— Nossa que criativo.

— Apenas o mate! — ordenou Euristeu. — Isso é... Se você *conseguir*.

Uma música de órgão assustadora começou a tocar no fundo, então Hércules imaginou que havia alguma pegadinha nesta tarefa, mas ele pegou seu arco, prendeu sua espada e marchou para Nemeia.

Era um lindo dia para matar leões.

As colinas de Nemeia brilhavam na luz do sol. Uma brisa fresca passava pelas árvores, fazendo testes padrões de ouro e verde no chão da floresta. No meio de um campo cheio de flores silvestres, um enorme leão estava comendo uma carcaça de vaca, espalhando restos de carne sangrenta para todos os lados.

O leão era maior que o maior cavalo. Os músculos ondulados sobre seus pelos dourados e brilhantes. Suas garras e dentes brilhavam como prata, pareciam mais como aço do que osso. Hércules não podia deixar de admirar o predador majestoso, mas ele tinha um trabalho a fazer.

— Aquela coisa matou uma vaca — lembrou-se. — Eu gosto de vacas.

Ele puxou o arco e disparou.

A flecha atingiu o pescoço do leão. Deveria ter cortado a jugular do animal e matado ele instantaneamente. Em vez disso, ele quebrou contra a pele do leão como gelo jogado em uma parede de tijolos.

O leão virou-se e rosnou.

Hércules disparou até que sua aljava estava vazia. Ele atirou nos olhos, na boca, no nariz, no peito. Cada flecha quebrava com o impacto. O leão ficou parado, rosnando com um leve aborrecimento.

— Está bem, então. — Hércules puxou sua espada. — Plano B.

Ele avançou no leão. Com força suficiente para rachar uma sequoia ao meio, Hércules enfiou sua lâmina na testa da besta. A lâmina quebrou. O leão simplesmente sacudiu com impacto.

— Leão estúpido! — gritou Hércules. — Essa espada foi um presente de Hermes!

ROAR.

O Leão de Nemeia atacou com suas garras. Hércules saltou para trás no momento exato de evitar ser estripado. Seu peitoral foi desfiado como papel.

— Não! — gritou Hércules. — Isso foi um presente de Hefesto!

O leão rugiu novamente. Hércules rugiu como resposta. Ele socou o leão entre os olhos.

O leão cambaleou, balançando a cabeça. Ele não estava acostumado a sentir dor. Ele não estava acostumado a recuar, também, mas ele decidiu que Hércules não era alguém que se valia a pena mexer. Vacas eram presas mais fáceis. Ele virou-se e correu para as árvores.

— Ah não, você não vai.

Hércules correu atrás dele.

Ele seguiu até que o leão desapareceu em uma caverna sobre a metade da encosta. Em vez de mergulhar, Hércules escaneou seu entorno.

Se eu fosse aquele leão, pensou Hércules, eu escolheria uma caverna com duas saídas para que eu não pudesse ficar preso.

Ele vasculhou os arredores. Com certeza, uma fissura preta irregular levava para a caverna do outro lado da colina. O mais silenciosamente possível, Hércules empilhou alguns pedregulhos, bloqueando a saída.

— Agora você não tem para onde correr, gatinho. — Hércules circulou de volta para a entrada da frente e chamou: — Alguém em casa?

Um rosnado ecoou da escuridão, como se fosse um: *Não, isto é uma gravação. Por favor, deixe uma mensagem.*

Hércules marchou para dentro, forçando o Leão de Nemeia a recuar até que suas costas estavam contra a pilha de pedregulhos.

Agora, crianças, encurralar animais selvagens é geralmente uma má ideia. Isso normalmente os deixam um pouquinho irritados e homicidas. Hércules era um perito em irritação e assassinatos. Ele se agachou na postura de um lutador.

— Desculpe por isso, gatinho — disse ele. — Você é uma bela máquina de matar, mas o rei supremo Caradeidiota quer você morto.

O leão rosnou. Obviamente, ele não gostou muito do rei supremo Caradeidiota. Ele atacou, mas Hércules tinha sido treinado pelos melhores lutadores da Grécia. Ele esquivou-se das garras e deslizou nas costas do leão, trancando as pernas em volta das costelas da besta e estrangulando aquele pescoço peludo.

— Nada parece passar pela sua pele — grunhiu Hércules no ouvido do leão. — Mas vamos ver como você faz quando nenhum ar atravessa sua garganta.

Ele apertou com toda a sua força. O leão desabou. Quando Hércules tinha certeza de que o leão estava morto, ele levantou, respirando pesadamente, e admirando a bela pele do leão.

— Isso faria uma capa incrivelmente irada — disse ele. — Mas como eu poderia tirá-la?

Seus olhos se desviaram para as garras brilhantes do leão.

— Eu me pergunto...

Ele usou as próprias garras do leão para cortar a pele. Ele ainda levou horas de trabalho terrível e cansativo mas no final Hércules tinha um casaco de pele novo e bifes de leão suficiente para encher uma geladeira.

Você deve achar que a pele do Leão seria muito quente para se usar todo dia, especial na Grécia, onde os verões podem escaldantes. Mas a nova capa de Hércules era surpreendentemente leve e fresca. Era *muito* mais confortável do que a armadura de bronze. Hércules usou a cabeça do leão como um capuz e amarrou suas patas dianteiras em torno de seu pescoço.

Hércules admirou seu reflexo na lagoa mais próxima.

— Ah, sim. Elegante e invulnerável!

Ele voltou para Tirinto para relatar ao rei supremo. Se todas as suas tarefas forem tão bem, ele pode acabar com um guarda-roupa totalmente novo.

Hércules passeou pela cidade e causou uma confusão. Coberto em seu manto do Leão de Nemeia, ele poderia ter sido um animal, um homem ou algum tipo de leãosomem. O povo gritou e fugiu. Os guardas dispararam flechas que quebraram contra sua capa.

Dentro da sala do trono, Euristeu ouviu a agitação. Seus guardas se espalharam de medo. A silhueta enorme de um homem-leão apareceu na porta, e o rei deu um belo exemplo de coragem. Ele se escondeu em um grande pote de bronze ao lado do trono.

Hércules não conseguia ouvir ou ver muito com o seu capuz de leão sobre sua cabeça. Ele chegou ao trono, levantou seu capuz peludo e ficou surpreso ao encontrar o trono vazio.

— Euristeu? — chamou Hércules. — Olá? Alguém?

Os guardas e servos estavam tremendo atrás das tapeçarias. Finalmente um dos mensageiros mais valentes do rei, um cara chamado Copreu, saiu acenando com um lenço branco.

— Hã, olá, Vossa... Vossa Cabeleza. Nós não percebemos que era você.

Hércules escaneou o quarto.

— Onde estão todos? Por que as tapeçarias estão tremendo? Onde está o rei supremo?

Copreu limpou sua testa.

— Hã, o rei está... indisposto.

Hércules olhou para o trono.

— Ele está escondido naquele vaso, não está?

— Não — disse Copreu. — Talvez. Sim.

— Bem, diga a Vossa Majestade que eu matei o Leão de Nemeia. Eu quero saber qual a minha segunda tarefa.

Copreu subiu os degraus do trono. Ele sussurrou para o pote de bronze. O pote sussurrou de volta.

— O pote diz... — hesitou Copreu. — Quero dizer, o rei supremo diz que você deve ir para o pântano de Lerna e matar o monstro que habita lá. É uma Hidra!

— Uma o quê?

Hércules pensou que ele poderia ter ouvido esse nome em um filme do Capitão América, mas ele não sabia como ele isso aplicava a ele.

— A Hidra é um monstro com muitas cabeças venenosas — explicou Copreu. — Tem matado nosso povo e nosso gado.

Hércules franziu a testa.

— Eu odeio monstros que matam vacas. Já volto.

No caminho para fora da cidade, Hércules percebeu que não tinha ideia de onde ficava Lerna. Ele ficou lá, tentando pensar, quando uma carruagem puxada por uma equipe de cavalos pretos parou ao lado dele.

— Precisa de uma carona?

O jovem nas rédeas parecia muito familiar, mas Hércules estava longe de Tebas há tanto tempo que ele mal reconheceu seu jovem sobrinho.

— lolau? — Hércules riu com descrença. — O que você está fazendo aqui?

— Olá, tio! Eu ouvi sobre seus Dez Trabalhos e eu quero ajudar.

O coração de Hércules torceu como um pretzel.

— Mas... Tentei te matar. Por que você me ajudaria?

A expressão do rapaz ficou séria.

— Não foi culpa sua. Hera te infectou com loucura. Você é a coisa mais próxima que eu tenho de um pai. Eu quero lutar ao seu lado.

Os olhos de Hércules encheram-se de lágrimas, mas ele tentou esconder isso com seu capuz de cabeça de leão.

— Obrigado, lolau. Eu... Eu preciso de uma carona. Você sabe onde encontrar este pântano de Lerna?

— Eu tenho GPS. Suba a bordo!

Juntos, Hércules e seu fiel ajudante saíram da cidade no recém-batizado Hérculesmóvel.

— Eu ouvi rumores sobre esta Hidra — disse lolau. — Supostamente tem nove cabeças. Oito delas podem ser mortas, mas a nona cabeça é imortal.

Hércules fez uma carreta.

— Como isso funciona, exatamente?

— Não faço ideia — disse lolau. — Mas se você cortar uma das cabeças mortais, duas novas nascem em seu lugar.

— Que absurdo!

— Sim, bem... Parece que nós vamos descobrir em breve.

A carruagem parou na beira do pântano. Névoa unia-se ao chão. Árvores finas cresciam de cima do musgo e lama. Distância, uma grande forma movia-se através da grama alta.

A grama alta se separou, e o mais estranho monstro que Hércules já viu veio andando pela lama. Nove cabeças de cobra onduladas iguais em pescoços longos, ocasionalmente golpeando a água para apanhar peixes, rãs e pequenos crocodilos. O corpo do monstro era longo, espesso e manchado de marrom, como um píton, mas ela caminhava em quatro patas pesados com garras. Seus nove pares de olhos verdes brilhavam através da névoa como faróis. Suas presas pingavam veneno amarelo.

Hércules estremeceu, lembrando os pesadelos que ele teve quando criança depois de estrangular as cobras em seu berçário.

— Que cabeça é imortal? Todos eles parecem iguais.

lolau não respondeu. Hércules olhou para cima e viu que o rosto de seu sobrinho estava tão branco quanto o osso.

— Fique calmo — disse Hércules. — Vai ficar tudo bem. Você trouxe alguma tocha?

— T-tocha... Sim.

Com as mãos trêmulas, lolau pegou várias canas cobertas de piche. Ele acendeu aponta com uma faísca de pedra.

Hércules puxou meia dúzia de flechas de sua aljava. Ele mergulhou as pontas em óleo.

— Vou chamar a atenção o monstro, fazer com que nos persiga.

— Você *quer* que ela nos persiga?

— É melhor combatê-lo aqui em terra firme. Não ali, onde eu poderia escorregar na lama ou cair em areia movediça.

Hércules acendeu sua primeira flecha. Ele atirou-a nas gramas altas, que imediatamente entraram pegaram fogo. A Hidra sibilou. Ela disparou para longe do fogo, mas Hércules atirou outra flecha bem na frente dela. Logo o pântano era um inferno. O monstro não tinha para onde ir, exceto direto para eles. A Hidra avançou, fumaça saindo de sua pele marrom manchada.

— Fique aqui — disse Hércules a seu sobrinho, quando lolau tentou impedir os cavalos de fugirem. — A propósito, pode me emprestar sua espada? A minha quebrou.

Hércules agarrou a lâmina do menino e saltou da carruagem.

— Ei, cabeça de espagete! — gritou ele com a Hidra. — Aqui!

As nove cabeças da Hidra sibilaram em conjunto. O monstro não gostava de ser comparado com macarrão.

A Hidra avançou, e Hércules teve um momento de dúvida. O fedor do veneno queimou os olhos. As cabeças do monstro se moviam em tantas direções que ele não sabia por onde começar. Ele envolveu sua capa em torno de si mesmo e correu para a batalha.

As bocas da Hidra bateram em sua capa, mas suas presas venenosas não podiam perfurar o pelo de leão. Hércules se esquivou e bloqueou, esperando uma abertura. Quando uma das cabeças de cobra o atacou, Hércules a cortou.



— AHÁ! Toma isso... ah, porcaria.

Infelizmente, a informação de lolau estava correta. Antes da cabeça cortada até mesmo atingir o chão, o coto sangrando começou a borbulhar. Todo o pescoço se dividiu no meio, como queijo sendo cortado, e de cada novo pescoço brotou uma cabeça de cobra. Todo o processo demorou talvez três segundos.

— Ah, qual é! — gritou Hércules. — Isso não é justo!

Ele se esquivou e cortou até que o chão estava cheio de cabeças de cobra mortas, mas quanto mais ele cortava, mais cresciam de volta. Hércules ficava esperando que ele acertasse a cabeça imortal. Talvez se ele a separasse do corpo todo o monstro morreria; mas ele percebeu que não poderia fazer isso na tentativa e erro. O cheiro de veneno lhe dava tontura. Dúzias de olhos verdes nadavam dentro e fora de sua visão. Era apenas uma questão de tempo até a Hidra acertar um golpe e afundar suas presas em sua carne. Hércules precisava fazer com que as cabeças parassem de se duplicar.

— lolau! — gritou ele. — Venha aqui com essa tocha e...
AHHHHH!

Um dos pescoços do monstro o acertou, jogando Hércules para longe. Ele rolou, mas outro pescoço enrolou-se em suas pernas e levantou-o do chão. Hércules conseguiu se libertar, e ele se viu subindo através de uma selva reptiliana de pescoços viscosos e cabeças mordedoras. Ele bateu e chutou, mas ele não ousou usar sua espada, ainda não.

— lolau! — gritou ele. — Da próxima vez que cortar uma cabeça, preciso que pule com a tocha e queime o toco para que não cresça. Entende?

— C-c-caranguejo! — disse lolau.

Hércules estava suando com concentração. Ele socou outra cabeça de cobra e deu um mortal sobre um dos pescoços.

— Caranguejo?

— Caranguejo!

Do que o garoto está falando? Faço uma pergunta de sim ou não, e ele responde com “caranguejo”? Hércules arriscou olhar para seu sobrinho.

Se movendo para fora da lama, bem na frente de lolau, estava um caranguejo tão grande quanto uma roda de carruagem. Sua boca espumando. Suas pinças estalando.

Hércules nunca tinha ouvido falar de caranguejos gigantes vivendo em um pântano. Então, novamente, cobras não costumam rastejar em quartos de crianças.

— Hera deve estar brincando comigo de novo — resmungou Hércules. — Espere, lolau!

Ele cortou vários pescoços do labirinto de pescoços da Hidra para sair. Ele sabia que isso iria fazer com que mais deles crescessem, mas ele não podia deixar seu último sobrinho sobrevivente ser comido por um crustáceo. Ele lançou-se no caranguejo com um chute voador e chutou com seu calcanhar bem entre os olhos do caranguejo. A concha rachou. Seu pé penetrou o cérebro do caranguejo, matando-o instantaneamente.

— ECA! — Hércules tirou o pé da gosma. — Certo, garoto, prepare a tocha e...

— Cuidado! — gritou lolau.

Hércules girou quando a Hidra o atacou. Só o manto do Leão de Nemeia o salvou de uma dúzia de novos piercings corporais.

Hércules cortou a cabeça mais próxima.

— Agora, garoto!

lolau empurrou a tocha contra o pescoço e queimou a ferida. Nada brotou do coto carbonizado.

— Bom trabalho! — disse Hércules. — Só faltam mais cinquenta ou sessenta!

Juntos, eles queimaram as cabeças da Hidra até que o ar estava cheio de fumaça e cheiro de churrasco de réptil. Finalmente, o monstro tinha apenas uma cabeça sobrando, cercada por uma coroa de bolinhas carbonizadas e fritas.

Hércules resmungou.

— Claro que a cabeça imortal seria a última.

Ele cortou o pescoço. O monstro inteiro desmoronou em uma pilha. A cabeça ainda viva se debatendo na lama, sibilando e cuspidando veneno.

— Nojento — disse lolau. — O que fazemos com isso?

Hércules colocou a mão no ombro do sobrinho.

— Você fez bem, sobrinho. Apenas tome conta da cabeça molenga por um segundo. Não a deixe escapar. Eu tenho uma ideia...

Hércules recolheu algumas das cabeças de cobra mortas do chão. Ele espalhou uma lona de couro e cuidadosamente removeu veneno das presas da Hidra. Em seguida, ele mergulhou a ponta de suas flechas, revestindo-as com veneno mortal. Ele juntou as flechas e as colocou em sua aljava.

— Flechas venenosas podem ser úteis algum dia — disse para lolau. — Agora, sobre esta cabeça imortal de Hidra, eu suponho que não há nenhuma maneira de destruí-la?

lolau deu de ombros.

— É provavelmente por isso que eles a chamam de imortal.

— Então precisamos ter certeza de que nunca mais causará problemas.

Hércules cavou um poço profundo, enterrou a cabeça e cobriu o túmulo com uma rocha pesada para que ninguém jamais desenterrar a coisa desagradável por acidente. Então ele e lolau voltaram para Tirinto.

De acordo com a lenda, aquela cabeça de Hidra ainda está viva e se debatendo em algum lugar perto de Lerna abaixo uma grande pedra. Pessoalmente, eu recomendo que você não vá procurá-la.

De volta ao palácio, o rei supremo Euristeu tinha finalmente saído de seu vaso.

Hércules explicou como ele derrotou a Hidra. Ele mostrou ao rei algumas das cabeças de cobra mortas e uma caixa de

carne de caranguejo de alta qualidade que eles coletaram do amigo espumante de Hera.

Os olhos de Euristeu brilharam.

— Você disse que seu sobrinho *ajudou*?

— Bem... Sim. Ele queimou os tocos enquanto eu...

— RESPOSTA ERRADA! — O rei bateu no braço do trono. — Ninguém pode ajudá-lo com suas tarefas! Este feito não conta!

Os tendões no pescoço de Hércules apertados como cabos de suspensão.

— Você está brincando comigo?

— Ah, não! O Oráculo disse que só *eu* poderia julgar se um trabalho foi feito corretamente. E este trabalho não foi! Você ainda tem nove tarefas estúpidas para cumprir!

Euristeu sorriu em triunfo, aparentemente não apreciando o quão forte Hércules estava apertando seus punhos. Euristeu queria vingança pelo incidente do vaso. Ele não gostava que o fizessem para parecer um tolo. (Não que ele precisava de ajuda de Hércules com isso.) Ele queria que Hércules *sofresse*.

— Nas fronteiras do meu reino — continuou ele — um enorme javali tem causado todos os tipos de problemas, devastando o campo, matando meus camponeses...

— Você quer que ele morra — supôs Hércules.

— Ah, não! Um herói de seu talento precisa de um desafio mais difícil. Eu quero que traga o javali para mim vivo!

Hércules silenciosamente contou para cinco, que foi o número de vezes que ele queria chutar o rei supremo nos dentes.

— Tudo bem. Onde posso encontrar este porco monstro?

— Ele normalmente vagueia pela terra dos centauros perto do Monte Erimanto. Por causa disso, o chamamos de...

— Deixe-me adivinhar. O Javali de Erimanto.

— Exatamente! E não leve o seu sobrinho desta vez. Faça a tarefa sozinho!

Hércules saiu do palácio. Com relutância, ele disse a lolau para ficar na cidade e vender sua carne de caranguejo,

enquanto ele ia à caça do javali.

Depois de semanas difíceis de viagem, Hércules chegou na terra dos centauros. Ele estava preocupado em lidar com os nativos, já que os centauros tinham uma reputação de serem selvagens e brutos. Mas o primeiro que ele conheceu, um velho garanhão chamado Folo, acabou por ser superlegal.

— Pelos deuses! — exclamou Folo. — O próprio Hércules! Eu tenho esperado por este dia!

Hércules levantou suas sobrancelhas espessas.

— Você tem?

— Com certeza! Eu ficaria feliz em lhe orientar em sua busca ao Javali de Erimanto, mas primeiro você me honraria jantando em minha humilde casa?

Hércules estava cansado e faminto, então ele seguiu Folo até sua caverna. Enquanto Hércules ficava confortável, o centauro acendeu a churrasqueiro e colocou algumas costelas para assar. Em seguida, ele se ajoelhou em suas patas dianteiras equinas e escovou o chão coberto de sujeira até que ele desenterrou um alçapão de madeira.

— Aqui é a minha despensa secreta — explicou Folo. — Isso vai soar estranho, mas há gerações atrás meu bisavô ouviu uma profecia de que um dia seus descendentes iriam entreter um convidado importante chamado Hércules!

— Uma profecia falou de mim?

— Ah, sim! Meu bisavô reservou esta jarra de vinho para a ocasião... — Folo pegou um *pito de* cerâmica coberto de poeira e teias de aranha. — Está envelhecendo nesta despensa há mais de cem anos, esperando por você!

— Eu... Eu estou honrado — disse Hércules. — Mas e se tiver virado vinagre?

Folo abriu o jarro. Um aroma doce encheu a caverna; como o de vinhas amadurecendo no sol de verão, chuvas de primavera suaves em um campo de grama nova e especiarias raras secando sobre o fogo.

— Uau — disse Hércules. — Sirva-me um copo!

Eles beberam uma taça. Ambos concordaram que era o melhor vinho que já tinham provado. Folo estava prestes a dizer a Hércules onde ele poderia encontrar o Javali de Erimanto quando cinco centauros empunhando lança entraram na caverna.

— Nós sentimos o cheiro desse vinho! — disse um. — Me dê!

Folo levantou-se.

— Dáfnis, você e seus amigos desordeiros não foram convidados. Este vinho é um presente especial para o meu convidado.

— Compartilhe! — gritou Dáfnis. — Ou morra!

Ele levantou sua lança e avançou em Folo, mas Hércules foi mais rápido. Ele puxou seu arco e disparou cinco flechas venenosas, matando os intrusos.

Folo olhou para a pilha de centauros mortos.

— Ah céus. Não foi assim que imaginei o nosso jantar especial. Obrigado por me salvar, Hércules, mas eu devo enterrá-los.

— Por quê? — perguntou Hércules. — Eles tentaram te matar.

— Eles ainda são meus parentes — disse o velho centauro. — Família é família, mesmo quando te ameaçam com assassinato.

Hércules não discutiria com isso. Ele teve alguma experiência com a morte da família. Ele ajudou Folo a cavar as sepulturas. Assim que eles estavam enterrando o último centauro, Folo puxou uma das flechas de Hércules da perna do cadáver.

Hércules disse:

— Cuidado com...

— Ai!

Folo cortou o dedo com a ponta da flecha envenenada. O velho centauro rapidamente desmoronou.

Hércules correu para o lado de Folo, mas não tinha antídoto para o veneno da Hidra.

— Meu amigo, eu... eu sinto muito.

O velho centauro sorriu fracamente.

— Foi um dia especial. Eu bebi um excelente vinho. Eu jantei com um herói. Você vai encontrar o javali a leste daqui. Use... use a neve.

Os olhos de Folo se fecharam.

Hércules sentiu-se terrível. Ele construiu uma pira funerária para Folo e derramou o resto do vinho no fogo como um sacrifício para os deuses. Ele não entendeu o último conselho de Folo, *use a neve*, mas ele dirigiu-se para o leste em busca do javali.

Família é família, Hércules pensou. Ainda assim, se Euristeu não o tivesse mandado nesta missão estúpida, aquele velho centauro ainda estaria vivo. Hércules queria estrangular seu primo real.

Ele encontrou o javali vagando nas colinas a leste, assim como Folo tinha dito. Eu descrevi muitos javalis gigantes neste livro que você provavelmente pode imaginar como ele parecia. Afinal, a Grécia antiga estava infestada de porcos gigantes do mal mortais. O javali era tão grande, peludo, feio e malvado quanto todos os outros. Matá-lo não teria sido um desafio para Hércules. Capturá-lo vivo... isso era mais difícil.

Hércules passou semanas perseguindo o javali pela floresta. Ele tentou cavar um poço para o javali cair nele. Ele tentou redes e armadilhas e kits de captura de javalis da Acme com bigornas e serras. O javali era muito esperto para tudo isso. Ele gostava de provocar Hércules, deixando-o chegar quase ao alcance antes de fugir novamente, pulando sobre suas armadilhas e guinchar com riso de porco.

Essa coisa pode cheirar uma armadilha feita pelo homem a quilômetros de distância, pensou Hércules. *Mas de que outra forma posso pará-lo?*

Neste momento ele seguiu o javali até os pontos mais altos do Monte Erimanto. Uma tarde, ele subiu um cume, na esperança de reconhecer o terreno, e ele notou uma ravina íngreme abaixo, cheio de neve.

— Huh — disse Hércules. — *Use a neve...*

Ele murmurou uma oração de agradecimento ao centauro Folo.

Levou Hércules várias tentativas, mas, com flechas flamejantes e muitos gritos, ele finalmente conseguiu fazer o javali gigante o perseguir até a ravina. O javali avançou em linha reta na neve e ficou completamente preso, como um dispositivo em isopor derretido.

Se Hércules tivesse uma caixa de papelão grande o suficiente e uma fita, ele poderia enviar o javali para Euristeu pelos correios. Já que ele não fez, ele passou muito tempo cavando cuidadosamente em torno do javali, amarrando as pernas e seu focinho. Então, usando toda a sua grande força, ele transportou o monstro para fora do monte de neve e arrastou-o para Micenas.

Os comerciantes de Tirinto estavam entusiasmados ao ver Hércules chegando à cidade, transportando um enorme porco. Primeiro ele trouxe bifes de leão. Em seguida, ele encheu as lojas com carne de caranguejo de alta qualidade. Agora a carne de porco estaria no cardápio por semanas!

Euristeu não estava tão contente. Ele estava no meio do café da manhã quando Hércules entrou na sala do trono e jogou o Javali de Erimanto como uma bola de boliche em direção ao trono real.

O javali deslizou até parar nos pés de Euristeu, seus olhos vermelhos na altura do rosto do rei, suas presas afiadas a poucos centímetros de suas partes baixas. Euristeu gritou e se jogou para se proteger, direto em seu grande jarro de bronze.

— Qual... qual é o significado disso? — perguntou ele, sua voz ecoando de dentro do pote.

— É o Javali de Erimanto — disse Hércules. — Vivo, como solicitado.

— Sim! Bem! Leve-o embora!

— E para a minha próxima tarefa? — perguntou Hércules.

Euristeu fechou os olhos e choramingou. Ele *odiava* heróis. Eles eram tão irritantemente... heroicos. Ele se

perguntou se ele poderia apenas ordenar Hércules a se matar. Não, os deuses provavelmente não gostariam disso.

A menos que... Euristeu teve uma ideia brilhante. E se ele pedisse a Hércules para fazer algo que o fizesse ser morto *pelos deuses*?

— A Capreolus de Cerineia! — gritou o rei. — Traga-a para mim.

— O que? — perguntou Hércules.

— Apenas vá! Descubra! Pesquise na internet! Eu não me importo! Traga-me aquela corça, viva ou morta!

Hércules nunca tinha sido bom em pesquisar coisas na Internet, então ele perguntou pela cidade o que era uma Capreolus de Cerineia.

Seu sobrinho lolau lhe deu a resposta.

— Ah, sim, eu ouvi essa história. A capreolus é uma corça.

— Uma corça — disse Hércules. — Um veado. Um veado fêmeo.

— Isso — disse lolau. — Ela mora na Cerineia. É por isso que ela é chamada...

— A Corça de Cerineia. — Hercules suspirou. — Essas pessoas, sempre nomeando seus animais em homenagem a lugares com nomes realmente difíceis. Só uma vez, eu quero ir capturar um monstro chamado Joe ou Timothy.

— Enfim — continuou lolau — a corça supostamente é muito rápida, tipo rápida o suficiente para ultrapassar a velocidade de uma flecha. Ela tem chifres dourados...

— Veados fêmeas não tem chifres, elas têm?

— Essa aqui tem. E cascos de bronze. Além disso, a corça é sagrada para a deusa Artémis.

— Então, se eu matar a corça...

— Artémis vai matá-lo — confirmou lolau.

— Euristeu está tentando me enganar. Eu odeio esse cara.

— Tem certeza que não quer que eu vá com você?

— Não. Não quero ser desclassificado novamente. Obrigado mesmo assim, garoto.

Então Hércules foi sozinho a busca da corça mágica que não era chamada de Timothy.

A tarefa não era muito perigosa tanto quanto era longa, difícil e irritante. Hércules perseguiu a corça por um ano inteiro por toda a Grécia, até pelas terras congeladas dos gigantes hiperbóreos e de volta ao sul do Peloponeso novamente. Ele se exercitou muito, mas não conseguia aproximar-se da corça. Suas redes, armadilhas e kits de captura de corças da Acme não funcionaram. Ele tentou o velho truque do javali na neve, mas a corça correu com agilidade sobre a crosta de gelo sem cair.

A única vez que a corça desacelerava foi quando ela cruzava rios. Talvez ela não quisesse que seus cascos de bronze brilhantes ficassem molhados, porque ela sempre hesitava alguns segundos antes de pular. Isso poderia ter dado a Hércules uma oportunidade de atirar no animal, mas desde que ele não poderia matá-la não ajudava em nada.

A menos que... pensou Hércules. *Eu poderia incapacitá-la sem matá-la.*

Este não era o plano mais fácil ou mais seguro, mas Hércules decidiu que tinha que tentar. Ele vasculhou seus suprimentos até que ele encontrou uma boa linha de pesca, a mais forte e mais leve linha que ele tinha. Ele amarrou uma extremidade a ponta de uma flecha. Então ele correu atrás do veado.

Conseguir o momento certo para o tiro levou dias. Hércules teve que explorar o terreno para que ele o conhecesse perfeitamente. Ele tinha que antecipar o caminho que a corça iria correr. Então teria que a atrair até o rio o mais próximo a tempo de preparar o tiro.

Finalmente ele conseguiu entrar em posição. Ele estava a uma centena de metros rio abaixo, seu arco pronto, assim que a corça atingisse a água.

Por alguns batimentos cardíacos, ela hesitou. Mesmo para o melhor arqueiro, este era um tiro ridiculamente difícil, mas Hércules não tinha escolha. Ele deixou a flecha voar.

A ponta atravessou direto a membrana de ambas as canelas, prendendo as patas traseiras da corça na linha de pesca. Ela tropeçou. Antes que ela pudesse recuperar o equilíbrio, Hércules correu até margem do rio e agarrou os cascos de bronze do animal. Ele examinou as feridas e respirou um suspiro de alívio. Ela perdeu um pouco de sangue, mas a corça não sofreria nenhum dano permanente.

Hércules jogou a corça sobre os ombros e começou a voltar para Tirinto.

Ele só tinha andado oitocentos metros quando uma voz atrás dele disse:

— Onde você está indo com a minha corça?

Hércules virou. Atrás dele estava uma jovem donzela em uma túnica prateada, um arco ao seu lado. Ao lado dela estava um elegante em roupas douradas. Ele também estava armado com um arco.

— Ártemis — disse Hércules, resistindo ao impulso de gritar e correr. — E Apolo. Olha, pessoal, me desculpe eu tive que capturar esta corça, mas...

— “Mas.” — Ártemis olhou para o irmão. — Você não ama quando os mortais dizem “Eu sinto muito, mas...”? Como se eles pudessem se desculpar por suas ofensas! — Ela encarou Hércules com seus olhos prateados. — Muito bem, herói. Explique-me por que eu não deveria matá-lo agora mesmo.

— Euristeu me deu dez trabalhos estúpidos — disse Hércules. — Quero dizer, dez grandes trabalhos. Ele me disse para trazê-lo para a Corça de Cerineia, morta ou viva. Claro que eu sabia que ela era sagrada para você. Eu nunca a mataria. Mas eu fui pego entre cumprir minhas dez tarefas como a profecia de Apolo manda...

— Isso é verdade — admitiu Apolo.

— ... e ofender a grande deusa Ártemis. Euristeu armou para mim. Ele queria que eu matasse a corça para que você me matasse. Mas, se você me deixar levar a corça para ele e completar a minha tarefa, eu prometo que nenhum dano

adicional virá para ela. Eu vou deixá-la ir imediatamente depois que eu apresentá-la ao rei.

Os dedos de Ártemis se branquearam em seu arco.

— Eu odeio quando os mortais nos usam para o seu trabalho sujo.

— Morte por um deus — resmungou Apolo. — Não somos matadores de aluguel. Não podemos ser informados a quem matar ou não matar!

Ártemis fez em um gesto de despedida.

— Hércules, leve a corça. Mantenha a sua promessa e não teremos mais problemas. Mas este Euristeu... Espero nunca pegá-lo caçando em florestas. Eu não serei tão misericordiosa.

Os deuses desapareceram em um brilho de luz. Hércules continuou em seu caminho, mas só depois de seus joelhos pararem de tremer. Só um tolo não teria medo de Ártemis e Apolo, e, mesmo com muitos defeitos, Hércules não era tolo. Bem, na maioria parte do tempo pelo menos.

Quando Hércules carregou a Corça de Cerineia até a sala do trono, ele estava esperando que Euristeu se escondesse em seu pote, porque isso teria sido divertido.

Em vez disso, o rei supremo apenas deu de ombros.

— Então você concluiu esta tarefa adequadamente. Eu vou manter a corça em meu *menagerie*.

— Sua o quê? — perguntou Hércules.

— Meu zoológico real privado, seu burro! Todo rei precisa de um *menagerie*.

— Nananinã. Prometi a Ártemis que soltaria a corça. Se você quer esse veado em um jardim zoológico, você terá que colocá-lo lá você mesmo.

— É parte de sua tarefa!

— Não, não é. Você acabou de dizer que eu completei a tarefa.

— Ah, tudo bem! Eu levo o veado.

O rei se levantou do seu trono. Ele estava na metade dos degraus quando Hércules colocou o veado em pé e cortou as cordas que amarravam suas pernas.

— Pronto, Euristeu. Tenha cuidado. Ela é...

A corça fugiu da sala em um borrão de ouro e branco.

— ... rápida.

O rei gritou e bateu os pés no chão com raiva, o que era quase tão engraçado quanto vê-lo saltar em um pote. A corça correu de volta para a floresta, o que deixou Ártemis feliz.

Euristeu rosnou.

— Seu herói mentiroso! Sua próxima tarefa será *impossível!*

— Eu pensei que as últimas quatro eram impossíveis.

— Essa será ainda *mais* impossível! Perto da cidade de Estinfália tem um lago infestado por um bando de aves demoníacas...

— Se elas forem chamadas de pássaros Estinfália...

— Elas são chamadas de pássaros de Estinfália!

— Vou vomitar.

— Você não vai vomitar! Você vai livrar o lago de cada pássaro. Ha ha! Copreu, meu arauto...

O arauto do rei encolheu-se.

— Sim, meu senhor?

— O que as pessoas dizem quando desejam boa sorte a alguém, mas querem dizer de forma sarcástica?

— Hã, boa sorte com isso?

— Isso! Boa sorte com isso, Hércules! Ha, ha!

Hércules saiu, murmurando.

Quando ele chegou perto de Estinfália, ele percebeu que todas as terras agrícolas não estavam plantadas. Nem uma única árvore tinha fruta.

Então ele começou a encontrar cadáveres; de esquilos, de cervos, de vacas, de pessoas. Eles tinham sido arranhados e bicados até sobrarem só pedaços. Alguns tinham penas saindo de seus pescoços. Hércules arrancou uma das penas. Era tão dura e afiada quanto uma lâmina.

Quando ele chegou ao lago, seu ânimo afundou. O vale parecia uma tigela de cereais de um quilômetro e meio de largura, com colinas arborizadas e ocupada com uma camada fina de água verde. Ilhas de gramas pantanosas se contorciam com pontos pretos, milhões e milhões de aves com tamanho de corvos. As árvores ao longo da costa balançavam e estremeciam com peso do bando. Seu grunhido ecoava para a frente e para trás como sonar na água.

Hércules caminhou até a árvore mais próxima. Os bicos e as garras dos pássaros brilhavam como o bronze lustrado. Um dos pequenos demônios o encarou com seus olhos amarelos. Ele grasnou, inchando o seu corpo, e uma chuva de penas foi lançado em direção a ele. Se não fosse por sua capa de pele de leão, Hércules teria sido espetado.

— Isso realmente é impossível — disse Hércules. — Não há flechas suficientes no mundo para matar tantos pássaros.

— Então use sua inteligência — disse uma voz feminina.

Hércules virou. Ao lado dele estava uma mulher com cabelos longos e escuros e olhos cinza-tempestade. Ela segurava um escudo e lança, como se estivesse pronta para lutar, mas seu sorriso era acolhedor e familiar.

Hércules ajoelhou-se.

— Atena. Já faz um tempo.

— Como está? — disse a deusa. — Vejo que você trocou o manto real que fiz você por uma pele de leão.

— Ah, hã, não quis ofender.

— Não fiquei ofendida, meu herói. Você foi sábio para usar a capa como armadura. Além disso, você teria que se esforçar *muito* para me chatear. Eu ainda rio da época em que Hera tentou te amamentar você.

A deusa hesitou.

— Ah pelos deuses... você não, hã, faz cocô na calça quando você escuta o nome dela, faz?

Hércules corou.

— Não, eu superei isso quando eu era um bebê.

— Bom, bom. De qualquer forma, o incidente foi *muito* engraçado. Estou aqui hoje porque Zeus pensou que você poderia precisar de algum conselho.

— Isso é incrível! Então, qual é o segredo para matar esses pássaros?

Atena abanou o dedo.

— Eu disse *conselho*. Não disse que lhe daria a resposta. Você vai ter que usar sua inteligência.

— Porcaria.

— Pense, Hércules. O que poderia fazer essas aves irem embora?

Hércules cruzou os braços de suas patas de leão.

— Pássaros maiores?

— Não.

— Milhares de gatos?

— Não.

— Falta de comida?

Atena fez uma pausa.

— Isso é interessante. Talvez, eventualmente, as aves migrariam por conta própria, quando todas as suas fontes de alimento acabassem. Mas você não pode depender disso, e você precisa que elas saiam *agora*. Então o que você pode fazer?

Hércules pensou na época em que morava em um rancho de gado. Ele passava muito tempo observando bandos de pássaros nos pastos.

— Uma vez, durante uma tempestade — ele lembrou — trovejou, e milhares de corvos saíram de um campo de trigo e voaram para longe. Os pássaros odeiam ruídos altos.

— Excelente.

— Mas... Como posso fazer um barulho tão terrível? — Hércules lançou sua mente de volta para sua infância. Ele tinha sido acusado de fazer alguns sons muito horríveis na época. — Meu velho professor de música disse que eu tocava tão mal que eu poderia assustar qualquer público. Eu queria que ainda tinha a minha lira, mas eu a quebrei na cabeça de Linus.

— Bem, eu não tenho uma lira — disse Atena — mas eu tenho algo que pode servir.

Das dobras de suas vestes, a deusa puxou uma vara cravejada com fileiras de pequenos sinos de vacas, parecido com um chocalho de serpente gigante fundido no bronze. — Hefesto fez isso. É muito possivelmente o pior instrumento musical já inventado. Nem mesmo Apolo quis, mas eu tinha a sensação de que poderia revelar-se útil algum dia.

Ela entregou o chocalho para Hércules. Quando ele balançou, seus tímpanos se encolherem dentro do crânio e imploraram para morrer. Cada sino fazia um som perfeitamente dissonante com o outro. Se cinco trituradores de carro se juntassem e formassem uma banda, seu álbum de estreia poderia soar como aquele chocalho.

Todos os pássaros dentro de um raio de noventa metros enlouqueceram e dispersaram-se, mas assim que Hércules parou de fazer barulho, eles voltaram para as árvores.

Hércules franziu a testa.

— Isso funcionou temporariamente, mas para se livrar de todos esses pássaros precisarei de mais sinos.

Atena estremeceu.

— Nenhum mortal deve nunca usar as palavras “mais sinos”. Mas talvez o chocalho seja apenas parte da resposta. E se você atirasse nos pássaros para que eles fugissem?

— Eu não posso disparar em todos eles! Há muitos.

— Você não precisa atirar em todos eles. Se você pode apenas convencer os pássaros que este não é um bom lugar para ficarem...

— Ha! Entendi. Obrigado, Atena! Ele correu em direção ao lago, sacudindo o chocalho e gritando: — MAIS SINOS!

— E essa é a minha deixa de sair.

Atena desapareceu em uma nuvem de fumaça cinzenta.

Hércules passou dias correndo ao redor do lago com seu chocalho e seu arco. Quando os pássaros do Estinfália levantavam voo, aterrorizados por sua música terrível, ele disparava tanto quanto podia com suas flechas venenosas.

Após uma semana de sinos e veneno, o rebanho inteiro voou para em uma nuvem preta para o horizonte.

Hércules ficou por mais alguns dias, só para garantir que os demônios com penas não retornariam. Em seguida, ele recolheu um lindo colar de carcaças de pássaros e voltou para Tirinto.

— Rei supremo! — anunciou Hércules quando entrou na sala do trono. — Tenho o prazer de lhe dar o pássaro, quero dizer, pássaros, no plural. O lago Estinfália está seguro para a temporada de banho!

Antes que o rei pudesse responder, a câmara de audiência irrompeu em aplausos e gritos. Funcionários da corte gritavam para o herói segurando fotografias de Hercules atrás de autógrafos. Muitos dos guardas reais mostraram suas camisetas escritas *TIME HÉRCULES*, embora Euristeu especificamente os proibiu como violação do código de vestimenta.

O rei cerrou os dentes. Com cada tarefa estúpida que Hércules completava, ele ficava mais famoso e se tornava mais uma ameaça. O povo de Micenas o adorava.

Talvez Euristeu estivesse fazendo isto da maneira errada. Em vez de tentar matar Hércules, talvez ele devesse atribuir a Hércules uma tarefa tão nojenta e humilhantes que o herói se tornaria um motivo de piada.

O rei supremo sorriu.

— Muito bem, Hércules. Agora, para a sua próxima missão!

A multidão se silenciou. Eles mal podiam esperar para ouvir que tipo de monstro Hércules lutaria em seguida, e que tipo de carne exótica que podiam esperar em breve em suas mesas de jantar.

— Meu amigo Áugias, o rei de Elis, é famoso por seu gado — disse Euristeu — mas temo que seus estábulos tenham ficado um pouco... bagunçados ao longo dos anos. Já que você tem experiência como fazendeiro, eu quero que você vá limpar seus estábulos. Sozinho. *Sem ajuda.*

Alguns da multidão se afastaram de Hércules como se ele já estava coberto de cocô de vaca.

Os olhos de Hércules podiam ter queimado um buraco na cara do rei supremo.

— *Essa é a minha próxima tarefa? Você quer que eu limpe estábulos?*

— Ah, me desculpe. Fazer um pouco trabalho honesto está abaixo de você?

Euristeu não saberia o que é um pouco de trabalho honesto se ele corresse ao redor dele tocando um sino, mas a multidão murmurou:

— Oooooooo, se queimou.

— Tudo bem — resmungou Hércules. — Eu vou limpar os estábulos.

Ele assinou mais alguns autógrafos, deu os seus pássaros mortos Estinfália como souvenirs, em seguida, saiu para comprar algumas galochas e uma pá.

Uma ironia: o rei Áugias, cujo nome significa *brilhante*, era o mais ganancioso, sujo, não brilhante rei de toda a Grécia. Ele estava criando gado por trinta anos e nunca se preocupou em limpar seus celeiros.

Isso em parte porque o gado não precisava dele. Eles eram descendentes das vacas divinas do pai de Áugias, o titã do sol Hélios, então podiam viver em quaisquer condições, limpas ou sujas, e nunca ficavam doentes.

Mas na maior parte, Áugias não limpava seus estábulos porque era pão-duro e preguiçoso. Ele não queria pagar a ninguém para fazer o trabalho. E, conforme o trabalho piorava, menos pessoas estavam dispostas a aceitar. Por causa da saúde celestial das vacas, eles faziam *muito* cocô, então depois de trinta anos os estábulos pareciam uma variedade de montanhas de esterco de vaca com enxames de moscas tão grossas que você não conseguia ver os animais.

Hércules sentiu o cheiro do reino de Áugias vinte e quatro quilômetros antes de ele chegar lá. Quando ele chegou na cidade de Elis, todos os moradores estavam correndo por aí com lenços sobre seus narizes e bocas para bloquear o fedor. O movimento no mercado era terrível, porque ninguém queria visitar ou viajar pela Cidade Cocô.

Hércules decidiu ver como os celeiros estavam antes de falar com o rei. Ele rapidamente percebeu que suas galochas e sua pá não seriam suficientes. Os currais ocupavam mais espaço do que o resto da cidade. Eles estavam situados no limite ocidental da cidade, em uma espécie de península onde o Rio Alfeu se curvava em um gigante C.

Hércules sentiu-se péssimo pelo o gado. Nenhum animal, divino ou não, deveria viver em condições como essa. Ele passou seis anos criando gado, então ele sabia algo sobre como estábulos deviam ser, mesmo se ele não podia vê-los por conta da paisagem de cocô. Ele anotou medidas ao longo das margens do rio, fez alguns cálculos de engenharia e usou o aplicativo de melhoria de ânimo em seu smartphone até que uma solução começou a se formar em sua mente.

Então ele se foi para o palácio real.

Ele mal conseguia atravessar as portas do trono, porque o lugar estava muito bloqueado por lixo. Alguns guardas confusos vagavam com uniformes usados, navegando por cânions de jornais velhos, móveis quebrados, roupas mofadas e caixas de comida para animais de estimação vencidas.

Hércules apertou o nariz. Ele caminhou até o trono, onde o rei Áugias sentava-se em uma cadeira dobrável de metal frágil. Suas vestes podiam já terem sido azuis, mas estavam tão manchadas que era impossível ter certeza. Sua barba estava cheia de migalhas de pão e pequenos ratos. Ao lado dele estava um homem mais jovem, talvez seu filho, cuja expressão parecia permanentemente congelado no ato de

vomitam. Hércules não pode culpar o garoto. O palácio cheirava como o interior de uma caixa de leite estragada.

— Olá, rei Áugias. — Hércules curvou-se. — Eu ouvi que você pode precisar de alguma ajuda para limpar seus estábulos.

Ao lado do rei, o jovem gritou:

— Graça aos deuses!

Áugias fez uma careta.

— Quietos, filhos! — O rei virou-se para Hércules. — Meu filho não sabe do que está falando, estranho. Não precisamos de ajuda com limpeza.

— Pai! — protestou Fileu.

— Silêncio, garoto! Eu não estou pagando ninguém para fazer esse trabalho. Custaria muito. Além disso, meu gado está perfeitamente saudável.

— Seu povo não está — murmurou o príncipe. — Eles estão morrendo por causa do fedor.

— Senhor — interrompeu Hércules. — Eu posso fazer o trabalho, e eu vou cobrar uma taxa muito razoável.

Hércules não planejava pedir o pagamento, mas agora ele pensou que poderia muito bem pedir. O trabalho era nojento, e o rei merecia pagar por manter suas vacas em condições de má qualidade.

— Só te vai custar um quarto do seu rebanho.

O rei se inquietou de sua cadeira, fazendo chover migalhas e ratos de sua barba.

— Que absurdo! Eu não lhe daria nem um *centésimo* do meu rebanho!

— Um décimo — disse Hércules. — E eu vou fazer todo o trabalho em um dia.

O rei Áugias estava prestes xingar, ou possivelmente ter um ataque cardíaco, quando Fileu agarrou seu braço.

— Pai, esta é uma oportunidade de ouro! É um preço pequeno para tanto trabalho, e como ele poderia possivelmente terminar em um dia? Diga-lhe que não terá salário se não conseguir fazê-lo dentro do prazo. Então, se

ele falhar, não lhe custa nada e nós ainda teremos os celeiros parcialmente limpos.

Hércules sorriu.

— Seu filho é esperto. Temos um acordo?

Áugias resmungou.

— Muito bem. Guardas, tragam-me um pergaminho para que eu possa escrever um contrato. E não o do tipo bom. Eu tenho resmas de pergaminho usadas debaixo daqueles sacos de areia para gato.

— Areia para gato? — perguntou Hércules.

— Nunca se sabe quando pode precisar!

Hércules e Áugias assinaram o contrato. O príncipe Fileu serviu como testemunha.

Na manhã seguinte, com Fileu indo junto, Hércules levou sua pá para os estábulos.

O príncipe inspecionou as montanhas de cocô.

— Você, meu amigo, fez um mau negócio. Não tem jeito algum de você conseguir limpar tudo isso até o pôr do sol.

Hércules apenas sorriu. Ele passeou para o norte dos currais e começou a cavar um buraco.

— O que você está fazendo? — perguntou Fileu. — Todo o cocô está ali.

— Veja e aprenda, príncipe.

Hércules era forte e incansável. Ao meio-dia, ele tinha cavado uma vala profunda do extremo norte dos currais até a margem superior do rio, deixando apenas uma parede fina para impedir a água de fluir. Ele passou o resto do dia cavando outra trincheira do extremo sul dos currais até o fundo da curva em formato de C do Rio Alfeu, onde o rio fluía para fora da cidade. Novamente Hércules deixou apenas o suficiente de terra no lugar para impedir a água de escoar para a trincheira.

No final da tarde, Fileu estava ficando impaciente. Hércules estava prestes a falhar no trabalho sem ter movido uma única pá de cocô.

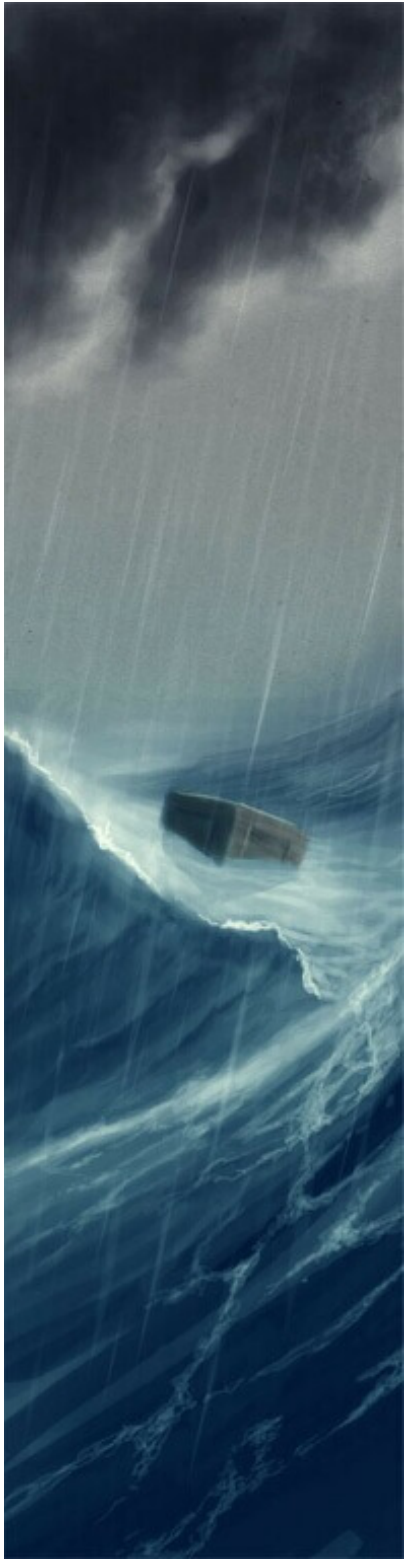
— Então você cavou duas trincheiras — disse o príncipe. — Como isso ajuda?

— O que acontecerá — perguntou Hércules — quando eu derrubar o muro de contenção do norte e deixar entrar no rio?

— A água... Ah! Eu entendi!

Fileu seguiu, saltando para cima e para baixo com emoção, quando Hércules caminhou para a margem norte. Com um único golpe de sua pá, Hércules quebrou a parede de contenção. O rio inundou a trincheira, correndo em direção aos currais. Hércules tinha sido cuidadoso com suas medidas. O grau e a elevação estavam certos. A água correu rapidamente para os estábulos, quebrando as montanhas do estrume, empurrando os resíduos para a trincheira do sul na curvatura mais baixa do rio, onde foi varrida rio abaixo.

Hércules inventou a maior privada do mundo. Com uma única descarga, ele limpou trinta anos de excrementos dos currais, deixando apenas um campo reluzente de lama e mil vacas limpas e muito confusas.



Fileu gritou com alegria. Ele escoltou Hércules de volta à sala do trono, ansioso para compartilhar a boa notícia.

— Pai, ele conseguiu! Os estábulos estão limpos! A cidade não cheira mais como uma usina de processamento de esgoto!

O rei Áugias olhou para cima das latas amassadas de feijão que ele tinha empilhado.

— Eu não acredito.

— Eu estava lá! — insistiu Fileu. — Sou sua testemunha. Você tem que pagar este homem; um décimo do seu rebanho, como você prometeu no contrato.

— Eu não sei do que você está falando — disse o rei. — Não assinei nenhum contrato. Eu nunca prometi nada para este homem.

Fileu ficou verde como um olho de Hidra.

— Mas...

— Você não é meu filho! — gritou o rei. — Você está do lado deste estranho ao invés do meu? Vou banir vocês dois por traição. Guardas!

Os guardas não aparecem, provavelmente porque estavam perdidos nas pilhas de lixo da sala do trono.

Hércules virou-se para Fileu.

— Você parece ser um jovem sensato. Se você fosse rei, você iria limpar este palácio?

— Num piscar de olhos.

— Você seria um bom governante?

— Sim.

— E honrar seus contratos?

— Pode apostar que sim.

— Bem, isso é tudo que eu preciso ouvir.

— Isso é um absurdo! — gritou o rei Áugias. — Guardas! Alguém!

Hércules subiu os degraus do trono. Ele socou o rei Áugias no rosto, matando-o instantaneamente e agitando várias espécies ainda não descobertas de roedores de sua barba..

Hércules olhou para Fileu.

— Desculpe. Ele estava me irritando.

Fileu tornou-se o rei. Ele imediatamente ordenou que toda a comida para animais de estimação vencidas, areia para gato, jornais velhos e armaduras enferrujadas fossem removidas da sala do trono. Ele declarou acumular um crime capital. A cidade de Elis ganhou um bom banho, e Hércules recebeu um décimo do rebanho real.

Quando Hércules retornou a Tirinto com um milhão de dracmas em gado e nem uma mancha de estrume, Euristeu ficou furioso.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

Hércules contou-lhe a história.

— Eu limpei os estábulos. Eu fiquei rico. Todo mundo está feliz.

— Eu não estou feliz! Esse trabalho não conta. Você recebeu um pagamento!

Hércules engoliu de volta sua raiva.

— Você nunca disse que eu não poderia receber pagamento.

— Mesmo assim, você não fez o trabalho sozinho. O rio fez isso por você!

— Como usar um rio é diferente do que usar uma pá? É uma ferramenta.

O rei supremo pisou os pés no chão com raiva.

— Eu disse que o trabalho não contou, e *eu* sou o rei supremo! Já que gosta tanto de gado, lhe darei outra tarefa relacionada com vacas. Vá até o rei Minos em Creta. Convença-o a desistir do seu touro premiado. Isso deve mantê-lo ocupado por um tempo!

A fúria de Hércules foi pressionada contra seu esterno. Claro, ele concordou com a punição por assassinar sua família. Claro, ele tinha sido um semideus malvado. Mas agora as suas dez tarefas estúpidas tinham se transformado em *doze* tarefas estúpidas, e ele estava apenas na metade da lista. Ele queria matar o primo. Com grande esforço, ele tirou a mão do punho de sua espada.

— Um Touro de Creta — resmungou ele. — Saindo rapidinho.

O rei Minos tinha uma reputação cruel e um exército poderoso, então Euristeu esperava que ele matasse Hércules no mesmo instante por ousar pedir seu touro premiado. No fim das contas, a missão do touro foi molezinha.

Hércules chegou em Cnossos, caminhou até a sala do trono e explicou sua missão ao rei Minos.

— Resumindo, Vossa Majestade, devo trazer de volta o seu touro premiado para o rei supremo Escondendor em Vasos.

— Leve — disse Minos.

Hércules piscou.

— Sério?

— Sim! Leve o touro! Boa viagem!

Era tudo sobre o momento certo. O touro branco tinha sido um presente de Poseidon, mas Hércules chegou depois que a rainha Pasífae se apaixonou pela besta e deu à luz ao Minotauro, então agora o touro premiado era um lembrete constante da vergonha e desgraça do rei Minos. Ele estava ansioso para se livrar dele. Ele também poderia ter tido uma premonição do que aconteceria se esse touro alguma vez se soltasse no território grego. Euristeu ganharia mais do que esperava.

Hércules navegou de volta para Micenas com o touro branco amarrado no porão de carga. Quando ele chegou às docas, ele pegou o touro, o apoiou em sua cabeça como um saco de farinha e levou-o para o palácio.

— Onde você quer que eu coloque isso?

Desta vez, o rei supremo estava determinado a não entrar em pânico. Sentou-se em seu trono, fingindo ler uma revista.

— Hmm?

— O Touro de Creta — disse Hércules. — Onde você quer que eu coloque isso?

— Ah. — Euristeu sufocou um bocejo. — Coloque ali, ao lado da janela.

Hércules arrastou-se até a janela.

— Eu mudei de ideia — disse o rei. — Ficaria melhor ao lado do sofá.

— Aqui?

— Um pouco para a esquerda.

— Aqui.

— Não, eu gostei mais perto da janela.

Hércules resistiu ao impulso de arremessar o touro no trono.

— Aqui, então?

— O touro não combina com a minha decoração. Leve-o para fora da cidade e liberte-o.

— Você quer que ele fique livre? Este é um animal selvagem com chifres afiados. Ele vai destruir as coisas e matar as pessoas.

— Faça o que eu digo — ordenou o rei. — Então volte para a sua próxima missão.

Hércules não gostou, mas soltou o Touro de Creta no interior grego. Com certeza, ele devastou e causou todos os tipos de danos. Eventualmente, ele vagou até Maratona e tornou-se conhecido como o Touro de Maratona, matando e destruindo e saindo impunidade até que Teseu finalmente o rastreou, mas isso foi muito mais tarde.

Hércules retornou à sala do trono.

— Qual a próxima tarefa estúpida, Vossa Alteza?

Euristeu sorriu. Recentemente, ele ouviu rumores de um rei trácio chamado Diomedes, que criava cavalos comedores de gente, alimentando-os da carne de seus convidados. Desde então, Euristeu estava tendo sonhos agradáveis sobre Hércules sendo despedaçado.

— Eu soube que Diomedes, o rei da Trácia, tem excelentes cavalos — disse ele. — Vai lá e traga-me quatro das suas melhores éguas.

Hércules enrugou a ponta do seu nariz. Ele sentiu uma enxaqueca chegando.

— Você não poderia ter pensado nisso antes, quando eu estava na Trácia perseguindo a Corça de Cerineia.

— Não!

— Legal. Éguas trácias. Tanto faz.

Hércules partiu novamente, desejando que alguém inventasse aviões ou trens-bala, porque seus sapatos estavam ficando desgastados de andar por toda a Grécia.

Ele decidiu tentar sua sorte navegando desta vez. Ele contratou um trirreme e uma tripulação de estagiários, prometendo-lhes aventura e tesouros no caminho para Trácia. Ele também trouxe seu sobrinho, porque lolau se transformou em um habilidoso comandante de tropas. Hércules estava preocupado que Euristeu iria declarar a missão inválida se a tripulação ajudasse a capturar os cavalos, então ele decidiu que, quando chegassem na Trácia, ele iria deixá-los a bordo do navio e se reunir com Diomedes por conta própria.

Ao longo do caminho, Hércules teve algumas pequenas aventuras paralelas. Ele fundou os Jogos Olímpicos. Ele invadiu alguns países. Ele ajudou os deuses a derrotar um exército de gigantes imortais. Eu acho que eu poderia dizer-lhe sobre isso se eu tivesse algumas centenas de páginas extras, mas recentemente eu mesmo tive que lutar contra alguns gigantes, e eu não estou completamente pronto para abordar esse assunto.

Quando Hércules finalmente chegou à Trácia, ele deixou sua tripulação a bordo do navio como planejado e marchou sozinho para o palácio de Diomedes. Já que a abordagem direta tinha funcionado tão bem com o rei Minos em Creta, Hércules decidiu experimentá-la novamente.

— Ei, Diomedes — disse Hércules — posso ficar com seus cavalos?

Diomedes sorriu. O brilho psicótico em seus olhos o fez parecer tão amigável quanto uma abóbora de dia das bruxas.

— Você ouviu falar dos meus cavalos, não é?

— Hã, só que eles são supostamente os melhores. O rei supremo Superbabaca de Micenas me enviou aqui para

pegar quatro de suas éguas.

— Ah, sem problema! Venha comigo!

Hércules não acreditava na sorte dele. Duas missões fáceis seguidas? Irado!

Conforme ele seguiu Diomedes, ele notou mais e mais guardas entrando em uma fila atrás deles. Quando chegaram aos estábulos, ele tinha uma escolta de cinquenta guerreiros trácios.

— Aqui estamos! — Diomedes abriu seus braços orgulhosamente. — Meus cavalos!

— Uau — disse Hércules.

Os estábulos de Diomedes faziam os estábulos do rei Áugias parecerem a Disneylândia. O chão estava coberto de pedaços de carne e osso. Os cascos e as pernas dos cavalos estavam manchados com sangue. Seus olhos eram selvagens, espertos e maléficos. Quando viram Hércules, eles relincharam, batendo os dentes afiados, manchados de vermelho. As éguas mais próximas se esticaram para sair de seus currais. Somente as correntes de bronze grossas em torno de seus pescoços os mantinham presos, segurando-os em uma fileira de estacas de ferro.

— Meus bebês são fortes — disse Diomedes. — É por isso que tenho que mantê-los acorrentados. Eles *amam* carne humana.

— Fascinante — murmurou Hércules. — E eu suponho que eu sou o prato principal de hoje à noite?

— Não é nada pessoal — disse o rei. — Eu faço isso com todos os meus prisioneiros, meus convidados e a maioria dos meus parentes. Guardas! Joguem-no!

Era um cinquenta contra um. Os guardas nunca tiveram chance. Hércules jogou um por um nos estábulos, dando aos cavalos uma refeição cinquenta pratos de guerreiros trácios.

Finalmente, as únicas pessoas que sobraram foram Hércules e Diomedes. O rei recuou até o canto.

— Espere! Vamos falar sobre isso.

— Fale com seus cavalos — disse Hércules. — Porque eu não estou ouvindo.

Ele pegou o rei e atirou-o nos estábulos. Os cavalos estavam muito cheios, mas de alguma forma encontraram espaço para a sobremesa.

Depois de tanta comida boa, os cavalos estavam sonolentos e mansos. Hércules pegou as quatro melhores éguas, amarrou-as e levou-as para as docas onde seu navio estava esperando.

Quando eles fizeram o seu caminho de volta pela costa, Hércules e seus marinheiros entraram em alguns conflitos com os trácios. Claro que Hércules venceu todos, mas alguns de seus estagiários foram mortos. Um cara, Abdero, lutou tão bravamente que Hércules construiu-lhe um enorme túmulo e fundou uma cidade em sua homenagem. O lugar, Abdera, tornou-se um grande porto na costa de Trácia. A cidade grega ainda está lá hoje, apenas pro caso de você encontra-se em no país de Diomedes com uma tarde para matar.

Hércules levou as éguas comedores de carne para Euristeu, mas o rei supremo estava com muito medo de usá-las. Ele as soltou na selva perto do Monte Olimpo. Algumas histórias dizem que os cavalos foram comidos por predadores ainda maiores. Outras histórias dizem que os descendentes dos cavalos ainda estavam lá séculos depois, quando Alexandre, o Grande veio e as capturou. Tudo que eu sei por experiência pessoal: você ainda pode encontrar cavalos comedores carne se você vai para os bairros errados. Meu conselho: *Corra*.

Neste ponto, Euristeu estava começando a se apavorar. Ele estava ficando sem problemas para Hércules resolver. O interior tinha sido limpo de monstros. Todos os reis maus tinham sido perfurados até a morte ou alimentados com seus próprios cavalos. Hércules só ficava cada vez mais famoso e irritantemente vivo.

Outra fonte de aborrecimento para o rei supremo: sua filha adolescente super mimada Admete tinha chorado por

semanas sobre como ela queria uma faixa de ouro real para combinar com seu vestido novo.

— Eu quero o melhor cinto do mundo, papai! *Por favorzinho?*

Assim, como Hércules estava diante dele, esperando por sua próxima tarefa, Euristeu tinha esses pensamentos aleatórios rodando em sua cabeça: *Matar Hércules. Um cinto de ouro. Uma tarefa perigosa.*

De repente, ele teve uma ideia maravilhosa e maligna. Quem tinha o melhor cinto de ouro do mundo? E que amava matar heróis?

— Hércules — disse Euristeu. — Eu quero que você vá para a terra das Amazonas. Pegue o cinto de ouro de sua rainha e traga-o para a minha filha.

Atrás do trono, Admete bateu palmas e saltou para cima e para baixo.

A expressão feroz de Hércules correspondeu ao seu capuz de leão.

— Sua filha quer ser a rainha das Amazonas?

— Não. Ela só quer um cinto brilhante para combinar com seu vestido.

Hércules suspirou.

— Você percebe que eu poderia ter parado na Amazônia quando estava voltando da Trácia, certo? Eu poderia ter economizado tempo e quilometragem e, deixa pra lá. Cinto de ouro. Tudo bem. Gostaria de batatas fritas para acompanhar, Vossa Majestade?

— O que são batatas fritas?

— Esquece.

Hércules saiu de novo. A única boa notícia: Euristeu não tinha reclamado sobre o número de estagiários que Hércules tinha contratado para ajudar com a missão na Trácia, então ele pensou que poderia fazer novamente. Ele reuniu a gangue, junto com seu ajudante, seu sobrinho lolau, e navegou para a terra das Amazonas na costa sul do Mar Negro.

Hércules queria evitar briga. Ele estava cansado de pessoas morrendo para atender os desejos de Euristeu. Ele especialmente não queria começar uma guerra por um acessório de moda para uma princesa mimada.

Por outro lado, ele sabia que as Amazonas respeitavam a força, então, quando seu navio atracou na costa, seus homens remaram para terra firme. Eles formaram fileiras na praia com seus escudos e lanças.

Observadoras das Amazonas estavam observando-os por um tempo. A rainha Hipólita e o seu exército estavam prontos. A irmã da rainha Pentésiléia pensou que deveriam apenas atacar e começar a matar, mas Hipólita era cautelosa. Ela tinha ouvido histórias sobre Hércules. Ela queria saber o que o herói grego tinha a dizer. Ela levou algumas de suas guarda-costas e caminhou em direção às linhas gregas com uma bandeira de trégua. Hércules e alguns de seus homens foram encontrá-la.

— *Hola* — disse Hércules. — Olha, eu sei que isso é estúpido, mas há uma princesa adolescente na Grécia que quer o seu cinto.

Ele explicou a situação. No começo Hipólita estava indignado. Então, quando ficou claro que Hércules odiava o rei alto e suas missões, ela achou graça. Quando Hércules chamado de Euristeu de rei supremo “Esterco de Vaca”, Hipólita até riu alto.

— Então — disse a rainha. — Eu ouvi dizer que você capturou a Corça de Cerineia.

— Isso é verdade.

— Você prometeu Ártemis que você libertaria o cervo ileso, e você manteve sua palavra?

— Sim.

— Isso fala muito sobre você. Ártemis é nossa deusa padroeira. Se eu te emprestar meu cinto, jurará pela sua honra trazê-lo de volta? Isso evitaria um monte de derramamento de sangue desnecessário, não acha?

Hércules começou a relaxar.

— Sim. Com prazer. Isso seria incrível.

Tudo estava indo perfeitamente. Hipólita ficou impressionado com o grande e musculoso Hercules em sua capa de leão, armado até os dentes com armas divinas. Hércules achava que Hipólita era muito gata também. Se as coisas tivessem acontecido de forma diferente, eles poderiam ter ficado juntos e teriam uma ninhada de crianças perigosas.

Mas não. Em seu centro de operações no Monte Olimpo, Hera estava assistindo. Depois de interferir na missão da Hidra com aquele caranguejo gigante, ela ficou em sérios problemas com Zeus, algo do tipo: *Faça isso de novo e eu vou amarrá-la de cabeça para baixo sobre o abismo do Caos*. Ela fez o melhor para se conter. Ela ficava esperando que Euristeu conseguisse matar Hércules sem a ajuda dela. Mas agora o herói estava prestes a conseguir outra vitória fácil.

— Qual é, Amazona — murmurou a deusa para si mesma.
— Onde está o seu espírito de luta?

Finalmente, ela não aguentava mais. Ela se transformou em uma guerreira Amazona e voou para se juntar a eles. Enquanto Hércules e Hipólita estavam negociando e flertando, Hera se moveu entre as Amazonas, sussurrando em seus ouvidos:

— É uma armadilha. Hércules está levando a rainha como refém.

As Amazonas ficaram inquietas. Elas naturalmente desconfiavam de homens. Elas acreditaram no boato. A rainha estava conversando com aquele cara grande na capa de pele de leão por muito tempo. Algo devia estar errado.

Pentesileia desembainhou sua espada.

— Devemos proteger a rainha! Ao ataque!

Hércules estava elogiando Hipólita em suas grevas de bronze quando seus homens soaram o alarme. As Amazonas estavam atacando.

— Qual é o significado disso? — perguntou Hércules.

A rainha olhou espantada.

— Eu não sei!

Do outro lado do campo, Penthesileia levantou a lança.

— Eu vou salvá-lo, irmã!

Desesperada para parar uma guerra, Hipólita gritou:

— Não, isso é um erro! Não...

Ela ficou na frente de Hércules quando Penthesileia arremessou sua lança. A lança passou direto pelo peitoral de Hipólita, e a rainha das Amazonas caiu morta aos pés de Hércules.

Penthesileia chorou em tristeza. As Amazonas avançaram contra as linhas gregas.

Hércules não teve tempo para entender o que tinha acontecido. Ele puxou o cinto de ouro do cadáver de Hipólita e ordenou que seus homens recuassem.

As Amazonas lutaram como demônios, mas Hércules criou um caminho sangrento por suas fileiras. Dezenas de gregos morreram. Centenas de Amazonas caíram. Hércules segurou as inimigas enquanto seus homens subiam nos barcos e remavam de volta para o navio. Então ele mergulhou no mar e nadou, enquanto flechas e lanças despedaçavam em sua capa de pele de leão.

Os gregos escaparam, mas eles não se sentiram no humor para comemorar.

Em seu caminho para casa, Hércules teve mais algumas aventuras paralelas. Ele lutou contra um monstro marinho, salvou a cidade de Tróia, matou alguns caras em uma luta... blá, blá, blá. Quando ele voltou para Tirinto, ele jogou o cinturão das Amazonas nos pés de Euristeu.

— Centenas de guerreiros honrados morreram por esse cinturão. Espero que sua filha esteja feliz.

A princesa Admete pegou-o e dançou em felicidade.

— Ah, meus deuses, é perfeito! Eu MAL posso esperar para experimentá-lo!

Ela correu para mostrar aos seus amigos.

— Bem, isso é bom — disse Euristeu. — Vamos ver, Hércules... Quantas missões até agora? Oito?

— Não, Vossa Majestade — disse Hércules lentamente. — Essa foi a missão número nove. Eu *deveria* ter apenas um

mais, mas já que você desconsiderou duas delas em sua sabedoria finita...

— Mais três missões, então — disse o rei. — Ah, não fique tão triste. Isso também é difícil para mim, você sabia? Não é fácil pensar em maiores e mais estúpidos trabalhos toda vez.

— Você sempre pode me liberar mais cedo.

— Não, não, não. Eu tenho um.

— Eu juro, se você me enviar de volta para Trácia ou para a terra das Amazonas...

— Não se preocupe! Isto está na direção oposta! Ouvi rumores de um homem monstruoso chamado Gerião que vive muito ao oeste, na Ibéria.

Hércules o encarou.

— Você está brincando, certo?

Hoje, a Ibéria é o que chamamos de Espanha e Portugal. Para os gregos, era conhecido como o fim do mundo. Era algo como Nebraska ou Saskatchewan, você ouve falar sobre isso ocasionalmente, mas você não consegue acreditar que as pessoas reais vivem lá. Depois da Ibérica, até onde os gregos sabiam, não havia nada, exceto o infinito oceano infestado de monstros.

— Este homem Gerião — continuou o rei. — Supostamente ele tem um rebanho de gado *vermelho brilhante*. Pode imaginar? Eu me pergunto se eles dão leite de morango. De qualquer forma, eu quero que você me traga o seu rebanho.

— O que há com você e vacas? — perguntou Hércules.

— Apenas traga!

Hércules contratou outro navio com um grupo diferente de estagiários. Coisa engraçada, com exceção de lolau, ninguém de sua última viagem queria viajar com ele novamente. Ele partiu para o fim do mundo para encontrar vacas com sabor de morango.

Naquela época, navegar pelo Mediterrâneo era algo perigoso. O navio de Hércules seguiu a costa da África, já que parecia ser a melhor maneira de não se perder. Ao longo do caminho, ele matou um bando de reis maus e monstros, blá, blá, blá.

Quando ele chegou à Tunísia, ele esbarrou neste grande e feio filho de Poseidon chamado Anteu, que *definitivamente* não está na minha lista familiar de cartões de Natal.

A mãe de Anteu era Gaia, a deusa da terra. Não me pergunte por que ou como Poseidon e Gaia tiveram um filho. É horrível demais para pensar. Tudo o que sei: Anteu puxou a mãe dele. Ele era sanguinário, malvado e muito grande. Qualquer um que passasse pelo território de Anteu era forçado a lutar com ele até a morte, eu acho que porque não havia nada de divertido para assistir na TV tunisiana.

Hércules poderia ter passado por este confronto, mas ele não gostava de deixar assassinos sanguinários para outras pessoas liderarem. Ele desembarcou e desafiou Anteu para uma luta.

— RAR! — Anteu bateu os punhos no peito. — Você não pode me derrotar! Enquanto eu tocar a terra, eu imediatamente serei curado de todas as minhas feridas!

— Um conselho para você — disse Hércules. — Não comece uma batalha anunciando sua maior fraqueza.

— Como isso é uma fraqueza?

Hércules avançou. Ele envolveu os braços em torno da cintura de Anteu e levantou o lutador para que nenhuma parte dele tocasse o chão. Anteu lutou, chutando e esmurrando, mas Hércules apenas apertou até que algo dentro do peito de Anteu estalou. Anteu ficou mole. Hércules esperou para ter certeza que ele estava realmente morto, em seguida, deixou cair o corpo no chão.

— Lutador estúpido. — Hércules cuspiu na poeira e voltou para seu navio.

Finalmente, ele chegou ao fim do Mediterrâneo, onde a ponta norte da África quase tocava a ponta sul da Ibéria. Para honrar sua missão incrivelmente ridícula, Hércules

construiu duas colunas como uma porta de entrada. Ele os chamou, você acertou, as Colunas de Hércules.

Algumas histórias afirmam que Hércules criou a lacuna entre a Europa e a África, empurrando os continentes até se separarem. Outras histórias dizem que ele reduziu a passagem para que os maiores monstros marinhos não pudessem entrar no Mediterrâneo pelo Oceano Atlântico.

Acredite no que quiser. Pessoalmente, eu não estou ansioso para visitar as Colunas de Hércules novamente. Da última vez que estive lá, quase fui decapitado por um abacaxi voador. Mas isso é outra história.

Tendo chegado na Ibéria, Hércules deixou seus homens a bordo do navio e vagou sozinho por meses, à procura das vacas vermelhas. Uma tarde quente, ele olhou para baixo de uma colina e viu um rebanho de animais de cor rubi no vale abaixo.

— Isso tem que ser elas — murmurou Hércules. — Por favor, deixe que sejam elas.

Ele correu até vale, cansado e irritado. Ele estava quase no gado quando um cão feroz de duas cabeças saiu da grama alta, rosnando e mostrando seus conjuntos de presas.

Hércules geralmente gostava de cães, mas este de duas cabeças não parecia amigável. Nem usava coleira.

— Opa, garoto. hã... garotos? Não há necessidade de violência aqui.

— Eu que vou decidir isso!

Um cara grande com um machado veio correndo lentamente atrás do cão.

— Você é Gerião? — perguntou Hércules.

— Não, eu trabalho para Gerião — disse o homem do machado. — Meu nome é Euritião, e este aqui é o meu cão, Ortro.

— Ok. Hércules levantou as palmas das mãos e tentou parecer amigável, o que não foi fácil para ele, com o seu arsenal de armas e o capuz de cabeça de leão. — Eu vim

para negociar por esses bovinos vermelhos. O rei supremo Barrigudinho de Micenas quer eles.

— Temo que isso é impossível — disse Euritião. — Meu mestre me deu ordens bem específicas: todos os invasores devem ser mortos na hora. Você veio de muito longe para morrer.

— Droga — disse Hércules.

O rancheiro e seu cão atacaram ao mesmo tempo. Eles também morreram ao mesmo tempo. Hércules os acertou com um golpe.

Ele estava limpando o sangue do seu taco quando outra voz gritou:

— NÃO, NÃO, NÃO!

O herói olhou para cima. Rastejando até ele estava um cara que parecia ter sido atropelado por um rolo de desenho animado. As pernas eram normais. A cabeça dele era normal. Tudo no meio era achatado e errado. Seu pescoço era anexado a ombros largos que se espalhavam em três peitos diferentes, lado a lado. Cada um estava vestido com uma camisa de cor diferente; vermelha, verde, amarela. Os braços dele ficaram para fora dos peitos esquerdo e direito, o que deve ter tornado impossível para ele abotoar a camisa do meio. Três barrigas separadas eram fundidas em uma cintura enorme que parecia ter tamanho de cinto número oitenta e dois. Duas espadas estavam penduradas em seus lados.

— O que aconteceu com você? — perguntou Hércules, genuinamente preocupado.

— O que aconteceu... — o cara pareceu confuso, e depois indignado. — Você quer dizer meu corpo? Eu nasci assim, seu idiota insensível! Por que você matou meu rancheiro e seu cachorro?

— Eles que começaram.

— Besteira! Você sabe o quanto difícil é encontrar uma boa ajuda na Ibéria?

— Você é Gerião?

— Claro que sou Gerião! Senhor da Ibéria, filho de Crisaor o Dourado, mestre das vacas vermelhas!

— Esse é um título impressionante — disse Hércules. — *Mestre das vacas vermelhas*. Falando nisso, quero comprá-las. Quanto custa?

Gerião rosnou.

— Você vai pagar, tudo bem. Você vai pagar com sangue!

O mestre das vacas vermelhas desembainhou suas espadas e atacou. Hércules estava relutante em atacar uma pessoa com síndrome de três corpos, mas ele esmagou seu taco no peito do meio de Gerião. Suas costelas quebraram com um *Crunch* desagradável. Isso devia tê-lo matado, mas o peito do Gerião acabou de voltar ao lugar.

— Você não pode me matar! — disse ele. — Tenho três conjuntos de órgãos! Eu me curo muito rapidamente.

— Legal, a propósito — disse Hércules — você não deve dizer às pessoas a sua fraqueza mortal.

— Como isso é uma fraqueza mortal?

— Eu apenas tenho que matar todos os três de seus corpos de uma vez, certo?

Gerião hesitou.

— Maldição! Eu odeio heróis!

Ele gritou e atacou, suas espadas balançando de ambos os lados, então ele parecia um caranguejo-real samurai do Alasca.

Hércules largou seu taco e puxou seu arco.

Gerião não tinha absolutamente nenhuma habilidade de esquiva. Quando ele avançou, Hércules contornou um lado e disparou uma flecha no braço esquerdo do rancheiro. A flecha passou por todos os três torsos, perfurando seus corações, e Gerião caiu morto.

— Desculpe, cara — disse Hércules. — Eu te disse.

Ele levou as vacas vermelhas de volta para seu navio e partiu para casa. Desta vez, ele seguiu a costa norte ao longo do que é agora Espanha, França e Itália. Ele teve mais aventuras. Nos Alpes, ele matou algumas pessoas que tentaram roubar suas vacas. Perto do local onde Roma um

dia seria fundada, ele matou um gigante que cuspia fogo chamado Caco. Ele fundou algumas cidades, destruiu algumas nações. Blá, blá, blá.

Finalmente, ele retornou a Tirinto. Euristeu ficou desapontado ao descobrir que o gado vermelho não dava leite de morango, mas ele deu crédito Hercules por completar a tarefa.

— Com esse são dez trabalhos feitos — disse o rei alto. — O que significa que só faltam dois trabalhos extras!

— *Trabalhos extras?*

— Primeiro — disse o rei — eu estou desejando maçãs. Você me trouxe todas essas carnes; caranguejo, javali, vaca, pássaro...

— Você não deveria comer os pássaros Estinfália!

— Meu médico disse que eu preciso de mais frutas e legumes na minha dieta. Quero que encontre o Jardim das Hespérides. Traga-me algumas maçãs douradas da macieira sagrada de Hera.

— Hera — repetiu Hércules. — A deusa que me odeia mais do que qualquer um no mundo. Você quer que eu roube as maçãs dela.

— Sim.

A capa de pele de leão de Hércules pareceu estar mais quente do que o habitual. O suor escorria pelo pescoço.

— E onde exatamente onde este jardim fica?

— Não faço ideia. Ouvi dizer que é muito para o oeste.

— Eu estava *no* oeste! Eu estava no mais longe possível que dar para ir ao oeste!

— As Hespérides são as filhas do titã Atlas — disse Euristeu com prestativamente. — Talvez você poderia pedir a Atlas onde poderia encontrar o jardim.

— E onde encontro Atlas?

— Eu acho que você vai ter que perguntar a alguém que sabe sobre os titãs. Boa sorte!

Hércules não tinha ideia de como encontrar Atlas. O titã não tinha um perfil no Facebook e não havia *nada* na Wikipedia sobre ele. Nem mesmo o sobrinho confiável de Hércules, lolau, sabia.

Por fim, Hércules consultou um sacerdote de Zeus, esperando receber algumas direções.

— Se você precisa encontrar um titã — disse o sacerdote.
— Talvez você deva perguntar a outro titã.

Hércules coçou a barba.

— Tem algum em mente? Porque eu achava que a maioria dos titãs tinham sido jogados no Tártaro.

— Há um titã que pode ajudar — disse o sacerdote. — Ele sempre foi amigável com a humanidade. Ele também está convenientemente acorrentado a uma montanha, o que o torna fácil de encontrar.

— Você está falando sobre Prometeu, o titã que deu fogo às pessoas.

— Lhe dê um biscoito — disse o sacerdote.

— Você tem biscoitos? — perguntou Hércules esperançosamente.

— Não, isso é apenas uma expressão. De qualquer forma Prometeu é a sua melhor chance. Vai encontrá-lo nas Cordilheiras do Cáucaso. Eu vou desenhar um mapa para você.

Naturalmente, as Cordilheiras do Cáucaso estavam a quilômetros de distância. Depois de meses de viagem e muitas aventuras, Hércules finalmente encontrou Prometeu, um homem de três metros de altura vestido com trapos sujos, com os tornozelos e pulsos acorrentados ao lado de um penhasco. Seu rosto estava marcado com marcas de garras velhas, mas o verdadeiro show de horrores era sua barriga.

ALERTA DE NOJEIRA!

Sentado na caixa torácica de Prometeu estava uma enorme águia dourada, rasgando as entranhas imortais do titã e comendo deliciosos pedaços. Você sabe aquelas casas assombradas mão de vacas que fazem as entranhas falsas

com espaguete frio, uvas descascadas e molho de tomate? Parecia com isso... Só que não eram falsas.

Hércules caminhou até Prometeu.

— Cara, isso parece doloroso.

— É... é. — Prometeu soltou um grito, sacudindo toda a montanha. — Desculpe. Difícil... de... se... concentrar.

Hércules simpatizou-se. Ele teve muitos dias que sentia que estava sendo bicado até a morte.

— Eu odeio perguntar, mas eu estou procurando por Atlas. Eu preciso de algumas maçãs douradas do Jardim das Hespérides.

— Eu... poderia... ajudar — disse Prometeu, suor derramava em seu rosto. — Mas... esta... águia...

Hércules assentiu.

— Há quanto tempo está acorrentado aqui? Mil anos?

— Algo... Ahh!... assim.

— Se eu matar a águia, você vai me dizer o que eu preciso saber?

— Com prazer. AHGGG! Sim.

Hércules olhou para o céu.

— Pai Zeus, nunca te pedi nada. Durante todos esses trabalhos estúpidos que fiz para Euristeu, eu paguei minhas dívidas e sofri em silêncio. Bem... na maior parte do tempo. De qualquer forma, Prometeu tem informações que preciso. Eu julgo que ele já foi punido suficientemente. Eu vou matar esta águia agora, que normalmente eu não faria, porque as águias são legais. Mas esta está me assustando.

Uma voz majestosa ecoou dos céus: *TUDO BEM, ENTÃO.*

Confiante de que ele tinha a permissão do pai, Hércules puxou seu arco e atirou na águia.

Imediatamente, a barriga de Prometeu fechou. Alívio passou sobre o seu rosto.

— Obrigado, meu amigo. Você é uma barata nobre!

— Uma o que?

— Desculpe. Eu quis dizer *humano*. Enfim, aqui está o que você precisa fazer. Vá para o noroeste, passando pela terra dos hiperbóreos, até a borda do mundo conhecido.

— Estive lá. Matei coisas. Ganhei uma camiseta.

— Ah, mas Atlas habita em uma montanha que não pode ser encontrada por seres humanos... a menos que saibam exatamente onde procurar. Vou dar-lhe direções. Quando estiver lá, você vai ver o Jardim das Hespérides de muito perto, mas você *não* deve tentar pegar as maçãs você mesmo. O dragão Ladão guarda a árvore, e ele não pode ser morto, mesmo por alguém tão forte como você. Além disso, se você pegar as maçãs pela força, Hera estaria dentro de seus direitos para lhe matar na hora.

— Então...

— Então você tem que persuadir Atlas a buscar as maçãs para você. As Hespérides são suas filhas. Ele pode visitar o jardim facilmente. O dragão não vai incomodá-lo.

— Mas Atlas não está preso segurando o céu?

Prometeu sorriu.

— Bem, eu não posso resolver todos os seus problemas. Você vai ter que descobrir essa parte você mesmo.

Já que ele tinha direções, Hércules agradeceu o titã sujo e continuou seu caminho. Ele tinha muito tempo na estrada para pensar, então quando ele finalmente encontrasse Atlas, ele teria uma boa ideia do que dizer.

O velho General titã estava agachado em um cume na escuridão dos confins das terras ao norte. Atlas ainda usava sua armadura danificada, derretida por raios da guerra contra os deuses, mil anos atrás. Sua pele era tão escura quanto moedas velhas de um centavo que ficaram fora de circulação por muito tempo. Ele se ajoelhava com os braços levantados e apoiado em suas costas na base de uma enorme nuvem em funil circular, um tornado que ocupava o céu inteiro. Provavelmente porque *era* o céu.

— Grande Atlas! — chamou Hércules.

Ele não estava apenas o bajulando. Atlas tinha o dobro do tamanho de Prometeu e duas vezes mais musculoso. Mesmo depois de um milênio de punição brutal, ele parecia impressionante.

— O que você quer, mortal insignificante? — a voz do titã ecoou fortemente.

— Maçãs — disse Hércules.

Atlas resmungou.

— Suponho que você quer dizer as maçãs do jardim das minhas filhas.

O titã apontou com o queixo. Hércules não tinha notado antes, mas no outro lado da montanha, em um vale a cerca de um quilômetro e meio de distância, um belo jardim brilhava com uma luz púrpura avermelhada como um pôr do sol permanente. Figuras minúsculas, mulheres de branco, dançavam entre as flores. No centro do jardim, uma enorme macieira alcançava o céu. Mesmo a partir desta distância, Hércules poderia ver a fruta dourada brilhando em seus ramos e a forma serpentina do dragão Ladão deitado no tronco da árvore.

Hércules ficou tentado a marchar lá embaixo, matar o dragão e levar as maçãs. Parecia tão simples. Mas ele não achava que Prometeu estava mentindo para ele. Mesmo que ele pudesse matar o dragão, Hera iria transformá-lo em pó no momento em que ele arrancasse a fruta.

— Sim — concordou Hércules. — Essas maçãs.

— Você nunca vai conseguir pegá-las sozinho.

— Prometeu me disse isso.

Atlas franziu suas sobrancelhas suadas.

— Você conhece Prometeu?

— Eu atirei na águia que estava se alimentando de seu fígado. Ele me deu direções para encontrá-lo.

— Ora, você é um grande fã dos titãs, não é? Irei lhe dizer o seguinte: já que ajudou Prometeu, eu irei lhe ajudar. Mas não vai ser fácil. Você terá que segurar o céu para mim enquanto eu buscar as maçãs.

Hércules estava esperando por isso.

— Tudo bem. Mas você vai ter que jurar pelo Rio Estige que você vai voltar.

Atlas riu.

— Não confie em mim? Não posso culpá-lo. Tudo bem, eu juro pelo Rio Estige que voltarei aqui com as maçãs. Mas tem certeza que pode segurar o peso do céu? Você é muito pequeno.

— Besteira — Hércules tirou sua capa de pele de leão e jogou de lado. — Passa pra cá.

Você provavelmente está pensando: Cara, é o céu. Como você pode segurá-lo, muito menos passá-lo? E, se era tão pesado e doloroso, por que Atlas simplesmente não o soltava e se afastava?

Não funciona assim. Acredite em mim.

Se Atlas tivesse deixado o céu cair e tentasse fugir, teria esmagado e achatado tudo à vista, incluindo o titã e as suas filhas. Quanto à como você pode segurá-lo... Bem, a menos que você tenha segurado, é difícil de descrever. Imagine um peso de academia de quarenta milhões de toneladas nas suas costas. É muito ruim, mas você tem que suportar o peso o melhor que puder ou você vai ser esmagado.

Hércules se ajoelhou ao lado do Atlas. Lentamente e com cuidado, Atlas passou o peso de seus ombros para Hércules. O herói era pequeno, mas ele não desmoronou com peso.

— Estou impressionado — disse Atlas.

— Apenas pegue as maçãs — grunhiu Hercules. — Isto é pesado.

Atlas riu.

— E eu não sei? Volto em um instante.

A ideia do Atlas de um instante não era a mesma do Hércules. O titã andou bem devagar até o Jardim das Hespérides, teve uma conversa longa agradável com suas filhas, apreciou um piquenique tranquilo, passou algum tempo acariciando o dragão Ladão, então finalmente encheu os braços com maçãs.

Enquanto isso, os músculos de Hércules estavam virando massinha. Seus membros tremiam. O suor escorria nos olhos dele. O céu se agitava, espetando suas costas com tanta força que ia deixar um grande hematoma. Hércules

nunca se sentiu tão fraco. Ele não tinha certeza se poderia aguentar.

Finalmente Atlas retornou, assobiando.

— Obrigado, meu amigo! Eu tinha esquecido o quão bom é a sensação de estar livre!

— Excelente. Agora pegue de volta o céu.

— Bem, eis o problema. Eu jurei voltar com as maçãs, e eu voltei. Eu nunca prometi que pegaria o céu e deixaria você ir.

Hércules murmurou alguns xingamentos não imprimíveis.

— Calma — disse Atlas. — Não sejamos grosseiros. Você está indo muito bem! Eu só vou levar minhas filhas, reunir um exército e ir destruir o Monte Olimpo.

— Tudo bem — disse Hércules. — Você venceu.

— Sim, eu venci!

— Mas um último favor antes de ir, por favor. Ajudei Prometeu a suportar seu castigo. O mínimo que você pode fazer é me dar um pouco mais de conforto para suportar o seu.

Atlas hesitou.

— O que você tem em mente?

— Aquele pedacinho no céu está matando minhas costas.

— Estou ouvindo, amigo!

— Eu realmente preciso de um travesseiro.

— Eu sei. Eu *implorei* aos deuses por um king-size com enchimento extra. Eles não escutaram.

— Bem, então, aqui está a sua chance de provar que você é mais misericordioso do que os deuses. Pegue o céu de novo por um segundo. Deixe-me dobrar meu manto de pele de leão e colocá-lo atrás do meu pescoço. Então eu vou tirar o céu de você para sempre. Eu prometo.

O Atlas devia apenas ter rido e se afastado.

Mas o general titã não era completamente insensível. Ele não odiava mortais como Hércules. Ele só odiava os deuses. Talvez ele também sentiu um pouco culpado por dar o seu castigo para um semideus insignificante. Ou talvez ele só gostava da ideia de aparecer mais generoso do que Zeus.

— Tudo bem — disse ele. — Eu sou muito bom para o meu próprio bem.

— Você é o melhor — concordou Hércules.

Atlas abaixou as maçãs douradas. Ele se ajoelhou ao lado do semideus, e Hércules mudou o peso do céu de volta para os ombros do titã. Hércules mancou até as maçãs douradas. Ele os reuniu em sua capa de pele de leão.

— Obrigado, Atlas. Vejo você por aí.

— O QUÊ? — berrou Atlas. — Você prometeu...

— Eu não prometi pelo Rio Estige. Vamos lá, cara. Isso é o básico que se aprende em Introdução a Trapaça. Divirta-se segurando o céu para sempre.

Hércules ainda podia ouvir o Atlas gritando xingamentos quando ele estava a oitocentos quilômetros de distância.

Hora da última ação estúpida!

Está animado? Hércules estava. Ele estava pronto para ser acabar com essa bobagem toda. Assim como o coitado que está escrevendo tudo isso. Ah, espere... Sou eu.

Quando Hércules voltou para Tirinto com as maçãs douradas, o rei supremo Euristeu estava pálido, suado e com falta de sono. Durante semanas, ele se preocupou tanto com o que aconteceria quando Hércules completasse sua última tarefa. Quando ele estivesse livre, não haveria nada para impedi-lo de jogar Euristeu na lata de lixo mais próxima e se tornar o rei supremo. Todo o reino seria jogado aos cachorros!

Euristeu tinha uma última chance. Ele precisava de uma tarefa completamente *impossível* para se certificar de que Hércules morreria envergonhado e nunca retornar.

Uma ideia louca veio a ele. *Morte. Nunca retornar. Jogado aos cachorros...*

— Última missão! — anunciou o rei. — Viaje para o Mundo Inferior e traga-me o cão de guarda de Hades, Cérbero.

— Muito engraçado — disse Hércules. — Qual é a minha tarefa, de verdade?

— Essa é a sua tarefa! E não volte com qualquer cachorro de três cabeças. Eu quero o verdadeiro: o próprio Cérbero. Vá pegar!

Essa última parte foi apenas por maldade, mas Hércules não ia perder a sua tranquilidade tão perto da linha de chegada. Ele virou-se e marchou para fora.

Primeiro ele visitou o templo de Hades em Elêusis para receber alguns conselhos sobre o Mundo Inferior. Em seguida, ele visitou um pet shop e se abasteceu com ossos sabor de bacon.

De acordo com algumas histórias, ele também tirou algum tempo e foi velejar com Jason e os Argonautas. Não posso culpá-lo. Comparado a invadir o Mundo Inferior, uma perigosa viagem marítima provavelmente soou como férias relaxantes.

Finalmente Hércules acalmou seus nervos, encontrou a fissura mais próxima na terra e desceu até Érebo. Atravessar o Rio Estige acabou por não ser um problema. O barqueiro, Caronte, era um grande fã. Ele concordou em levar o herói em troca de Hercules gravar uma mensagem de correio de voz em seu celular.

Hércules chegou aos portões negros e encontrou Cérbero. Ele era meio difícil de não ver, sendo uma enorme besta negra infernal de três cabeças com uma cauda de cobra e olhos vermelhos brilhantes.

Hércules tinha um jeito com cachorros. Ele disse ao Cérbero para se sentar. Cérbero sentou-se. Hércules pegou alguns ossos com sabor de bacon e jogou um para cada uma das cabeças de Cérbero. Cérbero ficou doido por essas coisas.

Hércules poderia tê-lo pego e ido embora com ele, mas ele queria fazer as coisas educadamente, se possível. Ele decidiu pedir permissão de Hades. Ele sabia que era um risco, mas ele também sabia que estava no inverno, o que significava que Perséfone estaria no Mundo Inferior. Como a filha de Zeus, Perséfone era tecnicamente a meia-irmã de

Hércules, então ela poderia não ser tão dura com ele. Ele achou que valia a pena tentar.

— Eu já volto garoto — disse ele para Cérbero. — Não saia do canto.

Cérbero bateu sua cauda de cobra no chão, que deu a cobra uma dor de cabeça.

Enquanto Hércules viajava pelos Campos dos Asfódelos, ele acabou esbarrando em Teseu, o herói de Atenas, que estava sentado em uma rocha, paralisado do pescoço para baixo. Ele não conseguia se mexer há anos.

— Socorro — disse Teseu.

Hércules franziu a testa.

— Você é Teseu, não é? O que você está fazendo aqui?

— Longa história. Um amigo meu teve essa ideia estúpida de sequestrar Perséfone, e eu fui junto com ele. Meu amigo... Bem, ele se transformou em pedra e se desintegrou. Ainda estou preso. Você pode me tirar daqui?

Hércules tentou puxá-lo, mas a bunda de Teseu parecia presa na rocha.

— Hmm. Deixe-me falar com Hades e Perséfone. Verei o que eu posso fazer.

— Obrigado, cara. Eu não vou a lugar algum.

Hércules caminhou até o palácio de Hades e encontrou o rei e a rainha dos mortos jogando um jogo de pescaria em tabuleiro em uma mesa pequena entre seus tronos.

— Estou interrompendo? — perguntou Hércules.

Hades jogou as mãos para cima.

— Não. Ela está me matando neste jogo!

— O segredo está no giro do pulso, querido.

Hades olhou para Hércules.

— Você não está morto. Você também não está trazendo meu carrinho do chá da tarde. Quem é você?

— Eu sou Hércules, meu senhor. Estou aqui porque o rei supremo Torradinha de Micenas quer que eu traga para ele seu cachorro, Cérbero.

Um sorriso surgiu no canto da boca de Hades.

— Uau, isso é engraçado. Eu quase ri.

— Eu gostaria que fosse uma piada — disse Hércules. — Infelizmente, eu tenho essas doze tarefas estúpidas...

— Ah, nós sabemos tudo sobre elas — disse Hades. — Minha esposa aqui *ama* seu trabalho.

Perséfone sorriu.

— Tenho observado você desde o começo! Eu adorei o jeito que você cortou as mãos, orelhas e narizes dos múnios...

Hércules teve que pensar sobre isso, porque isso foi tipo, oitenta páginas atrás.

— Sim. Eu fiz isso, não fiz?

— E a Hidra! Aquilo foi emocionante. Estávamos assistindo a sua luta no canal Quase Morte.

— O canal Quase Morte?

— Tínhamos medo que sua alma nos visitasse, mas você sobreviveu! Estou orgulhoso de chamá-lo de meu irmão.

Hades se inclinou no trono.

— Você é tudo sobre o que ela fala estes dias. “Você conhece Hércules? Bem, eu sou sua irmã. “

Perséfone bateu no braço do marido.

— De qualquer forma, estaríamos felizes em lhe emprestar Cérbero, não é, querido?

Hades deu de ombros.

— Claro. Apenas o solte quando acabar. Ele sabe o caminho de casa.

— Isso é muito legal da sua parte — disse Hércules. — Ah, a propósito, há outro herói, Teseu, preso nos Asfódelos. Seria bom deixá-lo ir agora? Ele está entediado.

Hades coçou a testa.

— Teseu ainda está aqui? Sim, com certeza. Solte-o.

E assim, depois de assinar alguns autógrafos e diplomaticamente deixar Hades ganhar um jogo de pescaria, Hércules caminhou de volta pelos Campos dos Asfódelos, libertou Teseu e retornou às portas do Mundo Inferior para pegar Cérbero.

— Vamos, garoto.

O cão podia sentir o cheiro dos ossos nos bolsos de Hércules, então ele abanou sua cauda de cobra e o seguiu.

Quando eles voltaram para o mundo superior, Hércules e Teseu se separaram com um aperto de mão. Hércules avisou-o para ter cuidado, mas Teseu tinha tanto TDAH que ele não prestou muita atenção. Ele já estava distraído com o quão brilhante era o mundo mortal, e ele estava ansioso para voltar para Atenas.

Hércules olhou para Cérbero, que estava estranhando a luz do sol e rosnando para as árvores.

— Ok, amigão — disse Hércules. — Vou pegá-lo e carregá-lo, só para manter a descrição. Você vai rosnar, se debater e agir como se eu tivesse te arrastado até aqui. Algum dia, os artistas vão fazer um monte de vasos com nossas imagens, e vai parecer estúpido se você abanar o rabo e implorar por ossos.

Cérbero pareceu entender. Hércules o pegou e o arrastou para Tirinto. Cérbero rosnou e se debateu como ninguém. Quando eles foram para a cidade, todos saíram da frente. As pessoas trancaram as portas e esconderam-se debaixo das camas. Os guardas soltaram as armas e fugiram.



Hércules entrou na sala do trono.

— Euristeu, finja de morto!

O rei supremo gritou e se jogou em seu pote de bronze.

Hércules sorriu. Ele estava esperando por mais um mergulho no pote.

— Leve-o embora! — gritou o rei. — Tire essa besta infernal daqui!

— Tem certeza? Você não quer verifique os dentes dele ou mostre sua coleira ou outra coisa?

— Não! Eu acredito em você! Suas tarefas estão concluídas. Você está liberado de me servir. Vá em paz, por favor!

Hércules não tinha certeza de como se sentir com isso. Ele trabalhava para o rei há mais de oito anos. Ele viajou o mundo inteiro várias vezes. Por um longo tempo, ele sonhava em matar Euristeu quando seus trabalhos terminassem, mas agora, olhando para o pote de bronze tremendo ao lado do trono, ele só sentiu pena e alívio, juntamente com outra coisa que ele não tinha sentido em um longo tempo: felicidade.

Ele virou-se para Cérbero.

— Vá para casa, amigão. Aqui, pegue meu último osso.

Cérbero lambeu o rosto de Hércules com as três línguas deixando todo babado, então saiu da sala do trono.

Hércules virou-se para o pote.

— Obrigado, Euristeu. Você me ajudou a reparar a morte da minha família. Você me testou de maneiras que eu nunca poderia ter imaginado. Mais do que isso, você me mostrou que eu *nunca* iria querer o seu trabalho. Ser o rei supremo não é para mim. Você pode ficar com o trono. Estou muito mais feliz sendo um herói.

Ele caminhou para fora do palácio sem olhar para trás.

Final feliz? Deuses, você deve esperar que sim depois de tudo isso, certo?

Mas não.

Hércules decidiu que queria se casar de novo e se acalmar. Ele ouviu falar sobre essa pequena cidade distante chamada Ecália, governada por um rei chamado Eurito. (Claro que o nome do cara era Eurito. Isso não é nem um pouco confuso com Euritião o rancheiro e Euristeu o rei supremo ou qualquer outro que esteja nessa história.)

Enfim, o rei Eurito estava tendo uma competição de tiro com arco. O grande prêmio era sua filha Iole, que era muito bonita. Bom pai, certo? *Querida, se não se importar lhe colocarei como prêmio da minha competição de tiro com arco, pode ser? Será uma boa propaganda para o reino. Legal. Obrigado.*

Hércules veio para a cidade e facilmente venceu a competição, mas Eurito se recusou a entregar sua filha.

— Olhe, Hércules — disse o rei. — Não é nada pessoal, mas você matou sua última mulher e os seus filhos. Esta é a minha *filha*. Eu não posso dá-la para alguém como você.

Realmente emocionante como Eurito desenvolveu uma consciência depois de decidir dar a sua filha como um prêmio de concurso, mas tanto faz.

Hércules podia ter matado o rei, mas ele estava muito em choque. Ele tinha visto Iole. Ela era muito gata. Ele já imaginado sua bela nova vida juntos.

— Você está voltando atrás em sua palavra? — perguntou para Eurito. — Você vai se arrepender disso!

Ele saiu da cidade.

Algumas semanas depois, todo o gado de Eurito desapareceu. Claro, o rei suspeitou de Hércules.

— Aquele patife! Vou marchar contra sua cidade natal e destruí-la!

Seu filho Iphitus, que era o único na família com juízo, levantou a mão.

— Hã, pai... Não acho que Hércules fez isso. Eu te *disse* para honrar a sua promessa e lhe dar Iole. Eu acho que o gado desaparecido é apenas um castigo dos deuses.

— Mentiras! — gritou o rei. — Guerra!

— Bem, a outra coisa... — disse Iphitus. — Hércules está morando em Tirinto com seu primo, o rei supremo de Micenas. Seu reino é tipo vinte vezes mais poderoso do que o nosso. Então a guerra seria suicídio.

— Ah. — O rei odiava quando o faziam cair na real. — Bem, o que você sugere?

— Deixe-me ir falar com Hércules — disse Iphitus. — Vou esclarecer isso. Mas, se por acaso ele *não* tiver levado o gado, você realmente deve entregar-lhe Iole.

O Rei concordou.

Iphitus viajou para ver Hércules.

O príncipe tentou ser o mais diplomático possível.

— Ouça, cara, estou do seu lado. *Sei* que não levou o gado do meu pai. Eu só estou tentando provar isso para que possamos limpar o seu nome.

Limpar seu nome.

Hércules se irritou. Ele sentiu vergonha por ser desclassificado na competição de tiro com arco, e ele também se sentiu enganado. Ele passou oito anos pagando suas dívidas, fazendo trabalhos estúpidos para limpar seu nome, e assim que ele tentou construir uma nova vida para si mesmo seus velhos crimes foram jogados em seu rosto novamente.

— Venha comigo — rosnou Hércules. Ele levou Iphitus para o topo da muralha da cidade e mostrou-lhe a vista. — Você pode ver todo o campo a partir daqui. Você consegue ver suas vacas em qualquer lugar?

Iphitus balançou a cabeça.

— Não. Elas não estão aqui.

— Bem, pronto. Adeus.

Hércules empurrou Iphitus da muralha. O jovem príncipe caiu e morreu, gritando algumas coisas nem um pouco diplomáticas antes de chegar ao chão.

Outro movimento errado de Hércules, mas o que posso dizer? Seu problema de controle da raiva surgiu de novo. No dia seguinte, os deuses o causaram uma terrível doença como punição. Ele teve febre. Ele perdeu peso. Sua pele

despedaçou com coceiras, feridas apareceram e cada espinha do universo migrou para seu nariz.

— Ah, ótimo... — Tremendo e nauseante, Hércules puxou sua capa de pele de leão em torno dele e saiu da cidade, dirigindo-se para o Oráculo de Delfos.

A sacerdotisa pítia não estava animada para vê-lo novamente. Ela sutilmente abriu sua bolsa para que ela pudesse pegar seu spray de pimenta no caso de as coisas piorarem.

— Eu sinto muito! — disse Hércules. — Eu empurrei um cara inocente do muro da cidade e agora eu tenho espinhas. O que tenho de fazer para me libertar desta doença, outros doze trabalhos?

— Bem... Essa é a boa notícia — disse o Oráculo nervosamente. — Sem mais trabalhos! Para pagar pelo seu pecado, tudo que você tem a fazer é se vender como escravo por três anos. Dê o lucro da venda para a família de Iphitus como indenização.

As coisas pioraram.

Hércules enlouqueceu e começou a rasgar o santuário. Ele perseguiu o Oráculo pela sala, tentando acertá-la com seu próprio banquinho de três pernas. A sacerdotisa gritou e pulverizou seu spray de pimenta.

Apolo desceu do Monte Olimpo e entrou na briga. Ele e Hércules estavam socando uns ao outro, jogando um ao outro no chão, atirando um no outro na bunda com flechas. Toda a cena era como uma briga de programa de entrevistas diurno.

Finalmente Zeus acabou com a briga. Um relâmpago caiu na caverna e bateu no chão entre Hércules e Apolo, jogando-os longe.

— JÁ CHEGA! — ecoou a voz de Zeus. — APOLO, RELAXE! HÉRCULES, RESPEITE O ORÁCULO!

Hércules se acalmou. Com relutância, ele e Apolo apertaram as mãos. Hércules limpou Delfos, em seguida, concordou em ser vendido como escravo.

Hermes, o deus do comércio, conduziu o leilão. O lance vencedor foi de uma rainha chamada Ônfale, que governava o reino da Lydia sobre na Ásia Menor. Já que na época governantas eram raras, Ônfale ficou contente de ter um capanga como Hércules para certificar-se que o povo a obedecesse.

Hércules cuidou de muitos para ela; as guerras habituais, limpezas de monstros, entregas de pizza e assassinatos. Um dos incidentes mais famosos: estes dois gêmeos anões loucos chamados Cêrcopes, Acmon e Passalos, estavam causando todos os tipos de estragos no reino. Eles roubaram comerciantes, roubaram coisas de lojas de conveniência e faziam pegadinhas, como mudar os sinais da rodovia, ou substituir as armas do exército com lanças de brinquedo. Basicamente eles eram um incômodo categoria cinco, então Ônfale enviou Hércules atrás deles.

Hércules os achou com bastante facilidade, mas eles eram difíceis de pegar. Os pequenos eram tão escorregadios quanto as lontras e seus dentes eram muito afiados.

Eventualmente, Hércules conseguiu amarrar os dois.

— Deixe-nos ir! — gritou Acmon. — Vamos te dar presentes brilhantes.

— Cala a boca — resmungou Hércules.

— Nós vamos te contar piadas! — ofereceu Passalos.

— Estou levando vocês para a rainha — disse Hércules. — Ela não tem senso de humor.

Ele pegou os Cêrcopes com as pontas de uma vara, pendurou-os de cabeça para baixo pelos seus tornozelos, em seguida, jogou-os no ombro como uma bolsa. Ele saiu para a estrada, e os Cêrcopes imediatamente explodiram em risos.

— Nádegas Negras! — disse Acmon. — Ah, meus deuses, HA-HAHAHAHAHA!

— Isso faz todo sentido! — gritou Passalos. — A mãe tinha razão! HAHAHAHAHA!

Hércules parou.

— Do que vocês dois tolos estão rindo?

Os gêmeos anões apontaram para a retaguarda de Hércules. Sua túnica estava subindo na bainha de sua espada e, já que os gregos não usavam cueca, Hércules estava andando com seus pães em exibição completa.

— Você é tão bronzada que tem nádegas negras! — gritou Acmon alegremente.

Hércules fez uma careta.

— Você está rindo da minha bunda?

— ESTOU! — Passalos tinha lágrimas nos olhos. — Há muitos anos atrás, nossa mãe nos advertiu de uma profecia: cuidado com o Nádegas Negras! Nós não sabíamos o que significava, mas agora nós sabemos.

— Ótimo — murmurou Hércules. — Agora, calem a boca.

— Nádegas Negras, Nádegas Negras!

Os gêmeos riram dele por quilômetros. No início era irritante, mas depois de um tempo ficou tão ridículo que se tornou engraçado para Hércules.

Ao anoitecer, ele parou para o jantar. Quando ele se sentou perto de sua fogueira, os Cêrcopes lhe contaram histórias engraçadas e piadas estúpidas até que os lados de Hércules doíam de tanto rir. *Por que a Quimera atravessou a rua? Quantos espartanos são necessários para trocar uma lâmpada?* Os anões conheciam todas as clássicas.

— Tudo bem — disse Hércules. — Vou fazer um acordo. Se prometerem *nunca* mais causar problemas no reino de Ônfale, eu os libertarei. Vocês são muito divertidos para matar.

— Obaaa! — disse Acmon. — Nós somos divertidos!

— Todos saúdam o Nádegas Negras! — gritou Passalos.

Hércules os soltou e continuou seu caminho. Ele se sentiu muito bem sobre isso, e então ele descobriu que os Cêrcopes haviam roubado sua espada e todo o seu dinheiro. Ainda assim, ele não conseguiu parar de rir. O mundo precisava de mais brincalhões.

Finalmente Hércules terminou seus anos de serviço para Ônfale. Ela se ofereceu para se casar com ele, mas ele

educadamente recusou. Foi difícil superar o fato de que eles começaram seu relacionamento como escravo e mestra.

Ele decidiu procurar uma esposa em outro lugar.

Você provavelmente pode imaginar qual foi o resultado disso...

Hércules vagou por um bom tempo, matando bandidos e monstros aleatórios até que ele por acaso passou pela cidade de Calidão.

Você talvez se lembre daquele lugar da famosa Caça ao Porco da Morte. A família real passou por alguns anos difíceis. Meléagro e a maioria dos outros príncipes estavam mortos, mas o rei Eneu ainda tinha uma linda filha chamada Dejanira. Ela e Hércules se apaixonaram instantaneamente.

No momento em que a sobremesa foi servida, Hércules havia proposto.

Toda a família ficou encantada. Claro, Hércules tinha uma má reputação, mas os calidões também.

— Só há um problema — disse o rei. — Dejanira já está prometida ao deus do rio local, Aqueloo. Eu tive que prometer a ele minha filha para impedi-lo de inundar o campo.

Hércules estalou os dedos. Pela primeira vez em anos, ele sentiu que estava assumindo uma tarefa com que ele realmente se importava, só porque ele *queria*.

— Deixe este deus do rio comigo.

Ele marchou para as margens do rio e chamou:

— Aqueloo!

O deus surgiu da água. Da cintura para baixo, ele tinha o corpo de um touro. Da cintura para cima, ele tinha o corpo de um homem, com chifres saindo de sua testa.

— O que você quer? — disse Aqueloo.

— Casar com Dejanira.

— Ela é minha.

— Nós vamos lutar por ela. Quem perde deve prometer não se vingar dela, da sua família ou da cidade.

— Tudo bem — disse Aqueloo. — Não tenho medo de nenhum mortal. Qual é o seu nome, afinal?

— Hércules.

O deus do rio ficou pálido.

— Ah, porcaria.

Hércules lançou-se no touro. Eles lutaram por horas, tentando matar um ao outro, mas é claro que Hércules era mais forte. Ele quebrou um dos chifres do deus, em seguida, segurou-o em um mata-leão até Aqueloo desistir.

— Sem vingança — disse Hércules. — Esse foi o acordo.

O deus do rio fez uma careta, esfregando o coto de seu chifre quebrado.

— Ah, eu não me vingarei. Não vou precisar. Seu casamento acabará em desastre. Dejanira teria ficado melhor comigo.

— É, tanto faz.

Hércules caminhou de volta para Calidão em triunfo. O chifre quebrado de Aqueloo transformou-se em uma cornucópia, capaz de cuspir todos os tipos de alimentos, bebidas e lanches sem glúten. Hércules ofereceu para os deuses em homenagem ao seu casamento, e por algumas semanas ele e Dejanira estavam incrivelmente felizes... até Hércules estragar tudo de novo.

Uma noite, eles estavam jantando na sala do trono de Calidão, como de costume, quando um menino que servia bebidas acidentalmente derramou água fria nas mãos de Hércules.

— GAH!

Sem ver quem tinha derramado a água, Hércules deu um tapa no garoto que o jogou no outro lado da sala, matando-o instantaneamente.

Isso estragou na noite. Hércules ficou envergonhado, especialmente já que o garoto era um parente do rei. Os nobres perceberam que a morte não foi intencional. O pai do menino perdoou Hércules. Mas Hércules ainda se sentiu mal. Ele decidiu deixar a cidade, já que o exílio era o castigo habitual para homicídio culposo. O rei Eneu não protestou

muito. Ele estava sentindo que Hércules era uma bomba-relógio ambulante.

Hércules e Dejanira foram para a cidade de Tráquia. Hércules tinha ouvido que o rei de lá estava procurando um novo general, e parecia um bom lugar quanto qualquer outro para recomeçar a vida (pelo o que, vigésima vez? Eu perdi a conta).

Ao longo do caminho, eles chegaram a um rio largo que não havia como passar. Hércules e Dejanira caminharam ao longo da margem, procurando por uma ponte ou um lugar raso para passar, mas eles não encontraram nenhum.

— Eu posso nadar — ofereceu Hercules. — Você pode agarrar-se ao meu pescoço.

— Querido, este é o meu melhor vestido — disse Dejanira. — Tudo o que tenho está neste saco. Se tivermos que nadar, muitas coisas vão ficar arruinadas.

Uma voz da floresta disse:

— Eu posso ajudar!

Um centauro surgiu. Ele tinha um sorriso amigável e uma barba bem cuidada, o que era um bom sinal em um centauro.

— Meu nome é Nesso — disse ele. — Eu transporto passageiros para o outro lado do rio nas minhas costas o tempo todo. Basta pagar-me o que você achar que é justo.

— Ah, Hércules — disse Dejanira — é perfeito!

Hércules não tinha certeza. Ele já tinha lidado com muitos centauros. Alguns, como o velho Folo que dividiu o seu vinho, foram muito simpáticos. Alguns não foram.

— Você pode confiar em mim — prometeu Nesso. — Os deuses deram-me este trabalho porque tenho uma grande reputação. Nada além de avaliações cinco estrelas na internet. Pode procurar!

Hércules ainda se sentiu desconfortável, mas Dejanira implorou, e as avaliações online do centauro pareceram bastante impressionantes.

— Tudo bem. Leve a minha mulher primeiro. Tenha cuidado! Faça um bom trabalho e eu vou lhe pagarei bem.

— Você que manda, chefe!

Dejanira subiu nas costas do centauro e então ele caminhou para o rio.

Infelizmente, Nesso mentiu sobre sua reputação. Seus comentários online eram mais como: *MUITO DECEPCIONANTE. PÉSSIMO ATENDIMENTO AO CLIENTE. EU NUNCA VOU USAR ESSE CENTAURO NOVAMENTE.*

Quando ele chegou à margem oposta, Nesso fugiu correndo. Dejanira teve que segurar firme para evitar cair e se machucar.

— Você é minha agora, querida! — gritou Nesso. — Isso é um bom pagamento!

Dejanira gritou. Do outro lado do rio, Hércules puxou seu arco. O centauro era apenas um borrão pelas árvores na margem oposta. O tiro teria sido impossível para a maioria dos heróis. Se ele errasse, Hércules poderia acidentalmente acertar sua esposa. No entanto, ele mirou e soltou a flecha. Atingiu Nesso bem no peito, perfurando seu coração. O centauro tropeçou e desabou. Dejanira caiu no chão, de alguma forma conseguindo evitar quebrar seu pescoço.

Bem na frente dela, o centauro engasgou, sangue escorria pelo seu peito.

— Garota — gemeu ele — chegue mais perto.

— N-não, obrigado — disse Dejanira.

— Desculpa por te sequestrar. Você é tão bonita. Escute... antes que seu marido chegue aqui, eu tenho um presente para você, como um pedido de desculpas. Sangue de centauro é uma poção de amor poderosa. Pegue um pouco do meu. Então... Se você alguma vez se preocupar com o seu marido a deixar, esfregue um pouco de sangue em suas roupas. Assim que meu sangue toca sua pele, ele vai se lembrar de seu amor por você e esquecer todas as outras mulheres.

— Você está mentindo — disse ela.

Nesso abriu a boca, mas não disse nada. Ele morreu com seus olhos vidrados olhando para os dela.

Da floresta, Hércules chamou:

— Dejanira?

Dejanira hesitou. Rapidamente, ela vasculhou a mochila e encontrou um frasco de perfume velho. Com cuidado para não tocar em nem sequer uma gota sangue do centauro, ela colocou algumas gotas no frasco, em seguida, fechou a rolha. Ela empurrou o frasco de volta em sua bolsa, assim que Hércules apareceu.

— Você está bem? — perguntou ele.

— S-Sim. Obrigado.

— Centauro estúpido. Ele machucou você?

— Não. Vamos esquecer isso. Nós... nós devemos ir.

Eles nunca mais falaram sobre o incidente centauro. Hércules e Dejanira chegaram à cidade de Tráquia e Hércules conseguiu um emprego como o novo general do rei. Ele ganhou um monte de guerras. Por um tempo, mais uma vez, a vida era boa.

Mas os rumores começaram a chegar a Dejanira... rumores de que seu marido não era sempre fiel quando ele estava fora em suas campanhas militares. Às vezes ele levava mulheres como seus prêmios de guerra e ele não estava usando-as como cozinheiras pessoais ou empregadas domésticas.

Dejanira começou a se preocupar que seu marido iria deixá-la. Ela não confiava no que o centauro Nesso tinha falado, mas ela estava cada vez se sentindo mais e mais desesperada.

A última gota d'água: Hércules foi para a guerra com a cidade de Ecália. Esse é o lugar onde o rei Eurito tinha realizado a competição de tiro com arco e o desclassificou.

Hércules ainda era muito ressentido com o rei, então ele ficou feliz em destruir a cidade e escravizar seu povo. Ele levou a princesa Iole como sua serva pessoal e levou-a de volta para Tráquia em correntes, juntamente com um monte de outros saques.

A carga chegou com uma mensagem para Dejanira:

*Oi, querida,
Estou voltando para casa com o exército. Enquanto isso,
cuide dessa nova garota que eu capturei. Quando eu
voltar, vou ter uma grande cerimônia. Pode certificar-se
que a minha melhor camisa esteja limpa?*

Bjs Hércules.

Quando Dejanira leu isso, ela enlouqueceu. A melhor camisa de Hércules por acaso era sua camisa de casamento. Ela sabia exatamente quem era Iole, a garota Hércules tinha tentado se casar antes de se casar com Dejanira. Olhando para Iole, que ainda era jovem e bonita, Dejanira não tinha dúvidas sobre o que era essa “cerimônia”. Hércules estava planejando se divorciar dela e se casar com Iole.

Em pânico, Dejanira vasculhou suas coisas atrás do velho frasco do sangue de Nesso. Ela espalhou a coisa no interior da camisa de casamento de Hércules. O sangue secou e virou invisível imediatamente.

— Pronto — disse ela a si mesma. — Hércules usará isso e lembrará que ele me ama.

Alguns dias depois, Hércules chegou em casa com seu exército. Ele colocou sua camisa de casamento, agarrou Iole e disse:

— Vamos, estamos indo para o templo! Dejanira, eu vou chegar tarde.

Mas Hércules não estava planejando um casamento. Ele só queria dedicar seus despojos de guerra a Zeus, incluindo sua nova escrava, Iole. Bem no meio da cerimônia, quando ele estava orando para Zeus, Hércules sentiu cheiro de fumaça.

— Tio! — gritou Iolau, que ainda estava servindo como tenente de Hércules. — Você está pegando fogo!

O sangue do centauro não era uma poção de amor. Era o pior tipo de veneno do mundo, algo como uma combinação de cianeto e ácido sulfúrico. A pele de Hércules criou bolhas

e cozinhou. A agonia passou pelo seu corpo. Ele gritou e tentou tirar a camisa, mas tinha ficado presa em seu corpo e a pele saiu com o tecido. (Oops. Foi mal. ALERTA DE NOJEIRA.)

— Estou morrendo — disse Hércules, rastejando até os degraus para o altar. — lolau, por favor, preciso de mais um favor.

— Você não pode morrer! — gritou lolau.

Mas Hércules estava claramente morrendo. Ele estava sendo torturado com a dor. Ele estava perdendo sangue. Ele tinha cheiro de atropelamento.

— Por favor, construa uma pira funerária. Deixe-me morrer com alguma dignidade.

O povo lamentou e chorou, porque Hércules tinha ganhado para eles um monte de batalhas. Com orientações de lolau, eles construíram uma enorme pira e Hércules subiu ao topo com sua própria força.

— Adeus — disse ele. — Diga a minha esposa que eu a amo.

Os fogos foram acesos, e o maior de todos os heróis explodiu em chamas.

Quando Dejanira ouviu a notícia e percebeu que tinha matado seu marido, ela ficou tão horrorizada que ela se enforcou.

No Monte Olimpo, Zeus olhou para o seu filho morto. Ele anunciou aos outros deuses:

— Aquele lá embaixo é o meu garoto. Ele fez mais e sofreu mais do que qualquer outro herói! Farei dele um DEUS. Alguma objeção?

Ele olhou para Hera, mas a Rainha dos Céu não disse nada. Ela tinha que admitir que Hércules tinha sofrido. Tudo o que ela tinha feito para tornar sua vida miserável só o tornava mais forte e mais famoso. Ela sabia quando era hora de desistir.

O espírito de Hércules subiu para o Olimpo. Ele tornou-se imortal e foi dado um emprego como porteiro do Olimpo. Com Hércules servindo como o porteiro, os penetras não

foram mais um problema. Casou-se com Hebe, a deusa da juventude, e finalmente conseguiu um pouco de paz e sossego. Ele foi adorado como um deus pelos gregos, os romanos e os criadores de filmes de ação de baixo orçamento.

Para mim, qualquer um que conseguiu ler este capítulo inteiro também deve ser feito imortal como uma recompensa para a dor e o sofrimento, mas os olímpianos não pediram a minha opinião.

A única recompensa que posso oferecer é continuar para o último herói, um cara que eu pessoalmente gosto muito. Um amigo meu foi nomeado em sua homenagem. Além disso, qualquer um que vai em uma viagem perigosa para recuperar uma pele de carneiro é um bom herói na minha opinião.

Vamos fazer um cruzeiro com Jasão.

JASÃO ENCONTRA UM TAPETE QUE REALMENTE UNE O REINO



A HISTÓRIA COMEÇA DE UMA MANEIRA TÍPICA: rapaz conhece nuvem. Rapaz e a nuvem têm crianças. Rapaz se divorcia de nuvem. Rapaz se casa novamente. A madrasta má tenta sacrificar os filhos da nuvem. As crianças fogem em um carneiro voador.

Eu sei. Você já ouviu isso um milhão de vezes, mas tenha paciência.

O rapaz em questão era Atamante. Ele governou uma cidade chamada Beócia em uma parte da Grécia central conhecida como Tessália. Quando jovem, Atamante ficou loucamente apaixonada por uma ninfa das nuvens, Nefele, e eles se casaram. O que foi bom, porque as pessoas estavam começando a se perguntar por que Atamante estava andando com uma nuvem todo dia. Quando o relacionamento foi a público, as pessoas poderiam dizer: “Ah, ele não está deprimido. Aquela é só a mulher dele.”

O rei e a nuvem tiveram dois filhos: uma garota chamada Hele, e um menino chamado Frixo. Vou entrar de novo na questão dos nomes. Você nomearia a sua filha de *Hele*?

O nome do rapaz não era muito melhor. *Frixo* significa *encaracolado*. Pelo menos não o chamaram de Moe ou Larry.

Eventualmente, Atamante e Nefele se divorciaram. Talvez as frentes estacionárias sobre Beócia finalmente se moveram e Nefele teve que seguir seu trabalho em outro lugar. Atamante não desperdiçou tempo em arranjar uma segunda esposa, uma princesa mortal chamada Ino.

Ino era uma verdadeira sedutora. Assim que Atamante e ela tiveram seus próprios filhos, Ino decidiu que Hele e Frixo precisavam morrer para que seus próprios filhos pudessem herdar o reino. Mesmo na Grécia antiga, você precisava de uma boa desculpa para matar seus enteados, então Ino inventou uma.

Naquela época, as mulheres gregas participavam da maior parte da agricultura. Isso porque os homens passaram o tempo matando uns aos outros em batalhas. Desde que a rainha Ino estava no comando das colheitas,

ela pegou todas as sementes para aquele ano e secretamente as torrou em um forno grande, tornando-as inúteis. Ela distribuiu as sementes às mulheres de Beócia e disse-lhes para plantá-las. Surpreendentemente nenhuma cresceu. O tempo de colheita passou e não havia absolutamente nada para colher. Isso meio que foi horrível, já que significava que não teria nenhum pão, biscoitos, tortas ou Oreo por um ano inteiro.

— Caramba — disse Ino ao seu marido. — Eu me pergunto o que aconteceu? É melhor enviar alguns mensageiros para o Oráculo de Delfos para descobrir como desagradamos os deuses.

Atamante concordou. Quando os mensageiros chegaram a Delfos, o Oráculo lhes disse a verdade:

A rainha Ino é uma mentirosa desprezível que está disposta a deixar o reino inteiro morrer de fome só para que ela possa conseguir o que quer.

Os mensageiros retornaram a Beócia, mas a rainha Ino se certificou de encontrá-los primeiro. Ela os subornou fortemente, ameaçou suas famílias e lembrou-lhes que lugar terrível a masmorra real era. Quando os mensageiros apareceram antes do rei Atamante, eles disseram o que a rainha lhes disse para dizer.

— Os deuses estão zangados — relatou o líder. — O Oráculo disse que a única maneira de consertar a colheita é sacrificar seus dois primeiros filhos, Hele e Frixo.

A rainha Ino engasgou.

— Que pena! Eu vou pegar as facas.

Atamante estava arrasado, mas ele sabia que você não poderia argumentar com o Oráculo de Delfos. Ele permitiu que seus filhos fossem levados para o altar sacrificial na borda do mar, onde a rainha Ino estava afiando suas catorze facas.

Enquanto isso, no céu, Nefele ouviu seus filhos gritando por socorro. Sendo uma nuvem, ela era um tipo gentil e pacífica que não sabia muito sobre situações de reféns, mas

ela tinha um amigo que poderia ajudar, então ela pediu um favor.

Para os últimos cem anos ou assim, um carneiro voada com um Velocino de Ouro tinha voado pela Grécia por nenhuma específica. Seu nome era Crisómalo, e ele foi o produto de uma estranha encontro noturno entre uma princesa mortal chamada Teofane e meu pai, Poseidon. Eu falei sobre essa história em *Deuses Gregos*, então por favor não me peça para explicar de novo. Francamente, é vergonhoso.

Enfim, Crisómalo voava pela Grécia o tempo todo, mas vê-lo era uma ocorrência rara, como ver uma estrela cadente, um arco-íris duplo, ou uma celebridade na fila de um restaurante. Os gregos *adoravam* Crisómalo, porque, cara, *um carneiro dourado voador!* Consideravam-no um bom presságio. Onde quer que ele aparecesse, o rei daquela cidade em particular diria: “Está vendo? Estou fazendo um bom trabalho! O Super Carneiro me apoiou”! De acordo com a lenda, se Crisómalo permanecesse em seu país por qualquer período de tempo, suas colheitas cresceriam mais rápido, as pessoas seriam curadas de todas as suas doenças e seu sinal de Wi-Fi melhoraria, tipo, quinhentos por cento.

Crisómalo e Nefele eram velhos amigos, então quando Nefele gritou que seus filhos estavam prestes a se esculpidos em filés sacrificiais o carneiro dourado disse:

— Não se preocupe. Eu cuido disso!

Ele desceu do céu e derrubou a rainha Ino no chão.

— Pulem, crianças! — gritou ele em uma voz máscula e carneiresca.

Frixo e Hele subiram nas costas do carneiro e fora embora voando.

O carneiro imaginou que eles não estariam seguros em qualquer lugar na Grécia. Se os gregos estavam dispostos a falsificar profecias e sacrificar seus filhos, eles não merecem coisas agradáveis como crianças e carneiros voadores dourados. Crisómalo decidiu levar Frixo e Hele o mais longe possível para que pudessem começar novas vidas.

— Segurem-se, vocês dois! — disse o carneiro. — Há muita turbulência sobre esta parte do mar e...

— AHHHHHHHHH!

Hele, que não era uma boa ouvinte, escorregou das costas do carneiro e despencou para a morte.

— Maldições — disse Crisómalo. — Eu disse-lhe para se *segurar!*

Depois disso, Frixo cavou as mãos no pelo do carneiro e não soltou por nada. O lugar onde Hele morreu era um estreito canal de água entre o Mar Egeu e o Mar Negro. Depois disso foi chamado de Helesponto, eu acho que porque Hele Idiota teria sido indelicado.

O carneiro voou até Cólquida, na costa leste do Mar Negro. Até onde os gregos sabiam, você não poderia ficar mais longe e ainda estar no mundo conhecido. No passado Cólquida, era toda, dragões, monstros, China e outras coisas.

O rei de Cólquida era um cara chamado Eetes. Ele acolheu Frixo com os braços abertos, principalmente porque ele tinha trazido um incrível carneiro voando com ele.

Quando Crisómalo teve certeza de que o menino estaria seguro, ele se virou para Frixo e disse:

— Você vai ter que me sacrificar agora.

— O quê? — gritou Frixo. — Mas você salvou a minha vida!

— Está tudo bem — disse o carneiro. — Precisamos agradecer a Zeus pela sua fuga. Meu espírito irá se tornar uma constelação. Eu sempre quis ser um monte de estrelas! Além disso, o meu velocino dourado vai manter a sua magia e tornar este reino seguro e próspero para os anos que virão. Foi bom conhecê-lo, Encaracolado!

Com lágrimas nos olhos, Frixo matou o carneiro. O espírito de Crisómalo tornou-se a constelação de Aries. O rei Eetes pegou o Velocino de Ouro e pregou-o a uma árvore no bosque sagrado de Ares, onde era guardado a todo momento por um dragão feroz.

Frixo se estabeleceu, casou com a filha mais velha do rei e teve um monte de filhos. Cólquida tornou-se rica e poderosa. Os gregos ficaram chateados por terem perdido o apoio do Super Carneiro.

Ao longo dos anos, o Velocino de Ouro tornou-se uma lenda. De vez em quando, um rei grego dizia: “Ei, eu deveria ir para Cólquida e pegar o velocino! Isso provaria que eu sou abençoado pelos deuses!” Mas ninguém sabia exatamente onde era Cólquida ou como chegar lá. Alguns bravos heróis tentaram. Seus navios nunca retornaram.

Até... *DUN DUN DUN!*

Avançaremos uma geração, para quando Jasão perdeu o sapato e tornou-se muito importante.

Praticamente todos os reis de Tessália estavam relacionados com Atamante de alguma forma. Todos se sentiram mal por perder o Velocino de Ouro. Cada rei teria dado qualquer coisa para obtê-lo de volta, mas nenhum deles tinha os recursos para executar uma grande expedição. Caramba, a maioria deles não conseguia nem manter uma família funcional.

Pegue o rei Creteu como exemplo. Ele governava esta pequena cidade chamada Iolcos, mas ele se cansou do drama da cidade grande. Ele estava criando sua sobrinha órfã, Tiro, que era legal e tudo, exceto que sua esposa, Sidero, era *super* ciumenta dela, porque ela era tão jovem e bonita.

Quando Tiro tinha cerca de dezessete anos, ela atraiu a atenção de Poseidon. As coisas complicaram-se. Tiro acabou com uma mãe adolescente solteira com dois menininhos semideus. Ela nomeou o mais velho de Pélias, ou *marca de nascença*, já que a primeira coisa que ela notou depois que ele nasceu foi a mancha vermelha em seu olho direito. Acho que poderia ter sido pior. Ela poderia tê-lo chamado de Cara de Ameixa ou Cabeça Nojenta.

Enfim, quando a rainha Sidero ouviu falar dos filhos de Tiro, ela perdeu a paciência.

— *Claro* que são os filhos do Poseidon. Uma história provável! Aposto que meu marido está tendo um caso com essa pequena sem-vergonha!

Claro que Tiro era a sobrinha do rei, então isso teria sido nojento, mas, ei, estamos falando da Grécia antiga. Se essa é a coisa mais nojenta que você leu, você deveria voltar alguns capítulos.

Sidero não conseguia matar a garota de imediato. O rei não permitiria, mas a rainha fez o seu melhor para tornar a vida de Tiro miserável. Desde que Sidero era incapaz de ter bebês, ela pegou os meninos de Tiro e os criou como seus próprios. Ela proibiu Tiro de dizer às crianças quem era a verdadeira mãe. Então Sidero enviou Tiro para trabalhar nos estábulos dos cavalos. A rainha procurava qualquer desculpa para bater ou chicotear a menina por mau comportamento.

Então, sim, essa era uma relação saudável.

Finalmente, quando Pélias chegou a adolescente, ele descobriu a verdade. Ele percebeu como sua madrasta Sidero estava tratando sua verdadeira mãe todos esses anos, e ele se enfureceu. Ele pegou uma espada e perseguiu Sidero pelo palácio. Ninguém tentou detê-lo, provavelmente porque Pélias era um filho de Poseidon e nós podemos ser muito assustadores quando queremos. Além disso, ninguém gostava da rainha.

Sidero fugiu para o santuário de Hera. Ela se jogou aos pés da estátua da deusa e gritou:

— Proteja-me, Hera!

Hera era a deusa das esposas e mães, mas ela não tinha certeza do que fazer, já que Sidero não era exatamente uma rainha exemplar para a virtude materna. No final das contas, Hera não tinha que fazer nada. Enquanto a deusa estava pensando, Pélias invadiu o santuário e matou Sidero, manchando todo o belo altar de Hera com sangue.

Hera realmente não se importava com Sidero de uma forma ou de outra, mas *ninguém* era autorizado a profanar o seu santuário! A partir desse ponto, ela odiava Pélias e começou a pensar em maneiras de se vingar.

Quando a rainha estava morta, o velho rei Creteu decidiu: *Que diabos? Sidero temia que eu me casasse com Tiro? Talvez eu devesse!*

Ele fez de Tiro sua nova rainha. Eles tiveram um bando de garotos juntos. O mais velho era um menino chamado Esão.

Agora é aqui que fica complicado. Quem deveria se tornar rei quando Creteu morresse? Seu filho mais velho, Pélias, nem sequer estava relacionado. Ele era filho de Tiro e Poseidon. Claro, Creteu o adotou, mas a maioria das pessoas considerava Esão o legítimo herdeiro.

Creteu foi menos útil. Ele não deixou um testamento ou algo do tipo. Quando ele inesperadamente bateu as botas, Pélias resolveu agir com suas próprias mãos. Ele declarou-se rei e imediatamente começou a matar todos os seus irmãos e irmãs para se certificar de que nunca iriam desafiá-lo pelo trono.

De alguma forma, Esão fugiu.

Talvez ele tenha fingido sua própria morte ou entrou no programa de proteção a testemunhas. Talvez Pélias tenha contado mal os nomes na sua lista negra e pensou que tinha cuidado de todos. É difícil anotar o nome de todos aqueles irmãos para assassinar.

De qualquer forma, Esão se escondeu no país e se casou com uma mulher chamada Polimede. Juntos, eles tiveram um filho chamado Jasão. Eu sei, você está tipo: *oito páginas e finalmente chegamos ao personagem principal da história*. Sim, aqueles gregos antigos, eles nunca faziam nada simples.

Para manter seu filho seguro e sua identidade em segredo, Esão e Polimede enviaram Jasão para a floresta para treinar com Quíron, o centauro. Quíron passou anos ensinando-lhe tudo sobre o ramo de herói e explicando

como, se o mundo fosse um lugar melhor, Jasão teria crescido e se tornado o rei legítimo de Iolcos.

Enquanto isso, na cidade, Pélias se estabeleceu e começou uma família própria. Seu filho primogênito foi chamado Acasto. Quando o garoto completou dezesseis, o rei Pélias decidiu comemorar. Ele anunciou um grande festival com competições esportivas, fabulosos prêmios e sacrifícios em homenagem a Poseidon, que obviamente era o deus favorito de Pélias.

Jovens homens de todo o país foram ordenados a trazer oferendas e presentes de aniversário para Iolcos para a festa. Jasão estava em casa visitando seus pais quando recebeu o convite.

— Competições esportivas? — Jasão inchou seu peito. — Esta é a minha chance de ganhar fama e glória! Eu tenho que ir!

— Filho — disse Esão — se Pélias perceber quem você é...

— Não se preocupe, pai. Ele nunca me conheceu. Como ele me reconheceria?

Como se viu, Pélias o reconheceria pelos seus calçados.

Como todos os reis maus, o maior medo de Pélias era perder seu trono. Quando ele matou todos os membros da família que ele poderia alcançar, ele consultou o Oráculo de Delfos para se certificar de que ele estava seguro.

— Então, sem problemas, certo? — perguntou ao Oráculo.
— Eu posso continuar como rei?

— Uma ameaça permanece — avisou o Oráculo. — Cuidado com o homem que usa apenas um sapato!

As mãos de Pélias começaram a tremer.

— O que quer dizer? Por que ele usaria apenas um sapato? Isso deveria fazê-lo parecer assustador? É uma metáfora? Eu não entendi!

— Obrigado por sua oferenda e...

— NÃO DIGA ISSO!

Pélias partiu antes que o Oráculo pudesse desejar-lhe um bom dia. Se ela fizesse isso, ele tinha medo que ele talvez a matasse.

Anos mais tarde, na época em que acontecia o grande festival, Pélias quase se esqueceu da profecia. Ele estava tendo um grande momento. Tudo parecia legal. Ele quase conseguiu superar a sua necessidade compulsiva de verificar os pés das pessoas, ou gritar com os embaixadores que vestiam longas vestes:

— QUE SAPATOS VOCÊ ESTÁ CALÇANDO?

No início do dia do festival, Jasão estava passeando pela floresta a caminho da cidade. Ele veio a um rio largo e viu uma velha em um vestido esfarrapado na margem, torcendo suas mãos.

— Ah, deuses — disse ela — como vou atravessar este rio?

Jasão não era tolo. Ele sabia que as velhinhas normalmente não estavam sozinhas nas margens do rio, querendo saber como atravessar. Normalmente elas tinham outra pessoa para fazer as compras para elas, ou elas viajavam em grupos de velhinhas por segurança. Jasão achou que essa mulher poderia ser uma deusa disfarçada. Quíron contou-lhe histórias sobre coisas assim. Ele decidiu agir naturalmente.

— Eu vou ajudá-la, senhora! — disse ele educadamente.

A velha deu-lhe um sorriso sem dentes.

— Que boas maneiras! Que belo rapaz! Mas eu sou muito pesada. Tem certeza que pode me carregar?

— Sem problema. Eu tenho me exercitado.

Ele colocou a velha nos ombros e foi em direção a água. A corrente era rápida e fria. A velha cantarolava “Reme reme reme seu barco” enquanto ele atravessava, o que era meio irritante, mas Jasão percebeu que poderia ser parte do teste. No meio do rio, o pé de Jasão afundou na lama. Quando ele puxou, sua sandália tinha desaparecido, sugada pela gosma. Ele tropeçou e olhou para baixo, mas não havia

nenhum jeito que ele pudesse recuperar a sandália, especialmente não com a velha nas costas.

— Tudo bem, querido? — perguntou a velha.

— Ah, sim. Não foi nada de mais.

Jasão levou-a para a margem oposta e a colocou em segurança.

— Posso ajudá-la em algo mais?

A velha notou seus pés.

— Ah, você perdeu um sapato por causa de mim!

— Não se preocupe com isso. Eu posso saltar o resto do caminho para lolcos.

— Você tem boas maneiras, Jasão. — A forma da velha brilhou. De repente, ela se tornou a deusa Hera, vestindo uma coroa de ouro, um vestido branco e um cinto de penas de pavão. — Eu sou Hera, a Rainha dos Céus.

— Eu sabia! — gritou Jasão. — Quero dizer... Eu não tinha ideia!

— Você me ajudou, então eu vou ajudá-lo. Vá para lolcos e reivindique o seu lugar como legítimo rei!

— Isso é porque você odeia Pélias? Quíron me contou a história sobre o assassinato no santuário.

— Bem, sim, eu odeio Pélias. Mas também acho que você seria um bom rei. Sério!

— Pélias não vai tentar me matar?

— Não em seu grande festival com centenas de pessoas assistindo. Isso seria ruim para sua imagem. Você deve enganá-lo em público para fazer um acordo. Quando você revelar sua verdadeira identidade, peça a Pélias para lhe atribuir uma tarefa impossível para provar que você é digno de ser rei. Ele vai concordar, porque ele vai assumir que você vai falhar e morrer. Mas, com a minha ajuda, você terá sucesso. Então você vai se tornar rei!

— Uma tarefa impossível... algo para provar que eu sou digno de ser o rei...

— Sim. — Hera sorriu conscientemente. — Você vai procurar...

— O Velocino de Ouro! — Jasão saltou para cima e para baixo. — Eu vou recuperar o Velocino de Ouro!

Hera suspirou.

— Eu estava prestes a dizer isso.

— Ah, desculpe.

— Você meio que arruinou no meu momento, mas tanto faz. Vá, Jasão! Prove-se um grande herói!

Hera desapareceu em uma explosão de luz de cor de pavão, e Jasão continuou, pulou ansiosamente.

Quando ele chegou à cidade, todos perceberam que ele tinha apenas um sapato. Porque que Jasão não tirou o outro sapato e andou descalço? Suponho que ele achou que um sapato era melhor que nenhum. Além disso, os sapatos eram caros naquela época. Os moradores riram dele enquanto ele pulava pelo chão quente e pedia direções para o festival, mas Jasão não se importava. Ele estava muito animado. Esta era a sua primeira vez na cidade grande (lolcos tinha, tipo, mil pessoas vivendo nela!). Quando ele finalmente encontrou a cabine de inscrição para as competições esportivas, ele se inscreveu para tudo.

Ninguém tinha ouvido falar dele, então, no primeiro evento, o locutor decidiu se divertir às custas dele.

— E AGORA, JASÃO! O HOMEM COM UM SAPATO!

O rei Pélias quase caiu do seu trono.

A multidão riu e o vaiou enquanto Jasão caminhava a frente. Ele colocou uma flecha em seu arco. Ele acertou três alvos em sequência e venceu a competição de tiro com arco facilmente.

É só uma coincidência, pensou Pélias. As pessoas perdem os sapatos o tempo todo. Não significa nada.

Então Jasão venceu a competição de luta. E a de lançamento de dardo. E a de lançamento de disco. E a competição de costura. E a competição de comer tortas. Ele até ganhou a corrida de cinquenta metros, apesar de sua falta de calçados adequados.

Os moradores começaram a gritar:

— UM SAPATO! UM SAPATO!

O que já não era uma piada. Era um elogio.

Na cerimônia de premiação, todos se reuniram ao redor para ver Jasão recolher seu prêmio. Era costume para o rei perguntar ao grande vencedor o que ele queria como grande prêmio.

Pélias odiava esse costume. Ele organizou este festival para o seu filho, Acasto, e para a glória de Poseidon. Agora era sobre algum caipira com um sapato e habilidades incríveis.

— Então, meu jovem! — disse Pélias. — O que você quer como seu prêmio? Outro sapato, talvez?

Ninguém riu.

Jasão curvou-se.

— Rei Pélias, sou Jasão, filho de Esão, legítimo rei de Iolcos. Eu gostaria de meu trono de volta, por favor e obrigado.

A multidão ficou em silêncio, porque era um pedido muito grande. Quando eles olharam de mais perto para Jasão, eles podiam ver uma semelhança com Pélias; exceto que Jasão não tinha uma marca de nascença vermelha em seu olho, e seu rosto não estava permanentemente com raiva.

O rei tentou sorrir. Parecia mais que alguém estava puxando um prego de suas costas.

— Jasão, vamos pensar sobre isso. Finja que está no meu lugar. Um rapaz que você não conhece aparece do nada. Ele alega ser seu sobrinho, mas não oferece provas. Ele simplesmente exige o trono. O que você faria?

Jasão começou a responder, mas Pélias segurou a mão.

— Há mais — disse o rei. — Anos atrás, fui ao Oráculo de Delfos. Uma profecia me avisou que um dia um homem com um sapato tomaria meu trono e me mataria. Agora... Isso é traição, certo? Poderia desestabilizar todo o reino! Então eu pergunto novamente, se você estivesse em *meu* lugar, olhando para este homem com um sapato, o que você faria?

Jasão sabia a resposta que o rei esperava: *Caramba, eu provavelmente matá-lo.*

Então Pélias se sentiria justificada em executá-lo.

Em vez disso, Jasão lembrou de sua conversa com Hera.

— Tio Pélias, você levantou uma boa questão. Eu teria que ter certeza que essa pessoa era realmente o rei legítimo. Eu lhe daria uma chance de se provar, atribuindo-lhe uma tarefa impossível; algo que só o maior herói poderia realizar. Então, se ele conseguisse, e só se ele conseguisse, eu lhe daria o trono.

A multidão se agitou e murmurou. Isso estava ficando mais emocionante do que a competição de comer torta.

Pélias sentou-se e coçou sua barba.

— E qual seria essa tarefa impossível?

Jasão abriu os braços.

— Somos tessálios, não somos? A tarefa é óbvia. Eu comandaria este suposto rei a trazer de volta o Velocino de Ouro!

A multidão explodiu com emoção e descrença. Mil vozes começaram a falar de uma vez.

— Velocino de Ouro? Velocino de Ouro?

— Ele é louco?

— Legal!

— Super Carneiro?

Pélias levantou as mãos pedindo por silêncio. O rei tentou manter sua expressão neutra, mas por dentro ele ficou feliz. Nunca ninguém tinha voltado de Cólquida. Este jovem tolo Jasão assinou sua sentença de morte.

— Falou bem, meu suposto sobrinho! — disse o rei. — O Velocino de Ouro realmente tornaria este reino especial. Ele nos uniria como um povo e traria paz e prosperidade. Igualmente Também iria parecer surpreendente na sala do trono com aquelas cortinas novas que eu apenas comprei. Deixaremos os deuses decidirem o seu destino! Não vou interferir. Procure o Velocino de Ouro e trazê-lo de volta para lolcos! Se você tiver sucesso, eu lhe nomearei o próximo rei.

Atrás de Pélias, seu filho, Acasto, disse:

— *O quê?*

Pélias silenciou-o com um olhar. A família real não tinha nada com que se preocupar. Mesmo se Jasão conseguisse, que deuses os proibam, a missão levaria anos, o que daria a Pélias muito tempo para pensar em novas maneiras de matá-lo.

— Vá com nossas bênçãos, Jasão — Pélias sorriu. — Vamos ver se você é digno de ser o rei!

Quando a notícia sobre a missão do Velocino de Ouro se espalhou, *todo* herói grego quis ir. Claro, seria perigoso, mas este era o evento das estrelas da geração. Era como a Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos, final do campeonato de futebol americano e uma competição de coma todos os doces que conseguir em um só.

Para fazer a viagem para Cólquida, Jasão precisava do mais rápido e avançado trirreme já construído. Teria que resistir a piratas, marinhas inimigas, furacões e monstros marinhos, e sua máquina de sorvete *não* poderia quebrar.

O melhor fabricante de barcos na Grécia, um cara chamado Argos, se ofereceu para construir o navio. A própria Atena elaborou as plantas. O navio tinha cinquenta remos, que era mais do que qualquer outro navio grego na época tinha. Sua quilha foi projetada para segurar a água mais rasa sem encalhar e para navegar pelo oceano sem naufragar. O interior tinha todos os sinos e apitos: assentos de couro, espaço extra para as pernas, catapultas artesanais que arremessavam apenas os melhores pedregulhos. O navio ainda tinha uma interface de reconhecimento de voz graças à sua proa mágica, que Atena esculpiu pessoalmente a partir de um carvalho sagrado do Bosque de Dodona; o segundo mais importante oráculo da Grécia.

Aparentemente, os sacerdotes de Dodona passaram o seu tempo dançando ao redor da floresta, procurando presságios nas sombras e nas folhas, esperando que as

árvores mágicas falassem com eles. Soa um pouco suspeito para mim, mas assim que a figura de proa do *Argo* foi instalada o navio adquiriu a sua própria voz. A proa mágica nem sempre estava no humor para falar, mas às vezes dava conselhos para os marinheiros, ou emitia profecias dos deuses, ou dizia para Jasão onde ficavam os restaurantes chineses mais próximos. Jasão queria chamar a figura de proa de Siri, mas havia problemas de marca registrada.

Quando o navio foi terminado, Argos decidiu nomeá-lo de *Argo*, em homenagem a si mesmo, porque era humilde assim.

Agora, tudo o que Jasão precisava era de alguns Argonautas, também conhecidos Pessoas Corajosas e/ou Estúpido o Suficiente para Navegar no *Argo*. Ele não teve problema em conseguir voluntários. Até mesmo Hércules apareceu, e todo mundo estava tipo: “Uau! Ele com certeza deve ser o capitão!”

Mas Hércules estava tipo: “Pessoal, qual é. Esta é a festa do Jasão. Eu acabei de ter uma centena de páginas sobre mim.”

E os outros concordaram que seria um exagero.

Hércules trouxe como ele um novo ajudante chamado Hilas, que era seu Robin em treinamento. Argos o construtor de navios se inscreveu, já que ele conhecia o *Argo* melhor do que qualquer um. Orfeu, o músico juntou-se à tripulação, porque ia ser uma longa viagem e eles precisariam de boas músicas. A grande caçadora Atalanta juntou-se, também, sendo basicamente a única mulher que poderia conviver com quarenta e nove marinheiros fedorentos sem ser se afastar ou vomitar.

Os recrutas mais estranhos eram provavelmente os boréadas, Calais e Zetes, dois filhos de Bóreas, o deus do vento norte. Os irmãos pareciam humanos, mas tinham asas roxas gigantes, então você *realmente* não queria sentar atrás deles nos bancos de remo. Mas o fato de que eles poderiam voar era muito útil. Eles poderiam voar para a loja de conveniência mais próxima se qualquer um dos

Argonautas esquecesse uma escova de dentes ou desodorizante.

Quem mais? Eu não vou nomear a tripulação inteira, mas a maioria deles eram semideuses. Havia dois filhos de Zeus, três filhos de Ares, dois filhos de Hermes e um filho de Dioniso, um de Hélios, um de Poseidon, um de Hefesto, e um perdiz em uma árvore de pera.

Na noite antes de navegarem, os Argonautas sacrificaram algumas vacas em homenagem aos deuses. Todo mundo estava nervoso e tenso. A tripulação acampou na praia, discutindo, lutando e tirando todas as coisas masculinas de *Eu sou melhor que você* de seus sistemas. Finalmente, Orfeu tocou alguma música até que eles adormeceram.

Pela manhã, a voz do *Argo* os acordou.

— Hora de ir, meninos e meninas! — disse a proa mágica. O tempo está correndo! Há um país estrangeiro a ser saqueado!

Os Argonautas subiram a bordo e partiram do porto, enquanto Orfeu e a figura de proa cantavam “Noventa e nove pitos de vinho na parede” em duas partes.

De varanda de seu palácio, o rei Pélias sorriu e acenou, murmurando para si mesmo;

— Boa viagem. Lá vão cinquenta heróis eu não tenho mais que me preocupar. Eu com certeza vou ganhar o prêmio de Mais Malvado Rei Grego do Ano!

O resto da cidade se reuniu nas docas e em seus telhados, observando o belo navio cruzar pelo mar azul calmo. Todos os gregos tinham a sensação de que este era o seu grande momento. Nunca houve uma melhor tripulação que navegasse no melhor navio para a busca mais nobre. Jasão teria sucesso e glória... ou ele morrer e levar as esperanças e sonhos dos gregos com ele. Mas sem pressão.

A primeira parada da *Argo* foi em Lemnos, também conhecida como a Ilha das Mulheres Fedorentas.

Como ganhou esse nome adorável? Bem, alguns anos atrás, as mulheres locais tinham abandonado sua adoração por Afrodite. A deusa do amor, sendo o tipo perdoadora, amaldiçoou todas as mulheres em Lemnos com um fedor tão terrível que nenhum dos homens poderia chegar a quinze metros delas. Um dos antigos escritores gregos descreveu como um “fedor barulhento”, o que significa um fedor tão forte que você poderia *ouvi-lo*. Isso é muito ruim.

As mulheres da ilha não estavam felizes por serem ignoradas por seus maridos. Os caras não as beijavam. Eles não dormiam no mesmo quarto que elas. Eles passaram a maior parte do seu tempo nos bares locais, assistindo esportes e bebendo cerveja com panos em seus narizes.

Eventualmente, as mulheres ficaram tão irritadas que mataram quase todos os homens de Lemnos, porque isso parecia ser a coisa lógica a fazer. Apenas alguns escaparam para avisar os outros reinos gregos. As mulheres de Lemnos elegeram uma mulher chamada Hipsípile como sua rainha.

Ironicamente, assim que mataram todos os homens, as mulheres pararam de feder. Até lá era tarde demais. Quando a notícia do massacre se espalhou, nenhum navio atracaria em Lemnos. Nenhuma das mulheres locais sabiam como navegar, então elas estavam basicamente abandonadas em sua própria ilha, destinadas a viver suas vidas sem chance de ter mais filhos.

Essa Afrodite... que amor de pessoa.

Os Argonautas sabiam da reputação de Lemnos, mas precisavam de suprimentos, então decidiram arriscar. Assim que atracaram, centenas de mulheres bonitas e não fedorentas lotaram o cais, gritando:

— Graças aos deuses! Homens! Por favor, case comigo! Case comigo!

Os Argonautas olharam um para o outro como se dissessem, *LEGAL!*

Até o Jasão ficou fascinado. A rainha Hipsípile o deu boas vindas com um abraço, um beijo e uma proposta de casamento. Dentro de alguns dias, os Argonautas viviam

como reis. Todos pegaram novas esposas. Todos os dias as mulheres os bajulavam, enquanto os Argonautas ficaram gordos e preguiçosos. Esqueceram-se totalmente da sua missão.

O único cara que não estava fascinado era Hércules. Ele estava recebendo o tratamento de estrelas por anos. Ele não foi influenciado por um bando de belas admiradoras. Ele conversou com Atalanta, que também estava insatisfeita. Ela não se inscreveu para esta missão só para ver seus companheiros agirem como... Bem, como homens.

A figura de proa mágica do *Argo* concordou com eles.

— Deuses, estou *tão* entediado! Tragam a tripulação de volta. Precisamos sair!

Hércules e Atalanta pediram uma reunião de emergência dos Argonautas.

— Pessoal, concentrem-se na missão! — disse Hércules. — Vocês não estão agindo como heróis.

— Eu acho que o que Hércules está tentando dizer — ofereceu Atalanta — é que vocês são todos idiotas. Nós não saímos de lolcos para que vocês pudessem descansar em Lemnos enquanto mulheres bonitas os alimentassem com uvas descascadas.

— Eu sim! — disse uma voz na parte de trás.

— Mais uma palavra — Hércules rosnou — e eu vou apresentar o seu rosto para o meu bastão.

Jasão finalmente lembrou de sua missão.

— Hércules está certo — disse ele. — Eu me permiti me distrair. Não acontecerá de novo. Todos, digam adeus às suas esposas de Lemnos. Temos que sair imediatamente!

As mulheres ficaram tristes ao vê-los irem embora, mas não protestaram. A maioria das mulheres estavam esperando bebês agora, então pelo menos eles teriam a chance de repovoar sua ilha com pequenos Argonautas e Argonetes.

A lição daquela pequena aventura? É fácil ser desviado. Sofás confortáveis, pessoas amigáveis e boa comida vai sempre soar mais atraente do que ir em uma missão difícil.

Mas se você quer começar em qualquer lugar na vida, você precisa manter seus olhos no prêmio, e por isso eu quero dizer o Velocino de Ouro, e não uvas descascadas. Mas se oferecessem cheeseburgers... Não, esquece. Vamos continuar.

Algumas semanas mais tarde, o *Argo* navegou no Helesponto, essa longa extensão de água entre o Mar Egeu e o Mar Negro onde a boa e velha Hele tinha caído para sua morte.

Após remarem por dias e dias, a tripulação tinha gastado muita comida e água, então eles precisavam de mais suprimentos. Eles atracaram em uma ilha chamada Montanha Urso, que tinha uma grande montanha com a forma de um urso (dã).

Os moradores eram chamados de doliones. Eles eram todos descendentes de Poseidon, então, naturalmente, eles eram legais e impressionantes. Seu rei Cízico era um cara jovem mais ou menos da idade de Jasão. Ele tinha acabado de se casar, e ele e sua rainha ficaram encantados de sediar uma grande festa para os Argonautas. Todo mundo se divertiu muito. Jasão e Cízico trocaram números de telefone e concordaram em ser melhores amigos.

— Eu estou apenas feliz que vocês não são piratas! — disse Cízico. — Passam *muitos* piratas por aqui. Mas vocês são ótimos. Espero que sua missão corra bem. Apenas fiquem longe do outro lado da ilha, certo? Não é divertido lá!

— Por quê? — perguntou Jasão.

Só então Hércules contou uma piada engraçada e todo mundo começou a rir. Cízico e Jasão esqueceram do que estavam falando.

Na manhã seguinte, os Argonautas estavam com dores de cabeça e estômagos enjoado de tanta festa. Eles tropeçaram como zumbis. Eles conseguiram zarpar, mas quando eles estavam a cerca de três horas do porto e quase

fora de vista da Montanha Urso eles perceberam que tinha esquecido de estocar suprimentos.

— Envie os boréadas! — sugeriu Atalanta. — Eles têm asas.

— Nós somos apenas dois caras — disse Zetes. — Podemos buscar alguns itens, mas suprimentos para toda a tripulação? Você vai precisar atracar para isso.

Orfeu gemeu.

— As docas estão do outro lado da ponta ocidental da ilha. Dar a volta levará *horas*. E se formos puxados para outra noite de festa eu não tenho certeza que meus órgãos internos podem lidar com isso.

Os outros Argonautas murmuram de acordo.

Argos, o construtor apontou para a popa. Olhem, pessoal, ainda estamos conseguindo ver a ponta leste da ilha. Tenho certeza que podemos encontrar água, frutas e outras coisas lá. Vamos ancorar na praia e corremos rapidamente para terra. É fácil.

Jasão franziu a testa.

— Cízico me disse que este lado da ilha não era divertido.

— O que ele quis dizer com isso? — perguntou Argos.

— Não tenho certeza. Ele me avisou para não ir lá. — Jasão virou-se para a figura de proa do *Argo*. — O que você acha, ó proa mágica?

— Não olhe para mim — disse a proa. — Eu cresci como uma árvore de carvalho em Dodona. Eu nunca estive tão longe de casa.

Hércules resmungou.

— Não interessa. Somos Argonautas! Nós podemos lidar com qualquer coisa!

Então eles abaixaram a âncora e enviaram um grupo para terra.

Como se descobriu, a metade oriental da ilha era habitada por gegenes, o que significa *Nascidos da Terra*. Imagine ogros peludos de três metros de altura vestindo nada além de tangas. Imagine-os com seis braços musculosos, três de cada lado, capazes de rasgar árvores e

arremessar pedras enormes. Agora imagine-os com um cheiro horrível. Você entendeu.

Jasão liderou seu grupo pela floresta, procurando comida e água. Não encontraram nenhum problema, mas logo depois que deixaram a praia um grupo de vinte ogros correram para seus barcos a remos, determinados a esmagá-los e então lançar rochas no *Argo* até que afundasse.

Felizmente, Jasão deixou Hércules encarregado de proteger os barcos. Os nascidos da terra rugiram e balançaram seus bastões. Hércules balançou seu bastão e rugiu de volta. Os nascidos da terra jogaram rochas, que quebravam inofensivamente contra a capa do Leão de Nemeia. Hércules entrou em batalha, matando a maioria dos ogros. O resto retirou-se para a floresta.

Uma hora depois, Jasão e o grupo voltaram e encontraram Hércules em pé sobre uma pilha de cadáveres de seis braços.

— O que Hades? — perguntou Jasão.

— É melhor voltarmos para o navio — disse Hércules. — Tenho a sensação de que na próxima vez que esses caras atacarem, será em maior número.

No mesmo instante um conjunto de gritos selvagens ecoou pela floresta, tremendo o lado da Montanha Urso.

— De volta para o navio — concordou Jasão.

Assim que eles zarparam, o tempo ficou desagradável. Um nevoeiro apareceu, reduzindo a visibilidade para cerca de dez centímetros a frente. A noite caiu com uma lua nova, tornando as coisas ainda piores. Argos não conseguia ver as estrelas, deixando-o sem forma de navegar. Os Argonautas acendiam tochas, mas as chamas eram engolidas pela névoa e escuridão.



Para nós, pessoas modernas, é difícil imaginar o quão escuro pode ficar sem luzes da cidade. Sou de Manhattan. A menos que haja um apagão, o mais escuro de todas é algo como luz ambiente. Na Grécia antiga, *escuro* significava *olhar para uma sopa de tinta preta*. O *Argo* se perdeu completamente.

Até a figura de proa odiava isso. A madeira mágica continuou gritando:

— EU NÃO CONSIGO VER! EU ESTOU CEGO! AH, DEUSES, EU ESTOU CEGO!

Finalmente, um dos tripulantes avistou um brilho vermelho nebuloso na proa.

— Ali! Vá por ali!

Normalmente, o fogo significava civilização. Mas, conforme o navio se aproximou do brilho vermelho, os Argonautas não tinham tanta certeza disso. Ouviram vozes profundas gritando da margem, mas a névoa abafava tanto o som que era impossível dizer se as vozes eram mesmo humanas. O navio encalhou em um banco de areia. A figura de proa gritou:

— Ai!

— Projéteis choveram no barco; talvez flechas, lanças ou rochas.

Alguém gritou:

— São os nascidos da terra de novo!

A tripulação entrou em pânico. Eles pegaram suas armas e saltaram para o mar, caminhando pelas ondas para encontrar o inimigo. Eles não podiam permitir que os ogros destruíssem seu navio.

A batalha que se seguiu foi o caos absoluto. Ninguém conseguia ver nada. Espadas cortavam. Argonautas gritavam na escuridão. Tochas só tornavam a névoa mais forte e o inimigo mais difícil de distinguir.

Finalmente os Argonautas recuaram e formaram uma linha defensiva improvisada com seus escudos na praia. Eles esperavam por um ataque, mas o inimigo também parecia ter recuado.

Finalmente o sol nasceu. A névoa dissipou, mostrando aos Argonautas a horrível verdade. De alguma forma, o *Argo* tinha circulado de volta para o lado ocidental da Montanha Urso. Espalhados ao longo da praia estavam dezenas de doliones mortos, os mesmos caras que os Argonautas tinham festejado na noite anterior. Entre os mortos estava o melhor amigo de Jasão, o rei Cízico.

Ambos os lados perceberam seu terrível erro. Os Argonautas pensaram que estavam lutando contra os nascidos da terra. Os doliones pensaram que estavam se defendendo de um ataque pirata. Jasão ficou devastado por ter matado o rei acidentalmente. A rainha ficou ainda mais devastada. Quando ela ouviu a notícia, ela se enforcou.

Os dois grupos tentaram perdoar uns aos outros. Eles passaram vários dias de luto e enterrando seus mortos. O tempo melhorou, mas não havia ventos, tornando impossível navegar. Finalmente Jasão consultou a proa do navio.

— Construa um templo para os deuses — aconselhou a proa. — Queime algumas oferendas para reparar o derramamento de sangue. Vocês são tão estúpidos.

Jasão fez o que o proa sugeriu. Demorou vários meses, mas assim que o templo estava completo, os ventos voltaram e a tripulação partiu da Montanha Urso.

Qual é a moral dessa aventura feliz? Talvez: *Não festeje tanto*. Caso contrário, o cara com quem você vai tomar vinho esta noite pode acabar tentando te matar pela névoa amanhã à noite. E depois, um pedaço mágico de madeira vai chamá-lo de estúpido.

Até agora, os Argonautas não estavam se sentindo muito heroicos. Eles se casaram com algumas mulheres, mataram alguns amigos e se perderam. A próxima parada deles não acabou com a série de derrotas.

Precisando de água fresca, eles ancoraram na costa da Anatólia e enviaram uma pequena equipe para terra:

Hércules, seu ajudante, Hilas, e outro cara chamado Polifemo. (Esse também é o nome de um ciclope, mas eu não acho que esse cara era seu parente. Pelo menos, espero que não.)

Os três Argonautas se separaram e vasculharam a região. Hilas foi o primeiro a encontrar água; um riacho bom e limpo que atravessa a floresta. Ele estava se sentindo muito bem consigo mesmo quando ele se ajoelhou para encher seu pito vazio.

Infelizmente, Hilas era super bonito, e o rio estava cheio de náiades. Os espíritos da natureza o observavam de debaixo d'água. Camufladas em seus vestidos azuis, eram quase invisíveis.

— Ah, meus deuses, ele é fofo! — disse uma.

— Eu o vi primeiro! — disse outra.

— Eu quero casar com ele! — disse uma terceira.

Bem, você sabe como é quando você junta um monte de náiades. Eles se tornam selvagens, malvadas e bobas. Então elas começam a sequestrar caras mortais. Os três espíritos entraram em erupção no riacho, pegaram o pobre Hilas e o arrastaram para baixo, esquecendo que ele precisava de oxigênio para respirar.

Hilas conseguiu dar um grito. Polifemo ouviu e foi correndo, mas no momento em que ele chegou lá Hilas tinha sido puxado rio abaixo. As únicas coisas que Polifemo achou foi pedaços quebrados de jarro de água e algumas pegadas molhadas nas rochas, como se tivesse acontecido uma briga.

Ladrões? perguntou-se ele. Bandidos? Piratas?

Polifemo correu para Hércules. Juntos, eles vasculharam a área. Hércules estava tão distraído com seu ajudante desaparecido que ele esqueceu tudo sobre sua missão, o *Argo* e seus companheiros de tripulação, que estavam esperando.

Na praia, Jasão começou a ficar preocupado. O sol estava se pondo e a equipe em terra ainda não tinha voltado. Ele enviou um grupo de busca, mas tudo o que

encontraram foram fragmentos de cerâmica em um riacho. Não havia sinais de Hércules, Polifemo ou Hilas.

No dia seguinte, os Argonautas procuraram novamente por seus companheiros. Eles não tiveram sorte. A proa do navio não tinha nenhum conselho a oferecer. Finalmente, Quando o sol estava se pondo, Jasão anunciou que o *Argo* teria que sair pela manhã.

— Temos que supor que Hércules e os outros estão perdidos. Devemos continuar navegando.

A tripulação não gostou disso. Você não apenas navega para longe de Hércules. Mas na manhã seguinte, seus companheiros ainda estavam desaparecidos. Os Argonautas, relutantemente, puxaram a âncora.

Durante os dias seguintes, a tripulação resmungou. Eventualmente, alguns deles acusaram Jasão de deixar Hércules para trás de propósito para que ele não tivesse que compartilhar os holofotes. As coisas estavam prestes a ficarem feias quando uma tromba d'água explodiu na proa. No topo da coluna de espuma estava um velho com barbatanas em vez de braços e uma cauda de peixe em vez de pernas.

— É Poseidon! — gritou Zetes.

— É Oceano! — disse Atalanta.

— É aquele cara de a *Pequena Sereia*! — disse Orfeu.

O tritão suspirou e bateu o braços-barbatanas.

— Na verdade, eu sou Glauco. Mas não se preocupe. Nunca ninguém acerta.

Os Argonautas murmuraram entre si, tentando descobrir quem era Glauco.

— Ah, meus deuses! — disse a proa do navio. — Vocês estão me envergonhando! Glauco era um pescador que comeu algumas ervas mágicas e se tornou imortal. Agora ele é como o Oráculo de Delfos marinho!

— Ah. — A tripulação assentiu como se soubessem do que a proa estava falando.

Para constar, eu nunca tinha ouvido falar dele, e eu sou um filho de Poseidon. Eu não tenho certeza que tipo de

ervas Glauco comeu para se tornar imortal. Tudo que eu sei: ter seus braços transformados em barbatanas e suas pernas em uma cauda de peixe não parece valer a pena. Meu conselho: não vá comer ervas aleatórias a menos que você queira se transformar naquele cara de a *Pequena Sereia*.

Jasão deu um passo em direção ao corrimão.

— Isso é uma grande honra, Glauco! O que o traz aqui?

— Ó Argonautas! — disse ele, boiando no topo de sua tromba d'água. — Não se preocupe com seus companheiros de tripulação perdidos. Foi a vontade dos deuses que vocês os deixassem para trás.

Jasão virou-se para os Argonautas como se dissesse: *Viram?*

— Hércules deve voltar aos seus trabalhos — continuou Glauco. — Seu destino está em outro lugar! Quanto a Polifemo, ele vai ficar naquela terra e encontrou uma grande cidade chamada Cio, então não se preocupem.

— E quanto a Hilas? — perguntou Jasão.

— Ah, ele está morto. Afogado por alguns náíades. Mas além disso tudo está bem! Continuem sua viagem!

A tromba d'água desapareceu. Com um agito de suas barbatanas braçais, Glauco fez um impressionante mortal duplo de costas e desapareceu nas ondas.

Então, os Argonautas navegaram sem o seu grande rebatedor, Hércules, mas pelo menos eles não se revoltaram sobre o assunto. A lição desta história foi... Hã, não me pergunte. Eu nem sabia quem era Glauco.

Os Argonautas continuaram a leste pelo Helesponto. Eles sabiam que eventualmente chegariam ao Mar Negro, mas poucos gregos já haviam navegado tão longe. Ninguém tinha certeza quanto tempo levaria ou que perigos os aguardavam. Tudo que sabiam, era que a entrada para o Mar Negro exigia uma senha especial.

Eles decidiram parar no próximo porto e perguntar o que estava à frente. Pense nisso. Cinquenta caras realmente

concordaram em parar e pedir por informações. Era desse tanto que se eles sentiam perdidos.

O próximo porto era governado por um rei chamado Âmico. Um nome que realmente soava amigável, como *amicus*, a palavra em latim para *amigo*. Mas Âmico não era amigável. Com dois metros de altura e cento e oitenta quilos, ele era conhecido como a Montanha Humana. Toda vez que um navio parava em sua cidade, ele fazia o mesmo pedido.

— Lute comigo! — gritou ele. — Traga o seu melhor lutador. Eu vou matá-lo no ringue!

Jasão estudou o rei, cujos punhos eram do tamanho de balas de canhão.

— Hã, estamos aqui apenas atrás de informações. Estamos em uma missão sagrada...

— Não me importo! Lute!

— E se nos recusarmos?

— Então eu vou matar todos vocês!

Jasão suspirou.

— Eu tinha a sensação de que você diria isso.

Ele começou a tirar a camisa, já que ele era um boxeador bastante decente, mas outro Argonauta se adiantou; um filho de Zeus chamado Polideuces.

— Eu cuido dessa, capitão.

Os moradores explodiram em risos. Ao lado de seu rei, Polideuces não parecia muito. Ele era um peso pena no melhor das hipóteses. Mas você nunca deve ignorar um filho de Zeus. (Parabéns para meu amigo J. Grace.)

A multidão fez um círculo em volta dos dois lutadores, os Argonautas de um lado, e os moradores do outro. Âmico avançou, balançando seus punhos enormes. Um único golpe teria matado Polideuces, mas o Argonauta dançava, desviando e esquivando, prestando atenção à maneira como Âmico lutava. O rei era forte, mas também era descuidado. Toda vez que ele dava um gancho direito, ele usava muita força e tropeçava para a frente.

Da próxima vez que aconteceu, Polideuces desviou para a direita. Quando o rei foi em direção a ele, sua cabeça abaixou como um corredor, Polideuces saltou para cima e acertou o cotovelo atrás do ouvido do rei.

CRUNCH.

Âmico caiu de cara no chão e não se levantar novamente.

Os Argonautas aplaudiram como loucos. Os moradores avançaram, determinados a rasgar Polideuces em pedaços, mas, sabiamente, os Argonautas mantiveram suas armas à mão. Eles avançaram para proteger seu companheiro. A coisa toda virou um banho de sangue. Jasão e seus homens estavam desvantagem em números, mas eles tinham mais disciplina. Eles venceram os moradores, levaram um bando de ovelhas pela confusão, carregaram o *Argo* e navegaram.

Agora, isso pode não parecer uma grande aventura, mas foi a primeira vez que um Argonauta ganhado de alguém em combate pessoal. Além disso, a tripulação tinha trabalhado juntos para derrotar uma força muito maior. Jasão sentiu que talvez a sorte deles estivesse mudando.

O único problema era que eles ainda não tinham informações.

Jasão decidiu perguntar a proa do navio.

— Ó grande... pedaço de carvalho. O está rolando?

— Eu estou bem — disse a proa. — E você?

— Estou bem. Então... alguma ideia de onde fica o Mar Negro, ou como chegamos lá?

— Não, mas posso direcioná-lo para alguém que sabe. Navegue para o leste por mais dois dias. Procure as ruínas na costa. Lá você vai encontrar um homem velho chamado Fineu.

Jasão mexeu no colarinho de sua camisa.

— Valeu. Mas como você sabe disso? Eu pensei que você nunca tinha estado fora de Dodona.

— Eu não tenho, Senhor Espertalhão. Mas Fineu é um vidente com o dom da profecia. Eu sei sobre coisas assim já que também sou profético. E eu profetizo que, sem o

conselho de Fineu, você nunca vai atravessar o Mar Negro ou chegar a Cólquida vivo.

— Uau. Então ainda bem que perguntei.

— Sim, isso poderia ter sido ruim. A propósito, leve os boréadas para terra com você quando você for.

— Por quê?

— Você vai ver.

Como o proa tinha aconselhado, eles navegaram por mais dois dias até que avistaram as ruínas de uma cidade. Mesmo ainda no mar conseguiam sentir o cheiro do lugar, era parecido com uma centena de lixeiras que tinham sido cozinhadas no sol durante todo o verão.

— Isso vai ser divertido — resmungou Zetes.

Ele e Calais levaram Jasão para a costa. Eles vasculharam as ruínas, segurando suas mangas sobre seus narizes para bloquear o fedor. Quando chegaram na praça da cidade, encontraram um velho chorando na frente de uma fraca fogueira. Seu cabelo e barba eram como pedaços de algodão doce. Suas roupas eram trapos. Seus braços, tão magro que dava para ver os ossos, eram cobertos de manchas de velhice. Espalhado em torno dele estavam migalhas de pão mofado, pedaços de carne podre e pedaços de frutas secas. Não era muita comida, mas era *definitivamente* a fonte do fedor.

— Alô? — disse Jasão.

O velho olhou para cima. Seus olhos eram brancos leitosos.

— Visitantes? Não! Não se dê ao trabalho. Deixe-me na minha miséria!

— Você é Fineu? — perguntou Jasão. — Se for, precisamos de sua ajuda. Eu sou o Jasão. Estes são os boréadas, Zetes e Calais...

— Boréadas? — O velho lutou para se levantar. Ele tropeçou para a frente, sorrindo sem dentes e batendo no ar

como se estivesse brincando de Marco Polo. — Boréadas? Onde? Onde?

Zetes limpou a garganta.

— Hã, aqui. Por quê?

— Ah, que dia feliz! — gritou o velho. — Minha maldição pode finalmente ser retirada!

Ele quase bateu de cara em uma coluna, mas Jasão o impediu. A respiração de Fineu era tão perfumada quanto a comida em seus pés.

— Que tal um acordo? — sugeriu Jasão, tentando não vomitar. — Nós ajudamos você; Você nos ajudar. Diga-nos o que está acontecendo.

Fineu soltou um suspiro.

— Eu tenho o dom da profecia. Durante anos, as pessoas vinham a mim e eu lhes dizia o que elas queriam saber; números vencedores da loteria, a data de sua morte, com quem eles se casariam e se eles iriam se divorciar. Eu dizia tudo sem enigmas, truques ou falsas informações. Eu nem sequer pedia um pagamento para os meus clientes ou lhes desejava um bom dia.

— Isso não soa como um problema — disse Jasão.

— Ah, mas foi! Zeus não aprova a revelação completa. Ele só quer que os humanos tenham vislumbres parciais dos planos dos deuses. Caso contrário, ele acredita que os mortais não precisarão mais dos deuses. Eles saberão tudo! Isso seria ruim para os negócios nos templos e oráculos.

Calais resmungou.

— Zeus tem razão.

— Então ele me amaldiçoou — disse Fineu. — Ele tirou a minha visão. Ele me infligiu com velhice permanente. Eu tenho oitenta e cinco anos nos últimos vinte anos. Você pode imaginar?

— Não parece divertido — admitiu Jasão. — Mas qual é a coisa com... hã. todos os restos de comida fedorenta?

— Essa é a pior parte! Estou sendo atormentado por harpias!

Jasão nunca tinha visto uma harpia, mas ele tinha ouvido histórias sobre elas. Supostamente eram híbridos mulher-pássaro, algo como galinhas, abutres e frenéticas compradoras de promoções tudo em um só.

Os boréadas bateram suas asas nervosamente.

Calais olhou para o céu.

— Eu odeio harpias.

— Imagine como *eu* me sinto! — disse Fineu. — Quando alguém me traz comida, as harpias sentem o cheiro. Elas atacam do nada e roubam minhas guloseimas deliciosas. Qualquer sobra que deixam fica ruim imediatamente. Eu sou deixado com apenas o suficiente para que eu não morra, mas eu estou sempre morrendo de fome e enjoado. Só há uma maneira de detê-las. Harpias têm *um* inimigo natural.

— boréadas — disse Zetes. — Sim, as crianças do vento norte desprezam harpias, e o sentimento é mútuo. — Ele franziu suas penas roxas com nojo. — Teríamos o prazer de matar essas harpias, mas se elas são uma maldição de Zeus não queremos ter problemas com o grandalhão.

— Vocês não vão! — prometeu Fineu. — Essa é a minha cláusula de fuga! Se boréadas derrotarem as harpias, eu fico livre. Me ajudem e eu vou te dizer como chegar a Cólquida.

Jasão piscou.

— Como sabia que estamos indo para Cólquida? Ah, certo. Você é um vidente.

Os boréadas voaram de volta para o navio para pegar comida. Então, bem no centro da praça da cidade, os três Argonautas montaram um piquenique para o velho.

Fineu sentou-se.

— Ah, cheira tão bem. A qualquer segundo...

SCREEEEEEEE!

Duas harpias desceram das nuvens como pilotos suicidas, seus cabelos loiros irregulares e vestidos brancos. Uma rajada de vento de suas asas cinzas-tempestade derrubou

Jasão no chão. Fineu se jogou para se proteger enquanto as harpias pisoteavam sua comida com suas garras sujas.

Só os boréadas ficaram firmes. Eles abriram suas asas roxas e puxaram suas espadas. As harpias congelaram quando os viram. Então as mulheres-pássaro sibilaram e voaram para o céu.

Caso não saiba, as harpias são rápidas. Se elas precisarem, elas podem superar tudo, exceto jatos militares e boréadas. Até mesmo Zetes e Calais tiveram problemas para acompanhá-las. Eles correram para o oeste, entrando e saindo de nuvens, deslizando pela superfície da água, até que finalmente os boréadas conseguiram agarrar os tornozelos das harpias e trazê-las para o chão.

Os boréadas as encurralaram. As harpias sibilaram e arranharam, mas os boréadas eram mais fortes. Os irmãos puxaram suas espadas para acabar com as mulheres galinha quando a voz de uma mulher gritou:

— Tempo!

Brilhando atrás deles estava uma mulher com asas coloridas, óculos com formato de coração e cabelo comprido trançado com margaridas.

Zetes engoliu seco.

— Iris? A deusa do arco-íris?

— Sou eu — disse Iris. — Eu trago uma mensagem de Zeus: essas harpias não são para você matar.

Calais franziu a testa.

— Mas matar harpias...

— Eu sei, essa é a especialidade de vocês — disse Iris. — Normalmente, eu sou a favor de seguir seus sonhos, mas desta vez vocês não podem. Prometo que as harpias não vão incomodar o velho outra vez. Vocês retiraram a maldição de Fineu. Agora voltem para seus companheiros e tenham um dia supimpa!

Os boréadas estavam relutantes em deixar as mulheres galinha irem, mas eles não estavam com vontade de discutir com uma deusa que ainda usava a palavra *supimpa*.

Eles libertaram as harpias e aceleraram de volta para seu navio.

Enquanto isso, Jasão sinalizou para o *Argo* e mandou sua tripulação trazer mais comida para Fineu. Eles deixaram o velho limpo e vestido com roupas novas. Então, enquanto enchia a boca com comida, Fineu disse a Jasão o que ele precisava saber.

Primeiro, você tem que se preocupar com Simplégadas. Ah, meus deuses, esses biscoitos são *tão bons*.

— Simplégadas? — perguntou Jasão.

— A única maneira saindo de Helesponto para o Mar Negro é um canal estreito entre penhascos altos, mas os penhascos não estão ancorados à terra. Eles se chocam, para a frente e para trás, abrindo e fechando, como... como molares!

Fineu abriu a boca. Ele apontou para os seus dois únicos dentes sujos, o que era algo que Jasão poderia viver sem ver.

— O que você tem que fazer — continuou Fineu — é capturar algumas pombas. Quando você chegar perto das Simplégadas, soltar os pássaros e ver o que acontece. Se as pombas voarem por elas com segurança, então você sabe que é um bom dia. As rochas estão se movendo lentamente. Você *talvez* tenha a chance de passar com seu barco. Se os pássaros não o voarem... Bem, você também não vai.

Jasão pensou nisso.

— E se os pássaros não voarem pelo canal? E se eles forem em uma direção diferente, ou pararem no meio e subirem nos penhascos?

— Eles não vão.

— Por que não?

— Não sei! Por que os pombos-correios vão para casa? Por que as galinhas vão dormir se você dobra as cabeças em suas asas? É apenas a natureza do pássaro! As pombas serão obrigadas a voar direto pelo canal.

— Mas isso não faz sentido.

— Basta lidar com isso! — Fineu bebeu um pouco de vinho. — Enfim, supondo que você consiga passar pelas Simplégadas, continue navegando para o leste por trinta dias. Você passará por um reino de criadores de ovelhas. Ignore-os. Você passará por um reino de pastores de vacas. Pare e negocie com eles. São boas pessoas. Você passará pela terra das Amazonas. Não pare lá. Péssima ideia. Finalmente, quando a costa começar a curvar para o norte, você verá algumas torres subindo em uma colina na foz de um rio. É Cólquida, a terra do rei Eetes. Você vai encontrar o Velocino de Ouro no bosque sagrado de Ares.

— Obrigado — disse Jasão. — Então... Você poderia me dizer se a minha missão vai ser bem-sucedida, certo? Você sabe todo o meu destino?

— Eu sei tudo. — Fineu arrotou. — Exceto, como você fez esta carne seca de carneiro ter um gosto tão bom? Deuses, é incrível! Eu poderia lhe dizer todo o seu futuro, Jasão; o bom, o ruim, o muito ruim. Mas confie em mim; Você não quer saber.

O suor escorria no pescoço do Jasão.

— Agora eu *realmente* quero saber.

Fineu balançou a cabeça.

— Zeus estava certo quando me amaldiçoou. Posso admitir isso agora que minha barriga está cheia. Ninguém deve saber todo o seu destino. É muito perigoso e muito deprimente. Basta continuar, faça o seu melhor e espere que seja bom o suficiente. Isso é tudo que qualquer um de nós pode fazer.

Jasão sentiu-se tonto. Ele não tinha certeza de que era totalmente por causa das sobras de comida podre que estavam próximas.

— Me parece que não saber é mais assustador do que saber.

As linhas ao redor dos olhos de Fineu apertaram.

— Não, na verdade não. — Sua voz estava cheia de arrependimento. — Agora saia daqui, herói. Eu pretendo

comer o máximo que puder, tomar um bom banho quente e morrer. Vai ser um grande dia.

Na tarde seguinte, os Argonautas haviam construído uma gaiola de vime e capturaram algumas pombas (esse que foi fácil para os boréadas). Eles viajaram por mais dois dias antes que o mar começasse a estreitar como se estivessem navegando em um funil. Penhascos subiam da água em ambos os lados, não oferecendo lugar para atracar.

Finalmente, cerca de um quilômetro a frente deles, Jasão viu o que tinha que ser as Simplégadas. Em cada lado de um estreito canal de centenas de metros pairava penhascos brancos e dourados, como um sorvete de quatro bilhões de toneladas com cobertura de caramelo. Seus topos perfuravam as nuvens. As rochas eram tão enormes e seus padrões tão ondulados que Jasão ficou tonto apenas olhando para elas. Ele olhou para trás. Toda a tripulação estava inclinada de um lado ou de outro, tentando compensar a inclinação estranha dos penhascos.

Também não era apenas uma ilusão óptica. Conforme o *Argo* se aproximava, Jasão viu os penhascos balançando e se apoiando, fazendo o mar ondular para a frente e para trás.

Então, sem aviso, as duas massas de terra se chocaram causando um *BOOM* ensurdecedor, sacudindo os remos do navio e jogando uma parede de água do canal.

Da proa, Argos o construtor naval gritou:

— Preparem-se!

Os Argonautas mal tiveram tempo para agarrar algo antes que uma onda enorme caísse sobre eles. Qualquer navio menor teria sido naufragado ou rasgado em pedaços. O *Argo* sobreviveu. Enquanto isso, as Simplégadas afastaram-se, derrubando uma cascata de pedregulhos cor de caramelo no canal; cada rocha tão grande quanto o *Argo*.

— Ok — disse Atalanta — isso foi assustador.

Metade da tripulação não a ouviu. Eles estavam muito ocupados vomitando. Os outros estavam brancos de medo, ainda agarrados em algo.

— Nós deveríamos navegar por *isso*? — perguntou Orfeu.
— Como?

Jasão sentiu-se muito nervoso, mas ele tinha que parecer confiante para a tripulação.

— Enviaremos uma das pombas através do canal. Vamos cronometrar quanto tempo demora. Se a pomba passar com segurança, nós podemos, também.

— E se a pomba *não* conseguir? — perguntou Polideuces.

— Então esperamos por mais um dia. Ou tentamos ir por terra. Ou... Eu não sei. Mas os deuses estarão conosco! Chegamos até aqui. Nós podemos fazer isso!

A tripulação não pareceu convencido, mas eles moveram o *Argo* para um pouco mais perto das Simplégadas. Assim que Jasão julgou que os penhascos estavam tão distantes quanto eles iriam conseguir chegar, ele lançou a primeira pomba.

Assim como Fineu tinha previsto, o pássaro voou direto pelo canal como se suas penas estivessem em chamas. Argos foi o responsável pela contagem.

— Um Mississippi, dois Mississippi...

Ele chegou a trinta Mississípís antes que os penhascos se chocassem. A tripulação se segurou quando uma outra onda caiu sobre o navio. Quando as rochas se separaram, os boréadas voaram para a entrada do canal para procurar sinais do pássaro.

Quando retornaram, seus rostos eram sombrios.

— Uma mancha pequena de penas e sangue no lado do penhasco — relatou Zetes. — O pássaro chegou no meio; então, *splat*.

A tripulação se encolheu todos de uma vez.

— Vamos tentar novamente amanhã de manhã — disse Jasão. — E na manhã seguinte, se for preciso.

— E se ficarmos sem pombas? — perguntou Atalanta.

— Nós sempre poderemos enviar um dos boréadas — sugeriu Orfeu.

— Cale a boca, Orfeu — disse Calais.

Na manhã seguinte, Jasão preparou todo mundo. A tripulação equipou os remos só para o caso de terem que avançar. Os boréadas pairavam perto dos penhascos para que pudessem ver o progresso do pássaro. Argos estava pronto para contar.

Jasão esperou até que os penhascos estavam se distanciando. Então ele lançou a segunda pomba. Ela disparou para o canal. Argos contou até sessenta antes dos penhascos se fecharam novamente.

Quando as Simplégadas se separaram, os boréadas balançaram freneticamente seus braços sobre suas cabeças, o sinal combinado que o pássaro tinha feito o percurso completo em segurança.

— Vai! — gritou Jasão. REMEM, REMEM, REMEM! Sessenta segundos!

O *Argo* balançou para a frente tão rapidamente que o casco rangeu. A tripulação remou como demônios enquanto Orfeu tocava “Shake it Off” em velocidade aumentada para mantê-los motivados. As correntes ajudaram, puxando o navio para o canal quando os penhascos se afastaram. Mas ainda assim... passar por esse percurso em apenas um minuto parecia impossível.

Trinta e dois segundos se passaram, e eles ainda estavam em menos da metade. As Simplégadas se aproximaram, agitando os dentes brancos e amarelos da perdição. Suas sombras profundas gelou o suor nas costas dos Argonautas. Pedras caíram de bombordo e estibordo. As rachaduras enormes uniram os lados do penhasco, ameaçando chover cortinas de pedras. No nível do mar, a pedra encaixou com vigas antigas e os ossos das tripulações que tentaram fazer o percurso.

— Faltam quinze segundos! — gritou Argos. — Mais rápido!

Ele não precisava dizer isso a eles. A tripulação estava remando tão forte que não tinham certeza do que quebraria primeiro, seus remos ou seus braços.

— Eu vejo o outro lado! — gritou Calais, voando acima do mastro.

RUMBLE. As Simplégadas começaram a fechar.

— Dez segundos! — gritou Argos.

Os penhascos rangeram. Quando eles se fecharam, agarrando os remos do navio, uma onda elevou o *Argo* e levou-o para fora do canal para o Mar Negro.

— Isso! — Jasão aplaudiu. Mas a tripulação estava muito abalada para se juntar a ele.

— Isso — disse Argos — foi um *muito* pouco.

Felizmente, o navio ainda estava inteiro. Os Argonautas podiam continuar sua jornada assim que encontrassem novos remos e trocassem suas tangas sujas.

Durante semanas, o *Argo* contornou a costa e entrou em todos os tipos de problemas. Eles pararam na ilha onde Otrera construiu um templo para Ares, encontrou-a protegida de pássaros assassinos que atiravam penas e mal escaparam com vida. Eles acidentalmente desembarcaram em território das Amazonas e fugiram pouco antes do exército da rainha pudesse pegá-los. Eles perderam dois tripulantes, um para a doença e um para um ataque de javali. Eles lutaram contra monstros, se perderam, comeram comida estragada em lanchonetes na Anatólia e foram pegos por aquele radar de velocidade nos arredores de Sínope.

Depois de um mês de dificuldades, o *Argo* finalmente chegou na foz do Rio Fásis, onde as torres de Cólquida subiam em uma colina próxima, parecendo punhos de espadas embainhadas na terra.

Olhando para os navios de guerra no porto, as muralhas da cidade e as fortificações do palácio, Jasão percebeu que nunca poderia tomar aquele lugar pela força. Mesmo com a

melhor tripulação e o melhor navio, ele estava completamente em desvantagem.

— Eu vou me aproximar do rei com uma bandeira de trégua — disse Jasão a sua tripulação. — Vou tentar negociar pelo velocino.

— E se Eetes te capturar e te matar? — perguntou Zetes. — Por que ele desistiria do seu bem mais valioso?

Jasão conseguiu sorrir.

— Ei, se eu consegui fazer um acordo com Pélias, eu posso fazer um acordo com Eetes. Eu sou profissional em negociar com reis assassinos.

Os Argonautas tiveram que lhe dar crédito por sua bravura, mas eles ainda estavam preocupados. Jasão colocou suas melhores roupas, as mesmas roupas que ele usou para impressionar a rainha de Lemnos. Então ele entrou na cidade com apenas alguns companheiros, disfarçados de guardas.

Enquanto isso, no Monte Olimpo, Hera estava observando o progresso de Jasão. Até agora ela estava satisfeita. (Especialmente já que Hércules não estava mais em cena. Ugh, ela *odiava* Hércules.) Ainda assim, ela estava preocupada com as chances de Jasão contra o rei Eetes.

Ela se sentou para uma reunião de estratégia com Atena, que, pela primeira vez, estava do lado de Hera. Ambas as deusas queriam que o Velocino de Ouro voltasse para a Grécia.

— Jasão nunca poderá superar os cólquianos com a força — disse Atena. — Há os guerreiros esqueleto, o dragão, a frota de Cólquida...

— Sim... — Hera sorriu friamente. — Mas também há Medeia.

— A filha do rei? — Atena brincou com o alfinete de cabeça de Górgona em seu Égide. — Como isso ajuda? Ela é uma feiticeira.

— Ela é uma mulher — disse Hera. — E Jasão é um homem bonito.

Atena franziu seu nariz.

— Você quer envolver Afrodite? Não sei, Hera. O amor é um motivador não confiável.

— Você tem uma ideia melhor?

Pela primeira vez, Atena não tinha.

Eles encontraram a deusa do amor em seu apartamento, onde uma dúzia de escovas mágicas estavam penteando seu cabelo cinco mil vezes para lhe dar aqueles cachos perfeitos e brilhantes como exigido por Afrodite.

— Meninas! — disse Afrodite. — Vocês finalmente aceitaram o meu convite para uma pedicure? Isso é maravilhoso!

— Hã, não — disse Hera. — Na verdade, precisamos de um favor. Queremos fazer alguém se apaixonar por Jasão.

Os olhos de Afrodite brilharam.

— Bem, Jasão é super bonito. Isso não deve ser um problema. Quem você tem em mente?

— Medeia — disse Atena. — A filha do rei Eetes.

— Ah... — Afrodite fez beicinho. — Então temos um problema. Aquela garota *não* tem jeito. Ela passa todo o seu tempo no templo de Hécate aprendendo magia. Ela é fria, sem coração e com fome de poder, assim como seu pai! Você sabia que uma vez ela invocou Selene da lua e a fez se apaixonar por um mortal, só para ver o que aconteceria?

— Eu ouvi essa história — disse Atena. — Os personagens eram interessantes, mas o enredo era um pouco exagerado. Enfim, se Medeia está mexendo com a magia do amor, ela está invadindo seu território, não é? Que melhor punição do que fazer Medeia se apaixonar pelo inimigo de seu pai?

Afrodite expulsou seu esquadrão de escovas de cabelo mágicos.

— Hmm... Isso é verdade. Mandarei Eros para fazer Medeia se apaixonar por Jasão. Mas eu tenho que avisá-las, um feitiço de amor em alguém como Medeia é imprevisível. Ela vai ser tão violenta no romance como ela é com sua magia. Se as coisas forem mal entre ela e Jasão...

— Vale a pena o risco — disse Hera, provando de uma vez por todas que ela não conseguia ver o futuro. — Basta

lançar a sua magia!
Pior. Ideia. De. Todas.

No mundo mortal, Jasão foi escoltado para o palácio de Eetes. O lugar era incrível. Portas de prata e ouro abriam e fechavam por conta própria. No pátio central, quatro fontes jorravam um líquido diferente; água, vinho, azeite e leite. Por que alguém iria querer isso, eu não tenho certeza, mas os Argonautas ficaram impressionados.

— Cara — murmurou Zetes. — Uma fonte de leite? Este rei deve ter influência com Hefesto. Só um deus poderia criar algo tão impressionante como uma fonte de leite!

— E olhe para *aquilo*! — Calais apontou.

No outro lado de um salão enorme, em um curral fechado, dois touros de bronze gigantes estavam fazendo barulho. Seus olhos brilhavam como lava. Toda vez que respiravam, suas narinas disparavam chamas. Mesmo do outro lado da sala, as vestes de Jasão enrugaram e foram vaporizada pelo calor.

Ele começou a se perguntar o que ele estava pensando, indo a Cólquida. Claramente, o rei Eetes tinha a vantagem quando se tratava de brinquedos legais.

Eles encontraram o rei sentado em um trono de ouro em forma de um raio de sol. Ele usava uma armadura dourada que em outra época pertenceu ao deus da guerra, Ares, que Jasão sabia porque ainda dizia PROPRIEDADE DE ARES com marcador permanente ao redor do colarinho. À esquerda do rei estava seu filho, príncipe Absirto; sua filha mais velha, Calcíope; e os quatro filhos que ela tinha com Frixo, também conhecido como Encaracolado o Grego, que agora Infelizmente havia falecido. Na direita do rei estava sua filha mais nova e mais perigosa, Medeia; sacerdotisa de Hécate, assassina impiedosa.

Jasão curvou-se.

— Vossa Majestade, eu sou Jasão, legítimo herdeiro do trono de Iolcos. Eu vim para levar o Velocino de Ouro para a

Grécia!

A declaração dele era uma estúpida, mas ninguém riu. Rei Eetes inclinou-se para a frente. Seus olhos brilhavam como obsidiana. Ele examinou Jasão como se pensasse em todas as formas interessantes que ele poderia morrer.

— Nenhum grego já navegou para as minhas costas — disse Eetes. — Eu nunca *vi* um grego, com exceção de Frixo, que nos trouxe o velocino. Para vir tão longe e pedir tal favor, você deve ser ou muito corajoso, ou muito estúpido.

Jasão deu de ombros.

— Vamos ficar com coragem. Os deuses querem que eu tenha sucesso. Hera abençoou esta viagem. Atena em pessoa projetou meu navio. A bordo do *Argo* estão semideuses de todos os tipos: filhos de Bóreas, filhos de Ares, filhos de Zeus...

— Isso não me impressiona — rosnou o rei. — Eu sou o filho de Hélio!

— Também temos um desses. O ponto é, senhor, eu olho para seu reino e eu posso ver que os deuses o favorecem. Hefesto lhe deu dois touros de bronze e fontes que soltam óleo e leite. Ares te deu um conjunto de armadura usada. Ouvi dizer que ele também te deu um bosque sagrado. Seu pai é Hélio. Sua adorável filha... Eu vejo pelas suas vestes que ela é uma sacerdotisa de Hécate?

Enquanto Jasão falava, o deus do amor, Eros, estava de pé invisível na multidão, esperando o momento certo. Assim que Jasão disse que *sua adorável filha*, Eros atirou em Medeia no coração com uma flecha de amor, então saiu voando rindo.

O pulso da Medeia acelerou. As palmas das mãos suavam. Antes, ela olhava para o Jasão com desprezo. Agora... Por que ela não notou quão bonito e nobre ele era? Ninguém em Cólquida ousaria enfrentar seu pai dessa maneira. A coragem de Jasão era notável. O apaixonadoporumgregoômetro de Medeia foi de zero a sessenta em três vírgula cinco segundos.

— Claramente, senhor — continuou Jasão — você chegou onde você está hoje, honrando os deuses. Então, honre a sua vontade mais uma vez! Me dê uma chance de me provar. Me atribua qualquer tarefa para ganhar o Velocino de Ouro.

Eetes bateu seus anéis de diamante contra o braço de seu trono.

— Eu poderia simplesmente matá-lo agora e queimar seu navio.

— Mas você não vai — disse Jasão, tentando soar confiante. — Porque um rei sábio deixaria o assunto para os deuses.

Os quatro netos de Eetes, filhos de Frixo, reuniram-se em torno dele e pegaram suas mãos.

— Por favor, vovô! — disse um. — Nós somos meio gregos, também! Papai sempre nos contou histórias sobre a Grécia.

Eetes fez uma careta.

— Seu pai veio aqui porque os gregos queriam usá-lo como um sacrifício humano!

— Mas este homem é diferente — disse o seu neto. — Pelo menos lhe dê uma chance!

O rei os afastou. Eetes encontrou na “tarefa impossível” uma forma de execução desnecessariamente complicada, mas se ele ensinasse para seus netos uma lição sobre a estupidez grega talvez fosse para o melhor.

— Muito bem, Jasão — disse Eetes. — Não lhe pediria nada *que eu* não fizesse. Você mencionou meu bosque sagrado de Ares. Sempre que eu preciso de guerreiros extras, eu pego alguns dentes do meu balde de dentes de dragão...

Seus netos saltaram para cima e para baixo, batendo palmas em emoção. *Ah, cara! Ele vai fazer o desafio dos dentes de dragão!*

A boca do Jasão sentiu-se seca.

— Você tem um balde de dentes de dragão?

Eetes sorriu.

— Bem, eu tenho um dragão. Então, sim. O dragão protege o velocino para protegê-lo de... visitantes não autorizados. Enfim, eu levo esses dentes velhos para um campo logo abaixo do bosque sagrado. Eu aproveito minha equipe de touros de bronze e arados e planto os dentes como sementes. Eu rego os dentes com um pouco de sangue e *presto!* Uma safra de guerreiros nasce do chão.

Jasão piscou.

— Hã, ok.

— Amanhã, provará que é um grande rei como eu. Se você puder cultivar uma safra de guerreiros, você pode pegar o Velocino de Ouro e navegar de volta para a Grécia. Se não, bem...

Ele não disse *Você vai morrer dolorosamente*, mas estava meio implícito.

Jasão ficou tentado a pedir um desafio diferente, talvez algo envolvendo comer tortas, mas em vez disso ele curvou-se.

— Amanhã, então, senhor. Com sua permissão, meus homens e eu montaremos acampamento nas suas docas.

Jasão olhou brevemente para Medeia, talvez porque ele percebeu a maneira estranha que ela estava olhando para ele. Então ele e seus guardas saíram.

O mais rápido possível, Medeia fugiu da sala do trono. Ela mal conseguia respirar.

— O que há de *errado* comigo? — sibilou ela, tropeçando nos corredores. — Não sou uma colegial! Eu sou *Medeia*. Como posso sentir algo por um homem que acabei de conhecer?

A imagem de Jasão queimou em sua mente; seu rosto nobre, seus olhos brilhantes, a forma como seu lábio inferior tremeu quando ele disse: *Hã, ok*. Que homem!

Medeia sabia que o desafio de seu pai seria suicídio para Jasão. Ela não suportava o pensamento daquele corajoso e belo grego ser transformado em churrasco pelos touros amanhã de manhã.

Em um transe, ela correu para o santuário de Hécate que ficava muito adentro na floresta. Medeia sempre encontrou conforto e clareza lá antes. Ela olhou para a estátua da deusa, que foi retratada com três faces calmas; uma olhando para a esquerda, uma para direita e uma para frente. Nas mãos levantadas de Hécate, tochas gigantes queimavam com fogo azul eterno.

— Deusa da encruzilhada — disse Medeia — eu preciso de sua orientação! Eu estou apaixonada por Jasão, mas se eu ajudá-lo meu pai certamente vai descobrir. Ele vai me banir ou me matar. Eu vou sacrificar tudo!

A estátua de Hécate permaneceu em silêncio.

— Quero me casar com o grego — disse Medeia. — Mas... Mas por quê? O que deu em mim? Ele me amaria de volta? Ele me levaria embora com ele? Eu poderia realmente trair a minha família e deixar a minha casa para um homem que eu mal conheço?

Seu coração respondeu *Sim*.

A estátua continuou a olhar em três direções, como se dissesse: *Ei, você está em uma encruzilhada. Lide com isso.*

Medeia sentiu irritada e animada.

— Porcaria! Eu sou uma tola. Antes que eu arrisque minha vida por Jasão, farei com que ele prometa me amar.

Ela correu para o seu laboratório mágico e passou horas misturando uma pomada especial. Então ela se envolveu em um manto escuro e se esgueirou para o acampamento dos Argonautas.

Em torno de duas da manhã, Jasão e seus conselheiros ainda estavam acordados tendo uma reunião de estratégia. Eles tinham visto aqueles touros flamejantes, e os Argonautas estavam tentando descobrir uma maneira de vencer o desafio de Eetes sem que Jasão fosse queimado vivo. Até agora, seu melhor plano envolveu três mil sacos de gelo e um grande par de luvas de cozinha. Não era um plano muito bom.

Um guarda bateu na estaca da tenda.

— Hã, senhor? Alguém está aqui para vê-lo.

Medeia empurrou o guarda para fora de seu caminho. Os homens engasgaram.

Os Argonautas eram acostumados com mulheres assustadoras. Eles navegavam com Atalanta. Mas Medeia era um tipo diferente de aterrorizante.

O cabelo da princesa era tão escuro quanto a sombra, caindo sobre os ombros de seu vestido de seda preta. Em seu colar dourado brilhava o símbolo de Hécate, duas tochas cruzadas. Sua expressão era impiedosa e distante, da mesma forma como um carrasco olharia quando ele executava alguém com seu machado. Seus olhos cintilavam com o conhecimento das coisas escuras, coisas que deixariam a maioria dos homens loucos. Mas, quando ela olhou para Jasão suas bochechas coraram como uma menina.

— Eu posso salvá-lo — disse ela. — Mas você tem que me salvar.

O pulso de Jasão sussurrou em seus ouvidos.

— Pessoal, nos deixem a sós.

Os Argonautas saíram desconfortáveis. Quando eles foram embora, Medeia agarrou as mãos de Jasão. A pele dela estava fria.

— Quando te vi, me apaixonei instantaneamente. Por favor, diga-me que não estou louca — implorou ela. — Diga-me que também sentiu.

O Jasão não tinha a certeza do *que* sentia. Medeia era linda, sem dúvida. As Simplégadas também eram um pouco bonitas.

— Hã, eu... espera. O que você quis dizer sobre me salvar?

— A tarefa do meu pai é impossível. Com certeza você sabe disso. Nenhum mortal pode lidar com os touros de metal. Meu pai só consegue usando a armadura de Ares. Qualquer outra pessoa queimaria até a morte. Mas eu posso impedir que isso aconteça.

De seu cinto, ela puxou um pequeno frasco de pomada.

— Se você esfregar isso em sua pele antes do desafio amanhã de manhã, você ficará imune ao calor e as chamas. A pomada também irá lhe dar grande força por várias horas, espero que o tempo suficiente para conduzir os touros e arar o campo.

— Isso é incrível. Obrigado!

Jasão tentou pegar o frasco, mas Medeia puxou o frasco.

— Há mais — disse ela. — Se você *conseguir* semear o campo, os dentes de dragão vão crescer em guerreiros esqueléticos. Eles obedecem somente ao meu pai. Eles vão tentar matá-lo. Mas posso ensiná-los a derrotá-los. E, depois disso, há a questão de roubar o velocino.

— Mas se eu ganhar o desafio Eetes vai me dar o velocino.

Medeia riu severamente.

— Meu pai nunca vai entregá-lo. Se você vencer o desafio, ele vai simplesmente encontrar outra maneira de matá-lo. A menos que você aceite a minha ajuda.

— E... o que você quer em troca?

— Só o teu amor eterno. Jure que me levará para a Grécia. Jure por todos os deuses que você se casará comigo e nunca me deixará. Prometa-me isso e farei tudo ao meu alcance para ajudá-lo. A propósito, tenho *muito* poder.

Jasão sentiu como se estivesse de volta na Montanha Urso, golpeando descontroladamente e cegamente no nevoeiro. Casar com a Medeia seria como casar com uma arma de destruição em massa muito atraente. Poderosa, sim. Seguro para exposição a longo prazo? Talvez não tanto.

Mas que escolha ele tinha? Ele não poderia vencer este desafio por conta própria. Ele não tinha problema em admitir esse fato. Ele reuniu os Argonautas para ajudá-lo com sua missão. Recrutar Medeia para sua causa seria diferente?

— Eu vou casar com você — disse ele. — Juro por todos os deuses. Ajude-me e eu vou levá-la para a Grécia e nunca a deixarei.

Medeia jogou os braços em volta dele e beijou-o. Jasão tinha que admitir que não foi tão ruim.

— Aqui está a pomada — disse Medeia. — Depois que você arar o campo, quando os esqueletos se levantarem da terra, jogue uma rocha no caminho deles.

Jasão esperou.

— É isso?

— É isso aí. Você vai ver. Quando eles forem eliminados e você ganhar o desafio, meu pai vai ficar muito irritado. Ele vai ficar tentado a matá-lo na hora, mas ele vai ficar relutante em fazer isso em público. Apenas finja que nada está errado. Diga ao rei que você vai se apresentar no seu palácio cedinho na manhã seguinte para reivindicar o velocino.

— Mas... Ele não vai realmente me dar o velocino.

— Não. Ele vai esperar você aparecer no palácio. Então ele vai ordenar a sua morte. Mas não lhe daremos a chance. Durante a noite, faça com que seus homens preparem o navio para zarpar. Quando escurecer, você e eu vamos entrar no bosque, cuidar com o dragão, roubar o velocino e sair daqui.

— Soa como um plano... querida.

Isso deixou Medeia muito feliz. Ela quase perdeu o brilho assassino em seus olhos.

— Boa sorte, meu amor! Lembre-se de sua promessa!

Ela não disse *senão*. Como o pai dela, ela era boa em apenas insinuar a ameaça.

Ao amanhecer, Jasão apresentou-se para o serviço no bosque de Ares.

Como você pode imaginar, o bosque não era conhecido por suas flores encantadoras ou gazebos para tomar chá. Ele se estendia em uma colina fora da cidade, visível de todo o lugar. O perímetro era alinhado com paredes de ferro cobertas com arbustos com espinhos venenosos. As portas de bronze levavam a uma extensão de terra do tamanho de

um campo de futebol, cheio de ossos e armas quebradas. Apoiado contra uma parede, amarrado a uma estaca, estava um jugo de ferro enorme anexado a uma lâmina de arado maior do que a quilha do *Argo*. Os dois touros de bronze estavam brincando livremente no campo, esmagando ossos e cuspidendo fogo.

Mais acima o Monte ficava o bosque, diversos acres de carvalhos grossos e torcidos. No topo, nos galhos do carvalho mais alto, o Velocino de Ouro brilhava. De onde Jasão estava, não parecia maior do que um selo postal. Ele brilhava na cor vermelho sangue na luz da manhã, queimando seus olhos como um raio laser (o que é realmente ruim de olhar; não olhe).

Cada pessoa em Cólquida parecia estar assistindo das encostas próximas, dos telhados da cidade, mesmo dos mastros dos navios no porto. Jasão olhou para baixo para o *Argo*, ancorado perto da foz do rio. Ele se perguntou se era tarde demais para correr de volta para o navio, gritando: “EU MUDEI DE IDEIA!”

Em seguida, o rei Eetes veio pela estrada em sua carruagem dourada. Vestindo sua armadura usada que dizia PROPRIEDADE DE ARES, o rei parecia muito divino. A placa de bronze de seu capacete fez Jasão tremer. Uma linha de suor escorreu do rosto de Jasão, fazendo com que cheirasse a pomada mágica que ele tinha aplicado recentemente; sálvia e canela com apenas uma pitada de sangue de salamandra podre. Deuses, ele esperava que Medeia não estivesse brincando com ele.

A carruagem do rei rolou até parar. Eetes olhou para baixo para Jasão.

— TOLO! — gritou o rei, que era como ele costuma dizer bom dia. — Você vê agora como sua missão é inútil? Saia correndo para o seu navio! Ninguém vai impedi-lo!

Jasão se perguntou se o rei poderia ler sua mente, ou se estava *tão* óbvio como quanto o ele estava assustado. De alguma forma, ele reuniu sua coragem.

— Eu não vou recuar! — anunciou ele. — Onde estão estes dentes de dragão que você quer que eu plante?

O rei estalou os dedos. Um servo empurrou e jogou um saco de couro nos pés de Jasão. O conteúdo fez o barulho como de fragmentos de cerâmica.

— Aí está — disse o rei. — Boa sorte em mover os touros. Eu estarei aqui montando minha carruagem, parecendo legal!

Assim que Jasão passou pelos portões, eles se calaram. Os touros de bronze viraram e o encararam.

— Touros bonzinhos — disse ele.

Eles atacaram em conjunto, cuspidando fogo. O calor sugou o oxigênio dos pulmões do Jasão. Seus olhos pareciam bolinhos de queijo, mas, surpreendentemente, ele não morreu. A força divina atravessou pelo seu corpo. Ele socou o primeiro touro na cara e derrubou lateralmente. Em seguida, ele pressionou o braço no pescoço do segundo touro e arrastou-o para o arado.

A multidão enlouqueceu, torcendo e gritando em descrença. Jasão empurrou o touro em seu jugo, então ele voltou para o outro. Ele arrastou-o para o jugo, amarrou-o, em seguida, pegou as alças do arado.

— Hyah! — gritou ele.

Os touros cuspiram chamas para o céu. Eles puxaram a enorme lâmina do arado pela terra, fazendo uma vala. Fumaça cobriu Jasão. Faíscas voaram em seus olhos. Ele sentiu como se estivesse dirigindo um trem a vapor enquanto estava dentro de um caldeirão, mas de alguma forma ele conseguiu plantar os dentes do dragão nas valas. Ao meio-dia, todo o campo estava arado. Jasão ainda não estava morto. Ele estacionou os touros, amarrou-os as estacas e decidiu fazer uma pausa para beber água. Os Argonautas aplaudiram descontroladamente.



— Nada mal para um homem! — gritou Atalanta.

— Esse é o meu amigo! — gritou Polideuces.

Orfeu tocou uma canção que ele tinha acabado de escrever, chamado de “Bull Drivin’ Man”, que mais tarde chegou no número cinco entre as músicas mais ouvidas da Grécia antiga.

Enquanto isso, Eetes apenas ficou em sua carruagem, olhando para Jasão. O rosto do rei estava escondido atrás de sua viseira, mas Jasão teve a sensação de que a expressão de Eetes era ainda menos amigável do que o rosto do capacete.

— Um bom primeiro começo — admitiu o rei, finalmente.

— Mas agora você deve colher o que você planta. traga-o...
O BALDE DE SANGUE!

Um servo pegou um lindo regador verde decorado com margaridas. Os guardas abriram os portões apenas pelo tempo suficiente para passá-lo para Jasão. Ele olhou para dentro, viu que estava cheio de sangue e decidiu não perguntar de onde tinha vindo esse sangue.

Jasão caminhou ao longo das valas, molhando sua plantação de dentes. Assim que ele terminou a última seção, todo o campo tremeu. As mãos esqueléticas surgiram do solo. Dezenas de guerreiros esqueléticos rasgaram a terra para sair, já armado com espadas enferrujadas e escudos furados. Suas órbitas oculares estavam escuras e ocas, mas quando viraram para Jasão, ele teve a sensação de que eles podiam vê-lo muito bem.

Jasão entrou em pânico até se lembrar do conselho de Medeia.

Uma pedra, pensou ele. Preciso de uma pedra.

Ele encontrou uma do tamanho de uma bola de beisebol e jogou-a.

Os guerreiros esqueléticos estavam formando fileiras quando a pedra bateu na cabeça de um deles, derrubando o capacete. O guerreiro tropeçou em um de seus companheiros, que o empurrou de volta, acidentalmente

derrubando um terceiro guerreiro, cujos braços balançaram, batendo em no rosto de um quarto guerreiro.

Muito em breve, todos os esqueletos estavam lutando entre si, sem saber ou se importar com quem tinha começado. Eles cortaram uns aos outros até que o chão estava repleto de costelas quebradas e crânios decapitados e várias mandíbulas que ainda rangiam. Os braços e os pés esqueléticos percorreram pela terra, tentando encontrar seus corpos.

Jasão caminhou até os últimos dois guerreiros, os quais tinham perdido as cabeças. Eles estavam empurrando os peitos uns aos outros como valentões de escola. Jasão pegou a espada mais próxima e cortou as pernas deles.

Por um momento, a multidão ficou em silêncio. Então os Argonautas começaram a gritar:

— JASÃO! JASÃO!

Eles empurraram as portas de bronze e atravessaram por elas, levantando Jasão em seus ombros. Eles o exibiram enquanto Eetes olhava com tristeza.

— Obrigado pelo desafio, Vossa Majestade! — gritou Jasão para o rei. — Eu vou ao palácio amanhã de manhã para pegar o velocino! Hoje à noite, nós vamos comemorar!

Os Argonautas marcharam de volta para o seu acampamento de ótimo humor. Os cólquianos foram para casa e fecharam as portas. Eles sabiam como era o rei quando se zangava.

Enquanto Eetes olhava os Argonautas saírem, ele murmurou para si mesmo:

— Festeje, Jasão. Aproveite a sua última noite na terra!

Naquela noite, apesar de sua decepção, Eetes dormiu muito bem. Não havia nada que ele aguardasse mais do que um bom massacre.

À meia-noite, a maioria dos Argonautas haviam voltado para o navio em segredo, deixando suas fogueiras queimando para enganar a patrulha da cidade. Jasão estava em sua

tenda de comandante, empacotando suas coisas, quando Medeia chegou com os quatro netos de Eetes.

— Eles têm que vir conosco. — Medeia empurrou de leve as crianças para a frente. — Eles querem ver a Grécia, onde seu pai nasceu. Além disso, quando Eetes descobrir que nós pegamos o velocino, eles não estarão seguros. Ele vai descontar a raiva em todos que defenderam você.

Jasão franziu a testa.

— Certamente ele não mataria seus próprios netos.

— Você não conhece meu pai — disse Medeia.

Jasão não planejava levar quatro crianças a bordo da *Argo*, mas ele não poderia dizer não. Todos olharam para ele com os grandes olhos de filhotes de cachorro, murmurando:

— Por favor, por favor, por favor.

— Tudo bem — disse ele. — Meus homens vão escoltar vocês para o navio enquanto Medeia e eu pegamos o velocino.

O bosque de Ares não era menos assustador à noite.

Medeia levou Jasão a uma entrada secreta na muralha sul. Ela agitou a mão, falou algumas palavras mágicas e os arbustos de espinho se separaram, revelando uma brecha no muro de ferro.

Os membros decepados dos esqueletos ainda estavam rastejando pelo campo. Crânios decapitados brilhavam ao luar. Lama sangrenta espremia nas sandálias de Jasão e escorria entre os dedos dos pés.

Quando chegaram ao bosque, Medeia o levou para cima através de caminhos retorcidos. Jasão percebeu que estaria perdido sem ela. Raízes enrolava em suas pernas enquanto ele pisava. As árvores se deslocavam. Os galhos o espetavam em lugares desconfortáveis. Sempre que as árvores ficavam muito agressivas, Medeia murmurava algumas palavras mágicas e eles se acalmavam.

Finalmente chegaram ao cume.

Quando ele encontrou o dragão, Jasão tinha a intenção de puxar sua espada. Em vez disso, seus braços viraram pudim. Ele só podia olhar para a massa reptiliana gosmenta

com olhos amarelos e fumaça sulfurosa saindo de suas narinas. A criatura se enrolava em torno do tronco de um carvalho gigante tantas vezes que era impossível dizer quantas vezes se enrolava. Tinha placas afiadas alinhadas em suas costas como lâminas de facas serrilhadas. Cada uma das escamas do dragão era tão grande quanto um escudo, apontava e erguia no final o que fazia a pele da criatura lembrar, ridiculamente, uma alcachofra mortal.

Quando o monstro abriu sua boca, Jasão poderia facilmente imaginar o *Argo* sendo engolido por aquela garganta vermelha, seu casco sendo destroçado até lenha pelas fileiras de dentes pontiagudos cor de marfim. O sibilo do dragão ecoava pela colina e pelo vale. Não havia como não ter acordado todos em Cólquida.

Jasão quase riu em desespero. O que ele estava pensando? Sua espada seria tão útil quanto um palito contra esta besta.

Medeia agarrou seu pulso. Ela apontou para o Velocino de Ouro, que brilhava em um galho acima da cabeça do dragão.

— Você vai ter que escalar o corpo do dragão para alcançá-lo — disse ela. — Não durma.

— *O quê?*

Medeia começou a cantar.

Suas palavras não estavam em nenhuma língua que Jasão conhecesse, mas ele pegou o nome *Hipnos*, o deus do sono. A canção fluiu sobre ele como o mel morno. Os olhos dele ficaram pesados. Medeia enfiou as unhas em seu antebraço para mantê-lo acordado.

As pálpebras do dragão piscaram uma vez, duas, e então fecharam. Sua enorme cabeça afundou no chão e começou a roncar, as narinas soltando nuvens de enxofre.

— Agora — sussurrou Medeia. — Depressa.

Medeia continuou cantando enquanto Jasão aproximou-se lentamente do Dragão. Ele subiu nas costas do dragão, tentando não se empalar nas escamas pontudas. Assim que ele chegou ao velocino, o dragão se contorceu em seu sono,

quase derrubando-o. Medeia cantou um pouco mais alto. Ela se avançou e jogou um pouco de poeira nos olhos do dragão. O monstro roncou mais profundamente.

Jasão teve dificuldade em puxar o velocino. Era grande e pesado e Frixo tinha feito um trabalho muito bom pregando-o lá em cima. Finalmente, ele conseguiu puxar. A cabeça do velocino caiu sobre ele, quase o acetando na cabeça com um chifre de carneiro.

Ele conseguiu chegar ao chão no momento em que tambores começaram a ecoar pela cidade.

— Os guardas sabem! — avisou Medeia. — Depressa!

Eles correram pelo bosque e voltaram pelo campo de esqueletos. Jasão tinha certeza de que eles seriam cercados e capturados, mas de alguma forma eles chegaram até as docas sem serem notados, apesar do fato de que todos os guardas da cidade estavam agora em alerta e Jasão estava correndo com o objeto mais brilhante do reino.

Quando Jasão e Medeia embarcaram na *Argo*, os marinheiros cólquianos estavam correndo para seus navios e carregando as balistas.

— VAI, VAI, VAI! — disse Jasão à tripulação.

Trompas soaram. Flechas flamejantes passaram sobre suas cabeças enquanto o *Argo* partia do porto, uma dúzia de navios cólquianos começaram a persegui-los.

A expressão de Medeia era séria olhando para as tochas.

— Se tivermos sorte, o meu irmão Absirto está liderando os navios. Pelo menos ele vai nos matar rapidamente. Se o meu pai estiver a bordo... Bem, teria sido melhor deixar o dragão nos rasgar em pedaços.

Medeia realmente tinha um talento especial para discursos motivacionais. Os Argonautas remaram mais rápido.

Pouco antes do amanhecer, Medeia conseguiu convocar um nevoeiro para que os Argonautas temporariamente despistassem seus perseguidores. Já que os cólquianos não

tinham certeza para qual direção o *Argo* tinha ido, eles se dividiram em duas frotas.

Depois de semanas remando sem parar, o *Argo* estava se aproximando da costa oeste do Mar Negro, quando uma das frotas de Cólquida finalmente os alcançaram. Do mastro, o observador de Jasão relatou as cores das bandeiras do inimigo.

— Essas são as cores do meu irmão — disse Medeia. — Absirto está liderando os navios.

— Hã, mais uma coisa! — chamou o observador. — Outra frota de Cólquida apareceu no horizonte sul. Eles estão cerca de meio dia de distância.

— Maravilha — Medeia soprou um fio de cabelo para fora de seu rosto. — Se eles dividiram a frota, isso significa que meu pai está no comando do outro grupo.

Os Argonautas estavam muito cansados até mesmo para xingar.

— Não podemos fugir dele — disse Jasão. — A tripulação está exausta.

— Eu tenho um plano — disse Medeia. — Os navios do meu irmão estão mais próximos. Vamos negociar com ele antes que meu pai chegue aqui.

— Negociar por uma morte mais rápida?

Medeia apontou para a costa.

— Está vendo a foz daquele rio? Ele cruza terra por centenas de quilômetros. Talvez nos leve para Grécia. Fiquem preparados.

Medeia levantou uma bandeira branca no mastro. Em seu comando, Jasão convocou o navio almirante cólquiano dizendo que ele queria discutir a rendição.

Com uma promessa de passagem segura, Absirto e alguns guardas remaram para o *Argo*. Isso pode parecer uma coisa estúpida para fazer, mas naquela época as pessoas levavam promessas a sério. Receber alguém em seu navio com uma bandeira de trégua era o mesmo que receber um convidado em sua casa. Você não os

machucava a não ser que quisesse que todos os deuses se zangassem com você.

Quando Absirto viu sua irmã junto com os gregos, ele balançou a cabeça com nojo.

— No que estava pensando, Medeia? Você traiu sua terra por este homem?

— Sinto muito, irmão.

Absirto riu.

— Desculpas não ajudarão. Vou executá-la rapidamente antes que o pai chegue. Essa é a única misericórdia que posso oferecer.

— Você entendeu errado — disse Medeia. — Não estou me desculpando por ajudar o Jasão. Eu estava me desculpando por isso.

De debaixo de suas vestes, ela puxou um punhal e jogou-o com precisão mortal. A lâmina afundou na garganta de seu irmão. Ele caiu, morto. Os guardas do príncipe puxaram para suas armas, mas os Argonautas os derrubaram.

Medeia se ajoelhou ao lado do cadáver de seu irmão. A tripulação olhou para ela em horror.

— O que você fez? — disse Orfeu. — Matar um emissário com uma bandeira de trégua... e seu *próprio irmão*? Você vai trazer uma maldição sobre todos nós!

Medeia olhou para cima, seus olhos tão calmos como os de um abutre.

— Vamos nos preocupar com os deuses depois. Neste momento, temos de fugir do meu pai. Jasão, me ajude a cortar o corpo do príncipe.

— O que você disse?

— Não temos tempo para discutir! — rosnou Medeia. — O resto de vocês, vão para seus remos! Remem em direção ao rio!

A esta altura, os Argonautas estavam desejando que nunca tivessem ouvido falar de Medeia, mas ela estava certa sobre não terem tempo a perder. Eles navegaram para o rio que um dia seria chamado de Danúbio.

Os navios de Absirto eram lentos para reagir. Eles não entenderam o que estava acontecendo. O príncipe não costuma velejar com os seus inimigos, mas nem sequer ocorreu aos cólquianos que os gregos o teriam matado no meio das negociações. Quando começaram a persegui-los, já tinham perdido tempo valioso.

Os navios do rei Eetes se juntaram ao resto da frota e juntos seguiram o *Argo* rio acima, que foi quando Medeia começou a lançar partes do corpo do Príncipe Absirto na água.

O rei Eetes viu o braço direito de seu filho flutuando. Ele rugiu para que toda a frota parasse. Eles pescaram o braço e vasculharam o rio para se certificarem de que não estavam perdendo nada. Então, e só então, os navios cólquianos foram autorizados a seguir a sua presa.

Mais uma vez, isso pode soar estranho, mas os cólquianos levavam seus ritos funerários muito a sério. Se você quisesse que sua alma alcançasse o Mundo Inferior, você tinha que ser enterrado corretamente. Primeiro seu cadáver era embrulhado em pele de boi e pendurado em uma árvore até que sua carne fosse decomposta. Então seu esqueleto era enterrado com um monte de joias caras, enquanto sacerdotes oravam para os deuses. Você não poderia receber um enterro cólquiano a menos que suas partes do corpo fossem todas contabilizadas e colocadas juntas. Senão teriam que pendurá-lo na árvore em uma fileira de pequenos sacos de plástico, e isso pareceria estúpido.

Enfim, deixando um rastro das partes do corpo de seu irmão, Medeia ganhou para o *Argo* tempo suficiente para escapar. O Danúbio era um rio enorme. Tinha muitas ramificações, bifurcações e grutas para se esconder. Quando Medeia jogou a última parte de seu irmão ao mar, o *Argo* tinha despistado completamente os cólquianos.

— Pronto! — disse Medeia, seu rosto brilhava com a vitória. — Eu disse que iríamos conseguir!

A tripulação nem sequer olhou para ela. Jasão tentou mostrar gratidão, mas ele ficou horrorizado. Quem era essa

mulher que ele concordou em casar?

Agora, crianças, se você tentar navegar do Rio Danúbio para chegar à Grécia, você vai acabar na Alemanha. Mas de alguma forma os Argonautas descobriram uma maneira. Provavelmente eles transportaram o navio para fora da água em algum momento, enrolaram-no com troncos até outro rio, em seguida, navegaram pelo norte da Itália até o Adriático.

Ao longo do caminho, eles passaram pelo lago onde Faetonte tinha aterrissado. Os Argonautas tinham passado por tanta coisa, que eles apenas olharam para o local onde o corpo de Faetonte ainda estava fervendo e fumando a água, e eles pensaram, *Sim, esse cara se livrou fácil*.

Quando chegaram ao mar, tudo o que podia dar errado deu errado. Monstros atacaram. Tempestades os jogaram para frente e para trás. Os ventos não cooperaram e a máquina de sorvete do navio finalmente quebrou.

— Os deuses estão nos punindo. — Argos olhou para Medeia. — É tudo culpa *dela*.

— Fique quieto — advertiu Jasão. — Sem Medeia, estaríamos todos mortos.

A tripulação murmurou pelas costas de Jasão, mas eles estavam com muito medo e muito desanimados para um motim. A proa mágica do navio tinha ignorado eles por semanas. Mesmo o Velocino de Ouro, agora pregado para o mastro, não mais os animava. Se o velocino tinha alguma magia útil, com certeza não estava compartilhando.

Os Argonautas escaparam da morte por pouco mais algumas vezes. Eles passaram pela ilha das sereias, cujo canto mágico poderia convencer os marinheiros a saltar ao mar e se afogarem. Felizmente, Orfeu tocou algumas músicas do Jimi Hendrix que durou, tipo, três horas de e abafou o canto das sirenes até que o navio estava em segurança fora do alcance de suas vozes.

Eles desembarcaram em Corfu na Grécia ocidental e quase foram capturados por caçadores de recompensas de Cólquida, mas a rainha local atuou como mediadora. Ela decretou que Medeia não poderia ser levada de volta para Cólquida se ela fosse legalmente casada com Jasão. O casal se casou em uma cerimônia apressada, e a rainha os deixou irem.

Depois disso, o *Argo* passou pelo Mediterrâneo por semanas até que a tripulação não tinha ideia de onde eles estavam. Completamente sem alimento e água, ancoraram na costa de uma ilha desconhecida.

— Não importa onde seja isso — disse Jasão. — *Temos* que pegar suprimentos.

Jasão liderou grupo para terra, que incluía Medeia.

Eles estavam na floresta, enchendo seus jarros em um rio, quando ouviram um estranho som de ronco vindo da direção que tinham vindo, como o som de engrenagens enormes em funcionamento.

— O que é isso? — perguntou Polideuces. — Orfeu está tocando Hendrix de novo?

O velho construtor de barcos Argos ficou pálido.

— Esse som metálico... como de juntas rangendo... Ah, deuses, não. Poderia esta ilha ser Creta?

Na costa veio um enorme *KA-SPLOOSH!* seguido por tambores quando os Argonautas foram chamados para seus remos.

O grupo em terra derrubou seus frascos de água e correu para a praia. Quando eles chegaram no fim da árvore, eles congelaram de terror. A noventa metros de distância estava uma estátua de bronze viva tão alta quanto uma torre de castelo. A estátua estava vestida como um guerreiro. Seu rosto de metal vazio não mostrava nenhuma emoção, mas ele estava definitivamente olhando para o *Argo*, que agora estava balançando nas ondas a quatrocentos metros da margem.

O homem gigante de bronze ajoelhou-se e arrancou o pedregulho mais próximo da praia, uma rocha tão grande

quanto o próprio navio. Ele arremessou-o no *Argo*. A pedra errou por poucos metros, mas a onda gerada pela pedra quase virou o barco.



— É Talos — disse Jasão. — Ele vai destruir o navio!

— O que é Talos? — perguntou Medeia. — Quem em seu juízo perfeito faria uma coisa dessas?

Jasão mal conseguia ouvi-la através do zumbido em seus ouvidos. Hefesto o fez para o rei Minos. A estátua caminhava ao redor da ilha de Creta três vezes por dia, protegendo-a contra piratas. Se Talos vê um navio que ele não reconhece...

— *Meu* navio! — gritou Argos. — Temos que detê-lo!

Polideuces segurou o velho.

— Essa coisa é *enorme*! Nossas armas não vão funcionar contra ele!

— Eu tenho uma ideia — disse Medeia.

Polideuces xingou.

— Eu odeio quando ela diz isso!

— Só escute. Já vi as obras de Hefesto antes. Geralmente elas são animadas com chumbo derretido como sangue. Deve haver uma válvula de segurança de quando a estátua foi preenchida pela primeira vez.

— Lá! — Jasão apontou.

Com certeza, no calcanhar esquerdo da estátua havia uma entrada circular do tamanho de um escudo.

— Eu vou distrair a estátua — disse Medeia. — Vocês correm e abrem a válvula!

Antes que pudessem discutir o assunto, Medeia correu para a praia. A estátua Talos pegou outra pedra. Ele levantou para jogar no momento que Medeia começou a cantar.

Talos virou-se e olhou para ela.

A voz da Medeia não hesitou. Ela invocou o deus Hipnos e cantou sobre forjas frias, juntas bem lubrificadas, cobertores de metal confortáveis e qualquer outra coisa que estátuas gigantes de bronze poderiam sonhar.

Talos poderia ter deixado cair a pedra e a esmagado no chão, o que mais tarde teria salvado Jasão de muitos problemas. Em vez disso, a estátua ouviu, confusa e lenta. Jasão contornou a praia e correu para as costas do monstro.

Ele enfiou a espada na ponta da entrada e abriu-a, quebrando a lâmina no processo.

Chumbo derretido quase o incinerou. Ele pulou de lado, muitos buracos fumegantes abriram em suas roupas quando o sangue da estátua jorrou, transformando a praia no maior espelho de chumbo do mundo. Talos cambaleou e tropeçou.

O gigante soltou sua pedra e caiu de cara, batendo no chão com tanta força que os dentes de Jasão balançaram e seus olhos sacudiram.

Quando Jasão recuperou os sentidos, Medeia estava de pé sobre ele, sorrindo.

— Muito bem, marido. Posso lhe oferecer alguns milhões de quilos de sucata?

Os Argonautas reuniram comida e água e navegaram para casa antes do velho rei Minos descobrisse quem quebrou seu soldado de brinquedo favorito.

Finalmente, depois do que pareceu anos (porque *tinha* sido anos), o *Argo* chegou em casa e ancorou em lolcos.

Os moradores realizaram uma grande festa para os Argonautas retornando. Eles desfilaram na rua principal com o Velocino de Ouro e o penduraram na praça da cidade. Jasão e Medeia foram para o palácio em triunfo, onde o velho rei Pélias não estava exatamente emocionado ao vê-los.

— Muito bem! — disse ele sem emoção. — Então, hã... tudo bem, então! Obrigado por nos trazer o velocino.

— Meu trono — disse Jasão. — Esse foi o acordo.

— Ah, sim. O trono. — Pélias estremeceu. — Está bem... Sem problema. Quando eu morrer, você será o próximo rei.

— O quê? — gritou seu filho, Acasto.

— O quê? — gritou Jasão.

— Vamos começar as festividades! — disse Pélias.

Jasão ficou com raiva. Ele tinha feito tudo o que Pélias tinha pedido, mas Pélias nunca tinha especificado

exatamente *quando* ele daria a Jasão o trono, então agora ele teria que esperar por quem sabe quanto tempo.

— Você poderia tomar o trono com a força — disse Medeia.

Jasão fez uma careta.

— Isto não é Cólquida. Não nos matamos a sangue frio... bem, não tão frequentemente, de qualquer maneira.

— Tudo bem — disse Medeia. — Tenho certeza que o velho vai morrer em breve de qualquer maneira.

O tom de Medeia deveria ter avisado Jasão que ela estava planejando algo, mas acho que ele não queria saber.

Algumas semanas depois, depois que a festa tinha acabado e Medeia e Jasão haviam se mudado para os quartos do palácio, o pai de Jasão, Esão, entrou na cidade para uma visita, embora ele agora estivesse velho e fraco. Medeia o acolheu com um presente especial. Ela preparou uma poção que rejuvenesceu suas articulações, fortaleceu seus músculos e adicionou cerca de dez anos a sua vida. No final de sua visita, o velho jogou fora sua bengala e decidiu correr pela casa.

As filhas do rei Pélias ficaram tão impressionadas que foram ver Medeia.

— Uau, sua magia é incrível! — disse Alceste, uma das princesas.

Medeia sorriu.

— Obrigado, querida.

— Você poderia fazer isso com o *nosso* pai? — perguntou Alceste. — O pobre coitado tem uma artrite forte, bolhas, gota e cerca de uma dúzia de outros problemas. Nós adoráramos deixá-lo mais jovem como uma presente surpresa de aniversário!

— Que gentil. A mente de Medeia girou com possibilidades. — Infelizmente, você não gostaria da forma como a poção é administrada. É preciso muita coragem e um estômago forte para fazer o que é necessário!

Alceste e as outras princesas pareceram ofendidas.

— Somos corajosas!

Medeia fingiu pensar nisso.

— Eu vou mostrá-las o que deve ser feito, mas eu estou avisando, não é agradável.

Ela levou as princesas para o seu novo laboratório completo. Ela pediu aos guardas para trazerem-lhe um bode velho dos currais reais. Enquanto isso, ela pôs um pote enorme no fogo, encheu-o com água e o ferveu. Ela murmurou alguns feitiços e jogou algumas ervas mágicas.

Os guardas trouxeram-lhe uma cabra tão velha que dificilmente poderia ficar de pé. Seus olhos eram leitosos com catarata. Seu pelo estava caindo em tufo.

— Finja que esta cabra é seu pai — disse Medeia às princesas.

Ela tirou a faca e cortou a garganta. Então ela cortou a cabra em pedaços.

— O que você está *fazendo*? — gritou Alceste.

Medeia olhou para cima com sangue no rosto.

— Eu disse que não era fácil. Apenas veja.

Ela recolheu os pedaços da cabra e jogou-os na água fervente. O pote tremeu. Uma cabra jovem saltou para fora, vaporizando, balindo e saltitando como se dissesse: *Ai, ai, quente*.

— Isso é incrível! — disse Alceste.

— Sim — suspirou Medeia. — É uma pena que vocês nunca teriam a coragem de fazer isso com seu pai. Se vocês fizessem, ele viveria mais quarenta ou cinquenta anos!

— Nós temos a coragem! — disse Alceste. — Nos dê a magia!

Medeia preparou um saco de ervas inofensivas; alecrim, tomilho, um pouco de amaciante de carne.

— Aqui está. Boa sorte!

Naquela noite, as quatro princesas prepararam um enorme pote de água fervente na cozinha real. Eles disseram a seu pai que eles tinham uma surpresa especial de aniversário para ele. Venderam os olhos de Pélias e o levaram para a cozinha.

Pélias riu, esperando alguns biscoitos, ou talvez um bolo decorado mal feito.

— Ah, meninas, vocês não precisavam.

— Surpresa! — Alceste tirou a venda.

O rei viu suas quatro filhas em pé na frente de um pote de água fervente. Cada uma delas estava sorrindo e segurando uma faca grande.

— Hã... meninas?

— Feliz aniversário!

As princesas se jogaram no seu pai e o picaram em pedaços. Elas atiraram-no na panela com as ervas e especiarias e esperaram que ele saltasse para fora jovem e forte. Em vez disso, elas fizeram um pote de guisado de Pélias.

Quando perceberam que tinham sido enganadas, elas lamentaram e gemeram. Disseram a todos que a Medeia lhes tinha dado a ideia. Já que ninguém em Iolcos gostava da Medeia, eles voltaram-se contra ela.

Jasão ficou horrorizado. Ele tentou se afastar de sua esposa. Ele jurou que não tinha nada a ver com o assassinato. Mas era tarde demais. Ninguém poderia suportar a ideia de Jasão ser rei depois do que sua esposa tinha feito. Ele e Medeia foram forçados a fugir da cidade para evitar serem linchados por uma multidão furiosa.

Jasão realizou seu sonho. Ele tinha unido a cidade, trouxe para casa o Velocino de Ouro. Ele os uniu contra *e*le.

Acasto, filho de Pélias, tornou-se o rei.

Jasão e Medeia receberam refúgio na cidade de Corinto, onde o rei Creonte era um grande fã das aventuras dos Argonautas. Na verdade, ele acreditava na inocência do Jasão no famoso escândalo do caldeirão.

Jasão e Medeia tiveram dois filhos, ambos garotos bonitinhos. Medeia reconstruiu seu laboratório secreto e criou feitiços e poções para os moradores. O povo de Corinto era mais gentil com ela, embora eles ainda a achavam assustadora. Isso não melhorou quando o avô da

Medeia, Hélio, deu-lhe uma carruagem nova em seu aniversário.

Por que Hélio pensou que era uma boa ideia, eu não sei, mas esta carruagem mágica veio completa com dois dragões. Medeia voava por toda a cidade toda vez que ela precisava fazer compras ou levar as crianças para o treino de futebol, e isso realmente deixou os Corinthians nervosos. Ninguém a chamava de Mãe dos Dragões. Simplesmente não aconteceu.

Quanto ao Jasão, ele se tornou o melhor general do rei Creonte. A família real achava que ele era ótimo, mas o rei poderia dizer que Jasão estava triste em seu coração.

— Meu menino — disse Creonte — é óbvio que sua esposa feiticeira está causando-lhe tristeza. Você não pode amá-la. Ela te custou seu reino por direito! Ela nem é grega! Você precisa deixá-la. Case com minha filha, Creusa. Eu vou lhe tornar o meu herdeiro e você vai ser um rei, como você deve ser!

As primeiras vezes que o rei ofereceu, Jasão recusou. Afinal ele fez uma promessa à Medeia. Mas ao longo dos meses a sua força de vontade desmoronou. Ele começou a achar razões para justificar o que queria. Engraçado como as pessoas podem fazer isso.

Ah, também será melhor para a Medeia, pensou ele. Posso dar-lhe uma pensão alimentícia e pensão para as crianças. Ela pode se casar com alguém mais compatível; um feiticeiro, um assassino ou algo assim.

Finalmente assinou um acordo com o rei Creonte. A data do casamento foi definida. Jasão se convenceu de que Medeia ficaria feliz e aliviada. Ele voltou para casa com um sorriso no rosto e contou a ela tudo sobre isso. Ele explicou o porquê, realmente, isso era bom para os dois.

— Entendo. — A voz da Medeia era fria como uma tempestade de gelo. — E você não vai mudar de ideia?

— Não, receio que não. Mas ei, você e os meninos serão bem cuidados. Espero que você venha para o casamento!

— Ah, com certeza — disse Medeia. — Eu até mesmo enviarei um presente para sua noiva.

— Uau, obrigado por ser tão legal sobre isso!

Isso mostra que Jasão nunca realmente conheceu sua esposa.

Medeia enviou a princesa Creusa um vestido de casamento envenenado. Foi a coisa mais bonita que Creusa já tinha visto. Ela experimentou-o imediatamente e começou a esfumaçar e gritar. Ela correu pelos corredores, com sua pele borbulhando e seus braços em chamas. O rei Creonte tentou ajudá-la e ficou preso ao vestido, então tanto o pai quanto a filha morreram juntos sofrendo.

Quando Jasão ouviu falar sobre isso, ele correu para casa gritando:

— MEDEIA! O QUE VOCÊ FEZ?

Ele foi seguido por uma multidão de Corinthians irritados com tochas e foices, e eles não estavam do seu lado.

Jasão abriu a porta de uma vez e seu coração quase explodiu. Seus dois filhos estavam deitados mortos no chão, Medeia de pé sobre eles com uma faca.

— Nosso... nossos meninos? — disse Jasão. — Por que? Eles não fizeram nada!

— Você causou isso — rosnou Medeia. — Você não seria nada sem mim! Deixei minha casa para você. Fiz *tudo* por você. Você prometeu a todos os deuses que você me amaria para sempre, e você quebrou sua promessa! Quero que sofra, Jasão. Quero tirar tudo o que lhe interessa. Adeus, ex-marido. Eu espero que você morra sozinho e sofrendo!

Antes de Jasão recuperar seus sentidos, Medeia pulou em sua carruagem movida a dragões e voou para longe.

Jasão nem sequer teve tempo para enterrar seus filhos antes que a multidão invadissem sua casa e o forçasse a fugir de Corinto.

Medeia voou para Atenas, onde ela tinha um novo conjunto de aventuras como a madrasta malvada de Teseu. Mais tarde, ela retornou a Cólquida, descobriu que seu pai Eetes tinha morrido, e assumiu o trono. Por que os

cólquianos a quiseram de volta, eu não sei. Talvez ela tivesse provado que ela era o tipo certo de rainha que eles precisavam.

Quanto a Jasão, ele vagou pela Grécia sozinho e infeliz. Finalmente, tão velho, fraco e cinzento que ninguém o reconheceu, ele retornou a Iolcos, onde o *Argo* estava apodrecendo nas docas.

O navio já tinha sido o orgulho da cidade, um lembrete de seu maior herói. Mas, por causa da história com Medeia, ninguém gostava de pensar sobre os Argonautas, Jasão ou até mesmo o Velocino de Ouro, que tinha sido colocado em armazém no porão do palácio.

O *Argo* tinha uma má reputação. Ele tinha sido deixado para vândalos e pichadores. Jasão rastejou a bordo e abraçou a proa mágico.

— Você é meu único amigo — disse ele ao navio. — Você me entende.

Mas a madeira mágica de Dodona tinha parado de falar anos atrás. Naquela noite, enquanto Jasão dormia, o proa apodreceu, caiu na cabeça de Jasão e o matou.

Então a equipe dos sonhos dos Argonautas foi esquecida. Sua busca tinha sido tudo para nada. Seu grande líder, Jasão, morreu sozinho e desprezado.

E se isso não é um grande final para este livro eu não sei o que é!

Faz você querer fugir e se tornar um herói grego, não é?

Pelo menos aprendemos algumas coisas importantes ao longo do caminho, como:

- Não abandone o seu filho na floresta.
- Não beije em templo de um deus.
- Não misture laranja e verde limão.
- EVITE HERA A TODO CUSTO!

Mas, como eu disse a vocês anos atrás: este ramo de semideus é perigoso. Não diga que não te avisei.

POSFÁCIO



CARA, QUE HORAS SÃO?

Estou atrasado para a nossa festa de reunião mensal do *Argo II*. Eu estou *tão* morto.

Escrever este livro demorou muito mais do que eu esperava, mas espero que tenha valido a pena para você.

Talvez isso salve sua vida ou, pelo menos, mostre suas opções para maneiras dolorosas e interessantes de morrer.

Também espero que meu suprimento vitalício de pizza e jujubas azuis comece em breve. Eu estou faminto.

Depois de ler tudo isso, se você ainda está determinado a ser um herói, você é um caso perdido. Por outro lado, eu sou um caso perdido e a maioria dos meus amigos também, então sejam bem-vindos ao clube.

Mantenha suas espadas afiadas, pessoal. Mantenha seus olhos abertos. E, se você insistir em visitar o Oráculo em Delfos, então... tenha um bom dia.

Saudações de Manhattan,

Percy Jackson

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Perseu

“Perseu manteve os olhos no reflexo do escudo.”

Perseu e sua mãe são jogados no mar dentro de uma caixa

“Ele [Zeus] enviou uma chuva suave que gotejou através dos furos da caixa e forneceu água fresca para Dânae e o bebê beberem.”

As irmãs cinzentas

“Os rostos das velhas estavam murchados e afundados como máscaras derretidas.”

Perseu derrota o monstro marinho usando a cabeça de Medusa, salvando Andromeda

“‘Ei, amigo’ perguntou Perseu ao monstro ‘você quer ver o que eu tenho na bolsa?’”

Psique

“Psiquê achava difícil falar, porque o coração dela estava alojado em sua traqueia. ‘Quem... quem é você?’”

Eros

“‘Eu não posso nem te mostrar como pareço.’ Ele parecia triste.”

Psique recebe ajuda na separação de grãos

“Milhões de formigas saíram dos cantos das paredes e começaram a trabalhar, separando os grãos em vários sacos.”

Psique recebe ajuda em recuperar água de uma fonte sagrada

“Enquanto ela olhava para as cachoeiras, um enorme pássaro saiu das nuvens. Psiquê percebeu que era uma águia dourada, o animal sagrado de Zeus.”

Faetonte

“As rodas da carruagem eram duas vezes maiores que Faetonte.”

Faetonte tenta dirigir a carruagem do sol de Hélios

“Faetonte agarrou o chicote. Ele o sacudiu, chicoteando labaredas de fogo nos traseiros dos cavalos. ‘Mergulhem!’”

Otrera

“À noite, ela esgueirava-se para a floresta com a espada e o arco do marido.”

Otrera dedica um templo ao deus da guerra, Ares

“Otrera construiu um templo na ilha, como Ares pediu. Para protegê-lo, Ares enviou um bando de pássaros assassinos que disparavam suas penas como flechas.”

Dédalo

“O cara era um completo gênio. Mas ser um gênio é difícil.”

Poseidon manda para Minos um touro branco

“Uma onda de doze metros subiu do nada, e montado na crista estava um enorme touro branco.”

Dédalo assiste horrorizado seu filho, Ícaro, cair do céu

“Dédalo gritou até sua garganta ficar dolorida, mas não havia nada que ele pudesse fazer. Seu filho despencou de noventa metros e bateu na água...”

Teseu

“‘Esse é um *belo* taco’ disse Teseu. ‘É madeira coberta com bronze?’”

Teseu curva um pinheiro

“A árvore não se mexeu. Teseu segurou firmemente no chão.”

Círon caí na boca de sua tartaruga gigante, Molly

“‘WAHHHHHHH!’ Círon agitou seus braços, mas, infelizmente, os semideuses filhos de Poseidon não têm o poder de voar.”

Teseu vence o Minotauro

“Quando o Minotauro investiu nele, Teseu atacou com as correntes, envolvendo a ponta do chifre do monstro.”

Atalanta

“Em seus primeiros anos, Atalanta cresceu pensando que ela era um urso.”

Atalanta atira no javali de Calidão

“Enquanto a criatura atacava, ela fixou-se no chão, puxou seu arco e esperou a oportunidade para atirar.”

Atalanta corre contra os pretendentes

“Ninguém chegou à metade da pista antes de ser massacrado.”

Belerofonte

“Ele olhou para os céus. ‘Desculpe. Isso foi um acidente.’”

Pégaso

“Ele dobrou as asas, aproximou-se da fonte e abaixou a cabeça para beber.”

Belerofonte, montado em Pégaso, tenta matar a Quimera

“‘Ei, Quimera!’ gritou Belerofonte. ‘Você quer um marshmallow?’”

Cirene

“Ela considerava um dia chato se ela não lutasse contra pelo menos um dragão antes da hora do almoço.”

Cirene luta contra um leão

“Ela socou o leão na cara, em seguida, abaixou-se quando ele a atacou.”

Orfeu

“O menino tocava lira como se fosse parte de seu próprio corpo.”

Caronte transporta Orfeu pelo rio Estige

“O barqueiro limpou os olhos. ‘Suba a bordo! Eu não posso resistir a sua música horrivelmente triste.’”

Hércules

“Com seus reflexos de criança super-rápidos, ele agarrou as duas cobras por seus pescoços e as estrangulou.”

Hércules luta contra uma hidra

“Hércules se esquivou e bloqueou, esperando uma abertura. Quando uma das cabeças de cobra o atacou, Hércules a cortou.”

Uma das vacas sagradas do rei Áugias sobre uma montanha de lama

“Com uma única descarga, ele limpou... dos currais, deixando apenas um campo reluzente de lama e mil vacas limpas e muito confusas.”

Hércules carrega o cão de guarda de Hades, Cérbero

“‘Ok, amigo’ disse Hércules. ‘Vou pegá-lo e carregá-lo, só para manter a descrição.’”

Jasão

“... Jasão estava correndo com o objeto mais brilhante do reino.”

O Argo zarpa da Montanha do Urso

“Um nevoeiro apareceu, reduzindo a visibilidade para cerca de dez centímetros a frente.”

Jasão usa os touros de bronze do rei Eetes para arar

“Ele sentiu como se estivesse dirigindo um trem a vapor enquanto estava dentro de um caldeirão, mas de alguma forma ele conseguiu plantar os dentes do dragão nas valas.”

A estatua de bronze de Talos tenta destruir o *Argo*

“O homem gigante de bronze ajoelhou-se e arrancou o pedregulho mais próximo da praia, uma rocha tão grande quanto o próprio navio.”

Percy Jackson

“Depois de ler tudo isso, se você ainda está determinado a ser um herói, você é um caso perdido.”

SUGESTÕES DE OUTRAS LEITURAS

LIVROS:

Eneida, de Virgílio. Ateliê Editorial/ Editora Unicamp, 2005.
Apollodorus' Library & Hyginus' Fabulae [A Biblioteca de Apolodoro e As Fábulas de Higino]. Hackett Publishing Co., 2007.

The Argonautica [As Argonáuticas], de Apolônio de Rodes. Oxford University Press, 2009.

Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology [Dicionário mitológico-biográfico greco-romano], de William Smith (org.). Tauris & Co. Ltd., 2007.

Dionysiaca [As Dionisiacas], de Nono. Harvard University Press, 1984.

O asno de ouro, de Apuleio. Editora 34, 2019.

Ilíada, de Homero. Ateliê Editorial/ Editora Unicamp, 2008.

The Library of History [Biblioteca Histórica], de Diodoro Sículo. Harvard University Press, 1939.

Metamorfoses, de Ovídio. Madras, 2003.

Odisseia, de Homero. Editora 34, 2011.

Star Myths Of Greeks And Romans [Estrelas dos mitos gregos e romanos] de Higino e Eratóstenes. Phanes Press, 1997.

Teogonia, de Hesíodo. Hedra, 2013.

Trabalhos e dias, de Hesíodo. Hedra, 2013.

SITES:

Encyclopedia Mythica: www.pantheon.org

Perseus Digital Library: www.perseus.tufts.edu/hopper

Theoi: www.theoi.com

SOBRE O ILUSTRADOR

JOHNN ROCCO estudou ilustração na Escola de Design de Rhode Island e na Escola de Artes Visuais de Nova York. Além de escrever e ilustrar as próprias histórias, também é responsável pelas artes das séries de Rick Riordan: *Percy Jackson e os Olimpianos*, *As Crônicas dos Kane* e *Os Heróis do Olimpo*. Antes de se tornar autor e ilustrador em tempo integral, trabalhou para a Disney Imagineering e foi diretor de arte do filme *Shrek*, da DreamWorks. Mora em Los Angeles com a esposa e a filha.

Seu site: roccoart.com

SOBRE O AUTOR



RICK RIORDAN nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do *The New York Times*, premiado pelo YALSA e pela Associação Americana de Bibliotecas, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Os Heróis do Olimpo* e *As Provações de Apolo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As Crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo e *Magnus Chase e os Deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

OUTRAS SÉRIES DO RIORDANVERSO

PERCY
JACKSON
E OS OLIMPIANOS



MAGNUS
CHASE
e os DEUSES de ASGARD

AS PROVAÇÕES DE
APOLO